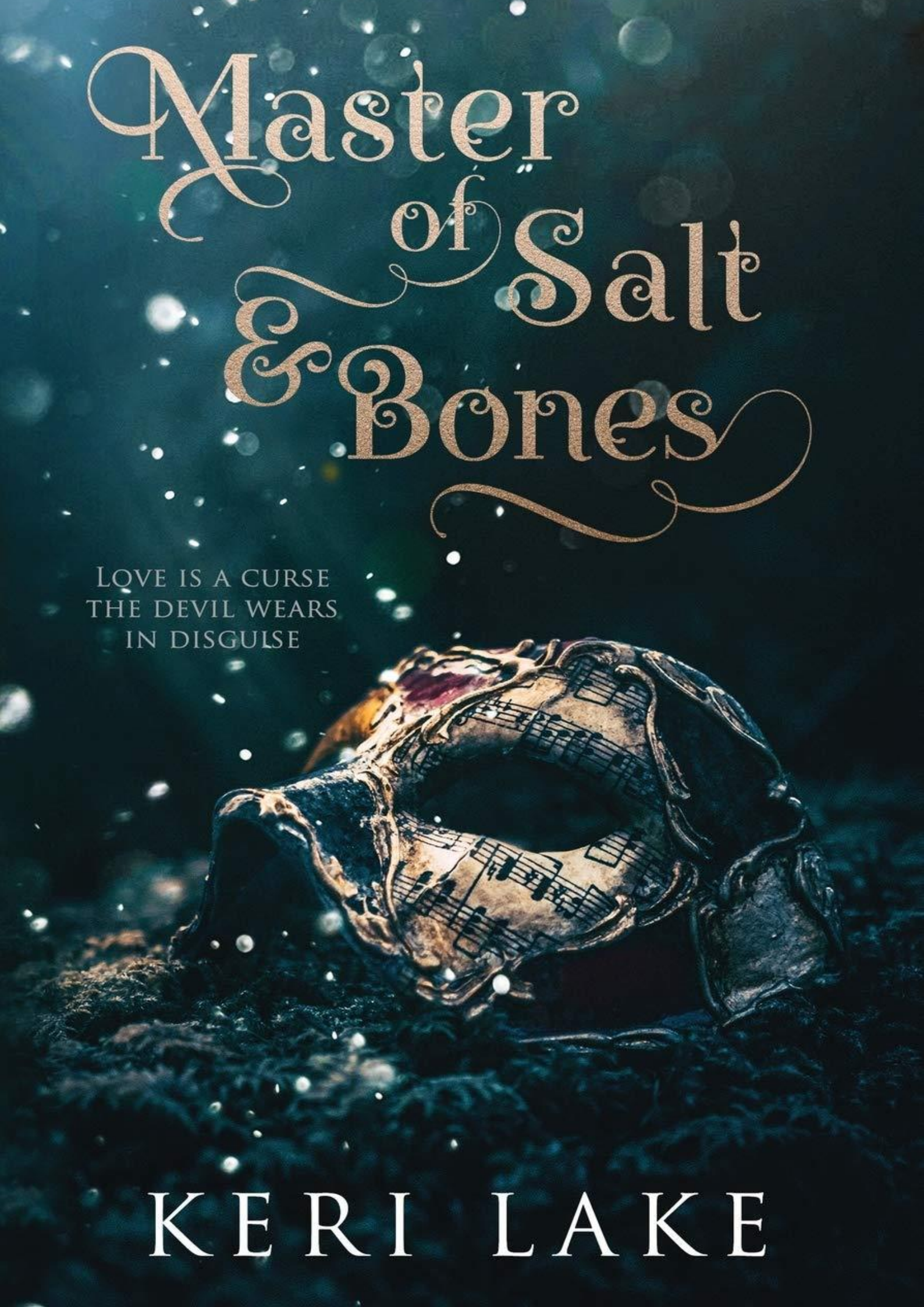
Master of Salt & Bones

LOVE IS A CURSE
THE DEVIL WEARS
IN DISGUISE



KERI LAKE



Disponibilização: Eva

Tradução e Revisão Inicial: Drika

Revisão Final: Nora S.

Leitura Final e Formatação: Eva

Fevereiro/2022



Quando eu era uma garotinha, sonhei que um belo cavaleiro viria e me resgataria de minha mãe miserável. Ele montaria em seu corcel branco e quebraria a maldição que estou destinada a carregar desde o dia em que nasci.

É engraçado como as coisas mudaram com o tempo. Como o conto de fadas se transformou em algo muito mais tortuoso, mais sombrio do que eu jamais imaginei.

Na realidade, meu cavaleiro está com cicatrizes e despedaçado, vivendo sozinho em um castelo de ossos com vista para o mar. Ele não está procurando por mim. Ele nunca procurou.

Lucian Blackthorne é tão amaldiçoado quanto eu, e igualmente evitado pelos habitantes locais, pescadores supersticiosos, que acreditam que ele seja o diabo em carne e osso.

Talvez ele seja, com a forma como seus olhos âmbar me atraem, acendendo-me como uma chama infernal. E os pecados que ele sussurra em meu ouvido são tão perversamente intoxicantes quanto o próprio homem.

No entanto, seu toque é o céu e sua vontade é minha fraqueza.

Ele nos chama de proibidos, uma tragédia irrecuperável, sem final feliz. Talvez sejamos.

MAS NESTA HISTÓRIA, ELE É QUEM PRECISA SER SALVO.

SWEET CLUB BOOKS

PLAYLIST

Este livro não teria sido possível sem os músicos talentosos que forneceram inspiração ao longo do caminho.

"Unspoken" — Myuu

"Come Back For Me" — Jaymes Young

"Love Is A Bitch" — Two Feet

"Soda" — Nothing But Thieves

"I Walk The Line" — Halsey

"Why Don't You Save Me?" — Kan Wakan

"Oceans" — Seafret

"Fear Of The Water" — SYML

"Botton of the Deep Blue Sea" — MISSIO

"Curse" — Koda

"Million Dollar Man" — Lana Del Rey

"Chopin: Nocturne in C-Sharp Minor" — Frédéric Chopin, Alexandre Tharaud

"Madness" — Ruelle

"Drown" — Seafret

"Liebestraume No. 3: Nocturne em Lá Bemol Maior" — Franz Liszt

"Twisted" — Two Feet

CARO LEITOR,

Em um esforço para preservar o cenário e os personagens na minha cabeça, esta estória se passa em uma cidade fictícia, em uma ilha fictícia na costa de Massachusetts. É muito vagamente baseado em Martha's Vineyard, com Bonesalt Bluff inspirado nos penhascos Aquinnah. Uma pequena comunidade de pescadores pitoresca com um castelo moderno.

Obrigada por ler e espero que goste da estória de Lucian e Isa ♡

~ Keri

PRÓLOGO

LUCIAN

Quinze anos atrás …

“Mãe, eu quero ir para casa.”

Tiras no meu rosto limitam o movimento da mandíbula, onde estou deitada presa a uma cama rígida no meio de uma cela escura e quase vazia. Um calafrio incessante penetra profundamente em meus ossos, sobre o latejar de ansiedade que é apenas moderadamente subjugado pelas drogas que injetaram em minha garganta. As amarras em meus pulsos e tornozelos garantem que não vá pular desta cama e segui-la quando ela sair.

"Este lugar é um inferno."

Um hospital ao que parece, mas longe de qualquer lugar destinado a curar. Seu método é o tormento. Terapia de aversão. Medicamento experimental que não foi aprovado por nenhum órgão regulador. Duvido que algum médico *praticante* já tenha posto os pés lá dentro.

Considerando onde está situado, nas profundezas da floresta ao norte de Vermont, é uma maravilha que meus pais tenham tropeçado nele.

“Você está doente, Lucian. Os médicos aqui... eles vão te ajudar.” Lágrimas se acumulam nos olhos da mamãe, vermelhos e inchados de dias de choro, sem dúvida. "Eles vão te deixar melhor."

"Não há nada de errado comigo." Eu consigo cerrar as palavras através do aperto dos meus dentes que é reforçado por couro inflexível esticado em meu queixo. A pressão contra minha mandíbula envia uma dor latejante em meu crânio que pulsa atrás de meus olhos, e a forma dela fica embaçada por trás de um escudo aquoso, enquanto pequenos fragmentos de memória, coisas que eles fizeram comigo aqui, passam pela minha cabeça.

Injeções. Drogas. Grampos. Algemas. Choque elétrico. Sibilos. Os gritos.

"Leve-me para casa!"

"Ela tem sorte de já estar morta, ou eu insistiria para que ela levasse a pior." Com os dedos enrolados em torno da alça de sua bolsa de grife, ela olha fixo, os lábios cerrados com seu nojo, mas então seus olhos se contraem e sua expressão muda para o que eu imagino ser satisfação. “Meu Deus, você não tem ideia do que fazem com predadores de crianças *femininas* aqui?”

CAPÍTULO 1

ISADORA

Dias de hoje …

“Você parece nervosa.”

A fumaça do cigarro se mistura com o ar marinho quente e salgado que entra pela janela aberta, enquanto minha tia bate o polegar como um metrônomo contra o volante. "Sim, você também estaria, se prestasse atenção aos *rumores,* como você os chama." Com as bochechas afundando com uma tragada de sua fumaça, ela não se preocupa em desviar o olhar da estrada à frente, na minha direção.

O vento chicoteia muito meu cabelo comprido, que não me esforço para afastar, enquanto o velho calhambeque que ela carinhosamente apelidou de Hal, em uma homenagem ao seu ex, chacoalha ao longo da estrada à beira-mar. O céu da manhã, com suas pesadas nuvens cinzentas, é a ameaça agourenta de uma tempestade mais tarde, e a pressão barométrica parece estar adicionando uma boa dose de ansiedade ao seu humor já rabugento.

"Que felicidade deve ser ignorar tudo ao seu redor, como se fosse tudo uma grande mentira."

Eu ouvi alguns rumores sobre a Mansão Blackthorne. Um castelo moderno que fica à beira de um penhasco à beira-mar, também conhecido pelos locais como Bonesalt, pela argila branca e areia que cobrem suas paredes íngremes. O lugar agora é

propriedade do único herdeiro, Lucian Blackthorne, carinhosamente chamado de *Diabo de Bonesalt*. E eu terei a tarefa de servir como companhia para sua mãe doente nos próximos meses. "Oh, certo. O que é mesmo? Ele corre pelado pela floresta para comer animais vivos? Ou é aquele que se banha em sangue humano?" Zombando, balanço a cabeça e aponto para o nada no ar. "Não, espere, você está falando sobre aquele que entra furtivamente na cidade para tirar crianças de suas camas à noite."

"Vá em frente. Tire sarro. Não vai demorar muito para você descobrir por si mesma."

"Que as pessoas nesta cidade têm muito tempo livre? Já sabia disso."

"Que o homem é mais louco do que um chapeleiro. Porque mais o chamariam de *O Filho Louco*."

Oh, também dizem que Lucian Blackthorne passou algum tempo em um hospital psiquiátrico, ganhando o segundo apelido, mas, assim como todos os outros boatos ridículos que cercam o cara, também não tenho certeza se acredito nisso. "Você só está brava por não saber realmente nada sobre ele. Fatos, de qualquer maneira."

"É enervante que um homem se guarde dessa maneira. Simplesmente não está certo." Com a língua descansando em seu lábio, ela balança a cabeça. "Só fica longe das pessoas quem tem algo a esconder."

"Talvez ele apenas goste de sua privacidade."

"A maioria dos *assassinos* gostam."

Bufando, balanço minha cabeça e olho para longe, sabendo que isso vai irritá-la. Pelo que *li*, sua esposa se suicidou e seu filho desapareceu. De alguma forma, os moradores locais compararam isso a um duplo homicídio. "Se você honestamente achasse que

ele a matou, não estaria me levando para a casa dele." Eu olho para ela. "Então, por que *você está* me levando para a casa dele?"

“Porque eu te conheço bem o suficiente para saber que você encontraria um jeito, com ou sem mim. Isso, e achei que a viagem me daria tempo suficiente para mudar sua cabeça.” Depois de uma rápida olhada, ela bufa. “Deveria saber que você é teimosa. Você não tem que fazer isso, sabe. Existem muitos empregos...”

"Bartender?" É uma crítica à minha tia, mas vou recorrer a uma lista inteira de trabalhos desagradáveis antes de pensar em fazer o que ela tem feito dia após dia nos últimos vinte anos. Eu me recuso a ser mais uma Quinn absorvendo as sobras desta cidade.

“Ei, o Shoal tem sido bom para mim. Pessoas boas. Bom trabalho."

Pagamento de merda. “Olha, eu não estou fazendo isso para sacudir sua gaiola. Precisamos do dinheiro. Você precisa."

"Eu não preciso tanto assim, Isa."

Tanto assim.

Tempest Cove é uma cidade governada por superstições. Entalhada nas falésias ao norte de uma pequena ilha na costa de Massachusetts, é um lugar onde a maioria das ruivas são solteiras e ninguém, por mais ambicioso que seja, sai do porto em uma quinta ou sexta-feira, porque *as velas de domingo nunca falham.* Dizem que as mulheres dão azar a bordo de um navio, e não há assobio, por medo de vendaval. Além disso, os caras que andam por aí com cabelos desgrenhados e unhas desleixadas não são vagabundos, mas pescadores obstinados que acreditam que uma boa higiene estraga uma pesca. Inferno, metade dos frequentadores regulares que fecham o The Shoal

todas as noites parece que veio tropeçando das ruas por causa de suas superstições malucas.

Aqui? É apenas o modo de vida.

Eles também acreditam que, *se você cruzar o caminho de um Blackthorne, estará condenado a um destino infeliz e indeterminado.*

O que provavelmente explica por que consegui o trabalho de cuidar da Sra. Blackthorne baseado em nada mais do que uma entrevista por telefone. Ninguém mais em Tempest Cove é louco o suficiente para tentar a sorte trabalhando para eles.

Acontece que estou desesperada o suficiente.

Pelo que entendi, a família é dona da empresa de navegação mais bem-sucedida de todo os Estados Unidos, então não sou a única louca que precisa de um salário. Para ser justa, porém, dizem que a empresa opera em Gloucester, onde seus funcionários provavelmente não sabem muito sobre a história da família, como o pessoal daqui.

Ou o que as pessoas aqui pensam que sabem sobre eles, de qualquer maneira.

A única coisa que *realmente* sei sobre os Blackthornes é que eles são a família mais rica de Tempest Cove, verdadeira realeza, e eles possuem o único castelo que conheço, que pode ser visto de qualquer ponto do centro.

Ah, e eles são amaldiçoados também. Supostamente por uma sereia, embora alguns relatos façam referência a uma bruxa do mar. Depende de quem está contando a estória.

Pergunte a qualquer um em Tempest Cove, e eles nem piscarão com a menção de uma bruxa do mar, ou sereia. Eles acreditam nessas coisas quase tanto quanto no Deus que eles insistem que os livrará dos males do mundo.

Incluindo os Blackthornes.

“Que tal uma educação?” Olhos na estrada, ela não se preocupa em olhar para mim enquanto dá outra tragada no cigarro. Boa coisa, porque nós já passamos por isso, e eu odiaria que ela visse o olhar exasperado em meu rosto. "Você tem um dom. Um que não deve ser desperdiçado.”

Desde a infância, tenho uma habilidade incrível de tocar música de ouvido. Nota por nota, embora eu não consiga realmente ler uma música. Meu professor de música do ensino médio se referiu a mim como potencial perdido antes de me formar, há seis meses. *Um prodigioso desperdício de talento,* creio que foram suas palavras exatas. Não que ele alguma vez tenha acreditado que eu seria algo se perseguisse minha música. Afinal, as crianças desta cidade são amaldiçoadas a seguir os passos de seus pais.

Filhos se tornam pescadores. Filhas se tornam suas esposas solitárias. Tem sido assim há gerações.

Acontece que minha mãe foi, e ainda é, a prostituta reinante nesta ilha, que evitou que os maridos ficassem solitários também. Um desvio um tanto colorido das normas da cidade, suponho. Embora meu pai verdadeiro tenha morrido quando nasci, minha mãe insiste que pode ter sido qualquer um dos homens que a engravidaram. Ela sempre fez questão de me dizer como sou sortuda por ter uma cidade inteira como pai. Meu próprio reino pessoal, ela o chamou uma vez.

Como se isso tornasse mais fácil se encaixar aqui.

O que eu não daria para ignorar os olhares e sussurros de desaprovação desta cidade. A maneira como as mulheres protegem seus maridos e filhos, como se eu andasse por aí com cobras se contorcendo em volta da minha cabeça, pronta para transformá-los em pedra.

Infelizmente, cresci como filha de uma pecadora e, no que diz respeito a eles, isso é tudo que serei.

“Preciso de dinheiro para estudar”, respondo, desenhando um símbolo de um dólar no filme manchado de nicotina na janela ao meu lado. "Esse é o problema. Sou amaldiçoada com um potencial desperdiçado. Assim como você está amaldiçoada a se intrometer onde não deveria.”

"E se eu não me intrometesse, você estaria vivendo sob um viaduto agora."

Ela não está mentindo, embora eu não visite minha mãe há semanas para saber se ela ainda está acampada na beira da estrada. A última vez que verifiquei, ela tinha tido outra bebedeira com um de seus muitos namorados drogados.

"Sua mãe nem sempre foi má, só para constar."

Às vezes esqueço que, se alguém é capaz de entender o que é ser filha da ovelha negra da cidade, é a irmã da ovelha. Talvez seja por isso que a tia Midge esteja tão endurecida e cansada da vida.

Pode ser que minha mãe a tenha deixado assim também. Ou talvez tenha sido ter que me criar todos esses anos.

De qualquer forma, nós duas somos amaldiçoadas, assim como os Blackthornes, então não faz sentido que ela apoie os rumores.

Uma névoa densa paira sobre a estrada onde a beira do oceano dá lugar às árvores. Um objeto à frente, à direita, chama minha atenção, estreito meus olhos para focar através da névoa branca, só percebendo a forma de uma cruz quando passamos por ela. Outra está alguns metros à frente dessa.

Eu me viro no assento e pego uma terceira no lado oposto da estrada, pela janela traseira. "O que há com as cruzes?"

“Os tipos religiosos gostam de vir aqui às vezes e nos lembrar de como são inúteis.” Apesar do crucifixo pendurado no pescoço, minha tia sempre teve certo desprezo pela religião. Todos aqueles anos de catecismo parecem tê-la esgotado disso.

Isso, ou as pessoas que tentaram enfiar isso pela sua garganta depois de descobrir que meu tio a traía.

"Os Blackthornes sempre foram odiados tanto assim?" pergunto.

Jogando o cigarro pela janela, ela sopra o resto da fumaça. "Achei que você não gostasse dos rumores?"

Eu não gosto. Odeio essa cidade e suas fofocas, mas algo sobre essa família em particular me intriga. "Estou apenas curiosa para saber se é uma questão de geração, ou se Lucian é o único *assassino* acusado." Revirando os olhos, me viro a tempo de pegar mais uma cruz na beira da estrada.

“Revire os olhos, mas você não conhecia Amelia. Ela era a princesa de Tempest Cove. Todo mundo a amava. E quando ela começou a andar com aquele homem? Bem, simplesmente sabíamos que viriam problemas. Sempre vem com um Blackthorne.”

“Amelia. É a esposa dele?”

“*Era.* Ela não está mais por perto, lembra?” Olhando pelo para-brisa, ela suspira e balança a cabeça. "Que vergonha. Mas, para responder à sua pergunta, suponho que sempre houve algo estranho nessa família. Se os mais velhos assassinaram suas esposas é desconhecido — para mim, pelo menos. Mas quem sabe, com tanto que eles guardam para si.”

O fato de quase nunca se aventurarem na cidade deu origem a rumores mitológicos sobre Lucian ser uma criatura faminta que caça nos bosques aos arredores.

“Bem, há uma diferença entre suicídio e homicídio, e da última vez que verifiquei, ele nunca foi acusado de homicídio.”

Uma gargalhada joga sua cabeça para trás, antes que ela me lance um olhar duvidoso. "Você acha que um homem com tanto dinheiro quanto ele, tanto poder, seria condenado?"

Acho que esta cidade gosta de inventar histórias quando os fatos não se alinham exatamente da maneira que gostariam. Veja minha mãe, por exemplo. Eles a apelidaram de Sereia de Tempest Cove, simplesmente porque as mulheres não conseguiam lidar com o fato de que seus maridos eram tão culpados de adultério quanto ela.

“Eu acho, não importa, ciência é ciência. E as evidências não favorecem os ricos.”

Com o rosto lavado em diversão sem alegria, ela balança a cabeça. "Bela. Inteligente. Mas tão ingênua quanto um filhote de foca em uma piscina de tubarões.” Quando ela olha para mim, juro que seus olhos estão rodeados por círculos mais escuros do que antes. “As evidências nem sempre contam toda a história. Às vezes, temos que confiar no instinto, Isa. Lembre-se disso?"

Há sutileza nas palavras de minha tia. Onde ela pode ser totalmente grosseira e rude, colocando sua personalidade na mesa como prata manchada que não é polida há décadas, há momentos em que a considero mais astuta do que eu. O comentário dela pretende me fazer pensar, me lembrar que, apenas alguns meses atrás, cometi o trágico erro de ignorar meus instintos.

Um pensamento que deixei de lado. Eu não preciso dessas memórias me puxando para baixo e nublando um novo começo.

“Você também está curiosa. É por isso que está me levando.” Eu digo, procurando distração através das silhuetas escuras das árvores que passam. Mesmo com o sol batendo no horizonte, a copa da floresta ainda dá a impressão de noite aqui.

"Estou curiosa para saber o que mudaria sua opinião, sim."

Gemendo interiormente, balanço minha cabeça. “Seria necessário um ato de Deus para me fazer recusar este dinheiro.”

Um objeto preto voa em minha periferia, e a tia Midge bate no freio, me jogando contra o painel. O vinil duro bate nas minhas palmas e agulhas de eletricidade sobem pelos meus braços estendidos, enquanto o carro faz um barulho estridente e para.

"Filho da puta!" Tia Midge está sentada com os braços estendidos, ambas as mãos segurando o volante.

Eu levanto a cabeça para encontrar um redemoinho misterioso de névoa dançando no feixe de luz, antes de se dividir em torno de um pássaro preto no meio da estrada que pula ao lado dos restos sangrentos de um animal morto. "Jesus. Que diabos é isso?" Soltando meu cinto de segurança, deslizo para frente para ver melhor.

"Corvo? Não faço ideia."

"Não o pássaro." O animal ao lado do pássaro está quase irreconhecível, esparramado em uma poça de entranhas que a criatura desprezível bica como se não estivesse sob as restrições dos faróis.

“Quem se importa? A maldita coisa quase nos tirou da estrada!” Ela bate na buzina, mas não consegue mover o pássaro.

Na verdade, ele nem sequer nos dá uma olhada, ainda se banqueteando com a carniça espalhada em nosso caminho. Um objeto bulboso está preso em seu bico — um globo ocular, que ele engole, e eu faço uma careta, imaginando-me deitada na estrada enquanto ele se alimenta de mim.

“Mas que diabos?” Enquanto tia Midge passa vagarosamente pelo pássaro, eu fico olhando para ele da janela do passageiro, e quando ele estica o pescoço em minha direção, eu franzo a testa,

percebendo que falta um de seus próprios olhos. “Nunca vi tal coisa em toda a minha vida”, diz minha tia ao meu lado. "Nem mesmo ficou incomodado por nós."

Torcendo em meu assento, respiro fundo para acalmar meus nervos e espio pela janela traseira, onde o pássaro ainda não se moveu. "Devia estar morrendo de fome ou algo assim."

Com uma risada seca, ela balança a cabeça. “Ato de Deus, você disse. Que tal o próprio diabo? Este penhasco é amaldiçoado, eu te disse. Amaldiçoado. Cada criatura aqui carrega o fardo disso. Espero que não seja você quando tudo estiver dito e feito. Você tem dezenove anos agora, então não posso dizer muito bem o que você pode e não pode fazer mais. Mas estou insistindo fortemente que você considere outra coisa.”

Não há nada mais, a menos que eu queira trabalhar ao lado da minha melhor amiga, Kelsey, no Barnaby's Baubles no calçadão, vendendo bugigangas caras para os poucos turistas que recebemos. Ou melhor ainda, servindo tigelas de sopa e cervejas no The Shoal com a tia Midge.

"Vou aceitar esse trabalho." O dinheiro é suficiente para saldar algumas das dívidas dela, pagar a hipoteca *e* economizar para comprar um carro para dar o fora deste lugar, eventualmente. "Eu vou ficar bem. Olha, eu entendi, ok? Você está apenas cuidando de mim.” Como ela tem feito desde a noite em que minha mãe me deixou em sua porta e fugiu da maternidade. “Mas é isso. Todas aquelas vezes que falamos sobre eu sair daqui? Não vai acontecer com a minha música. Ou trabalhando em alguma armadilha para turistas na cidade.”

"Poderia, se você desse uma chan..."

“Não vai. É preciso dinheiro para ganhar dinheiro, lembra? Você me disse isso."

“Você não tem que ouvir tudo que eu digo, garota. Sabe disso, certo?” O olhar que ela lança de volta para mim contém um sorriso que realmente toca seus olhos desta vez. "Às vezes, sou uma merda."

"Mais do que às vezes, eu diria."

Com um tapa no meu ombro, ela bufa. "Espertinha."

Mais alguns quilômetros adiante, a névoa se desfaz e a floresta se abre para uma clareira. Um portão de ferro forjado preto, com Blackthorne Manor gravado no metal em cada lado de um crânio pouco acolhedor com pedras brancas como bases, nos cumprimenta na entrada. Parada ao lado da garagem está uma caixa prateada com um botão preto, e tia Midge estica a mão pela janela para pressioná-la. Segundos depois, o portão se abre para um caminho estreito e comprido flanqueado por mais árvores, o caminho se alarga para um extenso gramado abandonado à frente.

Os ocasionais arbustos e moitas que pontilham a paisagem desleixada devem ter sido aparados em formas, devido às suas estranhas contorções que agora simplesmente os fazem parecer velhos e cansados. No centro de um caminho circular ergue-se uma fonte de cimento seca e a figura de uma mulher cujo único braço se estende em direção ao céu, o outro braço está quebrado no cotovelo.

“O lugar parece completamente abandonado”, tia Midge diz, diminuindo a velocidade do carro até parar.

Com o olhar mudando para a entrada da frente, fico olhando para a escada de pedra, que é guardada por gárgulas ameaçadoras em ambos os lados, em direção a uma torre enorme situada ao lado das portas de madeira mais elaboradas que eu já vi na vida. Esculpidas em madeira de cerejeira espessa, elas combinam com as caixas de topiaria que abrigam pequenos arbustos murchos.

Eu nunca coloquei os olhos em um castelo pessoalmente. Somente em livros e na internet. Blackthorne parece muito elaborado para esta cidade, como se eu tivesse caído em alguma bolha do tempo medieval.

As portas se abrem e um homem em um terno impecável, com cabelos grisalhos e óculos, preenche o espaço. Dadas as estórias que ouvi, não parece provável que ele seja o dono da casa, principalmente porque ele não tem as cicatrizes que dizem que estragam o rosto de Lucian Blackthorne. As mesmas cicatrizes que lhe valeram o apelido de diabo.

O Diabo do Bonesalt. Meu novo chefe.

Quanta conversa isso vai render quando a tia Midge começar seu turno esta noite no The Shoal.

Saímos do veículo e sigo tia Midge degraus acima, meus olhos absorvendo a beleza abandonada deste lugar. Não sei por que isso fala com alguma parte de mim, mas onde tia Midge parece um gato que acabou de se assustar com isso, com os ombros arqueados e a mandíbula cerrada, acho o lugar estranhamente intrigante. Pacífico, realmente. Quase como um cemitério.

Movimento atrai meus olhos para uma janela três andares acima da torre, onde posso apenas ver a figura sombria de alguém parado ali. A escuridão circundante esconde grande parte do rosto, mas as partes discerníveis são grandes e imponentes. Definitivamente masculino. Se eu tivesse que adivinhar, estou olhando para Lucian Blackthorne.

Ou um de seus supostos guarda-costas.

É incrível quantas histórias cercam um único homem.

“Isadora Quinn?” O cavalheiro mais velho parado na porta levanta o queixo de uma forma régia que faria metade dos homens da cidade rir se estivessem aqui.

"É ela." Tia Midge aponta o polegar em minha direção. “Eu sou a tia dela. Apenas me certificando de que tudo está certo antes de deixá-la."

Seu rosto se enruga em uma carranca enquanto seus olhos me avaliam, levando-me a olhar para a roupa que escolhi usar no meu primeiro dia. Calça jeans rasgada enfiada em botas de pesca de borracha, e a única camiseta que tenho que não tem uma mancha de café ou ketchup. Imaginando a maneira como pareço através dos olhos dele, com meus longos cabelos negros, a tatuagem visível no meu antebraço direito que diz *Invulnerável* em letras cursivas em negrito e o delineador escuro que a tia Midge compara ao de Alice Cooper só para me provocar, me faz pensar que roupas casuais têm um significado muito diferente aqui. O cara provavelmente pensa que sou outra punk local. Estranhamente, me vestir assim me mantém *longe* de problemas. Afasta os outros. No colégio, eu era chamada de Garota Gótica e considerada a mais provável de atirar no lugar.

Não poderia estar mais longe da verdade. Enquanto meus colegas de classe festejavam nos fins de semana e causavam estragos, eu ficava em casa lendo livros e ouvindo Chopin.

Sou educada até certo ponto, quando os outros são educados comigo, e desafiadora quando preciso ser.

"Você disse que era roupa casual, certo?"

“Suponho que todos nós temos uma interpretação subjetiva da palavra. Muito bem. Venha, Isadora.”

"Isa, ou Izzy, está bem."

Ele dá um passo para o lado, conduzindo-nos através das portas que têm pelo menos o dobro da minha altura. Uma grande aldrava de latão no formato de um leão me faz pensar se ela já foi realmente usada, e olho para os entalhes intrincados que decoram

um batente de porta, de outra forma benigno, enquanto passo pela soleira.

“Eu sou o Sr. Rand, assistente do Mestre Blackthorne”, o homem diz por trás. “Falamos ao telefone.”

Paramos em um elegante saguão, com um lindo piso de mármore cinza escuro, no centro do qual está um brasão que suponho ser Blackthorne. Um lustre de cristal obscenamente grande e espalhafatoso paira sobre uma escada sinuosa que converge para um nível superior, os corrimões de madeira escura e as paredes escuras combinando, são como algo saído de um filme de terror gótico. Ricas tapeçarias penduradas em hastes douradas, junto com pinturas que eu aposto que custam mais dinheiro do que minha tia ganha em um ano. Talvez até dois anos. A extravagância deste lugar é avassaladora e, ainda assim, os tons escuros e negligenciados que perduram por baixo de tudo isso puxam um fio invisível dentro do meu peito.

Como se uma corrente de tristeza pairasse no ar.

"Você disse que toca piano, correto?" Rand pergunta, enquanto continuo a examinar o lugar.

"Sim. Eu sei tocar. Não sou como Mozart, nem nada, mas posso tocar algumas músicas.”

"A Sra. Blackthorne gosta de clássicos. Você é versada nisso?”

"Chopin, Liszt, Bach... claro."

"Excelente. O escritório fica à esquerda. Por favor sigam-me."

Rand assume a liderança em direção a uma porta em arco que eu tenho que acreditar que foi feita sob medida e se abre para um espaço aberto cheio de elegantes móveis de cerejeira e couro. O rico aroma de charutos caros e riqueza ataca meus sentidos quando entro. Os livros se alinham nas prateleiras ao

lado de um aparador, e observo alguns que parecem ser referências de negócios.

Na superfície brilhante da mesa praticamente limpa está uma pilha de papéis brancos que reflete a luz fraca que está sobre eles.

"Por favor, sentem-se." O homem mais velho gesticula em direção a duas pequenas cadeiras de couro colocadas diante da mesa, antes de contornar o outro lado para uma cadeira muito maior.

A superfície firme segura minha queda quando me jogo no assento. Como um trabalho extra, limpei casas suficientes fora de Tempest Cove para saber que móveis caros não são confortáveis, nem práticos, e esta cadeira não é exceção.

Porém, com tantas transações comerciais quanto imagino que ocorram nesta sala, talvez seja esse o ponto.

“Elaborei o contrato que discutimos por telefone.” Rand empurra metade da pilha de papéis em minha direção.

Eu deslizo os documentos na minha frente. Estão escritos na linguagem opressora do empresário sério que imagino que Blackthorne seja, embora eu franza o cenho diante do acordo de confidencialidade estabelecido na primeira página. "O que é isso?"

“A última companheira que contratamos se encarregou de tirar *selfies,* que *postou* nas redes sociais. O Mestre Blackthorne é muito exigente quanto à sua privacidade. Durante o seu tempo aqui, você poderá vagar livremente pelo castelo, o que invariavelmente coloca o mestre em uma posição comprometida.”

"Se você acha que ela vai tirar fotos da roupa íntima do cara, posso garantir que não vai acontecer." Tia Midge dá uma risadinha desagradável. “As cuecas limpas dele estão seguras com Isa." Assim que as palavras saem de sua boca, o sorriso malicioso

no rosto de tia Midge se transforma em uma carranca. “Profissionalmente falando, é claro.”

Com o rosto contorcido no que deve ser uma careta reservada para os locais mais rudes, Rand gira os ombros. “Sim, bem, da mesma forma, gostaríamos de cobrir todas as bases.” Seus olhos escuros caem sobre mim como uma nuvem de tempestade, e acho que o cara está presumindo que sou como a maioria dos outros adolescentes da minha geração que têm mídia social. Na verdade, provavelmente não existo no mundo moderno de hoje, considerando que nem tenho telefone com internet. O meu é um modelo simples, destinado apenas a atender a uma ligação desesperada ocasional, ou mensagem, da tia Midge quando eu fico muito tempo na biblioteca.

Sem hesitar, assino o documento.

“Espero que não estabeleça no contrato que ela deve chamá-lo de Mestre, porque nós, Quinns, não respondemos a ninguém dessa forma.” Se eu não soubesse que esse trabalho já estava fechado, a tia Midge certamente seria motivo para esse cara reconsiderar. “Sempre fui capitã dos nossos próprios navios.”

“*Senhor* Blackthorne está bem. Embora eu não suspeite que você terá muito contato com ele durante sua estada aqui. Como eu disse, ele é um homem que valoriza sua privacidade acima de tudo. E ele está muito ocupado.”

Com o tipo de lendas urbanas que cercam este lugar, eu me pergunto o que faz um homem como Rand permanecer fiel ao seu detestável empregador. Dinheiro?

Demora alguns minutos para preencher toda a papelada e assinar os documentos e, quando termino, solto um suspiro exasperado. “Espero não ter acabado de assinar a minha alma.”

"Claro que você assinou." A voz de Rand não carrega nenhum traço de humor.

Congelada em meu assento, ouso olhar para tia Midge.

O som seguido que preenche a sala pode ser confundido com uma risada, mas uma que não teve muita prática nos últimos dois anos. Rand se senta com a mão cobrindo a boca, seus olhos cheios de alegria.

Por um momento, eu sinto que estou presa em um episódio de *The Twilight Zone,* a sala empalidecendo em branco e preto em alguma versão alternativa da realidade.

Felizmente, a risada não dura muito, morrendo em um suspiro.

Tirando um lenço que colocou nos olhos, Rand pigarreou. "Bem, então. Permita-me mostrar-lhe Blackthorne."

"Eu não deveria conhecer a Sra. Blackthorne primeiro?" *Certificar-se de que a mulher gosta de mim?*

“Faremos isso por último. A Sra. Blackthorne tende a ser muito... *desagradável* logo de manhã.”

CAPÍTULO 2

LUCIAN

Dezesseis anos atrás...

Arrancando a pedra que enfiei na bolsa, alinho meu estilingue com uma noz pendurada em um galho flácido, quase todo escondido na escuridão do início da manhã e na densa folhagem. Estalando o elástico, deixo os estilhaços voarem pelo ar, até atingir o alvo, e algo preto, muito maior do que uma noz, cai no chão com um baque.

"Oh, merda, você acertou um pássaro!" Meu melhor amigo, Jude, põe-se de pé sobre o arbusto crepitante e eu o sigo enquanto ele desliza para o chão ao lado do que parece ser um grande corvo. “Acertou no olho dele! Olha!" Ele acrescenta em seu sotaque britânico nativo.

Onde deveria haver um globo ocular, estão os restos carnais dentro de uma órbita com sangue. O órgão mutilado fica a alguns metros de distância do animal.

“Foi um acidente.”

“Puta que pariu, isso é nojento! Certeza que você o matou." Os lábios de Jude se esticam em um sorriso quando ele olha para mim. O deleite em seus olhos me lembra uma criança, em vez do garoto de dezesseis anos com quem cresci a maior parte da minha vida. “Não poderia fazer isso de novo se você tentasse. Acertou o bastardo."

Ajoelho-me ao lado da criatura caída, estudando a falta de movimento em seu peito. Alguns acreditam que matar um pássaro é um mau presságio. Diz-se que as gaivotas carregam as almas dos pescadores. Matar um albatroz significa se perder no mar. Não tenho ideia do que significa matar um corvo. “Dá azar.”

“Nada. Isso são corvos. Os corvos são apenas comedores de merda malvados.” Agarrando um graveto ao lado dele, Jude levanta o minúsculo globo ocular escuro do pássaro e o arremessa em mim.

Eu salto para trás, mas não antes de cair na virilha da minha calça. "Idiota!" O globo ocular cai no chão, e eu agarro uma pedra próxima para atirar nele.

Ele ri. "Seu rosto! Impagável."

Um flash de preto o bate na sua cabeça, e Jude solta um grito. Asas negras voam sobre ele, o pássaro está bicando e arranhando enquanto grasna.

“Tire isso de mim! Tire isso de cima de mim!" Ele agita as mãos e, quando pego um pedaço de pau para desviá-lo, o pássaro abandona Jude por mim.

A picada afiada do seu bico arde na minha pele, enquanto levanto meus braços para proteger o rosto. Ele grasna, suas unhas cravando na minha carne enquanto agulhas passam pelos meus membros até o meu cabelo, arrancando fios da minha cabeça. "Pegue a porra de uma vara!" Consigo sair correndo e, quando o primeiro golpe acerta meu cotovelo, grito, baixando os braços para conter a dor vibrante em meus ossos. Abrindo os olhos cerrados, vejo Jude parado ao meu lado, agachado e pronto para golpear novamente. "Não eu, bastardo estúpido, o pássaro!"

Exceto que, não há pássaro.

“Não o vi voar. Você viu?" O tom angustiante da voz de Jude faz cócegas na minha espinha.

"Não. Deve ter... simplesmente desaparecido." Eu olho para a copa das árvores acima de nós, em direção aos pequenos pedaços de céu espreitando por entre as folhas, mas não encontro nenhum sinal do pássaro.

"Desapareceu. Okay, certo."

Quando abaixo meu olhar em direção ao meu amigo, eu noto onde uma longa fatia de pele em seu couro cabeludo está pendurada por um fio de carne arrancada.

Como se ele acabasse de perceber a dor, estende a mão para tocar a ferida. "O chupador de pau rasgou minha pele!"

Com uma queimadura persistente em meus braços, levanto ambos os membros e encontro pústulas e sulcos profundos preenchidos com um sangue vermelho escuro, onde o pássaro mordiscou minha carne. Pareço ter sobrevivido a uma guerra, com todas as marcas estragando a minha pele. "Minha mãe vai pegar minha bunda por isso. Os retratos de família são amanhã à tarde."

Com um bufo, ele pega meu estilingue de onde joguei no chão. "Adequado, então, para sua família macabra."

Por mais que eu saiba que minha mãe vai ficar chateada, não posso deixar de rir da visão de estar ao lado dela, coberto de sangue, enquanto meu pai olha atrás de mim, irritado e severo, como sempre. "Os habitantes locais certamente teriam um grande dia com isso."

"Falando nisso, pensei, com *certeza,* você seria um anfitrião mais gracioso e presentearia um velho amigo com uma boceta enquanto estou preso aqui."

Jude e eu nos conhecemos no internato para onde meu pai me mandou, até que consegui ser expulso por ter posto fogo no sofá do diretor. Agora sou forçado a enfrentar aulas chatas com um tutor todos os dias, apenas com a visita ocasional do meu amigo quando a escola não está mais disponível.

“Uma das garotas locais?” digo. "Você acabaria com caranguejos."

A gargalhada de Jude ecoa pela floresta, enquanto caminhamos de volta ao terreno do castelo. “Ainda assim, um pouco de tetas e bunda teria sido um belo toque.”

“Toque para quê?”

Enfiando as mãos no bolso da camisa, ele puxa dois baseados perfeitamente enrolados.

"Como você conseguiu isso aqui no *Chateau de Prison.*"

“Você realmente deveria prestar mais atenção à sua ajuda. O jardineiro me arranjou por uma taxa modesta.”

Pego um deles da palma da mão e o arrasto pelo nariz, inalando o cheiro de erva crocante e madeira. "Vamos nos encontrar na caverna esta noite, depois que minha mãe tomar seu Valium."

"E as meninas?" ele pergunta, colocando os dois baseados de volta no bolso.

“Esqueça as garotas, cara. Não há nada nesta cidade que possa interessar a você.”

Elas são uma raça estranha em Tempest Cove. O tipo que sorri e flerta, enquanto espalha suas fofocas pelas suas costas. Certa vez, fiquei com uma garota local, nada mais do que beijos e algumas mãos atrapalhadas, e no final da semana, metade da cidade estava falando sobre meu pau.

Eu sequer tinha me preocupado em tirá-lo.

É assim que elas funcionam aqui, no entanto. Para qualquer sujeira que possam derramar, elas vão cavar o mais fundo que puderem.

A floresta se abre para o gramado aberto de Blackthorne, e passamos por Easton, o jardineiro, que dá um sorriso malicioso que faz muito mais sentido do que há dez minutos.

"Acho que você está errado, meu amigo." Diminuindo seus passos, Jude agarra meu ombro. “Acho que definitivamente há algo interessante.”

Sigo o caminho de seu olhar, em direção à onde uma mulher recolhe sua mala na estrada circular em frente à mansão.

Jude dá uma passada à minha frente. "Por favor, permita-me ajudá-la."

Quando a mulher se vira, meu coração dá um grito estridente até parar dentro do meu peito.

Seus olhos são de um cinza profundo sob os longos cílios negros, em um rosto estreito emoldurado por cachos longos e preguiçosos que caem sobre os ombros esguios, que se alargam com as pontas dos seios grandes que esticam seu suéter justo. Quando ela sorri de volta para Jude, um de seus dentes da frente está torcido apenas o suficiente para levantar seu lábio carnudo em uma espécie de sorriso torto. Uma mulher dolorosamente bonita que deve ser pelo menos dez anos mais velha do que eu, a julgar pela maturidade em suas feições.

“*Merci*”, ela diz, seus lábios franzindo quando ela desliza seu olhar para o meu. “Meu nome é Solange. Estou aqui para limpar.” Um forte sotaque francês só aumenta a natureza sensual da mulher.

"Jude." Meu amigo avançado coloca a mão na frente dela, mas seus olhos permanecem fixos nos meus enquanto ela repousa a palma na dele. Jude se inclina para beijar as costas da mão dela. "É um prazer conhecê-la, Solange."

"O prazer é meu", diz ela, sorrindo enquanto desliza a mão da dele. "Você deve ser Lucian."

Meu nome rolando por sua língua envia um arrepio pela minha espinha. "Você sabe meu nome?"

Seus olhos cinza desviam dos meus e voltam. “Você está ferido”, ela diz, em vez de responder à pergunta.

"Perdão?"

"Você está sangrando."

Uma rápida olhada em meus braços me lembra da surra que sofri no bico de um pássaro. "Estou bem."

“Lucian! Estou ligando para você há uma hora."

Com o clamor indesejado da voz de minha mãe, eu me encolho, tentando ignorá-la, onde ela está parada na frente do castelo, as mãos cruzadas na frente de seu terninho bege conservador.

"E o que aconteceu com você?" Enquanto a mulher agitada desce a escada de pedra em minha direção, gemo, esperando o ataque de preocupação maternal. "Você está uma bagunça sangrenta!"

"Ah, você está pegando meu dialeto, Sra. B." Jude diz, sua risada morrendo sob a limpeza de sua garganta.

Com uma expressão mais severa do que antes, minha mãe agarra meu braço, e minhas bochechas instantaneamente esquentam quando vejo o olhar divertido que Solange lança a Jude. "Mãe, estou bem."

“Você tem goivas literais em seu braço, Lucian. O que fez isso?”

"Ele dançou tango com o pássaro errado." O humor no tom de Jude me irrita, enquanto meu braço é torcido e puxado para exame.

"Como eu disse, estou bem."

“Eles podem estar infectados. Você precisará limpá-los. Venha, vamos pedir à enfermeira que verifique você..."

“Você pode dar o fora? Eu disse que estou bem!” puxo meu braço de seu aperto, a raiva finalmente explodindo para a superfície.

Com a boca aberta, uma expressão de choque arregala seus olhos. “Lucian Darius Blackthorne, você não falará com sua mãe dessa maneira. A meu ver, você já está em bastante apuros com seu pai.” O que começou como uma pequena luta de comida entre Jude e eu se transformou em uma guerra total, quando arrombamos os extintores de incêndio e pulverizamos pó seco por toda a cozinha e sala de estar, causando o que ela estimou em *milhares de dólares em danos* aos móveis e tapetes.

Apesar do sorriso irritante que eu sei que está estampado no rosto de Jude, cerro os dentes, mantendo minha boca fechada.

“Vá se limpar. Conversamos depois."

Dando um passo em direção a ela, Solange estende a mão. "É um prazer conhecê-la, Sra. Blackthorne."

Ombros rígidos com sua postura arrogante de costume, minha mãe mantém seu olhar de aço em mim, sem se preocupar em cumprimentar a mulher ao seu lado.

Solange abaixa a mão e pigarreia.

Jesus Cristo, a mulher não consegue nem olhar para a menina que vai lavar a urina dos seus lençóis depois que minha mãe tiver outro de seus pesadelos induzidos por Valium.

"Se você pudesse... me mostrar meu quarto, vou me instalar e começar meu trabalho." O tom manso da voz de Solange é inconsistente com a mulher que me cumprimentou pouco antes de minha mãe aparecer.

“Mais uma coisa, Lucian. Você não deve chegar perto daquela caverna esta noite." Ainda ignorando a garota nova, minha mãe se vira e sobe de volta a escada de pedra, onde ela faz uma pausa para olhar para trás. "Você está vindo?"

Com um sorriso tímido, Solange tira as malas das mãos de Jude e levanta uma sobrancelha que minha mãe não consegue ver. “Ela é adorável”, ela sussurra, antes de seguir atrás da mulher.

“Não vou mentir. A sua mãe?" Jude diz. "Ela é pior que a minha."

"Ela vai me levar a beber antes mesmo de eu ser maior de idade." Apesar do encontro irritante com minha mãe, estou de alguma forma obcecado pela mulher que a segue para dentro.

"Caramba, isso é uma bela bunda, no entanto."

Franzindo a testa, eu me viro para olhar para meu amigo, cujos olhos estão colados enquanto ele lambe os lábios. “Solange, não sua mãe. Se você não foder com isso em algum momento, temo que não possamos continuar amigos. Eu digo que devemos convidá-la para nosso pequeno sarau esta noite."

"E o que diabos ela quer com um par de dezesseis anos, hein?"

“Não somos como a maioria dos jovens de dezesseis anos.” Ele envolve um braço em volta do meu pescoço, puxando-me para dentro. “Somos obscenamente ricos e igualmente bonitos. Para não mencionar, eu me recuso a foder os segundos desleixados do seu pai. Melhor começar nossos primeiros.”

"'O que isso quer dizer?"

"Você honestamente acha que seu pai, um homem com mais hábitos ruins do que um convento de freiras sujas, não vai bater nessa bunda em algum momento?"

Eu bato meu punho em seu ombro. "Caso você tenha esquecido, ele é casado com minha mãe, idiota."

“Como meu velho é casado com minha mãe. Isso não o impede de foder qualquer coisa com uma saia justa."

“Seu pai não tem conceito de família. Se ele tivesse, ele não iria mandá-lo para a escola, em seguida, mandaria você para ficar comigo toda vez que você voltar para casa para as férias.”

"Verdade. Mas eu admiro a paixão dele pelo extracurricular.” Jude se vira para me encarar, seus lábios se transformando em um meio sorriso. "Eu vou te presentear com todo o conteúdo do meu saco de bolas esquerdo se você convidar Solange para a caverna esta noite."

Lábios curvados em desgosto, balanço a cabeça e caminho na frente dele. “Eu não tocaria na sua porra se você me presenteasse com todo o seu fundo fiduciário. Cai fora."

"Eu quis dizer meu futuro primogênito." Dando um passo atrás de mim, ele salta à frente e se vira para me encarar, andando para trás. "Eu estou brincando. Mas, falando sério, o que você quiser, é seu.”

“Como diabos eu vou fazer isso acontecer? Ela é nova. Elas passam a primeira semana beijando a bunda dos meus pais. Sem dúvida, ela fará o mesmo.”

"Exatamente. Ela é nova. Ela quer agradar.” Ele estende a mão para agarrar meus ombros, me fazendo parar. “Eu salvei você de um maldito pássaro hoje. O mínimo que você pode fazer é retribuir o favor.”

“Você está comparando maçãs com laranjas.”

“Não, estou comparando um pássaro perigoso a outro. Você viu os seios dela?" Seu aperto aumenta em meus braços como se ele estivesse imaginando suas mãos sobre eles. “Não poderia

envolver minha palma em torno deles se eu quisesse. Eu preciso foder essa mulher antes que minhas bolas explodam."

"Então, convide ela."

"Não é o mesmo." Finalmente me liberando, ele cruza os braços sobre o peito. “Você é o dono da casa quando seu pai está fora. Faça ela ir.”

"Como?"

“Seu infame charme Blackthorne. O que mais?"

CAPÍTULO 3

LUCIAN

Dias de hoje...

EU olho pela janela do antigo escritório do meu pai. Mesmo dois anos após sua morte, o quarto ainda cheira a fumaça de charuto e o perfume barato de sua última prostituta.

Após o declínio da saúde mental de minha mãe, ele deixou o lugar cair em ruínas. Começou a beber gim todas as horas do dia e, manteve-se com prostitutas que ele forçava Rand a recrutar no continente em seu nome.

Uma dor surda em meu crânio irradia para o lado direito da minha cabeça, e coloco a mão onde estão faltando pequenas mechas de cabelo. Em círculos leves, tento diminuir a sensação de agulhamento que se instala bem no fundo dos meus ossos. Um zumbido silencioso em meus ouvidos se intensifica apenas o suficiente para adicionar uma explosão de dor aguda.

Os olhos piscam, respiro pelo nariz até que acalme e afrouxo o aperto dos meus dentes.

“Ela chegou, senhor”, diz Makaio por trás.

Solto um suspiro trêmulo, sem me preocupar em me virar para onde o gigante havaiano está atrás de mim.

Com 1,95, ele é apenas cerca de um centímetro mais alto, mas sua massa faz a diferença entre nós. Isso, e Makaio é muito mais mortal com seu histórico de MMA. Eu detesto a ideia de ter

um guarda-costas me seguindo em todos os lugares, mas já tive tentativas suficientes na minha vida para justificar os serviços do homem. Eu o conheço há quase metade da minha vida, ele e Rand eram companheiros de longa data do meu pai. As únicas duas pessoas restantes no mundo em quem confio.

"Você quer que Rand a traga para que você possa conhecê-la?"

“Rand ajudou meu pai a tomar decisões multimilionárias todos os dias. Tenho certeza que ele pode lidar com a contratação de uma companheira para minha mãe.”

“Esta parece jovem. Sexy, mas não sabe se vestir.”

Eu não poderia me importar menos com a nova ajuda. Elas raramente duram aqui, então acho inútil aprender mais do que preciso. Seja por ter que aturar minha mãe ou por permanecer nesta casa podre, elas tendem a largar o emprego antes de começar. "Por favor, peça a Giulia que me traga um pouco de café."

"Café da manhã também?"

"Não. Eu não estou com fome."

"Como isso é possível? Eu não entendo.”

Sorrio, apesar do meu humor. “Eu peso cerca de quarenta e cinco quilos a menos que você. Certamente não tenho o mesmo caso de amor que você parece ter com a comida.”

“Não trai. Não irrita e geme toda vez que quero um pedaço. E eu não tenho que me preocupar com algum outro idiota vindo para roubar.”

"Depende do que você está comendo."

Bufando, Makaio balança a cabeça. "Vou pedir a Giulia que traga o café."

Com um aceno de cabeça, volto minha atenção para a janela. Daqui, posso ver a floresta ao redor que delimita o perímetro da propriedade e além, onde o oceano dança ao longe, além da beira de um penhasco íngreme.

Blackthorne Manor é o pilar do excesso, uma fortaleza projetada para separar os ricos dos pobres. Meu bisavô mandou construir o castelo no penhasco mais alto, de onde poderia ser visto de qualquer lugar em Tempest Cove. Um lembrete sombrio para as gerações seguintes de porque nunca se deve cruzar com um Blackthorne. Diz-se que os alicerces sobre os quais este lugar foi construído são os restos esmagados dos ossos de seus inimigos. Realmente dramático. Mesmo minha própria família não está imune a inventar fábulas.

A vista do oceano se transforma e se torna mais nítida em meu reflexo no vidro, onde um aglomerado de cicatrizes medonhas se estende pela parte inferior da minha bochecha. Viro minha cabeça ligeiramente para o lado e mostro a metade não afetada, a parte que não foi arrancada naquela noite. Tocá-la com a mão oferece evidências palpáveis aos visuais da paisagem grotesca e irregular de minha pele. Cortes tão profundos que nem mesmo a remoção da cicatriz por meio cirúrgico poderia escondê-los.

Conforme a repulsa familiar borbulha para a superfície, minhas mãos se fecham instintivamente em punhos. Já esmurrei espelhos suficientes para saber que quebrar coisas não faz com que elas desapareçam. Não muda o que aconteceu. Mas a dor é boa.

"Senhor?" Ao som da voz de Giulia, reprimo minha frustração e me viro ligeiramente para encará-la. "Você vai precisar dos meus serviços esta noite?" Ela pergunta, colocando a xícara de café em um descanso em cima da mesa.

Às vezes nós transamos. Faz parte do contrato que tenho com ela, que a mantém empregada, e sua filha em um colégio

interno de prestígio em vez de escolas públicas no continente que estão cheias de traficantes.

"Isso não será necessário."

Por mais que eu goste dos prazeres de uma mulher, não é o suficiente. Nunca é. Giulia é complacente, entregando-se ao que eu peço, mas o que eu *preciso* é de algo que faria seu estômago revirar.

E eu simplesmente não tenho energia para me arrastar pelo mundano esta noite.

Se eu não a conhecesse tão bem quanto a conheço, quase confundiria a expressão de perseguição em seu rosto com decepção. Eu sei melhor, entretanto.

"Muito bem."

Não faz muito tempo, ela teria zombado da ideia de abaixar a cabeça em aceitação. Hoje em dia, ela é muito mais aceitável, sem muitos comentários ou objeções. Não que ela se opusesse à minha dispensa. Apesar dos gemidos, dos beijos, carícias aparentemente gentis, tenho certeza de que me ver a repele o suficiente para fingir prazer durante o sexo. Até mesmo seu clímax é alcançado através de olhos fechados, como se uma olhada fosse arruiná-lo.

"Isso te agrada?" Pergunto a ela.

"Sua satisfação me agrada, senhor."

“Mas você está aliviada por não ter que me foder esta noite. O abominável e hediondo Filho Louco.”

"Eu não penso em você como tal."

“*Todo mundo* pensa em mim como tal. Incluindo você."

Se ela abaixasse a cabeça mais, estaria beijando o chão. "Você precisa de mais alguma coisa de mim?"

Virando para longe dela, eu a pego se remexendo no reflexo da janela. Além de Makaio, todos ficam inquietos ao meu redor. Se meu rosto não é suficiente para assustá-los, os rumores sobre mim certamente os mantêm nervosos. "Não. Nada."

Eu a vejo recuar, a luz do corredor adicionando um brilho suave ao vidro quando ela sai do meu escritório.

A dor atinge novamente, mais forte do que antes, o zumbido entre meus ouvidos como uma agulha de costura perfurando meu tímpano. Espasmos de dor percorrem minha mandíbula, enquanto cerro os dentes conforme agarro os dois lados da cabeça.

Porra. Elas pioraram no ano passado. Quase insuportável. A dor atinge minhas órbitas e, por um momento, a vista do lado de fora da janela se transforma em uma pintura impressionista de verde e azul.

Com as pálpebras pesadas, tento me concentrar na água, algo que pode desviar meus pensamentos da agonia. *Um objeto de foco,* o médico me disse uma vez. Não há nada além de flashes de luz irregulares e a vertigem que sempre se segue.

As vozes do lado de fora da porta podem ser reais ou imaginárias, é difícil dizer, mas conforme elas ficam mais altas, eu me concentro no som para me distrair. Uma voz feminina, cuja entonação é suave, mas o suficiente para romper o toque.

Eu tropeço em direção à porta e pressiono meu ouvido na madeira. Os painéis frios e a superfície sólida contra os quais me inclino oferecem algum alívio e fecho os olhos, ouvindo-a falar. A voz de Rand segue, enquanto ele tagarela sobre a história de Blackthorne Manor. A voz de outra mulher ressoa, profunda e rouca, como a de um fumante, mas então é a primeira voz novamente. O som é tão calmante, e com um vibrato melódico de risadas, não posso mais ouvir o toque doloroso.

Eu abro a porta um pouco, apenas pegando suas costas enquanto eles continuam pelo corredor.

Cabelo preto de corvo dança em torno de seus ombros magros, enquanto ela examina as paredes da minha casa. Uma mulher mais velha se move ao lado dela, talvez sua mãe, a julgar pelas linhas endurecidas em seu rosto. A garota de cabelos negros se vira apenas o suficiente para revelar seu perfil, e Deus me ajude, ela é linda, com sua pele dourada, maçãs do rosto salientes e a inclinação perfeita do nariz. Uma espécie de beleza radiante que logo será apagada pela penumbra insípida deste lugar.

Mas jovem. Jovem demais.

Minha mãe vai comê-la viva antes do final da semana acabar.

Que pena será.

CAPÍTULO 4

ISADORA

Leva mais de uma hora para nos oferecer um *breve* tour, que cobriu apenas a ala oeste do castelo. O único tema em cada sala por que passamos era opulência. Os Blackthornes evidentemente têm mais dinheiro do que qualquer um dos habitantes locais provavelmente possa imaginar. Até a tia Midge, que tende a considerar a elegância um desperdício frívolo, ficou de olhos arregalados algumas vezes.

Ninguém poderia imaginar, dada a aparência abandonada fora das paredes, que tanta riqueza e luxo ainda pulsam em suas veias.

Apesar do meu protesto sutil, Rand insistiu que ela viesse, porque não era preciso ser um psicanalista para ver que a minha tia não tinha se acalmado com a pequena reunião que tivemos uma hora atrás. Admiro seu compromisso em cuidar de mim, principalmente depois do inferno que passei meses atrás, mas sua natureza autoritária se tornou um dos muitos motivos pelos quais mal posso esperar para deixar esta cidade. Isso me lembra da vez em que observei dois esquilos bebês presos em uma gaiola, quando um dos meninos na rua os roubou depois que subiram pela perna de sua calça. Os meninos riam cruelmente enquanto os pequenos animais corriam em círculos sobre as barras finas. Repetidamente. Nunca comendo. Nunca descansando. Eles escalavam suas barreiras como se não percebessem que algo os mantinha dentro daquele espaço apertado e, por fim, os dois morreram.

Essa não serei eu. Não nesta cidade.

“Se ficar com fome, o pessoal da cozinha está à sua disposição enquanto estiver aqui. Temos um chef gourmet na equipe, que terá o prazer de preparar o que você quiser.” Rand quebra meus pensamentos com ainda mais comodidades deste lugar.

Chef gourmet? O que diabos eu pediria a um chef gourmet? Eu nem sei o que chefs gourmet cozinham.

“Luxuoso”, a tia Midge sussurra enquanto seguimos Rand por um corredor escuro. “Ainda não gosto deste lugar. Faz os cabelos do meu pescoço se arrepiarem.”

Eu sigo meu olhar pelos tetos altos e paredes escuras, os retratos elaborados de cada lado nosso. Parentes, imagino. Uma riqueza na história de uma família como nada que eu já vi antes. "Eu gosto disso. E estarei em casa nos fins de semana.”

“O que acontece nos fins de semana aqui? Sábado é quando eles fazem suas sessões espíritas?" Tia Midge ri de si mesma, e eu gemo silenciosamente, dando outra varredura nas paredes.

“É quando o Mestre desfruta de um pouco de privacidade”, diz Rand, parando no topo da escada com vista para o saguão de onde entramos pela primeira vez. “Ele se encontra cercado por outras pessoas muito mais do que gostaria de estar, os fins de semana proporcionam a ele uma pausa nas interações sociais. No entanto, você pode ser chamada para participar de uma festa ou jantar ocasional como ajuda adicional.”

"O que? Tipo servir aos outros ricos?” O escárnio na voz de tia Midge me faz arrepender de tê-la deixado me acompanhar. Deve parecer infantil levar minha tia para uma entrevista de emprego.

“Fico feliz em ajudar. Sempre que necessário.” Mesmo com meu olhar longe dela, posso sentir os olhos de tia Midge

queimando em mim enquanto selo minha decisão de aceitar este trabalho.

"Muito bom." Continuando a descer as escadas, Rand assume a liderança mais uma vez, em direção à entrada da frente, onde nos reunimos sobre o brasão de Blackthorne. "Acredito que você esteja satisfeita com o acordo?"

A pergunta é dirigida a tia Midge, e uma onda de irritação brilha sob minha pele quando ela ergue o queixo, como se pudesse ser arrogante e exigente. Como se este homem lhe devesse uma explicação por todas as fofocas intrometidas que ela perpetrou sobre esta família. Ao mesmo tempo, o gesto me deixa nervosa. Eu conheço minha tia bem o suficiente, este é o ponto em que ela faz uma investigação ousada e totalmente inadequada, como *É verdade que Lucian Blackthorne assassinou sua esposa e filho?*

Diga alguma coisa, minha cabeça incita, mas as palavras não conseguem romper meus lábios congelados.

“Eu acho que sim. Ela tem que distribuir algum medicamento, ou algo assim?” Sua resposta me deixa pasma por um momento. Tanto que eu quase não aprecio a importância de sua pergunta — uma que eu não me preocupei em perguntar a mim mesma. Jesus.

"A Sra. Blackthorne tem uma enfermeira que atende às suas necessidades médicas, bem como um médico visitante ocasional. O papel da companheira é estritamente passar tempo com ela, em qualquer posição que a Sra. Blackthorne achar confortável, seja para passear no jardim ou lendo um livro. Ela é bastante bibliófila.”

“Parece que vocês duas vão se dar *às mil maravilhas*.” Revirando os olhos, ela cruza os braços em sua postura defensiva usual. “Então eu... venho buscá-la nos fins de semana? Como isso funciona?"

"O Mestre Blackthorne tem um motorista pessoal que estará à disposição da Srta. Quinn, caso ela precise se aventurar na cidade para qualquer coisa."

“Seu motorista pessoal? Ele não precisa dele?" Não faço a menor ideia quando se trata dos negócios dos ricos e se eles vão ou não para o trabalho como todo mundo.

“Grande parte de seus negócios são feitos remotamente, pelo computador. Os que são presenciais acontecem aqui, em seu escritório pessoal. O Mestre raramente sai de casa para alguma coisa. Ele faz viagens de negócios ocasionais no continente ou fora do estado, mas essas são bastante limitadas.”

A imagem dos esquilos escalando a gaiola me vem à mente novamente, e eu me pego franzindo a testa. "Eu não acho que precisarei me aventurar muito na cidade, então."

"Exceto para visitar sua tia." Tia Midge acrescenta.

"Claro."

"Se você estiver satisfeita com as instalações para sua sobrinha, gostaria de levar a Srta. Quinn a familiarizar-se com sua rotina, para que ela possa começar seu dia com a Sra. Blackthorne."

"Sim. Certo." Passando o polegar por cima do ombro, tia Midge inclina a cabeça. "Vou pegar as malas dela e trazê-las para dentro."

“Makaio está esperando em seu carro para recolher os pertences pessoais da senhorita Quinn. Não há necessidade de voltar para dentro. Você está livre para partir de lá.”

"Oh. Uh. Acho que isso é... adeus, então?" A incerteza não desapareceu dos olhos da minha tia quando se aproximou de mim e me abraçou. “Você tem seu celular. Me ligue se precisar de

alguma coisa. Ou se alguma coisa parecer duvidosa", ela sussurra.

Com um aceno de cabeça, agarro seus cotovelos, quebrando o abraço, e sorrio como se não estivesse nervosa como o inferno para conhecer a dona da casa. "Eu vou ficar bem. Te ligo esta noite, ok?"

"É melhor mesmo." Ela volta sua atenção para Rand e oferece a ele um aperto de mão, que se transforma em uma troca estranha entre eles quando Rand apenas pousa a palma em sua mão por um momento, antes de pegar um lenço para limpar o que suponho que ele considere serem germes da pele dele.

"Sim, então. Eu irei, então." Ela desliza as mãos nos bolsos, como se não soubesse mais o que fazer com elas. "Vejo você …. Vejo você neste fim de semana."

"Dirija com cuidado." Não me incomodo em segui-la em direção à porta, com medo de que ela faça um último esforço para me balançar.

Nada pode me influenciar agora que realmente coloquei os pés dentro do castelo. O ambiente é assustador, mas não é o vazio e a desolação que eu esperava. Provavelmente não era bem o que tia Midge esperava, caso contrário, duvido que ela fosse admitir tão rapidamente. Há um batimento cardíaco dentro deste lugar, embora fraco, escondido sob seus ossos.

Rand abre a porta para ela, e eu assisto do saguão enquanto ela fica parada na porta, parecendo pequena e quase como um desenho animado dentro da enorme soleira, segurando a bainha de sua camisa. Mais uma olhada para trás e ela desce a escada de pedra, onde um homem grande, talvez um metro e noventa, com pele mais escura e cabelo preto preso em um coque, espera por ela. Eu acho que ele é polinésio, com base em sua aparência.

No momento em que Rand fecha a porta atrás dela é o momento em que percebo, pela primeira vez, que estou realmente sozinha.

"Você gosta de chá?"

A pergunta interrompe meus pensamentos e eu limpo a garganta. "Não, na verdade não. Sou mais para café."

"Pena. A Sra. Blackthorne adora chá. É talvez quando ela é mais cordial."

A mulher soa como se sua paciência com as pessoas é menor do que minha poupança. Não pode ser pior do que tia Midge quando ela tentou parar de fumar um ano atrás. Rabugenta como um morcego tomando banho de sol na praia.

"Venha, vamos conhecê-la, certo?"

"Certo." A incerteza rasteja de volta pela minha espinha novamente.

Quando eu tinha quinze anos, fui convidada a ficar uma noite com minha tia-avó e meu tio, único irmão de meu avô, que tinha esclerose muscular em estágio avançado. A tia-avó Sophie queria uma noite fora com alguns velhos amigos e precisava de uma folga dos cuidados diários que administrava ao marido. Meu trabalho? Ter certeza de que ele não se afogava na própria saliva. Então, de vez em quando, quando ouvia tio Conlan engasgando, recebia a tarefa de enfiar um tubo em sua garganta e limpar os fluidos. O mero pensamento disso foi o suficiente para me dar urticária, mas não foi até que eu tive que fazer o ato, entrando em pânico quando não consegui colocar o tubo corretamente em sua garganta e tremendo quando ele olhou para mim como se eu fosse algum tipo de imbecil, que jurei nunca mais me colocar em tal posição novamente.

No entanto, aqui estou eu, aproveitando a oportunidade para entreter uma idosa reclusa.

Na entrevista, entretanto, Rand me garantiu que a Sra. Blackthorne era bastante móvel e capaz, exigindo apenas a mais leve ajuda para se locomover.

Em vez de subir as escadas, como antes, nos aventuramos por um corredor no primeiro andar, passando por uma sala à direita que me faz desacelerar meus passos. Cada centímetro das paredes está coberto de espelhos. Grandes espelhos elaborados. Espelhos pequenos. Espelhos de formato estranho. Uma sala inteira dedicada à reflexos. Tão estranho. Não consigo imaginar ter tanto espaço para algo tão inútil. Parece que tia Midge e eu estamos sempre nos esbarrando em casa.

Um som quebra meu olhar, e Rand para no meio do corredor. "Um momento, por favor." Colocando o telefone no ouvido, ele caminha três passos à frente. "Sim?" Em seu perfil, percebo o abaixamento de suas sobrancelhas. “Você não pode estar falando sério. A menina saiu abruptamente sem comunicação, nunca disse uma palavra ao nosso médico interno ou enfermeira. Ela deixou a porta da varanda destrancada, colocando a Sra. Blackthorne em sério risco." A intensidade em sua voz diminui enquanto ele continua pelo corredor. "Quaisquer que sejam as alucinações que ela afirma ter sofrido desde que saiu, é provável que sua própria consciência esteja mordendo sua bunda."

Alucinações? Fingindo não ouvir a conversa, olho para trás, para a sala com os espelhos, mas sinto a leve batida em meu ombro. Por instinto, recuo e me viro encontrando Rand levantando um dedo, o telefone ainda pressionado em sua orelha, antes de sair.

"Ela tem sorte de o Mestre não estar a par de tudo isso, ou teríamos um dia muito menos justo no tribunal." Sua voz ecoa pelo corredor, e eu sigo na direção oposta, passando pelo elevador em direção a mais quartos à frente.

Minha perambulação me leva a uma porta no meio do corredor, e eu paro no meio do caminho, meu coração pulando na minha garganta quando espio pelas portas francesas.

Completamente envolto em janelas e ferro que convergem em um teto arqueado e translúcido, me lembra um cruzamento entre uma estufa e uma gaiola. Um átrio com piso de madeira e luz matinal suficiente para iluminar as teias de aranha que grudam na sala. As plantas morrendo jazem no que deve ter sido uma sala cheia de vida em algum momento, devido ao número de vasos espalhados por toda parte. No centro está o mais lindo piano preto que já vi. Como aquele dos meus sonhos, onde me sento e toco minhas próprias composições para uma sala de pessoas que me ouvem. Antes mesmo de eu perceber, meus pés me carregam pela sala, até que estou na frente da coisa bestial. Dando uma olhada furtiva em direção à porta, deslizo meus dedos sobre as teclas de marfim e ébano. Ao lado, em uma mesa de pedestal, está uma taça de cristal com um líquido âmbar e cubos de gelo na maior parte derretidos.

Olhando ao redor, procuro outra presença, mas não encontro nada além de móveis espalhados, livros empilhados e o que parecem postes de rua ao ar livre, o tipo de decoração da era vitoriana não encontrada em uma cidade como Tempest Cove. As vinhas rastejando sobre as janelas do lado de fora me lembram de um antigo beco de Londres.

Hipnotizante.

Só posso imaginar como deve ser esta sala no inverno.

Volto minha atenção para as teclas e pressiono uma nota, uma que eu não reconheceria se alguém me pagasse, mas um som comum, encontrado em muitas das peças que toquei. Ao contrário do piano antigo da escola, quebrado pela idade e pelo uso excessivo, essas teclas são uniformes e suaves, mas um pouco mais rígidas do que as que estou acostumada. Mais pesado e

nítido, quando toco uma escala simples. Às vezes, meu professor de música me pedia para tocar em shows quando seu pianista habitual não estava disponível. Eu só preciso ouvir uma peça uma vez antes de saber a música inteira, nota por nota. Sempre apreciei ritmos consistentes e o *tique-taque* do metrônomo.

Uma sensação estranha desce pela minha espinha e eu paro de tocar, voltando minha atenção para a porta a tempo de pegar uma sombra bruxuleante de movimento fora da sala. "Rand?"

Uma sensação de frio varre minha pele, causando arrepios. Dou a volta no piano para ver melhor o que tenho certeza ser alguém além da porta. "Rand, é você?"

Tentáculos finos fazem cócegas na minha nuca, e eu esfrego a mão sobre o formigamento rastejante.

É plena luz do dia, Isa. Relaxa.

A sensação de estar sendo observada faz com que meus olhos percorram a sala. "Olá?"

"Senhorita Quinn!"

Um grito sai da minha garganta e eu tropeço para trás, colocando a mão no peito.

Rand espia pela porta. “Eu não queria te assustar. E minhas desculpas pelo atraso. Vamos?"

Com os olhos fechados, exalo um suspiro e, assentindo, sigo-o para fora da sala e pelo corredor em direção a portas prateadas, que parecem ser um elevador. Claro, o lugar tem elevador. Por que não?

“Apenas dois quartos podem ser acessados a partir deste elevador. Os aposentos da Sra. Blackthorne e o escritório pessoal do Mestre. Eu aconselho você a não bisbilhotar no terceiro nível, já que o Mestre Blackthorne é muito específico.”

“Sobre a privacidade dele”, termino por ele. "Eu entendo."

"Bom." Ele aperta o botão na parede e o painel no alto mostra o terceiro andar iluminado, depois o segundo. "Você está livre para vagar por todos os outros cômodos, menos o quarto do Mestre e as catacumbas, é claro." Em um toque, as portas de prata se abrem e, com um aceno de mão, Rand me leva para dentro.

"Catacumbas?" Pergunto.

“O andar mais baixo do castelo. É onde o mausoléu de Blackthorne, ou melhor, o *ossário,* está localizado.”

Aquela sensação de frio toma conta de mim novamente. "Mausoléu? Como em... restos humanos? Nesta casa?"

"Sim. Os Blackthornes obtiveram documentação especial que lhes permitiu enterrar seus ancestrais aqui mesmo na propriedade. No entanto, as catacumbas estão fora dos limites para você.”

"Claro." Por que diabos eu me importaria em fuçar em busca de cadáveres, afinal?

“Você ficaria surpresa até que ponto alguns vão para ver o que está fora dos limites. Eu aconselharia você a não fazer isso. Outra pequena coisa que quero mencionar. Se, por acaso, você encontrar o Mestre Blackthorne, aconselho que não faça contato visual por muito tempo. Deixa ele um pouco... nervoso."

O cara deve ser sensível sobre suas cicatrizes. Entendo. "Certo. Ele não passeia muito, suponho.”

"Além do seu escritório e da academia, não muito."

"Há uma academia aqui?"

“E uma piscina, além de uma pista coberta. O Mestre foi um verdadeiro atleta na juventude. Você pode usá-los, se desejar.”

Meu Deus, deve haver uma equipe para fazer a limpeza diária aqui. Eu teria odiado ser designada para este lugar quando trabalhava para a empresa de limpeza.

O elevador para no segundo andar e se abre diretamente para o que parece ser uma sala de estar, com um sofá de aparência antiga estofado em um tecido acetinado preto que faz minhas palmas coçarem ao tocar. A parede inteira à esquerda é um armário do tipo vitrine de vidro gigante cheio do que acho que são bonecas de porcelana. Centenas delas. Sob a luz que entra pela janela à frente, posso ver seus olhos redondos olhando para a frente através do vidro, onde cada uma parece estar apoiada em algum tipo de suporte.

Arrepiante.

Quando entro na sala, outra lufada de ar frio dança sobre minha pele, e o abandono deste lugar se torna palpável.

"A Sra. Blackthorne tem uma das coleções de porcelana e bonecas bisque mais caras e cobiçadas do mundo."

"Ela está colecionando elas há um tempo, então?"

"Desde que ela era uma garotinha. Por favor, sente-se no sofá. Eu vou buscá-la." Com suas palavras de despedida, ele sai por uma porta e eu ainda não me incomodo em sentar. Não vou fazer nada além de ficar inquieta, o que só vai trazer meus nervos em frangalhos à minha atenção.

Olho examinando os rostos sem vida, observo a variedade de bonecas na coleção — algumas, aposto, vieram de diferentes países. Algumas com rostos rachados, outros lisos e perfeitos. Nunca cresci com bonecas para apreciá-las muito. Minha mãe sempre as chamava de inúteis e, quando fui morar com minha tia, já estava velha demais para elas.

"Ela sairá em um momento." Rand começa em direção às portas do elevador, e eu giro ao redor.

"Espera. Você está indo?"

Fazendo uma pausa, ele se vira para me encarar, um sorriso alargando seus lábios. “Quanto menos gatilhos, melhor. Além disso, ela tende a se sair muito melhor em uma situação individual. A enfermeira dela está por aí em algum lugar, então você não está totalmente sozinha. Se precisar de alguma coisa, há um interfone na parede. Um dos funcionários pode me buscar.”

Depois de tudo que ele me contou sobre a mulher, sinto que ele está me deixando com a mãe de Norman Bates. "OK."

"Você vai ficar bem. Ela parece estar de bom humor, incomum.”

Isso é um alívio. "Obrigada, Rand."

Com um aceno de cabeça afiado, ele retoma sua saída, sorrindo novamente quando as portas do elevador se fecham, mas pouco antes de se fecharem, eu pego a mudança dramática em sua expressão que muda de agradável para angustiada.

O telefonema, talvez?

Encolhendo os ombros, eu me inclino para o armário, olhando para uma boneca em particular que parece tão real, dado o detalhe em suas íris verdes escuras, as ondas de cabelo vermelho caindo em cascata sobre seu ombro. É estranho o quanto ela se parece com minha mãe. Tanto que rio da semelhança, pensando que é divertido encontrá-la em um vestido de aparência tão extravagante entre todas as outras bonecas caras. É como olhar para uma versão alternativa da mulher.

“Shauna. Princesa do Castelo de Blarney.” A voz vindo de trás chama minha atenção para uma mulher mais velha, mas não menos elegante do que a boneca do armário. O cabelo grisalho denuncia a textura sedosa de sua pele e, embora ela deva estar perto dos sessenta anos, sua forma ágil e postura régia não dão a impressão de que ela precise de muita ajuda. Apenas a bengala

contra a qual ela se inclina ligeiramente dá qualquer indicação de deficiências físicas. "Certamente não é a mais cara que comprei, mas aprecio o fogo em seus olhos."

Fogo é definitivamente como eu descreveria minha mãe, embora sua chama tenha diminuído ao longo da última década para uma monotonia quase mortal.

"Ela é linda."

"Ela é." Os olhos da mulher descem para a minha roupa e de volta para mim, a desaprovação escondida por trás de um leve sorriso. "Você deve ser minha nova babá."

"Apenas... uma companheira."

“Companheira é apenas uma palavra adulta para babá.” Mais uma vez, seus olhos me avaliam. "Você é uma garota local."

"É óbvio, eu acho."

“Nenhuma adolescente genuína escolheria usar botas de *pesca*.”

Com as bochechas queimando de vergonha, engulo o sarcasmo malicioso que sempre reservei para as vadias pretensiosas com quem cresci, aquelas que tinham problemas com minhas roupas. O fato é que são as botas velhas da tia Midge. O único par que tenho que não tem tantos buracos quanto meu jeans. "Vou me certificar de obter um par melhor."

"Vou pedir a Rand que entre em contato com Amy para que você esteja equipada para o trabalho."

Não tenho ideia de quem é Amy ou de quanto disso será descontado do meu salário, mas parece muito além do que posso pagar. “Eu... hum. Não sabia que havia um requisito específico de guarda-roupa.” Meu comentário não foi feito para soar sarcástico, mas de alguma forma foi assim que saiu. Para mim, pelo menos.

“Você vai comparecer a alguns compromissos importantes comigo. Não vou deixar você com cara de quem rastejou até o porto."

Esta mulher não parece precisar de assistência médica ou companhia, embora ela pudesse se beneficiar de algumas maneiras. Sou a última pessoa a se preocupar com etiqueta, mas em um espaço de tempo relativamente curto, ela já me fez sentir inferior, o que tenho certeza de que é seu MO. Meu propósito aqui me iludiu oficialmente. Acho que tive a impressão de que ela estava menos alerta e consciente. Talvez não seja bem um vegetal, mas também não seja totalmente capaz de lançar insultos com tanta eficácia.

"Você vai ficar sentada aí admirando bonecas o dia todo ou vai se tornar útil?"

Piscando de volta dos meus pensamentos, olho para ela. "Sinto muito, acho que não entendi meu propósito aqui."

"Bem, nenhuma de nós."

“Eu só quis dizer, que estava com a impressão de que você precisava de mais... ajuda. Você parece perfeitamente capaz para mim.”

Seus olhos se estreitam, antes de amolecerem em diversão, enquanto ela manca pela sala em direção a onde um bule e xícaras estão colocados em uma pequena mesa. "Chá?"

As palavras de Rand de antes me vêm à mente e, embora eu odeie chá tanto quanto um prato de pernas de caranguejo cozidas demais, eu concordo. Estou muito bem determinada a encontrar um terreno comum com essa mulher, mesmo que deixe um sabor amargo na minha língua.

Depois de servir o chá em uma xícara de porcelana que parece uma versão adulta do jogo que a tia Midge comprou para mim no meu décimo aniversário, a Sra. Blackthorne me entrega. É

um chá cor de âmbar com um leve aroma adocicado, e deixo o calor da xícara passar para minhas mãos geladas.

"Como te chamo?"

Legal, esqueci de mencionar meu nome. “Me desculpe, deveria ter te falado antes. Eu sou Isa. Izzy, se preferir.”

“Eu nunca me preocupei em perguntar. De Isabelle?” Ela se abaixa para o assento em frente a mim, colocando a bengala de lado, e leva a xícara de chá aos lábios.

“Isadora.”

Há apenas um leve tremor em sua mão, enquanto ela bebe a bebida e coloca a xícara de chá rindo contra o pires na mesa à sua frente. "Que pena. Eu amo o nome Isabelle.”

Pena. A única coisa gentil que minha mãe fez por mim foi me dar o nome de minha avó.

"Você já conheceu Lucian?" Sua pergunta interrompe meus pensamentos.

"Não. Rand diz que provavelmente não terei muito contato com ele.”

“Provavelmente é melhor assim. Ele não é muito de se socializar atualmente.”

“Ele gosta de sua privacidade. Eu respeito isso.”

"É?" Pela terceira vez, seu olhar desliza para minha roupa, que estou supondo, nesta existência alternativa, seria como um pescador rolando para o porto em um terno de três peças de volta para casa.

“Eu não tenho nenhuma intenção de me impor. Estou apenas aqui para ajudá-la em qualquer capacidade que precise.”

“Vou te falar uma coisa, você não fala como uma adolescente típica. A última que tivemos mal conseguia falar frases completas. Eu sentia como se estivesse mandando mensagens de texto verbalmente para ela.”

Não posso evitar a risada que me escapa, e limpo a garganta, endireitando-me na cadeira apenas o suficiente para não derramar a xícara de chá que ainda não tomei. “Tenho muito pouco em comum com a maioria das garotas da minha idade”, digo, levando a xícara de chá aos lábios. *Querido Deus, por favor, não me deixe engasgar.* Eu inclino a bebida de volta, tomando pequenos goles do doce sabor que aquece minha língua.

"Quantos meninos te comeram, Isa?"

Fluidos escapam pelos meus lábios em um engasgo, e uma boa parte do chá espirra no pires abaixo da xícara, espirrando em torno do prato quando o coloco na mesa na minha frente.

“Da Hong Pao é o chá mais caro do mundo. Mais de trinta vezes seu peso em ouro. Na China, é reservado para convidados de honra.”

"Eu sinto muito. Fui pega de surpresa.”

“Minha pergunta te ofendeu? Veja, é importante para mim avaliar seus interesses. Várias mulheres que contratamos passaram a se comportar de maneira um tanto inadequada com meu filho. Os rumores sobre seu *pau* parecem lendários. Uma fonte de diversão entre vocês, garotas locais.”

“Como eu disse, não tenho nada em comum com minhas colegas. E posso garantir que não estou aqui pelo pau do seu filho. Lendário ou não.”

"Bom. Você deve estar segura para apresentar a Roark, então.”

"Roark?"

"Meu neto."

"Oh, eu estava... com a impressão de que você só tinha um neto."

“Eu só tenho um neto. Isso é tudo que Lucian e Amelia me presentearam, mas faço minhas orações para ele todos os dias.”

Um calafrio desce pela minha espinha enquanto olho de volta para ela, e coloco meu rosto acima da minha confusão. A menos que os rumores estejam errados, ela está falando sobre seu neto *desaparecido.* Eles o encontraram? Eu nem sei como fazer a ela essa pergunta.

“Roark! Roark! Venha aqui, por favor, tenho alguém para apresentar a você!” Ela não tira os olhos de mim enquanto chama por ele, sorrindo de uma forma que me faz rolar os ombros para trás para afastar o desconforto repentino. “Roark! Nonna está chamando você!"

"Talvez ele esteja dormindo?"

“São as bonecas. Elas sempre o assustaram, desde que ele era um bebê.” Levantando-se da cadeira, ela derruba o bule, derramando seu chá caro no carpete. "Roark Lucian Blackthorne, venha aqui agora ou mandarei Anna bater em seu traseiro!"

Ajoelho-me sobre o tapete, pegando um dos guardanapos da bandeja para sugar o chá, enquanto considero a possibilidade de que ela possa não estar mentalmente sã. “Está tudo bem, se ele não quiser me conhecer. Eu não quero deixá-lo desconfortável.”

“Ele é uma criança. Ele não sabe o que é desconforto. Nenhuma criança entende o fardo que nós, adultos, carregamos.” Ela se vira em direção à parede de porta atrás dela. “Aposto que ele está brincando na varanda de novo. Amelia deve estar dormindo.”

Amelia. Pelo que ouvi, Amelia *está* morta. É possível que esse boato também esteja errado?

Enquanto ela caminha em direção à porta, lembro-me de Rand mencionando algo sobre o telefone antes, sobre alguém deixando a porta destrancada e colocando a Sra. Blackthorne em sério risco. Eu pulo e fico na frente dela, imediatamente me arrependendo da minha decisão quando ela franze a testa para mim. A última coisa que preciso, porém, é que essa senhora salte da varanda para a morte no meu primeiro dia aqui.

“Espere, deixe-me procurar por ele. Adoro surpresas.”

Depois de um olhar de soslaio duvidoso, ela vira os ombros para trás. “Roark também gosta delas. Tudo bem, vou deixar você surpreendê-lo.”

Com um aceno de cabeça, giro em direção à parede da porta e, no momento em que saio para a varanda, expiro um suspiro, fechando a porta atrás de mim. Mentalmente instável não é algo novo para mim. Inferno, minha mãe era viciada em metanfetamina, pelo amor de Deus. Loucura era um estilo de vida enquanto eu crescia, e aprendi desde cedo a não confiar em tudo que sai da boca de um adulto. Certa vez, eu a encontrei sentada do lado de fora, completamente sem camisa, dizendo aos transeuntes que o céu estava sendo sugado pelo sol.

Eu reconheço loucura quando a vejo.

Mas eu tenho que admitir, ouvir a Sra. Blackthorne chamar por sua nora morta e seu neto desaparecido foi tão confuso quanto levar uma pancada na cabeça por uma noz no meio do deserto.

Descansando a cabeça contra a parede, eu mentalmente digo a mim mesma que isso não é um erro. Apesar de eu não estar ciente de que a mulher tinha alguns problemas mentais, isso não é um erro.

"Ei."

Um suspiro passa por meus lábios e eu salto para o lado, longe da direção da voz.

Uma mulher, apenas um pouco mais velha do que eu, acho, está curvada para a frente, fumando um cigarro que balança em seus dedos longos e finos. Vestida com uniforme azul marinho, ela deve ser a enfermeira. "Desculpa. Eu não queria fazer você pular. Quando não olhou para mim, pensei que de uma forma ou de outra, você ficaria assustada."

"Tudo bem. Estou um pouco nervosa agora, só isso. Primeiro dia."

"Sim. Meu primeiro dia foi uma merda. Eu a ouvi gritar, mas ela sempre grita, então..." Suas bochechas afundam enquanto ela traga sua fumaça.

"Ela estava chamando por seu neto. Roark?"

Bufando, a mulher balança a cabeça. "Roark se foi há cinco anos. Amelia também, caso ela tente fazer você ir buscá-la em seguida." Alcançando seu cigarro, ela estende a mão em minha direção. "Eu sou Nell. Anella, mas me chame de Nell."

"Isadora, mas me chame de Isa. Ei, ela está sempre..."

"Fora da razão? Sim. Demência com Lewy Bodies para ser mais específica. Semelhante ao que sofrem as pessoas com Parkinson. O médico está tentando acertar seus remédios."

"Ela parecia bem até começar a falar sobre Roark."

"Enervante, não é? Em um minuto, ela está tagarelando sobre os eventos mundiais atuais, no próximo ela está brincando de esconde-esconde com seu neto morto."

"Ele está... morto? Com certeza?"

"Depende de a quem você pergunta. Depois de cinco anos? Sim, posso apostar que ele está morto." Dando outra

tragada, ela se inclina para trás na cadeira e sopra a fumaça para longe de mim. “Os pesadelos também são sempre divertidos. Às vezes, tenho que amarrá-la.” Com um suspiro, ela bate o cigarro em um cinzeiro cheio de bitucas usadas. “Eu provavelmente deveria colocá-la de volta na cama. Ela já tomou o chá?"

"Sim. Não muito, depois de derramar no chão. Quebrou o bule.”

A garota se encolhe ao se levantar. “Esse bule, junto com o chá, vale mais do que eu ganho em um mês.”

"Não brinca. Acabei de receber uma aula sobre chá.”

Seus olhos descem para a minha roupa e vice-versa. "Você é jovem."

"Dezenove. Acabei de me formar no ano passado.”

"Duas semanas. Isso se você ficar na sua.”

Franzindo a testa, eu mentalmente provoco o significado de suas palavras. "O que são duas semanas?"

“Quanto tempo você vai durar. Isso também lhe dá algum crédito. A garota antes de você durou uma semana. Uma antes dela? Três dias inteiros. Você já conheceu Lucian?"

Por que todo mundo me pergunta isso depois de avaliar minha roupa?

"Não. Por que você pergunta?"

“Você acha que a mãe dele é uma miolo mole? Espere até você conhecer o próprio Diabo de Bonesalt." Ela passa por mim, me batendo no ombro em seu caminho para a porta. "O maldito lugar inteiro é um grande asilo."

“Eu não disse que a mãe dele era uma miolo—” A porta bate antes que eu possa terminar. "Mole."

Olhando para o quintal, posso distinguir a beira da falésia e o mar infinito além dela. Quilômetros de isolamento.

Por um lado, agradeço a paz e o sossego.

Por outro lado, espero não ter cometido um erro ao aceitar esse emprego.

CAPÍTULO 5

LUCIAN

Dezesseis anos atrás...

Com um galho fino, desenho minhas iniciais no fundo de areia da caverna enquanto espero Jude chegar. O calor do pequeno fogo que acendi mantém o frio da noite longe, mas minha mente torce com o que vai acontecer quando meu pai voltar de sua viagem de negócios. Os extintores de incêndio não foram uma ideia inteligente, mas porra, ficar preso neste buraco do inferno por meses é uma prisão. Estou perdendo minha cabeça neste lugar, dia após dia. Os únicos alívios são as poucas vezes como essas, quando saio furtivamente sem ninguém saber.

O fluxo de água na boca da caverna é a primeira provocação da maré alta. Em apenas algumas horas, este lugar estará cheio pela metade de água do mar, e a força da maré varrerá tudo o que estiver aqui para baixo da superfície e para o mar. Por esse motivo, os locais a chamam de Pirates Cove.

Um jovem de quatorze anos se aventurou aqui há alguns anos e acredita-se que tenha se afogado e sido puxado para o mar. Segundo relatos, ele pode ter batido com a cabeça, nocauteando-o por tempo suficiente para que a maré o levasse. Desde então, ela foi proibida para os frequentadores da praia e, em particular, para crianças. A caverna fica no limite de nossa propriedade e do terreno estatal ao nosso lado, então a família tentou processar meu pai, mas ninguém entra com um processo contra Blackthorne e vence.

Jude e eu normalmente ficamos juntos até que a água alcance nossas panturrilhas, mas vamos embora antes que se torne impossível atravessar com dificuldade. Uma vez, brincamos de frango, a água subindo até o peito antes de sermos forçados a sair. Com suas ondas fortes e agitadas que martelam contra as rochas, se o mar não o levar vivo, com certeza levará o que sobrou de você depois que seu corpo for sacudido.

Espirros atraem minha atenção para a entrada, onde duas figuras estão, e deixo cair meu graveto ao ver que Jude de alguma forma manipulou a nova empregada para sair com a gente.

"Trouxe uma amiga, espero que não se importe." Ele a guia em direção a uma das pedras, as únicas instalações permanentes na caverna, e se joga na areia seca do lado oposto da fogueira. “Solange queria ver a infame *Pirates Cove*.”

Não consigo tirar os olhos da mulher, o jeito como seus olhos castanhos profundos e cabelo comprido e encaracolado dão a ela uma atração exótica. Seu pescoço longo e esguio e ombros igualmente delgados descem até seios fartos que, pesados demais para uma estrutura tão pequena, se esticam contra o tecido fino de sua blusa. Daqui, posso ver seus mamilos cutucando, e meu pau balança com a visão.

“O que você estima que temos? Duas horas?" Colocando a mão no bolso do casaco, Jude puxa um dos baseados que roubou de Easton e, sem perder tempo, o acende. A ponta estala laranja, e ele sopra duas vezes, virando-a para sugar a fumaça, antes de soprar novamente e passá-la para Solange. Ele corre o dedo em seu braço, atirando-me um sorriso malicioso por entre as chamas. Ela dá uma longa tragada e se inclina para o lado, estendendo o pequeno cigarro para passá-lo para mim.

“Acho que temos duas horas, no máximo.” Como Jude, dou alguns puxões no baseado, deixando a fumaça estalar em meus pulmões, e fecho os olhos, inclinando a cabeça para trás ao

expirar. Enquanto estávamos na escola, Jude e eu íamos sorrateiramente para o porão e ficávamos chapados ou perdidos a noite toda. Às vezes era maconha, outras vezes era álcool.

"Então, o que vocês fazem antes que a maré suba?" Seu forte sotaque francês carrega uma qualidade ofegante, como um gemido no meio de uma estocada. Nada como as garotas com quem fico, saindo às escondidas para passar a mão ou uma transa rápida. Garotas locais podem ser divertidas às vezes, se eu tiver tempo para encantá-las. O único problema é que elas estão procurando uma saída. Um meio de não se tornarem suas mães, prefiro passar um prego na cabeça do meu pau a ter esse tipo de compromisso.

"Que tal você tirar esse suéter, e nós mostraremos a você." Jude sempre foi corajoso quando se trata de mulheres. Meio idiota, para ser sincero, mas seja porque ele é mais rico do que uma prostituta em uma frota de submarinos, ou mais charmoso do que o próprio diabo, elas nunca parecem se incomodar com isso.

Solange sorri, e seu olhar cai sobre mim, por algum motivo. "O jovem Mestre deseja ver meus seios?"

Jovem mestre. Foda-se.

Soprando a fumaça para o lado, dou um pequeno aceno de cabeça, avistando seus mamilos novamente. Mais proeminentes do que um minuto atrás. Sem hesitar, ela cruza os braços e levanta o suéter sobre a cabeça, revelando seios sem sutiã que são grandes demais para minhas palmas.

Lambendo os lábios ao lado dela, Jude segura um de seus seios e passa o polegar sobre o mamilo.

Ainda assim, seus olhos estão em mim.

“Dê ele para mim”, diz ele, antes de dar outra tragada no baseado.

Sem hesitar, ela se inclina, levantando o seio apenas o suficiente para deslizar o mamilo em sua boca. A fumaça sai de seu nariz quando ele exala, lambendo o seio dela ao mesmo tempo.

As coisas parecem progredir rapidamente entre eles a partir daí. Ou talvez eu só esteja fodido com maconha, é difícil dizer. Não demora muito para que eu esteja observando seus seios balançarem enquanto ela o monta na minha frente.

Um forte tapa ecoa pela caverna enquanto Jude dá um tapa na bunda dela. “Eu sabia que você era uma prostituta. Puta devoradora de pau.”

Ela parece gostar disso, seus lábios se esticando com um sorriso. “Venha, Jovem Mestre. Foda-me.”

O pensamento do meu pau em contato próximo com o de Jude me deixa balançando a cabeça, mas não demora muito para que eles terminem, e os gritos de prazer de Jude ecoem pela caverna. Com o gozo dele provavelmente escorrendo por suas coxas, ela rasteja ao redor da fogueira em minha direção, como se fosse a minha vez. Enquanto ela enterra o rosto no meu pescoço, o cheiro do seu perfume se mistura com sexo, coloco minha mão em seu ombro, dando um pequeno empurrão para afastá-la. Suas sobrancelhas baixam com decepção reveladora, e ela se agarra em mim pela segunda vez.

Mais uma vez, eu a empurro para longe de mim. "Eu não fodo em segundos."

Jude bufa, Solange se senta sobre os calcanhares, seu corpo nu perfeito, brilhando na chama apagada da fogueira.

“Eu deveria ter deixado você me ter primeiro, então”, ela diz, empurrando dois dedos dentro dela. "Vou ter que fingir." Mordendo o lábio, ela inclina a cabeça para trás, os dedos entrando e saindo, vejo como eles brilham a cada retirada. Caindo

para trás em seu braço estendido, ela se levanta, empurrando sua boceta no meu rosto, enquanto ela se manuseia.

Eu estaria mentindo se dissesse que não quero tomá-la agora, mas falei sério.

Eu não transo com sobra de outro, não importa o quão sexy ela seja, ou o quão excitado eu fique.

Em minutos, ela está gemendo, empurrando mais rápido. Atrás dela, Jude acende o segundo baseado e sorri ao passar para mim. Meu pau está mais duro do que a rocha na qual estou encostado apenas para me manter de pé, enquanto vejo a garota ir à loucura em sua boceta, os sons molhados são audíveis sobre as ondas à distância.

Quando bato no baseado, tudo parece bom e, quando ela grita, quase não reconheço meu nome batendo nas paredes da caverna. "Lucian!"

Seus dedos estão encharcados quando ela os retira novamente e ela se inclina para frente, enfiando-os na minha boca. “Isso era para você. Da próxima vez, vou pegar você primeiro.”

CAPÍTULO 6

ISADORA

Dias de hoje …

Eu bato meu garfo contra o prato, olhando para o jantar chique que eu fiz o chef repetir o nome duas vezes quando o serviu. Frango assado com panza alguma coisa de erva-doce.

A longa mesa de jantar provavelmente acomodaria cerca de duas dúzias de convidados. Parece durar para sempre, mas aqui estou eu sentada sozinha. Aparentemente, todos, exceto Rand, Nell e Makaio, já foram embora para a noite. Até o chef que me serviu gentilmente estava com um pé fora da porta. Os Blackthornes parecem gostar de sua privacidade à noite também, mas por alguma razão, eles insistem que eu permaneça no castelo todos os cinco dias da semana.

Não que eu me importe. Não é todo dia que uma garota de Tempest Cove consegue dormir em um castelo. Eu apenas pensei que seria um pouco mais movimentado do que isso. É isso que ganho por assistir *Annie* tantas vezes.

Depois que Nell colocou a Sra. Blackthorne para dormir mais cedo, realmente não havia muito o que fazer, além de sentar naquele quarto perturbador cheio de bonecas, até que Nell sugeriu que eu fosse pegar algo para comer. Meio deprimente, realmente. Nell ficava sentada com seu telefone, fumando cigarros na varanda a maior parte do tempo, enquanto a Sra. Blackthorne estava desmaiada a tarde toda. Não posso dizer que teria energia para fazer muita coisa, se essa fosse minha vida.

Enfio outra garfada na boca, concentrando-me no gosto da coisa verde acebolada misturada com o sabor suculento do frango. Para uma garota que cresceu comendo frutos do mar e carne enlatada a maior parte da vida, tenho um paladar bastante exigente. Comida gourmet é algo novo para mim. Algo com que terei que me acostumar enquanto morar aqui.

Um movimento ao meu redor chama minha atenção, lentamente viro a cabeça para onde uma figura enorme está sentada de lado, me observando. Um animal negro e bestial que se parece com um filhote de cachorro e cavalo sentado em suas ancas, olhando para mim. Sua cabeça está no nível da minha. O que significa que poderia se inclinar e mastigar meu rosto, se quisesse.

Um monstro.

Meus músculos ficam rígidos. Minha mandíbula está tensa.

Lentamente, para não colocá-lo em modo de ataque, procuro em volta por um mestre, qualquer um que possa reivindicar a propriedade desta coisa, mas somos só eu e a besta.

Encarando um ao outro.

“Hum. Oi."

Sua orelha se contorce conforme ele desliza o olhar em direção ao meu prato. Um longo fio de baba cai de sua boca e só quando eu levanto o garfo o animal desvia o olhar para mim, embora apenas por um ou dois segundos, antes de voltar a atenção para a minha comida.

Pelo menos tenho frango suficiente no meu prato para me dar alguns minutos para chegar até a porta, antes que ele possa me rasgar e fazer sua próxima refeição.

“Você... hum. Gosta de frango?” Para não chamar muita atenção, coloco a mão no colo para pegar o guardanapo e mais

baba escorre da boca do cachorro. Um olhar para baixo mostra uma pequena poça dela no chão na frente de sua enorme pata. Jesus. Como a pata de um leão.

Com toda a sutileza que posso reunir, dado o tremor que percorre meu corpo, coloco o guardanapo na mesa, sem me preocupar em olhar para onde, e dou tapinhas até que meus dedos tocam a carne molhada em meu prato.

“Vamos apenas... ver se isso vai me dar algum tempo. OK?"

Meus músculos saltam por instinto, e jogo o frango para o cachorro, que solta um bufo ao pegá-lo no ar. Nem um segundo depois, ele se endireita novamente, a língua passando por sua papada, os olhos fixos no meu prato.

"Você ao menos provou isso?" Eu poderia pousar o prato e correr, ou deixá-lo sobre a mesa e torcer para que a luta para chegar até ele me dê mais tempo. Não parece que vai me dar muito, considerando que esta besta apenas engoliu um pedaço como se fosse ar.

O garfo tilinta na porcelana quando coloco o prato no chão, notando a atenção inabalável do cachorro olhando para a comida assim que ela é colocada diante dele. Ele não faz nenhum movimento, no entanto. Apenas um rápido olhar para mim quebra sua concentração antes que ele volte a olhar para a comida.

Como se ele estivesse esperando por algo.

Aproveito a oportunidade para escorregar da cadeira, me levantando. Mesmo assim, o cachorro não vai atrás do prato de frango gourmet que acabei de oferecer. Esperando que isso me dê alguns segundos extras, volto lenta e tranquilamente em direção à outra extremidade da mesa de jantar.

Um fio interminável de baba pende da boca do cachorro como um cabo cintilante, mas, por algum motivo, ele não vai. Tocar. A comida.

"O que diabos você está esperando? Coma!"

Assim que as palavras passam pelos meus lábios, o cachorro se lança para o prato como se estivesse com pressa, seu corpo pronto para correr assim que cada pedaço de frango acabar. Pegando a deixa, giro nos calcanhares e corro para fora da sala e pelo corredor.

A escuridão circundante esconde o caminho à frente e, por um momento, perdi o rumo nesta casa. Momentaneamente sem cérebro com medo pulsando em minhas veias — não é uma boa combinação.

A qualquer segundo agora, aquela besta virá arando pela área de jantar, procurando por mim. Por que diabos eles o deixariam passear sozinho?

Eu procuro nas paredes obscuras por algo familiar para ajudar a me levar de volta ao meu quarto, e quando ouso olhar para trás, vejo o cachorro correndo direto para mim.

"Oh meu Deus!" O ar murcha em meu peito enquanto forço velocidade nas minhas pernas, e quando olho para trás novamente, a maldita besta já se aproximou de mim, nas quatro patas.

Ele vai me mutilar bem aqui neste corredor.

O pessoal vai voltar amanhã de manhã para encontrar meu corpo metade comido por um monstro.

Tia Midge estava certa. Isso foi estúpido. Tão estúpido que dói.

Uma força inflexível me atinge de lado e algo agarra meus ombros. Um grito sai do meu peito quando a dor do golpe se instala em meus ossos, e eu olho para cima para ver um peito enorme com uma leve cobertura de cabelo escuro atrás dos poucos fechos desabotoados de uma camisa preta. Ombros largos

esticam o tecido que se agarra firmemente aos bíceps enormes que estão agrupados em cada lado de mim, enquanto os dedos cavam em meus braços. Uma mandíbula esculpida, polvilhada por barba por fazer, tem cicatrizes e cortes horríveis, as linhas finas de pele contraída espalhando-se a partir de cada ferimento.

Ele me solta e dou um passo para trás, meu corpo inteiro tremendo enquanto olho para os olhos âmbar, que estão estreitados em uma expressão regiamente irritada que contorce a metade mutilada do seu rosto. Horripilante de se olhar, mas longe da aparência monstruosa que ouvi outros descreverem. Pessoalmente, acho que ele é meio bonito, de uma forma rude e nervosa, mas vou guardar isso para mim. Em questão de segundos, meus olhos absorvem tantos detalhes quanto podem captar.

A metade impecável de seu rosto dá uma ideia de como ele pode ter sido um dia — pele de tons vivos, cabelo castanho escuro que tem um apelo levemente despenteado, a simetria perfeita implorando para ser capturada por um lápis de carvão afiado, enquanto a outra metade está arruinada pelas cicatrizes pelas quais ele é conhecido.

As sombras escondem muito do que eu imagino ser difícil de olhar na luz forte, mas aqueles olhos praticamente brilham com malícia quando ele me encara de volta.

Não olhe fixamente. Merda!

"Eu... sinto muito. Eu não queria... estava a

penas..." *O cachorro. Cristo, o cachorro!* Eu me afasto do homem para encontrar o cachorro sentado em posição de sentido atrás de mim, a língua pendurada para o lado, o rabo abanando.

Como se o bastardo estivesse *brincando* comigo?

Voltando minha atenção para o homem, sem dúvida Lucian Blackthorne, cuja estatura e tamanho me fazem sentir pequena e

insignificante, abaixo meu olhar para suas mãos, a direita mutilada por menos cicatrizes que seu rosto. Fortes, com dedos longos e um mapa de veias que se estende até os antebraços, elas parecem bem projetadas para estrangulamento, se ele quiser. "Ele me perseguiu."

"Você corre. Ele persegue. Isso é o que os cães fazem." Sua voz é um som profundo e rico que praticamente vibra no ar. Tranquilo e imaculado, não combina com suas cicatrizes. É um som que zumbe em meu peito, o tipo de timbre hipnótico que permanece no ouvido depois que é falado.

"Não percebi que estava em uma brincadeira."

"Você é a nova garota." Não é uma pergunta, porque é aparentemente óbvio, e ele diz isso como se tivesse acabado de provar algo azedo e amargo e estivesse querendo cuspir. Apesar de estar na folha de pagamento dele, ganhando mais dinheiro aqui do que qualquer um dos bicos que encontraria no centro, ele nem sabe meu nome. Imagine isso. Um lugar nesta cidade onde alguém está com nojo de mim como pessoa e não simplesmente porque sou filha de Jenny Quinn.

"Sim. Eu sou Isa. Ou Izzy. O que você preferir."

"Eu *prefiro* que você observe para onde está indo."

"É preciso dois para colidir." É um péssimo hábito responder. Um que me colocou em problemas mais vezes do que gostaria de admitir, mas também é completamente reflexo. Eu não posso evitar as coisas que saem da minha boca às vezes, e é uma merda, porque ele obviamente passou por algumas coisas. Eu sei por experiência própria como coisas como rejeição e ridicularização podem transformar alguém em uma parede de pedra do tipo *Afaste-se.* "Quero dizer, você poderia facilmente ter se afastado quando me viu chegando."

"Espertinha?" Inclinando-se para frente apenas o suficiente para que eu possa sentir o calor de sua frustração rolando por sua pele, posso praticamente sentir o gosto da colônia deliciosa que ele está usando, ele perfura aqueles olhos de fogo em mim como se fossem raios laser disparando de suas órbitas. “Você descobrirá que a melhor maneira de permanecer empregada nesta casa é ficando do meu lado bom.”

Eu literalmente tenho que morder meus lábios para não perguntar qual metade ele considera seu lado bom. Mais uma vez, reflexiva, provocada por anos de tormento nas mãos dos meus colegas idiotas, quando fui forçada a me manter firme ou engolir a porcaria deles.

Este trabalho significa muito para mim. Minha liberdade. Minha independência. E estou sozinha estragando esta primeira reunião, então responder com, “Minhas desculpas”, requer uma espécie de autocontrole mordaz que eu ainda não dominei.

“Suas botas são barulhentas e desajeitadas. Eu posso ouvi-las por todo o caminho na ala leste. Encontre um par diferente, se você insiste em correr pelos corredores.”

“Estes são os únicos sapatos que trouxe comigo.” Com os olhos fixos nos dele, levanto minha perna, dobrando meu joelho enquanto fico em um pé, saltando para manter o equilíbrio enquanto tiro a bota e a coloco no chão ao meu lado. O mesmo acontece com a outra. "Mais alguma coisa sobre o meu traje que você não gosta?"

O queixo inclinado em um ângulo condescendente, ele abaixa o olhar e um sorriso de escárnio puxa seus lábios arruinados. "Talvez uma calça que não faça você parecer que estava brigando com um lobo."

Esse cara é uma coisa.

"Você gostaria que eu removesse isso também?" Mordendo minha língua mais uma vez, coloco meus dedos nos botões do meu jeans em zombaria, como se fosse tirá-lo, e pego um lampejo de algo em seus olhos. Diversão, talvez? Um desafio?

Ignorando minha pergunta, ele passa por mim, como se já estivesse entediado com nossa troca, e estala os dedos. "Sampson."

O cachorro segue atrás dele, pelo corredor.

Há uma arrogância régia na maneira como ele anda, o caminhar fácil de um homem poderoso que não dá a mínima para uma palhaça Townie local que usa botas de pesca como sapatos.

Eu me afasto em direção ao meu caminho novamente e exalo uma respiração instável. Nunca conheci um ser humano tão intenso em minha vida. Como se o próprio ar estalasse ao redor dele, ameaçando me atingir. O que provavelmente teria parecido melhor do que a atitude de mosca que tomei em vez disso. Como se eu não fosse nada no dia desse cara, além do incômodo que não olhava para onde estava indo.

Todo esse tempo, dei a ele algum crédito, o benefício da dúvida e tudo mais.

Acaba que o Diabo de Bonesalt é realmente um idiota.

~

Leve suporte físico, principalmente emocional, mando para tia Midge, quando ela perguntou o que havia de errado com Lady Blackthorne para que ela precisasse de companhia. *Ela provavelmente está sozinha após a morte do marido.*

Se eu contar a ela a verdade, que a família inteira é maluca pra caralho, ou mal-humorada pra caralho, ela não só vai me dizer que estava certa, mas será passado pelo The Shoal na próxima semana como uma cesta de doações na igreja, todos adicionando sua versão da história. Recuso-me a dar a esta cidade mais fofocas para devorar.

Bem, tenho certeza que ela encontrará uma boa fonte de entretenimento para você. Como é seu quarto? Eles te trancaram em uma torre?

Levanto meu olhar para o cômodo que fui designada e, assim como da primeira vez, meus olhos mal conseguem absorver a magia de tudo isso. Janelas altas com cortinas grossas e pretas permitem a entrada de luz da lua. A cama e a penteadeira são pesadas, mas de madeira escura ornamentada, que acho que levaria meia dúzia de homens para mover. As roupas de cama e banho são de veludo cinza e preto, com apenas um toque de branco nos lençóis. Um lustre de cristal preto está pendurado no centro do quarto, dando-lhe um apelo gótico vitoriano. Apesar do frio incessante que paira no ar, o quarto é aconchegante e a lareira na minha frente estala enquanto queima.

Talvez a única coisa que eu mudasse seria remover a boneca assustadora que está apoiada na mesinha de cabeceira ao lado da minha cama. Uma da Laura, aposto. Cabelo loiro comprido e olhos azuis dificilmente prejudicam o ângulo severo de sua sobrancelha e o sorriso malicioso esticando seus lábios, como se pudesse ganhar vida enquanto eu durmo. Fora isso, o quarto é de alguma forma adequado para mim.

Como um conto de fadas, respondo.

Sim, bem. Os contos de fadas são apenas isso. Contos. Não fique muito presa a isso.

Como se eu ficasse. Tente não se divertir muito enquanto eu estiver fora.

No tempo que a tia Midge leva para responder, o que é três vezes mais longo do que eu, ouço uma batida na porta e quase deixo cair meu telefone no chão.

Saindo da cama, digito de volta, *Conversamos mais tarde. Te amo.*

O chão range enquanto atravesso o quarto e abro a porta para encontrar uma mulher com pele bronzeada escura, mais ou menos da mesma idade de Nell, embora um pouco menos sombria e bastante atraente. O cabelo preto sedoso está puxado em um coque apertado que fica atrás de sua cabeça, e batom vermelho brilhante adiciona um toque de cor.

“Olá, sou Giulia. Você deve ser Isa.” A primeira pessoa além de Rand que realmente sabe meu nome. “Estou alguns quartos abaixo. Só pensei em parar e dizer oi.” O vestido trespassado cinza com gola e punhos brancos, e um avental branco amarrado na frente, é uma indicação inabalável de que ela é arrumadeira.

“Pensei que todos os funcionários deste lugar saíssem para o dia.”

“Os Blackthornes me mantêm durante a noite. Só por precaução. Mas eu sou a única, além da enfermeira. E você, ao que parece.” Ela espia atrás de mim, como se tentasse ver dentro do quarto. "Posso entrar?"

"Claro." Ela provavelmente esteve aqui para limpar em algum momento, de qualquer maneira. Quem sou eu para dizer a ela que não pode entrar?

Parando no meio do quarto, ela inclina a cabeça para trás, como se estivesse absorvendo algo no ar, e quando se vira para me encarar, há um leve sorriso em seus lábios. “Lindo, não é? Nunca, em um milhão de anos, pensei que alguém com meus antecedentes iria acabar morando em um castelo perto do oceano.”

"Seus antecedentes?"

"Pobre. Eu morava nas ruas. Minha filha e eu."

"Ela mora aqui com você?"

"Não. Não acho que este seja um lugar para crianças. Ela fica em um colégio interno agora." Acenando em direção à lareira e de volta, ela pergunta, "Você está confortável aqui?"

"Sim. Está um pouco frio, mas fora isso, estou bem."

"Este era o antigo quarto de Amelia."

Meu entusiasmo por este lugar murcha como um balão. O longo e prolongado guincho de um balão.

Dos muitos quartos ao longo deste castelo, por que diabos eles me colocariam no da esposa morta?

"Eu não sabia."

Ela olha por cima do ombro para aquela boneca de porcelana de aparência assustadora. "Aqui, vou colocar isso no armário para você."

"Obrigada. Estava meio que me dando arrepios."

"Costumava dar arrepios a Roark também. Ele se recusava a entrar aqui."

"Você conheceu os dois? Pessoalmente?"

"Oh, sim, mas não muito. Amelia morreu poucas semanas depois de eu começar. Tão triste, o que aconteceu com eles."

"Espere... então eles sabem o que aconteceu com Roark? Quero dizer, eu pensei que ele estivesse desaparecido? Se você não se importa que eu pergunte?"

O sorriso em seu rosto é vazio, como se ela o estivesse segurando apenas para ser educada, enquanto seus olhos me

estudam. Talvez ela esteja avaliando se deve ou não dizer alguma coisa. Perguntando-se se vou pegar a informação e espalhar por Tempest Cove, como tia Midge faria.

“Você não tem que me dizer. Tudo bem."

“Não cabe a mim. Mas você cuida da Sra. Blackthorne, certo? Talvez ela lhe diga.”

A mulher que pensa que seu neto possivelmente morto está vivo? Certo. “Não é importante para mim saber.”

"Você conheceu Lucian?"

Estou começando a achar que todo mundo fica me perguntando sobre ele para ver o que penso dele, como se fosse uma espécie de quebra de contrato para mim. Diabo, ou não, ele não vai me assustar deste trabalho. "Eu conheci. Ele é... bem intenso.”

"Sim. Muito. Mas não tanto, uma vez que você o conhece.”

“Não acho que ele goste muito de mim.”

“Ele não é uma pessoa sociável. Supondo que você fique, ele vai se aquecer eventualmente."

Aquecer? Não consigo imaginar isso. Achei a personalidade do cara frígida o suficiente para reabastecer as calotas polares. “Parece que não esperam que eu fique muito tempo.”

Com um suspiro, ela olha ao redor do meu quarto novamente. “Este lugar não é para todos. Alguns acham isso deprimente. Melancólico. Talvez até um pouco assustador, às vezes. É uma questão de perspectiva, suponho. Pode ser um lugar tranquilo para alguns. E deixa os outros absolutamente loucos.”

"Você acha isso pacífico, então?"

"Com certeza. É como se estivesse... sentada em um cemitério. Estar cercado pela morte pode tanto fazer você se sentir

incrivelmente vulnerável e sozinha, ou pode torná-la grata por estar viva."

A personalidade de Giulia é uma que não consigo identificar em nosso primeiro encontro. Uma parte de mim aprecia sua perspectiva, pois sempre tive uma espécie de predileção pelo macabro. Uma rosa morta rachada. Uma teia de aranha na luz da manhã. Até um cemitério. No entanto, acho seu comportamento quase estranhamente não genuíno, ao contrário de Nell. É como se ela estivesse escondendo algo.

"Eu conheci Sampson, também," digo a ela.

"Oh, ele é um grande amor. Parece assustador, mas um querido."

"Assustador, com certeza. Ele parece poder devorar uma pessoa em menos de um minuto."

"Minuto e trinta, na verdade."

"Perdão?"

Sua cabeça cai para trás em uma risada silenciosa, e até mesmo isso me parece um tanto falso. "Estou brincando. Eu só o vi perseguindo um invasor ocasional. Nós os pegamos com mais frequência do que não. Gente que gosta de desenterrar sujeira dos Blackthornes. É problemático, a maneira como as pessoas se comportam, às vezes."

"Concordo. Minha pergunta sobre Roark foi apenas curiosidade. Nada mais." Meu olhar cai para a cruz brilhante em volta do pescoço.

"Eu não pensei nada de ruim nisso. Acabei me acostumando a não falar com ninguém sobre isso."

"Tenho certeza que você teve um monte de gente bisbilhotando. Eu prometo que não sou uma delas."

"Bom. Além disso, devo informá-la de que este lugar pode ser bastante perturbador à noite, às vezes." Ela pega sua cruz no que talvez seja um gesto sem pensar, puxando-a para frente e para trás ao longo de sua delicada corrente. "Acho que é o vento soprando do penhasco, mas pode soar como alguém chorando. Assustou-me nas primeiras noites."

"Bom saber."

"Bom, vou deixar você se acomodar. Se precisar de alguma coisa, é só gritar."

"Ou posso simplesmente bater na porta."

"Eu não responderei se você fizer. Apenas grite. Vou ouvir você pela ventilação."

"OK. Eu farei isso."

"Ah, e você pode querer trancar a porta à noite."

CAPÍTULO 7

LUCIAN

Dezesseis anos atrás...

Meu pai volta para casa hoje. Com a saída de Jude, no caminho de volta para a escola, não há nada que me distraia desse pensamento. Soltando um suspiro exasperado, eu fixo meu olhar em direção ao teto alto do meu quarto. Adornado com deuses da guerra, não há um centímetro dele que não seja pintado com homens em armaduras, lutando em sangue e batalha. De alguma forma, meus pais pensaram que olhar para ele noite após noite me transformaria em um adolescente complacente e obediente.

O desastre com o extintor de incêndio à parte, o retorno ao lar com meu pai nunca é algo que eu anseio, mas este aqui promete ser excepcionalmente ruim, pelo que entendo, as negociações não correram como ele esperava. O que significa que seu mau humor vai permear todos os cantos deste castelo antes que a noite acabe. Vou levar a pior, como de costume, mas todos os outros também.

Talvez até Solange.

Com o flash de seus seios, fecho meus olhos e corro a mão pelo rosto. Depois de passar a noite inteira lutando contra o caso mais horrível de bolas azuis que já senti, agora serei forçado a conter a ereção furiosa que ela incitou mais uma vez.

Uma batida na porta enrijece meus músculos. Certamente, meu pai ainda não chegou em casa.

Eu levanto a cabeça, esperando para ver se ele vai bater a porta aberta xingando meu nome, como da última vez que tive problemas.

Outra batida chega, em vez disso.

Provavelmente não é nenhum dos meus pais, uma vez que minha mãe já teria aberto seu caminho agora.

"Sim?"

Em vez de uma resposta, recebo outra batida na porta.

Gemendo de frustração, pulo da cama e, com passos rápidos pelo quarto, abro a porta.

Solange está parada fora do meu quarto. "Perdoe minha intrusão." Sua voz é como um veneno intoxicante feito para uma morte lenta. "Posso entrar?"

Depois de uma rápida olhada ao redor, eu me afasto, permitindo sua entrada.

“Tenho que admitir, de todos os quartos que vi, até agora, este é o meu favorito.” Ela aponta para o teto e sorri. "Nada mais sexy do que deuses em batalha."

"O que você quer?"

“Você me decepcionou na outra noite. Eu fui um pouco... como você diz... *humilhada.*"

"O que você esperava, depois de transar com meu amigo na minha frente?"

"Você gostou do sabor da minha boceta?"

Colocando uma mão no meu quadril, esfrego minha mandíbula com a outra para não agarrar meu pau tenso na frente dela. "Nada que eu não tenha provado antes."

A diversão pisca em seus olhos enquanto ela lambe os lábios, e seu olhar mergulha em direção onde minha virilha deve estar parecendo que estou contrabandeando bolas de tênis. "Eu tenho um segredo, jovem mestre." Ela, de alguma forma consegue dar uma caminhada lenta e fácil de volta para a minha cama e passa a ponta dos dedos sobre o edredom quando para ao lado dele. Com os olhos fixos nos meus, ela se ajoelha e estende a mão para debaixo da cama, um sorriso levantando o canto de seus lábios enquanto ela puxa algo de baixo e se levanta. "O que sua mãe pensaria disso?"

Franzindo a testa, me concentro no que ela está segurando na minha frente. Pornô, baseado na capa da revista que mostra um casal transando, mas não é uma pornografia qualquer. Os dois estão vestidos de couro e a mulher está amarrada. A expressão no rosto dela, contorcida de medo, faz com que pareça estupro.

"Isso não é meu."

"Claro, claro."

"Estou falando sério. Eu nunca vi isso antes." Jesus Cristo, se isso for uma pegadinha do Jude, ele é um homem morto na próxima vez que o vir. Minha mãe teria um ataque cardíaco se colocasse as mãos nisso.

Em uma caminhada lenta de volta em minha direção, Solange não abaixa a revista da minha vista. "A questão é, você gosta do que vê?"

Eu não respondo isso. Claro que gosto do que vejo. Qualquer cara que diz que não tem fantasias sobre sexo forçado de vez em quando é um mentiroso do caralho.

Eu iria agir nisso, entretanto? Não, não sou estuprador.

"Você gostaria de fazer isso, diga... *comigo*?"

"Eu já te disse. Eu não faço depois..."

Ela coloca a mão sobre a minha boca, ela tem sorte de eu já estar em problemas com meu pai, ou ela se arrependeria de colocar a mão em mim. Ninguém me toca sem pedir.

Eu arranco seus dedos dos meus lábios e jogo sua mão para provar esse ponto.

"Quero que você me encontre na caverna esta noite. Quero te mostrar algo."

Essa garota é implacável. Ela deve ser dez anos mais velha do que eu, pelo menos. O que diabos ela quer comigo?

"Tenho certeza que vou ficar de castigo."

"Oh, pobre bebê." Testando meus limites novamente, ela coloca a palma da mão no meu peito. "Eles trancam seu berço à noite, para que você não possa rastejar para fora?" Sem nem mesmo me dar a chance de fazer um comentário espertinho, ela se inclina para mim. "Eu queria te mostrar um truque."

"Que tipo de truque?"

Algo roça a cabeça do meu pau por entre a calça e meu estômago dá um nó. Minha mãe pode entrar pela porta a qualquer segundo, e essa mulher não parece se importar. "Você terá que *vir,* se quiser descobrir."

Pressionando a revista em meu peito, ela guia minha mão para pegá-la dela.

"Um presente meu", ela sussurra e passa por mim. "Aproveite."

~

UMA dor latejante cresce atrás da órbita do meu olho, coloco uma bolsa de gelo lá para anestesiar a dor enquanto me sento em uma pedra dentro da caverna. Um soco no olho não significa nada para mim. Além de crescer com um bastardo violento como pai, entrei em mais brigas do que posso contar na escola. Este é apenas mais uma lasca contra o meu autocontrole cada vez menor. A verdade é que, mesmo que Solange não me convidasse para vir aqui, eu teria acabado aqui eventualmente. É para onde vou quando preciso escapar da picada. Minha mãe convenientemente já havia engolido seu Valium antes que ele chegasse em casa. Não que ela teria o impedido. Claro, ela teria protestado, como qualquer mãe, mas ela não é estúpida. Griffin Blackthorne teria alegremente distribuído a mesma punição para ela, então é melhor que ela não se metesse no meio de tudo. O idiota nem parecia bravo com o extintor de incêndio, então suponho que apenas servi como um saco de pancadas para suas frustrações por causa de um negócio fracassado.

O segundo nos últimos meses, o que significa que o velho está perdendo o controle.

As sombras na entrada da caverna chamam minha atenção para onde uma forma ágil está na entrada. Atrevo-me a dizer que ela é uma visão bem-vinda agora, enquanto eu solenemente cuido das feridas que acabarão por me deixar com um olho roxo. Eu abaixo a bolsa de gelo, confirmando que ainda não consigo ver com meu olho esquerdo, ela corre em minha direção, caindo de joelhos diante da pedra.

"*Mon bébé*! Meu doce menino, o que aconteceu com você?" As pontas dos seus dedos roçam o hematoma e até mesmo a menor pressão intensifica a dor.

Doce menino? Ela mal me conhece.

"Estou bem." Empurrando sua mão de lado, vejo o beicinho de seus lábios, contando sobre sua decepção.

"Não pensei que você viria."

"Eu não vim por você."

"Você não se sente atraído por mim?"

"O que isso importa? Você é muito velha para mim."

Seus olhos vacilam com isso, como se eu a tivesse esbofeteado. "Velha", ela ecoa e se levanta. "Posso mostrar o truque agora, jovem mestre?"

"Faça como quiser." A rejeição em meu tom é o resultado da pulsação cada vez mais dolorida atrás do meu globo ocular. O que eu não daria por um pouco de erva para ajudar a entorpecer a desgraça.

Como se sentisse isso, ela engancha o dedo sob meu queixo, jogando minha cabeça para trás. "Você está com dor?"

"Eu disse que estou bem."

Alcançando sua camisa, ela puxa um frasco prata de entre seus seios. "Trouxe algo que pode ajudar."

Aceitando a bebida oferecida, abro a tampa e cheiro o que é sem dúvida bebida, mas doce, como o açúcar. "O que é?"

"Rum. Tome um pouco. Isso vai ajudar a tirar a dor."

Com uma fungada, jogo para trás o frasco em um longo gole. Uma queimadura desce pela minha garganta, aquecendo meu peito enquanto faz o seu caminho para o meu estômago. Inclino-me para trás novamente.

Solange ri e cai de joelhos diante de mim, encaixando-se entre minhas coxas. Passando as mãos nas minhas pernas, ela

sorri e lambe os lábios. “Pernas tão poderosas. Você pratica esportes?”

Por um segundo, seu rosto fica embaçado e eu pisco duas vezes para trazê-la de volta ao foco. “Lacrosse e natação.” A calúnia em minhas palavras é inesperada e, com uma carranca, pego o frasco novamente. "Você mistura isso com algo?" Dois goles de bebida alcoólica dificilmente me deixariam com uma sensação de tontura tão rápida. Na escola, Jude e eu tomamos doses de tequila quando jogávamos cartas, e eu ainda ganhava 80% das vezes.

Com um sorriso tortuoso, ela se inclina para frente e lambe a concha da minha orelha. "Sim", ela sussurra.

Meus músculos ficam fracos, relaxados, com aquele aconchego da lareira que me dá vontade de deitar em algum lugar. Eu nem mesmo percebo que deslizei pela rocha na areia até que Solange monta nas minhas coxas, levantando meus braços acima da minha cabeça enquanto remove minha camisa.

Eu deveria estar fazendo isso? O que está acontecendo?

Sem protestar, eu a deixo me despir, enquanto olho para o teto da caverna. Existem breves momentos de escuridão, como uma longa piscada. Uma sensação de frio. Depois, calor. Levanto a mão para esfregar os olhos, surpreso ao descobrir que já está levantada, e sigo o caminho do meu membro até um par de algemas que prendem meus pulsos em uma corda amarrada a um poste velho e enferrujado que costumava ser uma placa de '*Perigo Fique Fora'*. De alguma forma, ela resistiu a anos de maré alta, embora a placa real tenha aparecido há um tempo.

Piscada longa.

Meus músculos estremecem e estou olhando para a corda amarrada ao poste. Eu puxo, mas não cede.

Piscada longa.

Um espasmo me acorda. Algo frio faz cócegas em meus pés. Eu levanto a cabeça para encontrar a água espirrando em minhas pernas.

Subindo com a maré.

O pânico congela minhas veias. Puxo a corda novamente, sem sucesso.

Piscada longa.

O líquido gelado bate no meu rosto e eu ofego, me chutando para trás. A água subiu até meu peito, minhas pernas totalmente submersas. Empoleirado em uma pedra ao lado está um objeto preto que não entra imediatamente em foco até que eu aperte os olhos. É um pássaro. Um pássaro preto. Eu me concentro no globo ocular que falta. O pássaro que alvejei com Jude.

Seu crocitar ecoa pela caverna, um punho de sal e fúria se choca contra meu rosto com uma onda que se aproxima, chutando minha cabeça para o lado. O mar está agitado esta noite.

"Ajude-me!" Eu consigo gritar, o som da minha voz saltando dentro da caverna vazia. "Alguém AJUDE!"

O pássaro voa.

Piscada longa.

“Conte-me mais sobre natação.” Solange se ajoelha ao meu lado, olhando para mim, e o calor envolve meu pau exposto enquanto ela enrola a mão em torno dele. Para minha surpresa, é bom. Bom pra caralho. Quando ela abaixou minhas calças? Eu puxo a corda, mas apenas para alavancar, enquanto arqueio em seus golpes.

“A água... fica profunda.” Antes que eu possa terminar o pensamento, uma onda bate contra meu rosto novamente, balanço a cabeça, cheirando o sal que sobe em meus seios da face.

“Sua mãe me disse que você teve um acidente quando criança. Você quase se afogou.”

É verdade. Quando eu tinha três anos, caí na piscina. Felizmente, tínhamos vários funcionários e alguém conseguiu me puxar para fora antes que eu *oficialmente* chutasse o balde. Foi traumático o suficiente para me manter longe da água por anos, no entanto, até meu pai exigir que eu me juntasse à equipe de natação.

Terapia, ele chamou.

Pode ter ajudado meu medo de água, mas não ajudou meu medo de me afogar.

“A maré está forte. Temos que sair daqui.” Minha voz está fraca e eu sinto minha consciência diminuindo novamente, a escuridão nas periferias se aproximando.

"Nós vamos." Ela passa a mão na minha ereção habilmente. "Depois que você gozar."

“Eu não consigo. Estamos prestes a nos afogar.”

"Você já está na metade do caminho, pelo que sinto."

A água corre sobre minha cabeça, mal tenho a oportunidade de respirar enquanto me lava, puxando-me quando recua.

Ela acaricia mais rápido. "Goze para mim, Lucian."

Quero dizer a ela para se foder, para afastá-la, mas não posso. Estou muito preso à sensação de sua palma, a pressão precisa quando ela estala o punho.

“Se você recusar, vai se afogar. Aqui, nesta caverna.”

"Você também vai." Eu gemo, o som vibrando em meu peito, pontuado por pura felicidade enquanto a água fornece um deslizamento úmido. Frio, mas não gelado.

“Eu irei embora antes que fique muito profundo. Vou deixar você aqui para morrer.”

Ela é louca!

Outra onda bate sobre mim, esta levantando meu corpo da areia e puxando as amarras quando recua.

Tossindo os fluidos do meu peito, eu me preparo para outra onda.

Os golpes dela se aceleram.

Meu corpo endurece.

O sal queima enquanto inunda minhas narinas novamente, as ondas chegando mais rápido do que antes. Mais alta que a anterior.

Outra onda.

Meus gritos abafados sob a água batem em meus ouvidos, acima do estrondo abafado contra as rochas. Bolhas expelem o último suspiro, mas a sensação entre minhas coxas desvia minha atenção de todo o resto. Mais uma vez, a água é puxada para longe e eu sugo o máximo de ar que posso.

A próxima onda não recua desta vez.

Eu chuto contra sua mão pressionando minha coxa, enquanto a outra me leva ao orgasmo. A respiração que consegui puxar antes da onda dar um soco no meu peito se liberta. A busca desesperada por ar me deixa arqueado debaixo d'água. O pânico atinge o seu ápice. Meu corpo passa para a próxima fase. Afogamento. Eu vou ser o próximo garoto a se afogar nesta porra de caverna.

Mas de alguma forma, de *alguma* forma, eu não me importo, porque mesmo enquanto o oceano esfrega suas palmas para outro

sacrifício, eu ainda estou em sintonia com cada esfregada incrível do meu pau.

A tontura se instala sobre mim enquanto ela brinca com minhas bolas, e as sensações se chocam, o medo, o pânico, a excitação, apertando meus músculos, até que eu não tenho escolha a não ser deixar ir.

Mais bolhas são expelidas da minha boca, a luz bate atrás dos meus olhos e, por uma fração de segundo, me pergunto se estou morto.

A próxima coisa que sei é que estou sentado ereto, a água alcançando meu pescoço, meu corpo frio e trêmulo, da maneira que uma pessoa se sente antes de desmaiar. Tossindo e ofegando, eu me viro para o lado, enquanto a próxima onda esmurra meu rosto. Colocando seus braços sob os meus, Solange tropeça para frente, batendo em mim, mas eu chuto para trás e me coloco de pé. Ainda tossindo, os músculos relaxados de fraqueza, manco em direção à entrada, a água sobe até minhas coxas, enquanto contornamos a boca da caverna e subimos a encosta.

Uma vez elevado o suficiente, eu caio para trás contra a superfície rochosa externa e levanto, tentando recuperar o fôlego. É então que percebo que ainda estou completamente nu. Solange está inclinada para frente, com as mãos nos joelhos, e ri enquanto levanta seu olhar para o meu.

Eu quero estrangulá-la, mas o que quer que ela tenha me dado antes, além de quase ter morrido um segundo atrás, me deixou fraco. Tão fraco que não consigo nem lutar com ela quando dá um passo em minha direção, me prendendo contra a rocha.

"Diga-me que não foi a porra do melhor orgasmo que você já teve."

Eu gostaria de poder dizer a ela que não foi.

Gostaria de poder dizer que estive mais consumido pelo pânico de morrer do que pela possibilidade do clímax.

Gostaria de poder dizer que vadia louca ela é, e quando meus pais souberem do que acabou de acontecer, ela nunca mais trabalhará nesta ilha.

Gostaria de poder dizer a ela que foi, sem dúvida, a pior experiência do caralho que já tive na minha vida.

Gostaria de poder contar a ela todas essas coisas, mas não posso. Porque eu estaria mentindo descaradamente.

Algo despertou dentro de mim. No cruzamento do medo e do êxtase, descobri algo perigoso. Emocionante.

Inexplicável.

Lambendo os lábios, ela levanta a saia e empurra a calcinha para baixo. Pegando meu pau parcialmente flácido, ela arrasta minha ponta sobre sua fenda. Na próxima respiração, estou duro e dentro dela, e nos viro, então ela está contra a rocha e estou fodendo com ela.

Forte.

Seus gritos e gemidos ecoam ao meu redor, descendo pela minha espinha, e o clímax pulsa pelo meu corpo novamente.

Eu retardo minhas estocadas em uma respiração estremecida e descanso minha testa na curva de seu pescoço. "O que aconteceu comigo? Por que?"

“Em francês, a palavra para orgasmo é *la petite mort.* A pequena morte. Não é como a morte real, da qual você nunca mais volta. Ele dá uma nova vida. E outra. E outra. E outra." Ela passa a mão no meu cabelo e passa as unhas nas minhas costas, a sensação intensificando o arrepio que me percorre. “Deste ponto em diante, nada mais se comparará. Ninguém mais."

CAPÍTULO 8

ISADORA

Dias de hoje …

Os sons de gritos quebram o vazio, e com um suspiro na respiração, pulo de pé.

A escuridão me engole, confusão nublando minha cabeça enquanto procuro os arredores desconhecidos. Por uma fração de segundo, esqueço onde estou, mas com o lento gotejar da memória, eu me acomodo de volta nos travesseiros macios e exalo um suspiro trêmulo.

Passando a mão trêmula pela testa, tento me lembrar dos últimos minutos do meu sonho.

A sombra escura de um homem com olhos dourados intensos, parado sobre mim, olhando para mim.

Lucian?

Eu levanto a cabeça e encontro a porta do meu quarto aberta, a luz fraca do corredor cortando o chão. Fechei-a na noite anterior, mas não tranquei, como Giulia sugeriu.

Uma lasca fria de pânico ondula sobre minha pele novamente, e eu alcanço debaixo do travesseiro, meus dedos cutucando o metal frio de um canivete que enfiei lá antes de dormir. Por um tempo, guardá-lo sob o travesseiro foi uma tentativa de manter meu suporte escondido da tia Midge. Hoje em dia, é principalmente para meu próprio conforto.

Com os olhos fixos na porta aberta, retrocedo mentalmente para algum momento da noite em que, em sonhos, senti algo fazer cócegas em meu braço. A memória disso estimula uma sensação fantasma que me faz coçar no local, enquanto um arrepio percorre minha espinha.

Alguém estava no meu quarto?

Jogando minhas pernas na beirada da cama, sento-me ereta. Com passos leves, atravesso o quarto e empurro a porta fechada. Uma torção da fechadura se fecha e, por um breve momento, me pergunto se eu me tranquei com alguém. O pensamento permanece na minha mente enquanto corro pelo chão de madeira na direção da cama.

Quando algo bate no meu dedo do pé, eu paro, tropeçando para frente. “Ai! Merda!" Na escuridão cegante, eu levanto meu pé, colocando minha mão sobre a dor latejante, e toco ao redor para a lâmpada de cabeceira.

Encontrando a corrente, ligo, notando apenas um pouco de vermelhidão na ponta. Eu me contorço para ter certeza de que não está quebrado e suspiro, enquanto a onda pulsante começa a se acalmar.

Um objeto sob a mesa de cabeceira chama minha atenção para lá, uma diversão bem-vinda do meu dedo do pé latejante.

Eu me curvo para frente e deslizo meus dedos por baixo da elaborada madeira entalhada e tiro uma imagem. Virando-a de lado, examino a família, que está parada em um jardim colorido com uma fonte de pedra ao fundo. Uma mulher com cabelo loiro curto. Um garotinho com tufos loiros cor de areia, que está ao lado de Sampson, a fera que conheci antes. Mas meus olhos se demoram no homem. Ele é incrivelmente bonito. Olhos dourados e cabelo castanho escuro. Ombros largos que alongam a camisa polo casual que mostra bíceps tonificados. Seus lábios pressionados em uma linha dura.

Lucian.

Sem as cicatrizes.

É estranho vê-lo assim, como se estivesse olhando para uma memória proibida. Um momento esquecido no tempo.

Apesar do leve sorriso da mulher, o sorriso radiante do menino à beira da gargalhada, os olhos solenes de Lucian não combinam com a disposição alegre de todos os demais. A maneira como ele me encara pela imagem, é como se ele estivesse tentando dizer algo. Suplica ao seu observador desconhecido.

Pelos próximos dois minutos, estudo a imagem um pouco mais, correndo meu dedo sobre seu rosto perfeito, sua simetria perfeita, e me concentro na escuridão por trás daqueles olhos brilhantes. Eles podem ser de qualquer cor, e igualmente intensos, mas o ouro é adequado para ele. Exótico, quase. Sim é isso. Na imagem, ele se parece com um animal exótico que foi capturado como animal de estimação. Enjaulado.

Abro a gaveta da mesinha de cabeceira e coloco a imagem dentro do espaço vazio onde normalmente se encontra uma Bíblia.

Desligando a lâmpada, me cubro e viro o rosto para as janelas altas, além das quais a lua está alta. Os ventos uivam, exatamente como Giulia avisou antes, como sussurros furiosos da noite contra o vidro. A sensação de cócegas em meu braço retorna, enquanto fico coçando-o novamente. Mas a imagem permanece dentro da minha cabeça, distraindo-me da misteriosa corrente subterrânea neste quarto, este lugar assombrado onde Amelia dormiu uma vez. A visão do rosto dolorosamente bonito de Lucian agora arruinado por tudo o que aconteceu com ele, e eu me pergunto:

O *que* aconteceu com ele?

CAPÍTULO 9

LUCIAN

Dezesseis anos atrás...

Ondas perseguem minha mão enquanto mexo a água do banho e testo a temperatura. Apenas alguns anos atrás, eu não conseguia nem olhar para a água tão profunda sem que meu peito esfriasse e minhas mãos suassem. Isso foi antes de meu pai exigir que eu ingressasse na equipe de natação e, de alguma forma, minha natureza competitiva superou meus medos o suficiente para que eu ganhasse competições e ganhasse medalhas.

Mas então, o objetivo principal de Griffin Blackthorne nunca foi realmente ajudar-me a superar meus medos, por mais que eu gostaria de acreditar nisso.

O pai do meu colega de equipe era dono de uma das maiores redes de supermercados do país, com a qual meu pai acabou firmando uma parceria, e ele usava encontros ocasionais para falar de negócios, enquanto fingia me ver nadar.

Eu fecho meus olhos, relembrando os momentos na caverna com Solange, quando meu peito queimava por ar, meus músculos rígidos de medo e excitação. Eu me concentro na memória de sua mão deslizando para cima e para baixo em meu pau, e a maneira como meu corpo formigou com uma onda do que suponho deve ter sido adrenalina. Eu pensei sobre esses momentos várias vezes desde então.

Totalmente despido, entro na banheira, muito mais quente do que a água fria e salgada do oceano, e meu corpo endurece com a emoção do que está por vir. Bater punheta na água não é nenhuma novidade para mim. Já fiz isso várias vezes no chuveiro, mas nunca assim.

É como dar um grande *foda-se* para o meu medo e gozar enquanto faço isso.

Fecho as cortinas que circundam a enorme banheira circular, deixando apenas um raio de luz.

O calor me envolve enquanto me sento na água até que ela se fica em meus ombros, e faço algumas respirações diafragmáticas, dentro e fora, como fazíamos antes do treino. Acostumei-me a prender a respiração por longos períodos de tempo e, desta vez, pretendo fazer um bom uso dessa habilidade.

Escorrego para baixo da superfície da água, onde o mundo é silenciado e estou sozinho, e olho para as constelações distorcidas pintadas no teto circular que reflete o diâmetro da banheira. Meu próprio mundo escuro.

Os golpes começam leves e provocantes. Desta vez, pretendo prolongar. Maximizar o clímax. Não demora muito para minhas bolas apertarem, enquanto a primeira onda de adrenalina pulsa por mim.

Porra, sim.

Eu imagino Solange montando em mim, me segurando debaixo d'água enquanto ela monta em meu pau. Cada músculo fica rígido, a queimação dentro do meu peito se intensificando. Posso praticamente sentir os minúsculos choques elétricos dentro do meu cérebro, os sinais de alerta exigindo que eu tome um gole de ar.

Eu não tomo.

O sangue corre para o meu pau enquanto acaricio forte, a água furiosa e agitada, ecoando o caos dentro do meu corpo agora. Visão de túnel se instala. Estou me preparando para desmaiar.

Eu preciso de ar. Cada célula do meu corpo está desesperada pelo oxigênio que retenho intencionalmente.

Os músculos ficam mais tensos. Mais apertados. Tão apertados. Eu arqueio com o clímax iminente, o ar frio onde minha virilha sobressai da água enquanto continuo a bombear minha ereção escorregadia.

Um flash de luz atrás dos meus olhos bate ao mesmo tempo que uma explosão de calor corre pelo meu corpo e jatos de fluido quente pulsam da cabeça do meu pau.

Eu pulo de pé com uma respiração ofegante. Não consigo respirar o suficiente e me inclino sobre a borda da banheira, cravando as unhas nos ladrilhos frios. Por meio de respirações rápidas e superficiais, meu corpo faz o possível para encher meus pulmões, até que cada inspiração não seja mais difícil, mas longa e fácil.

Não sobrou um grama de força em mim. Estou tão relaxado agora que não consigo nem imaginar me mover deste lugar. Uma risada escapa enquanto deito com a cabeça pressionada contra os ladrilhos.

Solange estava certa.

Nada vai se comparar agora.

CAPÍTULO 10

ISADORA

Dias de hoje …

Calor cai em meu rosto, a luz intensa perfurando o vazio. Eu franzo a testa e protejo meus olhos, afastando-me da janela aberta através da qual a luz do sol entra. O relógio ao meu lado marca dez para as sete, e gemo com a pequena falta de sono, mas não me sinto exausta, como normalmente me sinto quando acordo em casa. Meu pescoço não está rígido, nem minhas costas são do jeito que às vezes ficam depois de dormir no colchão de papelão na casa da tia Midge.

Eu sinto que dormi nas nuvens a noite toda.

Bocejando e me espreguiçando, me viro na cama e desligo o alarme, que ainda não tocou. Não consigo me lembrar da última vez em que me senti tão relaxada ao acordar. Provavelmente a vez em que escorreguei no cais e caí no ombro. O médico deu a tia Midge alguns Tylenols pesados que me nocauteou por algumas horas e, quando acordei, parecia que havia dormido por dias.

Eu saio da cama e pego roupas limpas, em seguida, vou para o banheiro. Depois de me fechar, ligo a água do chuveiro, deixando-a aquecer enquanto escovo os dentes e passo o fio dental. De pé diante do espelho, cruzo os braços para levantar minha camisa sobre a cabeça, jogando-a no chão ao meu lado. Talvez seja a luz do banheiro, mas as cicatrizes em meus antebraços parecem se destacar ainda mais do que antes. Linhas finas, minúsculas, espaçadas desigualmente, onde passei meses

me cortando. Claro, isso foi depois do que aconteceu. Eu não teria recorrido a este nível de automutilação antes disso. Talvez um corte ocasional de vez em quando, apenas para aliviar a pressão quando as coisas ficavam estressantes na escola, mas nada assim.

Estamos apenas nos divertindo um pouco.

Você é tão bonita.

Eu fecho meus olhos nas mentiras espontâneas reverberando na minha cabeça. *Não, não, não. Agora não.*

Ninguém vai saber.

Imagens piscam em meu cérebro enquanto minha mente luta por alguma distração.

Com os dentes cerrados, balanço a cabeça e a voz das minhas memórias se transforma no zumbido constante da água que derrama do chuveiro. O vapor rola sobre a porta de vidro e eu entro, deixando o calor da água me levar para o visual da foto que vi na noite anterior.

Lucian.

Eu não conseguia parar de pensar nisso. *Nele.* O que eu imaginava que ele fosse antes, não o idiota que conheci no corredor. Embora talvez ele sempre tenha sido assim. Ele certamente não parecia feliz na foto. Na verdade, ele parecia muito *in*feliz.

Quase assustador. Como se ele estivesse implorando para ser libertado.

Eu me lavo e seco rapidamente, e não me preocupo em prender ou arrumar meu cabelo. Além do delineador ocasional, também não uso muita maquiagem. Minha pele bronzeada supostamente vem do meu pai, embora eu não saiba como ele era. Mamãe nunca tirou fotos dele, nunca falou sobre ele, e nem

tia Midge. Sempre que perguntei sobre ele, obtive uma resposta curta e doce, e uma mudança de assunto ainda mais rápida.

Nunca fez sentido para mim que minha mãe pudesse odiá-lo tanto, que mesmo depois de sua morte, depois que ele não estava mais por perto para enojá-la, ela ainda não pudesse dizer uma coisa boa sobre o homem, mas essa é Jenny Quinn. A mulher mais rancorosa, superficial e egoísta que já conheci.

Corro para me vestir, então desço para tomar uma xícara de café e algo leve. O café da manhã nunca foi realmente minha praia, então a comida glutona que encontro esperando por mim quando chego à sala de jantar é inesperada.

Jose, um chef diferente da noite anterior, puxa minha cadeira com um sorriso sexy esticando os lábios. Na verdade, ele nunca me disse seu nome, é apenas o que está gravado em seu uniforme e, quando me sento, ele dá uma piscadela antes de passar o dedo em minha bochecha.

Oh não.

Eu faço o meu melhor para corrigir meu rosto, então não pareço totalmente incomodada com o gesto, mas o cara me lembra o chefe de um cartel, com seu cabelo penteado para trás e bigode em formato de chevron. “Obrigada”, eu digo um pouco acima de um sussurro, enquanto ele sai com seu olhar fixo em mim o tempo todo. Tia Midge sempre disse que meu rosto era um ímã de problemas, atraindo o tipo de meninos maus cuja imaginação ficava confinada ao cérebro entre as coxas.

Palavras dela, não minhas.

Os rapazes sempre foram assim comigo, como lobos cujas intenções sempre parecem transparentes por trás de grandes sorrisos. Ou talvez eu só tenha ficado interessada em reconhecer isso recentemente. Infelizmente para Jose, ou qualquer que seja o nome dele, não sou tão ingênua quanto Chapeuzinho Vermelho,

então mesmo o café francês perfeitamente preparado diante de mim não vai ganhar o tipo de atenção que ele aparentemente está procurando.

Esperando até que ele suma de vista, pego um pão dinamarquês da miscelânea de comida e empurro o grande prato de ovos, bacon e torradas, com uma pilha de panquecas para o lado.

Quem diabos poderia comer tanto de uma vez? Se eu fosse tia Midge, estaria enfiando-o em um dos muitos sacos Ziploc de plástico que ela costuma guardar na bolsa, como nas poucas ocasiões em que vamos a um restaurante. Um hábito pelo qual ela é conhecida em Tempest Cove. Tanto que as garçonetes de um restaurante costumam deixar uma sacola para ela na mesa.

Quando termino meu café, Giulia entra na sala de jantar, revirando os olhos ao se aproximar.

“Parece que Jose encontrou um novo interesse amoroso. Terminou de comer?"

"Sim. Não acho que poderei comer tanto em uma semana.”

Balançando a cabeça, ela pega um pedaço de bacon, mastigando enquanto junta os muitos pratos. “A mãe dele aparentemente disse a ele que o caminho mais rápido para o coração de uma mulher é por meio de um café da manhã excessivo que uma pessoa não possa terminar.”

Com uma risada, eu a ajudo a juntar os pratos, observando-a espalhar a fruta e o iogurte no mesmo prato que os ovos e as panquecas. “É uma pena desperdiçar toda essa comida.”

“Os jantares são os piores. Você provavelmente poderia alimentar um vilarejo com os restos de comida. De onde eu venho? Haveria brigas para ver quem vai terminar.”

“Deve ter sido difícil viver nas ruas.”

“Os invernos eram os piores. Tinha que ficar em abrigos a maior parte do tempo, só para se aquecer. Mas Jackie era boa nisso.” Um leve sorriso ilumina seu rosto, e acho que ela está falando sobre sua filha. “Ela sempre acordava todas as manhãs e perguntava, *mamãe, que aventuras vamos viver hoje*?”

"Você deve sentir falta dela enquanto ela está na escola."

"Eu sinto. Mas... ela tem a vida que eu nunca tive. Ela vai ser importante algum dia. Respeitada. Blackthorne é um nome respeitado nesse tipo de lugar.”

Esses tipos de lugares significam qualquer lugar, menos Tempest Cove. Basicamente, em qualquer lugar as pessoas têm tanto dinheiro quanto os Blackthornes e não são cegadas por suas fofocas.

“Ei, eu acordei ontem à noite, minha porta estava entreaberta. Esqueci de trancar.”

“Eu não queria te preocupar. Apenas isso, às vezes Lucian é sonâmbulo. Neste lugar, pode ser enervante vê-lo passar pelo seu quarto. Ele parece um zumbi ou algo assim. Realmente fora.”

"Ele fica completamente fora de si, nessas horas?"

"Certa vez, chamei por ele, sem perceber que estava dormindo." Ela põe os pratos na bandeja que Jose deve ter usado para servir o café da manhã. “Ele se virou bem devagar e olhou para mim, como se estivesse tentando decidir o que fazer, então continuou pelo corredor. Mas a *maneira como* ele olhou para mim fez os cabelos da minha nuca se arrepiarem.”

"Isso soa como algo saído de *O Exorcista.*"

“Makaio acha que tem pesadelos, do tempo que passou naquele instituto psiquiátrico.” Ela balança a cabeça, acenando com a mão em rejeição. “Não que eu queira fofocar sobre isso. Esqueça o que eu disse. Sinto muito."

"Makaio, o grandalhão?"

"Guarda-costas de Lucian." As covinhas em sua bochecha, enquanto ela tenta esconder um sorriso, me dizem que ele é algo mais para ela, mas eu não me incomodo em me intrometer. "De qualquer forma, é melhor se você não atender a porta."

"E tranque-a." Eu aceno com a cabeça em direção aos pratos que ela empilhou na bandeja, a comida misturada em uma grande quantidade. "Você precisa de ajuda com isso?"

"Não. Provavelmente é melhor você não encontrar Jose na cozinha. Ele tende a ser melindroso."

"Ah. Sim, vou passar."

"Pego você mais tarde, então."

São quase oito e meia quando chego ao elevador, e espero que a Sra. Blackthorne dormiu o suficiente para não precisar de outra soneca hoje, porque a ideia de sentar na sala de bonecas, olhando para paredes, é o suficiente para querer arrancar meus olhos.

A porta do elevador se abre em Rand, que oferece apenas um meio sorriso ao sair. "Acredito que você tenha dormido bem?"

"Sim, obrigada. Melhor sono que tenho há algum tempo."

"Muito bom. E seu primeiro dia com a Sra. Blackthorne?"

"Sem intercorrências."

Que eufemismo.

"Eu estava pensando que talvez você pudesse levá-la para a sala do piano hoje. Ela adoraria ouvir você tocar."

"Claro, posso fazer isso."

"Excelente." Com os braços atrás das costas, ele se vira para mim, enquanto entro no elevador. "O Mestre tem reuniões

importantes hoje, então é melhor se Laura não estiver ao alcance da voz. Ela nunca gostou de falar de negócios."

"Vou mantê-la entretida."

Com um aceno de cabeça afiado, ele se afasta e eu aperto o botão para o segundo andar. As portas se abrem para a conhecida sala de bonecas, uma que passei a temer depois de ontem, mas a risada profunda e calorosa que ouço é um bom sinal.

Sigo o som até o quarto mais luxuoso que já vi. Móveis de madeira escura e ricos com detalhes em ouro, pinturas de querubins e deusas nas paredes e tetos, com uma vegetação luxuriante pontilhada pelo amplo espaço aberto. Talvez o único cômodo cheio de vida neste lugar.

Um homem está ao lado de Laura, onde ela se senta em uma cadeira de rodas, permitindo que ele ouça seu coração através do estetoscópio.

"Estável como um metrônomo." Ele puxa as pontas das orelhas e pendura o instrumento no pescoço. "Exceto por aquela leve vibração quando toquei sua mão."

Com um sorriso recatado, ela finge afastá-lo. "Oh, pare, seu namorador velho." Seu olhar pousa em mim na porta, e ela acena para mim. "Michael, esta é minha babá, Isabelle."

"Isadora, na verdade." Eu estendo minha mão para ele, e quando ele se inclina para beijá-la, eu limpo minha garganta. O desejo de puxar minha mão contrai meus músculos. "Eu sou companheira dela."

"Garota de sorte. Quero ser seu companheiro há muitos anos. A mulher teimosa ainda me rejeita."

Uma rajada de gargalhadas escapa de Laura, e ela põe a mão no peito. "Você é um sem-vergonha, Michael."

"Você deve ser o médico?"

Franzindo a testa, ele inclina a cabeça. "O que te deu essa impressão?"

Outra explosão de risos, desta vez dos dois em uníssono, me faz sentir pequena e estúpida.

“Só estou brincando com você, querida, sim. Sou o médico dela de longa data e amigo da família. Dr. Powell.” Ele olha para o relógio e bufa. “E receio que, se eu não cortar isso agora, vou chegar atrasado para o meu próximo compromisso.”

"Você está me traindo?" O trinado de flerte na voz de Laura é doloroso de ouvir, ou talvez eu apenas não esteja acostumada a esse tipo de jogo. Ninguém flertava com tia Midge — nem mesmo os pescadores que estão no mar há meses. Não que ela seja uma mulher feia. Eu suponho que, em seu apogeu, ela provavelmente fosse um bom partido, mas ela nunca tolerou esse tipo de comportamento dos homens.

"Você sabe que sou exclusivamente dedicado a você, Lady Blackthorne." Como fez comigo, ele se inclina para frente e beija as costas da mão dela. “Até nos encontrarmos novamente.”

"Vou me certificar de que vou usar algo... decente da próxima vez." O tom framboesa do batom está manchado no canto dos lábios e um blush rosa está espalhado muito baixo em suas bochechas pálidas, como se ela tivesse se apressado em aplicá-lo. “Chega de visitas inesperadas.”

"Eu prometo. E dei a nova formulação para Nell. Eu a mandei pegar a guia para você esta manhã.”

"Excelente."

Eu dou um sorriso de lábios apertados quando ele passa, e uma vez que ele sai do quarto, noto que o brilho em seus olhos imediatamente se apagou. “Eu gostaria de te levar para a sala do piano. Para tocar um pouco. Você gostaria disso?”

"Eu não sei." Ela cruza as mãos no colo e desvia o olhar de mim. "Posso também voltar para a cama."

"Sem Chopin, então?"

"Você conhece Chopin?" Com o canto do olho, ela me dá uma olhada. "Acho isso difícil de acreditar."

"Bem, eu acho que você vai ter que vir comigo para descobrir, não é?"

Uma respiração áspera escapa pelo nariz e ela revira os olhos. "Se você insiste. E então depois, eu gostaria que você me colocasse na cama."

Pegando as alças de sua cadeira de rodas, eu gemo internamente com o pensamento de outra tarde longa e chata passada contando suas bonecas.

CAPÍTULO 11

LUCIAN

No reflexo do espelho, endireito minha gravata, enquanto Rand passa uma escova de madeira nos meus ombros e nas costas.

"Eles estão se recusando a reagendar isso?" pergunto, puxando os punhos das minhas mangas.

“Receio que tenhamos adiado muito tempo, Mestre. Eles ficaram impacientes.”

Na bandeja de joias que está sobre a mesa ao lado do espelho de corpo inteiro, procuro entre os poucos anéis, incluindo minha aliança de casamento descartada, um anel de prata oxidado com sinete de mariposa. O crânio em seu tórax representa a espécie Death's Head.

Eu deslizo no meu dedo mindinho e enrolo minha mão em um punho. “Parece que eles sempre ficam impacientes quando se trata de dinheiro.”

“Você sabe tão bem quanto eu, não é o dinheiro que os atrai. Eles querem a garantia de que você está preparado para assumir a posição de seu pai nesta organização.”

“E o que eu tenho que fazer para provar isso? O que eu já não fiz para provar isso repetidamente para eles?”

"Sua ausência os deixa nervosos."

“O luto não conta para nada hoje em dia?”

"Depois de dois anos?" Ele abaixa o olhar para a pergunta. "Perdoe-me, Mestre."

Não é nenhum segredo que eu nutria pouco amor por meu pai enquanto ele estava vivo, ou que fiz o meu melhor para evitar o máximo possível de seus negócios. Rand também está ciente de que também não me importo com alguém desafiando minha autoridade sobre o assunto.

“Eu providenciei o financiamento. As conexões.” Todas as promessas que meu pai insistiu que eu cumprisse, até o desgraçado dar seu último suspiro.

“É a sua presença. Ou, e quero dizer sem desrespeito, a falta dela.”

Gemendo, eu me afasto do espelho e prendo um conjunto de abotoaduras. “É o meu rosto que eles desejam olhar? Então, talvez devêssemos acabar com as máscaras. Essa será minha primeira tarefa.”

“Lucian...” A voz de Rand carrega a exaustão cansada de um homem que teve que lutar por duas gerações de Blackthorns. “Eles se reúnem uma vez a cada trimestre. Sempre foi uma questão de fortalecer suas alianças.”

“É isso que é? Então, mudamos do show de carnaval para algo mais respeitável, é isso?”

Com uma bufada, Rand muda seu olhar. “Embora eu não concorde com as decisões de seu pai de convidar indivíduos do gênero feminino para se misturarem nessas reuniões, acho que há alguma validade nelas.”

“Você está dizendo que apoia o propósito por trás deste grupo?”

Uma coisa sobre Rand é que ele nunca responde impulsivamente, então, quando ele me encara por um momento,

sei que ele está pensando na pergunta. “Se for mutuamente benéfico para ambas as partes, não vejo mal nisso. Não é diferente de clubes de sexo BDSM, e tenha em mente, esses assuntos procuram o grupo, não o contrário.”

"Você acha que eu procurei o grupo, quando fui jogado naquele instituto infernal por semanas?"

"Claro que não. Mas, respeitosamente, senhor, você foi um pouco imprudente em suas... buscas. Seu pai sentiu que uma intervenção era necessária.”

“Uma intervenção? É assim que ele chamou?" Não adianta discutir com Rand sobre o que aconteceu comigo. Ele não conhece os detalhes da minha passagem por lá, os castigos que sofri pessoalmente nas mãos deles, e nunca saberá. “Eu vi um homem espancado até quase morrer porque a quantidade de dinheiro que ele pediu *justificava,* de acordo com o grupo. A diferença entre os clubes de sexo BDSM e Schadenfreude se resume ao desejo. Se recebesse o dinheiro sem punição, nenhum deles escolheria a tortura.”

“Provavelmente não. Mas nada neste mundo é de graça, infelizmente. Se preferir, podemos organizar um jantar em vez *da porra do show de carnaval,* como você disse com tanta eloquência.”

A ideia de um jantar seria minha ideia de tormento. “Você sabe o quanto eu amo compromissos sociais.”

“Um baile de máscaras, então. Contrataremos uma equipe para iluminar um pouco o átrio.”

“Se isso os tirar das minhas costas...”

"Posso falar francamente?" Rand nunca quis desrespeitar, mesmo nas ocasiões em que desafiou minha autoridade.

"À vontade."

"Eles temem que seu compromisso nunca tenha sido tão firme quanto o de seu pai e avô."

“Bem, eles não estão errados. Mas qual é a preocupação? Eu nunca tive escolha enquanto crescia, por que de repente eu teria uma agora? Porque acabou a ditadura? Tudo o que a morte de meu pai me proporcionou foram as mesmas algemas que ele e todas as gerações desde meu bisavô usaram sem falta.”

“Você sabe que eu entendo, talvez mais do que qualquer um. Mas este é o seu legado, Lucian. Se você não vai ficar comprometido pelo seu pai, então faça isso pelo filho que você nunca teve a oportunidade de criar.”

“Eu não o teria submetido à minha maldição. Eu o teria libertado, dado a ele escolhas.”

“E perdoe minha franqueza, mas você sabe melhor do que eu que a organização nunca teria permitido tal coisa.”

Eles me querem porque eu sei coisas. Segredos que matariam para manter enterrados. Só sei dessas coisas porque meu próprio pai me tornou a par delas. O dia em que ele me apresentou à sua pequena sociedade foi o dia em que pendurou o albatroz em meu pescoço.

“Você sem dúvida teria sido um pai melhor do que o seu. Mas essa não é mais sua escolha. Assim como este não é mais do seu pai.”

Estranho ouvi-lo comparar minha situação à morte. Rand sempre pareceu favorecer a organização acima de todas as outras coisas. Ainda não determinei se isso é por sua própria vontade ou o que meu pai martelou em sua cabeça todos esses anos.

“Que tragédia absoluta.”

No caminho para o meu escritório, o som inconfundível de Chopin preenche o corredor escuro e sombrio, levando-me em direção ao átrio. Espiando pela porta, encontro minha mãe em sua cadeira de rodas ao lado do piano, onde a nova garota toca com a delicadeza de um pianista experiente. O queixo erguido no ar, ela não parece seguir nenhuma música, e eu franzo a testa olhando para ela. Nem uma vez ela baixou o olhar para a página, ou se preocupou em virar para a próxima. Como se ela tivesse memorizado a peça inteira, nota por nota.

“Disseram-me que ela não sabia ler música.” A voz de Rand por trás interrompe meu olhar, e eu olho para trás para encontrá-lo esticando o pescoço para dar uma olhada. "Habilidade notável, você não diria?"

Voltando minha atenção para ela, não me incomodo em responder, muito focado na umidade de seu cabelo, como se ela não se importasse com isso depois do banho. A forma como aquelas longas tranças pretas caem sobre seus ombros magros e emolduram o brilho quente de seu rosto que obviamente foi tocado pela luz do sol.

Vibrante com a juventude, ela é linda sem nem tentar. Hipnotizante.

Ao lado dela, minha mãe está sentada com a cabeça inclinada, os olhos fechados, absorvendo cada nota, como costumava fazer quando eu tocava para ela. Ao contrário de meu pai, que ridicularizava meu amor pelo piano, ela o incentivava, sempre me fazia tocar enquanto aparava suas flores ou tomava chá. A única conexão verdadeira que realmente tive com minha mãe.

"Não devemos deixá-los esperando, Mestre."

"Não. Não deveríamos. Vamos acabar logo com esse show de merda.”

Dou mais uma olhada na garota, a maneira como ela balança quando toca, como se as notas se movessem através dela para as teclas como um conduíte. Ela abre os olhos e direciona seu olhar para mim. Por um breve momento, uma onda de constrangimento aquece meu rosto, e eu me viro, como um menino de escola pego espiando pela janela.

~

O encontro com quem chamo de Os Ternos Pretos, ou Presidentes do Grupo Schadenfreude, é sempre um ato de cachorro e pônei. Estabelecida há gerações, a finalidade da organização é essencialmente obter poder, dinheiro, entretenimento e estatura do infortúnio dos outros, embora eles sem dúvida tivessem uma maneira muito mais eloquente e científica de descrevê-lo.

"Cavalheiros." Eu ando em direção aos dois homens mais velhos que estão esperando por mim nas cadeiras em frente à minha mesa. Ambos vestidos com ternos pretos, eles me lembram os antigos chefes da máfia italiana, embora seu papel no grande esquema das coisas seja muito menos importante. Estes são apenas os mensageiros.

"Lucian, é bom ver você." Dominic deve estar na casa dos setenta agora e praticamente cresceu com meu pai. Sempre gostei dele, mas nunca confiei nele. “Obrigado por reservar um tempo para nos encontrar. Como está sua mãe?”

"Bem."

Ele muda sua atenção ligeiramente para a minha esquerda, onde Rand está atrás de mim. “E Rand? Como você está?"

"Estou bem, Dominic, obrigado."

O outro cara, Louis, está aqui principalmente para apoio moral, já que ele raramente fala muito sobre qualquer coisa nessas reuniões. Juntos, os dois são uma irritação inofensiva, mas que representa alguns dos indivíduos mais poderosos do país, então, embora a ideia de encontrá-los seja tão emocionante quanto fazer um inventário dos pelos nas minhas bolas, vale a pena o esforço de ser educado.

Eu aperto ambas as mãos, cada uma com o mesmo anel de sinete que o meu, e dou a volta na mesa para minha cadeira. Rand fica de lado, como de costume. Por mais que eu tenha pedido a ele para tomar assento nessas reuniões, ele sempre recusa educadamente. Então parei de pedir.

"O que posso fazer por vocês?" O couro frio pressiona minhas costas enquanto me inclino na cadeira.

“Tivemos uma investigação sobre o grupo. Alguém manifestou interesse em se tornar *membro*.”

Schadenfreude não é o tipo de grupo que alguém encontra no Facebook ou algo assim. Por gerações, ele permaneceu escondido nas sombras, abaixo do radar, uma sociedade secreta cujos membros são alguns dos mais ricos do mundo. Uma investigação é muito importante. "Oh? Qual é a natureza do interesse?”

“Bem, é por isso que estamos aqui. Acontece que é seu ex-sogro.”

“Patrick Boyd?” *De todos os fodidos profanos.*

"Ele mesmo. Ele está perguntando por aí. E, francamente, está fazendo muito barulho ao fazer isso.”

"Como ele ouviu..."

"Ele aparentemente ouviu falar de nós através do seu pai, que o apresentou a Thomas, e ele tem aparecido em seu local de trabalho perguntando sobre Schadenfreude."

Jesus Cristo. Thomas é um cirurgião altamente respeitado, um membro ativo do grupo com algumas das conexões mais impressionantes, incluindo um rei do Oriente Médio que certa vez fez uma visita especial ao hospital onde trabalha.

“Achamos que suas motivações podem ser inteiramente políticas.” O tom de desaprovação da voz de Dominic é o que eu esperava. O grupo tende a desaprovar as indagações daqueles cujas intenções não estão alinhadas com suas filosofias.

“Elas definitivamente são. Ele não tem nenhum negócio em busca de adesão.” Eu lanço um rápido olhar de volta para Rand, cujo rosto permanece estoico, como se nem estivesse ouvindo.

"Pode ser. Mas, como você sabe, gostamos de manter a mente aberta para aqueles com alianças fortes.”

Alianças fortes. O homem perdeu as boas graças do público após um escândalo envolvendo uma jovem adolescente, com quem ele aparentemente pagou para fazer sexo. Ele alegou estar em uma depressão severa após a morte de Amelia, o que o levou a ficar um pouco louco. Sua esposa posteriormente o deixou depois. Meu palpite é que ele está tentando reconstruir suas alianças.

“Confie em mim quando digo que não precisamos de suas alianças.”

“Bem, para ser franco, Lucian, estamos um pouco preocupados com o rumo das coisas desde que seu pai faleceu. Deus dê descanso à sua alma."

Infelizmente, duvido que a alma do meu pai esteja com Deus. "Vocês não têm nada para se preocupar, Domini..."

"Você simplesmente não tem a mesma presença de seu pai, isso simplesmente não é bom para o relacionamento." Ele levanta as mãos, tendo me cortado. O cara usa um aparelho auditivo do tamanho da Califórnia, então não posso ficar muito chateado. “As pessoas começam a esquecer quem manda. Eles começam a fazer suas próprias coisas. Sei que as coisas são diferentes nesta época, mas na minha geração, cara a cara era a forma de negócios. Apertos de mão selavam o acordo. O contato visual significava segurança. Confiança."

Ou um forte desejo de matar alguém. "Eu entendo. Rand e eu estávamos discutindo um jantar..."

“Estávamos pensando que talvez você devesse dar uma festa, ou algo assim. Uma reunião. Convide alguns dos grandes jogadores. Deixe-os se misturarem. Não temos um desses há... bem, há muito tempo, para ser franco.”

Isso é coisa dele. *Ser franco.* No final desta reunião, estarei quase pronto para matar o franco.

“Um baile de máscaras? O que você acha?"

"Bingo. Algo chique. Talvez convide algumas mulheres.” Em outras palavras, prostitutas, para manter os homens casados entretidos enquanto as mulheres ficam em casa, porque nem elas sabem que esse grupo existe. “Eu quero que você convide Boyd. Veremos como ele interage. Faremos nossas próprias determinações com base na observação. Como sempre fizemos.”

"Claro." Não consigo reunir mais do que um sorriso torto em resposta, mas não importa. As cicatrizes no meu rosto me fazem parecer que estou carrancudo, mesmo quando não estou.

“Daqui para frente, eu pediria que você se encontrasse conosco em uma base mais regular. Deixe-nos saber como as coisas estão indo. A propósito, como vão os negócios?”

A essa altura, sirvo apenas como Presidente da empresa familiar de navegação, minhas reuniões são raras. São os outros compromissos, como esses, que ocupam a maior parte do meu dia. As minúcias que meu pai despejou em mim quando chutou o balde.

"Bem. Subindo desde o último trimestre." É a mesma frase que uso em todas as reuniões, para evitar uma investigação de uma hora sobre as finanças da Blackthorne Enterprises. Curto e grosso.

"Fantástico. É isso que gostamos de ouvir."

"Bem, senhores, não quero apressar as coisas, mas tenho outras reuniões..."

"Tenho certeza de que você tem outras reuniões hoje, então não vamos tomar mais seu tempo."

Um sorriso fingido trabalha os músculos do meu rosto enquanto concordo. "Obrigado."

Os dois homens se levantam e oferecem outro aperto de mão. "Peça que Rand nos dê os detalhes do jantar."

"Farei isso. Obrigado por reservar um tempo para se encontrar comigo."

Ele dá um aceno de cabeça afiado e os dois homens saem do meu escritório. No momento em que as portas do elevador se fecham, empurro minha cadeira para trás e chuto meus pés sobre a mesa.

"Eu quero uma reunião com Boyd. O mais breve possível." É estranho que ele não tenha me consultado sobre isso em primeiro lugar, mas sinto que o homem sempre nutriu tanto desprezo quanto medo por mim.

"Vou providenciar isso imediatamente." Rand endireita as cadeiras que foram retiradas na frente da minha mesa.

"Quanto a este jantar de máscaras." Eu corro a mão pelo meu rosto, parando sobre meus olhos para esfregá-los. “Que produção será.”

“Vou cuidar dos detalhes e colocar a equipe trabalhando no átrio. Nesse ínterim, arranjaremos um smoking e uma máscara para você.” Ele limpa a garganta, as mãos cruzadas atrás das costas. “Devo arranjar uma acompanhante para a noite?”

"Não." Eu aperto a ponta do meu nariz. "Absolutamente não."

“Perdoe minha intromissão, Mestre, mas pode deixá-los à vontade vê-lo com uma... amiga. A viúva Lancaster tem perguntado sobre você.”

"Lancaster?" Eu abaixo minha mão do rosto, franzindo a testa. “E qual é a preocupação deles? Que eu seja casado? Um possível herdeiro do trono de merda de Blackthorne que eles podem assistir e observar ao longo de sua vida? Deixe-os pensar o que quiserem. Não pretendo me casar com uma mulher desesperada dez anos mais velha do que eu e querendo garantir sua futura associação ao clube de campo. Já fiz um casamento arranjado uma vez.”

"Eu entendo. Apenas uma sugestão. Vou começar a fazer esses planos.”

“Rand? Quantos anos você disse que a companheira da minha mãe tinha?”

Ele levanta as sobrancelhas como se a pergunta o pegasse desprevenido. “Isadora? Ela tem dezenove anos, de acordo com seu arquivo.”

Jovem. "O que fez você escolhê-la?"

“Durante a entrevista por telefone, eu a achei agradável, comunicativa e bem... perdoe-me por dizer isso, quase tudo que sua mãe não é.”

Com uma bufada indelicada, eu concordo. "Não, é verdade."

“Apesar de sua aparência, ela é na verdade muito inteligente e bem versada em grande parte da música e literatura que sua mãe parece gostar.”

Revirando meus olhos, balanço minha cabeça. “Um repertório de romances inúteis e compositores desatualizados.”

"De fato. Você já teve a oportunidade de conhecê-la?”

"Brevemente. Nós nos encontramos ontem à noite. Parece *sarcástica.”* Não me incomodo em dizer que achei sua atitude ousada um tanto divertida, do jeito que alguém incita um gato a mostrar suas garras. Exoticamente atraente também, que também guardo para mim.

"Isso é estranho. Eu não tive essa impressão, de jeito nenhum.”

"Bem, não seria a primeira vez que tirei o melhor de alguém."

"E tenho certeza de que seu sarcasmo foi recebido com seu charme inabalável." Para seu crédito, ele abaixa o olhar e sorri.

Sorrio da observação, puxando uma caixa de cigarros enrolados à mão do bolso interno do meu terno. "Receio que não." Antes que eu possa pegar o isqueiro Zippo da minha mesa, Rand está ao meu lado, a chama já esperando por mim.

“Eu gostaria de dar a ela uma chance. O Senhor sabe que sua mãe não tem sido receptiva a, bem... nenhuma das companheiras que trouxemos. Bem-criadas e educadas. Isadora é jovem, mas é diferente. E até agora, ela provou manter sua mãe fora da cama por mais tempo do que as outras puderam.”

Já se passaram semanas desde a última vez que vi minha mãe fora de seu quarto. Ao mesmo tempo que torna mais fácil evitá-la, também me incomoda pensar que ela está definhando ali.

O perdão nunca foi meu melhor traje, mas ela ainda é minha mãe, independentemente de nossa história.

“Bem, vamos esperar que a nova garota dê certo. Nesse ínterim, acho que temos uma festa para planejar.”

"Sei que festas sempre te deixam ansioso, mas acho que este é o passo certo."

"Tenho certeza. Eu te dou um aumento, se você puder encontrar uma fantasia que me torne invisível.”

"Acredito que eles chamam isso de mundano, senhor, e infelizmente, você não veste isso bem."

Com uma leve risada, eu me inclino para frente e bato a cinza do cigarro. "Vejo que você está tentando o aumento de qualquer maneira."

“É preciso sempre aspirar.”

CAPÍTULO 12

LUCIAN

Dezesseis anos atrás...

Eu odeio jantares.

Preso entre minha mãe e a recém-casada Darla Lancaster, prefiro sentar-me entre dois dentistas realizando tratamentos de canais em ambos os lados do meu rosto sem Novocaína. Darla se inclina, mostrando a minha mãe o diamante de cinco quilates pesando em seu dedo anelar, sobre o qual minha mãe age como se fosse a coisa mais impressionante que já viu.

Tenho que dar crédito para minha mãe, ela sabe jogar este jogo melhor do que qualquer mulher nesta sala. Do contrário, tenho certeza de que meu pai não teria se importado com ela.

Não que o novo namorado de Darla seja algo digno de nota. O cara tem o dobro da idade dela e, apesar do dinheiro que gosta de ostentar, não se preocupou em tirar a enorme verruga do nariz que lhe rendeu o apelido de O Troll de Lancaster.

Quando algo agarra minha coxa, fico rígido e pego o sorriso astuto no rosto de Darla, enquanto ela continua a conversar com minha mãe. Enquanto ela tagarela sobre suas núpcias, passando a mão mais alto na minha coxa, minha mãe fica sentada alheia do meu outro lado.

“Mal posso esperar pelo dia em que Lucian se interessar por garotas.”

"Oh..." A mão de Darla desliza de volta para baixo. "Ele é gay?"

Abro a boca para responder, mas minha mãe responde por mim.

"Oh Deus não. Ele apenas não encontrou a garota certa, ainda."

Pelo amor de Deus, odeio que elas falem de mim como se eu não estivesse sentado entre elas, enquanto uma me apalpa.

Eu me viro na cadeira, avistando Solange, que está parada ao lado, pronta para limpar os pratos, encher as bebidas, o que for necessário dela. Ela desliza o olhar para mim, apenas brevemente, e o aperto no meu estômago é uma surpresa.

Eu não deveria me sentir assim por ela. A *ajudante,* como minha mãe as chama.

Combinamos de nos encontrar na caverna mais tarde esta noite, e quanto mais cedo a festa acabar, mais rápido poderemos fugir juntos.

A mão de Darla desliza sobre minha coxa novamente, apertando muito perto da ereção crescente pela qual tenho certeza que ela ficará feliz em receber o crédito. Limpando a garganta, endireito-me na cadeira, puxando a mão dela até o meu joelho.

“Prefeito Boyd! Tão bom ver você!" Levantando-se de sua cadeira, minha mãe se levanta para cumprimentar mais um convidado para o jantar e, quando ela cutuca meu braço, meus ombros caem e eu sigo o exemplo. Pela primeira vez, não me importo de ser educado, se isso tirar as mãos dessa mulher de mim.

Ao lado do prefeito Boyd, que encontrei apenas uma vez, está uma loira, talvez em torno da minha idade, com um sorriso brilhante e olhos azuis. O brilho suave de seu cabelo, juntamente

com um vestido volumoso, me lembra uma das bonecas que minha mãe mantém presa em sua sala de estar.

Sem dúvida minha mãe está pensando o mesmo, ao pegar as mãos da menina, estendendo-as para dar uma boa olhada em seu vestido.

“Nossa, você não é uma visão! Olhe para este vestido, Lucian, não é lindo?”

Os olhos de corça da garota caem sobre mim, seu sorriso tornando-se recatado com o rubor de suas bochechas.

"Esta é minha filha, Amelia." O prefeito Boyd pousa a mão no ombro da garota e vejo a leve contração de seu braço. "A mãe dela ficou doente esta noite, então ela gentilmente decidiu ser meu par."

“Amelia, este é meu filho. Lucian.” Outra cutucada é uma dica de minha mãe para desempenhar o papel que fui criado para cumprir desde que tinha idade suficiente para apertar as mãos e beijar os nós dos dedos.

"Prazer em conhecê-la, Amelia."

"Sem tanto entusiasmo, Lucian." Minha mãe ri, mas eu conheço melhor. É um aviso de que não estou jogando bem o suficiente. “Depois do jantar, talvez você possa mostrar o terreno a Amelia. Leve-a para um passeio nos jardins.”

"Gostaria disso." Mais uma vez, os olhos da garota brilham como os da filha educada de um político.

"Certo." Não consigo fabricar o entusiasmo que minha mãe espera de mim, mas, ao mesmo tempo, faz apenas duas semanas que cuidei de um olho roxo por minha insolência.

"Excelente. Agora, que escola você frequenta, Amelia?” É um truque que minha mãe desenvolveu ao longo dos anos. Ela pode medir quanto dinheiro e influência alguém tem por qual escola

seu filho, ou filha, frequenta, e sem dúvida, ela está lendo o prefeito Boyd como um dos muitos romances que ela lê durante uma semana em sua sala de estar.

“Nós, uh... optamos por escolas públicas. Achei que iria estabelecer um relacionamento com os moradores locais saber que a filha do prefeito frequenta as mesmas escolas que seus filhos.”

"Claro." Nem mesmo seu melhor sorriso consegue esconder o desgosto em sua voz.

Eu tenho que segurar o bufo preso na minha garganta. De repente, Amelia Boyd não é tão fascinante para minha mãe, o que significa que ela acabou de subir um degrau em meu livro. "Eu vou te procurar depois do jantar."

O sorriso em seu rosto revela dentes perfeitos que, sem dúvida, viram sua parte no trabalho ortodôntico.

Nós nos acomodamos para comer, e entre a mão de Darla na minha coxa, os olhares tímidos de Amelia e os olhares ardentes e ciumentos de Solange, estou pronto para desaparecer daqui quando a sobremesa for servida.

“Lucian é um grande atleta!” Darla diz com entusiasmo ao meu lado, tendo trabalhado seu caminho até minha perna, onde seus nós dos dedos roçaram minhas bolas duas vezes. "Ele herdou isso de você ou do pai dele?"

“Oh, Deus, Griffin nunca praticou um esporte na escola. Eu, no entanto, girei o bastão na ginástica até meu último ano.”

"Você era ginasta?" O prefeito Boyd diz do outro lado da mesa, levando uma taça de vinho aos lábios. "Fascinante."

“Sim, eu fiz ginástica competitiva por vários anos.”

Ao lado de minha mãe, meu pai aperta o queixo, olhando para o prefeito Boyd, mas parece compensar quaisquer

pensamentos que estejam girando em sua cabeça com um longo gole de sua bebida. Ele ergue o copo vazio e Solange se inclina para frente, enchendo-o com mais vinho.

“Eu ainda tenho meu bastão pendurado na sala de estar. Às vezes, eu tiro para ver se ainda consigo.” Com uma risada, minha mãe toma um gole de vinho, olhando por cima do copo com o jeito de flerte que eu sei que mexe com o orgulho de meu pai. “Posso ter quarenta e dois anos, mas posso fazer uma posição de ponte como ninguém.”

"Sério?" Boyd pigarreia. "Você é cheia de surpresas, Lady Blackthorne."

"Por favor. Me chame de Laura.”

“O talento na sua família é... incrível.” Darla me segura, e eu fico de pé, colocando minha mão na dela e engolindo em seco quando a ereção destinada a Solange se torna conhecida.

Minha mãe não poderia estar mais alheia se fosse surda e vendada. "Você já ouviu Lucian tocar piano?"

Deus. Não. No momento em que eu me levantar desta mesa, a melhor metade da Nova Inglaterra saberá que estou duro.

Claramente embriagada, minha mãe engancha o braço no meu e puxa. "Venha, vamos ao átrio para ouvi-lo tocar."

"Não vamos para o átrio." A voz do meu pai carrega todo o aborrecimento da noite e, pela primeira vez, estou aliviado em ouvi-lo falar. “Meu filho toca piano, mas ele não é Mozart. Certamente não vale a pena desarraigar todo um jantar.”

"Ele é muito bom, Griffin, você simplesmente nunca parou para notar, só isso."

"Eu noto mais do que você pensa, Laura." Ele, sem dúvida, captou o interesse do prefeito Boyd a maior parte da noite. É meio

difícil não perceber sua fascinação de cachorrinho pela minha mãe.

“Suponho que sim. Certamente não demorou muito para aprender o nome da *ajudante*.”

Meu olhar voa para Solange, cuja mandíbula tensa trai o sorriso falso estampado em seu rosto.

“Alguém tem que tratá-las como se fossem mais do que animais de estimação.”

Minha mãe me solta e pega seu copo, balançando a cabeça em uma risada melancólica. "Tenho certeza que sim."

"O que você toca?" Amelia pergunta do outro lado da mesa.

Os olhos de todos pousam em mim e, por uma fração de segundo, odeio Amelia Boyd por me colocar nesta posição.

"Muitas coisas."

"Muitas coisas." Meu pai ecoa zombando. "Viu só? Sem Mozart.”

"Você tem razão. Prefiro Beethoven, pai. Tem a perfeição estrutural de Mozart, mas com mais emoção.”

Percebo o olhar do meu pai e tenho certeza de que, se não estivéssemos sentados em uma sala cheia de membros da elite da sociedade, meu pai já teria me dado um soco.

“Adoraria ouvir você tocar.” Amelia abaixa a cabeça, mas levanta os olhos na minha direção. "Você me mostra o átrio?"

Um rápido olhar para minha mãe, que sem dúvida está absorvendo os insultos do meu pai, defendendo o que será uma discussão explosiva entre eles amanhã, e meu pai, cujo rosto vermelho é o culminar de constrangimento, raiva e muitos drinks, eu aceno, afastando-me da mão errante de Darla.

Eu sigo na frente pelo corredor em direção ao átrio, sem me preocupar em olhar para trás para Amelia. Eu não concordei com isso para o benefício dela, mas para dar o fora daquela sala sufocante.

“Você tem tanta sorte de viver em um castelo. Como um príncipe.”

Não adianta responder a ela. Seja o que for, é apenas uma demonstração da parte dela, assim como da minha. Tenho certeza de que ela foi treinada por seu pai antes de chegar, assim como minha mãe continua a me treinar antes de cada reunião social.

"Você, hum... vai para uma escola particular?"

Com um bufo, dou a ela um rápido olhar. Cristo, eu pensei que ela entenderia que estar longe de nossos pais significava que ela não tinha que fazer essa merda. "Tutor particular. Fui expulso da escola.”

"Mesmo? Como?"

"Queimando o sofá do diretor."

Ouvindo sua risada atrás de mim, faço o meu melhor para esconder o sorriso, lembrando de Jude e eu sentados em seu escritório no dia seguinte. Eu assumi a culpa, é claro. Meu pai pode ser um bastardo, mas o de Jude é um bastardo com a porra de uma cereja no topo.

"Isso é ótimo."

"Ótimo? Eu fui expulso. Agora estou preso aqui até me formar.”

"Bem... valeu a pena?"

Tentar esconder meu sorriso é inútil, conforme me lembro da expressão de raiva no rosto do diretor. O idiota que me avisou quando o ano começou que, só porque eu era um Blackthorne, não significava que era imune às chamas do inferno que ele levantaria se eu desse merda a ele naquele ano. Mais tarde, descobri que o sofá do seu escritório era uma espécie de lembrança de seus velhos tempos de faculdade, dado a ele por seus irmãos de fraternidade. Então, coloquei um pouco de merda de cachorro em um saco de papel e acendi o fogo, jogando-o no sofá.

Sim. Valeu a pena.

"Eu acho que sim." Eu paro em frente ao átrio e encosto no batente da porta. “Você não tem que fazer isso, sabe? *Nós* não temos que fazer isso. Podemos apenas ficar sentados aqui até a festa acabar.”

“Eu quero ouvir você tocar. A menos que estivesse mentindo."

"Tudo bem." Tenho que admitir, essa garota é um pouco mais interessante do que eu pensava.

Sento-me ao piano, enquanto ela se senta à minha frente em uma das poucas cadeiras da sala. No segundo que meus dedos tocam as teclas, tudo ao meu redor desmorona. Meu pai. Minha mãe. Este jantar estúpido de merda. Estou flutuando debaixo d'água, as notas ao meu redor, pulsando através de mim, enquanto eu bato *Les Adieux* nas teclas, levando minhas frustrações da noite para fora na música. Estou tão envolvido na peça que não percebo imediatamente que Amelia está sentada ao meu lado, até que sua mão repousa no meu joelho.

Paro de tocar e então percebo que não foi um jogo político para ela. Ela está nisso por outra coisa.

“Sua mãe estava certa. Você é muito bom.” Antes que eu possa impedi-la, ela se inclina e pressiona seus lábios nos meus.

É um beijo que não quero, nem pedi, e ainda assim, não consigo me impedir de beijá-la de volta. Eu culpo a raiva correndo por mim. A adrenalina provocada por meus pais e a ansiedade da noite.

Eu interrompo o beijo, virando meu rosto para longe dela. "Me desculpe, eu não deveria ter feito isso."

“Eu não sinto muito, Lucian Blackthorne. Na verdade, pretendo beijar você de novo algum dia.”

~

A casa está silenciosa, o último hóspede saiu há cerca de meia hora. Como de costume, meu pai estará na biblioteca, tomando seu uísque, até que finalmente desmaia e adormece no sofá. Depois dos eventos desta noite, suspeito que ele já esteja inconsciente, mas para garantir que ele não me pegue esgueirando e decida descontar suas frustrações em mim, vou em direção à biblioteca. Os sons ecoam pelo corredor. Meu pai resmungando algo baixinho com uma voz distintamente feminina.

Conforme me aproximo, a voz feminina se prolonga em gemidos suaves. Por um momento, paro, pensando que é minha mãe, mas então a ouço falar, o sotaque forte.

Ela grita, e eu espio pela fresta da porta para encontrar Solange nua, curvada sobre o braço do sofá. Seus pulsos foram amarrados com uma corda esticada na mobília até que eu não possa ver. Meu pai está atrás dela, segurando o bastão da minha mãe em uma das mãos e a bebida na outra.

“*Tenho quarenta e dois anos e posso fazer uma posição de ponte como ninguém*”, ele zomba antes de tomar um gole de sua bebida.

Solange ri, esticando o pescoço para olhar para ele. “Ela é mais flexível do que eu?”

"Vamos descobrir." Ele empurra o bastão dentro dela, e ao seu primeiro grito de luxúria, uma onda de nojo agita meu estômago.

Com as mãos fechadas em punhos, tento me afastar, enquanto meu pai começa a foder Solange com o velho bastão de minha mãe.

"A próxima vez que ela decidir usá-lo, ele vai cheirar como sua boceta."

Solange geme novamente e morde o lábio. “Eu quero que você me foda. Foda-me como se nunca tivesse fodido ela. "

Com a raiva batendo nas minhas veias, eu me afasto.

CAPÍTULO 13

ISADORA

Dias de hoje …

"O que devo tocar a seguir?" Com as mãos cruzadas no colo, sento-me ao piano, esperando a Sra. Blackthorne falar a próxima peça.

"Como você memorizou a música?" Seja por natureza ou intencionalmente, sempre parece haver um tom suspeito em seu tom.

"Minha tia tocou para mim uma vez e eu escutei."

"Sua tia toca piano?"

"Não. Ela colocou para tocar de fundo, enquanto eu fazia meu dever de casa. Ela leu em algum lugar que tocar música clássica torna você mais inteligente, ou algo assim."

Seus olhos se estreitam em mim enquanto ela bate o dedo em um livro que está em seu colo. "Você ouviu uma vez. E memorizou."

"Sim. Eu hum..." gesticulo em direção à minha cabeça, tentando pensar na palavra que meu conselheiro usou para descrever. "Tenho uma espécie de dom. Mais como uma maldição. Não consigo ouvir uma música sem mover os dedos." O pensamento de como isso deve parecer para outra pessoa me faz rir, mas ela claramente não está divertida, a julgar pela expressão severa ainda reivindicando seu rosto.

Essa mulher vai ser impossível de quebrar.

“Então, por que está trabalhando aqui, se você tem um *dom* tão incrível.” Ela diz isso como se não fosse um dom, de forma alguma.

“Você não acredita em mim, mesmo depois que eu *acabei* de tocar para você?”

“Essa peça pode ter levado meses, anos, para aprender. Você afirma que ouviu uma vez. Eu ensinei piano por muitos anos. Sei o que é possível e impossível.”

"Você gostaria que eu tocasse outra?"

"Eu insisto."

"Está bem então." Virando-me de volta para o piano, coloco meus dedos na primeira nota de *Summer* de Vivaldi. Eu gostaria de saber a diferença entre peças fáceis e difíceis, mas para mim, elas são todas iguais. É apenas a música em que meus dedos tendem a tropeçar que as distingue uma da outra. A primeira vez que ouvi essa, fechei os olhos, imaginando cada golpe meu em uma velocidade espasmódica, e pude imaginar cada som de cada tecla que pressionava. Não tenho ideia de qual nota padrão estava tocando, ou se era aguda ou bemol. Eu só conhecia o som e, quando meus ouvidos ouviram, meus dedos desejaram encontrá-la.

Meu professor de música brincava comigo às vezes, acelerando a música para ver se isso afetava minha capacidade de copiar. Não para ter ciúme ou raiva do meu talento, mas para testar minhas capacidades. Não importa a velocidade ou ritmo, eu sempre pegava as teclas apertadas.

Na última nota, mantenho meus dedos nas teclas e sorrio. Não pela Sra. Blackthorne, mas pela rapidez com que me lembrei de uma peça que não ouvia há anos. Um professor meu

de música tocou em segmentos quebrados, para ver se eu poderia montá-la como uma música fluida na minha cabeça.

“Vivaldi. Uma das composições mais difíceis.”

Para uma mulher cuja mente nem sempre é confiável, ela certamente tem alguns momentos intuitivos surpreendentes quando se trata de música e bonecas.

“Meu Lucian gostava de tocar para mim. Ele era muito bom.” Enquanto ela olha para longe, o canto de seus lábios se levanta com um sorriso. "Ele conhecia as notas, é claro." Fazendo uma pausa, ela inclina a cabeça, sua expressão endurecendo com uma carranca. “Seu pai odiava. Via isso como uma fraqueza do nosso filho.” Com uma zombaria, ela balança a cabeça. "Você pode imaginar? O nível de concentração e foco da mente que entra em tocar essas peças complexas, e ele achava que era fraqueza.”

"Isso é uma pena. Sempre quis aprender notas.”

"Você não tinha alguém na escola para mostrar a você?"

“Meu professor de música, mas a ideia de ficar sozinha com ele depois da escola me dava arrepios.”

Um leve sorriso curva seus lábios. “Não é engraçado a maneira como negamos a nós mesmos com base em nossos medos?”

Absorvendo suas palavras, sento-me em silêncio por um momento. “Você ensinava piano. Você poderia me ensinar?"

"Deus não. Meus dias de ensino de piano já se foram. Não tenho mais interesse.” Dedos frágeis se levantam e ela coça o queixo. “Lucian ainda se lembra, tenho certeza. Ele poderia te ensinar.”

Parece que ela perdeu a cabeça de novo, se ela pensa que eu pediria a seu filho aulas de piano.

"Esquece. Não é importante."

"Você também tem medo de Lucian?"

“Não, eu só... sei que ele é um homem ocupado. Tenho certeza de que ele não tem tempo para aulas de piano.”

“Ele tem tempo para foder ajudantes. Tenho certeza de que ele pode apertar uma hora, ou duas, para mostrar algumas notas no piano.”

Uma onda de desconforto serpenteia sob minha pele com seu comentário, até que fico me perguntando qual *ajudante* ele está fodendo. Giulia? Ou uma das outras empregadas que eu vi se movimentando nos últimos dois dias?

"Mesmo com metade do rosto arruinado, ele ainda consegue encantar as mulheres."

Talvez aquelas por quem ele se sinta atraído.

A imagem que encontrei na noite anterior me vem à mente, e por mais que eu queira perguntar a ela o que aconteceu com ele, acredito que devo ter cuidado com Laura e tratar cada pergunta como um possível gatilho. "Ele sempre teve um jeito com as mulheres, então?"

"Meu Deus." Revirando os olhos, ela se move na cadeira. “Na escola, elas literalmente não o deixavam em paz. Ele frequentou uma escola só para meninos, mas havia um campus irmão também, e aquelas meninas...” Ela balança a cabeça. “Nenhuma vergonha, em tudo. Enviando notas a ele sobre o que fantasiavam fazer com ele. Encontrei uma em sua mochila no início de seu segundo ano. Uma garota que afirmava que o adorava desde o ensino fundamental. Filha respeitável de um CEO de banco. Ainda assim, ela descreveu um vício que tinha desenvolvido para... *fazer coisas* enquanto pensava nele. Repugnante."

Uma parte de mim quer rir, enquanto outra parte sente como se suas palavras fossem dirigidas a mim, de alguma forma, embora eu não tenha nada a ver com seu filho. “Às vezes... uma pessoa só quer ser notada.”

“Pelas razões erradas.”

"Claro."

“Algumas, ele ignorou. Outras, tenho certeza de que ele cedeu. Meninos serão meninos e tudo mais. Ele era bonito, atlético e não importava a idade delas, as mulheres simplesmente gravitavam para ele.”

"Ele alguma vez amou?" Não sei por que estou fazendo essas perguntas. Eu não deveria estar perguntando, mas dormi com a imagem de seu rosto, seu rosto triste e taciturno, e não consigo parar de pensar nisso.

“Lucian ama, tanto quanto ele é capaz. Seja por uma hora, um dia ou uma semana. Mas não acho que nenhuma *mulher* terá seu coração completamente. O mais próximo foi seu único filho.”

Estudando-a por um momento, para ter certeza de que ela não caiu em outra alucinação com a menção de Roark, eu concordo e me levanto do banco do piano. "Você gostaria de dar um passeio ou algo assim?"

Após uma batida leve, Giulia está na porta, endireitando sua postura quando Laura se vira para encará-la.

“Perdoem a interrupção, senhoras. A senhorita Amy está aqui para o guarda-roupa.”

“Ah, fantástico!” Laura se vira, seus olhos tão iluminados como antes, quando o médico estava flertando ao seu lado. "É hora de encontrar roupas adequadas para você."

Oh, Cristo.

"Eu não sei...” Com seu dedo pressionado contra a bochecha, Laura inclina a cabeça no reflexo de todos os três espelhos que estão colocados diante de uma plataforma, onde estou em exibição em seu quarto. "Parece muito extravagante, se você me perguntar."

Estou supondo que Amy está na casa dos trinta, considerando o brilho jovem e sem rugas de seu rosto. Seu estilo me lembra algo mais boêmio, em calças estampadas e um top arejado de ombros largos. Colares pendem de seu pescoço, contas de tamanhos diferentes que combinam com as cores de suas calças.

Olho para a roupa que ela escolheu para mim: uma blusa camponesa esvoaçante e jeans, com um colar de couro trançado fino. Um pouco hippie para o meu gosto, mas melhor do que os ternos de tweed que imaginei que ela mostraria.

“Você me pediu para escolher um guarda-roupa apropriado para uma jovem de dezenove anos. Não você, Laura.”

Estou supondo que essa garota é uma das poucas que se safa falando assim com ela. De certa forma, eu a invejo. Seu cabelo está virado para o lado, realçado pelos fios de escuridão e luzes entrelaçadas, e quando ela sorri, é a dentição mais reta e branca que já vi. “Não se preocupe, não vou te orientar mal”, ela sussurra, inclinando-se enquanto enfia apenas a frente da minha camisa dentro do jeans.

"O que mais você tem? Algum vestido?”

"Oh, eu... não uso vestidos." Na verdade, parei de usar vestidos quando tinha cerca de 12 anos e Abigail Watson disse a todos na classe que eu tinha muito cabelo nas pernas. Comecei a me raspar logo depois, é claro, mas nunca me preocupei com

vestidos ou shorts por isso. Nem mesmo quando trabalhei um verão em uma marina.

“Eu trouxe um. Mas suponho que você ache isso muito extravagante.” Amy revira os olhos, claramente ofendida pelo comentário anterior de Laura.

"Eu quero ver nela", Laura insiste, e eu daria qualquer coisa agora para a plataforma abaixo de mim se abrir e me engolir inteira.

Quando ela se vira, as sobrancelhas de Amy se erguem em um pedido de desculpas silencioso.

Bufando, desço da plataforma e vou até o banheiro pegar o vestido, que encontro pendurado na prateleira ao lado do guarda-roupa que Amy trouxe com ela.

Branco e de linho, com alças finas e corpete com fecho de velcro, é tudo o que detesto. Isso me lembra o que as mulheres turísticas ricas usam na praia, quando estão tentando atualizar suas redes sociais. Eu relutantemente troco para ele, horrorizada ao descobrir que se encaixa perfeitamente em mim. Minha única esperança neste momento é que Laura odeie isso tanto quanto eu. As linhas em meus antebraços praticamente gritam por atenção, e não há como escondê-las, ou minha tatuagem. Cruzar os braços na frente do corpo, pelo menos, protege o pior dos danos. Os poucos na parte externa do meu antebraço podem ser confundidos com ferimentos.

No momento em que atravesso a soleira do banheiro, o primeiro suspiro me diz que estou condenada.

“Oh, que coisa, Amy. Isso é... perfeição. Perfeição absoluta!”

Balançando a cabeça, não me preocupo em escalar o estágio da vergonha para que elas possam me cobiçar de todos os ângulos. "Sinceramente, não sei usar vestidos."

“Você não tem escolha, minha querida. Você está me representando. Você acha que Giulia *gosta* do uniforme que usa para a limpeza?”

"Não."

“Nos finais de semana e depois do expediente, você pode usar o que quiser. Enquanto você está servindo como minha companheira? Você vai usar o que *eu gosto.* Estamos entendidas?"

Ugh. Não consigo nem me olhar no espelho. Eu me sinto uma fraude. Como uma criança experimentando saltos altos pela primeira vez e tropeçando neles. É anormalmente feminino. "Sim, claro."

“O que é isso aí no seu braço? Uma *tatuagem*?" A desaprovação no tom de Laura soa como se ela tivesse dito isso com a boca cheia de vermes.

"Sim." Ela não é a primeira, por incrível que pareça. Difícil de acreditar que alguém ainda zombe de tatuagens, tão comuns como são hoje em dia, mas isso é Tempest Cove.

“O que isso significa, *invulnerável*?”

Eu olho para Amy, cuja expressão curiosa me diz que ela está tão interessada em minha explicação quanto Laura. “Nada, realmente”, eu minto.

“Na minha época, chamávamos de carimbos.” Laura ri, passando o dedo pelo lábio superior. “Eu sempre quis um, no entanto.” Sua observação inesperada nas extremidades da resposta sarcástica engatilhou no fundo da minha garganta. Sem se preocupar em elaborar, ela acena com a mão em rejeição. "Que sapatos você tem para combinar com este vestido, Amy?"

Durante a próxima hora, fico diante do espelho, como uma das muitas bonecas prontas no outro quarto, até que tenho um guarda-roupa inteiro de roupas que eu nunca teria escolhido. Não

que eu esteja reclamando, já que todo o custo disso foi cortesia dos Blackthornes.

No momento em que Amy sai, eu me vejo presa no vestido branco novamente — a pedido de Laura.

“É realmente favorecedor para você. Não sou de admitir essas coisas tão livremente, como você sabe.”

"Obrigada."

"Faça-me um favor, sim?"

"Claro." Qualquer coisa para dar o fora desta sala.

“Vá à biblioteca e traga alguns livros para mim. Uma boa seleção deles. Já li isso pelo menos duas vezes nos últimos dois meses.” Ela aponta para uma pilha de livros ao lado da cama que varia de thrillers a romances. "Leve esses de volta."

“Você gosta de históricos e thrillers?” Eu junto a dúzia, ou mais livros, em meus braços, meus músculos se contraindo para não deixá-los cair.

“Griffin costumava chamar meus romances de ridículos. Acho interessante, a única coisa que faltou em nosso casamento foi o que ele achou ridículo.” Seu comentário traz um sorriso ao meu rosto.

“Se isso te faz sentir melhor, minha tia também achava que eles eram ridículos. *Leitura frívola,* ela chamava.”

"Sua tia já foi casada?"

"Uma vez. Ele a traiu."

Zombando, ela vira a cabeça em direção à janela. “É da natureza dos homens trair. Por que mais nós os odiaríamos, se eles não o fizessem?"

"Vou pegar os livros." Pegando o elevador para o primeiro andar, corro em direção à biblioteca que me lembrava do passeio com Rand. Minha esperança é que ninguém me veja com esse vestido absurdo e as sandálias de tiras que ela insistiu que eu usasse com ele. Pelo menos elas não têm salto e cobrem meus dedos sem esmalte.

Uma vez na biblioteca, uma cortina familiar de alívio passa por mim, como se eu tivesse entrado em outro mundo. Sempre foi assim para mim, uma fonte de fuga quando as coisas se tornavam muito estressantes. Quando criança, eu me perdia em mundos e contos de fadas que estavam longe de onde eu morava. Histórias mágicas de princesas e príncipes, cavaleiros e donzelas. Foi só quando fiquei mais velha que percebi que a vida não imitava ficção, de forma alguma. Na verdade, se eu quisesse um relato mais preciso, deveria ter examinado as memórias de crianças e lares destruídos, porque nem mesmo a *Cinderela,* que tinha uma vida doméstica horrível, teve que acordar com uma mãe viciada.

Eu fico olhando para os níveis sobre níveis de livros que se estendem até o teto e sorrio com as possibilidades. Uma seleção infinita de histórias que se alinham em prateleiras e prateleiras. Ansiosa para começar, eu viro e, quando bato em uma parede, o punhado de livros em meus braços cai no chão. "Ah, merda!"

Acontece que a parede é na verdade um corpo. O mesmo corpo que bati na noite anterior, com os braços sólidos e um punhado de pelos no peito aparecendo através de sua camisa desabotoada.

Sem me preocupar em olhar para seu rosto indubitavelmente irritado desta vez, eu me ajoelho no chão e recolho os livros caídos. "Eu sinto muito."

“Pareço não conseguir evitar você”, ele diz, com uma ponta de aborrecimento.

Eu franzo a testa com isso, ligeiramente ofendida.

Sapatos de couro lustroso tornam-se joelhos, quando ele se abaixa ao meu lado e pega alguns dos romances que caíram em suas páginas, espalhados de uma forma que me faz estremecer. “A escolha de literatura de minha mãe não mudou, eu vejo. A menos que isso pertença a você.”

Minhas bochechas esquentam de vergonha quando ele me entrega um livro cuja capa é um homem sem camisa apalpando a coxa exposta de uma mulher cujo vestido está levantado, seu rosto enterrado nos seios que se projetam de um corpete meia taça. Relembrando os comentários anteriores de Laura sobre a desaprovação de seu marido por sua leitura, eu franzo a testa com mais força, minha testa praticamente tendo cãibras com o esforço. Eu tiro o livro de suas mãos. "Nada de errado com isso, se fosse."

"Eu nunca disse que havia."

Eu finalmente levanto meu olhar para ele, apenas captando a distração de seus olhos. Um olhar para baixo mostra meu próprio decote saindo deste vestido estúpido, e eu rapidamente me endireito, rolando meus ombros para trás.

Um aperto suave do meu braço enrijece meus músculos, e quando ele vira meu antebraço para as cicatrizes, suas sobrancelhas baixam com o que eu interpretaria como nojo, o pânico floresce dentro do meu peito. Eu quero me afastar, mas meu corpo está congelado em choque, enquanto espero que ele pergunte por que eu fiz isso comigo mesma. Como poderia mutilar minha própria pele e, pior, com que propósito?

É uma pergunta que não posso responder a mim mesma, exceto que me senti bem na época. Foi bom liberar aquela dor e raiva que me fez sentir que poderia explodir. Como se eu estivesse liberando todas as toxinas da minha vida e descontaminando meu sangue de todos os demônios, como um exorcismo.

Seu polegar passa por um aglomerado de cicatrizes finas, o pior da minha dor permanentemente escrito em minha pele, e meu rosto parece um vulcão fechado, com toda a pressão e mortificação acalmando dentro da minha cabeça.

Sem uma única pergunta sobre elas, ele me solta e me passa o último livro. Com a pilha agarrada com força contra meus seios, faço o meu melhor para esconder o calor do meu peito. A evidência da minha humilhação.

Pontas dos dedos agarram meu cotovelo, os golpes suaves de antes ainda persistindo em meu antebraço, lançando um arrepio em minha pele enquanto ele me guia para ficar de pé. Uma vez em pé, ele me solta, enfiando as mãos nos bolsos.

"Acho que um conjunto de espelhos laterais não adiantam para você."

A tensão de segundos atrás é diminuída pela minha ofensa. "Não mais do que uma buzina para você."

Sua mandíbula muda como se isso o divertisse. Um gesto que não acho divertido. "Ainda assim, você é quem não consegue evitar esbarrar nas coisas."

“Talvez se as *coisas* não se misturassem com a parede, eu as notaria.” Oh meu Deus. Eu nem tive a intenção de vomitar essa. O fato é que este homem *não-misturável,* se é que tal palavra existe. Ele é o tipo de presença misteriosa e imponente que pode encolher qualquer sala em que ele entre. Intrigante e majestoso, apesar de suas cicatrizes.

O humor em seus olhos endurece com malícia. "Bonito vestido. Tenho certeza que minha mãe adorou escolher para você. Não tenho dúvidas de que fica chato vestir bonecas o dia todo.”

"Eu não sou a... coisa dela de vestir."

O que?

Mais uma vez, seus lábios se contraem como se ele estivesse segurando uma risada, o que só aumenta minha frustração. "Eu suspeito que você terá um armário cheio de vestidos quando ela terminar de brincar com você."

Meu queixo fica desequilibrado, enquanto minha mente luta por um insulto adequado para jogar de volta para ele. Com o olhar mergulhado em sua roupa, o que, para ser honesta, realmente fica bem nele, um fato que só me irrita ainda mais, inclino a cabeça com um sorriso malicioso. "Vejo que ela escolhe seu guarda-roupa também."

O que há com esse homem? Duas vezes agora, ele trouxe à tona esse meu lado desagradável, como se *quisesse* me despedir por minha insolência.

Ele dá um passo em minha direção, para o qual eu recuo, até que a parede atrás de mim está pressionando minha coluna. Apoiando a mão na parede, ele se inclina para frente. Não é seu rosto que me assusta pra caralho agora, mas a proximidade de seu corpo, e de repente estou muito ciente de seu tamanho em comparação com o meu. Como devo parecer pequena e delicada ao lado dele. Pequena. Delicada. Totalmente quebrável.

"Cuidado, garota", ele sussurra em meu ouvido, lançando um arrepio em minha pele com a promessa sombria em seu tom. O ar de autoridade que irradia de cada célula de seu corpo é como o estalo de um chicote. Ele se afasta de mim e reúne os livros da mesa atrás dele — referências para composição musical, eu noto — e bate os nós dos dedos na madeira. "Pelo menos eu posso usar calça."

Quando ele passa por mim, deixando um rastro delicioso de qualquer colônia que está usando, eu exalo um suspiro e balanço a cabeça.

Vestido estúpido.

Com braços cheios de uma seleção de livros, saio do elevador e, ao ouvir sons de gritos, corro em direção ao quarto de Laura, abrindo batendo com o ombro na porta. "Laura?"

Ao lado da cama, Nell seguras os braços dela para baixo, enquanto Laura se contorce, tentando se libertar.

“Amelia! Por que você não está me respondendo? Me responda!"

Eu largo os livros em uma cadeira próxima e corro pelo quarto para o lado oposto da cama. "O que aconteceu?"

"Você não pode ir embora sem me avisar." A raiva na voz de Nell me atinge como um tapa na cara.

“Ela me mandou buscar alguns livros. Eu apenas... só saí por apenas alguns minutos.”

"Eu a encontrei na varanda, chamando por Amelia."

Oh, meu Deus. O estado mental dessa mulher é tão previsível quanto um furacão de categoria cinco. "Eu sinto muito. Não vai acontecer de novo. Vou informá-la cada vez que eu sair. Há algo que eu possa fazer?"

"Não. Eu dei a ela algo para dormir. Só estou esperando ela se acalmar. Você também pode ir. Ela ficará apagada o resto do dia.”

Ombros caídos, não posso evitar a sensação de que falhei com ela novamente. Ao sair do quarto, olho para trás, para onde Laura finalmente se acomodou. Apenas sua cabeça gira para frente e para trás, enquanto ela olha para o teto.

CAPÍTULO 14

LUCIAN

Dezesseis anos atrás...

Com um braço enfiado sob a cabeça, deito-me estendido na cama, jogando uma bola de tênis no ar e pegando-a com uma das mãos.

Com uma batida na porta do meu quarto, não atendo, mas continuo com meu jogo solitário.

Outra batida.

Rangendo a mandíbula, jogo a bola com mais força do que a anterior e a pego novamente.

A porta se abre com um clique e Solange entra, fechando-a atrás de si. Eu não posso negar que a visão dela endurece meus músculos, mas em um flash de meu pai transando com ela com o bastão, eu enrolo meus lábios e olho para longe.

Com os braços atrás das costas, ela se encosta na porta. "Eu esperei por você. Na caverna."

"Tenho certeza que sim."

"Você nunca apareceu. Por que?"

Encolho os ombros com desinteresse. "Eu não estava interessado em foder você depois que o pau do meu pai esteve em você."

Baixando o olhar, ela franze os lábios como se para conter uma risada, apenas me irritando ainda mais.

"Saia."

“Eu vi você beijá-la. No piano.” Seu bufo de decepção ecoa pelo quarto. “Eu fiquei... fora de mim. Com ciúmes. Brava. Magoada."

Pegando a bola mais uma vez, coloco meus pés na beirada da cama e me sento ereto. “Ela me beijou. Eu não tive nada a ver com isso.”

"Mas você não a afastou."

"Não. Acho que não. Assim como você não afastou meu pai.”

“Eu não suporto sua mãe... constantemente me fazendo sentir como se eu não fosse nada além de merda sob seus sapatos de *grife*. O bastão? Sim. Foi ruim. Mas estou cansada de me sentir uma canalha.” Ela inclina a cabeça, sem dúvida tentando chamar minha atenção, enquanto faço o meu melhor para não olhar para ela. “E quanto ao seu pai? Eu não tenho escolha. Ele ameaçou se livrar de mim se eu não foder com ele quando pedir."

Franzindo a testa, eu finalmente encontro seu olhar. "Demitir você?"

"Você é o único, Lucian." A barra inferior de seu vestido chama minha atenção para suas pernas nuas enquanto ela dá um passo mais para dentro do quarto. “O único que me faz sentir bem. Que me faz sentir... valendo alguma coisa.”

“E você fodeu tudo. Então, como eu disse, saia.” Jogo a bola para o ar novamente, mas ela a pega desta vez.

"Você está bravo comigo."

"É óbvio?"

Largando a bola no chão, ela rasteja para o meu colo antes que eu possa impedi-la e me empurra de volta para a cama. Sentando-se escarranchada em meu corpo, ela alcança algo atrás de suas costas. "Eu quero te mostrar outro truque."

Com as mãos em suas coxas, vou empurrá-la, mas seus músculos se contraem em torno de mim, me mantendo preso. "Eu cansei dos seus truques."

“Este você achará útil.” Uma faca brilha no canto do meu olho enquanto ela a gira, sorrindo. “Quando você está com raiva. É tão fácil quanto um longo corte para liberar toda a tensão dentro de você.”

Metal frio sangra pela minha camisa quando ela encosta a ponta de aço no meu peito e abre um dos meus botões. Eu nem me preocupo em olhar onde ele cai. Meus olhos estão cravados nos dela, em busca de qualquer sinal de que ela possa enfiar a lâmina em minhas costelas. Outro botão. Seguido por outro, até que uma grande lacuna mostra meu peito nu.

“Assim como o medo pode ser um afrodisíaco, a dor também pode. Se você aprender a amá-la e abraçá-la, você se tornará invencível.”

A batida implacável do meu coração não é medo, mas excitação, evidenciada pelo endurecimento do meu corpo.

Uma queimadura fria percorre meu peito, onde ela arrasta a lâmina, marcando minha pele, e eu cerro os dentes de dor. “Porra”, cerro, músculos estremecendo com a picada. Sem tirar os olhos de mim, ela levanta a lâmina, mostrando sangue escorrendo pelo aço, que ela lambe.

"Você tem gosto de raiva e luxúria."

Tudo dentro de mim me implora para afastá-la e dizer a ela para dar o fora do meu quarto. Em vez disso, agarro sua nuca, a raiva explodindo na superfície quando a empurro para a cama ao

meu lado. Eu tiro a lâmina de sua mão e a giro da mesma maneira provocadora que ela fez antes.

Seus lábios se abrem em torno de um sorriso que eu poderia cortar de seu rosto. "O que você deseja fazer com essa faca?"

A lâmina é uma diversão rápida, e fico olhando para o meu reflexo distorcido no metal. Sem muito estímulo da minha cabeça, o aço frio está apoiado em sua garganta, meus olhos fixos nos dela, enquanto estendo a mão e rasgo sua calcinha por baixo do vestido. Furioso com ela.

Com uma mão, tiro meu pau da calça.

Ela se contorce embaixo de mim, como se fosse lutar contra mim, mas sou mais forte.

Eu coloco minhas pernas entre suas coxas, e uma picada fria atinge minha bochecha onde ela me dá um tapa. A risada que se segue apenas incita minha fúria, e pressiono a lâmina o suficiente para levantar seu queixo.

"Se eu pegar ele fodendo você de novo, vou pegar essa faca e arrastá-la pela sua garganta."

Ela solta um gemido.

A porra de um gemido.

Batendo meu pau nela, vejo seus olhos rolarem para trás, sua língua deslizando sobre seus lábios.

Palavras incoerentes em francês dançam em volta da minha cabeça, enquanto eu balanço contra ela.

“Diga-me o que você está dizendo”, eu exijo.

Com os olhos pesados de desejo, ela pisca fortemente e geme novamente. “Eu disse *foda-me mais forte, jovem mestre.”*

Então eu faço isso.

CAPÍTULO 15

ISADORA

Dias de hoje …

Quando tinha quinze anos, a tia Midge achou que seria divertido se eu fosse babá de uma das crianças vizinhas para ganhar dinheiro extra. Uma garotinha de cinco anos, cuja mãe trabalhava até tarde, deixando a filha sem ninguém para buscá-la no ponto do ônibus escolar. Nunca tive irmãos, um animal de estimação ou qualquer coisa que pudesse ser remotamente responsável por manter vivo, então não tenho certeza de onde a tia Midge tirou a ideia de que isso seria bom para mim.

Por oito dólares por dia, encontrava a criança no ponto, acompanhava-a até sua casa e ficava assistindo a episódios entorpecentes de *Larva* até sua mãe chegar em casa. Não parecia um trabalho tão ruim, até que, um dia, ela decidiu mudar, perguntando se poderia brincar no quintal. Era cercado, então não pensei em nada. Cerca de dez minutos antes de sua mãe chegar em casa, me aventurei a chamá-la.

Ela não respondeu.

Procurei em todos os cantos do quintal.

Não a encontrei.

Dizer que estava em pânico era um eufemismo. Eu literalmente sofri um ataque de ansiedade enquanto corria pela casa em busca dela. Respiração ofegante, sensação de tontura com vontade de desmaiar. Cheia de pânico.

Faltando apenas alguns minutos para sua mãe aparecer, resolvi andar por fora para verificar a frente e a encontrei acampada no meio da estrada, desenhando com giz.

No meio da maldita estrada.

Fora de mim, eu a peguei e carreguei, enquanto ela chutava e gritava, para a calçada, onde eu poderia perguntar a ela que diabos ela estava pensando.

“Mamãe me deixa brincar na rua.” Ela estava mentindo, é claro, e nem um minuto depois, sua mãe parou, totalmente alheia aos corações desenhados e arco-íris que ela dirigiu por cima.

Não me incomodei em dizer uma palavra, mas mais tarde naquela noite, a culpa me corroeu. Tanto que, no dia seguinte, faltei à escola, para confessar o que aconteceu, e pedi demissão, sentindo-me um fracasso total. Um ano depois, soube que a menina foi morta. Atropelada por um carro na frente de sua casa enquanto brincava. De acordo com o artigo, ela foi deixada em casa sozinha depois da escola.

Com os joelhos dobrados contra o peito, sento na cama, olhando para a parede à minha frente. Eu nem sei o que significa que Laura estava na varanda hoje cedo. Se ela for tão mentalmente instável a ponto de tentar pular ou perseguir o neto morto pela grade. Tudo que sei é que não consigo ver ela deitada na calçada com o crânio aberto na minha cabeça. Eu deveria estar dormindo agora, mas o cenário continua rodando em loop, e a experiência me diz que não vai parar até que eu verifique se ela está bem.

Pisos de madeira fria atingem meus pés descalços, e eu caminho silenciosamente em direção à minha porta trancada. Abrindo-a, espreito para encontrar o corredor vazio e silencioso, continuo descendo um lance de escada e passando pelo saguão, onde paro. "Merda."

Sampson levanta a cabeça quando eu me aproximo, mas não se preocupa em se mover de onde ele fez do brasão Blackthorne sua cama para a noite. Em vez disso, sua grande cabeça-dura segue lentamente atrás de mim, enquanto passo na ponta dos pés.

A visão dele me deixa ainda mais nervosa, e tenho que acreditar que o cachorro pode sentir, pelo jeito que ele mantém uma vigilância cautelosa, enquanto corro em direção ao elevador. No entanto, apenas uma verificação rápida vai me permitir fechar os olhos e dormir um pouco. Começar de novo amanhã.

As portas do elevador se abrem e sou atingida pelo som de gritos pela segunda vez em um dia. Corro em direção ao quarto de Laura, mas paro uma segunda vez quando encontro Lucian acampado no chão ao lado de sua porta.

Uma perna apoiada, ele descansa o cotovelo sobre o joelho, uma bebida pendurada em sua mão. Ele apenas me lança um olhar momentâneo, os olhos cheios de exaustão e apatia.

“Eu vou... desculpe. Vou deixá-lo sozinho." Eu me viro para sair, mas faço uma pausa e me viro na direção dele. "Ela está bem?"

Sem se preocupar em olhar para mim, ele dá um aceno sutil e toma sua bebida.

"Você precisa de alguma coisa?"

Com os lábios pressionados em uma linha dura, ele balança a cabeça.

Meu coração está batendo forte no peito, principalmente por causa do encontro inesperado, mas também porque o homem me deixa nervosa pra caramba.

Novamente, eu me afasto, mas paro no meio do caminho. “Eu... sinto muito pelo meu comentário esta

tarde. Sobre sua roupa? Tenho diarreia na boca às vezes." Percebo um lampejo de desgosto em seu rosto, até que ele levanta o copo novamente para outro gole.

O tilintar do gelo anuncia o resto.

"Se você não se importa... eu só quero esperar até que ela se acalme. Só para ter certeza de que ela está bem."

Ele não responde. Não se preocupa em olhar para mim, de forma alguma, e tenho a sensação de que ele está irritado com a minha presença. Na verdade, provavelmente há muito poucas coisas, como aquele copo de bebida, que *não* parecem irritar o homem.

Infelizmente para ele, eu sei que não vou dormir com os sons dos gritos dela ecoando na minha cabeça a noite toda. Então, eu realmente não dou a mínima se ele está irritado.

Sento-me no chão do lado oposto da porta, puxo minhas pernas para cima e as envolvo com os braços. Deste lado, não vejo nenhuma de suas cicatrizes, apenas o perfil nítido de um homem atraente, mas intimidante. Aquele que não se preocupa em me aceitar.

Pelo que parece uma eternidade, ficamos sentados em silêncio, os sons de gemidos e soluços sangrando pela porta. A voz de Nell é monótona e autoritária, quase sem compaixão pela mulher, como se ela estivesse cansada demais para lidar com ela.

Lucian suspira e gira os ombros para trás, e eu me pergunto há quanto tempo ele está sentado aqui. O que está acontecendo com ela?

Sua camisa está um pouco desabotoada, sua gravata desfeita, como se ele teve que se acomodar. Ainda assim, o silêncio constrangedor paira no ar entre nós.

“Sua mãe me disse que você toca piano. Ou tocava. Ela não especificou se ainda toca, ou não.” Eu não sou a maior conversadora. Deus sabe, se houvesse um livro em minhas mãos agora, sua respiração me daria nos nervos, mas essa conversa de mão única é ridícula para ele. Provavelmente seria mais fácil se eu estivesse olhando para sua metade cicatrizada. Pelo menos eu sentiria uma pequena pena dele, mas desse ângulo, ele parece apenas um idiota arrogante e temperamental com uma mandíbula perfeita.

Nesse ritmo, prefiro ficar acordada a noite toda contando rachaduras no teto.

Quando me coloco de pé, ele limpa a garganta.

"O que você realmente está fazendo aqui?"

As dores familiares de culpa se instalam e, por um momento, me sinto como se eu tivesse quinze anos me preparando para confessar à Sra. Phillips que perdi sua filha por um minuto. Apenas, ele não é a Sra. Phillips. Ele é o filho louco. Diabo de Bonesalt. E minhas mãos estão suando. “Enquanto eu estava... na biblioteca, ela aparentemente foi para a varanda. Eu não tinha ideia de que ela iria... ou que ela poderia tentar..."

“Não é isso que eu quero dizer. Por que você está aqui? Na mansão?"

"Você. Quer dizer, Rand me contratou.”

"Não brinca."

“Estou aqui para trabalhar.”

Seu rosto vira para o lado, suas sobrancelhas baixam. "Sim? Tem certeza que não está aqui para juntar sujeira sobre os Blackthornes fodidos e levar para seus amiguinhos da cidade? Não acho que haja cruzes suficientes na estrada. Talvez você possa convencê-los a adicionar mais algumas.”

Mais uma vez, meu rosto se aquece de vergonha. “Não estou aqui para espalhar fofoca. Estou aqui para fazer o meu trabalho.”

"Você já fez isso bem, ao que parece."

Outro grito estridente ecoa do outro cômodo, e eu abaixo meu olhar quando o tapa de suas palavras se instala sob minha pele. Uma onda de raiva sobe do meu interior. “Você só sabe disso porque eu *te disse* que estraguei tudo. Não porque você realmente se importe."

Tapar a boca com a mão é fútil depois do que já foi dito, do que agora existe no universo. Eu nem sei qual é a relação entre ele e sua mãe. Só sei que, nos dois dias que estou aqui, ele não demonstrou muito interesse por ela.

O brilho que ele atira de volta para mim estala através dos meus ossos, e eu deslizo minhas mãos sobre o meu rosto para não ter que olhar para ele quando ele me despedir aqui mesmo. Com os músculos tremendo, eu me preparo para o ataque de insultos e a raiva que vejo em seus olhos.

Segundos se passam em uma contagem regressiva agonizante para a minha caminhada de vergonha, quando sou forçada a voltar para o meu quarto e mandar uma mensagem para tia Midge para vir me buscar porque minha maldita boca estourou de novo.

"Eu sinto muito." É tudo o que posso dizer, por mais inútil que seja.

"Você não é como a última garota."

Ousando uma espiada por entre meus dedos, eu o encontro olhando para a frente em direção à parede de bonecas à nossa frente, girando o gelo em seu copo.

“Todas elas se acovardam. Mas você... você simplesmente não sabe quando manter os lábios fechados."

“É praticamente uma condição médica. Honestamente, às vezes não consigo me conter.”

"*Honesta* sendo a palavra-chave." Ainda girando os cubos, ele suspira. “Eu estive cercado de mentirosos minha vida toda. É estranho ouvir honestidade. Por mais brutal que seja.”

Os gritos de antes diminuíram para choramingos e soluços silenciosos. “Eu não quis dizer o que disse. Eu nem conheço o seu relacionamento com sua mãe.”

Ele torce o nariz e funga. “Quando eu era mais jovem, ela tinha pesadelos horríveis. Gritando e chutando, simplesmente... era inquietante vê-la. Eu não poderia ir até ela, é claro, porque a equipe estava preocupada que ela acabasse me dando um chute na cara ou algo assim. Então, eu assistia da porta até ela se acalmar. Horas, às vezes. Ouvindo seu choro. Foi a coisa mais honesta que já ouvi dela.”

Seu comentário pesa no meu peito, enquanto me lembro das noites em que minha própria mãe descia de um de seus altos e ficava deitada no chão, soluçando, enquanto se desculpava comigo sobre o quanto ela estragou as coisas para nós. Eu a odiava a cada dois minutos do dia, exceto por aqueles poucos quando eu sentia como se tivesse tido um vislumbre dela, nua e vulnerável.

“Eu estava pensando em levá-la para um passeio amanhã. Pegar um pouco de ar fresco.”

A porta se abre com um clique e Nell sai esfregando a mão na testa, até que ela olha para mim e para com um suspiro.

Com os olhos arregalados, ela se vira para Lucian e baixa o olhar. "Eu... não percebi... que você estava fora do quarto."

Levantando-se, Lucian se endireita, elevando-se sobre ela e eu, mesmo depois que finalmente me levantei também. "Ela está estabilizada, então."

"Sim. Eu dei a ela algo para dormir. Ela está bem. Eu teria lhe dado uma atualização anterior... se eu soubesse." É estranho ver Nell tão nervosa perto dele, inquieta e sem olhar para ele, quando ela age tão indiferente com todos os outros.

"Eu não estava procurando uma atualização anterior. Seus gritos eram muito reveladores."

"Claro." Não é preciso ser um gênio, nem um drogado, aliás, para ver que Laura está viciada em tudo o que eles lhe dão para dormir. Já conheço viciados o suficiente para saber que eles farão qualquer coisa para conseguir a droga. Esses ataques dela podem muito bem ser reais, mas com a maneira como Nell distribui soníferos como doces, eu me pergunto.

Com os olhos em mim, ele passa por nós duas sem dizer outra palavra e entra no elevador. Estou inclinada a seguir, mas espero.

Assim que as portas do elevador se fecham, Nell leva a mão ao peito e solta um longo suspiro. "Ele devia estar trabalhando em seu escritório. Ouvi o grito dela. Deus, ele me deixa nervosa."

Ela está aqui há muito mais tempo do que eu, o que significa que não há chance de meu desconforto em torno do homem ir embora tão cedo.

"Por causa das cicatrizes?"

"Não. Porque ele é apenas..." Um rápido olhar para mim, e ela franze a testa. "Esquece. Estou cansada. Eu preciso dormir um pouco."

"Sim claro. Eu só queria ver como ela estava. O que aconteceu antes ainda está me incomodando."

"Não se preocupe com isso. Todos nós fizemos isso."

"Mesmo? Não consigo imaginar você fazendo algo estúpido." Além de dispensar comprimidos como uma máquina de chicletes humana.

"Acredite em mim, todos nesta casa fazem algo estúpido em um ponto ou outro." Ela sacode a cabeça em minha direção. "Vá para a cama. Amanhã é outro dia divertido na casa de diversões."

Com uma bufada, caminho de volta em direção ao elevador.

"Ei", ela grita para mim e, depois de olhar para trás no quarto de Laura, diminui o espaço entre nós. "Tenha cuidado com ele. Lucian. Eu não ficaria muito amigável."

"Eu não estava ficando amigável. Estávamos apenas conversando casualmente sobre a mãe dele."

"Nada é casual com eles. Todos neste lugar são mestres em esconder quem realmente são."

"O que ele está escondendo?"

Mais uma vez, ela volta a olhar para o quarto de Laura. "Apenas observe por si mesma. Vou para a cama."

CAPÍTULO 16

LUCIAN

Dezesseis anos atrás...

Seis horas com um tutor é tão emocionante quanto ver tartarugas transando.

Sempre aprendi rápido e nunca exigi o tipo de martelada que este tutor emprega para ensinar. Mostre-me uma vez e siga em frente.

Não vi Solange hoje e estou ansioso para me encontrar com ela, para exaurir um pouco dessa frustração reprimida que deixa meus músculos em nós.

Com a mochila pendurada no ombro, entro no meu quarto, mas paro ao encontrar meu pai ao lado da cama. Eu deixo a mochila cair no chão, e ele se vira em direção ao som. O acúmulo de facas de diferentes tamanhos que coletei nas últimas semanas na cozinha está ao lado da revista BDSM que Solange me presenteou. Como eu disse antes, aprendo rápido e, se por acaso encontro prazer nisso, fico até um pouco entusiasmado. Tornei-me um conhecedor de lâminas. Cega, afiada, dentada, lisa.

E tenho conseguido manter tudo isso escondido da minha mãe, só puxando-as de baixo da cama nas horas em que estou sozinho e tenso. Imaginar seu rosto, contorcido em uma mistura de decepção e repulsa, é o suficiente para me deixar paranoico e cauteloso.

De alguma forma, meu pai ter descoberto primeiro é pior.

Por instinto, puxo os punhos da minha camisa, a sensação fantasma de muitos cortes que fiz na minha pele coçando com o meu desconforto súbito.

"O que é isso, Lucian?"

Em vez de responder, eu abaixo meu olhar e franzo a testa. Responder não vai me fazer bem. É óbvio que ele está procurando por algo que possa usar como desculpa para deixar outro olho roxo no meu rosto. Humilhar-me na frente dos empregados e da minha mãe. Ele nunca vasculhou meu quarto antes, então por que agora?

Ele enrola a revista e, por um momento, me pergunto se é isso que ele vai usar para me bater dessa vez, até começar a juntar as facas também. Ele sacode a cabeça em direção às que ficaram na cama. “Pegue isso. E me siga.”

Porra.

Ele quer uma plateia.

Posso ver agora, todas as criadas, incluindo Solange, o mordomo e o pessoal da cozinha, todos reunidos em seu escritório, com minhas facas e revista espalhados. Ele vai perguntar quem não limpou debaixo da minha cama, quem não percebeu que as facas sumiram, só para ter uma desculpa para tê-los ali.

Alcançando o punho, pego uma faca serrilhada e uma faca muito mais lisa. Descobri que a faca de carne requer muito puxão e arrasto, mais danos e bagunça, difícil de controlar. Eu a uso principalmente para raspar a pele — nunca cortar. A melhor faca que encontrei é na verdade a adaga nas mãos de meu pai. Particularmente na coxa. Mas essa não está nem aqui, nem lá, agora que ele as encontrou.

Sigo meu pai para fora do quarto, mantendo minha cabeça baixa para evitar contato visual com qualquer pessoa que possamos passar. Chegamos ao elevador e, embora houvesse um

momento em que imploraria por seu perdão, para me poupar de qualquer fúria que estivesse se formando dentro dele, não me incomodo. Comecei a perceber que é inútil no que diz respeito a ele.

As portas prateadas se abrem e meu pai entra primeiro. Eu sigo depois, e as portas se fecham. Só que, em vez de apertar o botão do terceiro andar, para seu escritório, ele levanta a mão e pressiona o anel de sinete em um botão que sempre presumi quebrado.

Observo com curiosidade o botão com a letra 'S' acender. A coisa mais estranha que já vi.

Quantas vezes brinquei com aquele botão, determinado a saber por que ele nunca acendia como os outros. Onde ele levava o elevador. Por que nunca vi ninguém tentar acessá-lo.

Os pensamentos se encaixam quando me lembro da única vez em que vi um grupo de homens em ternos pretos, sócios de meu pai, entrar no elevador. Minha mãe me chamou à sua sala de estar, e eu esperei que os homens esvaziassem o elevador primeiro. Por acidente, apertei o botão do escritório do meu pai, o que me colocou em pânico, mas quando o elevador chegou e as portas se abriram, o escritório dele estava vazio. Como se eu tivesse imaginado todos aqueles homens de terno, como um sonho esboçado.

Meu pai se vira, de frente para a parede do fundo. Isso arrepia os pelos da minha pele, como se a qualquer momento, ele vai se virar e me apunhalar pelas costas com uma daquelas facas.

O elevador para e um leve tremor percorre meus ossos, enquanto espero as portas se abrirem. O som de metal sendo moído por trás desperta minha curiosidade, e me viro para descobrir que a parede dos fundos se abriu em uma sala cavernosa iluminada por arandelas.

As catacumbas, aposto, embora não tenha vindo aqui para saber com certeza.

Uma fina gaze de ar frio se agarra à minha pele, quando ele me leva por corredores que parecem ser feitos de pedra. O som estridente das facas de metal é o único som entre nós, acima do ruído surdo de passos e do sangue pulsando em meus ouvidos.

Passamos por entradas que parecem levar a outros túneis, como um labirinto por onde se pode facilmente se perder. Meu pai para em frente a uma porta de madeira brandida com molduras de latão, como algo saído da era medieval, mas recentemente atualizada. Mais uma vez, ele pressiona seu anel em um painel na porta, que se abre para uma pequena sala escura.

"O que é este lugar?" finalmente pergunto.

“Gerações atrás, seu tataravô mandou construir este castelo em um cemitério indígena que os moradores queriam demolir. Ele recebeu permissão para mantê-lo e enterrar seus próprios parentes aqui. É onde guardamos os ossos de nossos ancestrais.”

Uma luz se acende, iluminando a sala, na qual várias ferramentas estão penduradas na parede. Facas. Chicotes. Correntes. Alguns eu nunca vi na vida. Uma cadeira velha que me lembra algo do consultório de um dentista fica bem no meio, só que esta vem equipada com alças e algum tipo de engenhoca em torno do encosto de cabeça que se parece com o dentista que usei quando tinha treze anos.

Mais barulho enche a sala enquanto ele deixa cair as facas em um balcão em frente à cadeira.

“Dizem que começa com os animais, mas nem sempre é verdade. Minha obsessão começou com ossos.” Um pedaço do que parece ser a mandíbula inferior de alguma coisa fica no balcão, embaixo de um armário que contém vários potes, alguns cheios de soluções e o que quer que esteja dentro deles. “Meu pai me

trouxe aqui e fiquei maravilhado com o conforto que senti neste lugar."

"O que começa com animais?"

Colocando o osso de volta no chão, ele vira apenas o suficiente para que eu veja uma sugestão de um sorriso brincando em seus lábios. Tão estranho e raro que quase me pergunto se estou enganado. "Sadismo."

Sadismo? Cristo, ele pensa que estou cortando coelhos no quintal com aquelas facas?

"Isso não é o que pare..."

"Durante anos, pensei que sua mãe tinha enfiado as garras em você e transformado você em um *pianista* maricas. Pensei que talvez você tocaria minhas teorias. Afinal, você tem o gene."

"Gene?" Achei que sadismo fosse aprendido.

Depois de cruzar casualmente a sala, ele para em frente à parede de armas e passa os dedos pelas cordas trançadas de um chicote ali. "Estou supondo que sua educação sofisticada nunca lhe ensinou muito sobre epigenética comportamental. Era algo que me fascinava desde muito cedo. Como o trauma que meu avô sofreu pode ser transmitido de geração a geração, alterando os genes de sua prole. Esse é o propósito do nosso grupo. Biologia evolucionária."

"Não estou entendendo."

"Estou falando sobre sua predisposição para infligir dor aos outros. Tornou-se parte da sua composição genética."

Baixando as sobrancelhas com o cenho franzido, não me preocupo em dizer em voz alta que ainda estou perdido em sua explicação, porque sei que meu pai é um homem de pouca paciência. Alguém que me menosprezaria como simples e lento.

“Nosso grupo procura explicar...”

"Grupo? Que grupo?”

“Nós nos chamamos Schadenfreude. Somos um grupo. Gerações daqueles que se dedicam a estudar a epigenética do sadismo. A evolução do domínio e sobrevivência.” Do bolso, ele puxa um charuto e acende a ponta dele, enquanto minha mente gira em uma tentativa pobre de acompanhar. “Tudo começou com o seu bisavô dinamarquês. Houve um tempo, antes de tudo isso.” Ele aponta para o nosso entorno. “Após a Grande Depressão. Quando ele era tão pobre, ele não tinha dinheiro para alimentar a si mesmo ou sua família. Na época, ele trabalhava para a New England Fishing Company em Gloucester. A lucratividade era baixa e as frotas foram reduzidas durante a guerra, para serem usadas como traineiras navais para varreduras de minas. Os homens estavam sem trabalho.” Na pausa que se segue, ele fuma seu charuto, olhando para mim. “A fome faz um homem fazer coisas desesperadas. Coisas irracionais. Havia boatos na vizinhança de dois alemães. Na época, eles alegaram ter trabalhado em uma fábrica durante a guerra. Mais tarde seria determinado que esses homens eram na verdade médicos nazistas, criminosos de guerra que fugiram da Alemanha para evitar a perseguição. Mas estou divagando. Seu estudo foi os efeitos do sadismo nas gerações futuras. O conceito de DNA foi descoberto recentemente e a eugenia era enorme. A hereditariedade era fascinante para os nazistas, em particular.”

Eu deslizo meu olhar em direção à cadeira do dentista, meu peito frio com os pensamentos do que ele pretende fazer. Se o objetivo desta história é me preparar para as torturas que ele pretende praticar em mim.

“Esses homens ofereceram uma grande soma de dinheiro para essencialmente torturar seu bisavô por um período de tempo. A teoria deles era que o trauma sofrido alteraria seus

comportamentos e produziria descendentes futuros com tendências sádicas.”

"Como? Se foi ele que foi torturado?"

“Essa é a natureza de Schadenfreude. Parte de sua tortura era testemunhar a tortura de outras pessoas. Com o tempo, sua empatia começou a mudar. Claro, os alemães recompensaram esse comportamento. Não quer dizer que seus experimentos não foram baseados em algumas motivações pessoais, você sabe. E no final, ele tinha dinheiro suficiente para comprar seu próprio barco de pesca, abrir sua própria empresa. Construir as bases do que somos hoje. Mas os efeitos psicológicos do que ele sofreu nunca o deixaram, então ele manteve uma espécie de amizade com os alemães. E não demorou muito para que ele próprio começasse a participar do estudo.”

"Ele torturou pessoas inocentes?"

“Aqueles que eram pobres ou precisavam de algum tipo de favor que ele pudesse cumprir. Era mutuamente benéfico, visto que muitos também se tornaram bem-sucedidos. Essa é a natureza deste estudo. Sadismo é um traço geneticamente superior. E a ideia do nosso grupo é alimentar o que nos deixa famintos. Meu avô logo descobriria, com o tempo, que a fome da mente é muito mais poderosa do que a do estômago.”

Abaixar meu olhar do dele não me protege do escrutínio queimando em seus olhos. Não tenho dúvidas de que ele está observando minha reação, esperando que eu diga que aquelas facas estavam escondidas debaixo da minha cama pelo mesmo motivo. Que sou algum resultado fodido do meu bisavô.

"Por que você está me contando isso?"

“Porque o experimento continua, Lucian.”

"Eu não sou assim. Eu não.... Não quero machucar as pessoas.”

"Ainda não. Como eu disse, tudo começou com algo simples para mim. Ossos. Não demorou muito para eu começar a coletar os meus."

Meu olhar se fixa no dele, as cócegas frias em meu peito explodindo de pânico. "Você matou?"

"O objetivo do Schadenfreude não é matar, mas um homem não acumula tanto poder sem fazer inimigos. Se você soubesse quantas vezes alguém planejou me matar, sua mãe, você, eu suspeito que você nunca sairia desta casa. Felizmente para mim, estou geneticamente equipado para eliminar o que ameaça minha sobrevivência."

Suas palavras serpenteiam sob minha pele, absorvendo profundamente dentro de meus próprios ossos, enquanto a cortina da minha vida se abre para expor a realidade angustiante que eu não consegui ver.

"Você mataria se alguém ameaçasse o que você ama, não é?"

Nunca pensei nisso. Eu amo, ou amei tanto alguma coisa em minha vida? Tanto que mataria por isso?

"Por que você me trouxe aqui?"

"Porque é hora de você saber o seu lugar nesta família. Em Schadenfreude. Haverá expectativas neste papel. Coisas que você não pode ignorar."

"Como o quê? Torturar pessoas inocentes?"

"Essas pessoas virão até você algum dia. Você não vai procurá-las. Elas ouvirão rumores sobre nós e virão em desespero. Elas se entregarão a você por uma chance de ter a vida que você vive."

"E se eu não quiser ajudá-las?"

"Receio que você não tenha escolha."

Eu franzo a testa para ele, estudando seus olhos em busca de qualquer sinal de diversão ou humor, mas meu olhar encontra a mesma austeridade que aprendi com ele.

“Os homens que compõem a Schadenfreude são algumas das pessoas mais poderosas do mundo. Você conhecerá segredos que os destruiriam. E, portanto, eles iriam destruir você. Você fará o mesmo. Protegerá nosso grupo. Preservará gerações de estudo. Para observar os efeitos do ambiente na genética. Sua composição genética é alterada com base no que aconteceu com seu bisavô. E será interessante ver como isso se manifestará nas gerações futuras.”

“Você disse que aqueles homens eram nazistas. Por que eu protegeria ou preservaria qualquer coisa a ver com eles? Por que *você* faria *isso*?"

“Isto não é sobre eles. Eles acabaram sendo descobertos pelo grupo e, digamos apenas, que foi uma questão tranquila de dois indivíduos serem consumidos por seu trabalho. Justiça poética, suponho.”

Em poucas palavras, os alemães foram torturados e assassinados por suas mentiras.

“Isso ainda não significa que seja certo. Então você... cria gerações de pessoas que gostam de machucar os outros? Como isso torna o mundo um lugar melhor?”

Rindo, ele joga a cinza do charuto e dá uma baforada. “O mundo está cheio de sádicos e masoquistas. Você encontra prazer em distribuir dor ou em recebê-la.”

“Eu não sou um psicopata. Não gosto de machucar os outros insensivelmente.”

Ele levanta a revista ao lado dele, silenciando meu argumento. “Seus livros diriam o contrário. E não se trata de insensibilidade. Você goza porque sabe como é. Porque você

sentiu a lâmina deslizar em sua própria pele. Você sentiu o soco sob suas costelas enquanto lutava por respirar."

Meus músculos ficam rígidos.

O ar murcha dentro do meu peito.

Ele sabe sobre Solange. Ele viu nós dois juntos. Não há outra explicação.

“Começou assim para mim também. Experimentando. Testando meus limites. E em breve, meu filho, você encontrará alegria em ver outros descobrirem o que agora você sabe que é verdade. Que há prazer na dor.”

CAPÍTULO 17

LUCIAN

Dias de hoje...

"Lucian! É tão bom ver você!" Patrick Boyd me lembra uma mistura de evangelista e vendedor de carros. Sorriso brilhante de bonzinho no lugar, ele usa o cabelo penteado para trás como um aspirante a gangster que pode jorrar versículos da Bíblia enquanto solicita seu voto. Os óculos de aro fino deveriam dar a ele um ar educado, mas, na verdade, ele simplesmente parece confuso.

A pele fina e fria cumprimenta a minha quando aperto sua mão. "Já faz muito tempo, Patrick."

"Como está sua mãe?"

"Bem." Nunca me importei muito com meu sogro, que nunca escondeu o fato de favorecer minha mãe. Dada sua predileção por mulheres mais jovens, porém, não fazia sentido que ele a achasse tão atraente, o que me leva a acreditar que seus sentimentos também tinham motivação política. “Não vamos enrolar com formalidades. Soube que você esteve perguntando sobre Schadenfreude.”

Com as sobrancelhas erguidas de surpresa, ele se mexe na cadeira e sorri. “A notícia viaja rapidamente.”

"Quando você faz barulho suficiente, com certeza."

“Na verdade, foi seu pai quem me contou sobre o grupo secreto. Antes de morrer. Nunca tive a chance de me conectar totalmente.”

Talvez eu tenha dado muito crédito ao meu pai por ser astuto. Claro, essa é a natureza do meu encontro com Boyd agora. Para ver em que diabos Griffin Blackthorne estava pensando, quando ele se tornou o cara a par de tantos indivíduos poderosos. Como permitindo que uma criança brincasse com os controles de um míssil. “E qual é o seu interesse?”

“Eu quero fazer parte disso. Da elite.”

Olhos fixos nos dele, estudo os movimentos sutis e gentis de seu corpo que traem a calma da qual ele está tentando me convencer. A contração incessante de seus olhos. O movimento de sua garganta. A vibração ocasional de seus cílios e a ponta de sua cabeça. Como se todas as terminações nervosas estivessem disparando ao mesmo tempo e ele não pudesse controlar isso. Os políticos são pessoas estranhas, pois têm a capacidade de usar máscaras para a maior parte de seu público. Mas coloque-os na frente de alguém que eles possam temer um pouco, e tendem a ser um pouco mais transparentes. “Você está ciente da natureza deste grupo?”

“As pessoas vêm a você em busca de favores. Em troca de... uma recreação particular.”

"Sadismo. E por que um homem da sua estatura iria querer ser afiliado a algo assim? Considerando suas transgressões passadas?” *Diga, Boyd. É político.*

“Pelo que entendi, este grupo existe há gerações sem a consciência ou interferência de ninguém.”

"Você não me parece o tipo de homem que poderia ficar parado e assistir ao sofrimento dos outros."

Com os lábios curvados em um sorriso, ele cruza as pernas e se recosta na cadeira. “Eu sou um político, Lucian. Fiz isso durante toda a minha carreira.”

Levantando-me da minha cadeira, engulo a frustração desta reunião e paro na frente da janela. Abaixo de mim, Isa empurra minha mãe em uma cadeira de rodas, parando para apontar para algo fora do meu campo de visão. A estufa, se o ângulo de seu dedo servir de referência.

Daqui, o top rosa claro que ela está usando tem um corte baixo o suficiente para que eu possa ver seu decote, assim como eu vi no dia na biblioteca, quando ela usava aquele vestido branco *esquecido* por *Deus.* Na verdade, é a Deus que culpo em geral por jogar essa garota peculiar no meu caminho.

Tranças escuras caem sobre seus ombros, e minhas mãos se fecham em punhos com o pensamento de quantas vezes eu poderia enrolar seu cabelo em torno delas. Puxando seu pescoço, a boca aberta enquanto seguro uma lâmina...

"Lucian?" O tom irritante da voz de Boyd me atinge como uma toalha molhada no rosto, meus pensamentos anteriores se dissipam com a minha irritação de volta.

É melhor assim, realmente. Não tenho que olhar para ela desse jeito.

Tão jovem.

Esses pensamentos lascivos que ela agitou dentro de mim são errados, mas a tentação me puxa toda vez que estou perto dela. O cheiro enjoativo e doce de sua pele e a sensualidade em sua voz que serve como uma distração agravante cada vez que ela fala. A maneira como ela me desafia, apesar da faixa de medo em seus olhos. Isso bagunça minha cabeça e se há uma coisa que odeio mais do que qualquer coisa é quando merda bagunça minha cabeça.

Dezenove. Não é uma lacuna enorme, mas ela é jovem o suficiente para me fazer sentir como meu pai cobiçando a ajudante, um pensamento que enruga meus lábios.

“Você não entende”, Boyd tagarela atrás de mim, enquanto continuo a observar minha mãe e sua companheira. “Eu não queria estragar as coisas com aquela garota Krishner. Era só... ela era tão jovem e bonita. Muito diferente. Eu sentia muita falta da minha Amelia. Eu estava perturbado. Principalmente quando Greta me deixou. Eu estava sozinho."

O comentário me deixa carrancudo, salto da janela para encará-lo. “Então, você fodeu uma adolescente para acalmar seu coração partido? Isso é perturbador, Patrick.”

“Foi estúpido. Irresponsável. E para que conste, ela tinha idade para consentir.”

Ela mal tinha dezoito anos e ele cinquenta e seis. Consentindo, ou não, é nojento pra caralho.

“Estou fazendo as pazes. Construindo meu castelo de volta, por assim dizer.”

"Você está procurando conexões." Para o inferno com rodeios. Esse cara é literalmente um profissional no jogo e não irei a lugar nenhum a menos que venha e diga isso.

“Isso é apenas parcialmente verdade. Estou muito curioso no estudo.”

“Você deveria estar doente da cabeça para manter qualquer curiosidade sobre este estudo.”

"Então, por que você está envolvido?"

Porque eu *sou* o estudo. Claro, nunca vou dizer isso a ele. "Por que você não veio até mim primeiro?"

"Não achei que você gostaria de ter algo a ver comigo depois de... tudo."

"E como eu sei que esta não é sua tentativa de espionar?"

“Considerando quem são os membros — você, em particular — consideraria isso um esforço bastante caro.” Ele não está brincando. Se algum dos membros, alguns dos quais são ex-militares e do FBI, políticos e até da realeza, ficasse sabendo de suas más intenções, ele se veria amarrado como qualquer outro pobre coitado que vem implorar por uma esmola.

Girando minha cadeira, sento-me novamente e puxo minha cigarreira do bolso. “Não depende de mim”, eu digo, batendo um contra a caixa. “Eles me pediram para convidar você para um baile de máscaras em duas semanas. Peço que você recuse.”

Bufando uma risada, Boyd balança a cabeça. “Você... você me deve isso. Toda a sua família me deve.”

“Considere isso um favor. Um aviso amigável.”

“Não vou recusar, Lucian. Quero o Senado e esta é minha oportunidade. Se eu tiver que fingir que gosto de estalar os joelhos e bater em torno de algumas almas infelizes. Que assim seja."

O grupo verá bem o seu pedido. Eles já o fizeram, o que significa que não preciso dizer mais nada sobre o assunto.

“Então, não temos mais nada para discutir. Rand vai acompanhá-lo.”

Com os lábios pressionados, ele se levanta da cadeira. “Eu realmente esperava ter um relacionamento melhor com você. Para o bem de Amelia e Roark. "

“Minha esposa e meu filho estão mortos. Não vejo sentido.”

Limpando a garganta, ele vira os ombros para trás, claramente ofendido. "Tenha um bom dia."

Sem outra palavra, ele desliza em direção à porta como a cobra que é, e eu bufo exasperado.

Sogros.

CAPÍTULO 18

ISADORA

Ocorreu-me há quanto tempo não me aventuro em sair para lazer. Antes, eu passava longas horas na praia com tia Midge, lendo livros e tomando banho de sol nos dias em que ela não precisava ficar no The Shoal até mais tarde. Trabalhar no meu bronzeado era a única coisa que conseguia naquela época, quando tudo era tão despreocupado.

Antes do incidente, pelo menos.

Depois disso, a vida complicou-se. Ficou mais escura. O sol não parecia brilhar tanto e nada no meu mundo era despreocupado.

"É uma pena, a forma como este lugar está em ruínas." Com as mãos no colo, sobre um cobertor que parece muito grosso para o sol de verão batendo contra meu pescoço agora, Laura bufa, o som de sua voz interrompendo meus pensamentos. “Contratei os melhores jardineiros do estado. Blackthorne Manor apareceu em uma *revista.* Você sabia disso?"

"Eu não sabia." Olhando em volta para as cascas murchas do que um dia devem ter sido flores vibrantes e coloridas, não consigo nem imaginar uma coisa dessas. “Deve ter sido lindo antes.”

“Oh... Easton era um artista. Absolutamente incrível. Se ao menos o homem não fosse tão estúpido, se envolvendo em drogas e tráfico. "

"Easton?"

"O jardineiro. Nós descobrimos que ele estava empurrando suas drogas para Lucian, e prontamente colocamos um fim nisso."

À menção de seu nome, eu olho para a janela do escritório e pego o próprio diabo olhando para mim. Não consigo imaginar um homem sério como ele, drogado. Com um leve sorriso, eu aceno.

Ele simplesmente continua a olhar para mim, e tudo o que se move é a onda de fumaça do seu cigarro para cima.

"Idiota", murmuro baixinho.

"Oh, minha cabeça, olhe quem decidiu nos agraciar com a sua presença! Patrick Boyd." A voz de Laura me tira do transe e me viro para ver um homem mais velho, talvez na casa dos sessenta anos, com cabelos grisalhos e um terno cinza combinando, caminhando em nossa direção. Um pouco bonito para sua idade, quase posso ouvir tia Midge referindo-se a ele como uma *raposa prateada,* como ela às vezes diz. Ele ajusta os óculos e estende a mão para a mulher ao meu lado.

"Laura Blackthorne, você é, e sempre foi, um colírio para os olhos." Pegando a mão dela, ele se curva apenas o suficiente para beijar seus nós dos dedos. "Eu me perguntei por que o sol estava brilhando tão forte hoje."

"Oh, seu encantador. Chega disso."

Seu olhar cai sobre mim e, por algum motivo, meu estômago se enrola. Olhos azuis profundos carregam um cansaço opaco, enquanto seus lábios se estendem em um sorriso muito brilhante. "E quem pode ser?"

"Minha companheira, Isadora. Este é o ex-prefeito Boyd."

"Em breve, terei um novo título que soa mais impressionante." Ele estende a mão e eu hesito em oferecer-lhe a minha.

Com relutância, permito que ele beije meus dedos, assim como fez com Laura um momento atrás. "Prazer em conhecê-lo."

"Todo meu. Você deve ter... dezoito?"

"Dezenove."

“Você me lembra tanto...” Lábios batendo juntos, ele balança a cabeça, seu aperto aumentando em torno dos meus dedos. "Da minha Amelia."

Jesus. É então que me lembro que ele é o pai de Amelia. Eu estava tão focada em sua aparência que esqueci quem diabos ele era.

"Eu sinto muito. Por sua perda.” Sempre fui terrível com essas coisas. Palavras de simpatia e gratidão. Embora tia Midge sempre pareça saber a coisa certa a dizer, provavelmente por trabalhar tantos anos como bartender, sempre tropecei em um silêncio constrangedor.

"Ela era uma..."

“Visão de graça e beleza”, conclui Laura. “Ela está descansando agora? Eu juro que essa criança dorme todas as horas do dia.”

A mão do prefeito Boyd desliza da minha, franzindo as sobrancelhas. "Isso era para ser engraçado?"

"Ela é, hum..." Um rápido olhar para o lado mostra Laura olhando para mim, e eu ofereço um aceno sutil de minha cabeça, na esperança de implorar a ele com meus olhos. "Deve ser hora de outra... dose."

Seu olhar vai para o meu, depois para o dela e de volta para o meu. "Eu vejo. Foi bom ver você de novo, Laura.” Ele pega a mão dela, com um sorriso que até eu posso ver que é falso. “Tenho muito trabalho a fazer.”

“Bem, deixe-me buscar Roark para que você possa dizer adeus. Roark! Roark!”

Afastando a mão, ele empurra os óculos até o nariz e se afasta na direção oposta.

“Bem... que rude. Você tem ideia do quanto Roark sente falta do avô? Bem, ele mal consegue ver o homem e é assim que ele age? Griffin teria ficado furioso. Depois de tudo que fizemos por aquele homem.”

Teria?

"Onde está Griffin agora?"

“Você não pode estar falando sério. Ele está morto há alguns anos.”

Interessante. Ela reconhece que o marido está morto, mas não a nora e o neto.

“Tenho que admitir, nunca fui uma pessoa de crianças. Sim, Lucian era meu bebezinho, mas eu não procurava crianças, como algumas mulheres fazem. Elas me deixavam desconfortável na maioria das vezes. Cordeiros de Satanás, eu as chamava. Mas Roark. Roark é meu anjinho. Minha deliciosa bolinha de sol.” Há um carinho em sua risada e seus olhos parecem brilhar quando ela fala dele. "Eu me pergunto se ele acordou de sua soneca."

Com um suspiro, abaixo meu olhar. "Não. Ainda não." Não sei se é sensato interferir na confusão dela ou não. Minha compreensão da psicologia é quase tão ampla quanto minha compreensão da microcirurgia. Só por ter convivido com um viciado é que sei mudar de assunto quando as coisas começam a ficar complicadas com ele. “Ei, e se eu plantar algumas flores. Limpar esses canteiros de flores para você.”

“Para que? Elas vão morrer. Tudo morre aqui.”

“Talvez apenas alguns vasos, então? Podemos trabalhar nisso juntas.”

Com a cabeça inclinada, ela me olha de cima a baixo. "O que você sabe sobre jardinagem?"

“Trabalhei para uma empresa de paisagismo por cerca de dois meses. O que é tão complicado? Cave um buraco e jogue algumas sementes e água. Voila. Flores.”

“Você não sabe nada, criança. Se por nada mais, suponho que uma lição possa lhe fazer bem. Peça a um dos criados que vá buscar meu material de jardinagem. Nesse ínterim, quero me deitar.”

“É apenas meio-dia. Ainda há muito que podemos fazer.”

"Estou cansada. E com frio."

Jesus, deve estar uns vinte e sete graus fora agora. "Você tem certeza? Estou feliz por fazer todo o trabalho pesado. Enchendo potes, cavando buracos.”

"Amanhã. Leve-me para o meu quarto.”

CAPÍTULO 19

LUCIAN

Dezesseis anos atrás...

A escuridão me engole, enquanto sigo o caminho por entre as árvores em direção à clareira à frente. A lua ainda está alta o suficiente para que as marés ainda não tenham varrido a caverna, logo abaixo da colina gramada que marca seu local. Além da orla, o mar quase parece calmo, onde os barcos de pesca param ao longe.

A conversa com meu pai pesa como uma âncora em volta do meu pescoço. Nos últimos dezesseis anos, tenho lutado para encontrar algo em comum com ele, a ponto de quase desistir de tentar. Somos diferentes. Sempre fomos.

E, no entanto, uma parte de mim anseia por entender esse fascínio que desenvolvi. O ponto de inflexão entre a dor e o prazer, a vida e a morte. E se a única pessoa que entende isso for a mesma pessoa com quem eu não posso me relacionar em nenhum nível. Aquele que eu não suporto neste mundo?

O conceito de Schadenfreude está além da minha compreensão. Como um grupo de crianças sádicas que optou por não evoluir em favor de suas diversões. Não encontro prazer no sofrimento, apenas na percepção e fantasia disso.

Mas e se ele estiver certo? E se isso continuar a evoluir? E se meus futuros filhos sofrerem dos mesmos impulsos incontroláveis que ele infligiu a mim? Posso procurar desculpas para punir e

abusar do meu filho, do jeito que ele fez comigo durante toda a minha vida? Eu seria tão cruel algum dia?

A resposta é não. Não porque não acredite em suas teorias, mas porque não tenho intenções de trazer crianças a este mundo. Seja o que for que ele pense que descobriu, morrerá comigo.

O caminho se estreita ao longo da borda da caverna, e meus pensamentos são reprimidos pelo barulho das ondas quando me aproximo da praia. Uma emoção sopra em meu interior, endurecendo meus músculos com o pensamento do que está por vir. A emoção de testar meus limites novamente e a recompensa requintada do clímax que sempre se segue. Quando entro na caverna, encontro a forma ágil de Solange, seus longos cachos escuros espalhados pela areia, as mãos já amarradas sobre a cabeça por uma corda presa ao poste de sinalização colocado no fundo da areia, seu vestido em desordem e expondo suas coxas.

"Bem, você não perdeu tempo, não é?"

Ela não responde, só quando me aproximo é que noto a palidez irregular de sua pele.

Eu desacelero meus passos.

Flores roxas de hematomas pontilham suas pernas e braços amarrados. A contorção anormal de seu cotovelo dobrado, como se estivesse torcido para o lado errado, provoca náusea no meu estômago, e eu bato com a mão na boca.

Não é até que estou de pé sobre ela que finalmente vejo o vazio em seu olhar, garantindo que não há mais vida nela, e o terror explode dentro do meu peito, minha cabeça incitando meus músculos a se moverem e dar o fora daqui, mas eu não posso. Não consigo me mover. Não consigo parar de olhar para seu rosto sem vida. A imagem agora permanentemente cauterizada dentro da minha cabeça.

Minha garganta flexiona com a necessidade de gritar, mas um punho apertado aperta meus pulmões e impede que escape.

Ela está morta.

O que você fez?

Um inseto preto emerge do canto de sua boca escancarada, eu curvo meu lábio enquanto ele corre por seu rosto e se enterra em seu cabelo que está emaranhado pela areia.

Minha perna se contorce e eu tropeço para trás, caindo na pedra atrás de mim. Girando no meu calcanhar, corro para fora da caverna, subo o caminho ao longo da borda dela e atravesso o campo. Meu peito queima, os músculos das minhas pernas estão prontos para entrar em colapso de fadiga, mas eu não paro. Continuo correndo até chegar à escada de pedra, onde Rand me cumprimenta.

"Ajuda!" Uma tosse forte corta a aspereza da minha voz. “Ela está... Ajuda!"

Meus joelhos finalmente dobram, e o cascalho da calçada mastiga minha pele quando bato no chão. Eu jogo minhas palmas para fora para não bater meus dentes. "Ela está morta. Eu.... Morta!"

"Acalme-se, Lucian." Suas mãos pousam nas minhas costas e ele me põe de pé. "O que é? O que você está dizendo?"

"Solange! Ela está morta! Na caverna! Eu a vi!"

Com as sobrancelhas franzidas, ele inclina a cabeça e levanta o olhar na direção de onde eu vim correndo. "Tem certeza de que foi isso que viu?"

"Sim!" O choque se solta e meus músculos cedem novamente. Eu desabo em seus braços enquanto um soluço rasga meu peito. "Ela está morta."

CAPÍTULO 20

ISADORA

Dias de hoje …

EU levo a cadeira de rodas de Laura até a sala de bonecas, onde Nell nos encontra.

“Curta excursão hoje.” Entregando a bengala de Laura, ela fica de lado, permitindo que a mulher se levante. Quando ela pega uma das mãos de Laura para firmá-la, a mulher mais velha a afasta.

"Um momento." Laura manca em direção à caixa de vidro das bonecas, seu reflexo mostrando um sorriso contente. “Olha que lindas. Minhas lindas filhinhas.”

Troco um olhar com Nell, que revira os olhos com impaciência, e me aproximo de Laura por trás. "Qual é sua favorita?"

“Uma mãe não tem favoritos.”

“Muito justo, qual é a mais preciosa?”

“Ironicamente, é aquela pela qual paguei mais.” Ela aponta para uma das bonecas menores, uma que parece antiquada em roupas de trapos e um gorro, com bochechas inchadas e lábios em forma de coração. Completamente imperceptível em um mar de bonecas com muito mais cores e detalhes. “Eu quase me esqueci dela. Eu a comprei do Theriault's por trezentos mil dólares.”

Meu coração quase para, e tusso com o absurdo de pagar tanto por uma boneca.

Laura leva a mão até a pulseira em seu pulso e a pequena chave que está pendurada nas correntes. Ela destranca a porta e alcança a boneca, seu polegar roçando suavemente sua bochecha enquanto ela sorri admiravelmente. “Ela foi criada pelo escultor francês Albert Marque, para a costureira parisiense Jeanne Margaix-LaCroix, no início do século XIX.”

“Deve ser muito especial para você.”

"Griffin achava que era a coisa mais ridícula que já comprei." Apoiando-se em sua bengala, ela coloca a boneca de volta no estojo e tranca o vidro. “Um homem que não poupou despesas com seus pequenos jantares. Você sabe, uma vez ele pagou meia dúzia de mulheres para posarem nuas como esculturas vivas?” Ela zomba, mancando de volta para seu quarto. “Cem mil dólares por algumas horas de entretenimento obsceno. E quantos homens ficavam acariciando aquelas meninas.”

Quanto mais tempo passo aqui, mais percebo a pouca discrição que os Blackthornes têm quando se trata de dinheiro.

Nell e eu a seguimos, e seguro as cobertas de sua cama, enquanto Nell corre à frente de Laura para ajudá-la a acomodá-la.

“Eu preciso usar o banheiro feminino. Um pouco de privacidade, se vocês deixarem.” Com a bengala estalando no chão, Laura se arrasta em direção ao banheiro com pouca dificuldade.

Nell sacode a cabeça em minha direção. “Vou sair na varanda. Quer vir?”

"Claro." Eu travo a cadeira de rodas no lugar, olhando para trás para ver Laura fechando a porta atrás dela, e sigo Nell para fora da porta.

Com uma bufada, Nell leva a cadeira mais longe, provavelmente para manter a fumaça isolada de mim, mas a leve brisa no ar garante que vai soprar no meu rosto.

"Você pode imaginar? Trezentos mil para a porra de uma boneca?" ela pergunta, sentando no assento. “Não posso nem pagar um carro usado decente, e ela gastando dinheiro em uma maldita boneca que mantém trancada em uma caixa com todos os seus outros brinquedos.”

“Definitivamente não é algo a que estou acostumada. Posso pensar em muitas coisas nas quais gastaria tanto dinheiro.”

"Você e eu." Enquanto ela leva o cigarro aos lábios, noto sua camisa puxada até os cotovelos, revelando algumas tatuagens.

Eu aceno em direção à âncora tatuada na parte de trás de seu pulso. "Bela tatuagem."

Dando uma longa tragada, ela torce o braço, em seguida, sopra a fumaça para o lado. "Obrigada. É meu pequeno lembrete.”

"Sobre o que?"

"Esperar. Ficar com os pés no chão.” Ela faz uma pausa por um momento, antes de dar outra tragada e olhar para longe. “Eu tenho um filho. Mora com minha irmã. Estou me matando para trazê-lo de volta.”

"Ele mora longe?"

"Califórnia. É de onde eu venho. Por que decidi vir para esta ilha de merda, eu nunca vou saber, mas aqui estou.”

"Foi a escola que fez você se mudar para tão longe?"

Ela passa a língua na parte inferior dos dentes, aparentemente perdida em uma contemplação silenciosa. “Fui viciada durante cinco anos. Álcool, pílulas, coca. O que quer que pudesse colocar em minhas mãos, eu usava.”

Uma parte de mim não está surpresa. Chame isso de radar que aprendi por ter uma mãe drogada, mas esta mulher tinha ex-viciada escrito em seu rosto. É estranho que ela tenha escolhido ser enfermeira, administrando drogas.

Ela coça o queixo com o polegar. “Guarde isso para você. Passei em todos os testes de drogas e não tenho nenhum histórico criminal. Eu sou apenas uma enfermeira agora. Ainda indo para a faculdade.”

“Eu acho isso ótimo. Demora muito para mudar coisas assim.”

"Sim. Tem sido difícil às vezes.” Seus olhos caem para o meu pulso, e ela projeta o queixo em direção a ele. "O que é a sua?"

Eu corro meu polegar sobre a palavra tatuada em meu braço. A tatuagem que fiz alguns meses depois que as coisas começaram a se acalmar um pouco e finalmente consegui sair da cama. “Eu também passei por algumas coisas. Não drogas, mas... coisas pessoais.”

“Eu não te contei minhas merdas para ficar no pessoal. Você perguntou. Eu respondi."

"Sinto muito. Não é um assunto fácil para mim.”

"Tudo bem. Entendo." Enfiando a ponta do cigarro no copo ao lado dela, ela sopra o resto da fumaça. “Olha, eu queria te perguntar, tenho algo acontecendo esta noite. Não quero fazer muito barulho e pedir que chamem outra enfermeira. Há alguma chance de você ficar de olho nela esta noite? Até cerca de dez, ou um pouco mais?"

“E se ela tiver um pesadelo? Quero dizer, eu nem sei o que dar em remédios.”

“Metade de seus medicamentos são comprimidos de açúcar.”

"Sério?"

“Ela teve um vício ruim em Valium por um tempo. Às vezes, simplesmente não há fundamento com ela. Quando ela tem esses pesadelos? É principalmente eu a acalmando. Não tenho que dar nada a ela há meses.”

"Eu pensei que vocês estavam medicando-a demais, ou algo assim."

“Se não dermos nada, ela enlouquece. Uma pílula de açúcar?” Ela bate as mãos. "Ela cai como se fosse um negócio real."

"Isso é louco."

“Ela também. De qualquer forma, tudo bem se eu fugir por algumas horas?”

"Sim, claro."

“*Se* ela tiver um pesadelo, você só precisa segurá-la para que ela não se machuque. Mas tome cuidado também.” Seus lábios se torcem com um sorriso. "A mulher tem um gancho de esquerda desagradável."

"OK."

"Eu vou agora." levantando-se da cadeira, ela agarra a xícara cheia de pontas de cigarro do parapeito da varanda. De um dia, aposto. “Se ela perguntar aonde eu fui, diga que tive que correr para renovar uma receita ou algo assim. Isso a deixará feliz. E obrigada por isso”, diz ela, antes de voltar para dentro.

"Sem problemas."

Merda. Há uma série de coisas nas quais sou péssima, mas mentir certamente leva o bolo. Enquanto Nell faz sua grande fuga, a porta do que presumo ser o banheiro de Laura se abre e eu volto para dentro.

"Nell, por favor, me ajude a ir para a cama!"

Com um sorriso estranho estampado no meu rosto, entro em seu quarto e caminho em sua direção. “Nell foi pegar uma receita. Ela me pediu para ajudá-la.”

“Ela deve me dizer quando vai sair. Suponha que eu tivesse tido um ataque cardíaco agora há pouco. Ou um derrame. Você está equipada para lidar com isso? Certamente não."

Definitivamente não, mas não me preocupo em dizer a ela que seria o caso se Nell a informasse ou não. Em vez disso, puxo as cobertas e estabilizo seu braço, enquanto ela se ergue na cama.

"Você vai ler para mim, Isa?" Laura enrola o cobertor em volta dela e se deita na pilha de travesseiros de pelúcia atrás dela.

"Claro. Algum pedido?"

"Aquele." Ela aponta para um mistério de assassinato na pilha ao lado dela.

Abro o livro e algo sai flutuando das páginas dele. Inclinando-me para frente para pegar o que parece ser uma fotografia, estendo a mão e a viro. Do outro lado, está a imagem de dois meninos, não mais do que dez anos, suponho, lado a lado. Pela cor de seu cabelo e olhos, fica claro que o da esquerda é Lucian. Com o braço em volta do pescoço de Lucian, o outro garoto tem um sorriso malicioso em seu rosto que me faz sorrir. Cabelo molhado e areia espalhada sobre o peito sem camisa sugere que eles estão na praia.

"O que você tem aí?" Laura pergunta.

Eu entrego a foto para ela, e seus olhos se enrugam com o sorriso que ela dá. “Oh, olhe para isto. Meu Lucian e seu melhor amigo, Jude. Nesta foto com dez anos, se bem me lembro.” O sorriso em seu rosto se reduz a uma carranca. "Que pena, o que aconteceu com aquele menino."

"O que aconteceu?"

“Ah, estava em todas as notícias, o pai dele sendo tão conhecido. Os dois estavam brincando em uma caverna. Deve ter sido cerca de quatro anos depois que esta foto foi tirada.”

"Quantos anos tem Lucian agora?"

"Oh, vamos ver." Batendo em sua bochecha, ela desvia o olhar, parece contemplativa por um momento, e eu me pergunto se ela vai se lembrar de alguma coisa. "Ele vai fazer trinta e três em dezembro."

Trinta e três. É estranho pensar que eu nem era nascida quando aquela foto foi tirada. "Me desculpe, continue."

“Então, de qualquer maneira, eles gostavam de explorar. Meninos, você sabe. Um de seus jogos favoritos era covarde. Vendo quanto tempo eles poderiam esperar a maré. Bem, a maré subiu rápido e eles tentaram nadar para fora. Acredita-se que Jude perdeu o equilíbrio em uma das rochas.” O sulco em sua testa se aprofunda e ela balança a cabeça. “Não foi até que Lucian estava a salvo fora que ele viu seu amigo ser levado para o mar. Demorou vários anos para superar a morte de Jude. Mesmo quando ficou mais velho, ele tinha alucinações vívidas dele. Rand o pegava na caverna, às vezes, falando sozinho.”

"Lucian tinha alucinações ruins?"

“Os médicos chamam de trauma. Mas então eu o internei e simplesmente... pararam.” O olhar para o lado, é como se ela estivesse tentando evitar olhar para mim. “Eu não sei o que eles

fizeram. Mas funcionou.” Quanto mais ela fala, mais preocupada fica sua expressão. “Até que parou de funcionar.”

Ela se mexe na cama e puxa os cobertores mais para cima. “Pensando bem, prefiro que você não leia. Eu só vou dormir.”

CAPÍTULO 21

LUCIAN

Quinze anos atrás …

"Lucian." Ao som da voz da minha mãe, eu me viro e a encontro ao meu lado. “Este é o Dr. Voigt. Ele vai te ajudar.”

"Ajudar?" O que quer que tenha sido dado a mim, me deixou fraco e apático, onde estou deitado de costas com as luzes fluorescentes brilhantes me cegando. "On... onde estou?"

“Estamos em um hospital.” A voz desconhecida, pertencente a um homem, responde desta vez. “Tratamos rapazes e moças com suas aflições.”

"Aflição?"

“Desvios sexuais.” Ao lado da cama, um homem alto e magro, de cabelos escuros e óculos, está de pé com as mãos cruzadas sobre uma prancheta à sua frente e, em seu dedo, vejo o anel. O mesmo que meu pai usa.

Gelo ondula em minhas veias e olhos arregalados, eu balanço minha cabeça.

"Eu não... pertenço aqui." Puxar as alças em meus braços é inútil, pois elas não parecem ceder, o couro mordendo minha pele.

"Pelo amor de Deus, Lucian, você se afogou." Minha mãe abre a bolsa, vasculhando até tirar um lenço de papel que ela leva ao nariz, é então que noto lágrimas em seus olhos. “Você teve que ser

revivido. Não finja que não aconteceu. Você tem ideia do que passamos nas últimas semanas? Como é isso?”

"Eu não estava tentando me matar."

“Eu gostaria que você estivesse! Você honestamente acha que a alternativa *soa* melhor?”

Em meio à névoa das drogas, lembro-me vagamente do banho. Prendendo a respiração. Saindo. Consumido por minha perda de Solange. “Mãe, eu estava só brincando. Não preciso ser internado por isso.”

“Seu pai insistiu que você fosse internado aqui, e oro a Deus para que eles possam ajudá-lo. Não permitirei que meu único filho pratique atos doentios e nojentos. Você está doente, Lucian. Precisa de terapia.”

"Não estou doente! Já lhe ocorreu que poderia ter me ferrado um pouco ver uma mulher morta?"

“Isso foi anos atrás. Você era apenas um garotinho. Você não teria se lembrado.”

"Do que você está falando? Foi há uma semana! Eu a vi naquela caverna!"

“Lucian, não havia nenhuma mulher naquela caverna. Rand investigou ele mesmo. Não havia nenhuma mulher amarrada ao poste.”

"Havia! Era Solange! Eu sei o que vi!”

"Quem é Solange?" O Dr. Voigt pergunta, inclinando a cabeça com a mesma curiosidade que imagino que ele teria por um rato de laboratório enrolado na ponta de uma agulha de seringa.

"Sinceramente, não faço ideia do que ele está falando." Erguendo o queixo, minha mãe desvia os olhos, como se não suportasse olhar para mim através das mentiras.

"Não. Não, não, não. Você sabe quem ela é. Você sabe quem ela é!"

“Diga-me Lucian. Quem é ela?" O tom do Dr. Voigt sugere que ele está se divertindo. Que ele não acredita em mim mais do que eu acredito nas besteiras da minha mãe agora.

"A empregada!" Levantando minha cabeça da cama, eu olho para o lado de seu rosto, forçando-a a olhar para mim, a ceder a qualquer fachada que ela esteja criando, tentando me fazer parecer louco. “Você a odiava. Você não pouparia a ela o mínimo de sua atenção."

"Nunca tivemos uma empregada chamada Solange."

"Nós tivemos." A raiva dentro de mim inflama, apesar das drogas. Meu corpo inteiro treme, minha cabeça está prestes a explodir de tensão. “E você a odiava. Tanto, que você a matou."

Quando ela finalmente fixa seu olhar no meu, uma lágrima escorre por sua bochecha. “Ela era uma alucinação, Lucian. Assim como Jude.”

"Não. Não, não, não. Ela está mentindo. O nome dela era Solange, e eles a mataram!"

Abaixando a cabeça, minha mãe estremece com um soluço e cobre o rosto com o lenço de papel ainda na palma da mão. “Você não está bem, meu doce menino. Já faz algum tempo que você não está.”

Através de um escudo de lágrimas, eu a encaro, percebendo que não há nada que eu possa fazer para convencê-la. Nada que eu possa dizer para convencer o médico, que já decidiu que eu pertenço a este lugar. "Mãe, por favor."

"Não se preocupe, Lucian." O Dr. Voigt dá um tapinha na minha perna e dá um aperto onde meu tornozelo também está preso por restrições. “Ainda há tempo para você. Sua mãe fez a coisa certa em internar você aqui. Temos uma taxa de sucesso de cem por cento com nossa terapia de aversão.”

Ela ainda não se preocupou em olhar para mim, seus olhos estão voltados para o chão. "Ele vai ficar bem, então, doutor?"

“Ele está em boas mãos, Laura. Não se preocupe."

“O pai dele não quer que ninguém saiba que ele está aqui.”

“Você pode confiar em nós. Manteremos todas as comunicações estritamente através de você.”

“Agradeço, doutor. Obrigada."

"E, Lucian." Ela me encara, a tristeza em seus olhos ficando mais decidida. “Não lute contra eles, querido. Isso é para o seu próprio bem."

~

Eu abro meus olhos e vejo rostos mascarados parados acima de mim. Uma luz muito forte desce do teto, como um inseto arranhando seu caminho dentro da sala. Náusea gorgoleja em meu estômago. A dor latejante em minhas têmporas é um martelo batendo em meu crânio.

Tento erguer meu braço para proteger o brilho penetrante, mas ele não se move, ainda preso pelas alças de couro da cama. Meu coração bate no ritmo do sangue correndo pelos meus ouvidos. "O que é isso?"

Ninguém responde.

Uma toalha branca é colocada sobre meu rosto e eu viro a cabeça para frente e para trás para removê-la, mas algo está amarrado em volta do meu pescoço, segurando-a no lugar. Me contorcer e chutar é inútil contra as correias que me prendem.

Líquidos gelados são derramados sobre a toalha, e quando eu suspiro em estado de choque, o tecido saturado suga minha boca aberta.

O ar diminui.

Uma dor aguda atinge minha virilha e eu me arqueio na cama, gritando. Um estalo ardente, como uma faísca na minha pele mais sensível.

Mais fluidos gotejam em torno do meu rosto, e eu balanço a cabeça para frente e para trás em outro suspiro. Um segundo golpe ataca minhas bolas, como uma corrente elétrica passando por mim. "Porra!" Com os dentes cerrados de dor, eu arqueio tanto quanto as amarras permitem.

A pressão na minha garganta diminui e a toalha é puxada. Figuras borradas estão sobre mim, enquanto pisco para afastar a água pingando dos meus cílios e respiro longa e agonizantemente, meu peito lateja com a necessidade de ar. O Dr. Voigt está ao lado de uma mulher que nunca vi antes. Cabelo escuro e olhos castanhos amendoados. Talvez asiática.

“Eu entendo que você tem um fascínio por água. Você se lembra de se afogar, Lucian?"

Ainda tentando recuperar o fôlego, não me incomodo em responder.

Outra sacudida de eletricidade atinge minha virilha, e meus olhos se fecham enquanto meu abdômen aperta com uma dor de cólica. "Não. Eu... eu me lembro de tomar banho. E adormeci.”

Outro estalo, como o golpe de um chicote nas minhas bolas.

"Ah, porra!"

“Eu não acho que você adormeceu. Havia evidências de que você tinha ejaculado. Sêmen foi encontrado nos azulejos.”

"Desde quando... masturbar-se... é considerado um crime do caralho?" A dor vibra em minhas coxas e na parte inferior do abdômen, agitando uma náusea fria em meu peito.

"Não é a punheta que me preocupa, Lucian." Ele remove as luvas, revelando o anel de sinete. A mariposa gravada no aço. “É descobrir até onde você está disposto a ir.”

"Não." Eu balanço a cabeça, mas o quarto desaparece, borrado em um branco absoluto por trás da toalha molhada que colocam de volta no meu rosto.

"Não!"

CAPÍTULO 22

LUCIAN

Dias de hoje …

Não é sempre que eu me aventuro fora do casarão, mas uma coisa aprendi fazendo negócios com um vigarista: nunca deixe que ele veja onde você mora. A viagem de balsa, mais uma hora e meia de carro até Boston, vale a pena não ter um canalha como Franco Scarpinato pisando no lugar onde durmo.

Sento-me em um banco no final do píer de pesca McCorkle, com o cotovelo passado atrás dele, enquanto vejo um garoto me olhando. Ao lado dele, um cara mais velho, suponho que seja seu pai, fisga um verme em uma vara de pescar, segurando-o como se estivesse instruindo, mas o garoto parece focado demais em mim para se importar.

As cicatrizes no meu rosto tendem a assustar os mais jovens, mas o olhar firme desse garoto me faz pensar no que ele viu, algo perto de ver um monstro bem nos olhos sem pestanejar.

Puxo meus cigarros do bolso, e é quando seu pai o agarra pelo queixo, dando um puxão forte em direção ao gancho. O garoto mantém a cabeça inclinada onde seu pai a colocou, apenas deslizando os olhos em minha direção quando o idiota volta a jogar a linha.

Acendo meu cigarro, pensando na única vez em que meu pai me levou em uma pescaria fretada, a quilômetros de distância da costa. A ideia de flutuar em mar aberto com ele já era

perturbadora, mas quando vi a bebida que ele guardou para a excursão, me perguntei se valia a pena correr o risco dele me chamar de maricas por desistir. Em nenhum momento nenhuma parte da viagem foi o que eu consideraria uma lembrança feliz, mas houve um único momento, antes que ele ficasse muito bêbado, quando colocou a mão no meu ombro. Ele estava me apresentando ao capitão do barco e, por um segundo fugaz, me senti como qualquer outro filho acompanhando seu pai.

Uma hora depois, a mesma mão que repousava em meu ombro me empurrou com força suficiente para me jogar na água. Ele tinha ficado destroçado e agressivo, e foram necessários três tripulantes para me puxar a bordo, enquanto meu pai chorava na cozinha do barco.

Enquanto eu balançava nas águas geladas com o que quer que diabos nadasse abaixo da superfície, meu colete salva-vidas apertado em volta da minha garganta, tudo que eu conseguia pensar era em como era bom assustá-lo pela primeira vez.

"Você teve que escolher a porra do último banco neste cais, não é?" A voz de Franco me lembra algo saído de *Goodfellas,* um aspirante a mafioso que simplesmente não entrou no corte. Nossas linhagens familiares remontam aos dias em que meu bisavô contrabandeava bebidas alcoólicas para seu bisavô. Não que tenhamos crescido juntos. Meu pai nunca confiou nos Scarpinatos o suficiente para churrascos em família e outras recreações. Ele mantinha tudo profissional. Inteligente, considerando que eram afiliados à facção de Boston da Máfia da Nova Inglaterra.

Com um metro e sessenta e cinco de altura, Franco não parece uma grande ameaça, mas considerando suas conexões, também não é alguém para irritar.

Infelizmente para ele, eu nunca tive o que chamaria de apreciação saudável pela linha que separa a vida da morte, então

espero que este encontro seja como uma revista pornográfica em uma escola católica. Makaio espera a uma distância de tiro, e Rand se senta ao lado dele, provavelmente pronto para me repreender respeitosamente quando descobrir o que realmente aconteceu. Não sou estúpido o suficiente para vir sozinho, apesar de estar aqui sentado sozinho.

“Achei que seria quieto aqui”, eu digo.

Franco se estatela na outra extremidade do banco, acende seu próprio cigarro e olha ao redor do cais, sem dúvida medindo a proximidade de ouvidos que podem estar ouvindo. "Desculpe, estou atrasado. Tenho uma merda acontecendo com um de meus distribuidores que fugiu da cidade com cerca de cinquenta mil em produtos.”

“Parece um problema de gerenciamento.”

“Eu tinha um mau pressentimento sobre aquele garoto, mas ele era amigo do meu melhor amigo. Quem pensaria nessa porra? Só para mostrar que você não pode falar bem de ninguém hoje em dia.” Inclinando-se para a frente e apoiando os cotovelos nos joelhos, ele joga a cinza no convés. “Então, temos uma remessa chegando. Grande. Mais de um mil, direto de Colômbia. Seu cara me disse que eles carregaram em um contêiner há dois dias.”

Nos últimos anos, sua família tem contado com a empresa de transporte do meu pai para trazer paletes de cocaína diretamente da América do Sul, descarregando a alguns quilômetros da costa e fazendo com que frotas pesqueiras locais entreguem e, em alguns casos, distribuam as drogas, enquanto oferecem uma fatia modesta das negociações. É um sistema que existe abaixo do radar, felizmente, mas acredito que a sorte de um homem dura pouco.

Volto minha atenção para o garoto novamente, que está segurando a linha de pesca no parapeito do píer. Braços cruzados,

seu pai está ao lado dele, balançando a cabeça como se o garoto estivesse fazendo algo errado. “Este é o último trabalho que estou fazendo para você, Franco. Quero que avise seu tio.”

"O que?"

Com um suspiro, me viro para encará-lo e dar outra tragada na minha fumaça. “Você terá que encontrar outra empresa para administrar suas remessas.”

Com a usual encenação dos Scarpinato, ele se joga para trás contra o assento, depois se inclina para frente novamente, jogando o cigarro no chão. “Você está brincando comigo? Você ao menos percebe o que está dizendo agora?" Segurando um dedo, ele balança a cabeça quando abro a boca para responder. "Vou te dar um minuto, porque acho que essa porra de ar fresco está mexendo com o seu cérebro."

“Sei exatamente o que estou fazendo. Você deve encontrar outra empresa.”

“Não é assim que funciona, Lucian. Somos parceiros há muito tempo. Você não pode simplesmente recuar.”

Eu estico meus braços no topo do banco e olho para a água. “É um grande oceano, Franco. Eu odiaria que um milhão de dólares em cocaína se perdesse no fundo do mar em algum lugar.”

Ele pula do banco. "Você está maluco?"

Quando me viro para olhar para ele, o sol atinge meu rosto e sou forçado a semicerrar os olhos. "Depende de quem você pergunta."

“Meu tio não vai deixar você simplesmente ir embora. Como alguém que o conhece há muito tempo, estou insistindo que você reconsidere.”

"E eu estou pedindo para você abaixar a sua voz."

Ele olha em volta, como se repentinamente percebesse o homem e seu filho se afastando de nós. “Isso é grande, Lucian. Maior do que você imagina. Você fode com o sustento da minha família, e não vai acabar bem para você.”

“Eu não estou caindo fora para foder com o sustento de sua família. Não vale mais a pena para mim.”

Afundando-se no banco, ele se aproxima. Muito perto. O idiota está a um empurrão forte do meu espaço pessoal. “Vamos conversar sobre uma parte maior. É isso que você quer? Mais dinheiro?"

"Não. Eu disse a você o que eu quero. Vou entregar esta remessa, conforme prometido. E nós nos separaremos. Amigavelmente. Como nos conhecemos há muito tempo, isso não é pedir muito, não é?"

Gemendo, ele passa as mãos pela cabeça, como se pretendesse arrancar o cabelo do crânio. "Olha. Não posso voltar para o meu tio com isso. Ele vai enlouquecer e seu rosto estará na merda da lista de todos os assassinos em Boston.”

"Isso é uma ameaça?"

"É um fato."

Eu deslizo meus braços para baixo do banco e os descanso em minhas coxas enquanto me inclino para mais perto. “Bem, já que estamos compartilhando fatos, deixe-me oferecer um também. Tenho mais dinheiro do que toda a Máfia da Nova Inglaterra junta. Certamente mais do que seu rabo briguento. Se vocês sequer pensarem em retaliar contra mim, saiba que irei procurar os pistoleiros mais habilidosos do mundo para caçar cada um dos membros de sua família *e* seus capangas, e ter suas cabeças montadas em estacas como uma lição do porquê você deveria nunca mais cruzar com um Blackthorne de novo.”

Balançando a cabeça, ele se afasta, os olhos arregalados com o que eu suponho ser descrença e talvez um pouco de medo. “Você realmente é o Filho Louco, sabia disso? Você é louco pra caralho.”

“Como eu disse antes, Franco. Depende de para quem você pergunta.”

~

Rand olha pela janela, enquanto Makaio dirige ao longo da I-93, voltando para a Mansão. Ele não disse uma palavra desde que deixamos Boston. Não que ele fosse. Se alguém sabe o quão louco eu sou, é ele.

"Você acredita que foi tolo da minha parte cortar os laços."

Limpando a garganta, ele tira sua atenção da janela, mas não se preocupa em encontrar meu olhar. "Imprudente talvez, mas não tolo."

“Se eu for administrar essa empresa, essa bagunça que meu pai me deixou, os dias de financiar criminosos acabaram.”

"Eu entendo. Eu só queria... que você tivesse me consultado. Sinto-me inútil nestes assuntos, Lucian.” O engolir de sua garganta trai sua ousadia.

Eu respeito sua honestidade, no entanto.

“Você teria me dito para não fazer isso. Assim como você aconselhou meu pai a ficar conectado com eles todos esses anos.”

“Para sua própria proteção. Não porque concordei com o acordo.”

"Olha para o meu rosto. Olhe para mim."

Ele ergue o queixo da mesma maneira indignada de um cachorrinho desprezado.

“Pareço um homem que ainda tem algo a temer? Perdi minha esposa e meu único filho. Não há homem que possa me olhar nos olhos sem pestanejar. Se eles decidirem retaliar, não tenho nada a perder.”

“Com todo o respeito, Mestre, suas decisões afetam mais do que apenas você. Elas afetam todos nós. Não tenho acesso aos tipos de fundos necessários para me proteger contra uma família como os Scarpinatos.”

Recostado no banco, olho pela janela para o borrão verde de árvores que passam na rodovia. “Eles não são estúpidos. Espero que eles tentem negociar.”

“Para o qual espero que você recuse.”

"Claro. Enquanto isso, Franco está antecipando um carregamento esta semana, no valor de mais de um milhão. Quero ele despejado no mar, em contêineres à prova d'água, longe o suficiente para que suas frotas não possam varrê-lo. Vamos ficar com isso por um tempo, e quando eles perceberem como seria devastador perdê-lo completamente, eu suspeito que eles vão se comportar bem.”

“Eu não estava ciente desta remessa.”

"Nem eu. Sua segunda tarefa esta semana é descobrir quem deixou cair a bola e pode matar."

"Vou investigar o assunto, Mestre."

"Bom. Enquanto isso, não se preocupe com Franco Scarpinato. Ele é problema meu. E não deixo os problemas apodrecerem por muito tempo.”

CAPÍTULO 23

ISADORA

A lua estreita está alta e um leve frio no ar agita o tecido fino da minha camisa, enquanto me sento na varanda, de olho em Nell. Ela deveria ter voltado há uma hora, sinto que cada segundo que passa é um segundo mais perto do próximo pesadelo de Laura. A última coisa que preciso é ter Lucian invadindo aqui em busca da enfermeira que saiu para fazer Deus sabe o quê. Não há como mentir para um homem assim.

Um homem que veria através de mim.

Durante toda a minha vida, construí paredes para me proteger de um mundo que não se importa com limites. Alguns cochilaram passando por minhas barreiras com pouco cuidado. Mas nunca um homem viu através delas, como se fossem translúcidas.

O som de gritos acelera meus músculos e congelo na cadeira, até que me ocorre que a voz pertence a um homem, não à Sra. Blackthorne. Alcançando-me de algum lugar acima.

Levantando-me da cadeira, inclino sobre o parapeito da varanda, esticando o pescoço em direção ao telhado da torre e ao escritório de Lucian acima.

Meu coração para e um suspiro sai da minha boca.

Com as mãos trêmulas, tento estender a mão, mas as puxo para o meu rosto em choque.

Equilibrado na beirada do parapeito, Lucian balança com uma bebida na mão, gritando obscenidades que são tão

arrastadas que não consigo entender o que diabos ele está dizendo.

Para evitar assustá-lo, não me incomodo em chamá-lo e, em vez disso, corro para dentro, fazendo um caminho mais curto em direção ao elevador.

Porra!" No meio do caminho, eu paro e me viro, correndo de volta para a varanda para fechar e trancar a porta para que Laura não escape, antes de correr para o elevador novamente.

Oh, Deus, por favor, não pule. Se eu chegar ao maldito telhado e encontrá-lo deitado em uma poça de sangue no chão, provavelmente irei terminar em uma ala psiquiátrica depois.

Meu dedo aperta o botão para *subir,* meu corpo inteiro tremendo de adrenalina, enquanto espero o maldito elevador parar e abrir as portas. Uma vez lá dentro, pressiono o terceiro botão e, quando as portas finalmente se abrem, olho ao redor do escritório escuro, mal absorvendo os arredores, e encontro uma porta no lado oposto da sala. Eu nem sei se leva ao telhado, mas vou em direção a ela mesmo assim.

Outra corrida rápida pela porta e subindo um lance de escadas, chego ao telhado plano da torre. À minha frente, Lucian está de costas para mim, seu terno preto em desordem, o casaco caindo de um ombro.

Com cuidado, para não assustá-lo, chego mais perto na ponta dos pés.

“Ninguém ameaça um Blackthorne. Não é o que você me disse? Idiota do caralho." Garrafa de bebida na mão, ele tenta se equilibrar enquanto encosta a boca da garrafa em seu copo como se estivesse tentando enchê-lo. Uma pequena gota escorre pela borda do vidro e ele o joga do telhado, virando a garrafa na boca.

Meu coração está batendo tão rápido que mal posso respirar, observando-o balançar na borda. Aproximar-se dele pode fazê-lo tropeçar, no entanto.

“Eu queria tá livre dessa merda. Mas você... tinha mais uma punição a ser aplicada, não é? Mais um inferno de merda para eu passar."

Silenciosamente limpo minha garganta e me aproximo. "Sr. Blackthorne?”

Seu braço voa enquanto ele gira para me encarar, e ele perde o equilíbrio apenas o suficiente para que eu estenda a mão em uma respiração ofegante, antes que ele se recupere.

Puta merda, isso foi perto!

Equilibrado novamente, ele me encara por um momento, seus olhos escuros e avaliadores, não posso nem começar a imaginar que pensamentos estão passando por sua cabeça. "Isa. *Isa Bella.”* Bufando uma risada, ele engole sua bebida novamente. "O que você está fazendo aqui?"

“Eu ouvi você gritando. Olhe, seja o que for que esteja acontecendo agora, não precisa fazer isso.”

Suas sobrancelhas ficam enrugadas em uma carranca incrédula, ele ri, e apesar do medo latejando em minhas veias, o som baixo é uma breve distração. Eu odeio gostar do som de sua diversão, mesmo que seja para zombar de mim. “Não sou covarde. Sou Lucian. Caralho. Blackthorne. Eu faço a merda acontecer. As pessoas se acovardam comigo.”

"Eu sei. Sei disso."

"Você sabe disso." Sua voz está tingida de descrença, e ele lambe os lábios, seu olhar passando por mim com desdém. “O que você sabe, Isa *Bella*?”

"Bem, para começar... eu sei que... álcool e altura não combinam."

Seus lábios se esticam em um sorriso incrivelmente arrojado, apesar das cicatrizes, e ele esfrega o olho nas costas da mão que segura a garrafa, balançando vacilante. Um longo gemido, como o fim de uma risada, escorre de seus lábios, pouco antes de sua língua passar por eles. “'Olhe como eu me excito. Más decisões como esta.”

"Você está dizendo que ficar à beira do precipício da morte é excitante para você?"

"Oh sim." Uma longa piscada e seu lábio inferior desliza entre os dentes. “O que você sabe, afinal? Você é jovem. Excessivamente linda. Os homens provavelmente te pagam para foder. Não o contrário.”

Uma onda de constrangimento aquece minhas bochechas, a conversa tomando um rumo desconfortável. "Não... isso é prostituição... e não considero esse um bom motivo para tentar a morte."

"Foder?"

“Há mais coisas na vida.”

“Bem...” Ele levanta a garrafa para outro gole e para a meio caminho de sua boca. "Então, você não foi fodida corretamente."

Outra explosão de humilhação queima sob minha pele. Tento ignorar o aperto das minhas coxas, ou a verdade em suas palavras, vinda de um homem mais velho que provavelmente tem muito mais prática com inúmeras mulheres. Tenho sido usada principalmente, e nada mais. "Você pode .... Você pode descer daí agora? Está me deixando nervosa."

"Do que você tem medo?"

"Oh, eu não sei... que você pode morrer na minha frente esta noite?"

Olhando fixamente para mim, ele parece morder o interior do lábio. "Isso te incomoda?"

"Sim. Muito."

Bufando, ele balança novamente, esticando o pescoço para olhar para trás, por cima da borda, em direção ao que tenho certeza que seria a morte instantânea lá embaixo. “Eu sei porque você está realmente aqui. Veio me assombrar, não foi?"

"O que você quer dizer?"

Ele volta sua atenção para mim. "O pássaro. Quando eu era apenas uma criança. Eu o machuquei. Agora você está aqui. Bela Raven. Para se vingar pelo que fiz. Minha maldição."

As palavras não fazem sentido, nada além de divagações bêbadas, mas seus olhos me imploram. “Eu não sei o que isso significa”, sussurro. "Por favor. Apenas desça.”

Uma longa piscada e ele ri novamente. "Certo. Você ganhou." No segundo que ele dá um passo à frente, ele perde o equilíbrio.

Seu corpo desliza para trás do parapeito.

Meu coração dá um aperto no peito, mas corro para frente.

Sobre a borda do edifício, ele está pendurado no parapeito, seguro-o apenas pelos braços. Sua garrafa de bebida caída quebrada no chão abaixo dele. Os músculos tremem e se esticam enquanto ele se segura para não cair.

"Sr. Blackthorne!” Ajoelho-me para colocar a maior parte do meu peso de um lado e me inclino contra a parede para alcançar a borda. "Pegue minha mão."

O cara provavelmente pesa o dobro do que eu, mas não me importo. Vê-lo cair no cimento abaixo é uma visão que ficaria comigo para o resto da minha vida.

"Pegue minha mão, Lucian."

Ainda segurando a borda com uma mão, ele se iça o suficiente para agarrar meu braço, e eu o agarro com as duas mãos, esticando e flexionando para impedi-lo de escorregar.

"Se isso não é um carma de merda." Ele ri de novo, deslizando o suficiente para me puxar para frente até que meus seios estejam pressionados contra a parede de pedra.

"Alguém, ajude! Ajude-nos! Makaio!"

"Makaio não pode te ouvir. Ele está do outro lado do castelo."

"Rand!"

"Rand também."

"Jesus Cristo, alguém ajude!"

"Pare de gritar, garota. Porra." A mandíbula endurece com o esforço, ele empurra-se para cima, talvez exercendo a maior parte da pressão na mão agarrada ao parapeito. Ainda assim, eu me apoio na parede do telhado e o puxo até meus músculos ficarem fracos com o esforço. Meus pulsos queimam onde ele agarra minha pele, mas uma vez que seus ombros atingem a borda, deslizo minhas mãos sob suas axilas e o arrasto em minha direção.

"Não escorregue, Lucian. Use suas pernas!"

Cada músculo do meu corpo está quente e frio com o esforço, até que toda a sua metade superior está finalmente do meu lado da parede e ele cai. A cama de cimento bate na minha coluna, e seu grande corpo tomba sobre o meu, sustentado por seus braços enormes plantados em cada lado meu.

Na pausa que se segue, eu ofego para recuperar o fôlego e olho para cima para vê-lo olhando para mim, seus olhos dilatados, girando com a excitação de um gato astuto, antes de se moverem em direção aos meus lábios.

"Diga meu nome de novo", ele sussurra, os olhos fixos na minha boca.

"Lucian."

Rígida e paralisada embaixo dele, observo enquanto seu olhar traz seu corpo para mais perto, e ele se abaixa, até que o primeiro roçar suave de seus lábios se espalha pelos meus. O cheiro dele é uma mistura inebriante de bebida e colônia, seu hálito é um uísque doce que molha minha boca para provar.

Sua língua circula meus lábios entreabertos, como se ele estivesse me provando, e meu estômago aperta com o contato.

Meu coração está batendo tão forte dentro do meu peito agora, que é uma maravilha que ele não tenha ouvido.

Meu chefe, o próprio Diabo, o homem mais rico e recluso desta ilha. E ele está me beijando. Com os músculos ainda tremendo, tento acalmar minha respiração, enquanto o ar gagueja pelo meu nariz a cada expiração trêmula.

Ele inclina seu rosto sobre o meu, sua língua passando pelos meus dentes, aprofundando o beijo. Nada como os mergulhos desleixados e engasgados com a língua dos meninos da minha idade. Especialista e sem pressa, sua maturidade transparece em seu foco e atenção. Eu me sinto tão jovem e inexperiente com este homem que claramente aperfeiçoou a arte do beijo francês.

O ar é expelido de seu nariz em um gemido, e ele me pressiona com mais força no chão, mas não me importo. Sinto o gosto de tudo que está saindo dele, para dentro de mim — o desespero, a tristeza, a solidão. Seu beijo fala comigo além das calúnias de sua embriaguez de momentos antes.

Tem gosto de uísque e saudade.

Um gemido me escapa. Eu nunca fui beijada assim na minha vida. Os meninos me tiraram, roubaram beijos nas brincadeiras e jogos, mas nunca com tanta paixão como essa. Quero consumir tudo, comprometer cada segundo na memória, para nunca mais aceitar nada menos.

O peso de seu corpo me pressiona, prendendo-me embaixo dele enquanto seu beijo se torna agressivo. Enérgico. O gemido de sua garganta vibra na minha, me deixando tonta de desejo. Uma mão quente e forte desliza pelo meu corpo, por baixo da minha camisa, e eu ofego em sua boca quando seus dedos alcançam o contorno do meu seio.

Ele se afasta de mim, sua mão deslizando de volta para plantar no chão ao meu lado. Lampejos de remorso ou vergonha, não sei dizer, são pontuados pelo aperto severo de suas sobrancelhas. A máscara de seu estupor bêbado se erguendo para a realidade séria por trás de tudo.

"Lucian?" Eu alcanço seu rosto e ele me empurra, caindo para trás contra a parede atrás dele. Sentando-me no chão em frente a ele, eu o vejo silenciosamente se repreendendo através da expressão de choque e nojo em seu rosto.

Não sei o que é pior: a aparência dele agora, transbordando de arrependimento, ou os sorrisos arrogantes que os meninos da escola costumavam usar quando terminavam comigo.

O pensamento deles me deixa carrancuda também.

"Sinto muito." A voz de Lucian atrai meus pensamentos de volta para ele, onde está curvado com sua camisa aberta, sua gravata desfeita, segurando sua cabeça com uma mão. Completamente despenteado e atormentado.

"Você se arrepende de ter me beijado?"

“Eu me arrependo de querer. Foi errado."

Errado. Errado me beijar.

Não. Não vou deixar que ele desvalorize o momento e me transforme em algum tipo de erro.

"Talvez para você."

Seu olhar corta para o meu, a escuridão em seus olhos queimando com intensidade, mas ele não revela o que está girando dentro de sua cabeça. Há algo sinistro ali, independentemente do seu pedido de desculpas. Algo diabólico. Perigoso. Uma dualidade que existe dentro dele, como duas personalidades presas em um corpo, ambas competindo pelo controle. Eu a senti quando ele me beijou, a mudança da desolação para a agressão, ferocidade, um animal acordando de seu sono.

Faminto por algo.

Ficando de pé, mantenho seu olhar e volto para a porta. Talvez não seja arrependimento o que ele sente neste momento, mas a constatação de que dei uma espiada no homem que ele esconde sob seus ternos e indiferença. Eu só tive um gostinho do homem passional por trás dessas cicatrizes. Um que provavelmente nunca admitiria que faz amor com mais força do que a maioria.

Na verdade, tenho quase certeza de que ele acabou de desnudar sua alma com um único beijo.

"Boa noite, Sr. Blackthorne."

~

Lençóis de cetim deslizam sobre minhas pernas enquanto eu me contorço na cama, minha visão presa atrás da escuridão total de uma venda. Faixas macias e sedosas se apertam em meus pulsos quando puxo meus braços sem sucesso, enquanto sussurros silenciosos e indiscerníveis de um homem enchem minha cabeça, como se falados em outra língua. Uma palma desliza por cima dos lençóis, e as cócegas sensíveis na minha coxa, apenas atenuadas pela barreira fina, me dizem que estou nua por baixo.

"Por favor." A exaustão pesa na minha voz enquanto imploro ao meu captor. "Me solte."

"Shhh, Isa Bella." O timbre profundo da voz de Lucian desliza pela minha pele como uma pena, e eu estremeço, tonta com a sensação. "Receio que não seja possível."

"Por que você está fazendo isso?"

“Nós queremos assistir.”

"Nós?"

O véu sobre meus olhos é levantado e eu olho para o lado, avistando meu braço amarrado à cama por laços de seda. Lucian está ao meu lado no meu quarto, vestindo uma camisa branca abotoada pela metade, e ele passa os nós dos dedos na minha bochecha.

Uma mão desliza pela minha barriga e eu olho para a minha direita. Deitado ao meu lado está um segundo Lucian, este vestindo uma camisa preta, suas mãos ásperas, exigentes, enquanto deslizam sob os lençóis.

Volto minha atenção para o primeiro Lucian, que se inclina para um beijo suave ao longo da minha mandíbula.

"Você pertence a nós dois, Isa."

Um dedo viaja para baixo entre minhas coxas, sobre a fenda sensível lá, e eu arqueio para cima, puxando meus joelhos juntos.

“Relaxe, Isa”, o Lucian gentil sopra. "Não lute com ele."

Meus joelhos são separados, e o Lucian ao meu lado se acomoda mais perto, mantendo minha perna dobrada contra ele. “Ele vai fazer amor com você, Isa. Mas eu vou te foder.” Sua mandíbula flexiona ao mesmo tempo que ele enfia os dedos com força dentro de mim.

Eu fico ereta em um suspiro, os dedos enrolados com força em torno dos lençóis que seguro no meu peito. Respirações rápidas falham em encher meus pulmões. Eu procuro os dois ao meu redor, encontrando apenas a cortina tremulando suavemente na minha frente no quarto silencioso.

Deslizando minha mão sob o travesseiro, cutuco o canivete lá, o metal frio é um conforto contra meus dedos, e exalo um longo suspiro.

Levo a mão trêmula à testa, notando mentalmente que nenhum dos meus membros está amarrado, e dou uma batidinha no meu peito e nas pernas para descobrir que o moletom e a camiseta do início da noite ainda estão no lugar.

"Apenas um sonho", murmuro, descansando a testa contra a palma da mão para recuperar o fôlego.

Quando minha frequência cardíaca se acalma, toco meus lábios com os dedos, relembrando o beijo dele de antes. Quando voltei para o quarto de Laura e Nell finalmente chegou, jurei que o cheiro de Lucian estava embutido em minhas roupas, aquele beijo proibido estampado em meu rosto para que ela me confrontasse. Mesmo agora, ainda posso sentir sua pele na minha, o calor de sua respiração. O sabor. Uma pequena voz de repreensão dentro da minha cabeça diz que foi errado deixá-lo me beijar assim. Um homem mais velho. Meu chefe, não menos.

Como se eu tivesse escolha!

Essa mesma voz me diz para esquecer o beijo, não foi nada além de um erro de embriaguez. Esqueça-o e volte a dormir. Exceto, que essa voz não é minha. Pertence à minha tia e a todas as outras pessoas que pensam que sabem o que é melhor para mim.

Não posso esquecer o beijo que agora está permanentemente marcado dentro de mim. E mesmo que eu nunca tenha a oportunidade de beijar Lucian novamente, nunca esquecerei como foi maravilhoso.

Com um som de estalo, como o movimento de paredes, eu me sobressalto dessas reflexões e luto com a lâmpada ao meu lado, ligando-a para não encontrar nada lá.

Mas sei que há algo. Posso sentir isso.

Algo neste lugar desliza sob minha pele quando não estou olhando. É sutil, mas sempre presente, facilmente confundido com um fio de cabelo fino ou uma teia fina. Uma sensação de sonho que brinca comigo cada vez que fecho os olhos. A mesma sensação peculiar que tenho quando estou perto de Lucian.

Lucian.

Imagens daqueles olhos âmbar claros perfurando os meus enquanto ele olhava para mim antes, uma promessa infernal de prazeres perversos, lança um arrepio na minha espinha. Não sei por que acho o homem tão misteriosamente intrigante de uma forma que atrai minha curiosidade como nada mais. A mesma curiosidade que me atrai a sonhos que são tão delirantes quanto as sombras que rastejam pelo quarto cada vez que acordo, abalada e inquieta. Questionando minha sanidade.

Talvez seja por isso que o chamam de Diabo.

Porque a loucura que respira dentro dessas paredes é tão real quanto o homem que a alimenta.

CAPÍTULO 24

LUCIAN

Quinze anos atrás …

Encontro conforto na escuridão. O único lugar onde não podem me ver. Na luz, estou despido, nu, exposto, mas aqui, nada pode me tocar. Eu sou invisível. Um observador silencioso.

Com os joelhos dobrados sobre o peito, sento-me no canto do meu quarto, olhando para a lua pela janela. Três semanas atrás, eu estava deitado amarrado a uma cama, sem saber se era dia ou noite. Havia apenas luz e escuridão e, na escuridão, encontrei paz.

Onde fiquei por todas aquelas semanas não foi nenhum hospital. O lugar onde minha mãe me descartou como um saco de roupas velhas e indesejadas era uma farsa. Uma mentira.

Parecia um hospital. Cheirava como um. Era frio e fedia a sofrimento. Mas por baixo de todo o verniz esterilizado e equipamento médico, havia algo sinistro e errado. Algo projetado para deslizar para dentro do meu crânio e reorganizar as conexões sinápticas dentro da minha cabeça. Pegar o que aprendi a perceber como emocionante e excitante e transformá-lo em algo que temo. Algo que associo a dor e ódio. Pânico.

O único problema é que nenhum dos ditos médicos que tentaram me curar jamais andou realmente na linha entre a vida e a morte. Se tivessem, eles saberiam que o pânico e o medo não existem lá.

O zumbido de um inseto faz cócegas no meu ouvido e eu o afasto. Ele voa de novo, o zumbido vibratório mais alto do que antes, e eu recuo. O zumbido se transforma em sibilo. O chiado incessante das mariposas em suas gaiolas. Tão alto. Eu bato minhas palmas contra meus ouvidos, fechando meus olhos para bloqueá-lo.

Os guinchos se intensificam e se transformam em gritos. Elas estão gritando. Um tormento agudo percorrendo meus tímpanos.

Abro a boca para pedir ajuda, mas não consigo. Se eu fizer isso, eles pensarão que não estou bem de novo e me mandarão de volta.

“Pare”, eu sussurro. "Por favor, pare."

Os chiados morrem dentro da minha cabeça quando imagino as mariposas pretas voltando para o canto de suas gaiolas. Abro os olhos em busca delas, certo de que estão aqui comigo, enquanto respiro pelo nariz para acalmar o batimento rápido do meu pulso.

Não há nada além de escuridão — até a porta clicar e a luz do corredor invadir meu quarto.

A silhueta do meu pai preenche o espaço, onde ele fica meio dentro e fora da porta. "Sentindo-se melhor?"

Claro que não. Fiz coisas que nunca sairão da minha cabeça, tudo em um grande esquema para reprogramar meu cérebro. Para me fazer esquecer Solange e tudo que ela me ensinou.

Eu não digo isso ao meu pai, apenas dou de ombros e aceno. "Melhorando."

"Bom. Quero que você venha comigo."

Houve um tempo em que essas palavras me apavoravam, mas desde então fiquei insensível a coisas assim. Palavras. Por tantas vezes que ele me puniu e humilhou, elas não podem se

comparar à dor que agora se tornou uma parte permanente de mim. Uma camada de carne do lado de fora que não vou deixar penetrar na minha pele. Em vez disso, fico anestesiado com tudo isso, é como se nunca tivesse acontecido.

Sigo meu pai até o elevador, onde ele usa seu anel como chave de acesso às catacumbas. Chegamos à porta da mesma sala que ele me levou antes, só que quando entramos, minhas entranhas se contorcem ao encontrar dois homens esperando por nós.

Um, eu nunca vi antes. Ele está amarrado à cadeira de aparência de dentista, os olhos vendados, o corpo reduzido a nada além de cueca e meias. Acho que ele deve ter quarenta e tanto ou cinquenta anos, a julgar por seu cabelo grisalho.

A visão do outro homem faz meu corpo tremer e todos os músculos ficam tensos quando meu pai me cutuca na direção do Dr. Voigt.

"Falei a você sobre nosso estudo, Lucian. Agora você conheceu o bom médico. Ele é o líder da Schadenfreude. Um especialista altamente respeitado no tópico da epigenética."

Os lábios do homem familiar se esticam em um sorriso e ele abre os braços como se fosse me dar as boas-vindas. Apenas semanas atrás, ele não me pouparia nem uma simples explicação para o tormento que ele me fez passar, tratando-me como nada além de um rato de laboratório, mas agora, é como se o bastardo estivesse feliz em me ver.

"Ah, Lucian, meu menino. Você está parecendo mais saudável."

Mais saudável? Não tive energia, nem inclinação, para fazer nada mais do que ficar no meu quarto todas as horas do dia.

“A dor que você sofreu o levará para a próxima fase de nossos estudos”, acrescenta ele, juntando as mãos como se esta fosse uma notícia empolgante para ele.

“Próxima fase?” Com o olhar voando em direção ao homem sobre a mesa, noto o estremecimento de seus braços que sacodem os fechos de metal de suas restrições. Não faz muito tempo que eu estava amarrado como ele, sem saber o que seria forçado a enfrentar naquele dia. Que tormentos os 'médicos' e 'enfermeiras' infligiriam.

“Este é Robert Tackas.” O Dr. Voigt está atrás do encosto de cabeça, olhando para o homem. “Diga-nos por que você procurou o grupo, Robert.”

Sua língua passa pelos lábios secos e rachados, seu pomo-de-adão balança com um gole. “Eu, hum... tenho dívidas. Preciso de dinheiro ou vou perder... minha casa.” Sua boca está trêmula, ele está obviamente tentando conter as lágrimas, mas a oscilação em sua voz o trai. "Minha família."

“Concordamos em pagar a ele a quantia que pediu no final da sessão de hoje. Com ela, ele poderá pagar a hipoteca, comprar comida para a família, voltar aos trilhos.”

“Que sessão?”

O Dr. Voigt levanta o queixo enquanto me encara, e a vontade de me afastar dele estrangula minha coragem e me diz para me encolher. Mas esta é minha casa. Apesar do medo martelando em mim, eu mantenho seu olhar, enquanto ele se encosta na parede atrás dele. Com um rápido olhar por cima do ombro, ele agarra um dos objetos da parede: um longo bastão de couro, tranças com nós saindo da ponta. Reconheço essa ferramenta como uma das muitas que ele usou comigo durante meu tempo no instituto. Um estremecimento do meu olho ecoa a memória daquelas tranças quebrando contra minha pele, machucando meus próprios ossos.

Caminhando de volta em nossa direção, ele passa os dedos pelas tranças e sorri.

“Chicote de nove cordas. Nove tranças, nove vidas. Você sabe como ele recebeu esse nome?” Permitindo apenas uma breve pausa, ele continua, "Os egípcios acreditavam que, quando espancados com pele de gato, a vítima ganhava virtude com o chicote.” Ele empurra o objeto no meu peito, e com uma carranca, balanço a cabeça. "Seu pai achou que esta poderia ser uma boa oportunidade para você aprender nossos costumes."

"De que maneira?"

Ele sacode a cabeça em direção a Robert. “Cinquenta chicotadas. O mais forte que puder.”

"Não." Olhar para trás, para meu pai, só enfraquece minha determinação, enquanto o homem me encara com os lábios puxados para trás com nojo.

“Eu odiaria pensar que você amoleceu desde nossas sessões de terapia, Lucian. Você sabe em primeira mão como é a sensação desse chicote em sua pele. Você sobreviveu."

"Com nem metade das chicotadas." Meu olhar voa para Robert, que parece tremer ainda mais, e de volta para o Dr. Voigt. Lembro-me de cada golpe que desceu contra minha pele. A maneira como me machucou e me cortou. "Eu não vou fazer isso."

“Nós temos observado você ao longo dos anos. Cada briga na escola. Cada expulsão depois. Você suporta essa batalha interna entre o bem e o mal, mas e se esta for sua vocação, Lucian? E se você estiver geneticamente *preparado* para esse comportamento?”

“Todas as lutas eram em legítima defesa. Eu não saio do meu caminho para machucar os outros. Eu não vou.”

Os lábios do Dr. Voigt se achatam e ele põe a mão nos ombros nus de Robert, fazendo com que o homem se contraia ao seu toque. "Desculpe meu amigo. Não podemos ajudá-lo."

O homem se mexe como se seu corpo fosse repentinamente tomado pelo pânico. "Por favor. Eu estou te implorando. Por favor faça isso. Eu preciso do dinheiro. Minha família precisa desse dinheiro."

Uma sensação de serpente rasteja sob minha pele enquanto ouço o homem implorar por sua punição. Como se eu fosse o cara mau, de repente, por não querer distribuí-lo. Eu franzo a testa para ele, minha cabeça nadando em confusão, certo e errado se chocando dentro do meu crânio.

"É nojento, não é? Como estamos dispostos a sofrer por algo tão comum como o papel e a tinta que separa os ricos dos pobres. Você não conheceria esse sentimento, Lucian. Desde o nascimento, você nasceu rico. Você não conhece nada além de conforto e segurança. Você nunca conheceu a fome. Qual é a sensação de fazer o que for preciso para alimentar sua família faminta."

"Por que não simplesmente dar o dinheiro a ele, então?"

"Você tem ideia de quantos deles vêm até nós? Implorando por misericórdia. Uma doação? O que o torna mais merecedor do que os outros?" Ele esfrega as mãos nos ombros do homem. "Dessa forma, nós recebemos algo em troca, pelo menos."

"Torturando-o?"

"Este é um estudo. Enraizado na ciência. Evolução. Ele é apenas um catalisador. Uma variável para testar."

"Ele é um ser humano."

"Que veio até nós. Nós não o procuramos. Ele estava bem informado sobre quem somos e o que fazemos."

"Basta disso! Você vai fazer o que mandar, ou por Deus, vou jogar sua bunda de volta naquele instituto por mais uma semana." A voz do meu pai troveja atrás de mim, patinando na minha espinha. "Eu não vou ficar parado e..."

O Dr. Voigt levanta a mão, silenciando meu pai e, por um momento, me pergunto se Griffin Blackthorne vai atacá-lo, como faz com qualquer pessoa que ameace seu orgulho. Em vez disso, ele abaixa a cabeça.

"O menino escolhe por si mesmo", diz o Dr. Voigt. "Dê a punição desse homem e nós pagaremos a ele o que pediu. Ele vai sair com mais dinheiro do que ganha em um ano. Ou diga a ele que você se recusa."

A mandíbula do homem estremece, como se quisesse chorar, mas não vou fazer isso. Minha escolha. Não vou deixar que me transformem em um monstro.

"Eu recuso."

~

Dois dias se passaram e meu pai fez questão de me evitar. Ele não me castigou pelo que tenho certeza de que considera insolência. É como se eu nem existisse.

Até hoje.

Sento-me em uma das cadeiras em frente a sua mesa, as mãos no colo para que ele não veja minha inquietação.

À minha frente, ele segura um jornal enrolado, batendo contra o topo de sua mesa, como se estivesse me provocando, enquanto me encara.

Eu me pergunto se ele vai me acertar com a coisa.

Em resposta aos meus pensamentos, ele joga o jornal na minha frente, e abre na primeira página, onde uma manchete diz: *Homem de Boston morre horrivelmente depois de se jogar do viaduto para o tráfego movimentado.*

A náusea ronca em meu estômago quando vejo o nome de Robert Tackas no corpo do artigo.

"Diga-me, o que você acha que teria resultado em menos sofrimento?" As palavras provocadoras de meu pai apenas torcem a lâmina e apunhalam minha consciência.

"Não é minha culpa."

"Não é sua culpa? Imagine se ele tivesse saído daqui com o dinheiro que pediu?”

"Eu não vou deixar você me culpar por isso."

“Eu não preciso. Você se culpa. Está escrito em seu rosto.”

Lágrimas brotam dos meus olhos, a raiva e a culpa puxando e esticando, crescendo dentro de mim. "Você poderia ter dado o dinheiro a ele."

“Nada é de graça, Lucian. Nada. Incluindo você." Ele se levanta da mesa e talvez sejam apenas as sombras atrás dele, mas ele parece maior do que o normal. Mais intimidante. Enquanto ele dá a volta na mesa, meu pulso acelera, minhas mãos fecham em punhos, esperando o momento em que terei de me defender. “Este mundo é feito de fortes e fracos. Acredita-se que a natureza decide quem prospera e quem perece, com base em certas características genéticas que recebemos ao nascer. Mas isso não é verdade. Seu bisavô e o pai dele antes dele eram pescadores famintos. Homens que não tinham dinheiro para alimentar suas famílias. Ao que tudo indica, ele deveria ter morrido com os fracos. No sofrimento, na dor, ele encontrou força, e essa força mudou seu destino.” Ele pega um charuto fumado pela metade, equilibrado na ponta de

um cinzeiro e o acende. “Um dia, essa empresa estará em suas mãos. E temo que pereça lá. Gerações de trabalho e labuta...”

"Eu não quero isso."

"Como é?"

“Não quero sua empresa, ou seu grupo secreto. Eu quero sair."

Seus olhos tremem enquanto ele me encara em um breve momento de silêncio. “E o que você fará com sua vida, Lucian? Tocará música?" Com o escárnio e zombaria em sua voz, eu cerro os dentes e ele ri. “Existem milhares e milhares de músicos no mundo. No entanto, existe apenas uma empresa de navegação bem-sucedida em todo o país. Construída por suor e sacrifício.”

“E sangue. Sangue de pessoas inocentes. Quantos você matou para ficar no topo, pai?"

“O máximo que for preciso.” Ele inclina a cabeça como se estivesse me estudando. Sempre tentando descobrir o que estou pensando. “'Porra, meu filho não vai viver de tocar *piano.* Você pode muito bem ter estudado balé todos esses anos. É somente pela graça de Deus que você se destacou nos esportes, do jeito que fez.”

Graça de Deus? Eu ralei minha bunda. Treinei duro. Nunca faltei a um treino e continuei a bater recordes para o estado. Mas apenas *pela graça de Deus,* ao que parece.

“Você vai assumir esta empresa. Você ocupará seu lugar em Schadenfreude. Ou eu irei...”

"Me matar? Como você matou *ela*?”

"Quem?"

“Você sabe exatamente de quem estou falando. Eu a *vi.* Na caverna. Morta. Eu vi você fodendo com ela."

Seus lábios formam o sorriso malévolo de um homem que não se importa em ser pego. “A pedófila? Aquela que gostava de brincar com meninos? Sim. Eu fodi ela. E então eu me livrei dela.”

Flashes inesperados de memória cintilam em minha cabeça como um sonho esboçado.

Uma linda mulher. Cabelo comprido e escuro. Suas mãos entre minhas coxas.

Semelhante a Solange, mas talvez não tão exótica, como uma versão diluída dela.

“Você era apenas um menino quando a contratamos para ser sua babá. Seis anos de idade. Sua mãe suspeitava de qualquer pessoa que passasse muito tempo com você, então instalamos câmeras por toda a mansão.” Sua voz narra a rápida sucessão de imagens que ainda passam pela minha mente. “Tudo começou com carícias. Na banheira, principalmente. Ela tocava em você. Inofensiva, principalmente. Sua mãe... ela sempre foi tão protetora, mas com Monique, ainda mais.”

Monique. *Srta. Monique.* Ao som de seu nome, mais imagens explodem dentro da minha cabeça.

Risadinhas. Carícias suaves. Cócegas e nós em meu estômago.

"Sua mãe insistiu que nos livrássemos dela." Com os olhos em mim, ele fuma seu charuto. "Então eu o fiz."

As memórias giram e caem em meu cérebro, confundindo-se em uma mistura de algo que não faz sentido. "Você está mentindo. A mulher que você matou era Solange. "

“De acordo com Friedrich, essa Solange de que você fica falando é o resultado do trauma que você sofreu após a morte de Jude e o abuso de sua babá. Uma alucinação.”

Eu não a imaginei. Não poderia ter imaginado. Ela era real. O que ela fez comigo foi real. Eu senti tudo. Eu balanço a cabeça, mas mesmo enquanto me preparo para discutir com ele, imagens piscantes passam por trás dos meus olhos. Minha mãe nunca reconheceu Solange na sala. O pessoal me dava olhares estranhos enquanto passávamos juntos. A maneira como ela desaparecia do castelo por dias e só aparecia quando eu estava chateado ou estressado.

Não. Eu não poderia tê-la imaginado. Como eu poderia ter imaginado algo que parecia tão real?

“Não vou deixar você me fazer parecer louco. Então, você pode me jogar de volta naquele lugar. Não era um hospital!”

“É o instituto onde nos encontramos. Vários estudos são realizados lá, mas Freidrich achou que você se sentiria mais confortável com sua primeira sessão aqui.”

"Eles me torturaram lá, porra!"

“Friedrich queria estudar a natureza de suas alucinações. Para ver como elas podem afetar o que estamos tentando realizar. Por meio dessas ilusões, você se arrisca muitas vezes. Se matar não leva a nada, Lucian. Não prova nada.”

"Eu não estava tentando me matar."

“Como logo aprendemos. Você desenvolveu tendências masoquistas.” Ele encolhe os ombros e enrola o charuto entre os dedos. "Nada do que se envergonhar. Eu mesmo as tive, embora não tão perigosas quanto as suas."

“Quero sair deste estudo.”

"Receio que não seja possível." Ele fuma o charuto novamente, girando-o para mostrar o brilho laranja do outro lado. “A única saída é a morte.”

A raiva infiltrada dentro de mim explode e eu me empurro da cadeira. Recusando-me a ouvir outra palavra, dou uma corrida louca em direção à porta.

"Lucian!" Meu pai grita por trás, mas eu corro do seu escritório, batendo em Rand no caminho.

"Lucian, onde você está indo?"

Corro pelo saguão e saio pela porta da frente. Atravessando o quintal e entrando na floresta. Plantas e galhos no chão arranham as solas dos meus pés, arranhando e raspando minhas pernas. Uma leve brisa noturna esfria o suor acumulado na minha pele exposta. Não demora muito para que as árvores deem lugar a uma pequena clareira e o penhasco ao longe. Eu corro mais rápido em direção a ele.

O som das ondas quebrando abaixo canta como uma canção fúnebre sobre o furacão de pensamentos girando dentro da minha cabeça.

Solange. Ela não era real. Ela nunca foi. Eu sou louco. Eu a imaginei, e só gente louca imagina merdas assim. Minha mãe estava certa. Estou doente. Eu estou tão doente. Como alguém imagina uma pessoa inteira, fazendo as coisas que ela fez comigo?

Derrapando até parar, fico olhando para as águas escuras trinta metros abaixo de mim. A lua destaca a crista das ondas que batem contra a rocha. Meu coração bate forte dentro do meu peito. O ar fica mais fino.

Eu pulo.

Uma sensação de cócegas no estômago explode de pânico.

Nada pisca diante dos meus olhos, exceto o mundo passando em uma velocidade estonteante.

Uma picada fria atinge minha pele, a pressão esmagando meu peito enquanto mergulho no mar. Água gelada me envolve, puxando-me mais, em direção ao fundo. Na escuridão abaixo.

Ainda estou vivo.

Ainda estou vivo.

Eu chuto para longe da atração. Meus músculos queimam enquanto escalo a parede líquida escorregadia ao meu redor. Com os pulmões pulsando com a necessidade de ar, eu me impulsiono para cima, até chegar à superfície.

A falésia se destaca ao longe, enquanto o mar me leva para mais longe. Com a fadiga pesando sobre mim, empurro para frente e nado em direção à costa no lado oposto da rocha.

Deve levar uns bons vinte minutos lutando contra a água, a falta de ar, os músculos que anseiam por desistir de mim. No momento em que o leito raso de areia atinge meus pés, mal consigo ficar de pé.

Um estremecimento de frio de gelar os ossos sacode meu corpo, meus dentes batendo, a mandíbula dolorida de tensão e rigidez. Caindo de joelhos, rastejo contra o puxão das ondas, até que a palma da minha mão atinge a areia seca e, virando-me de costas, fico olhando para o céu estrelado e a lua, fraco e ofegante.

Estou vivo.

Eu repasso mentalmente o momento em que saltei daquele penhasco sem um único pensamento de consequência. Se eu morresse ou vivesse, não importava para mim. Tudo o que importava era a onda requintada de medo e imprudência que queimava dentro de mim. Paradoxo de correr para a morte para se sentir vivo.

Uma explosão de lágrimas e riso passa através do meu peito já sobrecarregado com o pensamento.

Meu corpo endurece, e eu deslizo minha mão dentro da minha calça encharcada, onde meu pau está em pleno mastro.

Algumas bombadas rápidas e gozo com mais força do que nunca.

CAPÍTULO 25

ISADORA

Dias de hoje …

É difícil de acreditar que uma semana já se passou, enquanto caminho em direção ao veículo preto elegante estacionado na garagem, com o cara alto e corpulento que aprendi que é Makaio parado ao lado dele, não posso evitar sentir um pouco de tristeza por ter que sair no fim de semana.

Ao mesmo tempo, provavelmente preciso de uma pausa deste lugar.

Eu olho para trás, onde uma figura está na janela do escritório de Lucian. Ela se vira, fora de vista, desaparecendo na sala além.

Ele, sem dúvida. Ele me evitou desde a noite em seu escritório. Não que eu o tenha visto muito nos últimos dias. Principalmente em momentos como esses, quando o pego me encarando, pouco antes de ir embora.

Talvez eu devesse me arrepender daquele beijo também, mas não consigo. Mesmo agora, a sensação fantasma de seus lábios contra os meus ainda permanece na minha pele. O gosto amargo do uísque. O calor de sua respiração se mesclando com a minha.

Makaio abre a porta do banco de trás do passageiro, seus lábios apenas meio fechados em um sorriso.

“Obrigada”, eu digo, e paro no meio da escalada para dentro. Meu Deus, nunca vi o interior de um carro tão chique como este. "Puta merda."

"Isso é um Bentley para você."

Colocando minha bolsa em um dos assentos de couro bege, caio no assento acolchoado diante de mim, o couro macio como sentar em uma nuvem. Limpo e convidativo, o aroma persistente da colônia de Lucian é uma saudação deliciosa quando me acomodo.

Makaio se estica por cima de mim e eu me encolho com sua proximidade, mas ele apenas pressiona um botão no longo console central que divide os dois assentos de passageiros. Uma tela desliza para cima de uma fenda no assento à minha frente. Ele pressiona outro botão, e algo empurra meus calcanhares, enquanto ele sai do carro.

Assustada, eu olho para baixo para encontrar um apoio para os pés, como o de uma poltrona reclinável, levantando meus pés do chão.

“Eu tenho um cooler com refrigerante e água Perrier na frente. Se você apertar o botão ao seu lado, há uma mesa dobrável. E você pode fechar as cortinas da janela pressionando o botão lá.” Ele aponta para um botão prateado no painel da porta ao meu lado.

Jesus, eu nunca estive em algo tão luxuoso e de alta tecnologia na minha vida.

“Eu estou, uh. Estou bem." Olhando ao redor, noto *1 de 25* costurados no assento de couro ao meu lado. "O que é um de vinte e cinco?"

“Este carro é um de apenas 25 nos Estados Unidos.”

"Sério?" Essa coisa deve ter custado uma fortuna. Milhares de dólares sobre rodas. “Estou surpresa que o Sr. Blackthorne permita que seja usado para transportar seus funcionários.”

“Nem todos os funcionários, senhorita. Só você. O Mestre Blackthorne insistiu que você se sentisse confortável na volta para casa.”

Ele insistiu? Porque? “Estou muito confortável. Obrigada."

"Bom." Ele fecha a porta, me trancando do lado de dentro, e eu olho para a janela vazia do escritório de Lucian. *Diabo de Bonesalt.*

~

A ida para casa parece quase curta demais, tendo passado o tempo assistindo *Ever After* no aplicativo Netflix do tablet. Os filmes não costumam ser minha praia, mas era isso, ou desviar dos olhares de Makaio pelo retrovisor e fazer com que ele perguntasse se eu precisava de alguma coisa a cada dez minutos. Além disso, o filme estava adequado para uma visita ao lar, já que tia Midge e eu adorávamos assisti-lo quando eu era mais jovem.

Admito, eu meio que senti falta da velha rabugenta.

Nós paramos no meio-fio e eu pego a mochila ao meu lado e alcanço a maçaneta da porta do carro. Ela se abre antes que eu possa, e Makaio fica parado esperando para me ajudar. Por cortesia, pego sua mão, caso contrário, o gesto parece estranho para mim.

Uma vez que estou livre do veículo, ele se inclina para frente, deslizando a mão pela alça da minha mochila, enquanto fecha a porta atrás de mim.

"Tudo bem. Não está ..."

Ele pega a mochila, deixando-me com nada além do meu celular.

Com uma bufada, lidero o caminho através do lote cercado, em direção à casa quebrada onde cresci nos últimos nove anos. Vasos vazios de flores mortas estão caídos na varanda da frente enquanto subimos as escadas para a entrada, mas enquanto os jardins do Blackthorne simplesmente parecem desleixados e negligenciados, aqui, eles são apenas uma tentativa fracassada de polir outra casa decadente no quarteirão.

Um balanço à esquerda, velho com pintura rachada, me lembra dos tempos em que tia Midge e eu ficávamos sentadas conversando por horas, nas noites amenas de verão. Por mais que seja uma coisa desagradável, não consigo imaginar que não esteja lá.

O exterior da casa também poderia usar um pouco de tinta nova, mas isso não se compara ao que o interior precisa, então paro na porta e pego minha bolsa. "Estou bem aqui."

"Tem certeza?"

"Sim. Obrigada pela carona." Eu me recuso a abrir a porta, visto que o galpão do jardim de Blackthorne está em melhor estado do que este lugar.

"Estarei de volta no domingo à noite para buscá-la."

"Tem certeza? Quero dizer, tia Midge provavelmente pode me levar."

"O Mestre Blackthorne insistiu que eu a deixasse e a pegasse."

É difícil imaginar um homem como ele me considerando importante o suficiente para fazer tal exigência. "OK. Se é isso que ele insiste."

"É isso. Tenha um bom fim de semana. Fique longe de problemas."

Uma cortina de familiaridade me atinge quando entro na casa e tranco a porta atrás de mim, como de costume. Tia Midge me chama de paranoica por verificar fechaduras, o fogão e fechar cortinas, mas ter crescido metade da minha vida em lugares abandonados me ensinou a não confiar tanto no meu próximo, porque às vezes ele faz merda sem pedir.

A mobília velha e quebrada, que imagino que provavelmente foi comprada em algum momento dos anos 80, os painéis marrons feios da sala de estar e o papel de parede desatualizado manchado de nicotina por toda parte ainda são um conforto para mim, apesar da aparência horrível.

“Tia Midge! Está em casa?" Eu despejo minha mochila no sofá e caminho para a cozinha. O cheiro irresistível de café e cigarros se espalha pelo ar. Isso é uma coisa que aprecio nos Blackthornes: além do ocasional cheiro forte de charuto, não há o odor rançoso de fumaça que gruda no fundo da garganta, como acontece aqui. “Ei! Tia Midge!”

A cafeteira está morna, não quente como se usada recentemente, mas não fria como se estivesse parada por muito tempo, também.

Eu espio dentro do seu quarto para encontrá-lo vazio, sua cama desfeita, roupas de dormir jogadas no chão. Talvez tenha corrido para a loja, ou algo assim, visto que ela me disse que tirou o fim de semana de folga, é só depois do meio-dia. Muito cedo para o The Shoal.

No caminho de volta para a cozinha, ouço um barulho na porta e congelo. A porta se abre e, aos poucos, tia Midge enfia um cigarro na boca enquanto tira a chave da fechadura.

Atrás dela está a única pessoa no mundo que poderia azedar a emoção de voltar para casa.

Minha mãe.

Já se passaram alguns meses desde que a vi mancando sobre seu pequeno acampamento na rodovia. Tia Midge gosta de visitá-la às vezes, para levar algo para comer ou um cobertor extra. Não tenho ideia de porque ela se incomoda. Eu ficava dentro do carro, é claro. Não faz sentido dar à minha mãe a impressão de que estou me importando com ela depois que ela me largou na irmã.

A palidez de sua pele apenas enfatiza os círculos escuros ao redor de seus olhos, suas bochechas encovadas e corpo magro. Mesmo daqui, posso ver as crostas e hematomas de heroína rastreando seus braços.

Raiva e nojo agitam meu estômago, enquanto a vejo seguir tia Midge para dentro de casa.

"O que diabos ela está fazendo aqui?" Cruzar os braços não consegue esconder o tremor de fúria vibrando sob minha pele.

No caminho para a cozinha, tia Midge faz uma pausa para me olhar de cima a baixo, seu olho esquerdo estreitando-se enquanto ela dá uma tragada no cigarro. "Roupas novas?"

"Sim. Irrelevante. Por que ela está aqui?"

“Chique, sofisticada”, diz ela, ao passar por mim, sem responder à minha pergunta.

Minha mãe está parada no centro da sala, esfregando o braço, olhando em volta como se procurasse uma agulha para injetar. Nervosa, ao que parece.

Sigo atrás da tia Midge, que joga a cafeteira no fogão, e me inclino para chamar sua atenção, baixando minha voz. "Por que ela está aqui?"

Soltando um suspiro exasperado, ela se inclina mais perto. “Então, recebi uma ligação dela de um número desconhecido. O namorado dela fugiu da cidade. Levou um monte de drogas com ele. Acho que algum grande traficante de drogas está atrás dele agora.” Seu olhar desliza do meu. "E dela."

“Então, você a trouxe *aqui?* Está louca?"

“O que eu ia fazer? Mandar ela se foder? Ela é minha irmã."

"Ela é minha mãe, mas isso não significa que você deva ajudá-la cada vez que ela pisa em uma pilha de merda e se suja."

Empurrando o cigarro de volta entre os lábios, ela balança a cabeça e acende o fogão. “Você não entende. Tudo bem. Você é uma criança.”

"Eu tenho dezenove. Lidei com a merda dela por dez anos. Entendo mais do que você imagina.”

Colocar a mão no quadril é o primeiro sinal de que estou começando a irritá-la, mas não me importo. Esta não foi uma de suas decisões mais inteligentes. "E você teria apenas ficado parada e deixado algum criminoso atirar nela?"

“Karma é uma vadia. Não é isso que você sempre diz?"

“Ela é sua mãe, Isa. Sua mãe. Sim, ela fez um trabalho de merda, mas isso não muda quem ela é. Não é certo querer vê-la sofrer. Esses traficantes em Roxbury não brincam.”

Filha da puta. “Roxbury? Ela estava em Roxbury?”

"Aparentemente sim."

"Jesus, tia Midge." Alojar meus dedos em meu cabelo é tudo que posso fazer para não arrancar cada fio da minha cabeça. “Você não pode deixá-la ficar aqui. Vai acordar e descobrir que todas as nossas merdas sumiram."

“O dinheiro está guardado. Escondi todas as minhas joias também. A única coisa que vale é a merda da TV, e eu duvido que ela consiga erguer a porra de uma xícara de café no momento.”

"Eu não vou ficar aqui." Cruzando os braços, balanço a cabeça. Eu odeio ter que fazê-la escolher, mas ela não tem ideia de que tipo de tempestade de merda minha mãe pode criar sem nem mesmo tentar. "Ou ela vai, ou eu vou."

“Vamos, Isa. Não seja assim. Ela é família, pelo amor de Deus. Não vou escolher entre família.”

"Ela te fodeu mais vezes do que eu jamais faria."

“Ela também esteve lá para mim mais vezes. Antes das drogas.”

"Você é uma maldita santa." Caminhando de volta pela sala de estar, encontro minha mãe sentada na beira do sofá, esfregando as mãos.

"Olá, baby. Como você está?"

Ignorando sua pergunta, pego minha mochila e faço uma careta, enojada com o tom rouco de sua voz e o olhar desajeitado em seus olhos. “Vou ficar na casa de Kel esta noite!” Grito para tia Midge enquanto me dirijo para a porta.

"Isa, espere!" Tia Midge chama atrás de mim, jogando as mãos para o ar. “Eu tinha tacos planejados para o jantar!”

"Tenho certeza que eles serão comidos." Saio correndo da minha família e empurro a porta.

No momento em que o ar fresco atinge meu rosto, as lágrimas brotam dos meus olhos e a calçada fica embaçada por trás do escudo aguado. Não é a primeira vez que minha mãe procura esmola. Há alguns meses, ela conseguiu roubar cinquenta dólares da tia Midge, deixando-nos sem dinheiro para a conta de luz e, antes disso, foi a aliança de casamento que o tio Hal deu a

ela. Certo, não significava muito para minha tia, mas certamente poderíamos ter usado o dinheiro que minha mãe, sem dúvida, pediu por ela. Talvez seja porque nunca tive um irmão que não consigo entender a simpatia de minha tia por ela. Não consigo imaginar amar algo tanto depois de ser fodido tantas vezes. Parece que, em algum momento, não vale a pena.

A caminhada até a Kelsey leva cerca de quinze minutos, e já posso sentir a calma voltando. No colégio, eu não tinha muitas amigas, exceto Kelsey Donovan. Como eu, ela sempre teve um amor sincero pela música, que foi como nos conhecemos. Eu estava com fones de ouvido, com Arctic Monkeys tocando no volume máximo, quando ela apareceu pela primeira vez para perguntar o que eu estava ouvindo. A partir de então, uma amizade floresceu. Só que, ao contrário de mim, ela era muito mais popular com as outras crianças da escola. Mesmo depois de todo o incidente com Aeden e Brady. Na verdade, por mais estranho que fosse, quando o resto da escola me evitou, Kelsey e eu nos tornamos mais próximas.

O que provavelmente me salvou no final.

É algo em que odeio pensar, mas às vezes, quando me olho no espelho, me surpreendo. Principalmente quando vejo os cortes, a evidência do quanto aquela noite mexeu com minha cabeça.

Sempre me lembrando que nunca serei como eles. Eu nunca pertencerei.

É exatamente por isso que aceitei o trabalho nos Blackthornes. No minuto que eu tiver o suficiente para abandonar esta ilha, estarei fora daqui.

O toque desagradável de uma buzina interrompe meus pensamentos e eu salto para trás quando um carro passa em alta velocidade. Eu reconheço o Jeep como pertencente a algum dos antigos amigos de futebol de Brady. Provavelmente em casa nas férias de verão da faculdade.

Já se passaram meses desde que tive que lidar com o tormento deles, e temia a ideia de topar com eles — ele — durante o verão.

"Psicopata do caralho!" um dos meninos grita, e algo me bate na minha cabeça, derramando o líquido na minha camisa nova.

Exalando um suspiro, olho para mim mesma, onde respingos escuros de Coca pontilham minha camisa branca, a lata vermelha caída no chão em uma poça escura de refrigerante borbulhante.

"Touchdown!" eles gritam acima do guincho dos pneus enquanto decolam estrada abaixo.

Um soluço puxa meu peito, mas engulo de volta. Eu cutuco a dor latejante na minha testa, onde a lata bateu, e mais lágrimas ardem nas bordas dos meus olhos. “Foda-se”, sussurro, e continuo até a casa de Kelsey.

~

“Isso não está saindo.”

A Sra. Donovan levanta minha camisa manchada, enquanto sento na cama de Kelsey em uma de suas camisetas. Minha melhor amiga está aninhada em mim, com o braço esticado na minha barriga. Durante a última hora, ela tentou me confortar, depois que apareci em sua casa perturbada e com os olhos marejados.

“Uma pena, também,” ela continua. “Ela é uma Ulla Johnson.”

"Não sei o que isso significa." Eu deslizo meu olhar para Kelsey, que balança a cabeça, revirando os olhos.

“Minha mãe está planejando uma viagem para Nova York no próximo fim de semana”, diz ela, sentando-se ao meu lado. “Ela está tentando melhorar seu jogo de moda, memorizando todos os designers.”

“Não se aventura na capital da moda do país parecendo que veio de uma vila de pescadores.”

Balançando a cabeça, Kelsey suspira. "Mas você veio, mãe."

“De qualquer forma, como diabos você conseguiu isso, Isa? Esta camisa provavelmente custou cerca de trezentos. Fácil."

A náusea se revolve em meu estômago, e coloco meu rosto nas palmas das mãos. "Trezentos? Você está falando sério?" Curvando-me para frente, seguro minha barriga, enquanto a ameaça de vômito faz cócegas no fundo da minha garganta. "Merda."

“Izzy está trabalhando para os Blackthornes.” Kelsey acaricia minhas costas, enquanto sento com minha cabeça entre os joelhos, tentando acalmar minha respiração. "Eles compraram um guarda-roupa inteiro para ela."

"Você está brincando comigo." Franzindo a testa, sua mãe coloca a camisa na cama. "A Tia Midge deixou você fazer isso?"

"Eu realmente não pedi permissão."

“Dina!” A Sra. Donovan chama por cima do ombro, antes de dirigir sua atenção de volta para mim. “Tenha cuidado, ok? Você sabe o que dizem sobre cruzar com um Blackthorne.”

"E quanto aos Blackthornes?" Tracey está na porta com um saco de pipoca apertado contra o peito. Ela joga duas na boca e entra no quarto. Aos quarenta e cinco anos, ela não é feia. Cabelo castanho claro que ela puxa para trás em um coque bagunçado no topo da cabeça. Olhos azuis claros e uma figura decente,

apesar de ter alguns filhos. As rugas e a pele ruim de anos de banho de sol a fazem parecer mais velha, no entanto.

“Isa conseguiu um emprego, trabalhando para eles.”

"Não brinca?" Com o rosto iluminado de fascinação, ela se senta na cama ao nosso lado e oferece um pouco de pipoca. "Você fica no castelo?"

Eu concordo em resposta à sua pergunta e recuso a pipoca. Com o enjoo ainda torcendo minhas entranhas, não consigo nem começar a pensar em comer nada. Com sorte, tia Midge terá algo que possa remover as manchas.

“Fica em um *castelo*! Como uma princesa." Tracey morde o lábio, seus olhos brilhando de repente. “Como ele é hoje em dia? Lucian.”

"Hoje em dia? Em oposição a quê?” Kelsey enfia a mão no saco oferecido, pegando um punhado de pipoca.

"Ao contrário de dez anos atrás, quando transei com ele."

O que?

Suponho que ela não parecesse tão velha naquela época, mas a mulher ainda é cerca de treze anos mais velha do que ele.

"Só pode estar brincando comigo." A Sra. Donovan inclina a cabeça para chamar a atenção de sua amiga. “Me diga que você está brincando. Você nunca me disse que ficou com o Diabo de Bonesalt.”

"Diabo está certo." Tracey bufa, enfiando mais pipoca na boca.

"Vamos, há adolescentes presentes."

Gemendo, Kelsey revira os olhos. “Adultos, mãe. Conte-nos o que aconteceu, tia Trace.” Ela se senta ao meu lado, cruzando

as pernas como se estivéssemos prestes a ouvir uma história fascinante. “E não pule os detalhes.”

"Kels." Eu balanço a cabeça, a notícia de sua ligação apenas alimentando a sensação de gorgolejo em meu estômago.

"Bem, estávamos na casa de Tom Garrison para uma festa, certo?"

“Tom Garrison? *Tom Garrison?”* Com as mãos nos quadris, a Sra. Donovan encara Tracey como se o nome fosse um que todos nós devemos conhecer e odiar, como ela aparentemente o faz, dada a expressão de desgosto em seu rosto. “Se eu soubesse que você andava perto daquele grupo, teria acabado com nossa amizade. O cara era o maior prostituto que eu já conheci.”

"Verdade. Mas Lucian e alguns de seus colegas de faculdade apareceram. Estávamos todos bebendo, nos drogando diante de uma fogueira na praia. Lucian estava parecendo *delicioso* pra caralho quando todos saíram.” Ela lambe os lábios e sorri, enviando uma sensação de afundamento no meu peito. “De qualquer forma, os caras tiveram a brilhante ideia de correr de moto. E, claro, Lucian venceu, apesar de estar bêbado como um gambá.”

Memórias de duas noites atrás deslizam por trás de meus olhos, relembrando-me dele de pé na beira do telhado, *bêbado como um gambá,* e o pouco cuidado que ele tinha para preservar sua vida. Parece correto.

“Então, sendo a aficionada por moto que sou...”

"Oh, como diabos você é", interrompe a Sra. Donovan, empurrando a mão no saco de pipoca. "Você provavelmente fez todas as perguntas a ele sobre a moto e não deu a mínima para pedalar."

O sorriso de Tracey se estende ainda mais. “Você está absolutamente certa, mas eu não poderia deixar passar a

oportunidade. Quero dizer, aquele cara parecia um maldito astro do rock. E a maneira como as mulheres flertavam com ele? Eu simplesmente não conseguia suportar a ideia de não me aproximar dele. Então, conversamos por alguns minutos. Ele decidiu me dar uma carona em sua moto depois, e antes que eu percebesse, estávamos indo em cento e trinta na rodovia."

"Tracey! Você é louca?" A Sra. Donovan dá um tapa nela, balançando a cabeça. "É melhor vocês, meninas, não fazerem algo tão estúpido."

"Foi... incrível." Tracey ri e se inclina para frente para se esquivar de outro golpe de sua amiga. "Ele é aparentemente um viciado em adrenalina total. Saiu dessa merda. Então, ele puxou a moto para o lado da estrada e estava em cima de mim. Quero dizer, uma besta absoluta. Puxando meu cabelo. Tirando minhas roupas. Me beijando como se ele quisesse." O sorriso em seu rosto se reduz a uma carranca. "Eu estava deitada lá, quase pelada, *ofegando* por esse cara. Tipo, leve-me já, certo? E... nada aconteceu. Ele estava duro como pedra, mas não me deixava tirá-lo. Então ele me levou de volta para a festa, nós nos separamos e..." Os lábios contraíram, ela encolheu os ombros. "Nunca mais ouvi falar dele."

"O que há com isso?" Os lábios de Kelsey se curvaram, mas uma parte de mim está aliviada. Não sei por que, na verdade, mas fico feliz que nada tenha acontecido entre eles.

"Nenhuma ideia. A pior parte é? Eu sei que ele teria sido bom. Você pode dizer, aquele olhar tortuoso em seus olhos, como se estivessem prestes a foder com o seu mundo, sabe?"

"OK. O tempo da história acabou oficialmente." A Sra. Donovan tira o saco da mão de Tracey e puxa sua amiga para fora da cama. "Vamos lá. Essas garotas não querem um bando de velhinhas por aí a noite toda."

Os olhos de Tracey se concentram nos meus. “Tenha cuidado com ele, Izzy. Tenho a sensação de que ele não mudou muito. Algo doce e inocente como você? Bem, os ruins simplesmente parecem migrar para isso. Como uma mariposa para a chama.” Com um suspiro, ela se empurra para fora da cama e dá um tapinha na minha perna. “Claro, todo mundo sabe que você pode cuidar de si mesma.”

CAPÍTULO 26

LUCIAN

Giro a bebida em meu copo, olhando para a cama vazia na câmera, onde Isa dormiu a semana toda.

O beijo no telhado foi um ato de um idiota bêbado, mas os efeitos prolongados disso são algo que não consigo ignorar, por mais que tenha tentado. Mesmo em meu estupor, eu pude sentir a tentação em seus lábios, a magia negra por trás de seu beijo. Como o som de sua voz, chama algum lado escuro e primitivo de mim que deseja colocá-la em uma prateleira, para que ninguém mais possa tocá-la.

O que há com essa garota? Vê-la partir esta tarde me deixou com uma sensação estranha que não sentia há muito tempo. Eu odeio me perguntar o que ela está fazendo agora. Com quem ela está. A experiência me diz que esses sentimentos começarão a apodrecer e evoluir para a minha coisa menos favorita de todas: obsessão.

Uma batida na porta interrompe meus pensamentos, e eu levanto meu olhar para encontrar Rand parado na porta.

"Um minuto do seu tempo, senhor?"

"Claro." Eu me inclino para frente e clico no controle remoto que desliga a câmera que estou olhando há meia hora.

“Parece que o embarque foi um descuido. Um funcionário novo. Tomei a liberdade de demiti-lo.”

"Bom. E como nosso amigo está se comportando?" Deixar Franco Scarpinato em estado de choque e raiva provavelmente não foi a melhor ideia.

"Parece que você estava certo sobre manter a remessa no mar. Tudo tem estado quieto e eles se ofereceram para discutir as negociações como quiser."

"Vamos deixá-los esperar um pouco mais. Não gostaria de parecer muito apressado."

"Claro senhor. Uma jogada muito sábia da sua parte." Braços cruzados na frente dele, Rand dá um aceno. "Eu só queria fornecer uma atualização rápida. Vou deixar você voltar ao seu trabalho."

"Antes de ir, gostaria que você procurasse algo para mim."

"Absolutamente. O que eu posso fazer?"

"Quero que você encontre o que puder sobre Isadora."

Pigarreando, ele vira os ombros para trás, como se o pedido fosse um desconforto que ele não queria confessar. Compreensível, pois nunca perguntei sobre nenhum dos empregados antes. Nunca dei a mínima. Mas também nenhum deles jamais me puxou da beira de um prédio de três andares. "Eu tenho o arquivo da entrevista dela, Mestre. Vou buscá-lo imediatamente."

"Não. Vá mais fundo. Use todos os recursos de que precisar. Eu quero tudo sobre ela. Tudo."

"Sim, claro. Entrarei em contato com nossos contatos e verei o que posso encontrar."

"Mantenha isso entre você e eu. O que quer que você encontre sobre ela."

"Você tem minha palavra." Ele acena com a cabeça e muda os braços para trás. "Mais alguma coisa? Você gostaria que eu fosse buscar Giulia para você?"

Giulia. Houve um tempo em que ela era uma fonte de alívio. Um meio de aliviar a tensão, mas, ultimamente, não consigo nem mesmo entreter um boquete dela. "Não. Eu não gostaria."

"Se eu puder falar livremente, Mestre."

"Eu prefiro que você não faça isso."

"Muito bem." Afastando-se de mim, ele se dirige para a porta e eu suspiro.

"O que?"

Quando ele se vira para me encarar, suas sobrancelhas estão enrugadas, as mãos inquietas. "É só que... as vezes que você optou por não usar os serviços dela, ficava bastante..."

Fico quieto, esperando para ver se ele tem coragem de me dizer.

"Irritado. Percebi que não foi o caso, principalmente na semana passada."

Meus pensamentos voltam há três noites atrás, quando tive Isa debaixo de mim, e o doce sabor de qualquer merda de morango que ela tinha em seus lábios franzindo minha língua. "Ameaçar a máfia parece ir bem comigo, eu acho."

Rand bufa uma risada e baixa o olhar. "Possivelmente. Vou descobrir o que puder sobre a garota. Devo também mencionar que as reformas para o átrio começam amanhã. Algum tema específico que você gostaria que o designer focalizasse?"

"Surpreenda-me."

"Muito bem. Boa noite, Mestre."

"'Boa noite." No momento em que ele sai do escritório, pego minha bebida, recosto na cadeira e ligo o monitor.

CAPÍTULO 27

LUCIAN

Oito anos atrás …

“Você me deixa orgulhoso, meu menino.” Meu pai se estica sobre a mesa para encher o copo colocado diante de mim com o mesmo líquido âmbar que enche o seu. “Melhor da sua classe e um mestrado em Harvard. O mundo é sua ostra, Lucian.” Ele levanta o copo em um brinde e o inclina para trás.

Não considero meu diploma um grande feito, tendo sido criado para negócios implacavelmente desde o momento em que roubei meu primeiro brinquedo de outra criança, mas depois de um momento de hesitação, jogo o meu de volta.

“Daqui a uma semana, você embarcará em uma nova jornada na Blackthorne Enterprises, mas hoje à noite, nós celebraremos.”

Pelo que entendi, ele convidou metade da Nova Inglaterra para minha festa de formatura. Embora eu devesse estar emocionado em ver meu pai sorrindo com tanto orgulho, tudo que posso pensar é o quanto quero dizer a ele para enfiar o orgulho na bunda e fumar.

Balançando o dedo no ar, ele se levanta da cadeira. "Eu tenho um presente para você."

"Pai, não é nec..."

"Não vou permitir que você me diga o que é, ou não, necessário." Ele manca até um armário, onde vasculha, antes de

retornar com algo na palma da mão. Acenando com a mão na minha, ele espera até que eu ofereça uma palma estendida e deixe cair um objeto no centro dela.

Eu fico olhando para o anel, o mesmo que ele usa em seu próprio dedo, onde uma aliança de casamento deveria estar. "Pai, eu..."

"Nenhuma palavra. Foi ideia de Friedrich. Com este anel, você agora tem acesso às câmaras secretas do instituto, onde são realizadas todas as nossas reuniões, bem como às catacumbas aqui na Mansão."

Eu não quero isso. Eu nunca pedi por isso. Ao aceitar este presente, estou me permitindo ser doutrinado em seus caminhos. Nos últimos anos, tenho jogado junto, em um esforço para evitar a ira de meu pai, mas não tenho o desejo, nem a inclinação, de me tornar um participante ativo em seu pequeno clube. "Eu não sei o que dizer."

"Não diga nada. Você agora é um membro oficial da Schadenfreude. O que você quiser está ao seu alcance, meu garoto. Como eu disse antes, o mundo é seu."

~

Depois de uma hora de festa, estou entediado, bebendo minha terceira taça de vinho, enquanto vejo todos os amigos e conhecidos do meu pai se misturarem em homenagem a mim.

Sebastian caminha em minha direção, um dos poucos amigos meus que meu pai se incomodou em convidar, e apenas por causa do pai dele. "Eu acho que devemos abandonar esta festa chata e ir para o penhasco para um mergulho noturno."

Bufando uma risada, levanto minha bebida. "Você lidera, eu devo segui-lo", digo, antes de tomar o último gole da minha bebida. "Nesse ritmo, estarei bêbado antes que o bastardo se dê ao trabalho de brindar."

"E eu estarei no canto, açoitando meu pau até então."

Enquanto nós dois rimos, sinalizo para a equipe de garçons contratada para outra bebida.

“Lucian Blackthorne. Bem, você não mudou nada.” A doce voz feminina me faz girar na cadeira.

Amelia Boyd está parada ao meu lado. Em um vestido rosa pastel, seu cabelo penteado em uma torção perfeita de cachos que caem sobre suas orelhas, ela é a visão de uma princesa política. A mesma garota que beijei anos atrás, apenas com seios maiores e um olhar mais sábio.

"Amelia Boyd."

"Sebastian Thoms." Meu amigo estende a mão que ela não se preocupa em reconhecer enquanto mantém seu olhar fixo no meu. "Eu só vou... seguir para o canto."

Com um sorriso, interrompo minha cobiça para vê-lo recuar. “Seu pai é dono da maior empresa farmacêutica da costa leste. Você pode ser a razão dele ter uma overdose de antidepressivos esta noite.”

"Bem-feito para ele, pela maneira como ele olhava para os meus seios."

Meu olhar mergulha para o decote profundo aparecendo na parte de cima do seu vestido de corte Demi Moore. Muito longe da boneca inocente que conheci. "Talvez ele não tenha conseguido se conter."

"E qual é a sua desculpa?"

“Eu não me preocupo com desculpas. Acho seus seios muito atraentes.”

O canto de seus lábios se contrai. “Você gostaria de encontrar um lugar tranquilo para conversar?”

"Muito."

"Mostre-me o caminho, então."

Levantando-me da cadeira, pego sua mão, levando-a em direção à porta que dá para o corredor principal.

“Lucian! Lucian, meu garoto, onde você está?" meu pai me chama em meio à cacofonia de homens ricos se gabando e se vangloriando.

Amelia para, puxando meu braço. "É hora do brinde?"

Balançando a cabeça, eu a puxo para frente. "Vamos lá. Vamos sair daqui antes que ele me veja.”

“Lucian! Lucian, onde você está?" Meu pai chama novamente do centro da sala, onde está se afogando em smokings pretos.

Com uma risadinha, ela foge atrás de mim, enquanto abrimos nosso caminho através da multidão e para fora da porta.

"Lucian!" No meio do corredor, ouço uma voz familiar me chamando. "Espera! Seu pai está procurando por você!”

Rand.

Rindo da nossa fuga, arrasto Amelia pelo corredor sem fim e viro a esquina. Suas risadas ecoam por trás, enquanto nos apressamos para fugir.

"Lucian!" Rand chama, ainda nos perseguindo.

"Aqui." Eu bato à esquerda e entro pela primeira porta, puxando-a para dentro comigo, e a porta estala quando a

fecho. Na escuridão do armário, sinto seus dedos se enroscarem nos meus, enquanto esperamos.

"Lucian!" A voz de Rand está mais perto do que antes. "Lucian Blackthorne!"

A escuridão total cobre a sala, e sua mão desliza pelo meu abdômen, apertando os músculos da minha barriga com o contato. As pontas dos dedos macios permanecem lá, brincando ao longo do topo do meu cinto. Com a outra mão ainda capturada na minha, afrouxo minha fivela com uma mão, abro o zíper da minha calça e guio sua mão para dentro, enrolando seus dedos em volta do meu eixo.

"Oh, meu Deus", ela sussurra, acariciando meu pau sem muita direção.

"Lucian!" Rand parece estar do lado de fora da porta, e eu mordo meu lábio inferior, os músculos do abdômen contraídos, enquanto ela passa suas mãos pequenas e delicadas no meu pau. “Querido Deus, não sou pago o suficiente para essa merda”, diz ele, sua voz ficando cansada e distante.

Ao som de seus passos recuando, eu me viro, jogando Amelia em uma prateleira que sacode tudo o que está armazenado lá. Subindo às cegas sua saia, meus dedos são saudados por uma pele macia até sua calcinha de algodão úmida.

Ela solta um gemido baixo.

Nossos movimentos são rápidos e frenéticos, pontuados por respirações ásperas e dedos em garras. Eu deslizo sua calcinha por suas coxas e sinto um aperto forte no meu braço.

"Espera. Você tem camisinha?"

Claro que eu tenho. Se há uma coisa que seis anos em uma faculdade da Ivy League me ensinaram, é nunca ir a uma festa sem uma. Eu deslizo o preservativo do meu bolso de trás, rasgo e

rolo para baixo em meu pau no escuro. Uma vez no lugar, pego seu vestido e corro meu dedo sobre seu clitóris para uma verificação rápida.

Encharcado.

Eu alinho meu pau em sua entrada e empurro para frente, sentindo seus dedos cavarem em minha nuca em um gemido.

“Oh, Deus, Lucian. É... você vai me dividir pela metade."

“Relaxa”, eu sussurro, e alcanço seu queixo através da escuridão.

Segurando com força, pressiono meus lábios nos dela, silenciando-a, e empurro novamente. Desta vez mais forte do que antes, e a vibração do seu grito retumba contra meus lábios. Suas paredes quentes e úmidas me cumprimentam cada vez que movo meu quadril para frente, e não demora muito para que ela esteja ofegante.

“Oh, Deus, oh, Deus, oh, Deus. Não pare. Por favor." A voz suave e ofegante faz cócegas na minha orelha.

Eu bato nela, e algo cai no chão ao nosso lado. Meu corpo inteiro está duro, implorando por liberação. Sua boceta se contrai em torno de mim enquanto ela grita, mas não consigo puxar o gatilho. Vinte minutos se passam.

Eu não consigo gozar.

“Lucian? O que está errado?" Suas pontas dos dedos deslizam pelo meu couro cabeludo, e eu afasto minha cabeça, irritado com a distração.

Frustrado, eu puxo para fora dela e tiro o preservativo, jogando-o no chão, e furiosamente bombeio meu pau com minha própria mão.

Nada ainda.

Eu mergulho meus dedos dentro dela, onde os resquícios de seu clímax deixam uma camada pegajosa e quente na minha pele, e a coloco no meu nariz, respirando o cheiro de sua boceta.

Nada.

"Porra!" A humilhação leva o melhor de mim, a raiva crescendo dentro de mim enquanto meu pau fica flácido.

"Você quer que eu chupe isso?"

"Não." Eu descanso minha cabeça na curva do seu pescoço, e sem entusiasmo me acaricio em uma tentativa inútil de gozar. Decepcionado, paro em pé contra ela, dando um último aperto na pele flácida em minhas mãos. Através da agonia do clímax perdido, eu me enfio de volta em minha calça e agito a corrente ao meu lado, acendendo a luz do armário.

Cabelos perdidos sobressaem do penteado de Amelia, o chiffon do seu vestido amassado e desgrenhado. No chão ao nosso lado está um frasco de vidro quebrado com algum tipo de fluido de limpeza, cujo cheiro forte agora preenche o pequeno espaço do armário. O preservativo descartado e seu invólucro ficam na poça de fluido claro, e eu me inclino para pegá-lo, jogando o preservativo e os pedaços de vidro quebrado em uma lata de lixo próxima que fica contra a parede.

Mais uma vez decentes, nós dois saímos do armário e voltamos para a festa, nenhum de nós dizendo uma palavra. Quando entramos na sala, minha mãe se afasta de um grupo de mulheres com quem está conversando desde o início da noite, e seus olhos se iluminam.

“Lucian! Seu pai está procurando por você!" Sua atenção recai sobre Amelia. “E, Amelia, que bom ver você de novo, minha querida. Você fica linda de rosa. Onde vocês dois...” Olhos estreitados, seu olhar se transforma em avaliação como se ela de repente tivesse notado a bagunça do cabelo de Amelia. Um sorriso

sutil aparece em seus lábios e ela pigarreia, como faz quando algo a deixa desconfortável. “Amelia, querida, seu pai e eu estávamos discutindo sobre você ficar aqui na mansão por alguns dias. Você gostaria disso?”

Meu sangue congela dentro de minhas veias e eu viro meu olhar para Amelia e de volta para minha mãe.

“Bem, isso é muito gentil, mas...” Amelia gagueja, como se ela fosse tímida de repente.

"Por favor. Ficaríamos muito felizes em recebê-la.” Inclinando a cabeça, minha mãe me lança o mesmo sorriso falso que reserva para as esposas dos amigos de meu pai. "Não é, Lucian?"

CAPÍTULO 28

ISADORA

Dias de hoje …

Com a mochila pendurada no ombro, bato a porta do passageiro do velho Corolla de Kelsey e aceno enquanto caminho em direção à porta da minha casa, rezando mentalmente para que minha mãe não esteja aqui.

A porta ligeiramente aberta é a primeira dica de que algo não está certo. Embora tia Midge não seja do tipo que tranca todas as portas e janelas, como eu, ela também não é tão confiante a ponto de deixar a porta da frente aberta para qualquer um entrar.

Eu entro, olhando os cobertores espalhados em desordem no sofá, onde minha mãe deve ter dormido na noite anterior. Um cinzeiro na mesinha de centro, transbordando de cigarros, me diz que foi uma longa noite. Uma entre meia dúzia de garrafas de cerveja está tombada de lado, pingando em uma pequena poça acumulada abaixo de sua boca. Um cheiro de queimado semelhante a enxofre paira no ar como se tentassem cozinhar enquanto estavam bêbadas.

Deve ter tido uma festa ontem à noite.

O som de choro atrai minha atenção para a cozinha, e inclino a cabeça apenas o suficiente para ver pés descalços saindo da extremidade do balcão. "Tia Midge?"

Soltando minha mochila, corro para os pés e dou a volta no balcão para encontrá-la deitada de lado, em posição fetal, com as mãos enfiadas no peito enquanto soluça.

"Tia Midge!" Ladrilhos duros atingem meus joelhos, quando caio no chão ao lado dela e ajudo a virá-la.

Seu olho está inchado como uma ameixa, seu lábio cortado e coberto de sangue seco. Quando ela olha para mim, redemoinhos vermelhos profundos preenchem o branco do seu olho machucado, com uma pupila longa e irregular. Com o corpo tremendo, ela enfia a mão mais perto, mas eu a alcanço, puxando-a suavemente para longe dela.

Desembaraçar os dedos envia uma injeção de náusea ao meu estômago. Machucados e inchados, quase pretos, dois deles parecem estar dobrados para o lado errado, inegavelmente quebrados.

"Quem fez isto?" solto sua mão e afasto os fios de cabelo que estão emaranhados em seu rosto por lágrimas e sangue. "Foi a minha mãe?" Embora ela não seja conhecida por ser violenta, minha mãe está desesperada por drogas, e às vezes é estúpida.

Ela balança a cabeça, fechando os olhos com outro soluço. "Não, não foi sua mãe."

Ao som rouco de sua voz, eu me arrasto até o armário, pego um copo que encho com água e volto para o lado dela. Coloco minha mão em sua nuca, ajudo-a a se sentar, encolhendo-me quando ela grita, e coloco o copo em seus lábios. Água escorre do canto de sua boca enquanto ela engole o líquido, e em sua primeira tosse, abaixo o copo.

“Nós estávamos... sentadas. Falando. Estava legal, sabe? Recuperando o tempo perdido com ela. Ficou tarde.” Com os lábios trêmulos, ela olha fixamente para o copo. “Eu estava

dormindo quando me arrastaram para fora da cama. Ele disse que estava procurando por Tony, o namorado de sua mãe."

"O traficante. Jesus, tia Midge." Enfiando meus dedos pelo meu cabelo, eu seguro a irritação e o *te avisei disso* que está armado no fundo da minha garganta. Em vez disso, me ocupo recolhendo gelo do freezer, embrulhando-o em um pano, que coloco em seus dedos quebrados.

"Eles continuaram... me socando. Me perguntando o que eu sabia. Eu ouvi Jenny na outra sala. Um deles deve tê-la queimado porque eu pude sentir o cheiro." Outro soluço a deixa inclinada para frente, tremendo, e eu me inclino, deixando-a descansar a testa no meu ombro.

"Onde ela está agora?"

"Eles a levaram." Ela levanta a cabeça do meu ombro, seu nariz e bochechas brilhando com catarro e rastros de lágrimas. Parecendo tão indefesa e apavorada. A visão dela traz lágrimas aos meus próprios olhos. "Eles disseram... que vão matá-la."

Eu deveria sentir algo depois de ouvir isso. Uma urgência, como aquela que arregala os olhos da minha tia, apesar do inchaço. Não consigo nem reunir surpresa neste momento. "Se o que?"

"Se não pagarmos a ele cinquenta mil. Os cinquenta mil em drogas com que aquele idiota fugiu."

Meu peito fica frio, nojo afundando na boca do meu estômago.

"Ele vai voltar... em três dias para pegar." A preocupação em sua voz não é adequada para tia Midge. Não importa no que entremos financeiramente, ela sempre teve um plano, ou fé que tudo daria certo. Quem quer que seja esse cara, ele a assustou pra caralho. "Ele disse que, se eu não tiver, vai matar Jenny e eu."

"Quem? Quem vai voltar?"

“O nome dele era Franco. Franco Scar-*alguma coisa.* Oh, Deus, ele vai voltar.”

A raiva sacode meus dentes trincados. “Isso é... é por isso que eu disse. Você não pode ajudá-la, tia Midge. Ela é um desastre ambulante!"

“Eu não queria que ela se machucasse, Isa. Ela é minha irmã."

Ondas frias de choque deixam meu corpo entorpecido. A lógica pela qual estou desesperada, a fim de nos tirar dessa bagunça, é reprimida pela tensão que aperta meu cérebro. Eu inclino minha cabeça para chamar sua atenção. “Temos que ir à polícia. Ouviu? Temos que relatar isso.”

"Não!" Os dedos de sua mão boa agarram meu braço, cravando em minha pele. “Sem polícia! Ele disse que vai dar a ela uma morte lenta e dolorosa, se formos à polícia.”

“Tia Midge, ele é um criminoso. De Roxbury. Este não é um garoto da vizinhança ameaçando você. Nós temos que fazer alguma coisa! Se ele voltar...” Minhas palavras vacilam, caindo da minha língua quando o pensamento de alguém voltando para pegá-la aperta meu peito e o endurece em uma bola de ódio amargo. Ódio por minha mãe. “Ela fez isso. Isso é problema dela, não nosso.”

"Eu não vou deixá-los matar minha irmã."

Nunca vou entender o senso de lealdade de minha tia para com ela. Por que, apesar de tudo o que ela fez, tia Midge continua a fazer qualquer coisa por ela. Não importa o risco.

Mas não importa. Como uma garota da rua, eu nunca acreditei tanto na polícia, de qualquer maneira. Principalmente a polícia local. Eles simplesmente não entendem esse tipo de coisa

por aqui, e com minha mãe drogada envolvida, duvido que eles levem isso a sério. Eu me arrisco a dizer que o pior caso que os policiais de Tempest Cove viram é provavelmente quando alguém roubou o detector de metais do Velho Murphy de seu galpão.

Um traficante de drogas de Roxbury teria suas cabeças girando.

Além disso, é difícil saber quem pode estar na folha de pagamento desse Franco. Talvez ele esteja esperando que procuremos a polícia. Talvez ele seja amigo deles. Não é tanto com a minha mãe que estou preocupada, mas com a tia Midge. Ela não merece isso.

“Nós vamos resolver isso. Não se preocupe."

“Não temos esse dinheiro, Isa.” Seu lábio estremece novamente. “Não consigo receber tanto dinheiro em um ano, quanto mais em três dias.”

No meio de toda a confusão girando dentro da minha cabeça, um pensamento surge lá. A conversa que tive com Laura há uma semana. A boneca.

A que ela disse que valia mais de trezentos mil. Pequena o suficiente para que eu pudesse enfiá-la dentro da minha camisa sem ninguém perceber, incluindo Laura. Inferno, ela tinha esquecido que ela ainda tinha a coisa.

Não consigo me imaginar pedindo um copo d'água a um homem severo como Lucian, quanto mais cinquenta mil. E o que eu diria a ele? É para pagar um traficante pelo namorado viciado da minha mãe que fugiu da cidade? Ele provavelmente me jogaria fora como uma mosca irritante e me diria para ir para o inferno. "Como eu disse. Vamos descobrir algo. Não se preocupe."

Depois de ajudá-la a entrar no carro, levo tia Midge ao pronto-socorro, ouvindo-a reclamar da franquia de cem dólares

que terá de pagar além dos cinquenta mil que agora temos para desembolsar.

Depois de três horas, seus dedos estão fixos e imobilizados. Quando questionada pelo médico, tia Midge disse que esmagou os dedos ao tentar mover a cômoda sozinha. Uma péssima mentira, mas não questionei sua história.

Quando chegamos em casa, já é meio da tarde. Makaio estará aqui em breve para me levar de volta a Blackthornes e, por mais que eu não queira deixar tia Midge sozinha esta noite, preciso de tempo para roubar a boneca e encontrar um lugar para penhorá-la. Eu nem sei por onde começar com isso, mas no momento, é o único plano que tenho. O único que pode garantir que Franco Scar- *alguma coisa* não volte com tesão por sangue.

Com apenas alguns minutos restantes antes que o carro de Lucian chegue, vou para o meu quarto e puxo um dos meus canivetes extras de debaixo do colchão da minha cama, que entrego para tia Midge. Não é muito, e se o cara voltar, duvido que ele esteja desarmado. Um canivete não é páreo para uma arma, mas me dá um pequeno descanso saber que ela tem algum meio de defesa.

“Eu estou te implorando. Tranque as portas. E se alguém bater, chame a polícia. Não mexa com isso, tia Midge. Posso descobrir como conseguir esse dinheiro.”

A ideia de deixá-la sozinha se assenta como tijolos no estômago, mas todo o motivo por trás do meu retorno aos Blackthornes é para ajudá-la. Vou roubar a chave de Laura durante um de seus muitos cochilos e pegar a boneca do estojo. Em seguida, envio uma mensagem de texto para tia Midge para vir me buscar. Direi que há uma emergência familiar em casa. Encontraremos um lugar para penhorar a boneca e pegar o dinheiro.

Sim, é uma merda.

Sim, eu me sinto um lixo absoluto por tirar vantagem dos Blackthornes dessa forma.

Mas eu faria qualquer coisa por minha tia.

Até isso.

"Estou com tanto medo, Isa." O estremecimento constante de seu corpo prova o ponto. "E se ele voltar esta noite?"

"Você pode ficar com Shelly?" Por mais que sua colega de trabalho do Shoal me irrite muito, ela é o mais próximo que tia Midge tem de uma melhor amiga.

"Sim, provavelmente."

"Você precisa que eu te leve até lá?"

"Não." Alcançando seu maço de cigarros, ela balança a cabeça. “Vou pedir a Shel que venha me buscar. Ela não tem nada melhor para fazer, de qualquer maneira.”

"Bom. Fique com ela esta noite."

O som de uma buzina do lado de fora provavelmente é Makaio, mas para ter certeza, vou até a janela e espio pelas cortinas. O lustroso carro preto está parado no meio-fio, e Makaio está parado ao lado da porta do passageiro. O que eu não teria dado para ele estar por perto na noite anterior. Aposto que Franco teria fugido de medo, se Makaio estivesse aqui.

Pegando minha mochila, volto em direção a tia Midge para um beijo rápido na testa. "Me mande uma mensagem quando chegar na casa de Shelly, ok?"

"Mando." Com os dedos remexendo no cigarro que ela ainda não acendeu, ela baixa o olhar. “Isa, sinto muito por isso. Sinto muito por ter te envolvido nisso.”

"Tudo bem. Nós vamos ficar bem, eu prometo.”

Culpa pesa muito sobre mim, enquanto sento no banco de trás do carro de luxo, sabendo que amanhã, em algum momento, estarei ganhando trezentos mil. Limpo as palmas das mãos suadas na calça jeans pela décima vez e tento não olhar para Makaio, mas sinto que ele está me olhando pelo espelho retrovisor.

“Você está bem, Srta. Quinn? Você parece meio pálida."

“Só... algo que eu comi. Não me caiu bem.”

“Se você precisar que eu encoste, me avise. Não quero você estourando pedaços no banco de trás.”

O visual disso faz cócegas no fundo da minha garganta e meus lábios se fecham sobre a possibilidade real de vomitar, eu aceno.

Finalmente alcançamos a mansão, e tenho certeza de que minha frequência cardíaca dobrou desde que saímos da casa de tia Midge. Pegando a mão de Makaio, saio do Bentley e olho para a janela vazia do escritório de Lucian.

Bom. Eu não posso suportar vê-lo esta noite.

Subindo as escadas arrastando os pés, passo por Rand, que mantém a porta da frente aberta para mim.

“Boa noite, senhorita Quinn. Acredito que você teve um fim de semana agradável.”

Agradável? Nem perto. "Sim, foi... bom."

"Excelente." Ele fecha a porta atrás de mim e, apesar do ambiente espaçoso, de repente me sinto claustrofóbica. "Vou pedir ao chef que prepare o jantar para você, enquanto você se acomoda em seu quarto."

Não consigo nem pensar em comida agora. Não consigo nem pensar em como *ele* consegue pensar em comida agora. “Isso não será necessário, Rand. Eu comi antes de sair”, minto. "Isso não me caiu bem."

"Ah sim. Acontece após uma semana de refeições preparadas por um chef. Você precisa de alguma coisa para indigestão?”

"Não. Obrigada. Eu só vou deitar.”

"Muito bem. É bom ter você de volta à Mansão.”

Ansiosa para me esconder no meu quarto, subo as escadas correndo, contando os degraus enquanto minha cabeça gira em uma série de pensamentos, até que algo duro se choca contra mim. Perdendo o equilíbrio, agito meus braços e uma mão se estende para agarrar meu pulso antes que eu caia.

Mão no meu peito, recupero o fôlego e olho para cima para encontrar Lucian franzindo a testa para mim.

De todas as vezes no mundo para topar com ele, literalmente, por que agora?

Por que, quando minha culpa está no auge?

"Estou realmente pensando que uma buzina pode ser mais apropriada para você."

Apesar da ansiedade rasgar minhas entranhas, forço um sorriso para isso. Em um universo paralelo, eu roubaria a oportunidade de flertar. No momento, estou apenas sendo legal. "Quase acho que você gosta de me ver tropeçar em você."

"Eu estaria mentindo se dissesse que não achei engraçado."

Por mais que eu adore fazer nossa brincadeira de costume, um peso muito mais pesado pressiona sobre mim. Deslizando meu pulso de seu aperto, limpo minha garganta e subo minha

mochila mais alto no meu ombro. "Com licença. Vou tentar ver para onde estou indo."

Ele não diz uma palavra, enquanto continuo subindo a escada, o impulso desesperado me lembrando que eu não sou a coisa delicada que flerta e se importa com suas maneiras. Eu sou uma ladra rude, uma ex-menina de rua, que faz o que tem que fazer para sobreviver.

Mesmo que isso signifique foder com aqueles que estão dispostos a me ajudar.

CAPÍTULO 29

ISADORA

Apertando o tecido do meu vestido, fico no elevador, esperando para chegar ao quarto de Laura no segundo andar. O maxi longo certamente não teria sido minha primeira escolha, mas a jaqueta militar superdimensionada e leve que Amy combinou com ele é perfeita para colocar a boneca dentro. O tremor dos meus dedos, juntamente com a sensação de vazio e frio em meu peito, é difícil de ignorar. É a maneira do meu corpo me dizer que não sou a vigarista astuta e sem coração que passei a noite toda me convencendo de que era. As manifestações físicas de uma menina com consciência, que não quer machucar ninguém. Na verdade, todo esse fiasco é para *garantir* que ninguém se machuque.

As portas do elevador se abrem para a sala de estar vazia e, daqui, posso ver a boneca sob o brilho da luz que incide sobre ela dentro da caixa de vidro. Tento imaginá-la desaparecida. Alguém notaria, com todas as bonecas amontoadas?

Nell entra na sala, inclinando a cabeça. “Você está adiantada esta manhã. Ela ainda está dormindo."

“Acho que dormi muito no fim de semana. Estou me sentindo meio impaciente.”

“Bem, ei, eu vou pegar um pouco de café na cozinha. Você pode cuidar dela?"

"Claro."

É quase fácil demais. Ou talvez eu só tenha me acostumado a como as coisas previsíveis e eficientes funcionam neste lugar. Eu sabia que ela ainda estaria dormindo. A mulher nunca acorda antes do despertador da manhã que está marcado para as nove. Eu sabia que Nell correria para sua xícara de café de costume antes que as coisas começassem, sem pressa, o que me deixaria completamente sozinha.

As portas do elevador se fecham e eu olho para o meu relógio. 08:40. Só tenho que pegar a chave, pegar a boneca, guardar no meu quarto e voltar para o quarto de Laura antes que Nell volte. Quando ela voltar, verificarei minhas mensagens, onde tia Midge já deve ter enviado a mensagem que discutimos na noite anterior, dizendo que ela está vindo me pegar.

É estupido. Talvez seja o plano mais mal elaborado que eu já propus, tenho certeza de que há uma série de consequências que ainda nem comecei a explorar.

Mas não tenho tempo para me dar ao luxo e, mesmo que tivesse, isso me impediria?

Não quando a vida de tia Midge está em jogo.

Eu me arrasto pela sala até o quarto de Laura, onde as cortinas ainda estão fechadas. Seus roncos seguem meus passos através da luz fraca, enquanto ando na ponta dos pés em direção à bandeja em sua penteadeira, onde ela guarda todas as suas joias. No meio do caminho, o assoalho abaixo de mim range, e eu paro, os olhos bem fechados, enquanto ela funga e se remexe na cama. Ousando uma espiada na escuridão do quarto, eu a encontro deitada com a cabeça virada para longe de mim, e o som de roncos enche o quarto novamente.

A pulseira está em cima de suas joias descartadas, e eu cuidadosamente a retiro da bandeja, o tremor em minhas mãos ameaçando derrubar a maldita coisa.

Com a pulseira segura, saio correndo do quarto. Segundos depois, estou levantando a boneca de seu suporte e reorganizando as bonecas ao redor para preencher a lacuna deixada ali.

Um pouco maior do que eu me lembrava originalmente, coloco-a embaixo do braço por dentro da jaqueta, sentindo-a rígida e estranha ao encostar nas minhas costelas.

E assim, oficialmente roubei a coisa mais valiosa que já toquei na minha vida.

Fecho e tranco a caixa, antes de devolver a pulseira à bandeja de joias de Laura, e saio correndo do quarto.

Dez para nove.

O elevador parece levar uma eternidade e, quando abre com Rand, a vontade de vomitar envia bile subindo pela minha garganta.

“Senhorita Quinn! Você está descendo?”

"Eu estou, hum... esqueci de pegar um café."

“Ah, excelente. Estou saindo para pegar o café da manhã. Vou acompanhá-la até a cozinha.”

"Eu... tudo bem."

Merda. Merda, merda, merda.

O elevador chega ao andar de baixo, onde várias pessoas estão se movimentando. Trabalhadores da construção civil ou algo assim, a julgar pelos cintos de ferramentas amarrados na cintura e um dos homens carregando uma escada.

"O que está acontecendo?" pergunto, tentando me distrair da culpa.

“Reformas para o átrio. O mestre está planejando um baile de máscaras, daqui a três semanas. Há muito trabalho a ser feito antes disso.”

"Máscaras?"

"Sim. Alguns convidados muito importantes estarão aqui.”

Esperamos que um dos trabalhadores passe, um cara mais jovem, talvez na casa dos vinte anos, que pisca e sorri ao passar.

Olhando atrás dele, Rand franze a testa. “Eu confio que você manterá distância desses homens. Não tenho a menor ideia de qual é a formação deles.” Ele se inclina, levantando o cabelo da minha pele com sua proximidade. “Instalamos câmeras extras, apenas para garantir.”

Meu sangue gelou. "Câmeras?"

Eu nem pensei em câmeras. Por que eu deveria? Não é como se eles tivessem segurança aqui para monitorá-los.

"Sim. Mestre Griffin as instalou há alguns anos. Expandimos a cobertura para a maioria das salas comuns.”

Sala comum? O que diabos constitui comum? Uma sala de estar? Eu engulo em seco, minha garganta de repente seca, lábios secos. “Ei, eu, um.... preciso parar no meu quarto. Ainda não estou me sentindo bem.”

“Ah, sim, claro. Posso sugerir um pouco de Pepto-Bismol? Você encontrará alguns no armário do seu banheiro.”

"Obrigada. Encontro você mais tarde, Rand.” À beira de hiperventilar, eu corro pelo corredor, praticamente deslizando até parar na frente do meu quarto.

"Isa?"

Ao som do meu nome, salto para trás e a boneca cai no chão. Com o impacto, uma das mãos se quebra.

Oh não. Oh meu Deus.

Meu olhar se volta para Giulia, que franze a testa para ela antes de levantar os olhos frios de suspeita de volta para mim. "É... não é o que você pensa." Cada músculo do meu corpo está em frenesi quando me ajoelho e pego a boneca com a mão quebrada.

"O que é isso, Isa?"

Olhando ao redor, abro a porta e a conduzo para dentro.

Ela balança a cabeça, afastando minha mão. "Eu não quero fazer parte disso."

"Por favor, deixe-me explicar."

Com hesitação, ela entra no quarto, olhando por cima do ombro quando para a alguns passos.

Eu examino o corredor mais uma vez, antes de fechar a porta.

"Você é louca? Roubando uma das bonecas dela?"

"Acredite em mim, Giulia. Eu não faria isso se não precisasse do dinheiro."

"Todos nós precisamos do dinheiro. Você não me vê roubando! Você tem alguma ideia do que eles farão, se te pegarem?"

Me amarrarão? Esconderão meu corpo? Eu não faço ideia.

Se há uma pessoa que pode ter alguma ideia do que estou passando agora, é uma mulher que vivia na rua. "Eu fui para casa neste fim de semana. Minha mãe... ela é uma viciada. É uma longa história, mas ela está vendo um idiota que fugiu com cerca de cinquenta mil em drogas. O traficante espancou minha mãe e minha tia, quebrou dois dedos dela e ameaçou matá-las, se não pagarmos a ele." Pequenas fissuras na minha compostura

sangram a urgência pronta para estourar dentro de mim. "Estou enlouquecendo aqui, Giulia."

Olhos castanhos duvidosos me encaram, do jeito que eu costumava olhar para minha mãe quando ela me contava histórias ridículas semelhantes de desespero.

“Eu sei que isso parece loucura. É uma loucura. Mas não posso deixar que ele machuque minha tia. Ou minha mãe.” Não é minha mãe que me preocupa, mas não digo isso a ela.

Suspirando, ela passa por mim e entra no quarto, e me pergunto se ela está pensando em me delatar. Não que ela precisasse. Tenho certeza que a câmera pegou tudo. E agora, mesmo que eu queira devolver a maldita coisa, sua mão está quebrada.

"Não há outra maneira para você?" De costas para mim, ela não pode ver a hilaridade de tal possibilidade estampada em meu rosto.

“Você honestamente acha que eu estaria roubando essa coisa, *uma boneca,* se houvesse? Eu tenho destruído meu cérebro tentando descobrir como consertar isso.”

“Pode haver outra maneira. A questão é: quanto você estaria disposta a sacrificar para salvar a vida de sua mãe?”

"O que?"

Ela se vira, e a resolução gravada em sua expressão é quase mais aterrorizante do que o olhar de choque de antes. “O que você sacrificaria para salvar sua mãe e sua tia? Dor? Sua dignidade?"

“Acabei de roubar uma boneca maldita. Eu diria que a dignidade está fora de questão neste momento. Onde você quer chegar?"

Uma exalação afiada, e ela pressiona os lábios, lançando seu olhar para o lado. “Há um grupo. Foi assim que saí da minha situação. Eles ajudam as pessoas. Lucian é um membro dele.”

“Que grupo?”

“Eu não sei como eles se chamam, mas...”

Uma batida forte na porta assusta meus músculos, e quase deixo cair a boneca de novo. "Ah não."

Olhando ao redor do quarto, eu me concentro na cômoda e coloco a boneca dentro, por baixo das minhas calcinhas. Do outro lado da gaveta, tiro meu canivete de onde o guardei para evitar que as criadas o encontrem embaixo do meu travesseiro. Colocando-o bem junto ao corpo para que Giulia não veja, coloco-o no bolso da minha jaqueta militar. Não sei como este lugar lida com ladrões.

A caminho da porta, Giulia agarra meu braço. "Pergunte a ele sobre isso", ela sussurra. “Lucian. Ele saberá o que você quer dizer.”

“Eu não acho que isso vai me ajudar agora.” Eu torço meu braço para fora do dela. "Não tenho dúvidas de que eles viram o que eu fiz."

Com passos pesados, agarro meu estômago e caminho em direção à porta, jogando-a de volta onde Rand está no corredor. Com o queixo erguido no ar, ele me encara por baixo do nariz, as sobrancelhas severas de decepção.

"Senhorita Quinn, Mestre Blackthorne solicitou que você se apresente em seu escritório imediatamente."

CAPÍTULO 30

LUCIAN

Recostando-me na cadeira, rebobino a filmagem de Isa tirando a boneca da caixa de vidro. Eu não dou a mínima para o brinquedo caro, é a traição que me atormenta. A ideia de que essa garota tem coragem de roubar bem debaixo do meu nariz.

No toque da porta do elevador, eu pauso a filmagem, e quando Rand a acompanha até o escritório, quero estrangular meu pau por balançar contra o meu zíper. Com a cabeça baixa, ela para no meio da sala, sem se preocupar em me olhar nos olhos, e quando dou um aceno de cabeça para Rand, ele sai da sala.

Uma vez que as portas do elevador se fecham, eu empurro minha cadeira, descansando minhas mãos contra a mesa. "Quer me dizer alguma coisa?"

Ela balança a cabeça de maneira sutil, o que só aumenta minha raiva. "Nada que eu esteja supondo que você já não tenha visto." Com as mãos cruzadas na frente dela, ela parece ridícula naquele vestido. Uma mentira ambulante. No entanto, ao mesmo tempo, posso imaginar o tecido fluido enrolado na minha nuca, com minha cabeça entre suas coxas.

Um pensamento que me irrita ainda mais.

"Onde está?"

“Na minha gaveta.”

“*Sua* gaveta. A cômoda também pertence a você?"

Estremecendo, ela balança a cabeça. "Não, claro que não."

“É preciso muita confiança para colocar alguém encarregado de cuidar da minha mãe.”

Ela inclina ainda mais a cabeça, provavelmente tão oprimida pela culpa que parece uma bola de boliche apoiada em seu pescoço.

"Por que traiu minha confiança em você, Isa?"

Com os olhos escondidos atrás dos cílios longos e negros, ela suspira. "Eu não queria."

“Eu não dou a mínima para o que você não quis fazer. Eu quero saber *por que* você *fez* isso?”

“Vou devolver a boneca e sair. Se não se importa.”

Eu me levanto da cadeira, ajustando as lapelas do meu casaco enquanto dou a volta na mesa e me inclino contra a frente dela. “Pelo que entendi, está quebrada agora. Praticamente sem valor.”

Estremecendo, ela se afasta de mim e balança a cabeça. "Eu estou.... Não sei o que dizer, Sr. Blackthorne.”

“Tenho certeza que não. Não há nada que você possa dizer. Centenas de milhares de dólares desperdiçados.”

“Acho isso excessivo para algo tão frágil”, ela diz baixinho.

Levantando da mesa, minha frustração leva o melhor de mim e, em três passadas rápidas, estou parado na frente dela. “Não cabe a você dizer o que é excessivo ou não. O fato é que você destruiu algo que vale muito mais do que você.”

Seus olhos se voltam para os meus, o brilho fino de lágrimas reunidas lá trazendo seus olhos cinza brilhantes à vida. Lábios tremendo, é como se algo sarcástico e espertinho espere para se libertar de sua boca. É assim que essa garota é — rápida com as

piadas — mas em vez disso, seu olhar desvia do meu mais uma vez. "Eu não queria quebrá-la."

"O mínimo que você pode fazer é me dizer o que era tão importante que você se sentiu compelida a roubar de mim."

Ombros magros rolam para trás, seus olhos cheios de desafio o suficiente para acionar meu interruptor.

Meu temperamento está à beira de explodir enquanto eu olho para ela, praticamente em chamas com o calor da irritação que ferve dentro de mim.

Segundos se passam e ela não diz uma palavra, a insolência de seu silêncio lentamente destruindo minha paciência.

"Responda-me!"

Ela se encolhe e levanta o queixo em desafio. "O que isso importa agora?"

Enquanto eu me inclino em sua direção, ela se levanta, tropeçando na cadeira atrás dela, e quando coloco minhas mãos em cada lado dela e me inclino, uma mordida de aço frio atinge a parte inferior do meu queixo.

A expressão inflexível em seu rosto, junto com a lâmina em minha garganta, dedilha um fio fino e precário dentro de mim. Desperta uma sensação que não sentia há muito tempo. Uma que deixa meu pau pronto rasgar minha calça. Calafrios correm sob minha pele, meus músculos queimando com o desejo de não beijá-la agora. O que sinto está além da raiva. Além da adrenalina. É luxúria. Luxúria pura, negra e venenosa.

“Minha família está com problemas. Alguém me falou de um grupo que pode me ajudar. Disse que você saberia sobre isso. Um grupo secreto.”

Foda-se. "Não tenho ideia do que você está falando."

"Eu acho que você tem." Ela desvia o olhar por apenas um segundo, talvez um momento de incerteza, antes de segurar meu olhar novamente. “Acho que você é membro deste grupo.”

Meu olho pisca com isso, essa merdinha ousada e atrevida que pensa que sabe o que está fazendo agora. Não há nenhuma maneira no inferno de uma coisa inocente como ela saber sobre Schadenfreude. Se ela tivesse ideia do que era, certamente não estaria se atirando nisso. “Um pouco tarde para isso agora, você não acha? Vendo que você não só roubou de mim, mas também tem a coragem de segurar uma lâmina na minha garganta."

"Estou desesperada."

"Não desesperada o suficiente para as consequências, posso garantir."

“Um homem ameaçou matar a minha mãe. Ele deu uma surra na minha tia e quebrou dois de seus dedos no fim de semana. Se eu não ganhar cinquenta mil, ele vai matar as duas. Duvido que ele deixe pontas soltas, o que significa que ele virá atrás de mim a seguir.”

"Quem é esse homem?"

"Franco Scar alguma coisa."

Franco Scarpinato. Puta que pariu. Como diabos ela se enredou com um lixo como ele?

"O que ele quer com você?"

Ainda segurando a lâmina no meu pescoço, ela lambe os lábios que parecem secos como um osso. “O namorado da minha mãe fugiu da cidade com suas drogas. Não sabemos onde ele está, então ele está tentando tirar o dinheiro de nós.”

Deve ser o cara que o Franco estava reclamando quando nos encontramos. De alguma forma, meu olhar pousa em seus lábios novamente, e eu poderia chutar minha própria bunda por me

perguntar como eles se sentiriam entre meus dentes. "Como você ficou sabendo desse grupo secreto?"

Mais uma vez, ela abaixa o olhar, como se não tivesse intenção de me contar. Teimosa. Eu não sei o que há com essa garota, o jeito que ela me faz querer bater em sua bunda nua enquanto a beijo ao mesmo tempo.

"Como?"

"Giulia." Ela brincou com o nome como se eu pudesse contestá-la. “Ela disse que você poderia me ajudar. Da maneira como você a ajudou.”

"Você ao menos sabe o que está me pedindo?"

"Não. Mas estaria disposta a trabalhar para você de graça. Para pagar o que devo. Contanto que você me aceite.”

Tenho vontade de rir disso, da ingenuidade por trás de sua sutileza, como uma piada de mau gosto. Eu me inclino mais para ela, pressionando contra a lâmina em minha garganta. “Eu fodo com Giulia. É assim que ela me retribui. Sempre que eu quiser. Onde eu quiser. É isso que você tinha em mente, Isa? Me deixar usar você, como eu achar conveniente?”

Com a garganta balançando ao engolir, ela não pode imaginar como eu arruinaria uma coisa inocente como ela. “Se isso for necessário para salvar minha família. Sim."

A contração do meu olho não consegue esconder o caos explodindo dentro de mim. Essa garota. Essa garota linda, dolorosamente fascinante. Pegando seu pulso, flexiono meu queixo enquanto torço a faca de sua mão, o brilho em seu rosto quase cômico. A rápida ascensão e queda do seu peito trai o desafio queimando em seus olhos, a coragem que ela está usando como uma transformação de merda.

Erguendo seu pulso entre nós, corro meu polegar sobre seu pulso martelando. “Você sente isso, Isa? O pulso rápido em suas veias? As fortes batidas em seu peito? Essas são as defesas naturais do seu corpo, avisando-a para ficar longe. Escute isto." Eu a empurro, é tudo que posso fazer para não agir de acordo com o súbito apetite que desenvolvi por uma atrevida de dezenove anos. A sensação fantasmagórica da lâmina ainda permanece em minha garganta.

Tire-a daqui antes que faça algo estúpido.

"Por favor. Você é a única chance que tenho.”

Eu fecho a lâmina e jogo em seu colo. “Eu não posso te ajudar. Devolva a boneca e nós a consertaremos. Considere isso um aviso de que, se você me roubar novamente, terei prazer em assistir a polícia algemar você antes de prendê-la."

“E a minha família?”

“Eu disse que não posso te ajudar. Você é muito jovem para o que está oferecendo.”

“Eu sou maior de idade. Não sou uma criança. Já tive namorados, sabe? E sexo!” O desespero em sua voz apenas dedilha os visuais depravados que fazem cócegas em meus pensamentos.

“Se alguma vez eu estiver desesperado e estúpido o suficiente para ter você, Isa, não se engane, esse seria o dia em que você seria devidamente fodida por um *homem,* não por um menino. Não seria uma diversão, mas algo em que colocaria um esforço muito concentrado. Prazer é um negócio para mim, e você não está equipada para lidar com minha natureza implacável. Agora, se me dá licença, tenho trabalho a fazer.”

"Por favor. Estou te implorando, Lucian.”

“Saia do meu escritório antes que eu mude de ideia e apresente queixa por roubo.” Eu me inclino em direção a ela novamente, deslizando minha mão sobre a curva delicada do seu pescoço. "E se você colocar uma faca na minha garganta novamente, descobrirá o quão hábil sou em desarmar uma ameaça." Minha cabeça estala um aviso, enquanto meus olhos mergulham em seus lábios mais uma vez, e eu a liberto, instantaneamente lamentando o contato perdido.

Por mais pressionada que estivesse para esconder as lágrimas, o fungar enquanto ela corre para a porta é inconfundível. No momento em que ela se foi, Rand volta ao meu escritório.

“Minhas desculpas, senhor. Fiz o meu melhor para garantir que ela fosse a candidata certa para...”

“Quero que você marque uma reunião com Franco. Avise-o que estou pronto para discutir as negociações e gostaria de convidá-lo aqui para isso.”

“Aqui, Mestre? Seu pai sempre achou que era muito perigoso convidar os Scarpinatos para a mansão.

“Caso você tenha esquecido, meu pai não está aqui comandando o show. Eu estou." Eu caio na minha cadeira, enquanto meu corpo luta para desfazer o que quer que seja que acontece quando estou perto daquela garota. A maneira como não consigo me controlar, como um colegial pré-adolescente que ainda não aprendeu a lidar com um tesão.

“Eu não esqueci, Mestre. Não quis desrespeitar. Vou marcar esta reunião, como você solicitou.”

"Bom. E mande Makaio entrar. Ele ficará emocionado em saber que tenho uma tarefa real para ele.”

"Claro. Vou buscá-lo imediatamente. E a garota?"

A garota. A garota. A irritante e bela garota. “Fique de olho nela. Tenho a sensação de que ela pode tentar ir embora. Quero que ela fique aqui, pelo menos até eu decidir o que quero fazer com ela.”

“Eu vou fazer isso. Meu contato deve ter as informações que você solicitou em breve. Vou encaminhá-las para você, assim que ele coletar.”

"Fantástico." Como se minha curiosidade já não tivesse sido despertada, o incidente com a faca apenas solidificou meu interesse por ela. Não consigo nem olhar para a tela onde o vídeo permanece pausado.

E agora tenho a desculpa perfeita para fazer algo completamente imprudente e impulsivo. Simplesmente aproveitei as lágrimas de uma garota desesperada para me dar a oportunidade que eu estava esperando.

CAPÍTULO 31

ISADORA

Eu coloco a boneca, com a mão quebrada, nas palmas das mãos de Rand, incapaz de olhá-lo nos olhos.

“Dizer que estou desapontado é um eufemismo. Pensei muito de você, Isa. Achei que se encaixava perfeitamente em nossa família.”

Por mais que eu queira me sentir mal pelo que fiz, a verdade é que ainda tenho uma tempestade de merda para cuidar em casa e, no momento, isso tem precedência sobre a culpa. "Eu sinto muito."

“Vou ver se consigo salvar a boneca da Sra. Blackthorne. Manteremos isso em segredo, pois tenho certeza de que ela será menos misericordiosa do que seu filho.”

Com um aceno solene, ouso olhar para ele. "Eu aprecio isso."

“Não me preocupa o que você aprecia. Estou fazendo isso pelo bem da Sra. Blackthorne. Ela também tem você em alta conta."

Este homem merece um mestrado em erradicação da culpa. Se eu não estivesse tão preocupada com um criminoso perigoso aparecendo na casa da minha tia nos próximos dias, provavelmente me pegaria oscilando na beira do telhado, como Lucian na outra noite, oprimida pela vergonha.

Sem outra palavra, Rand sai e eu fecho a porta do meu quarto. Debaixo da cama, pego minha mala para começar a arrumar minhas coisas.

Uma mensagem toca no meu telefone e eu o abro para ver a mensagem que minha tia está esperando para me enviar.

Você precisa voltar para casa. Emergência familiar.

A tensão sopra dentro de meus músculos, a decepção de ter falhado com ela pressionando minha consciência.

Abortar a missão. Surgiu uma coisa. Eu tenho que descobrir outro plano.

Você está com problemas, Isa?

Não, está tudo bem. Apenas me deixe resolver isso.

Uma batida na porta me deixa bufando de exaustão. Talvez Rand tenha decidido manchar meu nariz com isso um pouco mais?

"Entre!" Eu nem tenho energia para enfrentá-lo neste momento. Meu mundo inteiro está desmoronando ao meu redor, e não consigo reunir forças para me preocupar com alguma porra de boneca estúpida que vale mais do que a vida da minha tia.

A porta clica e eu giro para encontrar Giulia parada na porta. Seu olhar mergulha em direção à minha mala e volta enquanto ela entra no quarto e fecha a porta atrás dela. "Acho que ele recusou."

"É óbvio?" Talvez seja a presença de outra mulher, uma que também esteve desesperada em algum momento, que finalmente perfura minhas defesas. Eu me afasto dela para esconder as lágrimas nos meus olhos novamente. Se há uma coisa que odeio é chorar na frente de alguém. "Eu me sinto... perdida agora."

O toque suave em meu ombro contrai meus músculos. "O que você vai fazer?"

“Tudo que eu *posso* fazer. Ir para casa e ficar com minha tia. Não posso deixá-la sozinha em tudo isso.”

“Você acha que é uma boa ideia? Acha que ela gostaria que você se colocasse em perigo dessa forma?"

“Contra o quê? Ficar aqui e fingir que minha vida é tão perfeita quanto a de todo mundo? Não vou brincar de casinha com um maluco, enquanto algum traficante de drogas decide usar minha tia como tiro ao alvo.”

Suspirando, ela abaixa a cabeça. "Você pediu ajuda a ele?"

"Ele disse... que eu era muito jovem para qualquer ajuda, que não sabia o que estava pedindo."

Com o olhar ainda lançado ao meu, ela pega o polegar, inquieta. "Então, ele lhe contou sobre o nosso acordo."

“Em todas as palavras.”

"Estou surpresa que ele negou você."

"Por que?"

"Porque ele não me tocou desde o dia em que você chegou aqui."

Uma risada agitada me escapa, enquanto abro o zíper da mala que pretendo encher nos próximos dez minutos. “Não acho que isso tenha algo a ver comigo.”

"Talvez não. Mas até a noite anterior à sua chegada, ele ligou para mim todas as noites. Agora, ele não quer nada comigo.”

Ligou para ela? Por alguma razão, tudo que vem à mente é a cena em *Drácula,* quando Lucy fode com o lobo. “Lucian pensa que sou uma criança. Ele me trata como uma menina. Uma menina irritante.”

“Bem, eu vi a maneira como ele lida com os ladrões. O fato dele não ter demitido você me diz que ele pensa mais em você do que provavelmente imagina.” Afastando-se de mim, ela se dirige

para a porta. “De qualquer forma, eu só queria verificar você. Vou rezar para que tudo dê certo no final.”

"Obrigada. Mas não acho que Deus se importe com uma garota que não tem muita fé na oração.”

“Ele pode te surpreender, Isa. Dizem que Ele trabalha de maneiras misteriosas.”

Misteriosas, de fato. Eu não poderia imaginar quando acordei esta manhã que estaria me sacrificando ao Diabo.

Assim que ela sai do quarto, volto a empacotar minhas roupas. Deixo o novo guarda-roupa pendurado no armário, encolhendo-me com a camisa manchada de refrigerante. É então que percebo que esqueci de mandar uma mensagem para tia Midge para vir me buscar, com toda a distração de Giulia.

"Merda." Quando levanto meu telefone, há uma mensagem de texto dela.

Puta merda, isso foi rápido!!!!

Eu franzo a testa para sua mensagem e a enxurrada de exclamações que ela usa e mando uma mensagem de volta.

O que foi rápido?

Tenho que roer as unhas para não perder a cabeça, pois ela leva a vida de uma tartaruga para atender, então balanço a cabeça e digito o número dela.

No momento em que ela atende, posso ouvir o riso em sua voz. “Você é uma santa. Estou convencida disso!”

"Do que você está falando?"

“Ele devolveu sua mãe, Isa. E ainda por cima se desculpou.”

"Quem?"

“Franco.”

Franco? O cara que quebrou dedos, queimou minha mãe e ameaçou matar as duas, Franco? De alguma forma, não consigo imaginar um pedido de desculpas em toda essa violência. É inadequado, apenas aumentando minha descrença.

“Ele apareceu aqui com aquele cara havaiano, dirigindo um carro preto chique. Quase tive um ataque cardíaco quando ele entrou no quintal, mas sua mãe estava com ele. Ela está um pouco pior, parece que eles a agrediram a maior parte da noite, mas ela vai ficar bem. Ela está descansando agora.”

Makaio? Afasto o telefone para ver que só se passou uma hora desde que deixei o escritório de Lucian. "O que aconteceu? O que ele disse?"

“Ele apenas disse que foi um mal-entendido. Ele se desculpou e disse que não vai mais nos incomodar. Foi isso. Ele saiu com o havaiano.”

"Você tem certeza que foi Makaio."

“O mesmo cara que carregou sua bagagem naquela primeira noite? Sim. Não há como se enganar.”

Isso tem Lucian escrito em tudo. Ele tem que ser o responsável por isso. Quem mais mandaria Makaio devolver minha mãe?

“Eu não sei o que você fez, mas obrigada. Sei que você não é fã de Jenny, mas salvou a vida da sua mãe hoje. Você salvou a minha. Eu te amo, Isa.” Sua voz está trêmula de novo, como se ela fosse chorar, o que é minha deixa para interromper a ligação.

"Claro, claro. Também te amo. Olha, hum, envie-me uma mensagem mais tarde, para me certificar de que ainda está tudo bem.” Eu ainda não consigo entender isso. Tudo parece entorpecido e vazio, mas frio e formigante ao mesmo tempo. Choque, talvez?

"Eu vou. Enquanto isso, sua mãe vai precisar de algum tempo para se curar. Vou deixá-la ficar alguns dias."

"Sim. OK. Estou feliz que deu certo."

"Ok, vejo você neste fim de semana, hã."

Eu desligo a chamada e fecho meus olhos sobre as lágrimas de alívio. Meus joelhos dobram debaixo de mim e eu desabo no chão, finalmente desabando.

~

Torta de humildade nunca foi meu sabor favorito.

Engolindo o alívio e a humilhação, fico em pé no elevador, esperando as portas se abrirem no terceiro andar. Chegar sem avisar é tão assustador quanto ter que pedir ajuda ao cara, mas visto que segurei uma lâmina em sua garganta apenas uma hora atrás, esta é provavelmente a coisa mais fácil que tive de fazer hoje.

A porta se abre no escritório de Lucian, e assim como quando cheguei esta manhã, sou saudada pelo delicioso perfume de colônia e couro. Um aroma masculino que deixa a boca com água naturalmente.

Com os pés apoiados na mesa, Lucian está recostado na cadeira, observando eu me aproximar, um copo meio cheio do que provavelmente é bebida alcoólica ao lado de um cigarro aceso que ele segura sobre o cinzeiro.

Com a camisa desabotoada e a gravata afrouxada, a visão dele envia um frio na barriga, a maneira como ele me olha como um predador olhando para uma presa.

"Vejo que suas bolas não encolheram na última hora." Ele acerta o cigarro antes de dar uma tragada, sem tirar os olhos de mim.

O comentário traz um sorriso ao meu rosto, e eu mordo o interior da minha bochecha para esconder minha diversão. "Parece que te devo desculpas."

"Você me deve mais do que isso, pelo que me lembro."

"A boneca."

“Rand está perdendo a porra de um tempo colando sua pequena mão de volta no lugar. Continua caindo.”

Uma gargalhada me escapa, bato a palma da mão no rosto e limpo a garganta. "Eu sinto muito. Você pode tirar o custo de conserto do meu salário.” Exalando uma respiração instável, eu cruzo os braços sobre o peito para que ele não possa ver as respirações superficiais da minha ansiedade. Estou convencida de que o cara se alimenta do medo. “Minha tia me contatou para me informar que Franco devolveu minha mãe.”

Estendendo a mão, ele pega a bebida da mesa e toma um gole. "E?"

“E ele se desculpou. Ela disse que Makaio estava com ele, então presumo que você tenha ajudado nisso.”

"É possível. Muita merda estranha aconteceu hoje.”

Mais uma vez, encontro-me mordendo o interior da minha bochecha para reprimir a vontade de sorrir. “Eu só queria te agradecer. Não sei o que você disse a ele ou o que fez, mas agradeço.”

“Franco é um associado meu de longa data.”

Traficante de drogas? Por que diabos ele estaria associado a um traficante de drogas?

"A família dele, devo dizer." Algo em sua voz sempre carrega um ar de tédio. “Ele se envolveu em alguns hobbies menos do que admiráveis, recentemente. De qualquer forma, ele não será mais um problema para você ou sua família.”

Com o olhar colado no chão, respiro o alívio mais uma vez e aceno com a cabeça. "Eu sinto que devo algo a você por toda essa... bagunça."

Ele pega a garrafa de bebida, enchendo seu copo enquanto enfia o cigarro entre os lábios. “Considere isso como um pagamento por salvar minha vida”, diz ele.

"O que?"

"A outra noite. No telhado. Se você não estivesse lá, bem, eu provavelmente seria um respingo de ossos e sangue."

Fazendo uma careta, engulo de volta o visual disso. “Não foi nada especial.”

“Salvar minha vida, ou o que se seguiu?”

“O, hum... o beijo foi... muito bom. Eu gostei muito."

Inclinando-se para frente novamente para soltar sua fumaça, ele inclina a cabeça, como se para me estudar. "Você encontrou prazer em um beijo bêbado?" Suas bochechas cedem com uma longa tragada do cigarro, antes que ele o apague no cinzeiro. "Você teria que ser bastante inexperiente para imaginar algo tão sem sentido."

Ai.

"Acho que não considerei tudo tão sem sentido."

"Eu acho que você não foi beijada o suficiente para saber a diferença."

O que diabos há de errado com esse cara? “É sua intenção me insultar constantemente? Estou tentando agradecer a você por me ajudar e, de repente, estou me sentindo sob ataque.”

"Ataque?" Ele solta uma risada e sua língua passa pelos lábios antes que eles se curvem em um sorriso zombeteiro. “Não, eu não pretendo *insultá-la constantemente.* Sua gratidão é notada.”

"Bom."

“Espero que você volte para ajudar minha mãe amanhã. Ela pediu por você, pelo que entendi.”

"Eu prometo. Chega de travessuras.”

"Fantástico. Se isso for tudo, tenho alguns assuntos urgentes para tratar.”

"Isso é tudo."

Nunca soube como lidar com Lucian Blackthorne. Ele é um enigma para mim. Mesmo enquanto caminho de volta para o elevador, tendo cumprido o que vim fazer aqui, me sinto confusa. Como se tivesse passado os últimos vinte minutos girando no lugar, observando camadas da minha pele descascando. Eu odeio que ele tenha esse efeito sobre mim, como se ele visse através de mim, com uma de minhas fraquezas transformando-se em ciência: meu orgulho. Se eu soubesse a dele. O único ponto fraco que eu poderia penetrar para descobrir se há algo do outro lado dele. Tem que haver um coração dentro deste homem. Por que outro motivo ele ajudaria alguém que significa tão pouco para ele?

A porta do elevador se abre e eu entro, mantendo minha atenção grudada no carpete vermelho estampado. É só quando ele começa a fechar que eu olho para cima e o pego olhando para mim. Os olhos do diabo, queimando através de mim, e se não fosse

pelas grossas portas de prata que o fecha, eu provavelmente iria desmoronar em uma pilha de cinzas.

No primeiro andar, saio passando por Makaio e Rand escoltando um homem que nunca vi na Mansão antes. Cabelo escuro e olhos igualmente escuros sob as sobrancelhas espessas que se abaixam com uma carranca, ele não desvia o olhar como as pessoas educadas fazem quando passam.

Como se ele me reconhecesse ou algo assim.

Eu não o reconheço, de jeito nenhum. Eu deveria?

Confusa, me viro enquanto Makaio o leva para o elevador, e quando ele se vira para me encarar novamente, seus olhos se arregalam.

"Espera!" Ele salta para frente, contido pelo enorme havaiano ao lado dele, e as portas se fecham.

Naquele momento, me pergunto se acabei de ficar cara a cara com Franco.

CAPÍTULO 32

LUCIAN

Saindo do elevador no andar para as catacumbas, eu casualmente tomo um gole de minha bebida, enquanto o som de gritos ecoa pelo corredor sombrio. Abro a porta da sala à direita, onde Makaio bloqueia a maior parte da minha visão. Tudo o que posso ver da porta é um par de pés trêmulos saindo da direita do enorme guarda-costas, enquanto Makaio começa a trabalhar na remoção da língua de Franco, conforme meu pedido anterior.

Porque as melhores reuniões são aquelas onde eu falo e os babacas ouvem.

Eu caminho para o outro lado da cadeira, obtendo uma visão da primeira fila da carnificina, onde Franco está em uma bagunça sangrenta na velha cadeira de dentista, sua língua em uma bandeja de prata ao lado dele.

Eu tomo outro gole da minha bebida e coloco a mão no bolso, ouvindo-o soluçar como uma criança. “Peço desculpas pela pressa desta reunião, mas temo que o assunto era urgente. Cheguei à conclusão de que não vou devolver sua remessa, nem receber qualquer besteira de seu tio. Ninguém encontrará seu corpo. Você não será nada mais do que outra pilha de ossos para adicionar à minha coleção.”

Enquanto ele geme e se contorce na cadeira, Makaio agarra uma das ferramentas ao lado dele e cutuca um objeto de aparência afiada na lateral do homem.

Franco arqueia, sua voz quebrando em um grito antes de morrer em outro soluço.

A visão de suas lágrimas puxa um sorriso que enterro no meu último gole. “Acontece que você estava certo, Franco. Eu sou louco pra caralho.”

CAPÍTULO 33

LUCIAN

Oito anos atrás …

Risadas irritantes ecoam pelo corredor enquanto passo pelo átrio a caminho de atender ao chamado do meu pai. O som é tão incômodo quanto a presença da menina, e quando vejo Amelia, sentada em uma das cadeiras ao lado de minha mãe, enquanto as duas parecem aparar flores, não posso deixar de me perguntar quanto tempo mais isso vai continuar. O que começou como um convite para passar a semana conosco se transformou em quase um mês dela e minha mãe correndo por este lugar como duas adolescentes desagradáveis.

Amelia abre mais um sorriso sedutor, um dos muitos no último mês, e viro a cabeça para evitá-la e continuo pelo corredor, em direção ao escritório do meu pai.

Parece que ela está sempre lá, onde quer que eu esteja. Quer seja na piscina, no ginásio, no jardim, nos corredores. Eu não suporto que ela esteja em toda parte. Sempre flertando e oferecendo coisas que tenho certeza que minha mãe não aprovaria, se ela as ouvisse.

Claro, eu sempre recuso.

Não sei o que há com ela. Ela é inegavelmente uma das garotas mais bonitas de Tempest Cove e, ainda assim, não estou nem um pouco atraído por ela. Não desde que fui forçado a passar todos os dias evitando-a, de qualquer maneira. Estou esperando

minha mãe falar em casamento, e isso será quando colocarei meu pé no chão.

Não há nenhuma maneira no inferno de eu me casar com Amelia Boyd.

O elevador se abre e eu desacelero meus passos ao entrar no escritório de meu pai, onde ele está sentado em frente ao prefeito Boyd. Franzindo a testa, mantenho meus olhos em Boyd, enquanto me sento ao lado dele e olho para trás para meu pai, cuja expressão neutra não oferece nenhuma indicação sobre o que é este encontro.

“Olá, Lucian,” Boyd diz, sua voz tensa enquanto ele olha para suas mãos entrelaçadas.

"Olá."

"Lucian, você sabe que não sou de rodeios, então vou direto ao ponto desta reunião." Meu pai tem um jeito de deixar meus nervos à flor da pele com sua honestidade, e hoje não será exceção. "Você transou com Amelia?"

Uma onda de choque perfura meu peito, apertando meus pulmões, e me sento para frente para tossir. "Desculpa, o que?" Tento não olhar para Boyd, cujo brilho está praticamente queimando um buraco na lateral da minha cabeça agora. A última vez que toquei na garota foi na noite da minha festa, enfurnado no armário da limpeza, e não tive vontade de chegar perto dela desde então. “Quero dizer, nós brincamos. Um pouco."

"Vocês dois fizeram sexo?"

“Não é... o que...” Eu engulo um gole duro e olho para o lado, avistando as sobrancelhas severas de Boyd e sua expressão divertida. "Eu não chamaria de sexo, na verdade."

“'Foda-se, garoto. Você enfiou seu pau dentro dela? " As perguntas do meu pai fazem minhas mãos suarem.

“Por alguns minutos, eu acho. Sim."

Revirando os olhos, meu pai geme.

"Por que você está me perguntando isso?" Mudando minha atenção entre Boyd, cujos lábios achatados e mãos fechadas são um bom sinal de que ele quer me matar, e meu pai que se reclina em sua cadeira, esfregando a mão no rosto, não sei se devo me abaixar ou correr. “Foi totalmente consensual entre nós. Ela queria tanto...”

"Ela está grávida, Lucian." As palavras do meu pai perfuram meu estômago, e agarro meu estômago enquanto a bile sobe pela minha garganta.

"Grávida?" As costas da minha mão abafam a pergunta, enquanto tento conter a torrente de vômito que está coçando para se libertar. “Eu nem... eu usava camisinha. E eu nunca...”

“Os preservativos falham. Certamente, sua prestigiosa educação lhe ensinou algo sobre educação sexual.” A ira na voz de Boyd confirma o que eu já suspeitava — o homem provavelmente tentaria me matar, se meu pai não estivesse sentado em frente a ele agora.

“Você tem certeza que é...” sei a resposta para isso, no entanto. Amelia não saiu da Mansão desde a noite da festa, um mês atrás. Por mais assustador que possa ser, sou o suspeito mais provável.

"Vamos, garoto." Meu pai pega o copo de bebida na mesa à sua frente e engole o que sobrou dela. "Se aquela garota sofresse mais por você, seus pés ficariam presos na terra, com raízes saindo de sua bunda."

Boyd pigarreia, girando os ombros para trás. "Por favor, tenha em mente que esta é minha *única* filha."

“Os Boyds são católicos, como você sabe. Não é a maneira deles interromper uma gravidez ou engravidar fora do casamento, por falar nisso.” Batendo o dedo na mesa, meu pai me encara por um momento, parecendo morder os lábios. "Você vai se casar com ela."

Outro soco no estômago. Este mais difícil, a dor subindo pelas minhas costelas. "O que? Não. Eu não posso.”

“Você não tem escolha, Lucian. Você se meteu nesta confusão.”

“Estarei lá para ela. Eu vou criar a criança. Certificar-me de que nunca falte nada, mas não posso me casar com ela.”

“Você pode profaná-la, entretanto? Colocar sua sujeira dentro dela?" Boyd fala com os dentes cerrados, sua raiva crescendo diante dos meus olhos.

“Não funciona assim, filho. O prefeito Boyd tem uma reputação a defender. Como você acha que sua única filha está grávida, sem marido?”

Eu não me importo como diabos isso parece. É minha vida que ele quer confundir, e não é como se ela não tivesse uma palavra a dizer sobre o que fizemos naquela noite. “Este não é o século XVII. Mulheres engravidam e têm filhos, sem casamento, o tempo todo.”

Com as bochechas estufadas, meu pai solta um suspiro longo e dramático. "A decisão foi tomada. Você se casará com Amelia Boyd e ponto final.”

CAPÍTULO 34

ISADORA

Quase duas semanas se passaram desde o incidente com minha mãe e o traficante. Mandei uma mensagem de texto para tia Midge todos os dias, às vezes duas vezes, para saber como ela está. Se ela ouviu alguma coisa. Viu alguma coisa. Teve a sensação de que ele poderia voltar.

Tudo ficou quieto.

Lucian não disse uma palavra para mim desde que me atrevi a invadir seu escritório para agradecê-lo. Às vezes nos cruzamos no corredor, mas é como dois navios passando em um mar plácido. Nenhuma palavra falada entre nós. Eu o peguei me observando algumas vezes, quando estive no jardim ou tocando piano, mas nunca mais do que um breve momento antes dele desviar o olhar.

Talvez eu tenha pensado muito nisso, porque tenho sonhado mais com ele ultimamente. Sonhos sombrios dos quais eu não ousaria contar a ninguém, nem mesmo Kelsey. Aqueles em que ele me mantém aprisionada neste lugar, e me pego me perguntando se ele é bom ou mau. Na outra noite, acordei suando e ofegante, chamando por ele.

É humilhante pensar que Giulia pode ter me ouvido.

Acho que sempre fui atraída por homens mais velhos, tendo-me desenvolvido bem antes da maioria das garotas da minha idade. Os meninos com quem cresci eram imaturos e totalmente estúpidos, sempre se tocando. Carícias.

Tomando sem pedir.

Homens adultos tendem a ser diferentes comigo. Cuidadosos, senão curiosos.

O corredor escuro do primeiro andar me cumprimenta, enquanto saio do elevador e caminho para a sala de jantar. No caminho, faço uma pausa no átrio e olho para dentro, onde as últimas semanas de empreiteiros e operários da construção civil transformaram o que antes era desleixado e negligenciado em uma visão de maravilha e fascínio. Vinhas saudáveis derramam-se nas barras douradas de ferro, trançadas em pequenas luzes brancas. Paredes recém-pintadas e vegetação exuberante dão um toque de cor espetacular. Lanternas pendem do teto como estrelas no céu noturno, enquanto os pisos, polidos e brilhantes, refletem o brilho acima.

De tirar o fôlego.

Entro na sala, vazia de trabalhadores que devem estar na hora do almoço, e me sento ao piano. Um dispositivo está apoiado contra o suporte de música. Pequeno e desajeitado, me lembra um walkie-talkie.

Um grande botão redondo no centro carrega o símbolo para jogar, e por pura intromissão, eu o pressiono. A música sai de seus alto-falantes como fitas pretas voando ao meu redor. Assombrosa e sombriamente bela.

É uma peça que eu não tinha ouvido antes, fecho meus olhos, absorvendo cada batida das teclas, deixando-as envolver meus sentidos.

A tristeza. A saudade.

As notas tomam forma dentro da minha cabeça como uma entidade viva que respira. Uma visão das mãos de Lucian dançando sobre as teclas brancas e subindo pelos meus braços, suas pontas dos dedos se arrastando pela minha pele. Eu inspiro

pelo nariz e expiro pelos lábios entreabertos, enquanto a música me leva de volta ao meu sonho mais recente com ele. Estendo a mão para tocar meus lábios, relembrando a noite em que ele me beijou no telhado, meus olhos ainda fechados para tudo, exceto para a cena tocando atrás das minhas pálpebras.

"O que você está fazendo?"

Com o tom agudo e ameaçador, pulo de minhas reflexões e luto para desligar o dispositivo, pressionando o primeiro botão que interrompe a música. Com os músculos vibrando, me viro para encontrar Lucian em pé na minha frente, com um bloco de notas agarrado em seu quadril.

"Diga-me que você não bagunçou nada."

"Eu... eu não fiz nada."

Com a carranca colada em seu rosto, ele caminha em minha direção e pega o dispositivo.

“Eu vi o gravador parado ali, e...”

“É um Tascam”, diz ele, examinando o equipamento.

"Um o quê?"

“Um Tascam. Usado para gravar faixas.”

“É a sua música, então?” Não posso evitar a admiração em minha voz, imaginando uma peça tão linda originando-se de sua cabeça. "Eu juro que só ouvi."

Com os ombros caídos, ele inclina a cabeça para trás, os olhos bem fechados, enquanto pressiona o botão play.

"Diga-me que você não bagunçou nada."

“Eu... eu não fiz nada. Eu vi o gravador lá e...”

“É um Tascam.”

A reprodução é a nossa conversa. Devo ter gravado acidentalmente sobre a música.

Eu bato a mão no meu rosto, as pontadas agulhadas do choque apunhalando meu estômago. "Oh não."

“Horas, eu tentei acertar aquela peça. Agora, acabou.” Ele balança seu caderno no ar. "Corri para conseguir algo para fazer as anotações." Com a mandíbula flexionada, ele joga o livro nas cordas do piano sob a tampa.

"Lucian, sinto muito." O remorso me atinge, esmagando meu peito como um punho pesado. "Eu não tive a intenção de tocá-lo."

"Você simplesmente não consegue manter as mãos longe de nada, não é?" O rosnado em seu tom provavelmente representa apenas uma fração de sua raiva. Ele joga o Tascam no suporte para partitura, e quando ele cai nas teclas, batendo uma nota forte, eu recuo. "Eu nunca vou me lembrar disso."

Abaixando meu olhar, encaro as teclas, e enquanto os ecos da música permanecem na minha cabeça, meus olhos examinam cada colocação dos meus dedos. Eu as vejo. Eu as *conheço.* "Eu posso."

Ainda afastado de mim, ele não se preocupa em reconhecer minha resposta.

Exalando uma respiração instável, coloco meus dedos nas teclas e fecho os olhos. Na primeira nota, sinto as fitas pretas dançarem ao meu redor enquanto toco a música de memória. A suave carícia de suas mãos na minha pele. O calor de sua respiração no meu pescoço. Cada momento da música permanentemente marcado por sua sedução imaginária que envolve cada tecla. O sonho continua exatamente como antes, a cada olhar, a cada toque. Até o ponto em que termina, e abro meus olhos para o olhar incrédulo de Lucian.

"Como você fez isso?" Descrença brilha em seus olhos enquanto monta o tom de sua voz.

“Toquei de memória.”

“Eu literalmente escrevi isso minutos antes. Como você poderia saber as notas?”

“Eu não sabia as notas. Não sei ler música.”

Franzindo a testa, ele cruza os braços. "Como? Eu ouvi você tocar Chopin. Liszt. Bach.”

“Tudo de memória. Mas nunca aprendi notas.” O espanto em seu olhar é demais, e eu me mexo no banco. “Então... você vai ficar aí? Ou vamos descobrir essas notas?”

Ele enfia a mão sob a tampa do piano para pegar seu bloco de notas e eu coloco minhas mãos nas teclas mais uma vez. Durante a próxima hora, ele me faz tocar pequenos segmentos da música, enquanto ele furiosamente anota as notas, capturando cada uma delas. Cada vez que toco, as mesmas imagens vêm à mente, tornando quase impossível olhar para ele, com medo de que ele veja o desejo queimando em meus olhos. Quando terminamos, já fiz amor mentalmente com Lucian uma e outra vez.

Ele se senta ao meu lado no banco, um sorriso parcial brincando em seus lábios enquanto ele olha para a última página da música. Para um homem tão sério, tão focado nos negócios e no trabalho, há uma vulnerabilidade nele no orgulho que exala agora. É isso. Seu ponto fraco, onde o aço se curva em torno das notas, e as sombras que sempre parecem segui-lo dançam pelas paredes. Por baixo da pele endurecida e dos ossos endurecidos, é aqui que se esconde a sua felicidade.

Eu finalmente encontrei.

"Obrigado por isso."

Colocando minhas mãos no meu colo, concordo. “É uma peça linda. Teria sido uma pena perdê-la.”

"Teria."

"O que você vai fazer com isso?" Tento não olhar para suas mãos magníficas, os dedos longos e as unhas perfeitamente aparadas, sua pele ligeiramente envelhecida.

"Nada."

"Nada?" Deve ser assim que meu professor do ensino médio se sentiu quando eu disse a ele que não tinha planos de continuar com a música. Não consigo imaginar que Lucian deixaria uma peça tão linda acumular poeira.

“Eu não escrevi para fazer algo com ela. Escrevi para tirar isso da minha cabeça.”

Que lugar maravilhoso deve ser dentro de sua mente. Um lugar escuro e perverso, repleto de coisas bizarras e peculiares, assim como a música.

Seus olhos finalmente caem sobre mim, o brilho âmbar suave de suas íris eclipsado por sombras. "Isso me lembra você."

A secura da minha garganta fica aparente quando tento engolir. "Como assim?"

“O jeito que é assustadora. Delicada. Perigosa, mas de alguma forma atraente.” Precisamente as palavras que usaria para descrever a música. "Irritante pra caralho."

Com uma gargalhada pelo nariz, cubro meu rosto. "Eu incomodo você?"

"Incessantemente."

Minha risada murcha em um suspiro quando seus lábios prendem minha atenção, me embalando com a memória de estar no telhado, deitada embaixo dele. Nas muitas vezes que pensei em

seu beijo desde aquela noite, provei o uísque na minha língua e desejei sentir o friozinho na barriga de novo. O certo e o errado travando uma guerra dentro da minha cabeça. A atração de tudo isso é tão inebriante que nem percebo que estou me apoiando nele até que meus lábios roçam os dele.

O que você está fazendo! O aviso retumba dentro da minha cabeça.

Sua coxa se contrai sob a palma da minha mão, onde involuntariamente coloquei minha mão.

Oh meu Deus.

A mortificação me lava em cores excruciantes de vermelho, enquanto me afasto o suficiente para ver a desaprovação escurecendo seus olhos.

Ele agarra meu pulso de seu colo, me assustando, e eu me pergunto se ele vai me dar um tapa no rosto com minhas próprias mãos. "Você entendeu mal minha intenção."

"Eu sinto muito." Com as bochechas queimando de humilhação, não consigo olhar para ele. "Eu pensei em você .... Quero dizer, nós... Achei que você queria..."

"Você é uma adolescente. Praticamente uma criança. Sou um homem adulto." O escárnio em sua voz é espesso e condescendente.

"Eu não sou uma criança", estalo, a distração de seu insulto queimando meu constrangimento. "Você não teve nenhum problema em me beijar antes, pelo que me lembro."

Olho contraindo, mandíbula mexendo, ele me encara de volta. "Um erro de embriaguez, como eu disse."

Um erro. Eu fui um erro.

Tento não deixar o golpe duro de sua zombaria deslizar sob minha pele, mas não consigo evitar. "Você realmente é uma figura." Eu odeio que minha voz falhe na última palavra, e eu tenho que desviar o olhar momentaneamente quando as bordas ardentes dos meus olhos ameaçam lágrimas. "Você e eu não somos tão diferentes, sabe." Torcendo meu braço ainda preso em seu aperto, eu me solto e puxo a manga da minha camisa para mostrar as cicatrizes em meu braço. “Eu também sei o que é afastar as pessoas.”

Ele não os poupa nem um olhar. “Você acha que suas pequenas cicatrizes imperceptíveis nos tornam semelhantes? Você *não* é *nada* como eu, Isa. Você não tem ideia do que sou ou do que fiz para ganhar minhas cicatrizes.”

“Você não é um monstro. Nem o diabo que todos dizem que você é. Os demônios não ajudam as pessoas.” Sob as sombras frias de seus olhos há uma centelha de calor, tão sutil que quase me pergunto se estou imaginando. “Você é só. Como eu."

Ele bufa uma risada melancólica. “Eu nunca estive sozinho. Esse é o problema de ter dinheiro. Sempre há alguém que quer.”

“O dinheiro é sempre sua desculpa? Porque a minha sempre foi que eles não eram inteligentes o suficiente. Maduros o suficiente."

Um músculo em sua mandíbula mexe, enquanto o imagino rangendo minhas palavras em seus dentes.

"O que você quer, Isa?" Ele levanta meu pulso até o rosto, segurando-o lá enquanto beija as linhas finas e brancas em minha pele. “Você quer que eu te foda? Então você pode adicionar mais à sua coleção?”

"Foda- *se.*" Eu puxo meu braço para trás, mas ele aumenta seu aperto. "Você não precisa ser cruel."

"Eu preciso. É a natureza do meu ser. Você está certa, no entanto. Eu fiz uma série de coisas sádicas para mim mesmo ao longo dos anos." Ele passa o polegar pelas minhas cicatrizes, como se as estivesse lendo, e aquele calor bruxuleante volta novamente. "Mas me privar sempre foi a pior."

A tristeza, a solidão em sua voz puxa meu coração, e por um breve momento, eu me pergunto se esta é a sua honestidade sangrando através do aço. Com o braço ainda apoiado no ar, eu levanto meu punho para tocar seu rosto.

Ele recua, jogando minha mão para longe dele, sua expressão cautelosa e dura novamente.

A humilhação ganha vida pela segunda vez, e eu pulo do banco do piano. "Esquece. Estou apenas …. Foi estúpido."

Um puxão forte do meu braço me empurra para ele até que minha bunda bate de volta contra o banco. Com a palma da mão no meu queixo, ele segura meu rosto e devora meu hálito em um beijo quente.

Borboletas explodem em meu estômago, meu coração bate forte, fora de controle, um zoológico de asas e vitória presos dentro de mim. Minha cabeça está tonta e meus músculos estão fracos, e é uma coisa muito boa eu estar sentada, ou provavelmente teria desmaiado. Estendo a mão para segurar algo, e as pontas dos meus dedos são saudadas pelos músculos rígidos de seus bíceps.

Um rosnado feroz choca em seu peito, e seus dedos se fecham com mais força, sua língua passando pelos meus dentes. Com fervor intensificado, ele me beija com mais força, sua mão desliza para minha nuca, o aperto ali impedindo qualquer chance de roubar o fôlego. "Estou cansado dessa merda de jogos com você", diz ele entre os dentes.

Uma palma quente sobe minha coxa, e quando ele alcança além da bainha da minha saia, eu suspiro em sua boca.

Seu toque desaparece e ele interrompe o beijo, deixando um vazio frio e amargo entre nós. A língua varrendo seus lábios, ele me encara de volta, com respirações rápidas e narinas dilatadas.

O olhar fascinado em seu rosto me lembra de um animal que acabou de sentir o gosto de sangue e não decidiu se vai poupar ou acabar com o resto.

Com o olhar fixo no dele, acompanho sua mão pela minha coxa e por baixo da minha saia, minhas próprias mãos tremendo de medo e excitação. "Está tudo bem", sussurro.

Sua respiração se acelera e o âmbar de seus olhos é engolido pela escuridão de suas pupilas dilatadas. Na primeira passada de seus dedos sobre o algodão úmido da minha calcinha, vejo sua expressão se transformar em um sorriso conhecedor. Eu respiro fundo e fecho os olhos, concentrando-me nas cócegas na barreira da minha pele abaixo.

Já estive com garotos, fui tocada por garotos, mas nunca um homem tão proibido e fora dos limites como Lucian Blackthorne. O animal exótico preso em uma gaiola. É como cair em um tanque, sem saber se o tubarão em volta vai me devorar.

O hálito quente atinge meu pescoço, assim como em meus sonhos, enquanto ele passa o dedo na reentrância que fez, a fenda da sensibilidade. Uma rajada de ar instável escapa dos meus lábios entreabertos.

Eu coloco a palma da mão no banco, me contorcendo contra seus dedos intrusivos, e abro meus joelhos para permitir o acesso a ele. “Oh, sim”, eu respiro, chupo meu lábio inferior entre os dentes, até que o sabor de cobre enruga minha língua.

“Você é minha maldição. Ficar longe de você é como tentar prender a respiração quando a maré está subindo.” Suas palavras dançam em volta da minha cabeça, o timbre profundo de sua voz excitando meus sentidos. "Eu quero me afogar em você."

Eu inclino minha cabeça para trás, e o arranhão áspero de seus pelos faciais contra minha garganta adiciona uma deliciosa cócega, enquanto ele empurra minha calcinha de lado, mais áspera do que o esperado, para a pele nua por baixo.

Ele não se atrapalha em seus movimentos, como garotos da minha idade. Cada toque é deliberado e repleto de garantia de que estarei uma bagunça quente e molhada depois.

"Eu odeio que poderia te foder por horas e nunca me cansar disso." Ele beija ao longo da borda do meu queixo e, por instinto, me viro para encará-lo. Língua dançando em meus lábios, ele lambe o sangue que tirei, antes de selar minha boca em um beijo possessivo. Suas pontas dos dedos juntam os fluidos pegajosos que ele desenvolveu entre minhas coxas, e ele espalha sobre meu clitóris inchado, esfregando suavemente minha protuberância sensível como um pequeno animal de estimação que ele está tentando acordar. “Tudo sobre você me irrita”, ele aperta contra minha boca, a tensão irradiando quente e perigosa, enquanto seus dedos trabalham em mim sob minha saia.

Solto um gemido e levanto meus quadris do banco em direção a seus golpes implacáveis. Minha barriga se enrola, músculos tensos e minha camisa de repente fica muito apertada, o tecido áspero fazendo cócegas em meus mamilos através do sutiã rendado. Liberando meu pescoço, ele parece notar os picos duros e passa a ponta do polegar sobre os botões sensíveis.

Um gemido torturado escapa da minha boca, meu corpo todo rígido, como se fios passassem por baixo da minha pele.

“A maneira como seu corpo responde ao meu toque. Como as cordas de um piano quando o martelo o atinge. Cada nota de uma música que escrevo. Uma música que você vive me implorando para tocar.”

Há uma escuridão hipnótica em seus olhos, maliciosa e desejosa, e me pergunto se é assim que se sente antes de o diabo

reivindicar uma alma. Eu ofego com seus movimentos, seus dedos cavando mais fundo, circulando contra minha fenda encharcada, criando acordes musicais que escapam dos meus lábios. Ele nem mesmo me penetrou. "Eu sonho com você às vezes." A textura irregular da minha voz reflete minha compostura se dissolvendo lentamente.

"O que você sonha, Isa?"

"Com isso. Com... com suas mãos em mim."

“Até onde levamos isso em seus sonhos? Eu te fodi?"

O simples pensamento disso envia arrepios de excitação em meu interior, e não posso responder a ele, com medo de soar como uma pervertida que tem fantasias sobre ele. A dor entre minhas coxas aumenta, como se estivesse presa por algum fio invisível que ele puxa para se divertir, eu grito em vez disso.

“Claro que eu te fodi. Como foi me sentir dentro de você?”

O calor de sua respiração na minha pele, o toque de seus dedos, o som de sua voz. É tudo demais. *Demais.* Meus sentidos estão sobrecarregados agora, me deixando fora de controle.

"Tão bom. Eu não quero que isso pare.”

“Você quer meu dedo dentro de você, Isa? Para preencher este pequeno buraco tenro com algo grosso e quente.” A ponta de sua pequena arma implacável circunda minha entrada para dar ênfase, mexendo a umidade pegajosa sobre minha pele, e eu enrolo minha mão ao redor do banco, desesperada para apertar algo.

Eu concordo sem pensar, meu corpo perdido com as sensações que ele alimentou. A luxúria queima através de mim, um inferno de necessidade crescendo em meu núcleo. Não consigo ficar parada. Não consigo me mover. Meu corpo está um caos,

esperando o momento em que ele o livrará de sua miséria e vai me penetrar.

Sua risada sombria toma conta de mim. “Que pena”, diz ele, e no momento em que retira os dedos, o calor dentro de mim se transforma em um desejo frio e amargo.

"O que?"

Ele pega meu queixo com a mão, a mesma mão que acariciou meu clitóris excessivamente sensível momentos antes, posso sentir o cheiro de excitação em seus dedos. Ele pressiona seus lábios nos meus, pegando outro pedaço de mim. “Eu gozo com a dor. E não há nada mais requintado do que a dor de negar a mim mesmo.” Empurrando os dedos na boca, ele fecha os olhos, como se saboreando o meu gosto em sua língua. "Você é muito jovem para mim."

Muito jovem. Muito pobre. Muito impopular. Ouvi essas coisas minha vida inteira. Razões para rejeição. Ainda assim, dele, de alguma forma morde mais forte. A natureza mercurial do homem, tão quente e frio, é o suficiente para me fazer gritar com toda a tensão que me queima como uma febre.

Amargura explode dentro de mim. "Por que você me tocou, afinal, se não tinha nenhuma intenção de seguir em frente?"

Um sorriso toma conta de seus lábios, um que eu quero tirar de seu rosto. “Por que nos incomodamos em respirar, quando sabemos que vamos morrer?” Levantando-se do banco, ele se vira para olhar para mim. “Eu foderia com você de maneiras que nunca foi fodida antes, Isa. Considere isso uma gentileza.”

A sensação vibrando em minhas entranhas é uma que estou intimamente familiarizada quando se trata deste homem. Humilhada. Molhada e desgrenhada, tenho certeza de que é exatamente por isso que ele se deu ao trabalho de me tocar, para me mostrar que não tem que acabar comigo para me deixar

com calor e ofegando por ele como uma colegial estúpida que gosta do professor.

“Haverá um baile de máscaras neste fim de semana. Eu gostaria que você tocasse para mim.”

Minha mente anseia por se agarrar à conversa sobre o que aconteceu entre nós, mas a curiosidade do seu pedido me tira desses pensamentos. "Piano?"

"Sim. Você pode fazer isso? Para mim?"

Eu quero negar a ele, assim como ele me fez, mas não posso. Tenho vergonha de admitir que gosto desse lado dele. Este jogo provocador de gato e rato entre nós. Não sei por quê. Talvez eu esteja doente, mas há algo emocionante em insultar o diabo. "Claro. O que você quiser.”

Ele desliza as mãos nos bolsos da calça, se afastando ainda mais do assunto sobre nós. “Vai precisar de algo para vestir. Vou providenciar para que você consiga o que deseja. Há uma boutique na cidade. Eles têm meu cartão de crédito em arquivo.”

Um vestido. Outro maldito vestido. Mesmo que o cara esteja pagando por isso, como algo saído de *Uma Linda Mulher,* ainda tenho medo de ter que usar algo chique. E, sem dúvida, qualquer *boutique* que tenha seu cartão de crédito em arquivo vai ser chique. "OK."

“Algo elegante. Haverá várias pessoas muito poderosas e importantes neste baile. Vista-se adequadamente.” Ele sai da sala.

CAPÍTULO 35

LUCIAN

Com o caderno ainda enfiado embaixo do braço, desço a escada de pedra até o veículo que me aguarda, onde Makaio abre a porta do passageiro para mim.

Rand já está lá dentro, dedos entrelaçados com impaciência reveladora, enquanto caio no assento ao lado dele. Pela oportunidade de colocar meus dedos na calcinha de Isa, não corro para ninguém. Nem mesmo os homens do Scarpinato, que vão ficar ansiosos para saber para onde o Franco foi, aposto. Eles solicitaram um encontro comigo há alguns dias, um encontro que eu relutei em concordar no início, até que uma ideia maluca surgiu na minha cabeça.

"Não sei como você age com tanta calma, enfrentando esses homens." Rand mantém sua atenção voltada para a janela do passageiro, enquanto o carro sai devagar na longa entrada.

“Eu não os vejo como algo mais do que carne e osso.”

“Um exército de carne e osso, com o tipo de armamento que deixaria os militares com inveja.”

“Palavras são as armas mais poderosas do mundo. Ao lado do dinheiro. E se você combinar os dois, é praticamente um Deus.”

Suspirando, ele balança a cabeça. "Bem, devo admitir, estou morrendo de vontade de saber quais palavras você planeja trocar durante esta reunião."

"Eu tenho certeza que você está. E posso lhe assegurar, não tem nada com que se preocupar com esta reunião."

"Quanto mais você fala sobre isso, mais eu me preocupo."

"Então, não vamos falar sobre isso." Eu aliso minha mão sobre o caderno. Se eu pudesse ter capturado as notas de seus gemidos, reivindicaria a música como minha e de mais ninguém. O som foi tudo que eu sonhei que seria, junto com aquele olhar suplicante em seus olhos, é o suficiente para fazer um homem perder o controle.

Como se eu precisasse de outro motivo para estar terrivelmente intrigado por essa garota. Ela é com uma forte ressaca depois de uma longa noite de bebedeira, mas diabos se isso vai me impedir de pegar a garrafa de novo. Um gole é o suficiente por enquanto, enquanto minha consciência esmurra minha cabeça por tentar corromper uma adolescente inocente.

Demora mais de duas horas para dirigir e chegar ao restaurante em Boston, onde os Scarpinatos pediram para se encontrar. Não tenho dúvidas de que estará repleto de seus homens, esperando o momento em que possam abrir fogo contra mim. Mas toda aquela besteira sobre a família ser a coisa mais importante na máfia é apenas isso: besteira. A verdade é que eles não são relevantes há vários anos e seu número está diminuindo. Eles teriam que foder suas próprias irmãs para manter uma linha de sangue pura hoje em dia. Se não fosse eu, algum outro idiota teria aparecido e silenciado Franco, porque você não anda por aí com uma boca tão grande sem que alguém queira enfiar o cano de uma arma nela.

Endireitando minha jaqueta, entro no restaurante mal iluminado que parece uma tentativa bidimensional da Toscana, com portas em arco pintadas e toldos nas paredes de tijolo. Além da porta dos fundos do terraço, encontro Vincent e Stefano, tio e primo de Franco, sentados a uma mesa nos fundos. Stefano, o

mais jovem, me lembra um Ray Liotta de olhos escuros, cabelo preto e covinhas, que acena para mim.

“Lá vamos nós”, Rand diz ao meu lado, a oscilação nervosa em sua voz trazendo um sorriso ao meu rosto.

Parados ao lado, atrás dos Scarpinatos, estão dois homens atarracados, guarda-costas a julgar por sua postura rígida e cautelosa, que fodem Makaio com os olhos quando nos aproximamos.

“Senhores”, digo, sentando-me em frente a eles, ao lado de Rand, enquanto Makaio fica ao lado atrás de mim, fodendo com os olhos os homens de volta.

Normalmente, eles ofereceriam um abraço e um aperto de mão, mas eu não dou a eles a oportunidade, é por isso que estou supondo que Vincent está olhando para mim como se eu tentasse esconder uma arma debaixo da mesa, ou algo assim.

“Faz muito tempo, Lucian. Como você está?" Stefano pergunta, nem de longe preocupado com a etiqueta. Esse é o problema com a nova geração — eles simplesmente não se importam mais.

"Excelente."

“Lamento saber do seu pai. Ele era um cara legal."

"Sim, bem, quando o grande homem diz que é hora..."

Eu vejo os dois fazerem o sinal-da-cruz, antes de beijar os crucifixos pendurados nas correntes em seu pescoço. É incrível. As obrigações da religião que os forçam a mostrar respeito a um homem que planejaram matar pelo menos uma vez. Por mais que meu pai tenha tentado manter a paz com eles ao longo da vida, ninguém é perfeito. Quase tenho vontade de repetir, para ver se repetem o ritual.

Stefano se inclina e apoia os cotovelos na mesa. “Nós o chamamos para esta reunião para discutir o status do nosso acordo.”

“De qual estamos falando? A remessa que retive? Ou as futuras remessas que me recuso a entregar?”

Rand limpa a garganta ao meu lado, provavelmente segurando uma torrente de mijo agora.

Um sorriso falso estica os lábios de Stefano e ele se recosta na cadeira, apoiando o cotovelo no assento. “Veja, isso não vai funcionar. Temos uma longa história com sua empresa. Um contrato."

“Se você gentilmente apresentar o contrato, fico feliz em discutir seus termos.”

“É um contrato verbal, idiota. Entre nossos avôs.”

"Ambos estão agora se deteriorando no chão, *idiota.*" Esta reunião começou muito bem. Eu posso praticamente ouvir os fios frágeis da paciência de Stefano estalando dentro de sua cabeça.

Com as narinas dilatadas, ele mexe sua mandíbula em aborrecimento. “Temos fornecedores que procuram movimentar uma tonelada de produtos.”

"Fantástico. Acredito que você não terá dificuldade em encontrar um substituto para enviá-lo para você.”

Empurrando para frente, ele bate com o punho contra a mesa, como uma criança zangada e com a guinada de Makaio ao meu lado, os dois guarda-costas atrás de Stefano alcançam atrás de suas costas o que eu presumo que sejam armas.

"Eu deveria tirar esse sorriso presunçoso do seu rosto!"

Ainda com aquele sorriso presunçoso de merda, eu levanto uma sobrancelha. “Cuidado agora. Eu não gostaria que um

produto no valor de um milhão de dólares acabasse como comida para peixes."

Girando os ombros para trás, ele exala um longo suspiro e levanta a mão, sinalizando para seus homens pararem. "Você vem fazendo isso há muito tempo. Por que a repentina mudança de atitude?"

Quando tiro minha cigarreira de dentro do bolso do casaco, seus homens cambaleiam de novo, mas seguro a caixa para que eles vejam e a abro, deslizando um dos meus cigarros para fora. Makaio já está com o Zippo aceso ao meu lado e me inclino para acender a ponta dele.

"Eu odeio meu trabalho pra caralho. Odeio. Meu trabalho. Se eu não tivesse que lidar com todas as pontas soltas de merda do meu pai, compraria um barco e navegaria ao redor do mundo, fodendo todas as mulheres em cada porto, até morrer de alguma DST. Você é o primeiro de muitas pontas soltas."

"O que você está dizendo? Você vai... vender a porra da empresa?"

"Isso é exatamente o que estou dizendo. Eu pareço estar aqui tentando produzir um herdeiro?" Com um encolher de ombros, dou outra tragada no meu cigarro. "Isso vai acontecer eventualmente, a menos que a chave para a vida eterna de repente venha na forma de supositórios diários e cola para próteses dentárias."

"Você não pode fazer isso. Somos parceiros há muito tempo. Você não simplesmente abandona uma parceria de negócios."

"Eu acredito que as probabilidades de um homem eventualmente o alcançam, Stefano. Já fazemos isso há muito tempo. E, em algum momento, alguém vai ficar sabendo que estou transportando grandes remessas para a máfia. Vai ser muito

ruim. E meus sonhos de navegar e foder? Vão embora como uma prostituta quando a metanfetamina acabou.”

Ao lado de Stefano, Vincent está esfregando os dedos, a respiração áspera saindo de seu nariz me lembrando de um touro vendo vermelho. "O que você propõe?"

"Estou feliz que você perguntou." Eu me inclino para jogar a cinza do meu cigarro na bebida de Stefano. “Vou entregar sua remessa e, como cortesia, dispensar o pagamento de costume. Para honrar o contrato *verbal* do meu avô com o seu avô, que, vamos encarar os fatos, com o aumento da inflação, provavelmente não valeu muito naquela época, vou comprar o seu acordo por três milhões adiantados e mais três milhões quando o negócio vender.” Eu pego a rápida troca de olhares entre Stefano e Vincent, enquanto relaxo em meu assento.

"Quando?" Vincent também pega um maço de cigarros na mesa à sua frente e acende um.

"Vou pedir a Rand que redija a papelada imediatamente." Eu me inclino para frente para jogar o resto do meu cigarro na bebida de Stefano, pegando o brilho que ele atira de volta. “Forneça um número de conta para a qual transferir fundos. Sua remessa estará no porto amanhã de manhã.”

“E quanto aos nossos fornecedores?”

Esfregando a mão na minha mandíbula, respiro o cheiro inebriante de Isa ainda agarrado aos meus dedos. “Vou fornecer o nome de uma operação menor. Receio que seja o melhor que posso fazer.”

"Você honra isso... e estaremos mais uma vez em boa posição." Os olhos de Vincent se estreitam enquanto ele dá outra tragada no cigarro e aponta o dedo para mim. “A palavra de um homem vale ouro.”

“E eu sou um homem de palavra. Agora, se vocês me dão licença, senhores, tenho barcos para comprar." Eu me levanto da cadeira e Stefano se inclina para frente.

"Mais uma coisa. Não temos notícias de Franco há algumas semanas. Pelo que entendi, ele entrou em contato com você um pouco antes de desaparecer. Você não saberia nada sobre isso, não é?"

Com os lábios apertados, eu me abaixo em minha cadeira e coloco as mãos sobre a mesa. “Para falar a verdade, eu saberia. Acontece que eu o matei.”

A lenta descida das sobrancelhas de Stefano deve refletir a lenta compreensão de que minha reputação é tudo o que eles dizem com uma porção extra de merda de morcego.

“Que porra? Você está maluco? Diga-me que você está brincando agora, porque de jeito nenhum um homem entra no território de outro homem, senta-se à mesa e confessa ter matado sua família. Você perdeu a cabeça."

“Eu provavelmente estou um pouco instável. Mas essa não é realmente minha desculpa. A verdade é que isso aconteceria eventualmente. E devo acrescentar que Franco me ameaçou em seu nome. Tenho certeza de que não sou o primeiro.”

Enquanto Stefano se inclina para frente, Vincent põe a mão no braço do filho para acalmá-lo. "O que você fez?"

"Cortei a língua dele primeiro."

"Eu deveria mandar meus homens atirarem em você onde está sentado, seu pedaço de merda louco."

Não me surpreenderia se Stefano abrisse a boca para expelir uma nuvem de poeira, por mais que esteja rangendo os dentes.

"Suponho que você terá que se perguntar: Franco valia quase sete milhões de dólares vivo?"

Stefano fecha a boca, rolando a cabeça contra os ombros em uma tentativa pobre de acalmar sua raiva.

"Você tem razão. Ele estava fadado a se meter em problemas. Se não você, então outra pessoa." Vincent dá outra tragada no cigarro e o apaga para o lado. "O idiota tinha uma boca do tamanho de Massachusetts."

Stefano lança seu olhar em direção a Vincent. "Pai. Ele era família."

Vincent acena com a mão em despedida. "O filho do meu irmão. Meio irlandês."

Como eu disse, tanto pela família. Eu provavelmente poderia ter oferecido metade do valor, e eles teriam vindo com um motivo pelo qual Franco não valia a retaliação.

"Tudo o que tenho a dizer é que se esse carregamento não estiver no porto amanhã de manhã, o inferno vai começar." Stefano tem um jeito engraçado de fazer negociações, me lembra um pitbull com dentadura postiça. Se não fosse pela coleira de seu pai, ele já teria sido colocado no chão.

O inferno não vai se soltar. Não quando já estou comandando o navio e a tripulação.

Eu me afasto da mesa novamente e me afasto para deixar Rand sair. Tenho certeza de que o cara está a cerca de um fôlego de um derrame depois dessa reunião. "Eu disse que era louco. Não disse que era estúpido. Temos um acordo, senhores?" Estendo minha mão em direção a ele, espero Stefano apertar. É Vincent quem aperta minha mão primeiro, Stefano segue o mesmo com relutância.

"A honestidade é uma qualidade rara, senão tola, em um homem, Lucian", diz Vincent.

"Não é essa a merda da verdade?"

“Mestre Blackthorne, não sei se você é um gênio ou se perdeu totalmente a cabeça.” Rand se senta ao meu lado, esfregando a testa. “Nunca senti vontade de vomitar em uma reunião em toda a minha vida, até hoje.”

Eu bufo uma risada, mas enquanto olho para fora da janela, meus pensamentos não estão concentrados nos Scarpinatos. Estão enrolados em torno de uma jovem de dezenove anos, cujas coxas tonificadas de alguma forma espremeram todos os outros pensamentos da minha mente.

“Eu nem mesmo acho que seu pai, por mais ousado que pudesse ser, teria coragem de confessar que matou um Scarpinato. Ele nem pensaria nisso.”

Meu pai se permitiu acumular o que chamo de dívida do inimigo. Muitos favores que equivalem a muitos inimigos em potencial. “Ele nunca se arriscou muito.”

“Você certamente tem uma abordagem mais imprudente nas negociações, mas admiro sua audácia.”

“Se eu não tivesse confessado que matei Franco, eles teriam vindo farejando eventualmente. Você viu a acusação escrita em seus rostos, quando nos sentamos pela primeira vez. Eu praticamente podia sentir o cheiro em Stefano.”

"Tenho certeza de que era molho de espaguete, chefe." Makaio ri do banco da frente, não posso deixar de compartilhar sua diversão. Afinal, não é todo dia que um homem pressiona os botões da máfia.

"De qualquer forma, eles agora sabem que sou um homem que não tem nada a esconder."

"Bem, com certeza é bom saber que não terei que dormir com uma arma debaixo do meu travesseiro."

"Espera. Você geralmente não dorme com uma arma debaixo do travesseiro?" Makaio franze a testa para nós pelo espelho retrovisor. “Quem não dorme com uma arma debaixo do travesseiro? Eu durmo. Você, chefe?"

"Sempre."

Rand zomba e volta seu olhar para a janela do passageiro. "Bem, eu duvido que qualquer um de vocês durma usando uma roupa íntima para incontinência, então é isso."

CAPÍTULO 36

LUCIAN

Oito anos atrás …

EU bebo toda a taça de champanhe e sinalizo ao garçom pedindo outra, enquanto meu amigo Sebastian faz o possível para reunir um discurso de padrinho de merda. A única vez que ele conheceu a noiva foi na minha festa de formatura, quando ela o esnobou, então tenho que dar a ele algum crédito por não fazê-la parecer uma vadia total.

“E eu desejo a vocês uma vida longa e feliz juntos. Saúde."

Com seu brinde oficial, termino meu quarto copo. Nesse ritmo, estarei muito destruído para a primeira dança. Talvez outra pessoa ocupe meu lugar por isso.

Avisto meu pai parado com o prefeito Boyd, os dois rindo. Faz sentido por que Boyd ficaria encantado, se casando com poder e riqueza, mas ainda não descobri bem a recompensa para meu pai, além de amarrar-me com uma vida domesticada. Talvez essa seja a única recompensa, mas conheço meu pai há tempo suficiente para reconhecer que ele não faz nada que não seja inteiramente para seu próprio ganho.

“Está lindo, não é?” Amelia se senta ao meu lado, não tendo falado muito durante a maior parte da noite, além dos votos modelados que nós dois memorizamos esta manhã. "Sua mãe fez um trabalho tão bom planejando *tudo*."

Há uma pitada de animosidade em seu tom, embora sutil, já que ela é astuta o suficiente para disfarçar seu desprezo sob camadas de etiqueta polida.

“Tenho certeza de que ela pagou alguém para cuidar dos detalhes.” É um pedaço de seu orgulho, mas estou bêbado demais para me importar.

"Você já pensou na lua de mel?" Ela bebe um copo d'água, e acho que todos neste show de cães e pôneis sabem que ela está grávida por causa disso.

“Qual é o ponto? Você já está carregando meu filho, não é?"

O estremecimento de seus olhos revela a indiferença que ela está lutando para manter no lugar como uma máscara pequena demais para seu rosto. “Eu entendo que essa coisa toda não é o que qualquer um de nós teria escolhido. Mas o mínimo que você pode fazer é fingir que está aproveitando a noite.”

Eu levanto mais uma taça de champanhe. "Estou trabalhando nisso."

Conforme a noite avança, tropeço no meu caminho através da primeira dança e do corte desleixado do bolo, indo embora antes que ela tenha a oportunidade de quebrar o bolo de vinte mil dólares que minha mãe pediu na minha cara. Quando acaba, sinto como se tivesse sido amarrado por minhas cuecas a maior parte da noite, minha bunda pendurada.

Com a música explodindo no átrio, cambaleio meu caminho para o corredor, meu cérebro nadando em pelo menos três garrafas de champanhe.

"Lucian." O som da voz de Amelia é porcelana fina raspando no vidro moído.

Eu quero arrancar isso da minha cabeça.

"Lucian, espere."

Com os pés instáveis, eu paro no meio do corredor, enquanto ela corre para me alcançar. É só porque ela é a noiva grávida da noite que dou tempo a ela.

"Eu vou te ajudar a ir para a nossa cama."

“*Nossa* cama? Não. Não há *nossa* cama. Você dorme na *sua* cama. Eu durmo na *minha* cama.”

Lágrimas brotam de seus olhos enquanto ela se afasta de mim. “Foi uma surpresa para mim também. Eu não fiz isso para prender você."

“Então como, porra, meu pai sabia sobre isso antes de mim? Huh? Como diabos seu pai soube antes de mim?"

“Foi errado eu não te contar imediatamente. Eu deveria ter dito. Sinto muito."

“Você sente muito? A única coisa que lamento é enfiar meu pau em você." É então que percebo que a música foi cortada e me viro para ver uma multidão de convidados do lado de fora do átrio.

A potente névoa de álcool abafa a chama de irritação queimando dentro de mim.

Amelia começa a chorar e sai correndo pelo corredor.

E mais uma vez, estou aqui parecendo o vilão.

CAPÍTULO 37

ISADORA

Dias de hoje …

EU olho no espelho, enquanto Giulia prende o último cacho no lugar com um grampo adornado com cristais. Meu cabelo cai em cachos longos e preguiçosos sobre meus ombros, brilhando com quaisquer produtos que ela usou para fazê-lo brilhar. Já que nunca me preocupei com o baile de formatura, ou qualquer um dos bailes na escola, eu realmente nunca tive a oportunidade de me vestir desse jeito, exceto pelos poucos casamentos para os quais tia Midge me arrastou, mas ela costumava fazer meu cabelo, tudo que posso dizer sobre seus esforços é que *ela tentava.*

O vestido não é aquele que eu mesma teria escolhido. Longo, preto e vampiresco, ele se agarra às minhas curvas e se espalha até meus joelhos. A fenda obscena na lateral parece quase atrevida demais, mas a mulher da boutique insistiu que eu era o epítome da graça e elegância, apesar de minhas trepidações. Rendas e joias compõem o corpete que valoriza meus seios, enquanto as mangas compridas cobrem minhas cicatrizes. A máscara veneziana preta, com strass Swarovski pontua o que sempre me disseram que são olhos de gato, batom vermelho preenche meus lábios volumosos demais.

“Meu Deus, Isa. Você parece uma deusa maléfica. " A expressão solene no rosto de Giulia desmente o espanto em suas palavras. Eu acreditaria no ciúme, por não ter sido convidada para o baile de máscaras, mas ela não teria se dado tanto trabalho

me arrumando, se fosse o caso. E não foi isso que descobri sobre sua personalidade até agora.

"Está tudo bem?"

No reflexo do espelho, ela franze a testa, antes do seu olhar se desviar, fazendo-me virar.

"Giulia?"

“Você precisa ter cuidado com os homens esta noite. Eles não são o que parecem.” Antes que eu possa perguntar mais, ela atravessa o quarto e agarra os sapatos que foram fornecidos para mim e quando ela retorna, se abaixa no chão aos meus pés. "Não sei por que ele pediria a você para fazer isso."

"O que há sobre eles que te preocupa?"

Levantando a bainha do meu vestido, ela desliza o salto agulha preto no meu pé, que se ajusta confortavelmente, seguido pelo outro, em seguida, se levanta novamente. “Estes não são apenas convidados aleatórios que ele convidou. São muito poderosos.”

Lembro-me do comentário de Lucian um tempo atrás, sobre os homens serem importantes. Imagino que muitos *homens importantes* entrem e saiam deste lugar, então o que os torna tão excepcionalmente enervantes para ela?

“Vou me comportar da melhor maneira.” Sorrindo, dou um passo em direção ao banheiro para limpar um pouco desse batom desagradável, mas sinto um aperto forte em meu braço.

“Não é assim, Isa. Esses homens são... perigosos.” Um lampejo de remorso dança em seu rosto, é então que percebo que ela está tentando não divulgar muito.

"Como eles são perigosos?"

“Não posso dizer muito. Eu não vou, então não pergunte. Mas fique ao lado de Lucian. E se um desses homens tentar fazer uma proposta a você, diga a ele que sua dívida é com Lucian.”

"O que?"

"Confie em mim." Seus dedos apertam meu braço, enfatizando a urgência em seus olhos.

"Esse é o *grupo secreto* que você me contou há um tempo atrás?"

"Sim. E sem mais perguntas.”

"Apenas mais uma. Por favor. Por que você passou por tantos problemas, fazendo-me ficar assim, se devo evitar chamar a atenção para mim?”

“Porque Lucian exigiu que te ajudasse a parecer elegante esta noite. Mas temo que nem ele poderia prever que você ficaria assim.”

"Assim como?"

“Comida para os tubarões.”

~

Tenho que me lembrar de não torcer meu vestido, enquanto fico do lado de fora da porta do átrio, as palmas das mãos suando e tremendo, enquanto o clamor de vozes do outro lado me diz que a casa está cheia.

Um casal caminha em minha direção, de braços dados, usando máscaras e um traje de noite que imagino custar tanto quanto este vestido que a mulher da butique insistiu que eu

cobrasse no cartão de crédito de Lucian. O olhar do homem através dos buracos em sua máscara permanece por muito tempo depois deles passarem, me forçando a me virar quando me lembro do aviso de Giulia.

Maldito vestido. A *consultora,* como ela se autodenominava, não aceitou não como resposta, quando eu insisti em algo menos chamativo e... sexy. Tenho certeza de que era o mais caro da loja, como Lucian aparentemente disse a ela, antes de eu chegar, para não poupar despesas. Até Makaio se mexeu desconfortavelmente, quando saí do camarim vestindo a coisa.

"Respire, Isa." *Eles são apenas pessoas.* Seres humanos que se sentaram em banheiros hoje durante o dia parecendo tão indignos quanto todos os outros. Era um ditado que tia Midge costumava ter sobre os turistas arrogantes que ela encontrava no The Shoal na ocasião: *Eles cagam em banheiros como o resto de nós.* Grosseiro, mas sempre coloca as coisas em perspectiva para mim. Tia Midge era boa nisso, nunca deixando que os outros a fizessem se sentir inferior.

"Isa? É você?" Ao som da voz de Rand, eu olho para cima para vê-lo se aproximando em um smoking preto, vejo seus olhos se arregalando através da máscara. "Oh meu Deus. Você está... deslumbrante. Por que você está parada aqui? Mestre Blackthorne pediu que você tocasse piano esta noite, não foi?"

"Ele pediu. Estou apenas... tentando acalmar meus nervos."

"Bem, vamos, então. Tenho certeza que ele está muito ansioso em saber se você não desistiu de sua promessa." Ele inclina o braço na minha direção e balança a cabeça. "Vamos?"

"Claro." Ligando meu braço ao dele, respiro longamente e fico na entrada do átrio atrás do casal que passou por mim momentos atrás.

A respiração fica presa na garganta enquanto aprecio a beleza da sala dentro. As luzes foram diminuídas o suficiente para que as centenas de velas acesas dessem ao lugar um leve tremeluzir e brilho. As lanternas de vários tamanhos no alto são estrelas cadentes contra o céu noturno, o brilho das luzes serpenteando pelas vinhas só contribui para o ambiente. Das vigas de aço curvas acima, o que parecem gaiolas de pássaros pairam sobre a multidão abaixo, embora seja difícil distinguir o que há dentro delas. Ao redor da sala estão mais algumas gaiolas em pedestais e, embora eu possa detectar algo se movendo dentro, não consigo identificar o que é.

Uma pequena fila se forma onde Makaio passa um detector de metais sobre cada convidado, antes de verificar o que deve ser um convite e permitir que eles passem.

O homem à nossa frente estica o pescoço, olhando para mim, pego o canto de seus lábios se erguendo com um sorriso — a visão me faz virar as costas para evitar o contato visual. Felizmente, as máscaras fazem um bom trabalho em esconder a identidade de todos. Se não fosse por sua voz, eu nunca teria reconhecido Rand no corredor.

Não demora muito para chegarmos a Makaio, que nos acena para dentro.

“Mestre Blackthorne gostaria que você começasse a tocar em cerca de vinte minutos, mais ou menos. É quando a orquestra tem um intervalo.” Assim que Rand diz isso, eu noto a música sob o barulho de risadas e conversas. Um palco foi montado no fundo da sala, onde uma pequena orquestra se senta e, ao lado dela, o piano que tocarei.

"Entendi." A paisagem continua a atrair meu olhar, atraindo meus olhos para o teto que eu posso ver, agora que estou dentro da sala, foi feito para parecer o brilho de uma chama acima. Ainda assim, não consigo distinguir o que há nas gaiolas, mas o

espetáculo disso me cativa tanto que não percebo que Rand não está mais ao meu lado.

Curiosa, atravesso a sala, ignorando os olhares indesejados daqueles por quem passo, tanto homens quanto mulheres, enquanto me encaminho para uma das belas gaiolas douradas. É só quando estou bem perto que posso finalmente distinguir as criaturas escuras esvoaçando lá dentro. Mariposas grandes, pelo que parece, e em suas costas há uma marca estranha que se assemelha a uma caveira.

"*Acherontia atropos.*"

O som profundo e rico em meu ouvido envia uma vibração pelo meu peito, espelhando o das asas das mariposas contra a gaiola. Meu sangue chia e o ar parece ficar mais rarefeito. Eu me viro para encontrar uma figura alta e bonita contornando a gaiola do outro lado.

Usando uma semi-máscara e um casaco de brocado preto perfeitamente cortado sobre um colete cinza e uma camisa branca por baixo, Lucian parece bonito e diabolicamente perverso, como algo saído de um romance gótico. “É o nome de Archeron, o rio de dor e tristeza, e atropos, o mais velho de três destinos que cortam o fio da vida. Mais comumente conhecido como o falcão da cabeça da morte”, ele continua e minhas bochechas ficam vermelhas ao vê-lo. A máscara cobre completamente a metade marcada de seu rosto, deixando apenas o lado muito bonito dele exposto. “Antigamente, as pessoas acreditavam que eram um mau presságio.” Ele corre os dedos ao longo do lado de fora da gaiola. “Duas mariposas foram descobertas no quarto do Mad King George III durante um surto de psicose. Dizem que os sons incessantes de guinchos que elas faziam atormentavam sua mente enfraquecida."

"E você as mantém em belas gaiolas como animais de estimação."

“Eu aprecio as coisas que os outros tendem a temer e rejeitar como más.”

Dando um passo para o lado, ele levanta uma das velas de um conjunto em uma mesa próxima e a segura contra a gaiola. As mariposas se agitam e sobem pelos eixos da gaiola em direção à luz bruxuleante.

"Fascinante, não é?" ele pergunta, mantendo a vela longe o suficiente para não prejudicar os insetos dentro dela. “A maneira como elas se aglomeram para atormentar. Morte. Uma atração fatal.”

“Você pode culpá-las? O fogo é quente e convidativo.”

“Que trágico, desejar a mesma coisa que pode te destruir. Se eu abrisse esta gaiola, nós as veríamos queimar vivas.”

"Isso é... macabro quando você coloca dessa maneira."

Virando-se, ele coloca a vela de volta ao lado das outras e volta sua atenção para mim. "Você escolheu este vestido?" Sob o brilho de apreciação em seus olhos existe uma sombra de aborrecimento que reflete o tom de sua voz.

"Você não gostou?"

"Todo mundo está olhando para você."

Por cima do ombro, vejo alguns olhares em minha direção, um dos quais vem do homem que eu segui para dentro. "Isso te incomoda."

"Sim." Ele dá a volta na gaiola até estar ao meu lado, e um arrepio percorre minhas costas quando seus lábios acariciam minha orelha. O calor floresce dentro de mim, o vestido de repente muito quente e apertado contra a minha pele. “É como se eles quisessem te consumir viva. Ou talvez seja o contrário, como as mariposas para a vela.”

Eu me viro o suficiente para que nossos lábios quase se toquem. "Você também estava olhando para mim."

Olhos âmbar cintilantes descem para o meu vestido e voltam. "Se eu suspeitasse que algum desses bastardos estivesse pensando a mesma coisa que eu quando te vi pela primeira vez, mataria todos eles."

"Sou muito jovem para você, lembra?"

"Você é." O toque suave de seus dedos ao longo da borda do meu pescoço faz meu coração martelar dentro do meu peito. "E muito tentadora."

"Que tortura deve ser."

"Você não tem ideia. Particularmente com o quão arrebatadora você está esta noite."

"Então, por que se submeter a isso?" Eu olho ao redor da sala para as mulheres menos vestidas, provavelmente contratadas como entretenimento para quem veio sozinho. “Parece que há muitas mulheres da sua idade aqui. Por que se preocupar, afinal, comigo?"

“Eu me pergunto a mesma coisa. De alguma forma, quanto mais fico longe, mais não consigo. Essa é a tragédia em tudo isso. A atração incessante da chama.”

“Para um empresário implacável, isso é terrivelmente indisciplinado da sua parte.”

“Implacável, de fato. E curioso como o inferno.”

"Que tipo de curiosidades atormentam a mente de um demônio?"

A riqueza de sua risada atinge um nervo em algum lugar dentro de mim, a máscara enfatizando um sorriso lindo e sobrenatural que envia arrepios pela minha pele. Parando atrás

de mim, de costas para a multidão, ele pressiona seu peito de aço nas minhas costas, mais uma vez me lembrando do seu tamanho. Cada célula do meu corpo ganha vida, quando ele desliza a mão pelo meu braço e enlaça os dedos nos meus, a força deles em volta dos meus ossos mais delicados. Com o arranhão de sua máscara contra meu pescoço, inclino minha cabeça, permitindo-lhe acesso total. “O que eu não daria para tirar este vestido de você. Lentamente."

"Eles estão nos observando, não estão?"

“Aproximei-me de você intencionalmente, Isa. Eu odiaria que alguém cometesse o erro de pensar que você é um alvo justo.”

"Incluindo você."

"Especialmente eu."

O desejo fervilha em meu sangue, quando seus lábios pressionam contra a veia pulsante em meu pescoço. "Você é a pessoa mais confusa que já conheci."

“E você é a mais irresistível.” Ele beija o seu caminho do meu pescoço até a orelha, onde ele morde meu lóbulo e eu aperto meus dedos nos dele.

“Eu já te dei luz verde. O que mais você precisa?"

“É exatamente isso. O que eu quero, e o que eu preciso, são dois gumes da mesma lâmina.” Com a minha cabeça ainda inclinada, ele lambe a concha da minha orelha. “Eu quero que você me diga se algum desses homens te propuser algo esta noite. Entendeu?"

"Por que? O que isso significará, se eles fizerem?”

"Isso é problema meu, não seu."

"E se eu aceitar?"

Seus dedos apertam os meus e ele exala uma respiração forte contra minha garganta. "Essa também será minha preocupação."

Eu odeio ser vidrada nas mãos desse homem. Que tudo o que preciso são algumas palavras poéticas e posicionamento especializado de seus lábios para me deixar ofegante como um cachorrinho ansioso.

“Queria te perguntar. Você poderia ter mandado alguém tocar para você esta noite. Por que eu?"

"Qualquer outra pessoa não teria sido tão cativante para assistir quanto você." Com um puxão, ele me leva para longe da gaiola, em direção ao piano.

Os membros da orquestra pousam os instrumentos e a sala fica em silêncio quando me sento no banco.

Com os dedos nas teclas, exalo uma respiração instável e fecho os olhos. As primeiras notas de *Nocturne Op. 9 No. 2* ecoam pela sala. Alguns dos foliões se reuniram em torno do piano. Outros retomam a conversa, mas eu continuo tocando.

No meio da multidão, encontro Lucian parado em um círculo de homens, olhando para mim por cima da borda de sua bebida. O mais bonito e intimidador de todos, mesmo com a máscara escondendo metade do seu rosto. Ele permanece fascinado, enquanto os homens se inclinam, obviamente tagarelando enquanto ele os ignora.

A intensidade de seus olhos é demais, e tenho que desviar o olhar, com medo de vacilar na música que escolhi para tocar. Em outro olhar, vejo que ele não cedeu tão facilmente. Seu olhar permanece impassível. Um dos homens ao lado dele dá um tapinha em seu peito, caindo na gargalhada. É dolorosamente estranho ver quando Lucian toma um gole de sua bebida, sem se preocupar em compartilhar a hilaridade do homem.

A maneira como ele observa, como se fôssemos os únicos na sala, me faz imaginar o que ele faria agora, se esse fosse realmente o caso.

Durante a próxima hora, eu repito as canções que conheço melhor, e quando alcanço a nota final da última, olho ao redor da sala, notando que Lucian desapareceu. Sem muita pausa, começo a tocar a música que ele compôs. A que eu o ajudei a capturar em seu caderno. Fechando os olhos, permito que suas notas percorram minha mente, enquanto imagino suas mãos vagando e, assim que termino, meu público bate palmas e eu me levanto do banco. Com os olhos examinando a multidão, procuro por Lucian novamente, enquanto os membros da orquestra voltam aos seus assentos.

"Eu percebi que você nunca folheou a música." A voz me faz girar para um homem mascarado com cabelos grisalhos atrás de mim, vestindo um smoking padrão e ele levanta a máscara apenas o suficiente para que eu reconheça o prefeito Boyd.

Seu comentário traz um sorriso ao meu rosto. “Um talento esquisito.”

Ele se inclina, mantendo as mãos cruzadas na frente do corpo. “Eu acho que você quer dizer extraordinário. Nunca se deve subestimar os dons que Deus nos concede.”

Ruborizada com o desconforto de seus elogios, eu aceno. "Isso é verdade." Mais uma vez, procuro na multidão o rosto mais bonito, mas não encontro ninguém familiar, além do homem ao meu lado.

"Você está procurando por alguém?"

As palavras de Giulia me atingem novamente, sobre ficar perto de Lucian, mas eu já conheci o prefeito Boyd antes, e o homem dificilmente parece perigoso. Meus dedos se inquietam com o desconforto de conversar com o pai da esposa morta de

Lucian, enquanto, há poucos momentos, imaginei seu ex-genro rasgando meu vestido. “Eu só... não. Ninguém em particular.”

“Ah. Se eu fosse vinte anos mais jovem e tivesse uma beleza estonteante como você no braço, certamente não iria deixá-la fora da minha vista por muito tempo.”

Certamente, ele se esqueceu de que tenho apenas dezenove anos. Se ele for tão velho quanto penso, vinte anos mais jovem ainda o faria com o dobro da minha idade. E, novamente, que conversa estranha de se ter com este homem.

É definitivamente necessário mudar de assunto, porque se minhas bochechas ficarem mais vermelhas, alguém vai pensar que o homem me deu um tapa. "Minhas desculpas por não ter avisado sobre a Sra. Blackthorne da última vez que você esteve aqui."

“Não sabia que Laura havia declinado de forma tão dramática nos últimos anos. É uma pena vê-la assim. Ela sempre foi uma mulher vibrante e ousada.”

“Só trabalho com ela há pouco tempo, mas posso imaginar. Ela deve ter sido uma personagem e tanto.”

"Ela foi. Ela tratava minha Amelia tão bem.” O primeiro tremor de seu lábio dá um nó em meu estômago, enquanto seus olhos brilham com lágrimas. "Minha doce, doce menina." Ele levanta a máscara, puxa um lenço do bolso do smoking e enxuga os olhos. "Eu sinto muito. Acho que um pai nunca supera a perda de um filho.”

"Tudo bem. Eu entendo." Não entendo, de jeito nenhum, mas é tudo o que posso pensar para dizer a ele.

"Eu sei que isso pode soar estranho, mas... posso te abraçar?"

Meu corpo inteiro congela a seu pedido, estou oficialmente e totalmente sem palavras. "Uh. Bem. Claro, eu acho."

Sem um momento de hesitação, ele se inclina para frente, envolvendo os braços em volta de mim, enquanto me puxa para um abraço. Apertada com força contra ele, meus seios esmagados em seu peito, ele me segura lá, e as fungadas quebradas em meu ouvido só aumentam o desconforto e o alarme pulsando dentro de mim agora. É então que percebo que estou segurando meus braços longe dele, sem saber o que fazer com eles.

"Eu sinto tanto a falta dela." Ele muda seu corpo contra mim, deslizando meus seios em seu peito, e eu estremeço com a sensação. "Eu não pude nem salvar a alma dela. Eu só oro para que o Senhor tenha poupado sua decisão."

Dando de ombros para quebrar seu abraço, eu o sinto abaixar suas mãos para o meio das minhas costas e apertar em torno de mim.

"Vejo que você conheceu minha pianista." A voz de Lucian, misturada com um pouco de antipatia, é um som bem-vindo e, felizmente, o prefeito Boyd me solta.

"Ela é muito boa. Muito talentosa."

"Ela é. E se você nos der licença, Patrick, tenho um assunto particular para discutir com ela.

"Claro." Pegando minha mão, o prefeito Boyd se curva para beijar meus dedos e sorri. "Estou ansioso para continuar nossa conversa depois que você falar com o Sr. Blackthorne."

Prefiro ficar olhando as velas pelas próximas três horas.

Deslizando minha mão da do prefeito Boyd, Lucian me leva através da multidão até uma porta de vidro, que ele abre para o pátio externo. A lua cheia brilha sobre a folhagem em decomposição que sobe as paredes externas do átrio, e paramos

nas sombras. Daqui, ainda podemos ver a multidão lá dentro, mas permanecemos escondidos pelas árvores pendentes e pela parede de pedra do castelo.

Com um pouco mais de força do que eu esperava, meu corpo gira e a parede fria pressiona minhas costas. Lucian dá um passo em minha direção, diminuindo o espaço entre nós.

"Quando eu te dei permissão para tocar aquela peça?" Malícia queima na ponta dos dedos, onde ele aperta meus braços e, mais uma vez, está irritado comigo. Quando ele não está?

"Você não deu, eu..."

“Eu não dei. Isso mesmo. E ainda assim, você assumiu a responsabilidade de tocá-la, de qualquer maneira." Ele dá uma leve sacudida, seus lábios descascando com sua raiva. "Por que?"

“É uma música linda. Tão assombrosa, ouço ela toda vez que fecho meus olhos. E sinto muito ter tocado sem sua permissão. Foi errado da minha parte. Por favor me perdoe."

"O que ele disse para você?" Ele pergunta com os dentes cerrados, me dando uma pista do que eu aposto que é a verdadeira fonte de raiva pulsando por ele.

“Prefeito Boyd? Nada realmente. Ele acabou de falar sobre sua filha.”

"O que disse sobre a filha dele?"

“Só que ele sente falta dela. O que está errado?"

Com a mão na minha garganta, ele levanta meu queixo, olhos âmbar perfurando os meus. Lambendo os lábios, ele respira forte por entre os dentes, a máscara escondendo seu rosto o suficiente para que eu não consiga ter uma noção se ele está chateado comigo ou com Boyd. “Ele tocou em você. Por que ele tocou em você?"

"Ele perguntou se poderia me abraçar."

“E você disse sim? Você *permitiu a* ele esse conforto?"

"Sim. Porém, eu não vou mentir, me arrependi imediatamente.”

Uma pequena fissura abre seu verniz. O ciúme praticamente escorre para fora dele como um veneno perigoso para qualquer um que se atreva a tocá-lo.

"E quanto a mim? Você se arrependeria se eu te beijasse agora?" Seu orgulho balança diante de mim como uma corda esvoaçante, que quero puxar de forma imprudente para ver o que significa desvendar este homem.

"Você está pedindo minha permissão?"

“Eu não peço nada. Quando quero algo, eu pego.”

A intensidade olhando para mim através dos buracos em sua máscara é quase sexo em si. Nunca um homem me olhou assim, com tanta posse.

"Então o que você está esperando?"

Lábios quentes esmagam os meus em um beijo que exige minha rendição, enquanto ele mantém sua mão apoiada em minha garganta. Sua outra mão desliza pela fenda do meu vestido, seu dedo enganchando o cordão da minha calcinha e puxando-a para baixo nas minhas coxas. As tiras frágeis cravam em minha pele enquanto ele afasta minhas pernas com o joelho.

Por trás do seu toque sensual e do desejo em seus olhos, está algo sujo e depravado. Tensão e hostilidade irradiam de todos os poros do seu corpo, e de repente me ocorre por quê. Ele não consegue se controlar. Se pudesse, teria me deixado à mercê do prefeito Boyd.

Uma parte de mim quer rir da vitória, mas a triste verdade é que estou tão fraca quanto ele.

No momento em que seus dedos fazem contato com minha pele nua, ele geme em minha boca, enquanto junta a excitação escorregadia que pertence a ele. "Você sempre tem que estar molhada pra caralho, não é?" O ar de violência em sua voz aumenta minha empolgação por algum motivo, não posso explicar por quê.

Só de pensar que minha excitação o excita, parece que tenho muito poder em minhas mãos. "Talvez você deva parar, se isso te deixa com tanta raiva."

“Eu não consigo parar. Eu só penso nisso.” Ele enfia o dedo dentro de mim, e eu arqueio para ele com um gemido. “Dia e noite, penso no seu gosto. Seu cheiro. A suavidade da sua pele contra a minha língua.”

“Você disse que ama a tortura. Agora você não quer?”

“Estou além da tortura. Estou à beira da loucura”, diz ele, em uma voz que soa como se ele estivesse à beira do colapso. Apertar minha garganta com mais força levanta meu queixo no ar, minha boca abre para respirar, e ele fecha seus lábios nos meus mais uma vez. Dentro e fora, seus dedos bombeiam em mim, o deslizamento de sucção úmida e nossas respirações ásperas misturadas, o único som entre nós. “Eu tenho que te foder. Não deveria. Está errado. Mas eu tenho que fazer isso."

Soltando-me, ele se ajoelha e tira a máscara. No segundo em que ele levanta meu vestido pela fenda, o ar frio do verão atinge meu sexo nu, e com o som de rasgo, olho para baixo para ver que ele rasgou a tira da minha calcinha. A vestimenta cai no chão ao nosso lado, e ele levanta minha perna, seus movimentos frenéticos e apressados, como se temesse que vai parar a qualquer momento.

Lábios macios prendem meu clitóris, quando sua língua se arrasta sobre o pedaço sensível de carne, minha barriga se contrai e eu me inclino para agarrar um punhado do seu cabelo. "Oh Deus!"

Ele lambe minha excitação, lambendo minha pele como se não pudesse suportar deixar uma gota para trás. Suas cicatrizes fazem cócegas na minha pele e eu cravo minhas unhas em seu couro cabeludo, gritando, enquanto ele me come como uma fera faminta que não se alimenta há dias. O puxão impiedoso de seus lábios afasta meus quadris da parede, e inclino minha cabeça para trás, a palma da mão contra as pedras atrás de mim, em busca de algo para apertar.

“Lucian! Por favor." Não sei o que estou implorando a ele. Mais? Misericórdia? Um fim? Tudo que sei é que minha barriga está contraída e meus músculos estão ardendo por este homem e sua ira deliciosa.

"Segure seu vestido aberto." Sua voz é rouca e exigente, e eu faço o que ele diz, mantendo-o aberto para ele. Sem quebrar o contato com minha pele, ele afrouxa seu cinto com um puxão de seu braço, saltando para fora. Inclinando minha cabeça para o lado, observo enquanto ele se acaricia, a visão do seu pau grosso e obviamente faminto envolvendo uma emoção dentro de mim.

Eu me contorço contra sua boca, o arranhão do meu vestido contra as pedras apenas aumentando os sons de luxúria enchendo o ar, enquanto solto um gemido.

“Lucian? Lucian?” O som distante da voz de Laura envia uma onda de pânico por mim, e eu empurro o topo de sua cabeça para me soltar.

"Espera. É a sua mãe.”

No começo, ele não para, mas com um pouco mais de estímulo, ele se afasta de mim. Eu deixo cair o tecido, observando-

o enfiar seu pau ainda totalmente ereto de volta em sua calça. "O que diabos ela está fazendo fora da cama?" Pegando sua máscara do chão, junto com minha calcinha descartada, ele se endireita, limpando os pedacinhos de grama de sua calça e recoloca a máscara no rosto. Ele enfia minha calcinha no bolso e pega minha mão, me levando de volta pela porta de vidro.

A sala está mortalmente silenciosa.

A música parou.

Abrimos nosso caminho no meio da multidão em direção ao centro dela, e eu deslizo até parar e coloco a mão na boca.

Lucian vira o rosto, encolhendo os ombros para fora de seu casaco. "Jesus, mãe."

"Lucian, aí está você." O rosto de Laura se ilumina com um sorriso, enquanto ela fica parada no centro do átrio lotado, sem uma única peça de roupa em seu corpo. Como se ela estivesse alheia aos suspiros e olhares dos espectadores.

Meu coração dói por ela, enquanto absorvo a humilhação que ela aparentemente ainda não sente.

Rand envolve um casaco em torno dela, e eu deslizo minha máscara para cima, agarro o casaco de Lucian e me inclino para frente, usando o segundo para esconder a frente de seu corpo, onde ainda está exposta.

"Vou levá-la de volta para o quarto." Protegendo-a o máximo que posso, empurro a multidão e conduzo Laura para fora das portas do átrio.

Torcendo-se contra mim, Laura se opõe fisicamente, virando-se na direção da festa. "Onde estamos indo? Preciso falar com Lucian."

"Laura, cadê a Nell?"

“Quem é Nell? Você viu Amelia? Não consigo encontrá-la em lugar nenhum.”

No meio do caminho para o elevador, encontramos Nell, cujos olhos se arregalam em pânico enquanto ela se aproxima de nós. "Onde ela estava?"

“Ela caminhou direto para o baile de máscaras. Todo mundo... todo mundo a viu.” Eu vacilo com a repetição mental disso. "Deus, onde você estava, Nell?"

"Eu apenas me afastei por um momento para fumar." Assumindo a liderança na nossa frente, ela segura o braço de Laura e aperta o botão do elevador.

As portas se abrem e nós subimos para o segundo andar, onde Laura se contorce para nos soltar. “Eu preciso falar com meu filho. Por que vocês não me deixam falar com meu filho?"

"Laura." Colocar a mão em sua bochecha atrai seus olhos para os meus, a tristeza remelenta neles puxa meu peito. “Vou pedir a ele que venha aqui falar com você. Mas, por favor, precisa se vestir e ir para a cama, ok?"

Seu olhar voa para Nell, que, para seu crédito, não diz nada, e Laura concorda. “Ok, mas eu preciso falar com ele imediatamente. É urgente."

Ajudando-a a ir para o quarto, Nell e eu pegamos uma calcinha limpa e uma camisola. A almofada da cama onde ela estava deitada está encharcada, o que provavelmente a fez tirar a roupa. Depois de ajudá-la a ir ao banheiro, Nell lhe dá um banho rápido, enquanto limpo sua cama suja, substituindo os lençóis velhos por novos. O vestido esfregando contra minha pele nua me faz sentir tão exposta quanto Laura estava enquanto eu me movo, mas eu ignoro. Quando as duas saem do banheiro, Laura está completamente vestida novamente.

Enquanto ajudo-a ir para a cama e coloco o cobertor em volta dela, Laura sorri para mim. “Ela nunca presta atenção.”

Eu olho de volta para Nell, sem saber se Laura está ciente do que aconteceu esta noite. Espero que ela não esteja. Espero que tudo o que tomou conta de sua mente a proteja disso. "Quem?"

“Amelia. Ela sempre manteve os comprimidos na cômoda, e eu avisei que Roark iria pegá-los.”

Outro olhar de volta para Nell, nós duas franzimos a testa. "O que aconteceu?"

“Bem, o que você acha que aconteceu? Ela não estava prestando atenção. Você deve sempre prestar atenção aos seus filhos. Sempre."

Por um momento, eu me pergunto se ela está lúcida agora, porque nunca reconheceu que seu neto estava desaparecido ou morto. O que ela está sugerindo é que a nora basicamente assassinou o neto deixando os comprimidos onde ele pudesse alcançá-los.

Mãos quentes e enrugadas agarram meu braço e ela levanta a cabeça do travesseiro. "Prometa que não vai deixar os comprimidos para fora, como ela fez."

"Eu prometo que não vou."

"Bom. Você será uma mãe muito melhor para os filhos do meu Lucian do que ela jamais foi.”

Limpo a garganta, o constrangimento de suas palavras aquecendo meu rosto.

"Eu vou dormir agora, se estiver tudo bem."

"Sim, claro." Saio do quarto com Nell a reboque, minha mente girando com perguntas.

Nell fecha a porta atrás de nós e solta um suspiro. “Excitação demais para uma noite.”

A humilhação que ainda me atravessa em nome de Laura se transforma em raiva. "Por que você fez isso? Por que a deixou sozinha assim?" Talvez o que estou sentindo seja irracional, mas não me importo. Esta noite não foi justa com Laura. Afastar-se para fumar não é uma desculpa boa o suficiente para o que esta pobre mulher acabou de passar.

Com o rosto franzido em uma carranca, ela me dá uma olhada. “Não me julgue, porra. Não quando você tinha o rosto do filho dela entre as coxas.” Suas palavras atingem minha consciência como um soco no estômago.

“Você nos viu? Você estava nos observando?" Meu choque momentâneo e vergonha se transformam em nojo. “É por isso que você não a ouviu sair da cama. Porque não a viu se despir ou sair do quarto. Você estava muito ocupada nos espionando?"

"É meio difícil de perder quando vocês estavam ao ar livre."

Mas não estávamos. Ela teria que procurar por nós, para ver onde estávamos, escondidos nas sombras. “Você tem alguma ideia de como isso deve ter sido humilhante para ela? Todas essas pessoas fodidas vendo-a assim? E Lucian! Meu Deus, se ele ao menos conseguir olhar essas pessoas nos olhos depois disso...”

“Oh, pobre Lucian. Deixe-me contar uma coisa sobre o seu pequeno Romeu. Ele não queria filhos. Ele não queria Roark. E estou supondo que ele não queria o bebê do qual Amelia estava grávida quando se matou. Na verdade, aposto que foi *por isso que* ela se matou.”

"Como diabos você sabe que ela estava grávida?"

“Um de seus exames foi acidentalmente registrado no prontuário médico de Laura. A princípio pensei que fosse de Laura, até que procurei o prontuário médico anexado a ele. Amelia

Blackthorne. HCG positivo duas semanas antes de cometer suicídio."

"Laura disse..."

"Eu não dou a mínima para o que Laura disse. A mulher acabou de entrar nua em uma sala lotada. Você acha que ela sabe o que diabos está acontecendo com sua família? Além de seu *precioso* Lucian..."

"Você está com ciúmes."

"Ciúmes de quê? Você e o Diabo de Bonesalt? Você pode ficar com seu pedaço de merda assassino. E se você não acredita em mim? Pergunte a Giulia. Amelia nunca deixou aqueles comprimidos onde Roark pudesse alcançá-los. Nunca. Roark tinha medo de entrar no quarto dela por causa daquelas malditas bonecas."

Giulia me disse a mesma coisa na primeira noite em que fiquei naquele quarto. Ela disse que Roark se recusava a entrar no quarto, que tinha medo da boneca na mesa de cabeceira. Ainda assim, isso não implica Lucian em nenhum assassinato — Amelia ou Roark. Supondo que Roark esteja, de fato, morto.

"Você está fazendo suposições sobre ele sem provas. Você nem mesmo sabe que Roark está morto e está disposta a acusar Lucian?"

"Você não sabe nada sobre ele. Ele colocou a cara feia dele tão longe no seu vestido que você está cega para tudo ao seu redor. Já vi homens aparecerem na casa. Às vezes? Eles não vão embora. Você sabia que este castelo foi construído sobre uma grande pilha de ossos?"

A memória espontânea do homem sendo escoltado por Makaio e Rand até o elevador pisca atrás dos meus olhos. O que tenho certeza que era Franco. O olhar horrível em seu rosto

quando as portas do elevador se fecharam, como se de repente ele percebesse algo. Não me lembro de tê-lo visto sair.

Os primeiros tentáculos de dúvida rastejam sobre minha nuca. "Por que você ainda está aqui, então?"

"Não importa. E se você acredita em mim, ou não, eu não dou a mínima. Mas meu conselho? Preste mais atenção."

CAPÍTULO 38

LUCIAN

Sete anos atrás ...

Debruçado sobre a papelada espalhada pela minha mesa, coloco o rosto em minhas mãos, mentalmente tentando bloquear os gritos do meu filho de um mês, Roark, dois quartos adiante. As atas da última reunião de investidores são minha única preparação para o relatório que devo apresentar ao meu pai mais tarde hoje, e de repente estou desejando ter feito o trajeto até Gloucester, para a paz e tranquilidade do meu escritório lá.

O grito estridente é mais do que eu posso suportar, bato a caneta sobre a mesa e me empurro da cadeira. Fosse o que fosse, a babá que minha mãe contratou quando ele nasceu deve ser surda para não ouvir esses malditos gritos.

"Anna!" grunho, saindo para o corredor.

Um minuto depois, ela ainda não apareceu ou me respondeu.

"Anna!"

Ainda nada além do lamento incessante do seu quarto que, não tenho dúvidas, foi intencionalmente instalado no mesmo corredor, só para me irritar.

Corro pelo corredor até a porta onde os gritos são mais altos e entro com força. "Anna!"

Em vez da babá, encontro Amelia sentada em uma cadeira de balanço, olhando para longe com a cabeça inclinada para o

lado. Ela não faz nenhum esforço para acalmar o bebê, tampouco se preocupa em me reconhecer quando entro no quarto.

Nenhum sinal da babá que pagamos muito bem para manter essa criança quieta. "Onde está Anna?"

No início, não acho que minha voz possa alcançá-la sobre o som do choro de Roark, mas Amelia levanta os olhos para mim. Quanto ela mudou nas últimas semanas. A jovem brilhante, antes vibrante e espirituosa, agora exibe as olheiras da depressão e da miséria. Algo pelo qual me recuso a receber crédito. “Ela não veio hoje. Tinha alguma... missão para resolver.” Cada palavra chega como se ela estivesse sem fôlego e fraca, quase inaudível por causa daqueles gritos miseráveis.

“Você vai acalmá-lo ou deixá-lo gritar todas as horas do dia e da noite? Tenho uma reunião importante para a qual estou tentando me preparar.”

Seu olhar desliza em direção ao berço, onde Roark ainda não se acalmou. Lágrimas enchem seus olhos enquanto ela balança a cabeça, o lábio inferior tremendo. "Eu não consigo."

Minha mãe diz que é depressão pós-parto, mas eu não aguento, mesmo assim. Ela não faz nada por ele. Nem o segura. Porque ela não arranjou uma babá reserva está além da minha compreensão.

Um grito ecoa pelo quarto de criança, e Roark quase está suando de dor, seu lamento trêmulo e atormentado.

Gemendo de frustração, atravesso o quarto até seu berço e o encontro deitado em uma pilha de cobertores, vestindo apenas uma fralda. Seu corpo nu está vermelho de tanto chorar, seu rosto franzido de agonia, enquanto ele treme como se tivesse sido atingido por uma arma de choque.

Não o segurei nenhuma vez desde seu nascimento, principalmente porque não tenho experiência em segurar bebês e

eles tendem a me deixar desconfortável. Mas também porque uma parte de mim não consegue evitar de pensar que essa criança foi uma conspiração da minha mãe e da Amelia. Um meio de me amarrar em um relacionamento com uma mulher que eu não amo.

Esfregando a mão sobre a cabeça, fecho os olhos com força, o som de seus gritos inervando alguma parte do meu cérebro que me faz querer estrangular algo. Respirando com dificuldade pelo nariz para acalmar a raiva, olho para sua mãozinha, que treme com seus gritos. Antes que eu possa me impedir, estendo a mão para tocá-lo, puxando minha mão para trás ao encontrá-lo gelado.

Jesus.

Eu puxo o cobertor em torno dele, cobrindo sua mão que permanece escorada embaixo dele, e com seus tremores, o cobertor cobre seu rosto. Segundos se passam enquanto olho para baixo, seus gritos histéricos agora, sua pequena forma se contorcendo sob o cobertor. Por um breve momento, me pergunto se é melhor poupar essa criança de uma vida de pais que não a queriam. Deixá-lo sufocar agora, em vez de vê-lo sofrer uma vida inteira de asfixia lenta e dolorosa.

Em vez disso, coloco o cobertor sob seu queixo e exalo um suspiro enquanto deslizo minhas mãos sob seu corpinho. Eu o levanto do berço, e a histeria aumenta no ar, até que eu o puxo contra o meu peito. Enquanto tento enrolá-lo desajeitadamente, ele escorrega um pouco do meu alcance e um suspiro voa para fora de mim antes de eu pegá-lo. *Puta que pariu.* Meu coração bate contra o meu peito e o enrolo na dobra do meu braço.

Seus gritos se transformam em gemidos.

Choramingos morrem até a sucção do polegar.

E então seus olhos encontram os meus.

Azuis, como os de Amelia, cheios de curiosidade enquanto me encara, trabalhando duro com seu dedinho. O que me atinge

mais do que tudo, porém, é a confiança girando neles. Ele ao menos sabe quem eu sou para ele? É por isso que parou de chorar?

Deslizo meu olhar sobre o comprimento dele, notando seus pés em miniatura saindo do cobertor, e os cubro com uma mão.

Quando meu olhar retorna para o dele, seus olhos ainda estão fixos, como se a criança não se cansasse de me encarar.

“Como você ousa me olhar nos olhos assim”, eu digo, observando o merdinha ousado parar de chupar o dedo por um segundo, como se ele estivesse tentando estudar minha voz em vez disso. "Você sabe quem eu sou?" Parando apenas um segundo, eu o levanto um pouco mais alto. "Eu sou seu pai. E você está realmente estragando minha concentração com todo esse choro."

O espanto esboçado em seu rosto enquanto ele continua a olhar para mim deixa uma sensação estranha no meu peito. Eu não posso explicar isso. Não é dor ou raiva. Amargura ou apatia.

Um formigamento quente rasteja sob minha pele e se reúne dentro do meu peito. Tudo ao meu redor parece desacelerar, como se eu estivesse flutuando debaixo d'água, apenas eu e ele. Há a apreensão de não ter respirado o suficiente, mas ao mesmo tempo... contentamento. Talvez até uma leve euforia.

Meu filho.

As palavras ecoam dentro da minha cabeça enquanto vejo seus olhos ficarem pesados de sono. Um olhar de volta para Amelia a mostra sentada em sua cadeira, olhando para longe mais uma vez, como se estivesse alheia a nós.

Quando volto minha atenção para Roark, seus olhos estão fechados, sua pequena boca escancarada, o peito subindo e descendo com o sono. O tom vermelho desaparece para a pele

branca de bebê, e mergulho minha cabeça apenas o suficiente para respirar o cheiro dele.

Não tiro os olhos do rosto adormecido de Roark quando saio do quarto e caminho de volta para o meu escritório. Contornando a mesa de papéis espalhados, sento na cadeira de couro e coloco Roark contra meu peito, onde minha camisa está parcialmente desabotoada. Chutando meus pés sobre a mesa, eu o seguro contra mim, me concentrando na respiração que entra e sai dele.

Meu filho. Cada vez que as palavras ecoam na minha cabeça, uma onda de arrepios segue.

Este pequeno pacote confiável é meu. Verdadeiramente meu. Irritante como o inferno, mas meu. Talvez a única coisa que realmente pertencerá a mim, enquanto eu viver. O pensamento de tal coisa desperta algo dentro de mim. Uma sensação arrancada das profundezas, porque certamente é uma que eu nunca senti antes.

Penso nele deitado naquele berço momentos atrás, gritando e com frio, com sua mãe a apenas alguns metros de distância, meu lábio se abre de desgosto. Acariciando suas costas, eu observo seu pequeno tamanho contra meu peito. Tão pequeno e frágil, e de repente, quero protegê-lo.

Meu filho.

Pela primeira vez, entendo as palavras do meu pai anos atrás.

E eu mataria pelo que é meu.

CAPÍTULO 39

LUCIAN

Dias de hoje...

Eu conduzo o grupo de homens pelos longos e sinuosos túneis das catacumbas. Um calafrio percorre minha pele quando passamos pelo sarcófago que esculpi para Amelia, bem como por um muito menor para meu filho. Mesmo agora, anos depois, depois de muitas vezes que me sentei aqui sozinho com meus pensamentos, uma dor ainda floresce dentro do meu peito ao ver o memorial do meu filho.

Os túneis se abrem em uma ampla caverna, onde as mesas se alinham no perímetro de um enorme medalhão de piso feito de ladrilhos pretos, cinza e marrons que importei de Detroit. O centro do medalhão carrega a imagem da mariposa com seu crânio no tórax.

Patrick Boyd é conduzido para o círculo de mesas, com os olhos vendados, já que todos os membros da sala já se levantaram. Cada um dos homens se senta, todos ainda com as máscaras da festa.

Após o fiasco com minha mãe, todas as mulheres foram embora de uma vez, junto com qualquer outra pessoa que não fosse membro de nosso grupo, estou ansioso para o fim desta investigação para que possa buscar distração para minha humilhação em Isa.

Ver as mãos de Patrick sobre ela desencadeou uma raiva potente dentro de mim, um desejo incontrolável de quebrar cada um de seus dedos. Quanto antes eu o tirar da minha vista, melhor.

Friedrich Voigt, com quem passei a ter um relacionamento completamente diferente desde o tempo que passei no instituto, toma seu lugar à cabeceira da mesa.

Eu sento diretamente ao lado dele.

Diante dos membros, Friedrich pigarreia, um som que ecoa na sala cavernosa. “Senhores, estamos aqui hoje com base em uma investigação em nosso grupo. Chegou ao meu conhecimento que Patrick Boyd...”

“Ex-prefeito”, interrompe Patrick, e eu gemo mentalmente. Se lhe for concedido o título de membro, aprenderá rapidamente que o Dr. Voigt não aprecia interrupções. Principalmente a variedade rude e desnecessária.

“Veio até nós em busca de conhecimento e uma compreensão mais profunda da psique humana”, continua Friedrich, ignorando a ignorância de Patrick. “Por décadas, nosso grupo estudou a epigenética comportamental do sadismo. E agora eu pergunto a você, Patrick Boyd, que contribuições você acha que faria para o nosso grupo?”

Com os dedos entrelaçados, Patrick gira os polegares um no outro, um hábito nervoso, enquanto fica quieto, parecendo contemplar a questão. Ele muda de pé e pigarreia. “Bem, não sou médico, nem cientista no assunto, mas sou um ex-professor, e conheci várias personalidades ao longo da minha carreira política que me fazem questionar se pode haver uma ligação entre os políticos e esse comportamento psicopático que vocês estão estudando.”

“Sadismo, especificamente. E já sabemos que existe uma ligação entre política e psicopatia. Os psicopatas organizacionais tendem a ser naturalmente atraídos para funções de liderança, que lhes permitem controlar um grande número de pessoas. Embora suas curiosidades sejam interessantes, infelizmente não são nenhuma novidade.” O tédio no tom de Friedrich é revelador, suspeito que ele já tenha se decidido sobre a pergunta de Patrick.

Uma longa pausa se segue, Patrick abaixa a cabeça, talvez se sentindo derrotado. Eu já sabia, pela minha conversa com ele, que suas motivações não estavam alinhadas com o nosso grupo.

“Na verdade, tenho um irmão gêmeo. Idêntico. Ele está cumprindo prisão perpétua por um... assassinato muito brutal.” Sua confissão desce pela minha espinha e eu olho para ele, desejando poder arrancar aquela venda para ver seus olhos, para saber que ele está enganando o grupo com o único propósito de conseguir entrar. “Nós não crescemos juntos. Fui adotado por uma boa família. Ele, por outro lado, cresceu em uma comunidade muito pobre. Eu não falo sobre isso porque... bem, por que eu falaria? Mas eu gostaria de entender. Para saber se tudo o que ele sofreu foi baseado na genética que pode me afetar. Ou se seu ambiente contribuiu para sua violência.”

Friedrich se inclina para frente e a intriga em seu rosto envia uma sensação de aperto no estômago. Parece que Patrick não é tão estúpido quanto eu pensava. Parece que ele fez o dever de casa.

Toda a fundação deste grupo está enraizada no estudo de gêmeos, especificamente idênticos, pois sua genética representa o melhor modelo de estudo. Claro que Friedrich acharia isso atraente. "Interessante." Batendo os dedos, Friedrich examina o grupo. “Vamos levar um breve momento para discutir isso como um grupo. Vou pedir que você saia da sala, Patrick.”

Um dos membros acompanha Patrick para fora da caverna e pelo corredor. Assim que ele está fora de vista, Friedrich exala uma respiração forte. "Bem, isso certamente foi uma virada nos acontecimentos."

De jeito nenhum vou deixar a bomba que Patrick derrubou explodir na minha cara. “Uma que vale a pena investigar. Ele pode estar mentindo.”

"Certamente. E teremos que determinar isso. No entanto, se for verdade, ele pode ser o espécime perfeito para nosso estudo.” Friedrich suspira, recostando-se na cadeira. “Se ao menos seu filho estivesse aqui hoje. Teríamos uma amostra de terceira geração para ver se esses marcadores genéticos estão presentes nele também.”

“Meu filho não era uma *amostra.* Ele era uma criança.” Tenho que ter cuidado com o homem. Um aceno de sua mão e eu poderia instantaneamente me tornar um inimigo deste grupo.

“Eu não quis desrespeitar, Lucian. Como você sabe, valorizo e respeito o seu lugar neste grupo. Seu bisavô foi um dos progenitores deste estudo. Deste grupo! Se você acha que ele não é certo para o que estamos tentando alcançar, saiba que seu voto tem peso.”

“Acho que o interesse de Patrick é egoísta. Ao redor desta mesa sentam-se indivíduos ricos e muito poderosos.” Eu olho em volta para todos eles, empresários e políticos de sucesso, médicos e oficiais militares de alto escalão. Todos com uma coisa em comum: eles encontram prazer em ferir os outros. É praticamente um favor para Patrick, convencer este grupo a negá-lo.

E se ele for negado, ele será vigiado. Se ele apenas sussurrar uma palavra sobre o grupo, ele desaparecerá no ar, para nunca mais ser visto, porque é assim que eles protegem fortemente seu

anonimato. A vigilância já está em vigor, e quando Patrick sair da festa esta noite, alguém o estará seguindo para casa.

“Eu mesmo tenho medo disso. Conseguimos manter as motivações desse grupo puras, mas devo dizer, essa nova informação me surpreendeu. No entanto, precisaremos verificar a validade disso.”

“Ainda não tivemos um irmão gêmeo para o estudo.” O homem mais velho ao meu lado, talvez com quase 60 anos, é dono de uma rede de lojas de materiais de construção, seu rosto é o logotipo da empresa. Sua máscara está na mesa à sua frente, enquanto ele esfrega o queixo. “É uma curiosidade, para mim, de qualquer maneira.”

Quero perguntar a ele se valeria a pena o público descobrir que ele é um sádico sexual que gosta de monopolizar e açoitar mulheres.

Outro membro na extremidade oposta da sala, um senador de Massachusetts, balança a cabeça, também tendo removido a máscara. “Boyd é desleixado. O escândalo envolvendo a garota foi uma bagunça absoluta. Não vale o risco, na minha opinião.” Seu negócio é cortar assuntos com navalhas. Certa vez, ele deixou mais de cem cortes em um homem que buscava o grupo.

“Anos atrás”, o homem mais velho ao meu lado rebate de volta. “Duvido que alguém, exceto a dura competição política, sequer se lembrasse.”

O senador zomba e acena com a mão em dispensa. "O homem não poderia ser eleito para um comitê de limpeza de bundas, muito menos para o Senado."

Entediado com seus argumentos, volto minha atenção para Friedrich. “Meu voto é não. E se você não precisa de mais nada de mim, eu gostaria de ser dispensado.”

“Se for esse o seu desejo. Porém, eu recomendo fortemente que você se esforce para comparecer a mais de nossas reuniões. São discutidos assuntos importantes que afetam você.”

“Vou adicionar a próxima ao meu calendário.” Eu me levanto da cadeira e endireito meu casaco.

"Muito bom." Friedrich suspira, recostando-se na cadeira. “Nesse ínterim, solicitarei mais informações sobre o Sr. Boyd.”

~

Recostado na cadeira do escritório, tomo um gole da minha bebida, olhando para o outro lado da sala enquanto o elevador apita e Isa sai. Não sei por que meu pulso acelera ao vê-la, como se a qualquer segundo ela fosse sair em uma corrida mortal e me fazer persegui-la.

Quando ela se aproxima, eu não tiro os olhos dela. Não poderia se eu quisesse.

"Você trocou de vestido." Eu absorvo a beleza dela em uma camiseta simples esticada sobre seios flexíveis e leggings justas que abraçam suas panturrilhas tonificadas. Minha mente volta para o início da noite, quando eu tinha meu rosto enterrado entre suas coxas, enquanto seus gemidos ecoavam ao meu redor.

“Era desconfortável.” Algo está diferente sobre ela, o jeito que ela não responde com algum comentário espertinho e não encontrou meu olhar nenhuma vez desde que entrou na sala.

"O que está errado?"

Suas sobrancelhas tremem, e ela enrola os dedos na bainha de sua camisa. "Você mandou Rand me buscar."

"E?"

“E... pareceu um pouco... estranho. Depois do que aconteceu no terraço esta noite.”

"Você teria preferido que eu fosse."

“Teria parecido mais pessoal. Menos como uma transação comercial.”

Eu termino o resto da minha bebida, coloco o copo no descanso de copo e me levanto da cadeira. Arrastando um dedo sobre a madeira lisa de mogno, dou a volta na mesa e paro a apenas alguns centímetros dela. A contração de seu ombro, a rápida ascensão e queda de seu peito, o desvio constante de seu olhar — pequenas pistas que noto que me dizem que ela está nervosa perto de mim de repente.

Estendo a mão, roço meus dedos em sua bochecha e pego a inclinação sutil de sua cabeça para longe do meu toque. "Outra coisa está incomodando você."

"Só estou cansada."

"Besteira. Você levou minha mãe de volta para o quarto dela. O que aconteceu então?"

"Nada."

Eu enrolo meus dedos em torno de sua mandíbula frágil e guio seus olhos para os meus. "O que aconteceu?"

Sua garganta balança com um gole. "Nada aconteceu. Encontramos Nell no elevador e nós duas ajudamos sua mãe a dormir.”

"E onde exatamente estava Nell quando minha mãe entrou no baile de máscaras sem roupas?"

"Ela fez uma pausa para fumar."

"Que conveniente. E como está minha mãe agora?”

Com os olhos escondidos sob os longos cílios escuros, ela morde o lábio inferior, que eu quero pegar entre os dentes enquanto a seguro presa ao chão. Algo foi trocado entre ela e Nell, isso é óbvio para mim. No início da noite, ela praticamente me implorou para transar com ela, e agora, nem consegue olhar para mim. "Por que você não me perguntou sobre ela imediatamente?"

"Você acha que eu sou frio e não dou a mínima."

"Só estou tentando entender, só isso."

"Entenda isso." Eu inclino a cabeça para chamar sua atenção, quando ela encontra meu olhar com aqueles olhos de cachorrinho, é preciso uma quantidade incrível de controle para não agir de acordo com meus desejos. “Existem poucos em quem eu confio como regra geral. Mas sabia que ela estava em boas mãos com você."

Um lampejo de sorriso dança em seu rosto, mas não tenho certeza se destruí qualquer escudo que ela conseguiu construir nas últimas horas. Ainda segurando seu queixo, eu me inclino para frente e pego seus lábios, colocando minha outra mão no topo de sua cabeça enquanto inclino seu queixo para cima. O gosto de pasta de dente de menta atinge minha língua enquanto cutuco seus dentes.

Eu deslizo minhas mãos por suas costas até sua bunda e aperto apenas o suficiente para fazê-la chiar contra meus lábios. Viajando mais para baixo em suas coxas, eu a levanto, nunca interrompendo o beijo, enquanto envolvo suas pernas em volta de mim e a carrego em volta da minha mesa. A cadeira me pega enquanto coloco nós dois nela. Alcançando sua camisa, corro minhas mãos sobre sua barriga, e subo em direção a seus seios, enquanto devoro o sabor que permanece em seus lábios.

Sentada sobre minhas coxas, ela empurra meu peito, puxando seus lábios dos meus e respira fundo entre nós. Quieta por um momento, ela balança a cabeça. “Sinto muito por isso, mas tenho que saber. Eu tenho que perguntar. O que realmente aconteceu com seu filho?”

Assim que a pergunta sai, minhas suspeitas sobre Nell são confirmadas. Não é a primeira vez que a mulher tenta assustar uma das funcionárias aqui com suas pequenas teorias de conspiração. Nós a deixamos escapar com um aviso da última vez, com o fundamento de que não é fácil contratar ajuda com a reputação de Blackthorne pairando sobre este lugar. Ela não é a primeira a tentar juntar as peças do que aconteceu com meu filho e não será a última, ao que parece, tanto quanto eu esperava de outra forma com Isa.

Com um leve empurrão, eu a afasto de minhas coxas e ela se levanta, ficando de pé diante de mim.

"Você quer saber se eu matei meu filho."

"Se eu te ofendi, não quis dizer... Estou apenas tentando..."

"Quero te mostrar algo." Eu me inclino para frente e abro a maior das três gavetas da minha mesa. No momento em que deslizo para fora, as pontadas familiares de agonia perfuram meu peito. Dentro, estão fotos e desenhos, alguns lápis de cor e os brinquedos favoritos de Roark. Os últimos resquícios do meu filho que juntei e guardei, guardando-os para mim. Nunca mostrei minha coleção a ninguém. Nunca me importei com o que alguém pensava de mim.

Isa se ajoelha ao lado da gaveta e pega uma foto que não suporto olhar agora. Ele tinha dois anos e meio de idade e minha mãe tinha tirado uma foto nossa, quando acabei de jogá-lo para o alto e o peguei. O rosto de Roark estava cheio de risadas, suas mãozinhas coladas em minhas bochechas enquanto eu o segurava para um beijo.

“Admito, no começo não fui o melhor pai. Eu me odeio todos os dias por isso. Mas ele é a única coisa neste mundo que aprendi a amar.” Como se eu tivesse rasgado uma ferida antiga, meu peito dói com a admissão, franzo a testa para impedir que a raiva familiar suba à superfície. Não devo nada disso a ela, mas sem isso, ainda sou o monstro. O Diabo de Bonesalt que assassinou sua esposa e filho. Pelo menos agora ela sabe, que até o diabo foi capaz de amar uma vez.

Com os olhos cheios de tristeza, ela coloca a foto de volta na gaveta e balança a cabeça. "Eu sinto muito. Lucian, sinto muito.”

Palavras que não conseguem romper minha decepção. Durante toda a minha vida, lutei contra boatos e contos de fadas, se não contra a infidelidade de meu pai, pelo menos contra os flertes de minha mãe. As acusações sobre meu filho e minha esposa são algo com que terei de conviver pelo resto da vida.

É exaustivo pra caralho.

"Eu sei agora o que primeiro me atraiu para você." A familiar pontada de dor atinge minhas têmporas e eu fecho os olhos, tentando ignorar a distração agonizante. “Você foi diferente. Não se encolheu como se eu fosse algum tipo de monstro assassino. Você me olhou nos olhos quando falou comigo, como se visse além de toda essa merda." Eu aponto para o meu rosto onde os vestígios nojentos permanecem, e balanço a cabeça. “Mas você é exatamente como eles. Assim como todo mundo que se alimenta de mentiras idiotas.”

"Eu não sou, Lucian, juro."

Outra pontada de dor é um raio atrás das minhas pálpebras, respiro com dificuldade pelo nariz, mentalmente contando até dez, como quando eu era criança, esperando o trovão perseguidor. "Saia."

"Por favor. Sinto muito. Eu não quis..."

"*Saia*!" A raiva vem muito rápido, batendo contra meu crânio, e bato as palmas das mãos contra minhas têmporas. Respirando. Continue respirando.

Um-um-mil, dois-um-mil, três-um-mil, quatro-um-mil...

Como agulhas perfurando o osso, as pontas irregulares da dor patinam sobre meu cérebro, latejando e pulsando contra a parte de trás dos meus olhos, até que a batida incessante finalmente diminui. As ondas de agonia se acomodam em uma calma plácida mais uma vez, e eu abro meus olhos para descobrir que Isa não está mais lá.

Respirando com dificuldade pelo nariz, deixo a miséria ir embora. Quando me levanto da cadeira, a vertigem se instala e eu tropeço para trás, deixando o couro macio segurar minha queda.

Com a mão trêmula, corro os dedos na testa e fecho os olhos no borrão estonteante da sala.

"Ela é linda." O som melódico de um forte sotaque francês ondula pela minha espinha, pisco acordado para encontrar Solange ajoelhada entre minhas coxas abertas. Suas unhas arranham minha calça e ela fica de joelhos, apoiando a barriga na minha virilha. "Ela o excita, jovem mestre?"

Ela vem até mim às vezes, quando estou estressado. Sei que ela não é real, mesmo que pareça real. Toque de verdade. Cheire real.

"Sim", respondo, observando-a abrir minha calça, o sorriso astuto mostrando seu dente torto.

"Ela deixa você duro, eu vejo." Massagear a dor entre minhas coxas me faz ranger os dentes, e quando ela dá um leve aperto, minhas coxas se levantam da cadeira enquanto solto um grunhido de frustração. "O que você acha que é isso?"

"Eu não sei."

"Ela é jovem. Deliciosa. E não há nada mais emocionante do que o fruto proibido." Com a mão enfiada dentro da minha calça, ela desliza a palma da mão no meu eixo sobre o tecido fino e sedoso da minha cueca boxer. "Finja que sou ela. Leve-me da maneira que quiser, Lucian."

Eu coloco minha mão sobre a dela para fazer isso parar. "Não."

"Você conhece as regras", ela respira, sua voz mais alta dentro da minha cabeça. "Você não pode ter nós duas."

"Então saia."

Uma expressão de choque encontra meu olhar, como se ela tivesse levado um tapa. "Você me mandaria embora? Por que?"

"Lucian?" No tom baixo da voz de Isa, eu congelo, abrindo meus olhos para encontrar minha própria mão dentro da minha calça, Solange em nenhum lugar à vista. "Eu sinto muito." Dedos remexendo onde ela mantém as mãos cruzadas na frente dela, Isa está de pé no meio do meu escritório novamente. "Sei que você disse para sair, mas... com quem você estava falando? Um segundo atrás?"

Há uma incerteza em sua voz, que eu conheço muito bem. Ela veio em outras formas de várias pessoas — olhares estranhos, evasão e, no pior dos casos, resultou em mais tratamentos e medicamentos.

"Por que você ainda está aqui?" Eu deslizo minha mão para fora da calça e giro minha cadeira para encará-la.

"Eu queria ter certeza de que você estava bem." Com o olhar lançado para o meu, ela limpa a garganta. "Quem é Solange?"

Cristo, nem me lembro de ter dito o nome dela, de jeito nenhum. "Ninguém."

Ainda sem se preocupar em olhar para mim, ela balança a cabeça. "Eu vejo isso. Mas você estava falando com ela de qualquer maneira."

"E você não teria visto nada, se tivesse saído como pedi."

Olhos cinza calorosos finalmente erguem-se para os meus, o brilho teimoso atrás deles me dizendo que ela não pretende deixar isso passar.

A questão não é se *devo contar a ela,* porque, neste ponto, qualquer coisa que eu disser soará igual. Não importa quem Solange é para mim. O que importa é que Isa terá mais um motivo para ficar longe de mim.

No entanto, talvez seja melhor assim.

“O que você quer, Isa? Saber se estou louco? O filho louco que todos dizem que eu sou? A resposta é *sim.* Mas então, isso nunca foi realmente um segredo, não é?"

Com pés ainda colados no mesmo lugar, ela balança a cabeça. “Eu nunca acreditei nos boatos. Foi sua mãe quem me contou sobre as alucinações de seu amigo. Jude?”

Deixe para minha mãe perpetuar os rumores que ela temia naquela época. Eu fico olhando para Isa, a garganta de repente seca e ressecada, pego a garrafa para me servir de outra bebida.

“Ela me disse que ele morreu quando você era muito jovem”, acrescenta ela, finalmente dando um passo à frente.

Com o olhar enterrado na bebida, lambo meus lábios, o cheiro do bourbon já franzindo minha língua, enquanto uma imagem do rosto de Jude vem à mente. “Costumava ser a simples menção dele para incitar flashbacks. Aquele som terrível de seus gritos sobre o bater das ondas. A expressão de medo em seus olhos quando ele estendeu a mão para mim, enquanto as ondas o arrastavam para o mar. Eu acabava desmaiando. Nem sei por

quanto tempo.” Eu finalmente tomo um gole do meu copo, deixando o líquido quente deslizar pela minha garganta. “Se não fosse pelas fotos que tenho de quando éramos jovens, eu me perguntaria se ele alguma vez foi real.”

"Por que você diz isso?"

Uma risada silenciosa me escapa enquanto giro minha bebida. “Não acho que você queira entrar naquela toca de coelho, Isa. É escura e não há fundo.”

"Me teste." A resolução em seus olhos é incrivelmente atraente de alguma forma. Quase sem medo.

"Tudo bem. Solange era... uma aflição de um tipo diferente. Ao contrário de Jude, ela nunca existiu de verdade. No entanto, ela me ensinou coisas que, até hoje, são muito reais para mim.” Estudo sua reação por um momento, esperando por aquele familiar lampejo de descrença.

Em vez disso, a intensidade de seu olhar fala de intriga. A porra de intriga.

“Que tipo de coisas?”

Ela esquece que acabei de dizer que sonhei com uma mulher imaginária que me ensinou coisas, ela quer saber o quê.

“Uma apreciação pela linha que separa a vida da morte.”

“A razão pela qual você busca uma descarga de adrenalina.” Não é uma pergunta dela, mas sim minha confissão silenciosa.

"Sim. Ela me ensinou jogo de respiração e facas.”

Se eu pudesse abrir seu crânio agora, provavelmente ouviria o estrondo de um aviso, dizendo a ela para correr.

“Você ainda a vê? Esta Solange?”

"Só quando minha cabeça está bagunçada."

Ela desvia o olhar, ainda inquieta. “Eu coloquei você naquele lugar. Quando perguntei sobre seu filho.”

Não respondo isso. “É por isso que eu te avisei para ficar longe. Bem-vinda à minha loucura.”

"Sua mãe disse que tentou ajudar você."

Com uma risada bufada, inclino meu copo para outro gole de licor, precisando do zumbido, de repente. “Sim, ela tentou me ajudar. Colocando-me em um lugar que buscava *curar* meus *desvios* sexuais. A única coisa que eles conseguiram curar foi meu desejo de viver.”

Franzindo a testa, ela balança a cabeça e cruza os braços. "Eu não me importo. Não me importo que você tenha alucinações. Não me importo que você goste de facas e de tudo o mais que eles considerem loucura. Nada disso importa para mim.”

Que inferno amoroso há de errado com essa garota?

“Embora eu aprecie seus sentimentos, isto é o universo dizendo para você ir embora.” Eu termino o resto da minha bebida e coloco o copo na mesa. "Preste atenção ao aviso."

Ela cambaleia em minha direção, mas se detém. “Não dou a mínima para o que o universo, ou qualquer outra pessoa, pensa. Eu tomo minhas próprias decisões.”

Sua tenacidade é outra coisa. Se eu não estivesse tão envolvido na humilhação dela ter visto um dos meus pequenos episódios, eu a colocaria contra a minha mesa agora. "Saia. Você ficará grata por ter poupado a dor do seu coração mais tarde."

"Que dor do coração?"

"De saber que sou o tipo de bastardo egoísta que vai te foder antes que te empurre de um penhasco." Eu não quero fazer isso,

mas essa garota é tão teimosa quanto parece. A verdade é que não tenho coragem de vê-la desmoronar, quando perceber que os Blackthornes não foram feitos para sussurrar palavras doces e se apaixonar. Nós aniquilamos e nos deleitamos com as consequências da destruição. Minha mãe é um bom exemplo disso. Meu pai poderia tê-la deixado, mas o bastardo sádico começou a assistir sua morte lenta. Todo o propósito de Schadenfreude é provar que esse nível de crueldade é genético, e está claro que não fui poupado, então por que sujeitaria Isa a isso? Uma adolescente que tem toda a vida pela frente. Uma série de corações partidos e amor verdadeiro.

“Então, o que aconteceu no terraço antes...”

"Foi divertido."

"Divertido." A falta de humor em sua voz fala da raiva e confusão que deve estar clamando dentro dela.

Não quero nada mais do que tirá-la do chão como o cavaleiro branco com quem ela provavelmente sonhou desde que era uma garotinha, mas para quê? Então ela poderá ser tão infeliz quanto minha mãe? Tão miserável quanto Amelia foi? Como um pássaro preso dentro de uma caixa sem orifícios para respirar.

Com o olhar abaixado, ela balança a cabeça. “Eu não entendo você, Lucian. Eu quero, mas não consigo.”

"Você não é a primeira e duvido que seja a última."

"Então você... não quer nada comigo."

Isso não poderia estar mais longe da verdade, mas respondo com mais mentiras. “Eu quero fazer uma série de coisas *com* você, mas isso é tudo, infelizmente.”

"E se eu concordar com isso?"

Essa garota. Esta excruciante linda e exótica garota que deixa meu pau pronto para rasgar o zíper agora.

"Eu acho que você é uma garota muito tola."

Lábios pressionados juntos, ela acena com a cabeça. "Bem... você não é o primeiro e duvido que seja o último." Ela finalmente se volta para a porta. “Para constar? Tirando o acidente com sua mãe, esta noite foi a melhor noite da minha vida”, diz ela, e se vira em direção ao elevador.

Cada músculo do meu corpo está tenso, ouvindo a evidência de sua retirada. O barulho do elevador. As fungadas. O deslizamento das portas. Minha oportunidade de tê-la escapando do meu alcance.

No momento em que ela vai embora, eu me sirvo de outra bebida, a mão tremendo de fúria.

Esta é minha maldição. O legado que meu pai deixou para trás, sexo sem sentido e miséria.

Eu levanto o copo para um gole, os dentes rangendo dentro do meu crânio, mas bato contra a mesa para que o líquido respingue na madeira.

Fechando os olhos com força, sucumbo ao visual dentro da minha cabeça. O olhar de êxtase no rosto de Isa, suas pernas em volta do meu corpo, seus gemidos ecoando nas paredes.

Eu preciso dela fora do meu corpo, fora da minha cabeça. Cada pensamento ao acordar envolve essa garota, estrangulando minha oposição, me implorando por uma prova. Um toque.

Eu quero o proibido. Eu quero a única coisa que me irrita mais do que qualquer coisa. A única coisa que eu não deveria querer.

Isa.

CAPÍTULO 40

ISADORA

Cócegas suaves na minha perna me arrancam dos sonhos, deslizo a lâmina debaixo do meu travesseiro, chutando meus pés para trás. Na escuridão do meu quarto, a faca atinge algo, e eu a mantenho apoiada lá enquanto tento alcançar a lâmpada ao meu lado. A corrente roça a ponta dos meus dedos e eu dou um puxão forte, a escuridão piscando para a luz.

O corpo enorme de Lucian paira sobre mim, como uma tempestade negra pronta para me levar para baixo, enquanto ele se mantém apoiado nos braços estendidos.

Minha lâmina em sua garganta.

As sementes que Nell plantou na minha cabeça no início da noite não floresceram quando vi as relíquias de seu filho e saí de seu escritório me sentindo como qualquer outro idiota de Tempest Cove que acredita nos rumores sobre ele. Adormeci me odiando por não conseguir fazer a única coisa que me torna diferente dos outros nesta cidade: pensar com objetividade. Ainda assim, assassino ou não, o homem carrega consigo uma ponta de perigo. Uma aura que ativa meus instintos, avisando-me para ter cuidado. Portanto, mantenho a lâmina onde está, enquanto meu cérebro se desenrola da confusão.

Minha atenção cai para seu peito nu e torso, momentaneamente distraída pelas veias tensas e profundas cristas de músculos duramente conquistados. O cheiro que sai dele é uma mistura inebriante de especiarias e um aroma masculino mais primitivo que molha minha boca. Algo queima

naqueles olhos infernais. Escuros e perversos. Por um momento, me pergunto se estou sonhando, até que ele se mexe e sinto minha calça deslizar pelas minhas coxas.

"Espera." Eu me contorço embaixo dele, nunca abaixando minha arma, e seguro sua mão, o que o faz parar.

“Você tem a faca, Isa. Use-a." Ele levanta o queixo, expondo mais de sua garganta ao fio implacável da lâmina, mas mesmo assim, ele volta a puxar minha calça pelas minhas coxas.

Uma vez que ela está fora das minhas pernas, ele a joga no chão, fico vulnerável sob ele. Metal tilinta enquanto ele mexe na fivela do cinto com uma mão, seus olhos nunca desviando dos meus enquanto ele afrouxa a calça e libera seu pau. Veias espessas e pulsantes alimentam a ereção longa e rígida capturada em seu punho, essa visão faz cócegas em meu estômago.

"O que você está fazendo?" Ainda meio adormecida, pisco duas vezes, tentando determinar se este é o verdadeiro Lucian, ou aquele com que sonhei no último mês.

“Estou te fodendo. Com, ou sem, a lâmina em minha garganta." Sua voz, baixa e profunda, dança em minha pele, deixando arrepios em seu rastro. Minha calcinha desliza para baixo em seguida, seus olhos brilhando com reverência quando ele para por um momento e separa meus joelhos. "Ou você vai me comer, ao que parece." O espanto em sua voz imita a expressão em seu rosto enquanto ele lambe os lábios.

Sem cerimônia ou desculpas, ele empurra dois dedos dentro de mim e eu engasgo com a intrusão. Seus dedos brilham com a retirada e, fechando os olhos, ele os enfia na boca. Ele estremece, balançando a cabeça e fechando as mãos em um punho. “Diga-me para parar, Isa. Pelo amor de Deus, diga-me para parar e eu irei. Eu juro."

Engolindo em seco, coloco a faca na mesa de cabeceira e balanço a cabeça, meu corpo inteiro tremendo. "Não."

Por um momento, nós nos encaramos em uma batalha de vontades, até que ele finalmente geme, tira minha calcinha e a joga fora. “Estou vendendo a porra da minha alma por isso, então espero que seja tão bom quanto imaginei.” Pegando seu pau, ele se acaricia enquanto parece admirar meu corpo, mordendo o lábio enquanto a iniquidade dança em seus olhos. Sombriamente erótico, ele me lembra do gêmeo mau em meus sonhos. Aquele que me fode sem desculpas. Aquele que secretamente mais desejo, por motivos que nem consigo explicar. “Não sou nenhum amante, não estou equipado para oferecer a segurança emocional que uma garota da sua idade exige. Para ser claro, estou aqui para te foder. Forte. Isso é tudo."

Suas palavras enviam um arrepio de antecipação pela minha espinha e minhas coxas se contraem. "Não estou procurando uma conversa estimulante de você."

“Então, está resolvido. Eu te dei uma escolha.” A textura áspera e irregular de sua voz exala desespero e contenção tênue. Músculos trêmulos e o brilho inflexível em seus olhos me fazem pensar se realmente tenho escolha. Se um homem poderoso como Lucian pode ser levado a ponto de tomar sem pedir.

Não importa. Eu sonhei com isso. Com ele. Vindo para mim durante o sono. Eu quero a besta selvagem que imagino estar sob a fina máscara de controle que ele usa. O demônio que sussurra em meu ouvido enquanto sonho, tecendo promessas depravadas. "Eu quero você", sussurro, recostando-me no travesseiro.

Abaixando-se, ele inclina sua boca sobre a minha, e eu engulo seu gemido. Ele agarra minha camisa, puxando a bainha dela, expondo meus seios nus por baixo, e o grunhido de

apreciação vibra sobre minha pele quando ele mergulha o rosto para me sugar.

Eu seguro a parte de trás de sua cabeça, me contorcendo contra o puxão impiedoso em meu mamilo. Uma onda de dor vem com a raspagem de seus dentes, e eu grito, fechando meu punho em torno de um punhado de cabelo. "Mais por favor." Bêbada de luxúria, estendo a mão descuidadamente entre as minhas coxas e seguro seu eixo tenso.

Puxando seu quadril para frente, ele me permite acariciá-lo, enquanto se mantém apoiado nos braços estendidos. Ele balança lentamente na minha palma, seu pau mais duro do que antes. Tão duro que não consigo imaginá-lo encaixando isso em mim.

Eu mexo meu quadril embaixo dele, balançando no mesmo ritmo que suas estocadas imaginárias, e no momento em que seus olhos finalmente encontram os meus, desesperados e famintos, sei que estou em apuros. Eu finalmente o empurrei além do limite.

"Por favor, Lucian."

"Eu poderia." O comprimento de seu pau desliza pela minha entrada encharcada que está doendo para ser preenchida. Me provocando e me provocando. “Mas eu quero ver você se contorcer embaixo de mim como uma isca fisgada. Desesperada."

Mordendo meu lábio, eu me concentro na sensação de sua pele contra a minha, esfregando minha fenda sensível toda vez que ele avança. A luxúria queimando em minha barriga como bobinas quentes prontas para pegar fogo.

“Quero que meu nome ecoe em sua cabeça como uma lâmina em seu crânio, porque é isso que você é para mim. A faca que corta cada vez mais fundo.” Cada palavra que sai de seus lábios é como minha própria lâmina se arrastando em meu braço, e eu gemo ao pensar em tal alívio, naquele momento em que o sangue vaza pela queimadura.

“Por favor”, lamento, meu corpo tenso e tremendo, esperando por isso. Rolar minha cabeça no travesseiro é tudo que posso fazer para lutar contra a paixão febril que queima em mim. O desejo que sinto por ele agora deve ser o que todo viciado no planeta sofre, pouco antes de a agulha entrar na veia. "Eu preciso disso. Preciso de você."

O som de rasgo chama minha atenção para onde ele rasga um preservativo de sua embalagem entre os dentes e o desliza por seu comprimento antes de jogar o invólucro na mesa de cabeceira. "Você ama isso. Você ama o que faz comigo, não é?" Com o pau embainhado na mão, ele joga minhas pernas sobre os ombros e avança, meu corpo fica tenso com seu tamanho e eu respiro com força por entre os dentes cerrados.

“Relaxa, Isa.” Ele se adianta, trabalhando seu caminho mais fundo, me esticando com sua circunferência. Enquanto ele empurra até o cabo, enchendo meu útero, seus dentes se juntam em um silvo que termina em uma maldição.

Como uma corda invisível puxando meu peito, eu arqueio para ele e grito.

Capturando meus gritos em sua boca, ele come meus gritos de dor, devorando minha respiração e empurrando mais fundo. Um grunhido vibra contra meus lábios e seu pau desliza para dentro e para fora de mim, criando um deslizamento úmido.

"Porra, Isa", diz ele contra a minha boca. "Porra!" Sua respiração está quebrada e fervente, dentes arranhando meu queixo.

Músculos sólidos flexionam e tremem sob minhas mãos, onde seguro com força seus ombros, puxando-o para mim. Em uma missão obstinada em direção ao clímax, ele devasta meu corpo, tirando o que quer de mim. Ardente e inquieto, ele fode como se toda a sua existência dependesse do prazer, como se fosse

um requisito para sua sobrevivência e eu fosse a fonte de alimento.

Tudo o que posso fazer é aguentar e torcer para sobreviver ao rescaldo.

Com a pele escorregadia de suor, ele me lembra um animal faminto solto de seus limites, determinado a se alimentar até a gula.

Meu estômago aperta com a visão dele, o cheiro de sua pele e os sons de tapa que ecoam no quarto, enquanto ele se esforça para conseguir o que precisa de mim. Estou tremendo de empolgação e medo do que está por vir. A incerteza do que significa agora que cruzamos essa linha.

Em minhas experiências com sexo, que nada mais foram do que rapidinhas no banco de trás de um carro, não houve nada além disso. O cara fechava as calças e me deixava em casa. Eu gostaria de poder dizer que confio em Lucian completamente e sei que ele não vai me descartar depois, mas não posso confiar no que nunca conheci. Por mais que eu queira gozar e ceder ao prazer ao lado dele, não quero que o momento acabe, por medo do vazio negro. A humilhação e a vergonha que inevitavelmente se seguem.

Eu me ofereço como um sacrifício, deixando-o rasgar minha pele, até meus ossos, onde as partes vulneráveis de mim estão enterradas tão profundamente que eu nem mesmo as reconheço mais. Fantasias secretas envoltas em delicadas fitas pretas, apenas querendo que um homem como Lucian puxasse os cordões e desfizesse minha fachada fortemente tecida.

Estamos apenas nos divertindo um pouco.

Os minúsculos compartimentos dentro da minha mente se abrem para as vozes do meu passado, e com os olhos cerrados, balanço a cabeça, desejando que eles se afastem.

Não, por favor. Agora não. Não vou deixar que estraguem este momento.

Você é suja. Nada além de uma vagabunda suja.

Um espasmo de dor envia luzes denteadas por trás das minhas pálpebras, o pânico infiltrando-se nas franjas. "Não", sussurro.

Uma suave carícia contra minha bochecha atrai meus olhos para Lucian. Meu cavaleiro das trevas. A sombra na minha parede quando durmo. As cócegas na minha pele quando estou sozinha.

Um homem. Não os meninos egoístas e infantis do meu passado, que pegam sem permissão e tocam sem convite.

Ele diminui suas investidas, seus olhos queimando de preocupação. “Isa, o que há de errado? Estou te machucando?"

Só então percebo as lágrimas escorrendo pelas minhas têmporas e balanço a cabeça.

"Por que você está chorando? Isso é o que você queria, não é?"

Eu estico para tocar seu rosto, correndo meu polegar sobre sua cicatriz. "Você já desejou que um momento pudesse durar para sempre?"

Inclinando a cabeça, ele parece me estudar, então se inclina para outro beijo, este menos exigente, gentil. Ele desliza minhas pernas para fora de seus ombros e se abaixa sobre os cotovelos para que nossos corpos fiquem mais próximos, meus seios pressionados contra seu peito. Com a testa apoiada na minha, ele rola os quadris, suave e firme como um metrônomo, em um ritmo preguiçoso e lânguido. "Vou aguentar o máximo que puder, mas não posso mentir, você está me queimando agora."

Eu levanto a cabeça para beijá-lo e envolvo minhas pernas em torno de suas costas. "Não. Estou pronta. Apenas me prometa,

depois? Você não vai me tratar como uma merda.” Mais lágrimas brotam dos meus olhos e me odeio por ter arruinado isso. Eu odeio que meu passado esteja cheio de tanta bagagem que eu poderia começar minha própria empresa de malas. Odeio que agora ele conheça minha pior fraqueza.

Ele beija a lágrima que desce pela minha têmpora e seus olhos estão fixos nos meus. "Eu te disse, há uma diferença entre ser fodida por um menino e ser fodida corretamente." Afagando meu cabelo com a mão, ele tem uma expressão séria. "Você é minha. E eu nunca machucaria o que é meu.”

Com os lábios pressionados nos meus, ele aumenta o ritmo novamente, puxando meu corpo de volta.

Você é minha. Talvez tenha escapado de seus lábios sem querer, porque apenas alguns momentos atrás, ele me disse que tudo o que veio fazer foi me foder. Forte.

Você é minha.

Minha.

Sua.

"Sua", eu sussurro sem pensar, observando com admiração enquanto o clímax atinge seu rosto como o sol nascendo na beira do oceano. O fluxo de sangue sob sua pele, o brilho da violência em seus olhos, com cada impulso dentro de mim. Ele inclina a cabeça para trás, e as veias em seu pescoço pulsam com o aperto de sua mandíbula, enquanto seus quadris martelam em mim.

“De novo”, ele diz, asperamente.

"Sou sua." Ofegando pelo nariz, agarro os lençóis de cada lado de mim, lutando por algo em que me agarrar, enquanto o pináculo do êxtase se aproxima e as cordas frágeis que me prendem começam a se desgastar. Meus sentidos se confundem com nada além de Lucian. Os olhos dele. O cheiro dele enchendo

meu cérebro com um desejo voraz. O sabor delicioso de sua pele na minha língua.

Movimentos rápidos e controlados fazem seu pau entrar e sair de mim, suas coxas poderosas batendo nas minhas. Ele se inclina para outro beijo, selando nossos lábios enquanto meu corpo tem sede de oxigênio. Viro a cabeça para interromper o beijo, mas ele segura meu queixo, me sufocando com sua boca. Eu gemo e me movo contra ele, meu corpo em um frenesi. Um redemoinho de agonia e promessa.

Ele não para.

Corpo sacudindo por ar e a necessidade de liberação, eu subo mais e mais alto. Mais e mais tensa. Fecho meus olhos para um flash de luz cegante, e arqueio minhas costas, finalmente quebrando o beijo em um suspiro de respiração, e a onda quente explode em minhas veias. Gritando, arqueio mais alto, meu corpo paralisado com o prazer pulsando em cada músculo.

A cama range quando ele bate nos últimos segundos, e sua maldição ricocheteia nas paredes ao meu redor. Jatos de líquido quente vazam pela minha coxa e ele direciona mais na minha barriga, onde ele arrancou a camisinha e começou a se acariciar. Fitas brancas brotam da cabeça do seu pau, acumulando-se em uma poça de fluidos quentes.

Ele pega minha mão, alisando minha palma sobre sua liberação pegajosa e me beija com força. "Você sente isso? Semanas de tormento reprimido, tudo para você. Use-o como a porra de uma coroa, porque nenhuma outra mulher me fez gozar tanto na minha vida."

Suas palavras são grosseiras, mas quentes, e quando ele desliza as mãos por baixo de mim, me levantando da cama, estou tão exausta, exaurida e satisfeita, que mal consigo envolvê-lo em meus braços.

"Onde estamos indo?" pergunto, sem fôlego.

"Vou limpar você e depois vou te foder de novo." Seu comentário puxa uma risada fraca do meu peito, enquanto descanso minha cabeça em seu ombro. "Você acha isso divertido?"

“Eu acho isso incrível.” A parte da limpeza, em particular. Ninguém costuma ficar por tempo suficiente para me limpar, além de me jogar um pano de algum compartimento do carro. Talvez seja essa a diferença, como ele me avisou, entre foder um menino e um homem.

“Bem, prepare-se. Porque a única coisa que me tira do sério mais do que facas é a água.”

CAPÍTULO 41

LUCIAN

Cinco anos atrás …

“HÁ uma reunião no Instituto esta semana. Vou pedir que você vá no meu lugar. Será bom para você conhecer alguns dos membros do grupo.” Meu pai se recosta na cadeira, os pés apoiados na poltrona, como se o pedido não tivesse importância para ele.

Em frente a ele, eu me inclino para frente e franzo a testa. “Não é uma boa semana. Roark está acordando com pesadelos…”

“Ele tem uma mãe. Você tem um emprego. E uma de suas funções nesse cargo é comparecer às reuniões em meu nome.”

“Este não é um encontro de verdade”, solto de volta, olhando para ele sob as sobrancelhas baixas. "É uma perda de tempo. Um tempo precioso que eu poderia passar com meu próprio filho.”

"Uma perda de tempo. Uma perda de tempo?" O tom de sua voz é um aviso, o suporte de uma arma apontada para minha cabeça. “Ter tempo para ficar com seu filho é inteiramente possível pelo grupo, que tirou seu avô de uma vida de merda. Se não fosse por este grupo, você estaria na porra do mar durante meses do ano, implorando por restos de tubarão para que pudesse alimentar sua preciosa família!”

“Uma dívida que foi paga há décadas com sangue.”

“Uma dívida que nunca vai ser paga, seu merda ingrato!” A bebida derrama do copo em sua camisa com os movimentos bruscos de sua raiva.

“Odeio desapontá-lo, pai, mas não nutro seu amor por fazer meu filho infeliz. Eu não sou a porra de um sádico que se diverte assistindo a tortura de outro homem."

Ao som de algo se estilhaçando em uma sala próxima, seguido pelo que devem ser os gritos de Anna, viro a cabeça em direção à porta. Em um instante, estou me empurrando para fora da cadeira, saio da biblioteca e caminho pelo corredor, para encontrar Anna e Roark no quarto do meu pai.

Pequenos pedaços de porcelana jazem espalhados próximos aos pés minúsculos de Roark, enquanto ele cutuca o lábio, observando Anna se esforçando para limpar. Pela coloração de cada peça, parece ser uma das muitas canecas de cerveja que meu pai colecionou ao longo dos anos.

Ajoelhando-me ao lado de Anna, eu a ajudo a juntar as peças antes que Roark possa pisar em uma.

“Sinto muito, Mestre Lucian. Estávamos brincando de esconde-esconde e...” Pequena, e talvez com apenas 20 anos, Anna sempre parece nervosa perto do meu pai. Sem dúvida, ela provavelmente está pronta para se arrancar de sua pele para evitar a ira dele por isso.

"Está tudo bem."

"O que está acontecendo aqui?" Meu pai bate no meu ombro ao passar e, quando se inclina para a frente para pegar um pedaço muito maior da caneca, uma expressão de choque é registrada em seu rosto. “Este foi o último Thewalt já feito. Você tem alguma ideia do que fez?” Ele cambaleia em direção a Anna, mas se vira em direção ao meu filho, segurando seu ombro.

Ao primeiro grito de Roark, fico de pé em uma onda de pura adrenalina.

Meu pai recua a mão para golpeá-lo, mas eu pego seu pulso, meus dentes rangendo de raiva. Uma fúria cegante explode dentro de mim, e eu o empurro com força contra seu peito, jogando-o para trás, sobre a mesa de centro, e ele cai no chão.

Roark chora quando o levanto em meus braços, meu corpo inteiro tremendo com uma violência potente, respiro com dificuldade pelo nariz para recuperar o fôlego. “Se eu ver você levantar a mão para meu filho novamente, guarde minhas palavras, eu terei prazer em seu sofrimento.”

Com uma mão segurando seu braço, ele se senta para frente e ri secamente. "Eu vejo que a característica está viva e bem dentro de você, afinal."

CAPÍTULO 42

ISADORA

Dias de hoje …

O calor da água do banho me envolve como um cobertor aconchegante, enquanto me sento no colo de Lucian, minha bochecha pressionada contra seu peito, ouvindo seu coração. Depois de outra rodada de sexo na banheira, ele já lavou cada centímetro de mim, incluindo meu cabelo, me deixando relaxada e satisfeita para adormecer bem aqui.

Uma parte de mim odeia esse conforto que sinto com ele, depois que ambos concordamos que isso não era nada mais do que sexo, mas eu não poderia ter antecipado as emoções que ele despertou dentro de mim, a segurança e a confiança. Esperava que ele me tratasse como qualquer outro idiota que tirou um pedaço de mim, e me odeio por secretamente querer mais dele, como algum tipo de traição.

Com os braços estendidos ao longo da borda da banheira, ele respira fundo, e eu levanto a cabeça apenas o suficiente para olhar para ele. O vapor do banho adicionado ao brilho suave de uma vela lança um brilho em sua pele, enfatizando os músculos de seus braços e tórax.

Ele parece um deus. Um endurecido pela vida e ferido em batalha.

Com os olhos nos dele, inclino-me para frente e lambo o orvalho de sua pele, passando minha língua sobre seu

mamilo. Empurrando para frente, ele morde o lábio e rosna, a expressão em seu rosto é um aviso. “Você é uma visão da tentação da carne, Isa. A maior fraqueza de um homem.” Seus olhos caem em meus lábios e ele se inclina para me beijar.

"E você deveria ter sido um poeta, em vez de um grande e mau magnata da navegação."

“Eu teria ficado mais feliz com isso.”

Eu coloco meus lábios sobre os dele e beijo ao longo de sua mandíbula até a garganta. “O que te deixa infeliz?”

"No momento? Saber que a água do banho vai esfriar em breve e teremos que sair.”

Sorrindo contra sua garganta, arrasto meus dentes sobre sua pele, e ele se mexe embaixo de mim.

“Se você continuar fazendo isso, podemos não ir a lugar nenhum por um tempo, no entanto. Frio ou não.”

“Seremos ameixas.”

"Uma combinação adequada para o meu rosto, então."

Com um braço em volta do pescoço dele, eu traço a cicatriz ao longo de seu lábio com meu dedo. "Acontece que gosto muito do seu rosto."

Suas palmas deslizam pelas minhas coxas, parando em meus quadris, enquanto ele se inclina para um beijo. "Isso faria de você a primeira."

“Acho as cicatrizes *muito* atraentes.”

O som de sua risada ecoa no cômodo cheio de vapor. "É mesmo?"

"Sim. Elas contam a história de um homem interessante.”

Baixando as sobrancelhas, ele vira sua metade cicatrizada para longe de mim.

"Sinto muito. Eu não queria dizer algo perturbador."

"Não há nada de interessante nessas cicatrizes. A única história que contam é de arrependimento e dor."

Eu olho para baixo entre nós, para onde as linhas finas marcam meu antebraço. "As minhas também."

Ele pega meu pulso e esfrega o polegar sobre as cicatrizes. "Diga-me."

Não quero falar disso agora e estragar o contentamento, mas seus olhos me imploram. Confiante e cheio de tristeza, lembro-me do mesmo olhar quando ele abriu uma de suas próprias feridas, mostrando-me as fotos do seu filho no início da noite.

O que poderia ser pior do que a dor de perder um filho?

Desviando meu olhar do dele, reúno forças para rasgar essas cicatrizes e deixá-las sangrar pela primeira vez em meses. "Era janeiro. Meu último ano. Todo mundo estava contando os dias, e eu só estava... tentando me segurar. Eu não tinha ideia do que faria quando o colégio terminasse. E não é como se eu amasse o lugar, sabe? Todo mundo me odiava lá, exceto Kelsey."

"Ela é sua amiga."

Eu concordo, correndo meus dedos sobre os pelos finos do seu peito. "Como uma irmã." O sorriso no meu rosto murcha com a minha carranca.

"O que aconteceu?" A voz de Lucian é um som distante com a música retumbando dentro da minha cabeça, enquanto minhas memórias me transportam de volta àquela noite.

"Fui a uma festa com ela. Não era minha praia, mas... era o último ano e ela me implorou para ir. Um cara que ela queria ver

lá. Brady era o seu nome.” Posso sentir o cheiro da cerveja estragada e o cheiro forte e pungente de erva de quando entramos na casa naquela noite. A promessa de coisas ruins no ar e na minha pele. “Tinha um cara lá. Um que eu tinha visto por aí. Talvez dezenove anos. Todas achavam que ele era tão gostoso. Eu costumava ouvir as meninas falando sobre ele no banheiro. Coisas que elas gostariam que ele fizesse com elas.” Balançando a cabeça, zombo da estupidez, da ingenuidade dessas meninas agora. “Imagine minha surpresa quando ele se sentou ao meu lado. Ele falou *comigo.* De todas aquelas garotas. Eu me senti tão... única, pelo menos uma vez. E ele era bom. Ele falava de livros, sabe? Algo com o qual eu poderia me relacionar.”

"E onde estava Kelsey quando você falou com esse garoto?"

"Ela saiu para encontrar o cara que ela queria ver lá." Fechar os olhos adiciona cores vivas à cena — as luzes vermelhas ao redor da sala, a música tocando no alto-falante, copos vermelhos de álcool espalhados pelo chão. Vermelho. “Estava tão alto. Todo mundo estava bêbado. Parecia que, poucos minutos depois, ela estava cambaleando atrás do cara na direção da casa da piscina.”

"Brady?"

Eu fico olhando para longe, perdida na memória. O borrão da cena que passei meses afastando com terapia e sombras escuras. *Estamos apenas nos divertindo um pouco.*

"Ela cambaleou atrás de Brady?" O som da voz de Lucian me traz de volta ao presente e eu aceno.

"Sim. Desculpa. O filho *amado* de Tempest Cove”, prossigo.

Um flash de seu torso nu pisca na minha cabeça, acima do eco distante de uma risada.

"Ela ficou bêbada."

Gritos perfuram meus ouvidos e eu fecho meus olhos, respirando com dificuldade pelo nariz enquanto as memórias esboçadas chegam como imagens semi-desenhadas com as bordas apagadas.

“Ele rasgou a roupa dela. E ela estava tão bêbada que não conseguia nem lutar."

A ponta afiada de uma lâmina raspa o papel totalmente branco, conectando as linhas da imagem em arranhões cinza-claros. Não consigo olhar para a imagem mental se formando dentro da minha cabeça — o corpo nu de uma garota deitada no chão. Como se eu estivesse olhando para ela, marcada na página em traços ásperos.

“Havia mais deles. Seus companheiros de equipe. Talvez quatro ou cinco, não me lembro. Eles riam, enquanto ele a estuprava. Todos eles assistindo, implorando por uma chance."

Uma escuridão se agita no fundo das minhas entranhas enquanto o resto da história escoa para fora de seu compartimento trancado, as imagens mais claras conforme mais linhas convergem na imagem, riscos escuros preenchidos com tinta preta fria, trazendo detalhes para a vida. Suas pálpebras semicerradas. O tapete sujo embaixo dela. Marcas de hematomas onde ele a segurou com muita força.

"Onde você estava quando isso aconteceu?" A voz de Lucian desaparece sob os sons lembrados de grunhidos e tapas na pele, xingamentos e choro.

“Eu estava me escondendo. Escondendo-me de todos eles. Não conseguia respirar. Mas então eu gritei. Gritei tão alto, mas ninguém conseguia me ouvir.” Eu nem mesmo percebo que estou agarrando o peito de Lucian, até que meus olhos focam nos arranhões em sua pele.

"O que aconteceu com a garota?"

O que aconteceu com a garota? Sua voz ecoa dentro da minha cabeça.

“Ela gritou mais alto. Nossos gritos foram finalmente ouvidos por um vizinho, que apontou uma lanterna. Todos eles se assustaram e fugiram.”

“E a garota. Ela escapou?"

"Escapou." Como um rolo de filme, a memória continua girando dentro da minha cabeça.

Envolvi meu braço em torno de Kelsey, nós duas cambaleamos para fora da casa da piscina. O ar frio do inverno contra meu rosto, enquanto nós duas voltávamos para o carro.

O desejo de chorar puxa a parte de trás dos meus olhos, e eu empurro o peito de Lucian, concentrando-me em cada respiração, como meu terapeuta me disse para fazer sempre que a ansiedade me atingisse. Fechando os olhos, me concentro em cada contagem, inspirando e expirando, para dentro e para fora, até que o latejar em minhas veias diminua, e quando sinto o braço de Lucian apertar minhas costas, abro os olhos novamente.

“Deve ter sido muito traumático de assistir. Eu não deveria ter sido tão rude com você esta noite." Seu comentário me atrai para fora dos pensamentos sombrios, empurrando-os de volta para dentro de suas caixas.

“Há uma diferença entre aspereza e estupro. Alguém traindo completamente sua confiança. Fazendo você se sentir pequena e fraca. Inútil."

"O que eu não daria para estar naquele quarto naquela noite." As sombras por trás de seu olhar enviam um arrepio na minha espinha enquanto imagino quais pensamentos invisíveis capturaram seu foco. "Eles teriam se arrependido de colocar a mão naquela garota."

Apesar da angústia zumbindo em minhas veias, tento imaginar isso. O Diabo de Bonesalt ensinando àqueles adolescentes uma lição de carma. Que resultado diferente poderia ter sido, e talvez eu não tivesse sido atormentada com tantos pesadelos depois. "Você é a primeira vez que me sinto segura."

"E você é a primeira vez em muito tempo que sinto alguma coisa." Ele beija minha testa, apertando minha nuca. A cada segundo que passa, as memórias se fecham mais forte e meus músculos tremem menos.

“Fale-me sobre a música. Como você conseguiu esse dom?” Sua mudança de assunto é uma distração bem-vinda das poucas sensações remanescentes que ainda zumbem dentro de mim.

Eu exalo uma respiração instável, mentalmente desejando que minha cabeça deixe de lado as imagens fantasmas que ainda nublam minha cabeça. "Nenhuma ideia. Meu pai, talvez? Só que eu não sei nada sobre ele. Ele morreu quando eu era jovem. Definitivamente não foi minha mãe, no entanto.”

"O que você pretende fazer com isso?"

Dando de ombros, balanço a cabeça. "Eu não pensei sobre isso." Inclinando-me para frente, pressiono meus lábios nos dele e sinto suas mãos deslizarem até meus quadris. “Chega de falar sobre mim. Quero saber sobre você. Como conseguiu suas cicatrizes?”

"Eu vou te dizer algum dia, mas não esta noite." Com o polegar traçando a borda do meu queixo, ele parece estar perdido em pensamentos novamente. “É uma história longa e desagradável. E você precisa dormir.”

CAPÍTULO 43

LUCIAN

Quatro anos atrás …

Estaciono a Ducati no arco da entrada na mansão e desligo o motor. Não é sempre que consigo montá-la hoje em dia, mas o primeiro dia de primavera trouxe um clima quente, e a longa viagem até o escritório parecia muito melhor, com o vento passando por mim a velocidades que fariam os olhos da minha mãe girar.

Meu pai está parado na janela de seu escritório, me observando, enquanto desço da moto. Quase trinta anos, e ainda sou tratado como um adolescente.

Enquanto corro escada acima, Rand me encontra na porta, e eu jogo para ele meu capacete.

“Bom trabalho ao negociar esse contrato, Mestre”, ele diz de passagem.

Sem dúvida, meu pai contou a ele sobre o acordo que fechei com um de seus fornecedores esta tarde, garantindo milhões para os próximos dois anos. Mais segurança para a Blackthorne Enterprises.

"Obrigado. Roark está em seu quarto?"

"Acredito que foi onde eu o vi pela última vez."

Sigo para o segundo andar e viro à esquerda no corredor, ao longo do qual o quarto de Roark foi oficialmente transformado em

um pit stop da Fórmula Um. Apenas três anos e meio, e o garoto já está me puxando. Entro para encontrá-lo sentado no chão com seus carrinhos de brinquedo e me encosto no batente da porta, observando-o por um segundo.

Passando com o carro por cima de um tapete, ele fala consigo mesmo. “É, eu sou o vencedô! Eu ganhei a coída. Oh, quer correr de novo? Sim!"

Sorrio ao vê-lo, e quando ele se vira para me encarar, aqueles olhos azuis se iluminam.

"Papai!" Ele larga os carros e dispara pelo quarto, e eu me ajoelho para pegá-lo. Batendo em mim, ele quase me derruba sentado. "Você vê meu novo cauo, papai?" Ele aponta para um de seus brinquedos descartados no tapete. "Tio Wand trouxe pra mim."

“Tio Wand, hein? Onde o tio Rand conseguiu um carro de brinquedo?”

"Ele comprou na loja pá."

Com um sorriso, corro minha mão sobre seu cabelo loiro. Outra característica que ele ganhou de Amelia. "Como foi seu dia, amigo?"

"Bom. Você trabalhou?”

"Eu trabalhei. Também fiz um grande negócio.” Eu levanto minha mão, e ele salta para o high five.

"Quer bincar de coída comigo?"

"Deixe-me tomar banho e terminar um pouco de papelada bem rápido, e eu darei algumas voltas com você."

"Viva!" Ele pula e se joga em mim.

Com os braços em volta dele, eu o puxo para um abraço e beijo sua bochecha.

Uma figura passa por nós enquanto Amelia entra no quarto. "Ok, Roark, hora do banho."

Nós dois não falamos muito, comigo estando fora a maior parte do dia, mas ela não dorme tanto quanto fez por um tempo. Ultimamente, ela se levanta e se veste antes das dez, pelo que entendi, e até começou a levar Roark e Sampson para passear no jardim. Nunca seremos o que ela imaginou, mas pelo menos não seremos o que eu imaginei também. As mãos enfiadas no bolso, o cabelo puxado para trás em um coque solto, ela usa jeans e um top fluido que não é o que ela usaria dez anos atrás. Ela parece mais velha. Ainda bonita, mas envelhecida pelo estresse.

"Como foi hoje?" Minha mãe deve tê-la informado, pois eu certamente não disse a ela o que estava em minha agenda.

Mesmo assim, eu respondo, “Tudo bem. Você?"

"Bem."

Segue-se um silêncio constrangedor, como sempre acontece. Normalmente, ela tenta preencher a lacuna com uma conversa benigna sobre o tempo ou meu escritório. Na maioria das vezes, acho que ela está procurando que eu escorregue e diga a ela que estou transando com alguém no trabalho. Esta noite, eu não dou chance a ela.

“Tenho alguns papéis para terminar.” Direcionando minha atenção de volta para Roark, aponto para ele, me apoiando em direção à porta. “Vejo você em alguns minutos, amigo. Dê algumas voltas de aquecimento, ok?"

"Ok, papai."

“Lucian”, ela chama atrás de mim, fazendo minha fuga parar. “Eu estava pensando... se você quiser amanhã. Podemos jantar? Juntos? Nada especial. Só... colocando em dia.”

Em quatro anos se ignorando? Passei dois desses anos ressentindo-me dela. Nós três nunca comemos em família. Eu pego algo no caminho do escritório para casa, ou como sozinho mais tarde, depois que todos já foram para a cama.

"Vou pensar sobre isso."

"É justo. Vou para a cama depois do banho de Roark. Você pode garantir que ele durma?"

"Sim. Onde está Anna?"

"Eu dei a ela a noite de folga. Apenas tentando..." Com o olhar lançado para baixo, ela balança a cabeça. "Esquece."

"Tentando o quê?"

"Voltar a ser mãe." É estranho ouvir essas palavras dela, considerando que ela passou o primeiro ano de vida de Roark evitando o papel. "Não quero que meu filho seja criado por outra pessoa."

Com os lábios apertados, aceno com a cabeça em aprovação, embora eu não tenha estado muito perto de Amelia estes dias para saber como esse tipo de responsabilidade pode ficar sobre ela.

"De qualquer forma, me avise sobre amanhã."

"Aviso. Boa noite."

~

"Seu pai está incrivelmente orgulhoso de você." Minha mãe está parada na porta, braços cruzados, enquanto eu sento curvado sobre a pequena papelada que estou tentando terminar para que eu possa sair com Roark, como prometido.

“Tenho certeza que ele está. Mais uma razão para jogar essa merda de lado."

Zombando, ela entra na sala e caminha até a bebida que está colocada em uma bandeja. O vidro tilinta quando ela fica de costas para mim, se servindo uma bebida, e quando se vira, está carregando duas, uma das quais ela coloca sobre a mesa.

Afundando na cadeira na minha frente, ela levanta o copo. “Felicidades pela sua negociação bem-sucedida.”

Eu levanto meu copo e aceno. "Obrigado."

Os segundos passam silenciosamente, antes que seus lábios se abram em um sorriso. "Amelia parece estar se sentindo melhor hoje em dia."

"Parece estar."

"Se vocês dois quiserem um tempo para fugir, fico feliz em olhar Roar..."

"Não. Isso não será necessário.”

“Lucian, ela está tentando. Você tem que dar isso a ela."

“Agradeço seus esforços, mas não estou aqui para fingir. Eu não escolhi isso.” A única coisa que solidificou minha decisão de jogar foi o resultado do teste de paternidade que deu positivo de que eu era o pai. Pelo bem do meu próprio filho, dei uma chance à merda da família.

"E você acha que ela escolheu?"

“Por que você está aqui, mãe? Para lançar outra viagem de culpa em mim?"

Os lábios franzidos, como fazem quando ela tenta encobrir um comentário espertinho dirigido ao meu pai, ela pousa o copo na mesa. “Considere jantar com ela amanhã. Afinal, vocês

dois ainda *estão* casados. É importante construir o que puder antes que o ódio verdadeiro se instale."

"Como você e meu pai? Por que se preocupar em ficar juntos? Você poderia estar fazendo suas próprias coisas agora. Seguir o desejo do seu coração, em vez de jogar os joguinhos de poder dele."

"Porque o divórcio é uma bagunça. E caro. Além disso, o coração é um órgão perigoso que não foi feito para ser livre. Por que outro motivo Deus teria construído uma gaiola para ele?"

Se havia alguma dúvida sobre a origem da minha falta de fé no amor e nos relacionamentos, estou encarando metade da razão agora. "Sem promessas. Mas vou pensar no jantar. Agora, se me dá licença, preciso terminar isso para poder ficar com meu filho."

"Claro." Minha mãe junta os copos de bebida alcoólica e sai do escritório.

Eu olho para o relógio na minha mesa e para o meu do pulso que marca vinte para as oito. "Mais dez minutos."

~

Uma superfície dura e fria pressiona minha bochecha, meu queixo doendo, e abro os olhos para as folhas de papel branco. A dor pulsa dentro do meu crânio. Com os olhos cerrados de agonia, sento-me e esfrego o sono deles.

O relógio marca quase onze horas.

Merda.

Adormeci. Eu nem me lembro de ter feito isso.

Merda.

Tendo crescido com um homem que nunca brincou comigo quando criança e nunca cumpriu suas promessas, faço questão de fazer as duas coisas com Roark.

Ficando em pé, a sala gira por um segundo, e eu protejo meus olhos atrás da palma da mão até que pare novamente. *O que diabos está errado comigo?*

Cambaleando para fora do escritório, tropeço pelo corredor em direção ao quarto de Roark, os retratos de ancestrais na parede entrando e saindo de foco. Devo estar totalmente exausto.

Quando entro no quarto escuro, encontro a forma adormecida de Roark no chão, cercado por seus brinquedos. Não é incomum ele adormecer enquanto brinca. É por isso que Amelia pediu que eu o verificasse. Sem ninguém fisicamente o colocando para dormir, ele fica acordado todas as horas da noite até que ele desmaie.

Tento me livrar da tontura e atravesso o quarto, onde me ajoelho ao lado dele. Algo está parado ao lado, e eu franzo a testa quando percebo o que é. Um frasco de comprimidos. Pequenos comprimidos azuis estão espalhados pelo chão. Eu levanto o frasco, virando-o para encontrar o nome de Amelia impresso no rótulo, e abaixo dele, Lorazepam.

Ativan.

O pânico aperta o punho em volta do meu peito, e eu viro Roark, imediatamente notando a palidez branca de sua pele, o azul de seus lábios.

"Roark!" Eu agito seu pequeno corpo para acordá-lo, todos os músculos do meu corpo tremendo com a vontade de vomitar. "Roark!"

Seus cílios tremem, suas pálpebras abrem para mostrar pupilas dilatadas que não parecem se concentrar em mim. “Eu durmo, papai”, ele diz fracamente.

"Não, não. Não durma.” Afagando seu cabelo, tento mantê-lo acordado. "Não durma, amigo, ok?" Eu o levanto em meus braços, pressionando-o contra meu peito. "Você não pode dormir ainda."

"Eu que ro o De de." Seu ursinho de pelúcia.

Não tenho tempo para procurar. Eu nem sei se terei tempo de alcançar meu telefone. "Ajude-me! Alguém me ajude!" Meus gritos ecoam pelo corredor, ricocheteando nas paredes. Correndo de volta para meu escritório com Roark em meus braços, encontro meu telefone na mesa e digito *9-1-1* com uma mão.

"Eu durmo, papai."

"Não, não. Fique acordado um pouco mais, Roark.”

"Nove, nove, um, qual é a sua emergência?" Ao som de outra pessoa do outro lado da linha, toda a urgência sai de mim.

“Meu... meu filho! Ele... ele entrou no meu... ele tomou Ativan.”

"Acalme-se, senhor, ele está com você agora?"

"Sim!" Coloco o telefone contra o ouvido para segurar a nuca de Roark e o deito suavemente sobre a mesa.

Seus olhos estão fechados novamente e, se possível, seu rosto tem um tom de branco mais fantasmagórico.

"Não, não, não! Roark, acorde!”

"Mestre Blackthorne, está tudo bem?" Ao som da voz de Rand, eu estico a mão com meu telefone.

“Fale com ela por mim! É uma emergência. Roark pegou as pílulas de Amelia!” No momento em que ele tira o telefone da minha mão, volto para o meu filho. "Ei amigo. Você precisa acordar." Eu dou uma leve sacudida e levanto suavemente sua bochecha. "Roark, acorde."

"A ambulância está a caminho, Mestre." A voz de Rand é um som distante para o fluxo de sangue batendo dentro dos meus ouvidos.

“Ele não acorda. Eu não consigo fazer com que ele acorde!" Eu me inclino, pressionando meu ouvido em seu peito, ouvindo o batimento cardíaco.

Nada.

"Roark?" Quando me aproximo de sua boca, não sinto o calor de sua respiração na minha pele. "Ele não está respirando."

"A operadora diz que você precisa realizar uma RCP nele, senhor."

"Eu não sei a porra de RCP!"

"Permita-me, Mestre." Colocando a mão no meu braço, Rand me puxa de lado, colocando-se entre mim e meu filho, e em segundos, ele vai trabalhar em seu peito, enquanto fala com a mulher ao telefone. Contornando a mesa, vejo através de um escudo de lágrimas quando a única coisa neste mundo que já importou, que me deu um propósito, está escapando do meu alcance.

Amelia entra na sala, correndo em direção a Roark, e ao vê-la, imagino envolver minhas mãos em torno de sua garganta. Apertando até que seu rosto fique tão branco fantasmagórico quanto o de Roark.

"O que aconteceu? O que está acontecendo?"

Um músculo em minha mandíbula treme, enquanto ela está ao lado de Rand, acariciando o cabelo do menino.

"O que você fez?" Eu cerro os dentes. "Que porra você fez?"

A raiva na minha voz deve alcançá-la alta e clara, porque ela lentamente levanta o olhar, os olhos arregalados e cautelosos como se um monstro estivesse diante dela.

“Eu não fiz nada”, diz ela com aquela voz nojenta e mansa que, neste momento, me dá vontade de arrancar suas cordas vocais da garganta. "Eu juro que não fiz nada, Lucian."

“Seus comprimidos estavam no quarto dele. Espalhados no chão ao redor dele.”

Seu corpo estremece com um soluço que ela esconde atrás das palmas das mãos, e lágrimas brotam de seus olhos. Ela balança a cabeça. “Eu não os deixei em seu quarto. Não sei como ele pegou.”

“Ele os pegou porque você é descuidada pra caralho. *Des.* Cuidada.”

"Mestre, por favor." O desespero na voz de Rand sangra através de suas palavras enquanto ele retoma suas compressões.

Não há movimento de Roark. Nenhum sinal de que seus esforços estão funcionando.

Rand levanta o telefone para a operadora. "Não está funcionando. Ele não está respirando, de jeito nenhum.”

“Continue com as compressões até a chegada dos paramédicos”, ouço a operadora dizer pelo telefone.

"Oh, Deus, Roark!" Amelia abaixa a cabeça para a mesa, sua mão agarrada ao rosto dele, e seus soluços não são nada além de uma distração irritante da dor que espera para me engolir. A agonia que não posso suportar, com medo de fazer algo estúpido.

Minutos passam até que dois homens uniformizados entram na sala, seguidos por minha mãe.

“Lucian? Lucian!” Sua voz está frenética, e quando seu olhar desliza em direção a Roark, ela cai ao lado do sofá do outro lado da sala, segurando o peito. "Oh não. Oh, não meu doce menino. Não meu doce menino!"

Mais minutos se passam enquanto eles o conectam a máquinas e tubos e uma engenhoca que bombeia ar para dentro dele. Um dos homens finalmente fala em um comunicador de rádio, e tudo que capto dessa conversa é *assistolia* e *falta de pulso.* Ele termina a conversa com, “Vou avisar o despacho. Obrigado."

"O que está acontecendo? O que está acontecendo? Você vai levá-lo para o hospital?” O desespero na voz de Amelia é o suficiente para enrolar meus lábios, e eu temo o que faria, senão fosse por todas essas pessoas ao nosso redor.

“Sinto muito, senhora. Não há mais nada que possamos fazer. Um oficial está a caminho. Eles vão reunir informações para o legista.”

“Legista? Tipo... ele está... não. Não." Ela cai em uma das cadeiras atrás dela, gemendo em suas palmas.

"Ele estava falando. Uma hora atrás. Ele me disse que estava com sono.” Não consigo ver através do borrão de lágrimas. “Ele pediu...” Com a memória de seu último pedido, eu caminho através da pequena multidão e saio do escritório, pelo corredor, para o quarto de Roark. Examinando os brinquedos espalhados, encontro seu Dede jogado na cama. Pegando-o, corro de volta pelo corredor para encontrar Amelia soluçando ao lado de Roark, acariciando seu cabelo.

Meu pai fica de lado tão sem emoção quanto eu esperava.

Eu caminho ao redor da mesa, longe de Amelia e dos paramédicos, e me ajoelho. Pegando sua mão pequena e fria na minha, envolvo seu ursinho de pelúcia em seus braços flácidos.

"Roark, você precisa acordar." Por um momento, é como se não houvesse mais ninguém na sala, exceto eu e meu filho. Eu pressiono meu rosto em sua bochecha macia de bebê e inalo o cheiro dele. O sabonete de lavanda do seu banho de antes. “Eu deveria ter deixado a papelada. Se eu soubesse...”A dor em meu peito é insuportável, como um animal me comendo de dentro para fora. O ar fica espesso e sufocante e, de repente, não consigo respirar. Eu não consigo respirar, porra. Eu o deslizo para fora da mesa, agarrando-o contra mim enquanto caio no chão. A agonia rasga meu peito enquanto eu o embalo, assim como fiz na primeira vez que o segurei em meus braços. Quando ele parou de chorar. Quando ele olhou para mim com confiança e admiração em seus olhos. E ele parou de chorar.

Um som quebrado de raiva e sofrimento ecoa pela sala, percebo que está vindo de mim, quando agarro meu filho pela última vez.

~

Vozes alcançam o vazio dentro da minha cabeça.

Eu nem sei quanto tempo encarei o local na mesa onde o corpo de Roark jazia antes de ser levado embora. Um policial do lado de fora do escritório conversa com meu pai, finalmente tirando meu foco e, no meio da conversa, ele me olha nos olhos e acena com simpatia. Quando abaixo meu olhar, eu noto o anel de sinete que ele está usando, e a conversa se torna mais clara.

“Vamos garantir que nenhuma palavra sobre isso rompa essas paredes”, diz ele, apertando a mão de meu pai. “Nem uma única palavra.”

Eu fico de pé, meu corpo se movendo por conta própria, e saio passando pelo oficial, que me dá um tapinha nas

costas. Seguindo o corredor, depois descendo a escada, até que finalmente chego ao saguão.

"Mestre?" Rand pergunta por trás. "Onde você está indo?"

Eu não respondo a ele. Eu pego as chaves do console onde as deixei antes e caminho em direção à porta.

"Mestre, você não deve ir a lugar nenhum agora." O aviso na voz de Rand falha em quebrar a névoa de determinação, enquanto me dirijo para a porta. "Lucian!"

Uma vez do lado de fora, desço as escadas correndo, em direção à minha moto ainda estacionada na garagem. Preciso de algo, nem sei o quê. Velocidade. Ar. Adrenalina. Algo que vá tirar essa dor intensa. O enorme vazio no meu peito que dobrou de tamanho na última hora. O vazio e a dormência que esperam para me devorar no momento em que eu baixar a guarda.

"Chefe!" Makaio grita, enquanto ele e Rand descem as escadas atrás de mim.

Eu ligo a moto, acelero o acelerador e saio dirigindo. O ar frio passa por mim, roubando meu fôlego, enquanto atravesso os portões deste inferno. Imagens tremeluzentes de Roark passam pela minha mente, e eu coloco mais força na moto. Árvores zunem pela minha periferia, o zumbido da moto é o único som acima da memória distante da voz sonolenta de Roark. Antes que eu perceba, as árvores dão lugar à beira-mar, a estrada sinuosa à frente me chamando.

Mais velocidade.

Eu penso nos momentos anteriores, quando eu estava na porta, assistindo ele brincar. E se eu não tivesse me incomodado com a papelada? E se eu tivesse largado tudo e brincado com ele naquele momento?

Mais velocidade.

O visual de pegar o frasco e encontrar o nome de Amelia no rótulo envia balas de raiva em minhas veias, e cerro os dentes.

Mais velocidade.

Amaldiçoo Deus por me dar algo tão significativo, tão importante, apenas para tirá-lo de minhas mãos.

As luzes à frente se aproximam rapidamente e, de alguma forma, estão vindo direto para mim. É quando avisto a linha que cruzei na estrada e desvio para evitar o acidente. Minha mão escorrega do acelerador, voando no ar. O pavimento bate no meu ombro e lágrimas no meu rosto, enquanto eu me arrasto pelo concreto. O fogo atinge a metade do meu corpo, enquanto o resto de mim fica entorpecido e o vermelho se acumula na minha periferia, o mundo fica inclinado de lado. Uma dor oca e quente rasga minha pele. Eu vejo luzes. Sombras pairando sobre mim.

Parado na frente deles está Roark, segurando seu ursinho.

"Oi Papai."

CAPÍTULO 44

LUCIAN

Dias de hoje …

"Roark!" Eu saio do pesadelo, momentaneamente desorientado enquanto procuro familiaridade no quarto.

Meu filho. Foi embora. Morto.

A bile sobe na minha garganta, minha cabeça girando fora do sono, enquanto meus arredores aparecem.

O lustre escuro, as cortinas brancas, a decoração vitoriana escura, tudo me diz que estou no quarto de Amelia.

Amelia.

Virando-me para o meu lado, porém, encontro cabelos negros espalhados contra os travesseiros totalmente brancos, seus cílios igualmente negros vibrando em sonhos. Não Amelia. *Isa.*

Isa.

Abalado até o âmago, arrasto seu corpo no meu, onde seu pequeno corpo se funde perfeitamente com a minha forma muito maior. Com meu rosto pressionado em sua nuca, fecho os olhos, mentalmente afastando as imagens remanescentes do meu pesadelo. Meu filho. Pálido, frio e morto.

Seu perfume penetra o caos dentro da minha cabeça, o aroma quente e convidativo que é uma mistura entre creme de

baunilha doce e sua própria fragrância pessoal. Eu arrasto meus lábios sobre sua pele macia, beijando seu ombro, enquanto minha respiração se acalma, meu pulso desacelera. Envolvendo-a com mais força contra mim, sinto seu corpo pulsar com vida, seu batimento cardíaco e exalar constante como um metrônomo que me atrai de volta ao presente. Já tive pesadelos antes e acordei com suores frios, sonambulismo, às vezes balançando para nada além de sombras. Esta noite, sou grato pela presença de Isa. A maneira como ela acalma a inquietação que me assola. Os miseráveis demônios do meu passado, estragando seu tormento noturno usual.

De costas para o meu peito, ela se mexe e geme, e eu beijo atrás de sua orelha para acalmá-la. Por anos, evitei a ideia de compartilhar a cama com uma mulher. Mas Isa é delicada. Um pássaro frágil na palma da minha mão, cujas mordidas ferozes são o resultado de crueldade e abandono. Ela precisa de direção e orientação, segurança e proteção. Coisas que eu poderia dar a ela, se não fosse por minhas apreensões.

Tive o cuidado de evitar repetir os erros do meu passado, de me enredar em outra teia de compromissos e responsabilidades, mas essa garota é diferente de alguma forma. Posso sentir minhas defesas desmoronando quando estou perto dela, e por mais que isso possa me frustrar muito, eu também não odeio.

Pensamentos de sua história anterior vêm à mente, a maneira como meu corpo reagiu à sua angústia, tenso e tremendo de raiva. Há mais no que aconteceu naquela noite, algo que ela está deixando de fora, mas não forcei. Eu queria punir aqueles que colocaram o pânico e o medo em seus olhos, enquanto ela falava com palavras distantes, tentando me convencer de que ela saiu ilesa daquela festa. Eu sei melhor do que isso. Uma menina não dorme com uma lâmina debaixo do travesseiro e corta os braços em nome de uma amiga. Eu não me importo o quão

próximas elas eram. Aqueles garotos a machucaram também e, por sua vez, eu queria machucá-los — ainda quero.

Eu encontraria alegria na miséria deles, prazer em seu sofrimento, enquanto os presentearia com uma penitência lenta e agonizante.

Afinal, talvez eu seja um sádico.

Teria destruído cada um deles por ela.

Meu belo corvo.

Minha Isa *bella.*

CAPÍTULO 45

ISADORA

O cheiro inebriante de colônia me desperta dos sonhos. Um rico sabor amadeirado masculino dança em meus sentidos, e eu me estico contra o corpo sólido pressionado contra mim. Sua mão forte desliza sobre minha barriga ao mesmo tempo em que um som profundo e rosnado ressoa em seu peito, viro-me para encará-lo. Com os olhos ainda fechados, ele parece lutar para acordar, mas a pequena luz da manhã entrando pela cortina é difícil de ignorar no quarto escuro.

A cadência constante de sua respiração se expande e contrai suas costas, onde os músculos em repouso se projetam sob sua pele. Ombros largos se estreitam em quadris estreitos e nádegas firmes, seu corpo magnífico descaradamente em exibição. Tudo sobre Lucian, desse ângulo, exala perfeição sobrenatural.

Lábios carnudos e irresistíveis imploram para serem beijados, inclino-me, sentindo as cócegas leves contra minha boca enquanto roço a minha sobre a dele. Sua mão desliza para baixo, os lábios se curvando em um meio sorriso, e ele se vira para o lado, arrastando minha perna sobre seu quadril.

Pressionado contra sua forma nua, sinto a forma enorme de sua ereção cutucando minha barriga. Quando eu me movo contra ele, finalmente levanta as pálpebras, expondo aquelas lindas íris douradas. A metade de seu rosto com cicatriz está enterrada nos travesseiros e, do meu ângulo, tudo que vejo é a metade perfeita. O lado dele que ele não vira quando olho para ele, como estou agora.

Estendo a mão para traçar sua linha do cabelo perfeitamente aparada, até sua mandíbula cinzelada. "Alguém já lhe disse que você é muito bonito quando não está sendo um idiota?"

Ele bufa uma risada, virando o rosto no travesseiro, longe do meu toque. "Lá está ela", ele murmura. "A espertinha."

"É verdade. É como se as nuvens se abrissem para o céu e..." faço um som de coro que coça minha garganta, nocauteando uma tosse forte.

Com o rosto ainda enterrado, ele balança a cabeça. "Deveria ter ficado na minha própria cama." Sua voz é abafada pelo tecido de pelúcia. "Pelo menos eu teria mais uma hora de sono."

"Haverá muito tempo para dormir quando você morrer."

"O que será muito antes de você."

"Eu ouvi que o sexo mantém você jovem. *Virile."*

Virando-se para me encarar novamente, ele levanta uma sobrancelha, a visão dele causando um frio na barriga. "E se ela for mais de uma década mais nova do que eu?"

"Você é praticamente um deus."

Seu aperto aumenta como uma faixa ao meu redor. "Então, não tenho nenhuma razão para deixar esta cama. E nem você."

"Na verdade, tenho que fazer xixi, então..." Enquanto me afasto dele, um braço se estende, me arrastando para trás. Dedos longos e hábeis cavam em meus lados, eu uivo de tanto rir, a urgência de fazer xixi apertando minha bexiga. "Lucian! Por favor! Vou fazer xixi na calça!"

"Você não está usando calça."

"Juro por Deus que vou fazer xixi na cama!"

"Depois de ontem à noite, é melhor uma troca de lençóis."

“Lucian! Pare! Agora mesmo!" Sorrio, me contorcendo e torcendo em seu aperto inquebrável. “Estou te implorando. Por favor!"

“Sim, gosto de ouvir você implorar. Aquece minha alma bastarda."

Alcançando atrás, pego suas bolas inchadas e aperto, rindo quando ele geme e as cócegas param.

"Essa foi uma jogada suja."

"Sensíveis esta manhã?"

“Na verdade, elas estão. Mije e volte aqui, antes que eu decida me arriscar em um banho de ouro."

Com um sorriso, coloco sua camisa descartada da noite anterior, sem me preocupar em abotoar a frente, e corro pelo quarto em direção ao banheiro. Levando o tecido ao nariz, respiro o cheiro de sua colônia enquanto me alivio rapidamente, seguido por uma escovada superficial de meus dentes e cabelo. Quando volto, Lucian está apoiado em seu cotovelo, uma visão da masculinidade divina, seus músculos todos contraídos enquanto ele olha para algo em suas mãos.

Quando me aproximo, noto a imagem. A que encontrei embaixo da mesa de cabeceira.

"Eu tinha me esquecido desse dia." O tom sombrio em sua voz ecoa a expressão em seu rosto que me lembro da foto.

Rastejando para a cama ao lado dele, eu deslizo para perto, tentando não perturbar quaisquer pensamentos que tenham seus olhos tão fixos e contemplativos.

“Foi um dos dias bons de Amelia. Uma raridade.”

“Você parece tão infeliz? Por que?"

“Nunca gostei de fingir e, quando ela estava feliz, as mentiras ficavam mais óbvias.”

"Que mentiras?"

"Que estávamos apaixonados."

"Você não a amava?"

"Nunca."

"Você já amou uma mulher?"

Ele parece hesitar por um momento, mas balança a cabeça. “É a única marca de dor que me recuso a infligir a mim mesmo.”

"Por que isso?"

Ele abaixa a foto e levanta meu braço, traçando minha cicatriz com o dedo. “Quando você se corta com uma lâmina, há uma ferida aberta, sangue e dor, mas a dor chega ao fim e a ferida se transforma em uma cicatriz. Então você se corta repetidamente, porque esquece o quanto doeu na primeira vez. O coração é um animal diferente. Um necrófago enjaulado e solitário que se alimenta de suas próprias feridas. Suas cicatrizes nunca cicatrizam, porque você não pode consertar exatamente o que ele precisa para sobreviver. Assim, a ferida continua a infeccionar, até que o que resta do órgão seja eventualmente consumido por sua própria automutilação.”

Odeio que suas palavras sejam profundas e que conheço tão intimamente seu significado. O mundo chamaria seus sentimentos de deprimentes e sombrios, mas é a definição de amor mais honesta que já ouvi.

Eu corro meu polegar sobre as cicatrizes ao longo de seu braço, as pontas do meu dedo viajando sobre as bordas irregulares de feridas que não selaram corretamente. "Você se machucou também."

“Eu não sou o diabo que eles me fazem parecer. O monstro *insensível* e sem coração. Que não pode fazer merda consigo mesmo sem sentir algo. Esse é o problema. Eu sinto tudo. Sinto muito profundamente.”

Monstros e demônios não mantêm gavetas cheias de fotos e brinquedos antigos de seus filhos. Eles não intervêm quando traficantes de drogas violentos fazem ameaças terríveis. E eles certamente não beijam como se o mundo pudesse queimar a qualquer momento.

“Você não é um monstro”, eu sussurro, escalando seu corpo, puxando-o de costas. Com as pernas escarranchadas sobre ele, sinto o calor de suas mãos percorrendo minhas coxas até as curvas do meu quadril e mais alto. Meus seios, pesados e puxando meus ombros, projetam-se para frente com as pontas dos dedos errantes, mamilos endurecendo sob as pontas de seus polegares.

Sua língua varre seus lábios, seus olhos parecendo devorar cada centímetro do meu corpo, enquanto ele empurra de lado as pontas da minha camisa emprestada. “Como você pode ser tão perfeita? É enlouquecedor olhar para você. "

"Por que?"

“Tantas coisas que quero fazer com você. Nunca sei por onde começar.” Ele dá um pequeno puxão em meus mamilos, e eu arqueio em direção a ele, o que parece agradá-lo, pela maneira como ele morde o lábio e me esfrega contra sua ereção. "Você deveria ser grata por eu não ter um par de algemas à minha disposição."

“Eu pessoalmente descobri que suas mãos são igualmente eficazes.”

Seus lábios se estendem em um sorriso astuto, e antes que eu possa reagir, ele me joga no colchão, me virando de bruços com facilidade. Em dois movimentos rápidos, estou embaixo dele,

deitada de bruços com meu rosto esmagado no travesseiro. Palmas grandes seguram meus pulsos em cada lado da minha cabeça, prendendo-me na cama. Seu pau desliza entre as bochechas da minha bunda e o calor de sua respiração cai contra a minha nuca. "Se minhas mãos não estivessem ocupadas, elas poderiam manter suas coxas separadas enquanto eu como sua boceta no café da manhã."

"Você acha que vou tentar fugir disso?"

"Talvez não." Ele lambe a concha da minha orelha, a ponta do seu pau cutucando minha entrada. "Mas é melhor quando você *não pode.*"

Da mesinha de cabeceira, ele rasga outro preservativo da tira, dois dos quais já usamos.

Virando para o lado, eu o observo rasgar o pacote com os dentes.

“Você sempre usa camisinha?” Eu pergunto, o meu lado autoconsciente levantando sua cabeça feia. Em casa, os caras usavam camisinha comigo porque presumiam que eu me prostituía.

"Sim. Não é nada pessoal." Depois de deslizar a barreira para baixo em seu eixo, ele agarra a base de sua ereção rígida e sobe pelo meu corpo. "Não tenho nenhuma intenção de me tornar pai novamente."

"Nunca?"

"Nunca."

Não fere meus sentimentos, já que também não pretendo me tornar minha mãe — grávida antes de ter minhas coisas resolvidas. Enquanto ele se mantém atrás de mim, esperando e provocando, como de costume, eu levanto meus quadris e mexo minha bunda contra sua virilha para provocá-lo.

Uma mão firme agarra minha nuca, apertando com força o suficiente para me deixar imóvel. Tento levantar a cabeça para ver se o irritei de alguma forma, mas ele me segura, como um leão afirmando domínio sobre sua fêmea. Ele é um homem que gosta de controlar seu corpo, e talvez minhas provocações o tenham pegado desprevenido.

“Você adora me insultar. Ainda assim, você treme em minhas mãos."

"Eu não posso dizer se você está com raiva."

"Estou com raiva." Deslizando minhas mãos para os lados do travesseiro, ele me mantém cativa enquanto avança, enchendo a dor entre minhas coxas. Em estocadas lentas e fáceis, ele bombeia para dentro e para fora de mim, sacudindo meu corpo com cada invasão áspera. "Eu odeio que foder você se tornou minha coisa favorita no mundo."

"Então, pare, se isso te incomoda tanto."

“Eu não posso parar. Uma vez que estou dentro de você, posso sentir aquele pequeno buraco apertado segurando meu pau. " Ele curva meus braços e segura meus pulsos atrás das costas como um criminoso prestes a ser algemado. Seu braço desliza sob minha barriga, me apoiando em meus joelhos, e com uma mão segurando meus pulsos cativos, ele agarra minha nuca novamente com a outra. “É impossível parar”, ele range na minha orelha, quadris batendo contra minha bunda enquanto ele bate em mim com fervor. “Isso é o que você faz comigo. Minha cabeça. Meu corpo. É uma loucura. E vou te foder até não sentir mais essa violência dentro de mim.”

Não sei onde, ou quando, desenvolvi um desejo por sexo violento, mas tudo sobre isso envia uma emoção perversa pelo meu corpo. A ideia de que agitei essa falta de controle, fazendo com que ele me quisesse ao ponto da selvageria, quase parece que

tenho muito poder em minhas mãos. Como se estivesse segurando as rédeas de uma besta indomável.

Como se eu estivesse no controle.

É estranho como ele me faz sentir assim, comparativamente pequena e inexperiente como eu.

Viro minha cabeça no travesseiro, respirando com dificuldade contra o algodão, e meus pensamentos me levam de volta à noite anterior, quando seus lábios selaram o oxigênio quando cheguei ao clímax. Como foi delicioso, o puxão de ar, o aperto dos músculos, meu corpo em um frenesi de liberação.

O ritmo aumenta, ele grunhe enquanto se choca contra mim, a força do seu corpo tirando o pouco de fôlego que resta dos meus pulmões.

Eu me concentro em seu comprimento rígido deslizando para dentro e fora de mim, a forma como meus seios tremem sob mim a cada impulso para frente.

Oh Deus.

Minha cabeça me pede para virar e roubar o fôlego, mas eu não consigo. Eu quero a queimadura no meu peito, as cólicas no meu útero e o tremor dos meus músculos, uma vez que culmina dentro de mim.

"Mantenha a cabeça no travesseiro." A voz de Lucian é áspera e tensa, seus dedos cavando em meus pulsos, me mantendo como refém enquanto ele penetra em mim.

Meu corpo se sacode como uma boneca de pano embaixo dele, impotente ao seu ataque implacável, e eu enrolo meus dedos em suas mãos, desesperada por ar, desesperada por liberação, desesperada pelo prazer que ele despertou dentro de mim.

Tão perto.

Com o peito pulsando por um gole de respiração, eu mordo os lençóis, ouvindo o som perpétuo de batidas de pele ecoando pelo quarto acima de seus grunhidos e rosnados.

Gemidos longos e difíceis escapam dos meus lábios, capturados na fronha. O algodão úmido não oferece mais do que um pouco de ar, não o suficiente para encher meus pulmões.

Meus músculos se contraem. Dedos do pé se enrolam. Braços tremem em suas mãos. Estou tão perto.

"Goze para mim, Isa."

O timbre profundo da voz de Lucian me faz voar além da borda, para a estratosfera onde a luz pisca em meus olhos. Eu grito no travesseiro, enquanto o prazer rasga meu corpo, o veneno estonteante explodindo em minhas veias.

Eu viro minha cabeça para respirar, bebendo o ar frio que entra no meu peito. Sua palma desliza sob minha garganta, meus pulsos ainda presos em sua outra mão, e ele aperta enquanto se deita em minhas costas e corre os dentes pelo meu queixo. As estocadas diminuindo, o gemido em sua garganta é longo e torturado, e ele libera meu pescoço para se afastar de mim. Quando o ar frio atinge minhas costas, as maldições de Lucian ricocheteiam nas paredes.

Enquanto ele sacode o fim do seu orgasmo, eu fico fraca e exausta, recuperando da minha nova emoção.

"Você gosta da falta de ar." Ele descansa a cabeça em meus ombros e beija minha pele úmida.

Eu concordo, ainda ofegante pelo esforço que faz com que todos os músculos pareçam geleia. “Acho que acabei de descobrir minha nova coisa favorita também.”

"Você e eu vamos nos dar muito bem, meu pequeno corvo." Com os dentes beliscando minha pele, ele aumenta seu

aperto em volta de mim, puxando meus braços e me prendendo embaixo dele. "Por mais trágico que seja."

CAPÍTULO 46

LUCIAN

Quatro anos atrás …

Vozes ecoam ao meu redor. Aromas esterilizados invadem meus sentidos. Não sei dizer se estou acordado ou dormindo. O bip incessante em meu ouvido fica mais alto, até que abro meus olhos para ver paredes brancas e uma cortina branca semicerrada, envolvendo-me com dois homens em jalecos brancos.

Estou morto?

Um flash de luz cegante atinge a parte de trás da minha cabeça, fazendo meus olhos se fecharem instintivamente, sinto as chamas queimando minha pele.

Eu pulo para acordar, mas quando tento me sentar, meu corpo não se move.

“Relaxe, Lucian. Seu coração soa como se fosse galopar a qualquer minuto.” A voz é estranha para mim, neste lugar que parece um sonho.

"Onde estou? O que é isso?" As palavras chegam duras e cortadas por uma dor na minha mandíbula que lateja no meu ouvido.

“Eu sou o Dr. Tâmisa, e este é o Dr. Mayer”, ele diz, gesticulando para o homem mais baixo e atarracado ao lado dele. “Ele é um especialista na área de cirurgia reconstrutiva.”

"Do-do que você está falando?"

“Você esteve em coma por cerca de uma semana. Nesse período, fizemos alguns pequenos remendos em seu rosto e queixo, mas queríamos esperar até que você estivesse estável antes de levá-lo ao centro cirúrgico.”

“Remendos? Para que?" Uma névoa gira dentro da minha cabeça, dançando em torno da pulsação maçante que bate em minhas bochechas.

“Você sofreu um acidente e sofreu alguns ferimentos bastante graves, principalmente no queixo, ombro, braço e coxa. Seu ombro sofreu o peso do impacto, mas você teve vários ossos quebrados no rosto, na clavícula e nas costelas. Também houve um traumatismo craniano. O coma foi induzido para reduzir parte do inchaço em seu cérebro. Colocamos um dreno que, tenho o prazer de informar, conseguimos remover ontem à tarde, além de retirá-lo da intubação. Você permaneceu estável desde então.”

Minha mente repete a última coisa de que me lembro. As luzes. O fogo. Roark segurando seu ursinho de pelúcia. "Meu filho. Onde está meu filho?”

“Sua mãe me disse que houve um acidente em casa? Esse foi o motivo de você subir em uma moto sem capacete.”

"Acidente?" Eu digo a palavra em voz alta, e o rolo de filme dentro da minha cabeça retrocede ainda mais. *Roark dormindo. O frasco de comprimidos. Sem pulso.* Meu peito se expande enquanto o pânico floresce por trás das minhas costelas, até que eu não consigo respirar.

Algo bipa dentro da sala.

"Ei, ei. Acalme-se, Lucian.”

Uma mão toca meu ombro e quero jogá-la de cima de mim, mas não consigo. Nada se move. Eu não posso sentir nada além da agonia me rasgando. "Ele está morto."

"Sinto muito por ouvir isso. Por mais difícil que seja, a melhor coisa que você pode fazer agora, Sr. Blackthorne, é se concentrar em sua recuperação."

Lágrimas distorcem sua forma, enquanto olho para este homem que eu nem conheço. Aquele que pensa que sabe o que é melhor para mim. "Qual a razão?"

~

Duas semanas se passaram desde o acidente. Duas semanas de reabilitação. Cuidando muito pouco. Pensando muito. Afogando-me na miséria e na culpa por ter falhado com meu filho. Está lá toda vez que me olho no espelho. Os restos mutilados do meu rosto, tão crivados de cicatrizes e placas de metal que nem me sinto mais humano. Minha punição por ser um pai de merda. Por me colocar em primeiro lugar, quando deveria ser Roark.

Seu corpo acabou sendo devolvido a nós e enterrado em um pequeno sarcófago nas catacumbas. É um lugar que não posso me obrigar a visitar. Por enquanto.

"Foi um acidente. Isso é tudo. Um descuido", diz meu pai, sentado em sua cadeira à minha frente, Amelia e o prefeito Boyd. "Ninguém é realmente culpado aqui."

Com as palavras do meu pai, eu levanto o meu olhar da condensação escorrendo pelo copo d'água que estive olhando nos últimos vinte minutos. "Ele colocou as mãos na porra dos comprimidos dela. Como ela não é a culpada?"

"Eu disse a você várias vezes, Lucian." A voz de Amelia ficou mais fraca, mais frágil do que antes. "Eu nunca iria..."

"Mas você fez." Minha mandíbula permanece rígida, com mais titânio no rosto do que um submarino russo. "E agora ele está morto."

“E você vai continuar me punindo e me punindo e me punindo”, ela sussurra.

"Tudo bem, tudo bem." Meu pai acena com as mãos no ar, o tom de sua voz misturado com irritação. “Chega dessas brigas como crianças. Temos um problema muito maior a enfrentar, que é o que dizer à mídia. Eles estão em cima de nós desde o pequeno espetáculo de circo de Lucian.”

“Espetáculo? Olhe para mim. Você pode ao menos olhar para mim? " Eu inclino a cabeça para pegar seu olhar, uma rajada de eletricidade atingindo meu crânio enquanto cerro os dentes. “Isso é o que você queria de mim, lembra? Um monstro do caralho, como você."

“Cuidado, garoto. Agora não é a hora. O objetivo desta reunião é discutir os próximos passos. Se souberem que os comprimidos de Amelia foram a causa de sua morte, ela será enforcada como uma bruxa de Salem por esta cidade. Vai ser ruim para ela, para o prefeito Boyd e para nós. Todos que tiveram contato com Roark naquela noite, até o maldito operador que atendeu a ligação, foram informados para permanecerem calados.”

Em outras palavras, ameaçado a ser enterrado quase dois metros abaixo. A beleza do dinheiro e do poder.

“Você acha que pode impedir que isso vaze? Alguém vai falar. Eles vão soltar.” Apesar da dor, roubo a oportunidade de rir. "Espero que sim."

“E vamos resolver isso quando chegar a hora. Por enquanto, vamos informar a mídia que Roark está desaparecido.”

“Não vou mentir para a mídia sobre o que aconteceu com meu filho.”

“Você não precisa. Eu falarei em nome de seus pais *angustiados e enlutados*. Haverá uma recompensa para quem tiver informações sobre ele. Tudo o que você precisa fazer é manter a boca fechada e jogar junto. O xerife Townsend concordou em fazer o mesmo.”

Claro que sim. Ele é um dos amiguinhos do culto do meu pai e, sem dúvida, levará o segredo para o túmulo. Todos eles vão, porque essa é a maldição Blackthorne. Foi isso que nos rendeu a reputação de cruzarmos com um gato preto. É por isso que ninguém ousará contestar uma palavra sobre isso, e a morte de Roark permanecerá um mistério para sempre.

Desvio meu olhar do meu pai, de Amelia e do prefeito Boyd. "Isto está errado."

“Bem-vindo ao mundo do poder, meu rapaz.”

CAPÍTULO 47

ISADORA

Dias de hoje …

Depois de tomar banho, Lucian sai do banheiro, vestindo apenas uma toalha enrolada em sua metade inferior, o V perfeito desaparecendo no tecido branco imaculado. Ele se inclina para me beijar, onde estou deitada na cama, tendo saído do chuveiro antes dele. Este é o momento que temo. Quando nos separamos e a estranheza se instala entre nós. Quase desejo que ele tivesse sido um idiota e me largado na noite passada, porque pelo menos então eu estaria familiarizada com isso. Eu saberia o que esperar entre nós.

“Você pode ficar aqui hoje, se quiser”, ele diz, colocando uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. “Não faz sentido fazer as malas, apenas dar meia-volta e voltar.”

A ideia de ficar parece ainda mais estranha, especialmente quando não descobri se isso foi apenas uma coisa única entre nós. Um fim de semana de sexo, e estaremos de volta com chefe e empregada amanhã, quando a semana de trabalho começar. “Eu não posso. Tenho que fazer uma tarefa rápida na cidade e disse à minha tia que almoçaria no Shoal.”

"Entendo." A decepção em sua voz quase soa como se ele preferisse que eu ficasse. "Acho que te vejo quando você voltar, então."

"Você poderia vir comigo." Eu recuo quando as palavras saem da minha boca antes que possa detê-las.

Novamente.

Especialmente quando a expressão em seu rosto é a que eu esperaria se simplesmente comesse uma tigela cheia de vermes na frente dele.

“Você viu as cruzes ao longo da estrada? Eles me chamam de demônio, caso você tenha esquecido. A simples visão de mim fará todos acreditarem que o apocalipse chegou.”

O pensamento de tal coisa traz um sorriso ao meu rosto. O que eu não daria... “Eu não culpo você. Eles me tratam como uma merda também.” Com um suspiro, me sento na cama, segurando o lençol amassado contra o peito, e olho ao redor do quarto. "Se eu morasse aqui, provavelmente não gostaria de sair também."

“Eles te tratam como merda também. Por que?"

Dando de ombros, puxo meus joelhos até o peito. “Por causa da minha mãe, principalmente. Acho que herdei a reputação dela.”

"Não é sempre assim." Não é uma pergunta, e há uma faísca semelhante atrás de seus olhos enquanto ele me estuda.

“Foi muito ruim, meus primeiros anos de colégio. As outras crianças e seus pais, professores, todos eles me tratavam como se eu fosse uma espécie de praga.” Memórias do meu primeiro dia se infiltram, quando me sentava para almoçar embaixo da escada, apenas procurando um lugar para respirar. “Fica mais fácil depois de um tempo. Quase como se o ódio deles se tornasse parte da sua pele.” Eu corro meu dedo sobre as pequenas cristas de cicatrizes ao longo do meu antebraço. "Superfície. Enquanto permanecer na superfície, não pode afetar quem você é por dentro.”

“Pensando bem, gostaria de acompanhá-la hoje.”

Uma onda de surpresa passa por mim com sua mudança repentina de coração. "Mesmo?"

"Mesmo. Eu vou dirigir."

~

Esperar ver Lucian vestido de maneira casual é como esperar que uma estrela seja menos brilhante. Não importa o que ele esteja vestindo, ele sempre parece como um milhão de dólares.

Enquanto ele pega minha mão, me levando por um corredor que eu ainda não me aventurei, vestindo uma camisa preta de manga curta e jeans escuro, tenho que me lembrar de não olhar para sua bunda o tempo todo. É estranho para mim, a maneira como o homem pode preencher uma calça jeans com o mesmo apelo sexual implacável de quando ele está vestido com um de seus ternos elegantes.

Um delicioso aroma de sândalo laranja segue atrás dele, molhando minha boca, enquanto o sigo.

O corredor termina em uma porta, que Lucian abre antes de apertar um botão na parede ao lado dele. As luzes piscam, iluminando o que me lembra um hangar de avião, tão enorme quanto a sala, com tetos altos e prateleiras enormes para dois barcos embrulhados. No piso aberto do local há fileiras de veículos, talvez duas dúzias. Luxo, compacto, esportivo. Várias cores e tamanhos, marcas e modelos.

“Oh, meu Deus”, é tudo que posso dizer, enquanto examino o lugar.

"Eu gosto de carros." Ele assume a liderança mais uma vez, em direção a uma engenhoca preta e elegante que parece algo que o Batman dirige. Pontos de luz de cima pontilham o exterior preto polido como estrelas no céu noturno — adequado para Lucian.

“Você, hum... tem uma fantasia escondida em algum lugar? Tipo, é só puxar quando o sinal tocar alto? Que carro é esse?”

“Um Bugatti Chiron. Um dos carros mais rápidos e potentes do mundo.” Ele abre minha porta no dueto de couro preto de assentos e interior cromado brilhante.

O único carro de dois lugares em que já estive pertencia a Griff, um dos pescadores locais que me deu uma carona da biblioteca para casa, quando tia Midge ficou presa em The Shoal uma noite. Ele removeu todo o banco traseiro para caber todo o seu equipamento, porque ele não podia pagar uma caminhonete.

Estou quase com medo de me sentar nessa coisa, mas deslizo para o assento. Como se estivesse sentada em uma cabine de comando, o couro praticamente me abraça e cheira como se nunca tivesse sido dirigido em sua vida.

Lucian se senta ao meu lado, seus olhos imediatamente correndo para minhas coxas expostas. A única razão pela qual optei pelo vestido arejado, um dos poucos que Amy deixou na Mansão, é que hoje deve fazer trinta graus, e não posso correr o risco de ter coxas suadas e manchas de suor na minha primeira saída oficial com o cara. O vestido é legal e leve, e só vou ao The Shoal. Não é como se algum dos frequentadores regulares de lá fosse notar, e se o fizerem, tia Midge certamente vai dar um tapinha na cabeça deles.

Seu olhar permanece por um momento, nós dois sentados em silêncio, até que ele balança a cabeça. “Colocar palitos de dente em meus olhos seria menos tortuoso do que tentar manter

minhas mãos longe de você com esse vestido", diz ele, ligando o veículo, o som de seu motor potente ecoando na garagem.

Eu me afasto para esconder meu sorriso, pressionando meus joelhos juntos com o calor que ele alimenta entre minhas coxas.

Uma parede à frente se levanta, revelando uma estrada inclinada, e quando ele segue em frente, minha cabeça bate no banco atrás de mim e lembro que esqueci de colocar o cinto de segurança. Assim que prendo, me sento no banco de couro fresco, enquanto ele dirige em direção ao portão.

"Você está com uma aparência e um cheiro incríveis", diz ele, sem olhar para mim, como se recusasse a fazê-lo.

"Assim como você." Do lado de fora da minha janela, o enorme gramado, com suas fontes quebradas e cercas vivas malcuidadas, me leva de volta ao meu primeiro dia aqui, quando tudo parecia morto e abandonado. Desde então, descobri que não importa que seja meio-dia, a mansão sempre carrega uma aura escura e sombria. E ainda, é estranho, que como no meio de toda essa decadência, eu nunca me senti mais viva.

"Há um presente para você no porta-luvas."

Franzindo a testa, olho para ele e de volta. "Para mim? Por que?"

Ele balança a cabeça em direção ao porta-luvas. "Dá uma olhada."

Abro o compartimento e vejo uma pequena, mas reveladora, caixa azul enfiada dentro. Posso ter crescido em uma pequena comunidade de pescadores, mas até eu reconheço uma caixa Tiffany quando vejo uma. "Lucian... o que você..."

"Abra."

Abro a caixa e vejo uma linda pulseira dentro. Duas correntes finas, que tenho que acreditar serem de ouro branco, se

ligam a cada lado de um grande diamante com lapidação de princesa. É de tirar o fôlego e provavelmente custou mais do que tudo o que possuo junto. "Oh meu Deus."

"Coloque."

Chupando meu lábio inferior, balanço a cabeça. "Estou com medo."

"É sua."

"E se eu quebrar?"

"Então, vou gritar com você até sangrar."

Eu atiro meu olhar em direção a ele, franzindo a testa, até que seu rosto estoico se rompe em uma risada.

“Tenho certeza de que a empresa que *fabrica* essas coisas é perfeitamente capaz de *consertá-las* quando quebram.”

“Sim, mas você disse que éramos estritamente sexo. Comprar presentes para mim não soa como enchimento. Grita enredo para mim.”

“Eu não estou entendendo. O que é enchimento?”

“É como... em romances, quando o casal principal faz coisas juntos que realmente não movem o enredo para frente. Apenas engorda o livro.”

“É uma pulseira, Isa, não um anel. Por favor. Coloque.”

Com os dedos tremendo, prendo a pulseira com uma mão no meu pulso. Um mês atrás, teria parecido fora do lugar em mim, ridículo até, mas combinava com meu vestido, quase parecia adequado, fora a tatuagem logo abaixo. A coisa mais linda e delicada que já recebi. "Você não precisava fazer isso."

"Você gostou, então?"

Giro o diamante até o topo do meu pulso, desejando que ele não tivesse feito isso. É muito. Demais para o que combinamos, e só será mais difícil quando tudo acabar. Apesar desses pensamentos, eu concordo. "Nunca mais quero tirá-la."

"Bom. Então, não tire." Há um tom sério em sua voz, como se removê-la fosse um insulto para ele.

Demora vinte minutos para chegar ao centro, e quando nos aproximamos da rua principal, coloco minha mão em seu braço, sentindo seus músculos se contraírem sob a palma da minha mão. "Espera. Podemos fazer uma parada rápida?"

"Claro."

Eu o direciono em direção a uma faixa de lojas, onde ele estaciona o carro em uma das muitas vagas lá. Pela janela, olho para a placa que diz *Vellichor.*

"Como eu sabia que acabaríamos em uma livraria em algum momento?" Seu comentário traz um sorriso ao meu rosto.

Saímos do veículo e, ao chegarmos à porta, me viro para olhar para ele, só agora percebendo, na claridade do dia, o quanto ele se destaca dos arredores. Como uma nuvem negra de tempestade em um dia ensolarado. Sinistro e tão agourento quanto sua reputação.

Um homem que você não cruza, com seu carro preto igualmente ameaçador.

Lucian não caberia nesta cidade, mesmo que tentasse. Ele seria a peça errada do quebra-cabeça que não quer se alinhar em seu lugar vazio. Um pensamento que me faz sorrir quando ele me segue para dentro.

O cheiro de livros antigos invade meus sentidos quando empurro a porta e faço o sino para tocar. É como me embrulhar em um cobertor aconchegante com uma xícara de café quente.

"Rhea, você está aqui?" Grito para a mulher que visitei cerca de três vezes por semana durante o ensino médio.

Incapaz de pagar a quantidade de livros que vasculhava, normalmente morava na biblioteca ou aqui. Provavelmente cerca de metade da minha adolescência foi passada aqui. Rhea me deixava ler todos os livros que eu quisesse, em troca de ajudá-la a arrumar a loja. Nunca era necessário fazer muito. A maior parte de seus negócios vinha de fora do estado, quando colecionadores ligavam em busca de um livro raro e difícil de encontrar.

"É você, Izzy?" O cabelo grisalho puxado para trás em um rabo de cavalo dá uma ideia de sua idade, enquanto ela coloca os óculos. Apesar de sua idade, a mulher é perspicaz.

"Sim, eu trouxe um amigo hoje."

"Eu vejo isso. Um amigo poderoso e bonito." Quando ela diz isso, não quer dizer sarcasticamente. Uma das razões pelas quais estou feliz por ter trazido Lucian aqui primeiro. Rhea é previsível, real e tão gentil quanto possível. Eu gostaria de pensar que é sua compreensão mundana que vem de uma vida inteira de leitura, mas algumas pessoas são apenas boas pessoas com bom coração. "Onde você esteve, garota?"

"Por aí. Como estão os negócios?"

"Ah, você sabe. Online, estou matando isso. Aqui? Não muito. Tijolo e argamassa não são mais o que costumavam ser. As pessoas têm bibliotecas inteiras em seus dispositivos hoje em dia." Revirando os olhos, ela balança a cabeça, os grandes brincos de argola de ouro balançando em cada lado de seu rosto. "Não me entenda mal, eu tenho uma daquelas coisas do Kindly." Ela se refere ao Kindle, e o erro me faz conter uma risada. "Pode me chamar de antiquada, mas simplesmente prefiro virar as páginas."

"Eu também." É triste para mim que tão poucos estejam interessados em livros físicos atualmente. Minha coisa favorita no

mundo costumava ser o som da lombada do livro se abrindo em uma nova aventura lá dentro. "Alguma coisa nova?"

Ela dá uma piscadela e sorri. “Tenho algumas remessas na parte de trás que você pode gostar.”

Pegando a mão de Lucian na minha, não o levo para trás imediatamente. Em vez disso, examino as prateleiras que contêm livros que li várias vezes. Dos clássicos aos contemporâneos. No final da fileira, paro diante de uma capa de couro em uma caixa de vidro e fico olhando ansiosamente para o livro.

“Bram Stokers Limited Edition *Drácula.* Tenho babado por isso há anos. Achei que alguém com certeza teria roubado este aqui. É praticamente um roubo de duzentos dólares.”

"Então, por que você não comprou?"

Não digo a ele que a maioria das pessoas nesta ilha não tem duzentos para colocar em um livro. Isso, e não quero que ele compre mais um presente, não depois da pulseira. Esse não foi o propósito de trazê-lo aqui. Eu simplesmente não conseguia passar por este lugar sem parar para ver uma velha amiga.

“Nenhum lugar para armazená-lo na casa da tia Midge. Ficaria arruinado se eu o trouxesse para casa. É melhor aqui. Rhea cuida bem dele. Foi meu livro favorito enquanto crescia, no entanto. Você já leu?"

“Tem fotos?”

"Esquece. Esqueço que você acha a literatura ridícula.”

“*Existem trevas na vida e existem luzes. Você é uma das luzes.”* Uma citação do livro. Ele vira seus olhos para mim, e eu juro que há uma chama piscando neles. “*A luz de todas as luzes.*” Ele se inclina para mim. “Só para constar, eu li bastante.”

"Impressionante."

Passamos os próximos minutos vasculhando livros, antes de Lucian pegar um antigo exemplar de *Sequestrado* por Robert Louis Stevenson, junto com alguns outros que ele decide que Laura gostaria de ler, mistérios principalmente.

Na caixa registradora, Rhea o cumprimenta com seu sorriso característico de olhos brilhantes, que teve o poder de iluminar meus dias, quando eu vagava triste ou chateada. “Meu primeiro cliente de carne e osso em anos! Agradeço seu patrocínio, senhor."

"Claro." Enquanto ele tira a carteira do bolso de trás, ele acena com a cabeça em minha direção. "Por que você não vai para o carro, esfria-lo, enquanto eu termino de pagar." O objeto que ele me entrega não parece uma chave, mas um canivete dobrado, ou algo assim, com uma tira de couro no centro onde se lê *Quíron.* Na parte de trás há um botão de trava e destrava, mas nenhuma chave. “Há um botão no painel para ligá-lo. Só não vá decolar para lugar nenhum.”

“Sem promessas”, digo, recuando em direção à porta. "Cuide-se, Rhea."

A sobrancelha se ergue e ela sorri. "Você também, Srta. Izzy."

Uma vez fora da livraria, eu protejo meus olhos contra a luz ofuscante do sol que bate em meus ombros enquanto caminho para o carro. Couro quente fere minha pele nua quando caio no assento, e meus quadris me empurram para longe enquanto pressiono desajeitadamente o botão de partida do motor. Puxar meu vestido para baixo puxa o decote, expondo mais o colo, mas me recuso a queimar minhas pernas novamente. Eu rolo para baixo a janela enquanto o ar ainda quente sopra das aberturas.

Mais uma vez, me encontro olhando para a pulseira em meu braço e sorrio.

"Oh, olhe, a clínica deve ter feito uma viagem de campo para psicopatas." O som da voz feminina familiar do lado de fora da

janela desce pela minha espinha, e não consigo olhar para cima e encarar a mãe de Brady.

Semanas depois do incidente na festa, ela saiu de seu caminho para manchar o meu nome e o de Kelsey na lama, fazendo de nós duas delinquentes imprudentes, viciadas em todos os tipos de drogas. Como seu marido é presidente e comissário de toda a ilha, algo que ela gosta de deixar claro para todos, ela se encarregou de intimidar qualquer pessoa que considere uma ameaça.

Por alguma razão, parece que ainda sou seu alvo.

Por reflexo, abro a boca para dizer algo, mas paro. Eu não vou me meter em problemas por esta mulher. Recuso-me.

Eu finalmente levanto meu olhar apenas o suficiente para vê-la e outra mulher sentadas ao redor de uma pequena mesa, do lado de fora da sorveteria ao lado de Rhea.

A mulher em frente a ela, que suponho ser sua melhor amiga, Joan, vira a cabeça para olhar para mim, parando para lamber a colher dupla escorrendo em seu polegar. "Essa é quem eu penso que é?"

Desviando meu olhar do delas, contemplo se devo, ou não, fechar a janela. Por que Lucian está demorando tanto?

“Quem mais se vestiria como uma prostituta para visitar uma livraria?” O escárnio em sua voz soa mais como ciúme, talvez provocado mais pelo carro luxuoso, do que como uma mãe cuidando do filho.

Estou ansiosa para puxar a frente do vestido para esconder o decote que ela provavelmente consegue ver de onde está sentada, e quero mais do que qualquer coisa olhar para cima e dizer alguma coisa. *Diga alguma coisa,* minha cabeça pede, mas nem meus membros, nem meu cérebro, agem ao meu comando, o

aviso silencioso da última vez que falei paralisando minhas cordas vocais.

“A tia dela trabalha no bar, certo? Uma tagarela que cheira a fumaça o tempo todo?" A voz de Joan está mais alta do que antes, como se ela quisesse que eu a ouvisse.

"Sim. É ela. Aquela que todos chamam de *Butch.” (açougueiro)*

A porta do carro se abre e eu direciono meu foco para Lucian, que desliza o pacote para baixo ao lado das minhas pernas no chão.

Suas gargalhadas perseguidoras não parecem ter atraído sua atenção ainda. Enquanto isso, meus dedos se contraem com a cutucada da minha cabeça para sair deste carro e enfrentar essa vadia miserável que fez da minha vida um inferno por todos aqueles meses. Mas eu não posso. Em parte por causa do vestido que estou usando que, na verdade, me faz sentir fora do meu elemento. Uma falsa e uma impostora. A outra parte é porque minha boca já me causou problemas antes.

Ignore-as, posso ouvir tia Midge me dizendo, como sempre fazia. O que é estranho, porque ela mesma nunca as ignorou. Na verdade, ela brigou com a mãe de Brady alguns meses atrás, quando a mulher me acusou de pertencer a um culto satânico. Provavelmente com base em como eu estava vestida na época.

Mas por alguma razão, tia Midge insistiu que eu as ignorasse.

De repente, desejo que estivéssemos de volta a Blackthorne, na escuridão onde me sentia protegida de tudo isso. Não é de admirar que a família de Lucian nunca se aventure muito. Por que eles se sujeitariam a uma ilha inteira de ignorância e julgamento?

"Quanto você acha que ele está pagando a ela?" Joan bufa, e as duas mulheres riem de seu comentário. “O suficiente para financiar outra tatuagem?”

Dedo no botão de ignição, ele para, sua expressão endurecendo, e ele se senta para a frente em seu assento como se estivesse começando a entender. Ele olha pelo para-brisa. Espero que ele ligue o maldito carro e saia daqui antes que eu faça algo estúpido, mas em vez disso, ele abre a porta do motorista.

Eu o agarro pelo braço e, com o olhar abaixado, balanço a cabeça. “Acredite em mim, a retaliação não funciona com elas. Isso apenas adiciona combustível.” É verdade. A última vez que voltei a insultá-la, me vi sentada em frente a um policial por causa de uma acusação de assédio que ela inventou. "Vamos embora."

"Elas estão falando sobre você?" Ele pergunta, sua mão ainda na maçaneta da porta.

"Pode ser. Mas talvez não.”

“Só prostitutas se tatuam! Prostituta!" A mãe de Brady nos chama, o alvo de seu insulto inconfundível enquanto ela me encara.

Com o lábio preso entre os dentes, mordo a vontade de gritar e fecho os olhos com a visão dela engasgando com a maldita casquinha de sorvete.

“Combustível encontra fogo.” Lucian sai e cada músculo do meu corpo se contrai enquanto o observo dar a volta no veículo em direção às mulheres.

Com a janela ainda aberta, posso ouvir fragmentos de seus sussurros, enquanto Lucian se aproxima.

"Desculpe interromper seu sorvete, mas minha amiga ali parece pensar que seus comentários são direcionados a ela." Há

uma estranha calma na voz de Lucian enquanto ele fica de pé sobre elas, enquanto as duas mulheres estreitam os olhos para olhá-lo. "Se for esse o caso, vou pedir que vocês se desculpem com ela por serem tão rudes."

"Você ao menos sabe com quem está falando, idiota?" Joan pergunta, levantando a mão para proteger os olhos do sol forte que deve estar diretamente em seu rosto, talvez porque ela não parece reconhecê-lo e aquelas cicatrizes infames.

"Alguma chance de você saber com quem *você* está falando?"

Com a mão cobrindo minha boca, engulo uma risada, observando essas mulheres sem noção irritarem o Diabo de Bonesalt.

A mãe de Brady zomba e dá outra lambida em seu sorvete. "Diga-me, para que eu possa denunciar sua bunda por assédio."

"Lucian Blackthorne." Ele se inclina para frente, estendendo a mão para ela. "Prazer em conhecê-la."

Ambas as mulheres suspiram em uníssono.

A mãe de Brady lentamente abaixa o sorvete de sua boca, a colher de cima caindo em seu colo com ela tremendo. Ela olha para Joan, que não se move há quase um minuto agora, como se ele já a tivesse transformado em pedra. Nenhuma das mulheres retorna seu aperto.

“Talvez a fofoca não tenha realmente me feito justiça”, diz ele, e desliza a mão de volta no bolso. “Sinta-se à vontade para denunciar minha *bunda,* se quiser. Vou avisar meu advogado. E, enquanto isso, sugiro fortemente que você observe suas palavras quando falar ou se referir a Isadora Quinn.”

Nenhuma palavra é dita entre as duas mulheres, estou começando a me perguntar se ele lançou algum tipo de feitiço das

trevas sobre elas, porque nunca vi a mãe de Brady tão silenciosa depois de um confronto.

Enquanto Lucian caminha de volta para o carro, eu exalo um suspiro trêmulo, tentando descobrir se devo rir, ou chorar, pelo fato de que ele apenas verbalmente destruiu, ao estilo Hulk, a maldição da minha existência.

No momento em que ele cai no assento ao meu lado, uma gargalhada me escapa e eu me dobro, meus músculos ainda tremendo com a adrenalina. Vislumbrando a mãe de Brady limpando a bagunça do seu colo, sorrio mais forte. "Você está tão na lista de merda dela agora."

“Quem quer que tenha arrumado o cabelo dela esta manhã também deveria estar”, diz ele, dando ré no carro. "Onde é a próxima parada? The Shoal?”

"Sim. Por que você demorou tanto? Pensei que teria que enviar um esquadrão de resgate.”

Ele dá de ombros, parecendo calmo e controlado, da maneira como se recosta no banco com uma das mãos no volante. “Pego em uma conversa. Quem eram aquelas mulheres lá atrás?"

“Palhaços de Tempest Cove.”

"Estou falando sério."

Bufando, olho pela janela para as calçadas cheias de turistas. Estranhos que nada sabem sobre mim. Não têm ideia sobre minha reputação. "A mãe de Brady e amiga dela, Joan."

"Por que elas têm um problema com você?"

Sentimentos de remorso ainda agitam meu estômago por não ter me defendido. Se não fosse pelo meu desespero para sair desta cidade, eu teria arriscado outra reclamação de assédio, apenas para calá-la eu mesma. “Esta cidade inteira tem um problema comigo.”

"Eu posso ver por quê." Com sua observação, volto minha atenção para ele, carrancuda e boca aberta por algo a dizer. "Jovem. Bonita. Inteligente. Eu ficaria chateado, também, se parecesse tão pouco original quanto as duas."

Rindo, balanço a cabeça. "Eu nunca sei se te bato, ou te beijo, Lucian. É a sensação mais confusa do mundo."

De olho na rua, ele coloca a mão na minha coxa de forma possessiva. "Ninguém fode com você quando está comigo. Nunca."

O Diabo de Bonesalt. O Filho Louco. O Monstro de Tempest Cove.

Não mesmo.

Cerca de um quilômetro e meio subindo a rua, ele para no estacionamento de The Shoal, onde noto o antigo ferro-velho da tia Midge estacionado em uma das vagas designadas para funcionários na parte de trás do estacionamento. Uma batida nervosa de ansiedade pulsa sob minha pele quando saímos do carro. Rhea era relativamente inofensiva. É difícil dizer com tia Midge. Ela sabe que Lucian ajudou a afastar o traficante de drogas, mas se isso é o suficiente para mudar sua percepção dele, fica no ar.

As tábuas cansadas do convés rangem sob nossos pés, enquanto caminhamos pelo cais até a entrada da frente, o ar salgado do mar e o som das gaivotas me levando de volta à vida antes da Mansão Blackthorne. Depois de passar pela cortina invisível de graxa na entrada, entramos, o cheiro de frutos do mar me atingindo no rosto. Música de pub irlandês ecoa ao fundo, onde os frequentadores — Mac, Joe, Doherty e Paul se sentam em seus assentos habituais ao redor do bar. A conversa murcha como uma videira congelada no momento em que eles voltam a cabeça em nossa direção. Atrás do bar, tia Midge me olha de cima a baixo, e franzindo a testa, ela joga uma toalha no balcão atrás dela antes de se arrastar em nossa direção. "O que é isso?"

“Nós estamos aqui para almoçar, como prometi.”

"Nós?" Ela inclina a cabeça e, no momento em que cruza os braços, olhando além de mim, na direção de Lucian atrás de mim, sei que ela não aprova. "Posso falar com você por um segundo?"

"Claro."

Palmas quentes agarram meus ombros, e talvez tia Midge note a forma como minha pele reage ao toque mais íntimo de Lucian porque sua carranca se aprofunda. "Vou pegar uma mesa." Ele caminha em direção a um dos muitos espaços abertos na parte de trás do bar, vejo os outros homens olhando para ele enquanto passa.

Uma vez fora do alcance da voz, tia Midge inclina a cabeça para chamar minha atenção. "O que você pensa que está fazendo?" Seu olhar desce para o meu vestido e as costas. "Usando vestidos agora?"

"Eu te disse. Viemos almoçar. O vestido era a única coisa que eu tinha para usar em um calor de trinta e tantos graus. Aqui." Passo o cheque que Rand me deu esta manhã por mais uma semana de trabalho. “Para ajudar com a hipoteca. Já assinei.”

"Vou depositar para você, não vou aceitar o dinheiro." Ela dobra o cheque, colocando-o no avental.

“Vamos, tia Midge. Não seja difícil.”

“Essa é outra discussão. Agora, eu quero saber por que você trouxe *ele* aqui.”

"Por que não?"

"Parece muito com um encontro." Mais uma vez, seus olhos descem para o meu vestido e vice-versa. "Parece um encontro também."

“E se for? Eu tenho dezenove anos. Uma adulta.”

"E ele tem quase o dobro da sua idade, criança!" Ela é a mestra em gritar sussurrando, mas não acho que ela passou despercebida desta vez, enquanto olho ao redor da sala para ver todos os homens, Lucian incluído, olhando para nós. “Olha, eu sei que ele ajudou com aquele Franco. Mas você não precisa se envolver com ele, certo? São más notícias."

“Vocês deram uma olhada nisso? O próprio Diabo de Bonesalt.” Mac, um dos pescadores mais velhos, está sentado no final do bar, apontando o polegar para Lucian. “Desde quando permitimos monstros em nossos bons estabelecimentos?”

Dois dos homens riem, e apenas um deles balança a cabeça, mas sorri enquanto o faz.

“Desde o dia em que você entrou, cheirando como se tivesse rastejado para fora de um túmulo aquoso”, tia Midge responde por cima do ombro, enquanto cambaleio em direção a ele. Sempre rápida com as piadas, o que imagino vir de trabalhar com esses idiotas o dia todo.

Lucian espera no canto, quieto, sem se preocupar em responder ao homem de forma alguma.

"Você não sabe nada sobre ele." Minha resposta é dirigida a Mac, mas meus olhos estão em tia Midge.

"Nem você."

"O que você acha que um homem tem a dizer a si mesmo quando está olhando para isso todos os dias no espelho?" Mac grita novamente, sem dúvida bêbado.

"O mesmo..."

Tia Midge me interrompe, colocando a mão no meu ombro e balança a cabeça. “Chega, Mac. Você pode guardar esses comentários para você.”

Ainda assim, Lucian não diz uma palavra, e não posso dizer se os comentários ignorantes do idiota estão começando a afetá-lo ou não.

"Eu deveria ter pensado melhor antes de trazê-lo *aqui*." Rangendo os dentes, eu atiro um olhar em direção a Mac que ele não se preocupa em notar, muito preso em olhar para Lucian.

“Não é minha culpa que ele tenha conquistado a reputação.” Tia Midge olha para trás em direção ao bar. “Esses caras são uns idiotas. O que você achou? Que iriam recebê-lo de braços abertos?”

"Ok, bem, se eu não posso ter minhas opiniões, talvez uma sugestão." Mac está a um tapa de minha ira. "Eu proponho que o bastardo mais feio da sala compre uma rodada de bebidas para todos."

Se fogo pudesse disparar de meus olhos, o velho estaria envolto em chamas agora.

“Eu certamente poderia pagar por isso esta noite”, Lucian finalmente diz, sentando-se para frente em sua cadeira. "Mas suponho que isso o deixaria quebrado todas as outras noites."

Há um momento de silêncio ensurdecedor, antes que os outros homens no bar soltem gargalhadas, e tia Midge balança a cabeça novamente, rindo enquanto volta para o bar. "Tudo bem, agora, isso merece uma rodada."

Mac balança a cabeça, enterrando a próxima réplica espertinha em seu copo de cerveja.

Ainda furiosa, porém, vou em direção à mesa, batendo no ombro do velho ao longo do caminho, e me sento em frente a Lucian. "Aqui, eu pensei que tinha que proteger você."

"Você subestima meu charme bastardo."

"De fato."

Tia Midge coloca uma caneca de cerveja na frente de Lucian. "O que eu posso pedir para vocês dois comerem?" Ela cutuca meu ombro. “Já sabe o que quer.”

"Vou querer o que ela quiser."

“Duas tigelas de urina de gato. Subindo.”

Franzindo o cenho, Lucian se recosta na cadeira. "O que?"

“Eu acho que ela está tentando? É difícil dizer com ela às vezes.” Sorrio, olhando para ele.

Bebendo um gole de cerveja, Lucian faz uma careta quando sua garganta balança com um gole, e ele coloca o copo na mesa. "Falando em mijo de gato."

“Sim, todo mundo aqui chama de Nasty Light. Eu provavelmente deveria ter avisado você."

Nossa refeição leva vinte minutos para chegar: duas Cocas com dois pãezinhos de lagosta, e quando mordo o meu, percebo quanto tempo faz que não como uma variedade de comida não gourmet. Fechando meus olhos, saboreio o gosto da familiaridade, os sabores da comida da tia Midge, e solto um baixo, "Mmmm." Quando os abro, Lucian está me observando, sua mandíbula desacelerando enquanto ele mastiga.

“Você come como se estivesse fazendo amor.”

“Senti falta da comida da tia Midge. E eu gosto de comida.”

“Gosto de uma série de coisas às quais não me entrego tão apaixonadamente quanto você com aquele pãozinho de lagosta.”

"Isso é uma vergonha. Você deve sempre abordar as coisas que você gosta com paixão.”

Colocando o pãozinho de lagosta na mesa, lábios imperfeitamente perfeitos sorriem de novo, e eu sei que ele tem outra resposta enérgica pronta para ir. Em vez disso, ele me estuda em silêncio por um momento. "Eu tenho que admitir, você não é o que eu esperava."

"O que você esperava?"

"Não você."

"Bom? Ruim?"

"Bom, infelizmente."

“Por que isso é lamentável?”

"Porque isso deveria ser enchimento, mas você está me deixando curioso sobre o enredo."

Abaixando meu olhar, impeço o sorriso ansioso de se libertar. "Sobre o que você está curioso?"

"Como uma garota como você não está lutando contra cada pau balançando nesta cidade."

Eu me inclino, mantendo minha voz baixa para que tia Midge, ou qualquer outra pessoa, não possa me ouvir. "Talvez eu goste mais do seu, Sr. Blackthorne."

Seu olho se contrai com um sorriso malicioso. "Cuidado. É assim que meninas inocentes são arrastadas para a floresta pelo diabo. Não é assim que a história por aqui vai?”

Bufando uma risada, eu concordo. "Algo parecido. E isso é uma ameaça ou uma promessa?” Com o olhar fixo no dele, eu me inclino para frente e pego o canudo com meus lábios, tomando um gole da minha Coca.

"Ambos."

“Bem, então, é melhor eu trancar minha porta esta noite”, eu digo, um pouco acima de um sussurro.

"Eu insisto que você não o faça." Embaixo da mesa, seu joelho roça o meu, e a maneira como ele olha para mim, lambendo os lábios, antes de morder seu sanduíche, envia uma onda de excitação pela minha espinha.

Terminamos nossos sanduíches de lagosta e, enquanto engulo o resto do meu refrigerante, Lucian se levanta da mesa, deixando cair notas de duzentos dólares por uma refeição de vinte dólares.

Tia Midge se aproxima, franzindo a testa para o dinheiro em cima da nota. "Vou ver o que tenho de troco no caixa."

Ele acena com a mão em rejeição, deslizando sua mão na minha enquanto empurro a minha cadeira. “Uma rodada de bebidas. Cortesia do bastardo mais feio do bar.”

Mac faz um barulho rosnando em sua garganta, levantando sua cerveja no ar.

“Da próxima vez, mantenha a boca fechada”, diz tia Midge por cima do ombro, enfiando as mãos nos bolsos do avental. "Foi um prazer conhecê-lo, Sr. Blackthorne."

"Você também."

"E você." Seus olhos se voltam para os meus e para as mãos entrelaçadas de Lucian, e quando eles caem sobre mim novamente, estão voando para cima com preocupação. "Comporte-se, certo?"

Eu olho furtivamente para Lucian e sorrio enquanto aceno. "Sempre."

Mais uma vez, estamos de volta ao carro de Lucian, e quando ele liga o motor, seus olhos passam por mim e descem até minhas

pernas. "Alguma outra incumbência esta tarde?" Ele pergunta, deslizando os óculos de sol sobre os olhos.

"Não."

"Bom. Mais um segundo nesta cidade e posso explodir em chamas."

"Sempre pensei que o diabo fosse aquele que *lançava* chamas, não sucumbia a elas." Eu deslizo o cinto de segurança pelo meu corpo, onde ele desliza entre meus seios, e eu o prendo no lugar.

Ele parece notar, olhando por um momento, antes de colocar o carro em movimento. "Eu também. Até você decidir usar esse vestido."

CAPÍTULO 48

LUCIAN

O velocímetro gira em torno de cento e noventa no caminho de volta para a Mansão. As árvores que passam chicoteando pela janela nada mais são do que um borrão preto sob a lua que fica bem no alto.

Ao meu lado, Isa enrola os dedos nos meus, apertando e soltando, enquanto a ansiedade, sem dúvida, aumenta a cada quilômetro que o carro engole como um jogo imprudente de Pac-Man. Apenas o zumbido silencioso do motor pode ser ouvido sob seus gemidos nervosos.

"Ok, isso é... muito rápido." Se não fosse pelo cinto que a prendia, ela parecia estar pronta para rastejar para fora de sua pele.

"Você está nervosa." A agulha passa de duzentos. Duzentos e cinco.

"Nós... estamos... quase indo a duzentos e quarenta por hora."

Eu deslizo sua mão no meu colo sobre a ereção dura como pedra que está pressionando contra o meu zíper pela última hora. A pressão através do tecido é suficiente para enviar uma explosão de êxtase subindo pela minha espinha e, por reflexo, piso fundo com mais força.

Ela corta seu olhar em minha direção, os olhos arregalados na minha virilha, onde sua mão agarra meu eixo. "Jesus. Você está como uma pedra agora."

A adrenalina corre através de mim, a velocidade e suas mãos delicadas me puxando para mais perto da borda. Mas esse não é o único motivo.

Estar com ela hoje, vê-la neste elemento, como ela aprendeu a sobreviver com toda a merda que a vida jogou nela, só a tornou mais irresistível para mim. Eu quero roubá-la desses abutres que cutucam seus ossos até que não haja mais nada dela. Os mesmos que me escolheram. Aqueles que a destruíram e descartaram. Eu quero protegê-la de seu desprezo mesquinho e julgamento.

Tive o cuidado de evitar repetir meus erros, mas Isa é o tipo de garota que me faz empilhá-los como a porra de uma pilha de panquecas com calda por cima. Ela me torna imprudente e possessivo.

Com um aperto de mão, o carro acelera. Cada vez mais rápido. Eu aperto meu punho em torno do dela, rangendo os dentes para não entrar em combustão, mas não é o suficiente. Eu preciso de mais.

Eu pressiono o freio e empurro o volante em direção ao acostamento da estrada, guinchando até uma parada que faz suas mãos voarem para evitar bater no painel.

"O que você está fazendo?"

"Venha." Eu agito meus dedos para ela subir no meu colo. Aquele vestido bagunçou minha cabeça a noite toda e não aguento mais. Eu quero ela. Uma prova.

Não há muito espaço no carro, mas ela desliza sobre o console e coloca um joelho ao meu lado, o outro apoiado no painel da porta do motorista. Agarrando cada lado de seu rosto, eu a puxo para um beijo, mais áspero do que pretendo.

Não importa quantas vezes façamos isso, seus lábios sempre têm gosto de doce. Um pirulito de morango pegajoso que eu poderia lamber por horas e nunca me cansar do sabor.

Meu telefone vibra contra o console ao meu lado, mas eu ignoro, em vez disso, me concentrando na suavidade de sua pele enquanto devoro os gemidos suaves que escapam de seus lábios.

O telefone vibra novamente.

Isa interrompe o beijo e olha para ele. "É Rand."

“Foda-se Rand”, eu digo, puxando-a para o meu rosto novamente.

"E se for sua mãe?" ela pergunta contra a minha boca, com a simples menção da mulher, tudo dentro de mim murcha. Com um gemido, pego o telefone. "Sim." A irritação em minha voz é inconfundível e intencional.

“Perdoe-me, Mestre, mas acabei de receber um telefonema do Dr. Voigt. Ele está tentando entrar em contato com você em seu escritório.”

“Não estou no meu escritório.” Enquanto Isa desliza de volta para o console, eu aperto sua coxa para impedi-la de sair do meu colo.

“Eu percebo isso, Senhor. Hum, eu não sabia que você planejava sair esta tarde."

O agravamento está matando minha libido a cada segundo. “Qual é a natureza da ligação dele?”

“Ele pediu que você fizesse uma viagem até o Instituto esta semana. Ele aparentemente tem alguns assuntos importantes para discutir com você.”

Assuntos importantes. Não consigo pensar em uma única coisa que ele precise discutir que justifique uma viagem para Vermont.

"Você pode me dar alguma dica?"

"Receio que ele não tenha divulgado nada para mim."

Jogando a cabeça para trás contra o assento, eu belisco a ponta do meu nariz para acalmar a vontade de estrangular algo, enquanto Isa sobe de volta para seu assento.

Como se eu tivesse tempo para essa merda.

Não ir para Vermont significa que Friedrich começará a mexer nos meus negócios novamente, no entanto.

"Certo. Vou voar para lá amanhã cedo. Acabar com isso no início da semana."

"Muito bom. Vou avisá-lo. Mais uma vez, minhas desculpas por interrompê-lo, senhor. Ele parecia bastante inflexível de que você fizesse esta viagem."

"Tenho certeza. Obrigado." Eu clico para desligar a chamada e jogo o telefone no console, meu humor oficialmente azedando. "Deveria ter ignorado."

"Sinto muito. Eu apenas pensei..."

"Não é sua culpa." Eu me inclino para o lado e pego seus lábios para outro beijo, querendo nada mais do que continuar de onde paramos, mas a frustração de ter que jogar junto com Friedrich para manter aqueles bastardos longe do meu cabelo é o equivalente a moer meu pau contra um ralador de queijo.

Só não estava com humor, de repente.

Recostando-me no assento, ligo o motor e acelero o carro.

Quanto mais cedo eu chegar em casa, mais cedo poderei tomar um banho gelado.

CAPÍTULO 49

ISADORA

Segundas-feiras sempre foram o temido primeiro dia da semana, mas hoje é significativamente menos terrível, apesar dos barulhos que me mantiveram acordada ontem à noite. A princípio, pensei que fosse Lucian, entrando sorrateiramente em meu quarto, mas quando acendi a luz, não havia nada lá.

Porém, há algo dentro dessas paredes. Não sei dizer o que é, porque sempre estou meio adormecida quando acordo, mas sinto que está me observando.

Nunca acreditei em fantasmas ou nos muitos mitos que assolam esta ilha, mas estou começando a me perguntar se deveria.

Pego o elevador até o quarto de Laura, girando a linda pulseira no meu pulso. Ninguém nunca me deu algo tão lindo em minha vida, quero guardá-la para que não se perca ou se quebre, mas fiz uma promessa a Lucian de que não a tiraria.

Se Laura perguntar, terei de arranjar uma desculpa, como a encontrei no banheiro de um McDonald's e, quando tentei devolvê-la, o dono me disse para ficar com ela. Sorrio para mim mesma com a história ridícula de que, mesmo em seu estado mental, ela não compraria.

Depois que Lucian e eu voltamos de nossas tarefas ontem, ele decidiu que precisava realizar algum trabalho, não o vi desde então.

Ele afirma que isso não é nada além de sexo entre nós, e estou bem com isso, já que ele deixou isso claro desde o início. Exceto que, durante todo o fim de semana, ele se referiu a mim como sua.

Você pertence a mim. Você é minha. Minha.

Eu estive com caras apenas procurando sexo, nenhum deles me disse que eu pertencia a eles depois. Na verdade, eles se contentaram em manter distância, e eu também, para ser honesta. Não é que eu tenha a intenção de cumprir o destino de minha mãe através de sexo sem sentido, é só que os caras tendem a ser mais legais quando pensam que irão transar.

Acho que às vezes gostava de acreditar nas besteiras deles.

Lucian é um enigma para mim, no entanto. Um grande ponto de interrogação preto no final de uma longa frase. Pode ter sido uma coisa de calor do momento com ele. Os rapazes às vezes dizem coisas estranhas durante o sexo, mas ainda fico me perguntando por que ele se preocupou em fazer coisas comigo. Por que passar o dia com alguém que você não tem nenhuma intenção de perseguir?

Uma parte de mim quer perguntar a Giulia se ele já alegou que *ela* pertencia a ele quando transaram. Talvez seja essa a sua mania: colecionar garotas como sua mãe coleciona bonecas.

Outra parte me diz para deixar isso em paz.

Quando chego ao quarto de Laura, Nell já está com a mulher mais velha vestida para o dia e em sua cadeira de rodas, pronta para sair. Estranho, considerando que ainda leva cerca de cinco minutos para que Laura geralmente acorde sozinha.

Atravesso a sala em direção a elas, onde Nell bufa, parecendo ter dificuldade em prender um broche na blusa de Laura. "Aqui. Deixe-me ajudar." Quando ela se afasta, pego o

broche e ofereço um sorriso a Laura, enquanto deslizo o alfinete pelo tecido sedoso. "O que está acontecendo?"

“Rand pediu que descêssemos ao escritório. Ele quer falar conosco. Todas nós, aparentemente.”

Rand? Certamente, se fosse algo que eu fiz errado, Lucian teria me avisado no fim de semana.

"Ele disse do que se tratava?" Estudo a expressão de Nell em busca de qualquer lampejo de emoção, qualquer indício do que esperar deste encontro.

Seu rosto está tão impassível quanto sua voz. "Não. Só que ele nos quer lá em cinco minutos.” Ela destrava a cadeira de rodas de Laura, enquanto eu me arrasto na frente delas, de volta ao elevador.

Eu pressiono o botão para baixo, e quando as portas se abrem para mostrar Lucian contra a parede traseira em um terno preto impecável, olhando para cima do telefone em sua mão, minha respiração engata.

Ele ergue uma sobrancelha quando entro e pressiono o botão para manter a porta aberta para Nell e Laura.

"Lucian!" O rosto de Laura se ilumina para o filho, o orgulho brilhando em seus olhos. “Meu Deus, você está deslumbrante hoje. Meu filho não parece absolutamente arrojado, senhoras?”

"Ele parece." Franzindo os lábios para esconder um sorriso, me coloco ao lado dele para abrir espaço.

Nell não diz uma palavra enquanto empurra Laura para o elevador, com os olhos longe de Lucian, ela se vira de costas para nós.

As portas do elevador se fecham e sinto uma mão quente serpenteando por baixo da minha camisa, nas minhas costas. Eu endureço com seu toque e viro minha cabeça apenas o suficiente

para pegar o sorriso puxando seus lábios, enquanto ele mantém seu olhar à frente.

"Lucian, você vai se juntar a nós no café da manhã, querido?" Laura pergunta, inclinando-se para o lado de sua cadeira, aparentemente alheia a Lucian me acariciando atrás dela.

“Sinto muito, mãe, mas tenho uma reunião muito importante esta manhã. Talvez outra hora.”

"Pena. Tenho saudades de falar contigo. Oh! E ouvir você tocar piano. Amelia toca muito bem, não é, querida?"

Fechando os olhos, Lucian balança a cabeça. “É Isadora, mãe. Não Amelia. Amelia está morta, lembra?" É estranho ouvi-lo responder com tanta franqueza, quando ando na ponta dos pés sobre o assunto.

"Oh." Ela afunda de volta na cadeira de rodas, levando um dedo trêmulo aos lábios, como se estivesse contemplando. "Como eu poderia ter esquecido disso?" Ela balança a cabeça e se inclina sobre a cadeira mais uma vez. “De qualquer forma”, ela diz, acenando com a mão no ar. "Você deveria vir ouvi-la tocar algum dia."

Outro belo sorriso me cumprimenta, quando deslizo meu olhar em direção ao dele novamente. "Vou ter que fazer isso."

A cabeça de Nell vira para o lado, não o suficiente para ver nós dois, mas claramente interessada na troca, talvez percebendo a leve diversão em sua voz. As portas se abrem para o primeiro andar, e ela empurra Laura para fora do elevador e para o corredor.

Enquanto sigo atrás delas, um aperto em meu pulso me faz parar.

“Eu gostaria de falar com a Sra. Quinn por um momento. Vá em frente e ela as alcançará.”

Ainda sem se preocupar em olhar, Nell acena com a cabeça e Laura inclina o queixo no que eu suponho ser uma suspeita, enquanto as duas seguem na direção do escritório de Rand.

Uma vez fora de vista, Lucian me gira e, quando as portas se fecham, me empurra de volta contra a parede do elevador. Seus lábios esmagam os meus em um beijo fervoroso, enquanto sua mão percorre o comprimento da minha coxa. "Eu deveria ter me enfiado na sua cama ontem à noite."

“Eu pensei, com certeza, que puxaria uma faca para você novamente. O que houve?"

“Só de pensar nisso me arrependo de dormir sozinho.”

"Então, por que você ficou longe?"

"Porque há um ditado... a *ausência faz o pau ficar mais duro*, ou algo assim."

Bufando uma risada, balanço minha cabeça. “Ah, acho que você está enganado. Acredito que a frase que você está procurando seja, *faz o coração ficar mais afeiçoado.”*

Pegando minha mão na dele, ele guia minha palma para a protuberância enorme em sua calça. "Não estou enganado, de jeito nenhum."

Engolindo em seco, eu corro minha mão sobre o que deve ser uma ereção dolorosa em sua calça. "Oh." Outro momento de toque e ele solta minha mão. "Bem, eu gostaria que você tivesse, porque ouvi barulhos no meu quarto."

“Que tipo de barulho?”

De alguma forma, parece bobo dizer isso em voz alta para ele, como se eu estivesse admitindo que acredito em fantasmas. “Apenas mexendo as paredes, eu acho. Não é nada."

"Este lugar pode ser assustador às vezes." Sua palma desliza pela minha barriga, apenas a ponta de seu dedo rompendo o cós da minha calça cáqui. "No entanto, se você sentir algo tocando você enquanto dorme, apenas mantenha os olhos fechados e role com isso."

O pensamento disso me faz rir. "Vou tentar."

“Tenho uma reunião fora do estado esta tarde, e voltarei esta noite. Me espere.”

"Fora do estado?"

"Sim. Vermont. Espero que você use algo apropriado.”

"Não tenho nada sexy, se é isso que você quer dizer."

"Ah, então, teremos que corrigir isso." Lábios quentes pressionam nos meus novamente, sua língua passando pelos meus dentes. “Nesse ínterim, use algo dispensável.”

"Descartável? Tipo, eu não me importo se algo acontecer com ele?”

"Exatamente."

“Posso perguntar para quê?”

"Você pode perguntar, mas eu não vou te dizer." Ele se inclina para frente e agarra minha boca em mais um beijo. "Vou vê-la hoje à noite."

Enquanto ele se afasta, pego seu braço. "Ei, você tem alguma ideia de por que Rand nos chamou?"

Olhando para seu reflexo na parede do elevador, ele ajeita a gravata e o paletó. "Sim. Estou despedindo Nell.” O tom brincalhão de segundos atrás se embota com indiferença, como se a demissão dela não importasse para ele, de um jeito ou de outro.

"Espere. O que?"

“Eu não posso ter alguém nesta casa que constantemente me acusa de assassinar minha esposa e meu filho. Chame isso de conflito de interesses.”

"Mas o que eu disse a você... não queria que ela soubesse."

"Ela não vai saber."

"Bem, é, tipo, *óbvio.*"

Com o olhar voltando para mim, ele planta a palma da mão contra a parede enquanto se inclina. "E se as acusações dela fossem dirigidas a você, o que faria?"

"Iria enfrentá-las."

“Que é o propósito desta reunião. O resultado depende da resposta dela. De qualquer forma, não está em minhas mãos.” Ele se endireita novamente, girando os ombros para trás. “Rand faz a contratação e demissão para mim.”

"E se fosse eu?"

"O que de você?"

Desvio minha atenção de seu olhar impenetrável que de repente me faz sentir infantil e insignificante. "Esquece. Foi uma pergunta estúpida.”

“Você está tentando navegar no que é isso. Se eu te trataria como uma empregada, ou a garota que estou transando.”

"Como eu disse, foi idiota."

“Na minha experiência, os dois sempre foram um e o mesmo. Mas com você...” Sua mandíbula flexiona, olhos em meus lábios. “Eu acharia muito difícil deixar você ir. Meu confronto com você seria em um nível muito mais pessoal.”

Outra resposta enigmática que não se encaixa nas regras de *apenas sexo* que passei a conhecer com outros caras. "Então, confio que você não vá me enfrentar esta noite."

“Seria necessário um ato de Deus para me manter longe.” Outro pequeno beijo, antes que ele aperte o botão para abrir a porta do elevador e saia em direção à entrada da frente, enquanto caminho em direção ao escritório.

Quando entro na sala, Laura está parada em sua cadeira de rodas ao lado de Nell, que está sentada com as mãos inquietas no colo. Oferecendo um sorriso afetado, Rand gesticula em direção à cadeira vazia ao lado de Nell, e meu estômago vira quando me jogo ao lado dela. Agora que sei o propósito desta reunião, tudo que quero fazer é desaparecer.

Limpando a garganta, Rand entrelaça os dedos e olha por cima dos óculos. "Chegou ao meu conhecimento que tem havido alguma discussão sobre o envolvimento de Mestre Blackthorne na morte do seu filho."

No momento em que as palavras saem do ar, posso sentir o olhar de Nell queimando meu rosto.

“Como você foi informada, quando assumiu o cargo aqui pela primeira vez, o mestre valoriza sua privacidade acima de tudo. Fofoca, de qualquer tipo, é desaprovada.” Enquanto ele tagarela, minha mente está girando com perguntas, *por que diabos eu fui convidada para passar por isso?* e *por que Laura foi empurrada para fora da cama tão cedo esta manhã para sentar-se com isso também?*

"Se isso é sobre mim, eu não disse merda nenhuma." Nell cruza os braços, afundando na cadeira.

Eu lanço um olhar feroz para ela. Se ela pensa que vai me culpar, está enganada. Lucian sabe a verdade.

"E você, Srta. Quinn?" Rand vira seu olhar para mim neste momento.

“O que aconteceu com o filho dele foi antes da minha chegada aqui. Pelo que descobri sobre Lu — hum, Sr. Blackthorne, não teria razão para acreditar que ele fez mal a alguém.”

“Claro que não teria”, Nell responde, a raiva irradiando dela. "Não quando seus lábios estão praticamente costurados juntos."

Com as bochechas aquecidas de vergonha, evito olhar para Rand e Laura, em particular. “O que eu faço não é da sua conta.”

“Se você não quer ninguém na sua conta, talvez deva ser um pouco mais discreta.” Se eu não soubesse que ela tem medo de Lucian, acharia que a mordida no tom de Nell gritava de ciúme.

"É engraçado você mencionar isso, Srta. Anders." Rand pressiona o botão de um controle remoto colocado à sua frente na mesa, e a parede atrás dele se abre para uma televisão de tela plana. Quando clica em outro botão no controle remoto, a tela se ilumina para mostrar a sala de estar de Laura. Ao som dos gritos de Laura ao fundo, a mulher mais velha se levanta de onde ficou sentada em silêncio em sua cadeira de rodas o tempo todo. Na cena na tela, parece que ela está tendo um de seus pesadelos, embora esteja fora da vista da câmera para ter certeza. Uma figura cambaleia para dentro da sala, e quando ele se vira e cai no sofá, eu reconheço Lucian, com a gravata desabotoada, a camisa desabotoada, segurando um copo de bebida alcoólica.

A princípio, acho que foi a noite em que fui verificar a Laura naquela primeira semana, mas noto que a gravata do Lucian é bordô neste clipe, não preta como antes.

“Em um esforço para ser minucioso, fiz algumas pesquisas e descobri isso.” Ele avança rapidamente o vídeo e, com o canto do olho, vejo Nell se mexendo em sua cadeira.

No lapso de tempo, outra figura entra na sala na tela e Rand reproduz o vídeo em velocidade normal mais uma vez.

Lucian parece estar desmaiado, onde ele se deita no sofá, com a mão cobrindo o rosto. A segunda figura é Nell, que está de pé sobre ele com a cabeça inclinada, como se o observasse com curiosidade. Quando ela se ajoelha entre as coxas dele, os cabelos da minha nuca se arrepiam. Não consigo olhar para ela, enquanto fico paralisada, observando-a fazer um movimento sobre ele durante o sono.

Nell muda novamente e pigarreia. "Nós entendemos. Eu estraguei tudo, ok?" O tom nervoso em sua voz é tão estranho quanto seu comportamento no vídeo. É como assistir a duas personalidades completamente diferentes.

“Ah, bem, acho importante estabelecer um motivo nesses casos”, diz Rand, sua atenção aparentemente fixada na tela.

Enquanto ela abre o zíper de sua calça e liberta seu pau para a câmera, sinto-me compelida a desviar o olhar. É como assistir a algo proibido acontecer. Algo que eu não deveria saber, mas não consigo parar de assistir porque preciso saber o quão longe ela vai. No momento em que ela pega Lucian nas mãos, ele acorda assustado.

"O que você está fazendo?" A calúnia em sua voz confirma que ele está bêbado. "Pare."

“Shhhh”, ela diz, golpeando a mão dele quando ele alcança seu braço. "Apenas relaxe."

"Sai de cima de mim, porra!" Ele a empurra com força suficiente para fazê-la cair de bunda para trás, e se atrapalha para fechar o zíper de sua calça. Levantando-se do sofá, ele fica em cima dela, balançando um pouco. “Se você me tocar de novo, vou garantir que você nunca mais trabalhe em outro emprego nesta

ilha", diz ele, antes de se afastar, fora do campo de visão da câmera.

Rand pausa o vídeo, e quando ele se vira, há um sorriso torto em seus lábios. "Parece que a rejeição é uma coisa bastante delicada para você, Sra. Anders."

"Ele veio atrás de mim primeiro, antes daquele vídeo."

"Não, eu não acho que isso seja verdade. Mestre Blackthorne se manteve sempre profissional em suas interações com você. Foi você quem se comportou de maneira inadequada."

"Foi isso que ele te disse?"

"Ele não me disse nada sobre este incidente. Eu tive que encontrar sozinho. E com o fundamento de que você não cumpriu sua parte do contrato, infelizmente vamos deixá-la ir."

"O que? Me deixar ir? Você não pode... eu preciso desse trabalho."

De repente, ela está preocupada com seu trabalho? Quero dizer, ela deveria ter pensado nisso antes de decidir manchar o nome do chefe, mas acho que algumas pessoas não tem noção.

"Sinto muito, mas é um conflito de interesses permitir que você fique."

"O que isso deveria significar? Conflito de interesses? Como?"

"Sei que você está reportando a um investigador particular, que está ocupado tentando construir um caso contra os Blackthornes e o Doutor Powell."

O olhar no rosto de Rand me lembra daqueles programas policiais, quando o detetive finalmente fala uma besteira e o inferno começa. Quem diria que as pessoas ainda contratam

investigadores particulares? Sempre pensei que era uma coisa de baixo orçamento para a TV.

“Você certamente contribuiu para isso com suas mentiras e fofocas”, Rand continua.

“Tenho documentado os cuidados, como fui orientada a fazer. Se ele obteve acesso não autorizado às minhas notas de progresso, isso não tem nada a ver comigo.”

Inclinando a cabeça, Rand estreita os olhos sobre ela e abre a gaveta ao lado dele. Ele puxa uma fotografia um pouco granulada, como se tivesse aumentado para um tamanho maior, e a empurra na frente dela. Nela, ela está sentada em frente a um homem que não reconheço, sorrindo de uma forma que eu consideraria um flerte, mesmo se nunca tivesse conhecido a mulher. "Você passou muito tempo com o Sr. Goodman, ao que parece."

Ombros caídos, ela franze a testa enquanto olha para a foto em silêncio.

“Saia daqui, Srta. Anders. E se eu encontrar você bisbilhotando a mansão novamente, vou mandar prendê-la no local por invasão de propriedade.”

Ela não se preocupa em olhar para mim enquanto se levanta da cadeira. É quando ela passa que agarra meu braço, e eu me assusto com seu toque, pensando que ela vai me atacar. Em vez disso, ela dá um aperto e suas sobrancelhas erguem-se para algo que parece ser mais simpático do que zangado. “Cuidado, Isa. Não confie em ninguém.”

"Fora. Agora." Depois que ela sai, ele se vira para mim. "Peço desculpas por fazê-la passar por isso, Srta. Quinn, mas achei que você deveria estar ciente, caso você tenha compartilhado alguma conversa particular com ela."

Minha mente volta para as conversas que tive com ela, onde eu poderia facilmente ter dito algo pessoal. Algo que teria eu, ou tia Midge, sob escrutínio. Ou seja, o problema com o traficante.

Ele bufa, a carranca se aprofundando em seu rosto. “Eu não sabia disso até recentemente. Diga-me, você notou algum comportamento incomum em seu tempo trabalhando ao lado dela?"

“Só... ela me pediu para cobrir uma vez, para que ela pudesse resolver algo. Presumi que fosse com o filho dela.”

"Entendo. E qual foi a natureza de você cobri-la?"

Um rápido olhar para Laura mostra que ela está olhando para mim. "Só ficar de olho na Sra. Blackthorne por algumas horas."

“Tentamos manter uma enfermeira disponível o tempo todo. Nos fins de semana, quando Nell vai embora, Shauna assume o controle. Portanto, é importante que você me comunique essas coisas.”

"Desculpe. Não vai acontecer de novo.” Eu abaixo meu olhar do dele, os dedos inquietos. “Estou assumindo que Lucian disse a você o que eu disse a ele.”

"Ele fez. E embora eu ache que suas ações são muito sérias, chegamos à conclusão de que ela seria dispensada imediatamente.”

“Só não parece...”

"O que?"

"Ela disse que tem trabalhado muito para ter seu filho de volta." Não me preocupo em dizer a ele que ela lutou pela reabilitação para ficar limpa antes de se tornar enfermeira. "Parece estranho que ela tenha deixado algo ficar no caminho disso."

“Algumas pessoas têm uma abordagem muito autodestrutiva para seu bem-estar.”

"Bem, eu, pelo menos, nunca confiei nela." Laura se senta com as mãos cruzadas no colo e balança a cabeça. “As coisas que ela dizia e fazia. Garota miserável.”

"Que tipo de coisas ela dizia?" Rand pergunta, virando sua cadeira para encará-la.

"Ela disse que Isa tinha me roubado." Laura zomba e desvia o olhar, franzindo a testa, e eu abaixo meu olhar para não ter que olhar para ela.

Eu poderia dizer a ela que é verdade agora, e limpar o nome de Nell de pelo menos uma acusação, mas quando levanto meu olhar para Rand, ele está balançando a cabeça, a expressão em seu rosto é um aviso.

Então não me incomodo. Nell se foi agora. Suponho que limpar o nome dela é inútil.

CAPÍTULO 50

LUCIAN

O Instituto é o único lugar na costa leste onde eu gostaria de poder atear fogo e ver queimar. Isso certamente pouparia o país da metade de seus psicopatas. Um arrepio se instala em minha nuca enquanto caminho pelos corredores que, apenas alguns anos atrás, testemunharam meu sofrimento e tormento. Agora, o lugar serve apenas como um lugar para o Grupo se encontrar, mas acho que nunca irei apagar totalmente as imagens angustiantes do tempo que passei aqui.

A ideia era me colocar em um estado agressivo, para que eles não tivessem que explicar um resultado falso-negativo em meu DNA. Ao rejeitar minhas tendências sádicas, eu essencialmente desacredito toda a organização, uma vez que minha linhagem representa a mais estudada de todos os membros. Existem tantas amostras do meu DNA, esperma e células-tronco estocadas aqui que provavelmente poderiam começar a gerar meus clones. A menos que já tenham feito isso, e essa é a natureza dessa reunião, de outra forma inútil.

Chego à porta do escritório de Friedrich. Depois de algumas batidas, ela se abre e o próprio homem está ali, com um sorriso que poderia abrigar uma pequena aldeia.

“Lucian, é maravilhoso ver você! Obrigado por fazer a viagem.” Ele me conduz para dentro do escritório, dando um tapinha no meu ombro quando passo. Prick não ousaria colocar a mão em mim como fez quando eu tinha dezesseis anos, com tanto que ganhei ao longo dos anos. Sem mencionar o financiamento que ele arriscaria perder, se o fizesse.

Minha natureza imprevisível provavelmente o deixa nervoso também.

Bom.

Hoje em dia, é apenas uma colocação cuidadosa de sua mão no meu ombro. Respostas cautelosas.

Gesticulando em direção a uma das cadeiras na frente de sua mesa, ele caminha para o outro lado e cai na sua.

“Presumo que você tenha algo importante para discutir, já que solicitou pessoalmente, em vez de uma reunião pelo Skype.” Eu me inclino para trás na cadeira, desejando ter uma bebida para me entorpecer com a besteira de ciência que ele sem dúvida vai vomitar nos próximos dez minutos.

“Você sabe que não confio em reuniões realizadas pelo computador.”

Claro que eu sei. E fui levado por um detector de metais na entrada da frente, para garantir que não tivesse um dispositivo de gravação comigo, incluindo meu telefone. Como não é meu primeiro rodeio, deixei-o no carro com o motorista que contratei.

“O objetivo disso é que você saiba que eu investiguei a história da família do Sr. Boyd”, ele começou. “E parece que ele tem um gêmeo encarcerado. Mas a parte interessante de tudo isso é *quem* ele assassinou.”

"E quem pode ser?"

“O pai biológico deles. Que também tinha ficha criminal por agressão e assassinato de sua mãe, quando os dois meninos eram bem pequenos.”

“Isso soa como uma árvore genealógica confusa.”

"De fato. O que torna Patrick um espécime muito curioso. Adoraria saber o que ele lembra de sua infância.”

Tenho certeza que sim. Literalmente, com um picador de gelo. “Acho que meu voto não tem mais peso.”

Com as mãos no ar, ele sorri e balança a cabeça. “Bem, eu não disse isso. Não temos estudos básicos sobre ele, então muitos dos dados serão inconclusivos, de qualquer maneira. É mais curiosidade da minha parte. Amelia era a única descendente?"

Eu encolho os ombros, já além dos meus limites de tédio. "Até onde sei."

“Vamos verificar isso, é claro. Por enquanto, vou observar antes de tomar uma decisão sobre ele.”

“E é para isso que você solicitou uma reunião pessoal?”

"Claro que não." Ele se levanta da cadeira e enfia as mãos nos bolsos do jaleco. "Venha comigo. Eu gostaria de mostrar a você o que seu generoso financiamento proporcionou.”

Com uma bufada baixa, eu o sigo para fora do escritório e pelo corredor, em direção aos elevadores que peguei para chegar aqui. Uma vez dentro, ele aperta o botão do andar inferior do instituto. Um lugar onde toda a magia desse show de merda acaba.

O departamento de pesquisa.

As portas se abrem para um corredor muito claro, onde as luzes fluorescentes me fazem semicerrar os olhos.

Ele me leva pelos corredores brancos, com portas brancas e pisos de ladrilhos brancos, com cheiro de desinfetante potente. "Você já considerou uma cirurgia mais extensa em suas cicatrizes?" ele pergunta por cima do ombro.

Idiota. "Não." Desisti de tentar remover os vestígios do meu acidente. No mínimo, serve como um lembrete de que não sou, e nunca fui, tão invencível quanto gostava de pensar.

"Que pena. Eu conheço um cirurgião, se você mudar de ideia."

"Obrigado. Eu avisarei quando me importar." A irritação de ter feito essa viagem azedou seriamente meu humor.

O sorriso que ele me dá é falso e escorrendo desprezo. Nossa benevolência mútua é separada por uma fina camada de besteira.

Um grito alto e gutural me faz parar em frente a uma porta cuja janela pequena e quadrada mostra uma sala mal iluminada do outro lado. Avisto uma figura agachada no canto, tremendo e arranhando as paredes. Uma menina, dado o cabelo comprido e desgrenhado que se projeta em volta da cabeça e sobre os ombros.

A curiosidade me puxa para mais perto, até que estou de pé na porta, olhando diretamente para dentro. Pelo que posso ver de seu perfil, os lábios da garota estão se movendo, mas tudo que posso ver é um murmúrio silencioso através da porta. Eu bato, e ela para de arranhar as paredes, onde longas listras vermelhas, que devem ser sangue, indicam que ela esfregou as pontas dos dedos até a carne viva. Quando ela finalmente se vira para olhar para mim, franzo a testa para o rosto familiar.

"Melody Lachlan." Friedrich se move para a minha periferia enquanto fica ao meu lado. "Filha de..."

"Daniel", eu interrompo, estudando a garota, enquanto ela continua a esfregar. "Eu conheço ela."

Um flash de memória dança em minha cabeça, de um dia quente de verão na propriedade de seus pais. Seu pai era dono de uma rede de hotéis de luxo e convidou minha família para um evento de caridade em sua casa. Eu tinha apenas onze anos na época, o que a tornaria em torno de sete. Enquanto nossos pais se misturavam, ela levou Jude e eu para o jardim, onde uma gaiola elaborada abrigava um pássaro brilhante e colorido. No momento em que Melody enfiou o dedo dentro, o pássaro voou para o poleiro

carnudo e observei enquanto Melody acariciava e beijava seu animal de estimação. Ela era a criatura mais gentil que eu já conheci, sempre amável e vibrante. Sorridente. Ao contrário da maioria das meninas nascidas ricas, ela era sólida e genuína.

"O que aconteceu com ela?" Não consigo desviar os olhos da sujeira que corre por seus braços e rosto, misturada com o que acho que é sangue.

“O pai dela pediu que fizéssemos alguns testes nela, visto que não tínhamos muita história da família acumulada sobre ele.”

Pelo que entendi, o homem era um milionário que se fez sozinho, que meu pai costumava chamar de novo-rico.

“Ao fazer isso”, continua Friedrich, “tropeçamos em um gatilho que nos levou a acreditar que ela pode ter sido agredida ou abusada em algum ponto.”

Melody bate as palmas das mãos nos ouvidos, gritando enquanto se balança no canto. É possível que seu pai a tenha machucado.

"O que você vai fazer com ela?" pergunto.

Friedrich suspira e inclina a cabeça, ainda olhando pela janela. “Bem, ela certamente não está pronta para ser solta neste momento. Continuaremos a fazer testes.”

Minha própria experiência me diz que eles não têm nenhuma intenção de curar seu estado mental. “Qual é a natureza desses testes?”

A bochecha de Friedrich se contorce como se ele fosse sorrir. “Para estudar a propensão de um sujeito para a violência, você deve estimulá-lo um pouco.” Ele aponta para o canto oposto onde Melody está sentada, sigo o caminho de seu dedo até uma pilha de pássaros espalhados pelo chão, com as cabeças separadas dos corpos. Ao ver excrementos brancos no cimento, eu

levanto meu olhar para os pássaros empoleirados nas vigas do teto acima. Cerca de meia dúzia de pássaros coloridos, como o da gaiola anos atrás.

“Ela começou a arrancar suas cabeças, como um gato selvagem. É notável de assistir.”

"O que você fez com ela?"

“Nada que não estivesse nela o tempo todo. Pense nas repercussões, se ela tivesse estourado fora dessas paredes. Ela poderia ter matado alguém. Nós apenas demos a suas tendências violentas uma válvula de escape.” Ele limpa a garganta e se vira para mim. "Venha. Tenho mais para mostrar a você.”

Continuamos pelo corredor e paramos em frente a uma porta, pela qual ele me conduz para dentro de uma sala que se abre para uma cúpula de vidro, em torno da qual estão dispostas várias cadeiras. Nas cadeiras, sentam-se vários homens com fios presos a engenhocas que parecem um capacete em suas cabeças. Abaixo deles, no nível inferior, um homem está deitado em uma mesa, mantido por restrições. Outro com um jaleco usa luvas grossas, enquanto levanta um bastão de marcação com uma placa de metal em brasa em sua extremidade. O homem na mesa choraminga e se contorce em suas amarras, gritando contra a amarra presa entre seus dentes. Ao primeiro estalar de carne queimando, algo pisca na minha periferia, viro-me para ver monitores que parecem estar capturando ondas. Ondas cerebrais, estou supondo.

“Estamos tentando medir a resposta neural empática usando registros de EEG.”

“Empática? Tipo, tentando ver se essas pessoas se importam que você acabou de marcar um homem com metal quente?"

“Precisamente.”

“Você não poderia ter reproduzido um vídeo de alguém sendo marcado? Por que isso?"

“Você não poderia praticamente sentir o gosto daquela carne queimando em sua língua agora? Eu me arrisco a dizer que suas ondas gama estão fora de série ao assisti-lo.”

Enfiar as mãos nos bolsos da calça é tudo que posso fazer para não estrangular o filho da puta. É para isso que meu pai tem injetado dinheiro todos esses anos? Foi nisso que o desgraçado insistiu que eu *continuasse* despejando dinheiro, quando ele finalmente morreu? Para garantir que esses idiotas continuem a produzir estudos de merda.

E eles são um dos maiores motivos pelos quais eu nunca tentaria perseguir Isa. Se eles pensassem, por um segundo, que eu estava falando sério com ela, ela seria perseguida e monitorada, toda sua história dissecada em segredo. Minha mãe não sabia absolutamente nada sobre Schadenfreude, mas eles sabiam tudo sobre ela, desde seu ciclo menstrual.

“Nesse caso, o sujeito é um conhecido predador infantil”, continua Friedrich.

“Estamos oferecendo pagamento para predadores de crianças agora?”

"Não. Oferecemos pagamento à prisão que o encarcerou.” Ele vagueia pela sala em direção aos monitores, estudando as várias ondas na tela. “Não há criminoso mais desprezado do que o predador infantil. É interessante que esse segmento específico de nossa espécie tenha a justificativa de uma retribuição violenta. Mesmo o ser humano mais empático pode reunir a *apatia* para ver esses indivíduos sofrerem.” Ainda com um sorriso, ele olha para mim. “Gostamos de usá-los como um grupo de controle. E se isso ajuda a sua consciência, eles nunca saem do Instituto.” Enquanto ele caminha de volta em minha direção, pego o outro jaleco aquecendo a haste de metal para a segunda

rodada. “Isso é o que seu financiamento forneceu. Cada sala concentra-se em um comportamento sádico específico. A próxima sala é sadismo sexual. Você gostaria de ver?"

"Não. Eu não gostaria. Não consigo ver como isso é considerado ciência, em absoluto.”

“Esses indivíduos são homozigotos para um determinado genótipo...”

Eu levanto a mão e balanço a cabeça. “Eu não preciso de uma dissertação. Vou ser honesto com você, Friedrich. Eu não dou a mínima para o que você espera aprender com tudo isso. Vou continuar financiando, porque foi meu pai quem quis e, para sua vantagem, colocou outra pessoa que não eu como executor. Mas não quero mais participar desse show de merda.”

Rand estaria vomitando suas tripas no chão branco e limpo agora, se eu o trouxesse comigo.

Ainda bem que não o fiz.

"Com quem, hum... com quem você pensa que está falando, Lucian?" É estranho como o sorriso desse cara nunca vacila, mesmo quando fica claro que eu o esbofeteei com um insulto. “Você acha que está falando com um dos empregados do seu pai? Este *show de merda,* como você o chamou, pode enterrar você sem que ninguém perceba que você foi embora.”

"Então, por que ainda não fez isso?" Com um sorriso, inclino minha cabeça. "Oh. Isso mesmo. Porque o financiamento só dura enquanto houver um herdeiro. Ou seja, ele morre quando eu morrer. Você tem algumas conexões muito poderosas, sem dúvida, mas admita, ninguém foi tão comprometido quanto meu pai.” Deslizando minhas mãos nos bolsos, dou mais um passo em direção a ele, invadindo seu espaço pessoal. "Nunca mais me ameace."

Limpando a garganta, ele dá um passo para trás. "Muito bem. Reuniões trimestrais. É tudo o que peço. E atualização médica ocasional. Você não tem que participar dos estudos experimentais."

"Vou pensar sobre isso." Eu dou um tapinha em seu ombro, pegando sua vacilada, e saio da sala.

Houve um tempo em que esse lugar tecia pesadelos como uma teia de aranha, sempre presente na borda do meu cérebro, esperando para me envolver em suas fibras aterrorizantes.

Agora, isso não pode me tocar.

Quando finalmente chego ao meu carro, encontro duas mensagens de Rand no telefone. A princípio, acho que ele vai me criticar com respeito pelo que certamente consideraria outro encontro desastroso, mas sua segunda mensagem me instrui a verificar meu e-mail. Quando o abro, encontro o relatório restante que solicitei a ele na semana passada. A pesquisa mais extensa sobre o passado de Isa.

Um dos documentos é um boletim de ocorrência que descreve o ataque na festa, em grande parte fiel ao que ela narrou, mas há algo novo.

Algo sobre o qual eu tinha minhas suspeitas.

Algo que ela conseguiu manter escondido.

Eu não posso evitar o sorriso puxando meus lábios enquanto folheio os outros documentos anexos: anotações de terapeutas de suas sessões semanais.

Minha beleza de corvo é muito mais perigosa do que eu imaginava.

Escuridão se instala sobre a mansão enquanto subo a escada, a antecipação queimando por mim, mesmo depois de um voo de três horas. A caixa debaixo do meu braço é um presente, e passei muito tempo escolhendo, pouco antes de deixar Vermont.

A porta do quarto de Isa está fechada e, quando clico para abri-la, as luzes do interior estão apagadas. Abrindo-a apenas o suficiente para entrar, encontro sua forma adormecida esticada na cama, a visão dela agitando um desejo sinistro por gemidos suaves, unhas e dentes. Parando ao lado de sua cama, coloco a caixa de lado e me inclino para beijar ao longo da curva suave de seu pescoço.

Uma contração muscular e ela acorda assustada, virando de costas. Faixas prateadas de luar brilham em seu rosto, chamando minha atenção para os lábios carnudos que quero morder.

Estou convencido de que ela é minha punição de Deus. Minha maldição.

Um toque proibido.

Um beijo roubado.

Minha tentação na carne.

Quando me inclino para beijá-la, lábios suaves e quentes cumprimentam os meus, me levando a fantasias de mantê-la só para mim. Minha própria bonequinha, assim como a coleção desastrosa que minha mãe mantém. Tudo dentro de mim implora para resistir, para não me deixar levar pela ilusão disso, mas a tentação é muito forte. Ela rapidamente se tornou uma fraqueza, uma preocupação da qual não consigo me livrar e uma aposta perigosa para um homem com tantos inimigos quanto meu pai acumulou no nome Blackthorne ao longo dos anos.

Eu a empurro, agarrando a caixa que deixei ao pé da cama, seus olhos se arregalam ao vê-la.

“Outro presente? Lucian...”

"Abra."

Com um pouco de hesitação, ela rasga a fita vermelha grossa e levanta a tampa da caixa para revelar a lingerie branca transparente dentro. Eu vejo sua surpresa se dissolver em uma espécie de sorriso recatado, ela levanta a minúscula calcinha de renda e o sutiã combinando.

"Você quer que eu coloque isso agora?"

"Não. Ainda não. Eu quero que você venha comigo." Estendo a mão para ela e a ajudo a se levantar, absorvendo a visão dela em nada mais do que uma fina camiseta branca e um short.

“Você disse dispensável. Devo vestir uma calça?"

"Isso não será necessário."

"Sapatos?"

“Sapatos, se você quiser. É uma caminhada pelo quintal até a água.”

"Água?" Olhando para trás em direção às poucas sandálias e o par de botas alinhadas contra a parede, ela balança a cabeça. "Eu vou ficar bem."

Pegando sua mão na minha, eu a levo para fora do quarto, pelo corredor. Um silêncio pesado paira no ar, já que todos parecem estar dormindo.

Exceto Sampson, é claro. Ele cumprimenta nós dois no saguão, abanando o rabo, enquanto Isa faz uma pausa para acariciá-lo.

"Ele gostou de você, eu vejo."

Ajoelhando-se no chão, ela levanta o queixo, permitindo que ele lamba seu queixo. "E eu decidi que ele não é o monstro mau e assustador que conheci."

“Engraçado o que acontece quando você reserva um tempo para conhecer alguém. Eu decidi a mesma coisa sobre você.”

Com aquela risada característica dela, ela se levanta. "Para onde você está me levando?"

"Eu imaginei, já que você tão gentilmente me mostrou seu lugar favorito ontem, vou te mostrar o meu." Dando um leve puxão em seu braço, eu a levo para fora da entrada da frente e desço o caminho familiar em direção à colina. A lua está cheia e alta no céu, iluminando o caminho gasto através do quintal. Eu me viro para ver Isa olhando ao redor, sua expressão cautelosa, como se ela estivesse esperando que algo se abatesse sobre ela. A mansão é sempre um tanto misteriosa, mas à noite, quase parece que as sombras ganham vida.

Uma vez no limiar das árvores, eu paro e toco no meu ombro. "Vamos lá. Nas minhas costas."

"O que?"

“Os galhos vão rasgar seus pés. Suba.”

Pegando meus ombros, ela o faz, envolvo pernas macias e tonificadas ao redor do meu corpo enquanto agarro a parte inferior de suas coxas e marcho pelas árvores.

O pequeno bosque de árvores abre-se para o caminho de descida, ao longo do perímetro da caverna. Uma brisa fresca se mistura com o ar quente do verão, criando um leve frio. O incessante bater das ondas me leva de volta anos atrás, quando eu ficava sentado nesta caverna por horas a fio. Eu a coloco na areia fofa e tiro meu casaco para envolvê-la, o que ela aceita com apreço.

A maré começou a subir, mas ainda não a ponto de encher a caverna. Eu jogo fora meus sapatos e meias, e arregaço minha calça.

“Vamos entrar na água?” ela pergunta.

Antes que ela tenha a chance de protestar, eu a coloco por cima do ombro, sorrindo enquanto ela ri, enquanto mergulho na água até a entrada da caverna. Alguns metros lá dentro, a areia ainda está seca, coloco-a na frente de uma pedra. Ajoelhando-me diante dela, coloco a mão no bolso de seu casaco emprestado para pegar uma pequena lanterna que acendo e entrego a ela, bem como um pacote de fósforos. Em uma curva lenta, seu olhar trilha os arredores e, quando pousa em mim, seus olhos parecem brilhar de admiração.

“Eu costumava vir aqui quando criança. Era o único lugar em que podia fugir de meus pais.”

"Mesmo? Você mora em um maldito castelo. Com alas separadas.”

“Você ficaria surpresa com a falta de privacidade. Alguém sempre observando.” Dois pedaços de madeira flutuante e algas marinhas secas espalhadas pelo leito da caverna são os gravetos perfeitos, que eu rapidamente pego. Situado longe o suficiente da água, eu cavo uma cova rasa na areia e empurro a isca desidratada no buraco. Com uma riscada de fósforo, eu coloco o graveto em chamas e as pequenas cintilações brilham com um brilho laranja que projeta sombras nas paredes.

Tendo totalmente explorado a caverna, seu olhar cai sobre o meu, e ela apaga a lanterna. "O que eles ficavam observando em você?"

“Quando eu era muito jovem, meu melhor amigo se afogou. Bem aqui nesta caverna.”

Com as sobrancelhas franzidas, ela olha ao redor novamente, como se eu tivesse escondido os restos dele em algum lugar lá dentro. "Então... como este é o seu lugar favorito?"

“As alucinações começaram aqui. Por horas, eu sentava e falava com ele. Conversas que eu nunca teria a oportunidade de ter com ele novamente. Era como se ele nunca tivesse partido. O que me trouxe um pouco de paz.”

"Então, eles estavam observando essas alucinações?"

“Eles estavam sempre assistindo.” Eu me lembro das muitas vezes que senti os olhos de alguém em mim. O pessoal de limpeza. O pessoal da cozinha. Todos aconselhados a prestar atenção. “Com alucinações, ou não.”

"Deve ter sido um inferno quando você ficou mais velho."

"Foi. Até que aprendi a parar de me esconder. Depois que tudo ficou claro, eles pararam de assistir.” Meus pensamentos me levam de volta ao dia em que meu pai insistiu que mentíssemos para a mídia sobre a morte de Roark. A sensação, como se ele me jogasse de volta em uma caixa lacrada novamente. “Infelizmente, você nem sempre pode ser um livro aberto. Alguns segredos não devem ser expostos.”

"Como o quê?"

“Você perguntou como Roark morreu. A mídia publicou uma história de que ele desapareceu do castelo. Eles presumiram que ele poderia ter acabado aqui, e a água o levou embora.” Eu fico olhando para além dela, as memórias daquela noite brincando na periferia dos meus pensamentos, eu me esforço para não me aprofundar muito nelas. “Amelia sempre foi muito cuidadosa com seus medicamentos. Eu sei disso. Mas uma noite, ela não foi, por qualquer motivo. Ele os encontrou.” Franzindo a testa, baixo o olhar para minhas mãos, onde esfrego o polegar sobre a palma da mão, enquanto me lembro do peso do meu filho em meus

braços. A curva de sua cabeça na minha palma. “Foi um acidente.”

“Sinto muito, Lucian. Me desculpe por ter duvidado de você.”

“Você seria uma tola em ignorar os rumores inteiramente. As mentiras nunca deram certo, mas elas estavam lá para proteger Amelia.” À menção de seu nome, gritos ecoam dentro da minha cabeça. “Ela simplesmente não conseguia viver com o que aconteceu, eu acho. De qualquer forma, nunca contei a verdade a ninguém sobre aquela noite até agora.”

"Eu juro que não vou falar uma palavra sobre isso."

“Sei que você não vai. É por isso que eu te disse.” Estendo a mão para correr meus dedos pela borda de sua bochecha e agarro seu queixo, estudando o cinza suave de seus olhos. “Há uma certa liberdade na confissão. Eu me sinto de alguma forma liberto com você.”

Pegando a bainha de sua camiseta, eu a puxo para um beijo e esfrego minha palma sobre sua barriga tonificada, arrepios balançando contra minha pele que não são apenas de frio. A faixa de sua calcinha cumprimenta meus dedos enquanto corro minha mão para baixo. “Deite-se na areia”, sussurro em seu ouvido, espalmando suas nádegas.

Sem hesitar, ela se abaixa diante de mim e deita na areia, puxando os joelhos enquanto minha jaqueta escorrega de seus ombros. As ondas já começaram a alcançá-la e não demorará muito para que a encontrem.

Eu caio de joelhos e separo os dela, enquanto ela deita seu corpo para mim.

Correndo minhas mãos por suas coxas, cavo meus dedos em sua pele e aperto, ansioso para tê-las em volta dos meus ombros. No primeiro empurrão das ondas crescentes, ela olha para cima, onde o mar brinca com seus cabelos.

"Devemos voltar?" Ela pergunta, movendo seu olhar entre mim e as ondas.

Balançando a cabeça, desabotoo minha camisa, os olhos fixos nela enquanto a tiro dos ombros e jogo para o lado. Eu prendo o cordão de sua calcinha e deslizo por suas coxas, sobre os joelhos, e atiro em algum lugar atrás de mim. "Coloque as mãos nos joelhos."

Uma vez que suas palmas encostam seus joelhos, eu deslizo seus tornozelos e ela engasga, olhando para mim.

“Não mova as mãos, entendeu? Você as mantém aí, não importa o quê. Você me entendeu?"

Ela acena com a cabeça, curvando os dedos sobre os joelhos, o cavar de suas unhas e as contrações rápidas de seu peito me dizendo que ela está nervosa.

Arrastando meu olhar do dela, encaro suas coxas para onde a pele rosa de sua boceta implora para ser comida.

A primeira onda pesada rola, espirrando sobre seus ombros e molhando a camiseta fina que fica quase translúcida sobre seus seios deliciosos e sem sutiã. Globos redondos espiam através do tecido encharcado, eu me inclino para chupar o sal em seu mamilo, pegando a carne endurecida entre meus dentes.

Ela se contorce e retorce embaixo de mim, seus dedos correndo pelo topo da minha cabeça.

Quebrando as regras.

Eu belisco sua pele, incitando um grito, e coloco sua mão de volta em seu joelho. “Mãos onde as coloquei.”

Pegando o tecido de sua camisa com força, eu a rasgo no centro, empurrando seus lindos seios, antes de deixar cada metade cair contra seu peito. Com os olhos arregalados, ela levanta a cabeça, olhando para sua camisa esfarrapada.

Ela parece uma bagunça que quero limpar.

A visão de sua pele exposta tenta meus dedos, eu os corro sobre seus seios, dando um leve tapa em um antes de tomar o, agora totalmente exposto, mamilo em minha boca.

Outra onda salpica em cima dela e seus músculos se contraem contra meus lábios, enquanto caminho para baixo em seu corpo, arrastando beijos em sua barriga molhada, até chegar ao ápice de suas coxas. Uma vez que minha língua atinge sua pele sensível, o sabor doce atinge o fundo da minha garganta, e meus olhos quase rolam para trás na minha cabeça.

É como sugar o suco de um pêssego maduro demais.

Braços em volta de suas coxas, eu a puxo para mais perto e mais baixo do meu abdômen, enquanto o som de seus gemidos suaves ecoam na caverna.

Outra onda e ela estremece em minhas mãos.

"Lucian." O tom ofegante de sua voz, misturado com um pouco de pânico, faz um espiral na minha espinha. “As ondas...” Um empurrão no topo da minha cabeça não consegue afastar minha língua em sua boceta, coloco sua mão de volta em seu joelho. Novamente. "A água... está subindo." Outro gemido ricocheteia nas paredes da caverna, enquanto ela parece lutar para manter o foco.

"Eu vou parar quando você gozar."

Ofegante, ela se contorce na areia, as coxas tremendo em minhas mãos. "Não posso... vou me afogar antes disso."

"Então, sugiro que você pare de falar e relaxe."

Uma longa chupada em seu clitóris e seu gemido se dissolve em um suspiro, suas costas arqueando-se na areia. Outra onda quebra em torno de nós, suas coxas flexionam, mas eu a seguro e passo minha língua ao longo das paredes sedosas de sua

boceta. Seus dedos se enrolam em um punhado do meu cabelo, só que desta vez não me incomodo em colocar sua mão de volta nos joelhos, porque ela se abre mais para mim. "Boa menina."

Outra onda segue a primeira, esta batendo em meu rosto, quando eu levanto a cabeça de sua pele escorregadia, noto que o nível da água está em suas orelhas. Eu mergulho novamente, e ela grita, as unhas cravando no meu couro cabeludo.

Mais lambidas.

Mais chupadas.

As ondas vêm mais rápido do que antes, a maré subindo a cada segundo.

Seus gemidos começam a aumentar, e outra onda cai sobre nós, o sal na minha boca enquanto eu a como debaixo d'água. Uma tosse sai de sua garganta e ela engasga, antes de outra onda rolar por cima dela.

Eu deslizo dois dedos em suas profundezas aveludadas, enquanto a onda recua, ela arqueia novamente, seu grito interrompido por outra onda.

A água começa a permanecer, a maré subindo mais e mais a cada segundo que passa. Ficando de joelhos, coloco meu dedo dentro e fora dela, observando enquanto outra onda vem por cima dela.

Ela tenta se sentar, mas eu bato minha boca contra a dela, beijando-a enquanto a coloco de volta na areia.

“Goze para mim, Isa”, eu digo contra seus lábios, antes que outra onda mude o mundo. Esta não recua, e a queimadura de suas unhas cavando em minha pele, músculos rígidos e trêmulos, é seu corpo finalmente chegando ao clímax.

Eu posso sentir isso culminando dentro dela, enquanto ela se contorce menos e treme mais, como se guardasse seu oxigênio para o grande final.

Ela se levanta com um suspiro e inclina a cabeça para trás, exalando o gemido mais torturado que já ouvi. Uma mistura de prazer e agonia enquanto ela se agita e se contorce. Minúsculas contrações pulsam em torno dos meus dedos ainda alojados dentro dela. Respirações profundas e pesadas entram e saem dela, enquanto as ondas batem em seu corpo. Quando seus olhos encontram os meus, há algo novo girando em suas profundezas.

Algo mais escuro.

Mais sexy.

Eu quero sentir o gosto em seus lábios como um viciado assistindo alguém ficar chapado pela primeira vez.

Com um punhado do seu cabelo em meu punho, eu puxo sua cabeça para trás e agarro sua boca, comendo a euforia bêbada de seu clímax.

Ela sobe no meu colo, envolvendo os braços em volta do meu pescoço, enquanto me beija com a ferocidade de um animal selvagem. "O que aconteceu comigo?"

"*La petite mort.*"

"O que isso significa?" O ronronar satisfeito de sua voz só aumenta minha necessidade de liberação, como brasas prestes a se acender.

"Morte", digo, enfiando a mão no bolso da minha calça, de onde pego um preservativo. Eu a empurro para fora do meu colo apenas o suficiente para desfazer minha calça e liberar meu pau. Rasgando o preservativo de seu pacote, deslizo para baixo em meu eixo e alinho minha ponta em sua entrada. De volta à areia molhada, eu afasto nós dois da maré crescente, mais perto do

calor do fogo crepitante, e ela se empala ao longo do meu comprimento. Com as palmas das mãos em seus quadris, eu a abaixo no meu pau ansioso, o som do seu gemido envolve meus sentidos como um vapor venenoso. Não vou demorar muito depois de assistir seu clímax, segurando-a firme, olho para seu rosto perfeito, enquanto martelo meu quadril em seu corpinho apertado.

Esta garota corrompeu cada fibra do meu ser, e ninguém será bom o suficiente depois dela. Ninguém jamais se comparará à fantasia de carne e osso diante de mim. Ela é minha.

O sopro de uma nova vida. O pulso constante em minhas veias. A tão esperada batida de um coração que está morto há muito tempo.

Minha alma gêmea.

Cada músculo do meu corpo é um fio pronto para se romper, enquanto essa garota trabalha para chegar ao clímax. Eu quero muito gozar, mas espero. Espero por ela, porque nos últimos dois dias, aprendi uma coisa sobre Isa Quinn: não há nada mais lindo no mundo do que vê-la quebrar. Uma visão que eu poderia comer no café da manhã todos os dias.

As ondas sobem mais alto, espirrando em torno de nós em borrifos brancos e salgados.

Seus gemidos aumentam, penetrando em meus ossos, solto um gemido, meu abdômen aperta de excitação, enquanto sua excitação molha meu pau a cada retirada. Ela ofega pelo nariz, o primeiro lampejo de clímax quebrando em seu rosto.

Com as sobrancelhas erguidas, ela crava as unhas no meu peito, apertando a mandíbula.

"Goze, baby." Eu guio seus quadris ao longo do comprimento do meu pau, dirigindo profundamente cada vez que ela desce sobre mim.

Ela grita, com as costas rígidas, os músculos tremendo, e o som do seu gemido longo e torturado é música para meus ouvidos.

Eu tiro meu pau dela, e ela sai de cima de mim, enquanto arranco a camisinha e me acaricio para terminar. Fitas brancas de esperma saltam da minha ponta, capturadas por sua boca.

"Ah, porra." Eu fico olhando para o meu corpo, observando seu colo a cada gota, enquanto balas de prazer disparam pelos meus músculos, banhando-as em um calor, formigamento depois. Ofegante para recuperar o fôlego, sinto sua língua dançar sobre meu abdômen, lambendo as gotas caídas da minha liberação.

Quando ela levanta a cabeça, quero enquadrar seu rosto, que tem o brilho do meu esperma brilhando em sua boca.

Arrebatador.

No dia em que aprendi a chegar ao clímax enquanto prendia a respiração, pensei que tinha tocado o céu, enquanto caminhava na linha entre a vida e a morte.

No final das contas, o paraíso é uma garota de dezenove anos que dorme com um canivete debaixo do travesseiro.

E eu sou o bastardo egoísta que pretende mantê-la toda para mim.

CAPÍTULO 51

ISADORA

Uma outra semana parece passar voando e, de alguma forma, é sexta-feira novamente. Cada dia é passado roubando olhares de Lucian, sorrisos tímidos, toques secretos e nos escondendo dos outros funcionários para nos encontrarmos nas sombras. Somos como crianças, esgueirando-nos pela mansão, como se ainda não soubessem o que está acontecendo.

Todas as noites, Lucian vem até mim e transamos por horas, em posições que nunca imaginei, antes de me levar ao banheiro para me limpar. Quase todas as manhãs, ele sai antes de eu acordar.

Ainda não vi sua cama, que suspeito ser sua maneira de garantir que me lembre do que está acontecendo entre nós, e o faço. Mas eu quero mais, odeio isso. Eu odeio que seu toque perdure por muito mais tempo do que eu gostaria de admitir, e que o som de sua voz sempre deixa minha calcinha uma bagunça encharcada, como se eu de alguma forma tivesse sido preparada e treinada para responder a isso dessa forma. Os sonhos com ele, em sua ausência, ficaram mais vívidos, mais sombrios do que antes, e comecei a temê-los menos. Assim como os sons e as sombras no meu quarto à noite não me assustam mais.

Meus desejos também se intensificaram.

Esta manhã, durante o meu banho, deixei a água escorrer pelo meu rosto, enquanto me tocava, excitada pela falta de ar. A memória da expressão fascinada de Lucian na caverna naquela noite, cintilando com algum entendimento semelhante, girou

dentro da minha cabeça enquanto a evidência de meu clímax descia por minha perna.

Ainda não decidi se voltarei para casa no fim de semana ou passarei na mansão, como Lucian insistiu. Além da breve visita ao bar, não tenho visto muito a Tia Midge. Mas talvez eu precise de alguns dias longe dele. Para me distanciar dessa obsessão crescente que com certeza destruirá o que estabelecemos entre nós.

Não sei o que aconteceu comigo na última semana, mas desde aquela noite na caverna, minhas preocupações com o mestre desta mansão me levaram a uma necessidade intensificada que me assusta um pouco. Como se ele fosse o único que pudesse entender meu fascínio repentino por essa emoção recém-descoberta.

Lá fora, um objeto preto passa pela minha janela, interrompendo meus pensamentos. Ele manca e voa pelo peitoril do outro lado, mas as asas negras são inconfundíveis. Um corvo. Quando finalmente se acomoda, ele inclina a cabeça e eu fico olhando para o pássaro sem o globo ocular. Talvez aquele que vi no primeiro dia, enquanto vinha com tia Midge. O estranho pássaro grasna e bate as asas novamente e, em segundos, alça voo, batendo no vidro.

Meus músculos se contraem e dou um passo para trás, franzindo a testa. O pássaro bate na janela novamente. E de novo. Como se estivesse tentando entrar, sem perceber a barreira ali. Seus guinchos ficam mais altos, sua determinação em passar me faz recuar mais para dentro do quarto, até que a porta do lado oposto atinge minha espinha. O grasnido desagradável continua, eu escorrego para fora do meu quarto, decidindo ir para o quarto de Laura mais cedo hoje. Um tremor ressoa sob minha pele quando olho de volta para o meu quarto, para ter certeza de que ele não entrou, antes de arrastar os pés pelo corredor para o primeiro andar.

Quando entro no quarto de Laura, o Dr. Powell está arrumando sua mala, colocando um estetoscópio dentro. Laura sorri enquanto fica sentada olhando para ele. A nova enfermeira, que ainda não conheci, se agita ao redor da cama e faz uma pausa para jogar a almofada azul no lixo.

“Ah, olha quem está aqui, Laura. Sua babá chegou!”

"Companheira. E ela não é *terrível*. Eu suponho." Ela parece ter seu juízo mais sobre ela hoje. Talvez a presença do médico tenha esse efeito? Ou talvez a nova enfermeira seja uma mudança bem-vinda.

“Eu alterei a dosagem dela um pouco, então ela deve ficar menos...” Dr. Powell circula seu dedo próximo a sua orelha, suas palavras confirmando minhas observações dela. "Maluca."

"Pare com isso." Laura dá um tapa no braço dele e dá uma risada alegre. "Não estou enlouquecendo ainda."

"Você esteve por um tempo, lá." Eu coloco o cobertor em volta de suas pernas e aliso um cabelo rebelde.

"Bem, certamente não esqueci naquela época que chato que *você* é."

"Ela está gostando muito de você, eu vejo." Sobrancelhas abaixadas, o médico balança a cabeça. “Posso ter uma palavra com você? Vai demorar apenas um momento.”

"Uma palavra? Sozinho? É sobre mim?” Passando os dedos pelo colar, Laura sorri para o Dr. Powell.

Curvando-se ligeiramente para a frente, ele pega a mão de Laura e deixa um beijo em seus dedos. “Claro que não, querida. Tenho certeza que será uma surpresa saber que nem todos os tópicos são sobre você. Estou indo para a minha próxima consulta, então fique longe de problemas.”

"Você não me conhece muito bem, então."

Um sorriso malicioso enruga o rosto dele, mas uma vez fora do quarto, fica sóbrio para algo mais sério, quando fecha a porta atrás de si. "Eu, hum... pensei, em vez de você descobrir por meio de Laura, devo dizer que Nell foi encontrada morta muito cedo esta manhã."

O ar esvazia dentro do meu peito enquanto olho para ele, confusão e choque travando uma guerra dentro da minha cabeça. "Morta?"

"Sim. Parece que ela teve uma overdose."

"Overdose? Isso... isso não parece certo."

"Ela estava roubando pílulas da Laura há algum tempo. Eu nunca disse nada porque, bem... eu não tinha exatamente provas. Apenas receitas sendo executadas mais rápido do que deveriam. Mas, pelo que eu sei, era heroína. A governanta do motel a encontrou."

Eu conheço usuários de heroína. Nell certamente transmitia a vibração de viciada, mas não havia como ela estar abusando ativamente disso todo esse tempo. Isso tem que ser uma recaída.

Eu levanto meu olhar de volta para ele. "Motel? O que ela estava fazendo em um motel?"

"Um daqueles que se paga por semana."

A menos que eu entendesse partes da história de maneira errada, eu tinha certeza de que Nell tinha sua própria casa. "E quanto ao filho dela?"

"Filho? Eu não sabia que ela tinha um filho."

Talvez ela não falasse muito sobre ele ou não divulgasse nada pessoal assim. "Foi na cidade? Na ilha?"

"O motel? Sim, é, ah..." Ele bate o dedo no queixo, contemplativo por um momento. "Crow's Nest Motel."

Eu conheço esse. A cerca de um quilômetro e meio de onde tia Midge trabalha. Eles não só alugam por semana, mas por hora, pelo que sei. “Não acredito que ela jogou tudo fora.”

E, no entanto, eu absolutamente acredito, porque é assim que os viciados trabalham. Não há nada mais valioso do que a droga. Nem mesmo uma criança. Sei disso por experiência própria, foi assim que fui jogada na porta da minha tia.

“Bem, ela sempre foi um pouco obscura. Costumava sair para algum bar esquisito. Ela gostava de pegar os moradores locais para levar ao motel e injetarem.”

"The Shoal?"

"Tenho certeza de que é esse."

Claro, existem alguns personagens interessantes que acabam no The Shoal, mas eu cresci com muitos desses caras. Trabalhei verões com alguns deles. Eles não são os cidadãos mais íntegros da ilha, mas não consigo imaginar nenhum dos frequentadores levando uma jovem para um motel para injetar drogas. Já vi lugares muito mais sórdidos do que aquele bar.

Então, novamente, talvez eu não conheça nenhum deles mais do que pensei que conhecia Nell.

“De qualquer forma, eu preciso ir, ou vou me atrasar. Só queria que você soubesse."

"Eu agradeço. Obrigada."

Volto para o quarto de Laura, onde ela se senta com uma sobrancelha arqueada, e balanço a cabeça. "Apenas me dando algumas informações sobre seus novos remédios."

“Então, *era* sobre mim. Esse homem é um mentiroso”, diz ela com um sorriso.

Quero perguntar a ela se isso é verdade e em que medida ele mentiria. “Está lindo lá fora. Eu estava pensando que talvez pudéssemos nos sentar no jardim e ler.”

“Que jardim? Você quer dizer o cemitério de vinhas e arbustos no quintal?"

"Sim. A menos que você esteja pronta para um jogo de basquete ou algo assim.”

Seu rosto se contrai em uma carranca. "Ler, é isso."

Eu a levo até o primeiro andar e saio para as ruínas, como eu as chamo. O sol está forte hoje, mas a notícia de Nell de alguma forma embota seu calor. Sento-me em um banco de pedra meio coberto de bosta de pássaro, abro o livro de onde paramos, a foto do jovem Lucian e seu amigo atuando como marcador.

“Acho que prefiro ouvir sua história, em vez disso, hoje.”

Tirando a atenção do novo capítulo, eu franzo a testa. "Minha?"

"Sim. Você sempre morou na ilha?”

Não sei por que hesito em responder a princípio. "Não. Minha mãe e eu mudávamos muito quando eu era pequena. Todo mês, parecia.”

“Ela estava no exército? Ou negócios? Os engenheiros se movem um pouco, não é?”

Engenheira. A única coisa que minha mãe conseguiu projetar foi uma vida de merda para nós duas. "Ela não era nada disso."

"Bem, o que ela fazia para mantê-la mudando tanto?"

"Drogas. Ela era uma drogada e... corríamos bastante.”

O olhar de soslaio que ela me lança está transbordando de julgamento, mas não me importo. Esconder meu passado se tornou um exercício exaustivo ultimamente. “Isso não parece um ambiente saudável para uma jovem.”

"De jeito nenhum."

"E seu pai?"

"Ele morreu antes que eu tivesse a chance de conhecê-lo."

"Então, como você conseguiu evitar seguir os passos de sua mãe na vida?"

"Minha tia Midge me criou desde que eu tinha dez anos."

“Demorou *dez anos* para sua mãe decidir que ela não conseguiria? Ou algo precipitou a decisão.”

Na pausa que segue sua pergunta, uma imagem tremeluzente passa pela minha cabeça.

Uma criança segurando um coração brilhante. Escuridão ao redor. Mas o rosto da criança praticamente brilha. São olhos tristes. Mãos gentis. Um coração vermelho. Respirações profundas. Vermelho. Em todos os lugares, é vermelho.

Eu pisco para fora dos pensamentos, o livro no meu colo voltando ao foco.

"Então?" O tom de expectativa na voz de Laura carrega um ar de aborrecimento. “Por que dez anos?”

"Eu não sei. Acho que ela simplesmente desistiu.”

“Não é assim que as mães funcionam, querida. Meu palpite é que você nunca saberá. As mulheres fazem o que têm que fazer, às vezes. Mesmo correndo o risco de uma dor inimaginável.”

Há uma textura muito lúcida em sua voz, tenho que desviar o olhar de seus olhos, que parecem estar me procurando por algo, embora eu não consiga dizer o quê.

"É por isso que você e Lucian não se comunicam muito?" É uma pergunta complicada com Laura, dada a maneira como ela obviamente se sente em relação ao filho.

Em vez disso, ela zomba da minha pergunta, olhando para o quintal. “Ele se ressente de mim. Ele sentiu que o forcei a se casar.” Revirando os ombros para trás, ela baixa o olhar em direção às mãos descansando em seu colo. "Como se eu tivesse escolha."

“Você amava Amelia, no entanto. Não é?”

“Amor é uma palavra forte, criança. Melhor guardada para seus próprios filhos.”

"Você não acredita no amor romântico, então?"

"Se o fizesse, suponho que meu marido ainda poderia estar vivo, presumindo que o coração fique mais forte quando você ama." Ela esfrega as mãos e inclina a cabeça. "Meu filho já te fodeu?"

Meu Deus, suas perguntas diretas nunca deixarão de me manter no limite. Mesmo agora, há uma batida de ansiedade me dominando.

Enquanto minha mente luta por algo para dizer, além de mentir na cara dela, ela acena com a mão no ar. "Esqueça isso. Tenho certeza que ele vai. Uma coisa jovem como você é tentação demais para o apetite de um homem Blackthorne. Seu pai era do mesmo jeito. As mais jovens sempre pareciam chamar sua atenção. Perturbador, realmente. Se Lucian fosse uma filha, em vez de um filho...” Ela parece desviar o olhar por um momento, seus olhos vidrados a cada segundo que passa, as sobrancelhas

se erguendo em uma carranca. "Estou cansada. Eu gostaria de ir deitar agora."

CAPÍTULO 52

LUCIAN

Quatro anos atrás ...

UMA lufada de ar frio lança um calafrio na minha pele e me arrasta para fora do vazio. Ao som do vento, eu me apoio no cotovelo bom e pisco duas vezes para me livrar do sono. Do outro lado do meu quarto escuro, a porta da varanda está aberta, tremulando a cortina branca transparente sob as cortinas fechadas.

'O inferno?

Eu rolo para o meu lado e pulo da cama, o ar frio do ambiente se tornando dolorosamente aparente fora das cobertas. O gesso do meu lado direito foi finalmente removido, mas a dor de alfinetes e placas parece mais intensa nessas temperaturas mais baixas. Como se o frio tivesse afinidade com o metal através de minhas camadas de pele e carne.

Mancando em direção à porta, noto o movimento oscilante na varanda, e encontro Amelia parada lá em nada além de uma camisola de seda rosa, seu cabelo loiro dançando na brisa.

"O que você está fazendo?" O sono ainda está grudado na minha voz quando me aproximo dela por trás e esfrego os olhos, para ter certeza de que não é um pesadelo estranho. Não seria o primeiro, mas eles pararam um pouco nas últimas semanas.

"Você se lembra daquela noite no átrio... quando nos beijamos?" ela pergunta, sem se preocupar em se virar.

Esfregando minha nuca, pisco com força para me concentrar. "Sim."

“Foi o melhor beijo que já tive. Por semanas, sonhei com isso. Sobre você. Eu tinha certeza de que seria a garota que conquistaria o coração frio e inatingível de Lucian Blackthorne.”

Embora a raiva que sinto por Amelia ainda me percorra, ela diminuiu com o tempo, visto que a vi entrar em depressão ao meu lado. Agora sei que foi um erro da parte dela deixar os comprimidos de fora. Um simples erro humano. Mas não consigo perdoá-la e, seja o que for que ela esteja fazendo, só solidifica meus sentimentos, pois também não consigo me importar com um beijo infantil.

A morte do meu filho me transformou em uma casca quebrada de homem. Se alguma vez fui capaz de frivolidades como o amor, esse tempo já passou.

“Quando engravidei de Roark, tinha uma escolha. Ficar com o bebê, o filho do homem com quem eu sabia que estava destinada a me casar. Ou destruí-lo e, junto com isso, todos os laços com você.” Suas mãos se estendem, agarrando o corrimão da varanda, e ela olha para baixo, a visão que deixa meus dentes no limite.

"Por que não conversamos aqui?"

“Isso é o que te excita, não é? Encarar a morte de frente?"

“Amelia. Venha. Fale aqui dentro.”

Ela se vira e, com o inchaço dos olhos vermelhos, posso ver que ela esteve chorando. “Eu amava Roark. Eu sei que você não acredita nisso, mas eu amava. Todas as manhãs, eu acordava e pensava: *hoje é o dia que vou ser a mãe que ele merece.”* O vacilo de sua voz desencadeia outra rodada de lágrimas que ela rapidamente enxuga de seu rosto. “E todos os dias eu falhava com ele. Eu falhava com ele porque estava preocupada em como entender e agradar meu marido.”

Claro, ela colocaria a culpa em mim, mas não arrisco inflamar seu humor, visto que não sei o que diabos ela veio fazer na minha varanda ainda. "Eu sinto muito. Lamento não ter lhe dado uma chance. Entre." Eu estendo minha mão para ela, sacudindo meus dedos. “Falaremos sobre isso aqui. No meu quarto."

“Eu acho que entendo agora, no entanto”, ela diz, continuando a ignorar meu pedido. “Essa liberdade de saber que, na próxima respiração, você poderia facilmente deixar de existir. Você acha que Roark sentiu isso?"

Com o coração batendo forte na garganta, dou um passo em direção a ela, e é quando ela passa a perna por cima do parapeito, literalmente cruzando a linha entre a vida e a morte.

“Amelia, não faça isso. Você não tem que fazer isso. Vamos conversar. Podemos começar de novo.” Nem sei o que estou dizendo a ela, ou se ao menos acredito que isso seja possível, mas a urgência de trazê-la de volta para este lado da varanda parece ter tomado conta das minhas cordas vocais. Dou mais um passo e ela se mexe, o movimento abrupto me forçando a recuar para impedi-la de fazer algo estúpido.

“Não há como recomeçar. Na noite em que Roark morreu? Eu vi puro ódio em seus olhos. Se você já sentiu algo por mim, morreu ao lado dele. E eu não culpo você.” Seu olhar desce do meu, enquanto ela parece recuperar o fôlego. “Mas eu continuei te amando apesar disso. Nunca houve um momento em que eu parasse de te amar, Lucian.” Ela escorrega, caindo da beirada da grade, e o pânico explode em meus músculos, me empurrando para frente por instinto enquanto estendo a mão e agarro seu braço. Só quando pego sua mão é que me dou conta do meu erro. A dor sobe pelo meu pulso e atinge meu ombro, enquanto todo o peso dela fica pendurado no meu braço, uma vez quebrado.

"Ah, porra!" Eu cerro os dentes em meio à agonia rasgando meus músculos. "Alguém me ajude!"

Lágrimas brilham em seus olhos, enquanto ela me encara, capturada apenas por seu pulso delicado. "Você pode me soltar agora."

"Não." Apoiando meu pé contra a borda da grade, estendo o braço bom. “Pegue minha outra mão. Por favor, Amelia. Eu posso te puxar para cima com esta mão.”

“Eu quero que você me solte. Quero ficar com Roark. Eu prometo que serei uma boa mãe para ele desta vez. Você não terá que se preocupar.”

Meu braço treme enquanto me inclino mais sobre a grade e tento alcançá-la com meu braço mais forte. Não consigo nem levantá-la o suficiente para agarrar seu pulso. “Por favor, segure minha mão. Estou te implorando.”

Com foco intenso, tento flexionar meu ombro, puxá-la para cima para que eu possa agarrá-la, mas uma sensação agonizante rasga meus músculos, como se estivesse se separando do meu corpo.

Ela consegue se soltar.

Um som de dor excruciante rasga meu peito, ecoando na noite.

Em segundos, ela atinge o pavimento e uma poça vermelha rasteja sobre o cimento, criando um halo de sangue ao redor de sua cabeça que é visível nos holofotes acionados.

Fechando minhas mãos trêmulas em punhos apertados, eu as descanso contra minhas têmporas e deslizo para baixo na borda da parede. O mundo me abre mais uma vez, e eu sangro a miséria presa dentro de mim.

CAPÍTULO 53

ISADORA

Dias de hoje …

Eu tenho que saber. É um pensamento incômodo e penetrante dentro da minha cabeça que não vai embora. Nell realmente teve uma overdose? Ela era uma regular no bar da minha tia? Ela estava mentindo o tempo todo? Que diabos foi o aviso antes de ela partir? E por que ela estava trabalhando com um investigador particular?

Tantas perguntas batendo na minha cabeça.

Se eu sair imediatamente e contar a tia Midge sobre o que aconteceu, será apenas mais fofoca sobre os Blackthornes. Ela vai me avisar para ficar longe deste lugar, e me dizer que estou procurando encrenca com Lucian.

Mas e se Nell não teve uma overdose? E se algo aconteceu com ela? Talvez tia Midge a tenha visto no bar. Talvez ela a tenha visto sair com alguém.

Posso pelo menos acalmar um pouco a minha mente perguntando.

Tenho certeza de que agora toda a cidade sabe que uma mulher foi encontrada morta em um quarto de motel. Esse tipo de coisa simplesmente não acontece com frequência suficiente em Tempest Cove para ser varrido inteiramente para debaixo do tapete. E se há uma pessoa que eu conheço que não sabe o que

fazer, principalmente porque fica a apenas um quilômetro e meio adiante, é tia Midge.

Enfio algumas roupas na minha bolsa para o fim de semana, minha mente decidida sobre tirar alguns dias deste lugar, mas paro com uma batida na porta.

Merda. Lucian.

Ele parecia insistente mais cedo para que eu ficasse, e estou tentando formular uma desculpa não suspeita para ele há uma hora.

"Isa?" A voz de Giulia sangra pela porta e eu exalo um suspiro de alívio.

"Entre."

A porta estala quando ela entra no quarto, seu rosto marcado com preocupação. "Você ouviu as notícias de Nell?"

Assentindo, me sento na cama, descansando minhas mãos no colo. "Eu não posso acreditar."

"Eu também não posso acreditar." O ceticismo em sua voz prova isso. “Eu conheço Nell há alguns anos. De jeito nenhum ela teria jogado tudo fora. Eu a observei estudar tanto na escola.”

Infelizmente, sei com que facilidade um viciado joga tudo fora para alimentar seu desejo. Mesmo às custas de perder o que eles mais amam. Eu gostaria que essa fosse a parte mais preocupante sobre isso, porque pelo menos eu seria capaz de descartar isso. Isso faria sentido para mim. O problema é que, se Nell era apenas mais uma drogada para arruinar o que ela trabalhava duro, por que ela se daria ao trabalho de trabalhar com um investigador particular e me alertaria para ficar longe dos Blackthornes? Os viciados não dão a mínima para nada além de sua próxima dose.

“Ela foi despedida na semana passada. Talvez isso tenha desencadeado um desejo.”

"Pode ser." Depois de olhar para trás, para a porta, ela se arrasta pelo quarto e se senta ao meu lado na cama. “Posso te dizer uma coisa? Você tem que me prometer que não vai dizer uma palavra.”

"Sim. Certo."

A maneira como ela olha ao redor do quarto a faz parecer quase paranoica, mas, novamente, talvez com razão depois das noites que passei aqui. "Eu disse coisas a ela", ela sussurra. “Coisas que eu não deveria ter falado. Ela me perguntou sobre aquele grupo secreto e os homens envolvidos. E se eles descobriram?” Torcendo a frente do vestido, ela abaixa a cabeça e exala uma respiração aguda. "E se eles vierem atrás de mim a seguir?"

"Por que eles viriam atrás de você?"

“Você não sabe quem são esses homens, Isa. O que eles fariam para permanecer anônimos. Para proteger suas identidades. O que eles fazem. E eles sabem tudo sobre mim. E Jackie.” Com o rosto contorcido de pânico, ela segura o estômago e se inclina para frente como se fosse vomitar. "Oh, Deus, e se eles forem atrás da minha filha?"

Ir atrás da filha dela? “Lucian também faz parte deste grupo?”

"Sim. Mas é diferente com Lucian. Ele não compartilha inteiramente de suas filosofias.”

"Em que?"

Soltando uma exalação aguda, ela olha para mim. “Eles pagam dinheiro para torturar outras pessoas.”

Gavinhas de gelo sobem pela minha espinha. "O que você quer dizer? Tipo... *machucar* pessoas?" Todo esse tempo, eu tinha a impressão de que eles eram algum serviço de acompanhantes de alto nível.

“As pessoas vêm até eles com problemas. Digamos eu, por exemplo. Eu precisava de uma saída. Então, alguns machucam fisicamente por dinheiro. Outros podem ser usados de outras maneiras.” Ela desvia o olhar do meu, como se ela não pudesse olhar para mim. "Por dinheiro. O fio condutor é a dor. Esses homens gozam distribuindo-a e observando.”

O que ela está dizendo não faz sentido. Um grupo que paga para torturar pessoas? É o tipo de coisa que só acontece nos recessos escuros da internet. Aqui não. Não em uma pequena comunidade de pescadores como Tempest Cove.

“As pessoas *vão* até eles para se machucar? *Você* foi até eles por isso? E pior ainda, você sugeriu que *eu* fosse até eles para isso?"

“Lembra como você estava desesperada? Imagine milhares de dólares pagos a você. Dinheiro que você não precisa devolver. Todas as suas dívidas e problemas? Somem."

"Desesperada ou não, estava tentando *evitar* ser torturada e morta."

“Porque você não conhecia os termos ou os limites.” Ela se vira para mim, seus olhos implorando. “Mas imagine se aquele traficante tivesse delineado exatamente o que faria com você e, depois, suas dívidas estivessem saldadas. Você nunca mais teria que vê-lo.”

Pode ser. Talvez eu estivesse desesperada no momento. Quem sabe? Eu estava certamente disposta, na época, a fazer uma proposta ao Diabo de Bonesalt.

“Lucian faz isso? Ele paga para machucar pessoas?”

“Não acho que ele participe. Acho que ele é apenas aquele que fornece o financiamento.”

"Por que? O que ele poderia receber em troca por isso?"

“Eu não sei, ok? Eu nem deveria estar te contando.”

“Como você aprendeu sobre este grupo?”

“Eu ouvi por outra pessoa sobre eles. Nas ruas, eles são como... deuses.” Há um brilho em seus olhos quando ela diz isso, como se ela mesma acreditasse. “Ser escolhido é um salva-vidas, para alguns.”

"Eles torturaram você?"

“Minhas circunstâncias eram tais que... eles não estavam interessados. Eu era uma mãe solteira com um filho. Pelo que eu estava disposta a fazer, eles não estavam dispostos a aceitar a nós dois. Admito, foi estúpido. Mas estávamos morrendo de fome, e você não percebe a que profundidade que afunda quando tem um filho faminto. Se Rand não tivesse se aproximado de mim, eu estaria andando pelas ruas de Boston à procura de Johns. Não tenho orgulho disso, mas faria tudo pela minha filhinha. *Tudo.”*

“Então você fez um acordo com Lucian...” Eu estava ciente desde o início que ele estava transando com ela, mas ouvir as razões por trás disso de alguma forma não me parece bem.

"Sim. Mas isso foi antes de você aparecer. Ele não me tocou desde então.”

"E ele já te machucou fisicamente?"

"Nunca." O tom implacável de sua voz se dissolve quando ela acrescenta, "Ele me pediu coisas, no entanto."

“Que tipo de coisas?”

"Para cortá-lo."

“Cortar *ele*? Tipo, ele é quem sangra?"

"Sim. Eu odiava isso. Cada minuto. É doentio e nojento. Mas eu fiz, tudo o que ele pediu de mim. Por Jackie.”

Eu sabia que Lucian tinha uma queda por facas, e admiti que uma lâmina em sua garganta o acendeu. As cicatrizes em sua pele, separadas dos ferimentos, confirmam que ele também se machucou. É estranho ouvir que ele pediu isso a ela. “Por que você contaria isso para Nell? Por que você arriscaria?”

“Eles sabem onde Jackie estuda. Um policial aparentemente a visitou, chamou-a ao escritório para fazer perguntas sobre Lucian e eu.”

“Sobre o grupo? Eu não estou entendendo.” Franzindo a testa, balanço a cabeça, tentando entender o que ela está dizendo. "O que te faz pensar que eles sabem onde ela estuda?"

"O anel. Jackie disse que ele estava usando um anel com uma mariposa. O mesmo que Lucian usa. O mesmo que todos eles usam. Ele é um deles.”

“Então, por que você não a mudou? Por que você não a pegou no momento em que soube disso?"

"Porque tenho certeza de que, se eu correr, eles me encontrarão." Ela leva a mão trêmula ao rosto e enxuga uma lágrima que escorre por sua bochecha. “Se algo acontecer comigo, eu preciso que alguém saiba. Para proteger minha filha. É por isso que contei a Nell.”

"E você não confia em Lucian para protegê-la."

"Eu quero. Mas como você pode confiar no homem que financia essas pessoas?”

Financia. Minha mente se esforça para entender o que ela está me dizendo. Lucian financia um grupo secreto que paga para torturar pessoas. *Paga* a tortura. Não importa quantas vezes eu

repita na minha cabeça, ainda sai errado. "Quem são essas pessoas?"

“Você conheceu alguns deles no baile de máscaras. Eles são poderosos e ricos. E eles têm conexões com outras pessoas ricas e poderosas.”

“Como você poderia não saber que isso iria acontecer? Que estariam vigiando você depois? Que eles questionariam seu relacionamento com Lucian?"

“Quanto tempo você pensou sobre isso antes de mencionar o grupo para Lucian? Um minuto? Dez? Você acha que provocou todas as consequências? Não. Você estava desesperada. Isso é o que você faz quando está desesperada. Portanto, não se sente e me julgue.”

"Eu não estou. Ouça, vou averiguar o que aconteceu com Nell. Vou falar com minha tia. Há uma chance de que ela saiba de algo.”

Ela junta minhas mãos nas dela e aperta, seus olhos implorando. “Por favor, não diga a Lucian que eu te contei tudo isso. Não posso arriscar que ele jogue Jackie e eu de volta na rua. Especialmente agora."

"Eu prometo. Não direi uma palavra a ele sobre isso.”

Makaio diminui a velocidade do carro até parar no meio-fio em frente ao The Shoal. "Tem certeza que não quer que eu te deixe em casa?"

"Não, eu gostaria de ficar com a tia Midge um pouco." Pego minha bolsa e coloco a mão na porta do carro, em vez de esperar que ele a abra para mim.

"Quanto tempo?"

Eu paro com a pergunta. "Desculpe?"

Passando o cotovelo nas costas do banco da frente, ele estica o pescoço na minha direção. "Quanto tempo você planeja ficar com ela?"

"Existe uma razão para você estar me perguntando isso?"

“Preciso saber quanto tempo vou esperar aqui.”

“Hum. Eu planejava ficar o fim de semana. É por isso que trouxe uma bolsa.”

"O chefe me disse para levá-la de volta."

"Bem, você pode dizer a ele que decidi ficar?"

"Não." A expressão escrita em seu rosto é tão inflexível quanto sua resposta, e uma sensação arrepiante de desconforto sobe pela minha espinha.

"Não? Por que?"

“Porque você vai voltar para a mansão. Isso é o que fui instruído a fazer. Levar você de volta.”

“Hum. Estou... sem horário.”

"Eu não estou. Então, vou esperar aqui por você.”

“Eu tenho uma escolha de onde quero ir nos fins de semana, escolhi voltar para casa”, jogo de volta, a frustração florescendo quente sob a minha pele.

“Bem, parece que o chefe não foi informado disso. Então aqui estou. Esperando por você."

"Bem, você vai esperar muito tempo, eu posso te dizer isso."

"Quanto tempo?"

"Três horas. Talvez quatro, se eu decidir comer aqui.”

"OK, legal." Ele abaixa o braço, voltando-se no assento. "Vou ficar esperando aqui no estacionamento, então."

"Tudo bem. E com certeza vou conversar com Lucian sobre isso."

"O que quer que vocês dois briguem não é da minha conta. Só estou aqui fazendo meu trabalho." A voz de despedida me atormenta, e não posso sair deste carro até saber que ele vai deixar pra lá e não esperar por mim no estacionamento, como um guarda-costas psicótico que nunca contratei.

"Isso é uma loucura, Makaio. Sério, vá embora. Estou bem. Estou com a tia Midge."

"Seu cronômetro já começou." Ele bate no pulso que não tem relógio. "Você está perdendo minutos falando comigo."

Frustrada, atravesso o estacionamento, abrindo a porta do bar para encontrar Tia Midge inclinada sobre o balcão, conversando com Mac e Doherty.

"Ahh, vejam o que o vento trouxe, pessoal!" ela diz, endireitando-se enquanto me aproximo.

"Posso falar com você por um segundo?"

"Estou em apuros? A julgar pela carranca em seu rosto, eu diria que sim."

"Não. Eu só estou..." *Puta.* "Podemos conversar?"

"Sim, claro." Ela dirige sua atenção para os dois homens mais velhos à sua frente. "Avise-me se alguém mais entrar." Com um aceno de cabeça, ela me leva para o escritório atrás do bar e fecha a porta. "Está tudo bem?" O ar de humor em sua voz de momentos atrás muda para preocupação.

"Sim. Eu só tenho uma pergunta. Ontem à noite... você notou uma garota no bar? Talvez um pouco mais velha do que eu? Acho que ela vem regularmente."

"Você está falando sobre a garota Anders?"

"Você conhece ela?"

"Não pessoalmente", diz ela, encolhendo os ombros. "Ela vem às vezes, para se encontrar com um cara. Um cara mais velho."

"Você a viu ontem à noite?"

"Sim, ela esteva aqui. Com ele."

"Como ele era?"

Estufando as bochechas, ela solta um suspiro. "Cabelo grisalho, constituição um pouco mais pesada. Óculos."

O investigador particular, aposto.

"Ela costuma beber? Ou sair para outro lugar com algum dos caras?"

"Ah, bem, o que eles fazem quando saem por aquelas portas não é da minha conta." Com o dedo balançando no ar, ela balança a cabeça. "Mas eu nunca a vi beber. Ela normalmente pede uma Coca. Você a conhece?"

"Ela era enfermeira da Sra. Blackthorne."

"Não brinca?" A súbita intriga em seus olhos me faz desejar não ter dito uma palavra. Sem dúvida, essa informação se espalhará pela ilha como um caso grave de herpes. "O que quer que seja que ela bombeou em suas veias foi, aparentemente, alguma coisa contundente. Não parece uma boa candidata para enfermeira."

"Sim, acho que não. Nenhum dos caras mencionou sair com ela no Crow´s Nest?"

“Não. O único cara com quem a vi sair foi aquele cara mais velho. Tem certeza que está tudo bem?"

Eu concordo, rolando meus ombros para trás. "Apenas uma espécie de choque."

“Foi para nós também. Não se acha um cadáver assim com muita frequência. Não jovens, de qualquer maneira.” Encarando-me em silêncio, ela pisca para fora de seus pensamentos. “Então, você vai ficar neste fim de semana? Pensei em preparar uma panela de chili amanhã.”

"Sim. Eu só tenho que... lidar com algo primeiro.”

"Nada sério?"

Apenas um enorme guarda-costas havaiano que se recusa a sair.

Eu balanço a cabeça, puxando minha mochila mais para cima no meu ombro. "Ei, você acha que posso usar o computador de Jack um pouco?" Estou curiosa para saber se Nell acabou no noticiário e se por acaso mencionaram algo sobre seu filho. O dono do The Shoal muitas vezes me deixava usar seu computador para a escola, quando eu não conseguia ir à biblioteca, por qualquer motivo.

“Divirta-se. Você quer alguma coisa?"

"Talvez apenas algumas batatas fritas com queijo e uma Sprite?" Era uma das minhas favoritas quando estava no colégio, o sorriso que ilumina o rosto de tia Midge me diz que ela aprecia o pedido nostálgico.

"Vou preparar."

A cadeira de madeira range quando me sento ao computador dinossauro que ainda está equipado com um drive de disco e CD. A idade parece passar antes que o navegador da internet finalmente apareça na tela e, quando clico na barra de pesquisa,

faço uma pausa de dez segundos antes de poder digitar a primeira consulta.

Anelle Anders morte em Crow's Nest.

O único resultado relevante que aparece é um breve artigo no Gazette que menciona que ela morreu de overdose de drogas e que a polícia está investigando. Nada mais. Nenhuma menção sobre seu filho, ou há quanto tempo ela é residente na ilha. Nada além de um pequeno boletim sobre sua morte.

Também não há nenhum outro vestígio dela. Sem Facebook. Sem Instagram. Sem mídia social, o que não é exatamente estranho para mim, visto que eu mesma não acompanho isso. Principalmente, estou impressionada com o quão pouco há sobre sua morte.

Apenas mais uma drogada.

É triste para mim que alguém possa viver e trabalhar muito, e o máximo que se pode dizer sobre ela é que morreu de overdose.

Tia Midge entra no escritório, a preocupação em seu rosto vincando sua testa enquanto ela coloca a comida na mesa. “Ei, há um homem lá fora. Aquele de que te falei, que entrou com aquela rapariga. Diz que é um investigador. Quer fazer algumas perguntas sobre ela, eu acho. Se você não quiser falar com ele, vou expulsá-lo. Devem saber que vocês duas trabalharam juntas ou algo assim?"

"Vou falar com ele." Eu me levanto da cadeira e sigo tia Midge até o bar, notando apenas um punhado de clientes regulares espalhados, embora logo esteja lotado de turistas.

Distante deles está um homem corpulento com cabelos grisalhos e óculos, exatamente como tia Midge descreveu, que acena com o que parece ser um sorriso amigável. Quando me aproximo, ele estende a mão na minha direção, que aperto com alguma relutância. “Al Goodman. Você é Isadora?”

"Izzy está bem."

“Nell me falou muito sobre você. Posso ter apenas um minuto rápido do seu tempo?”

"Certo."

Encontramos uma mesa na parte de trás, e eu examino o salão para ter certeza de que Makaio não entrou. A última coisa que preciso é que ele informe a Lucian que me encontrei com o mesmo investigador com quem Nell foi demitida por conversar.

Tia Midge vem com as minhas batatas fritas e Sprite, colocando-as sobre a mesa. "Posso trazer alguma coisa para você?" ela pergunta ao estranho.

“Só uma Coca.” Assim que ela sai, ele se inclina. "Presumo que você já ouviu falar sobre sua colega de trabalho, Nell?"

“É uma cidade pequena. Atrevo-me a dizer que a maioria já sabe sobre isso.”

"Vou direto ao ponto." Seus olhos examinam a sala, antes de se inclinar para mais perto. "Apesar do que foi dito a você, Nell não morreu especificamente de uma overdose de heroína."

Ramos de gelo sobem pela minha espinha enquanto olho para ele, procurando em seus olhos por uma mentira. “Ela me disse que já havia abusado de drogas.”

“Ela fez, sim. O que tornava isso terrivelmente conveniente. Mas ela não teve uma overdose de *heroína.* Minhas fontes são incompletas, na melhor das hipóteses, mas isso foi confirmado. Nas ruas, é chamado de morte cinzenta porque parece concreto. É heroína, fentanil e um tranquilizante para elefantes. Perigoso e mortal. Portanto, tenho motivos para acreditar que ela foi assassinada.”

"Por?" Meu coração galopa dentro do meu peito, e me pergunto se ele vai sair e me dizer que foi Lucian.

"Se eu soubesse, não estaria sentado aqui com você agora."

"Você acha que *eu* sei quem a matou?"

"Acho que se alguém tem uma ideia de quem poderia desejar matá-la, é você."

“Eu mal a conhecia. Trabalhamos juntas por algumas semanas, só isso.”

“E eu conheço a natureza de vocês trabalharem juntas, na maior parte. O que não sei é o que a levou a ser demitida.”

Eu nem sei se esse cara é real. Ele poderia ser um repórter. “Ela estava pegando pílulas e espalhando boatos. Olha, eu admito, só tenho uma vaga compreensão do que você faz dos programas dos anos oitenta, mas você não tem acesso a relatórios policiais e outras coisas? Não acho que os Blackthornes decidiram aparecer em seu quarto de motel e enchê-la de drogas.”

“Ela não alugou aquele quarto. Estava com um nome diferente. Um que eu não consigo rastrear, porque não parece estar associado a um corpo real. E, neste caso, a polícia não tem sido legal comigo.”

“Você pode apenas... me dizer o que você está pensando, então? Porque eu realmente odeio quebra-cabeças.”

"Você está familiarizada com Schadenfreude?" Mais uma vez, seus olhos fazem uma varredura ao nosso redor, e ele está praticamente esticado sobre a mesa, inclinando-se para mim.

"Não. O que é isso? Alemão ou algo assim?”

“É uma palavra alemã, sim. Em essência, significa encontrar prazer no sofrimento de outra pessoa. É também o nome de um grupo secreto que venho investigando há algum tempo. Você conhece algum grupo que possa pagar pelo prazer de ver alguém sofrer?”

Mais uma vez, me pego pensando no quanto quero contar a esse cara, e pensamentos sobre Giulia e sua filha surgem na minha cabeça. “Posso ter ouvido falar dele. Mas não sei nada sobre isso.”

"Supondo que você tenha ouvido falar sobre isso, como você saberia disso?"

Por mais paranoica que Giulia fosse, não vou jogá-la no colo desse cara. “Quem nunca ouviu falar?”

“Um certo número de pessoas, é isso. Acontece que eles são muito bons em se manterem escondidos sob o radar. Eu só soube do nome deles por meio de um contato que foi encontrado morto em um quarto de hotel em Nova York, um mês atrás. Estou aqui para investigar as atividades deste grupo.”

"Quem te contratou?"

“Não posso divulgar nomes, mas é a família de uma menina que acabou morta.”

"Local?"

“Novamente, não vou entrar em detalhes, exceto para dizer, que eu acredito que ela pode ter se enrolado de alguma forma neste grupo.”

"O que você quer de mim?"

"Diga-me o que você sabe sobre Lucian Blackthorne."

À menção de seu nome, eu instintivamente desvio o olhar, com medo de que ele veja a obsessão estampada em meu rosto. “Eu não sei nada sobre ele. Ele não é um homem muito transparente.”

"Eu sei que você e ele se tornaram muito próximos." *Jesus.* Nell contou tudo a esse cara? “Também investiguei um pouco a sua formação.”

Tentar manter a cara de pau, enquanto meu corpo inteiro grita por dentro, é impossível.

“Eu sei que houve um incidente há alguns meses em uma festa. Sei que você passou algum tempo na cadeira de um terapeuta. "

“Não vejo o que isso tem a ver com a sua investigação.”

“Sei que você mora com sua tia, porque sua mãe é uma viciada em drogas que desistiu dos direitos parentais quando você tinha dez anos.”

Empurrando o prato de comida, deslizo ao longo da mesa para sair e, segurando meu braço, uma onda de pânico explode em meus músculos. Tudo o que tenho que fazer é gritar, e quase todo mundo neste bar vai cair sobre esse cara.

Ele enfia a mão em uma bolsa que está no assento ao lado dele e tira um envelope. "Tenho a sensação de que você ficará bastante interessada em saber o que há dentro."

Olhando para o envelope, de repente eu queria ter uma visão de raio-X, porque de jeito nenhum esse cara vai entregar o que quer que pareça pensar que seria importante para mim sem alguma condição. "O que é?"

"Diga-me o que você sabe sobre Lucian."

“Você está me pedindo informações, quando eu nem sei se o que está nesse envelope vale a pena.”

"Vale a pena. E garanto que esta oferta não é isenta de riscos para mim. Tenho mais a perder do que você nesta troca.” O que significa que minha curiosidade aumentou um pouco, mas não o suficiente, até que ele disse, "Contém informações sobre seu pai.”

Merda.

Não. De jeito nenhum ele sabe disso.

Durante toda a minha vida, desejei saber a resposta a essa pergunta. Eu perguntei e cavei em vão.

Mas e se for verdade?

Meu olhar cai para o envelope novamente. E se a identidade do meu pai estiver bem aí? Praticamente ao meu alcance.

Esfregando a mão na testa, fecho os olhos e balanço a cabeça. Não vou contar a esse cara sobre Lucian e arriscar que alguém me vigie, como Giulia. Mas, para obter informações sobre meu pai, direi a ele o que sei com certeza. “Ele não matou Nell. Ele estava comigo na noite antes dela ser encontrada morta."

“Vamos lá, você sabe que ele não tem que realizar o assassinato sozinho. Um homem como Lucian Blackthorne não pode se dar ao luxo de sangue em suas mãos, com o tipo de passado que ele tem. Talvez seja a única coisa que o homem não possa fazer.”

"Você está sugerindo que ele a matou?"

“Ela se encontrava regularmente comigo. Eles sabiam disso. A questão é: por que ele não a teria matado antes?"

"E agora eu me arrisco com o mesmo destino."

“Dê-me o que estou procurando e nunca mais ouvirá falar de mim. Eu juro."

"O que você está procurando?"

“Você viu ou conheceu algum dos membros da Schadenfreude?”

Segundo Giulia, os homens que estiveram presentes no baile eram membros, embora eu não tenha visto nenhum de seus rostos por trás das máscaras. Exceto pelo prefeito Boyd.

"Apenas um. Mas nem sei se ele é membro. Ele pode ser inocente.”

"Quem?"

“Prefeito Boyd.”

Com lábios curvados para cima, ele bufa. “O pai de Amelia. O escandaloso prefeito Boyd que teve um caso com uma garota de dezessete anos. Acredite em mim quando digo que ele não é inocente. Ele é o único que você viu pela mansão?"

"Sim."

“E você sabe em que âmbito Lucian atende a este grupo? Você já viu um de seus escravos ou notou alguma atividade incomum? Alguém vindo para a mansão que, talvez, não foi embora?”

“Escravos?”

"Sim. Este grupo é conhecido pela escravidão sexual e sadismo.”

“Eu... sei que ele ajudou Giulia. Uma empregada que trabalha para eles.”

“Estou ciente de Giulia. Quaisquer outros?”

"Não." Não me preocupo em contar a ele sobre Franco, porque isso abriria a caixa para mais pesquisas, não preciso que um traficante me procure por tê-lo delatado.

"Acho que preciso de mais uma informação antes de passar isso para você."

"O que é?"

“Será que sua tia teria um anuário à mão? Desde, digamos, o segundo ano da sua mãe?"

"Sim. Eu acho. Meus avós guardavam algumas coisas velhas. Por que? Eles têm cópias dos anuários na biblioteca.”

"Eu sei. Esse ano em particular está faltando.”

Com um bufo, olho ao redor do bar mais uma vez. "Claro, posso olhar no armazenamento no sótão."

"Você gostaria que eu te levasse lá?"

Makaio provavelmente ficaria louco se visse nós dois saindo do bar e entrando em seu carro.

“Não, não é tão longe. Vou correr para casa e posso estar de volta aqui antes de escurecer.”

"Tem certeza? Não me importo de oferecer uma carona.”

Se o destino de Nell foi selado por ter sido pega andando por aí com um investigador particular, eu com certeza não quero ser pega andando por aí com esse investigador.

“Não, não vou demorar. Posso perguntar o que você está procurando?”

"Qualquer foto em que sua mãe esteja."

Eu franzo a testa com isso, minhas suspeitas lentamente voltando. "O que ela tem a ver com a sua investigação?"

“Ela não tem nada a ver com Schadenfreude, até onde eu sei. Mas ela tem algo a ver com o que está neste envelope”, diz ele, erguendo-o novamente como uma cenoura balançando para um coelho faminto.

"OK. Eu voltarei." Deslizo para fora da mesa e sou saudada pela expressão de confusão no rosto de tia Midge, ao passar pelo bar em direção à entrada dos fundos, para que Makaio não me veja sair. “Tenho que pegar algo em casa bem rápido.”

“Tipo casa-casa? Ou casa castelo?"

“Casa-casa.”

"Por que você está saindo pela porta dos fundos?"

"Cortando o beco."

"Você vai *andando para* casa?"

"Sim. Levará apenas alguns minutos."

"Ei, Mac, há alguma chance de você dar uma carona para Isa até a casa e voltar?"

Antes que ele possa responder, balanço a cabeça. "Ele estava bebendo. Olha, eu não saio muito ultimamente. Vai ser bom andar. Já não corro em quase dois meses. Eu preciso do ar fresco do mar. É meio abafado em um castelo, sabe?"

Com os braços cruzados, ela suspira. "Esteja de volta antes de escurecer, ok? Essa garota pode ter tido apenas uma overdose, mas essa merda me deixa paranoica quando todos saem. "

Ela não tem ideia. "Eu prometo."

~

Demoro meia hora para caminhar da parte alta da cidade até o meu bairro. Os passeios matinais ao longo do calçadão, com o ar salgado e quente, são algo que sinto falta desde que comecei a trabalhar em Blackthorne. Cadáveres à parte, Tempest é uma ilha relativamente segura, no geral. Assassinatos acontecem, mas raramente, e quando acontecem, está em todo lugar, o que resulta em mais vigilância.

Provavelmente deveria ter contado a tia Midge o que estou fazendo, visto que odeio mentir para a mulher, mas ela é como um vácuo infinito de preocupação. Além disso, preciso de tempo para processar tudo. Entre Giulia e o Sr. Goodman, minha cabeça está girando como um furacão. Trechos de conversa se destacam como uma nuvem de palavras, mas nada disso faz sentido para mim.

Você não confia em Lucian?

Ele me pediu coisas. Para cortá-lo.

Diga-me o que você sabe sobre Lucian Blackthorne. Um homem como Lucian Blackthorne não pode se dar ao luxo de sangue em suas mãos com o tipo de passado que ele tem.

Quero acreditar que tudo isso é boato tanto quanto tudo o mais nesta ilha, e que eu não deveria confiar em nada disso mais do que confiava na ideia de que ele mantinha uma geladeira com sangue humano, mas minha cabeça está nadando em mentiras e fatos que passam voando como peixinhos rápidos no raso. Não consigo entender nada, e a dor latejante em minhas têmporas é uma enxaqueca prestes a causar estragos em meu crânio.

Atravessando o jardim da frente do vizinho, finalmente chego em casa e corro escada acima até a porta da frente. *Trancada.*

Ela finalmente começou a trancar? Aceitou apenas a ameaça de morte de um traficante de drogas.

Eu pego a chave que enfiei no bolso mais cedo e empurro para dentro para encontrar a casa quieta e escura. Por mais que eu tente removê-la, sempre haverá uma pequena parte de mim que se sente desconfortável sem uma faca no meu bolso.

Quando vim morar com a tia Midge, ela insistiu que eu deixasse a faca em casa, porque um aluno do quinto ano carregando um canivete na escola é proibido. Nós nos comprometemos e comecei a dormir com ela debaixo do travesseiro. Tia Midge não gostou muito da ideia, mas esse é o problema de crescer como uma criança da rua — as pessoas me tratavam de maneira um pouco diferente. Pude almoçar na biblioteca, enquanto meus colegas brincavam no recreio. Eu saí da educação física no ensino médio porque não queria me trocar na frente das outras meninas e, claro, meu conselheiro presumiu que algo tinha acontecido comigo para me deixar assim, então ele me dispensou da eletiva. No colégio, ninguém me atrapalhava, quando eu cabulava uma aula ocasional para dormir, ou lia no

parque, porque eu tinha notas decentes, e pelo menos eu não estava planejando explodir o lugar.

Eu sempre fui, e me senti diferente graças à minha mãe, que me presenteou com dez anos de constantemente ter que me defender contra qualquer situação que ela nos levasse. Isso não vai embora, no entanto. Os instintos. O nervosismo. Eu sinto que, mesmo agora, caminhando pela casa vazia em direção ao sótão, como se algo pudesse saltar para fora em mim a qualquer segundo.

Puxando o gancho na porta do sótão, eu o puxo para baixo e deslizo para fora da escada. Não consigo me lembrar da última vez que me aventurei aqui. Anos atrás, era um lugar onde me escondia com livros para ler, sem ser perturbada.

O espaço pequeno e apertado cheira a madeira úmida e naftalina, meus músculos se contraem com a possibilidade de que eu possa tropeçar em uma pequena criatura aqui.

Eu puxo a corrente, uma lâmpada lança uma luz fraca sobre a sala. A maioria das coisas aqui pertence aos meus avós. Vestidos velhos e bijuterias, guardados em caixotes de papelão e de madeira. Sigo em direção ao fundo, onde os velhos troféus de softball da tia Midge estão dispostos em uma prateleira acima de uma pilha de caixas de papelão. Pego a primeira e vasculho fotos e pôsteres de bandas dos anos oitenta com cabelos desgrenhados e spandex sem fim.

Uma imagem em particular chama minha atenção, retiro-a da pilha. Minha mãe e tia Midge. Minha mãe devia ter quinze anos, mais ou menos, já que ela não estava grávida. Isso eu posso dizer de qualquer maneira.

Enquanto vivia nas ruas, ela não tinha nenhuma foto de casa, então eu nunca cheguei a ver como ela era quando adolescente, além das duas fotos da escola penduradas nas paredes no andar de baixo.

Cabelo comprido ruivo solto ao redor de seus ombros em cachos preguiçosos, seus olhos brilhantes são emoldurados por cílios escuros grossos que parecem como se ela está usando rímel. Ela tinha uma beleza exótica, e combinada com seu corpo esguio, desenvolvido, faz sentido para mim que ela chamasse os olhares dos pescadores endurecidos nesta ilha. Como se ensacando sua própria sereia.

Jogando-a de volta na caixa, continuo minha pesquisa e, depois de cerca de dez minutos, encontro o anuário enterrado no fundo.

Todas as fotos em que sua mãe estiver.

Eu viro para o índice e procuro o nome dela, encontrando três páginas onde ela está listada. A primeira é a foto do anuário dela, em que ela sorri entre uma franja longa, vermelha e virada para o lado. Tão jovem e vibrante naquela época. A segunda é uma foto dela no coral, nessa ela está com um vestido longo roxo, com uma estola preta combinando com as cores da escola. A terceira é uma foto da National Honor Society.

Não fazia ideia de que minha mãe ia bem na escola. Ela nunca falava muito sobre isso, nem tia Midge. Eu fico olhando para ela, onde está entre um pequeno grupo em degraus, e examino os outros rostos, parando em um muito familiar.

Puta merda.

O prefeito Boyd está do lado oposto da minha mãe, aquele sorriso muito branco esticado em seu rosto. A escuridão de seu cabelo o coloca em algum lugar em torno dos quarenta anos, estou supondo, o que o tornaria o único adulto na foto. Um mentor, aposto.

Volto ao índice para procurar seu nome e também o encontro em algumas páginas. Uma foto da equipe cuja legenda é 'Governo', a foto da National Honor Society e uma terceira: trilha, que ele

aparentemente era o treinador. Abaixo da foto está uma lista de nomes, e um deles chama minha atenção. *Não retratada: Jennifer Quinn.*

A mulher nessas fotos não é nada parecida com aquela que conheci. É como olhar para seu sósia, ou algo assim. Enquanto coloco o livro debaixo do braço, vejo a luz fraca através da janela de vigia, me dizendo que vai escurecer em breve.

Eu desço a escada de volta, dobro-a e empurro a porta para fechá-la. Quando me viro, uma figura está esperando na sala de estar e eu solto um grito.

Minha mãe está sentada no sofá, jogando o cigarro no cinzeiro da mesinha de centro. "Ei."

"Ei."

"Midge... ela não sabe que estou aqui."

"Como você entrou?"

“Ela me deu uma chave.” Ela alcança em seu bolso e tira o que parece ser um maço de dinheiro, que ela segura para mim. “Eu só queria deixar isso.”

Eu não aceito, mas mantenho meus pés plantados onde estou.

Ela joga o dinheiro na mesa. "Só pensei que poderia ajudar."

"Agora, de repente você está interessada em ajudar?"

Ela morde o lábio e coça a cabeça com a mão que segura o cigarro. "Como você está? Ouvi dizer que você, uh... conseguiu um emprego trabalhando nos Blackthornes.”

Em vez de responder, deixo que ela continue com sua conversa unilateral. Não tenho interesse em contar nada a ela.

“Midge diz que você tem passado muito tempo com Lucian Blackthorne.” Um sorriso se arrasta em seus lábios enquanto ela levanta o cigarro. “Tal mãe, tal filha, hein?”

"Não sou nada como você."

“Você é mais parecida comigo do que sabe”, ela diz com a boca cheia de fumaça que sopra para o lado. Seu olhar cai para a pulseira no meu pulso, estaria disposta a apostar que ela está calculando quanta cocaína conseguiria com ela. “Isso é bastante poder para uma menina tão jovem. Tenha cuidado com um homem assim.”

Como se ela tivesse algum espaço para me aconselhar sobre os homens. “Então, o que é isso? Redenção? Você acha que um pouco de dinheiro vai resolver por me despejar na porta dela?”

“Eu estou... apenas tentando consertar as coisas. Resolver minhas coisas."

"Por que se importa? Você está a meio caminho do túmulo. Por que voltar agora?”

“Eu quero... quero minha família de volta. Quero você de volta, Izzy.”

“Não me venha com essa besteira. Eu sei exatamente porque está aqui. Você descobriu que eu estava com Lucian Blackthorne e decidiu que poderia ser uma oportunidade para você.”

"Não. Não. Isso não é verdade. Na verdade, eu acho que você deve ficar longe de toda essa família fodida.”

"Tenho certeza. Só que foi Lucian quem tirou você do problema da última vez.”

Ela me encara confusa, como se fosse a primeira vez que ouvisse isso. "O que é isso em suas mãos?"

"Nada."

“Meu anuário? Para que?"

“Você quer me fazer um favor, *mãe*? Vou te dar uma chance. Uma oportunidade. Você quer consertar as coisas e ser uma família de novo? Diga-me quem é meu pai.”

Afastando o rosto do meu, ela joga a cinza no cinzeiro novamente e, quando leva o cigarro aos lábios, pego o tremor em suas mãos. "Eu não posso fazer isso."

"Por que? Porque você fodeu com tantos homens que não tem ideia de quem ele é?"

"Porque ele é um pedaço de merda que nunca mereceu estar em sua vida."

“Ah, perfeito. Vocês dois fizeram o par perfeito, então.”

Ela bufa uma risada e morde o lábio, como faz quando seu orgulho é ferido. "Você tem razão. Talvez eu devesse ter ficado com ele.” Flexionando a mandíbula, ela funga e arrasta o braço sobre o nariz. “Eu não poderia, no entanto. Recusei-me a ficar nesta ilha de merda com ele.”

“Você é egoísta. Você sempre foi egoísta. E essa merda de ter uma família de novo? É apenas isso: uma pilha fumegante de merda de cachorro.”

“Você não entende, Izzy. Eu não... Eu... não te conto por minha causa. Isso não é o que eu quis fazer.”

“Você está se ouvindo? Você parece ridícula? As drogas distorceram muito sua cabeça. O que quer que você estivesse nisso...” seguro o anuário no ar. "Não é quem você é agora."

"Você tem razão. Está absolutamente correta. Essa garota se foi. Há muito tempo."

"Vou sair daqui. Tranque a porta quando sair. E faça um favor para tia Midge e para mim — perca a porra da chave. Eu não

preciso de *você,* mãe. A garotinha que precisava também se foi. Há muito tempo."

Meu sangue pulsa com uma fúria quente e branca quando bato a porta da frente e atravesso o gramado do vizinho. A caminhada de volta é cheia de confusão e raiva, não noto imediatamente o Bentley preto e lustroso estacionado na esquina, cerca de um quarteirão à minha frente, até que suas luzes se acendam.

"Merda!" Eu paro e viro à direita através do parque adjacente, correndo pelo enorme trecho de gramado, até que tenho que parar e recuperar o fôlego. Curvando-me para frente, forço inspirações profundas e expirações longas, tentando acalmar meus nervos.

A escuridão cai sobre mim, e no silêncio, aperto meus olhos para a confusão de informações batendo em meu crânio. Eu quero chorar, mas não vou.

Controle-se, Isa.

Mais um minuto, e me endireito para recuar antes que Makaio possa me alcançar, quando uma sombra surge em meu caminho.

"Bem, bem. Veja o que temos aqui." O som da voz de Aedon Ross arranha minha nuca.

Eu me viro para ir para o outro lado, mas esbarro em Brady de pé atrás de mim. Medo e pânico agitam meu estômago, músculos formigando com o choque que rasteja sob minha pele. "Você... você não deveria chegar perto de mim." Com base em uma ordem judicial, não devemos conversar, nem chegar perto um do outro, o que tem sido fácil até agora, com os dois ausentes na faculdade.

Ao som da risada de Aedon por trás, eu giro ao redor, desesperada para manter meus olhos em ambos. Por instinto,

minha mão desliza sobre meu bolso, onde minha faca deveria estar, mas eu a deixei na mansão.

"Não, não, querida", Aedon diz, se aproximando. "É *você* quem deve ficar longe *dele.* Mas não vamos contar, se você não contar."

Eu vou para a esquerda de Aedon, correndo em volta dele, mas ele segura meu braço. Balanço-me para soltar com meu braço livre em reflexo, fracassando em me conectar com o meu alvo pretendido. Um grito rasga meu peito, mas é socado por sua mão cobrindo minha boca. Meu corpo é arrastado para trás, meus calcanhares cavando na grama, enquanto eles me lançam em direção ao edifício atrás de nós.

Os banheiros do parque.

O cheiro forte de esgoto enche meu nariz, quando batemos pela porta. Os mictórios ficam ao lado, o concreto do chão do banheiro rasgando as solas dos meus sapatos. Aedon me mantém presa, um braço preso ao meu peito, enquanto o outro tampa o ar para minha boca. Brady se aproxima de mim, o sorriso sombrio em seu rosto cheio de malícia e vingança há muito esperada.

Meu corpo inteiro está tremendo enquanto eu me contorço nas mãos de Aedon, sem sucesso.

Do bolso de trás, Brady puxa um canivete, muito parecido com o meu, e o gira na minha frente.

Lágrimas salgadas se misturam com o ranho que reúne em meu nariz, enquanto Brady detém minhas pernas, me impedindo de chutar nele. Eu alcanço para trás para agarrar a virilha de Aedon, e o piso de cimento sujo do banheiro bate em minha espinha enquanto os dois me colocam para fora. Dor atira para cima na parte de trás do meu crânio em meus seios da face, e manchas flutuam diante dos meus olhos. Outro grito me escapa no meio da confusão, ecoando nas paredes antes de ser

rapidamente tapado pela palma de Aedon. Ele enfia os braços sob suas pernas dobradas, e prende minha cabeça entre suas coxas, flexionando com força contra meus ouvidos. Brady reúne minhas pernas debaixo dele, estou estendida no chão, presa por ambos. Brady se inclina para frente, ainda segurando a lâmina, e enterra seu nariz entre as minhas coxas.

“Você cheira a pau, Isa. Você sempre cheirou a pau.” Ele levanta a lâmina novamente, eu grito na palma da mão de Aedon, me contorcendo e me torcendo no chão imundo do banheiro. “Vou retribuir o favor pelo que você fez comigo. Vou garantir que você nunca mais aproveite uma boa foda de novo. Ouvi dizer que é uma prática comum em alguns países, remover o clitóris.”

Minha cabeça dói com o grito que falha em romper a palma da mão de Aedon. A tontura se instala sobre mim. A escuridão circundante se aproximando.

O som de uma porta batendo me arranca daquela descida abismal, e Brady se afasta de mim.

"Que porra é essa?" ouço Aedon dizer sobre mim.

"'A que você quiser, idiota, saia!"

Eu fico olhando para baixo em meu corpo, onde uma figura enorme e sombria ocupa a largura da porta.

Makaio.

Na próxima respiração, o corpo de Brady é erguido do chão e jogado para trás, batendo contra a porta de uma cabine próxima.

Aedon me solta, eu o sinto lutando na minha cabeça.

Aproveito o momento para me chutar contra a parede, observando enquanto Makaio torna fácil jogar com esses meninos, jogando-os como se eles fossem nada mais do que bonecos de pano. Com as mãos nos ouvidos, tento bloquear o som de seus gritos.

Os sons dos meus pesadelos.

Meu corpo é levantado do chão, o mundo parece leve enquanto viro, e Makaio me carrega para fora do banheiro como se eu não pesasse nada.

Eu finalmente envolvo meus braços em seu pescoço, enquanto ele caminha pelo parque, meu corpo todo frio de terror enquanto olho para o banheiro por cima do ombro.

Quando o peso de tudo finalmente me atinge, um soluço rasga meu peito.

Finalmente, chegamos ao estacionamento do The Shoal, ele me acomoda no couro macio e luxuoso do Bentley e fecha a porta. Enquanto ele dá a volta no carro, dou uma olhada rápida no bar. Tudo o que quero agora são os braços da tia Midge em volta de mim, mas não consigo voltar para dentro e contar a ela o que aconteceu agora. Durante meses, ela tentou me puxar para fora dessa escuridão, posso senti-la subindo das minhas entranhas como cadáveres em uma lagoa turva de memórias ruins. Deixei o anuário no parque, mas essa é a última das minhas preocupações agora, enquanto meu corpo treme, desesperado por calor.

Makaio cai no banco do motorista e, por um momento, fica quieto, sem se preocupar em olhar para trás. "Você está bem?"

Eu fungo, piscando para conter as lágrimas. "Eu não sei."

"Se eu contar a ele o que aconteceu esta noite, ele vai querer que eles sejam devidamente punidos."

Devidamente punidos. O que isso significa, com as informações que recebi sobre Lucian nas últimas horas? O que ele faria, se tivesse a oportunidade?

Não tenho nada a dizer em resposta, porque a verdade é que, se Lucian estivesse aqui agora me perguntando se eu queria que

Makaio voltasse e os punisse como o inferno, provavelmente diria que sim. "Como você me achou?"

"O bracelete."

Franzindo a testa, olho para o adorno em meu pulso. "Você me rastreou?"

“Exatamente pelo que aconteceu esta noite. Ele quer mantê-la segura.” O motor ruge e dá uma guinada para a frente, e Makaio sai do estacionamento.

“Você pode, por favor, apenas me levar de volta para a casa da minha tia? Por favor, Makaio.”

"Não. Você está mais segura com Lucian agora.”

CAPÍTULO 54

LUCIAN

O investigador está sentado em frente à minha mesa, seu parceiro na cadeira ao lado dele. Ao que parece, o novato estava experimentando a função do garotão, fazendo todas as perguntas, enquanto seu mentor estava sentado em silêncio ao lado dele. Observando-me, sem dúvida.

Muito ruim para eles, eu tenho a porra de diplomas em besteira. Está no meu DNA junto com a cor dos meus olhos, cabelo escuro e inclinação para sexo violento. Esses caras terão sorte de sair com uma resposta direta quando este inquérito terminar.

"Eu entendo que ela trabalhou alguns anos para você, como enfermeira para sua mãe."

A tentativa do garoto novato de soar oficial é frustrada pelo olhar incerto para o policial experiente ao lado dele, a visão disso puxa meus lábios para um sorriso. Vou dar ao garoto algum crédito — ele está tentando ser meticuloso, apenas fazendo seu trabalho, mas se eles pensam que estão acusando outro assassinato para cima de mim, depois da merda que passei com minha esposa e filho mortos, estão doidos. Não serei o bode expiatório designado para esta cidade toda vez que um corpo flutuar para a superfície.

“Ela trabalhava para uma agência que contratamos.”

"OK. E, hum...” o rosto enterrado em suas notas, o garoto não parece ter um único pensamento próprio sobre esta investigação. Ele passou a maior parte do tempo olhando para o

que ele escreveu antes de bater na minha porta. “Ela foi demitida na semana anterior. Qual foi a natureza disso?”

"Os comprimidos da minha mãe desapareceram."

"Então, você a demitiu porque ela estava roubando pílulas?"

“Eu a despedi porque ela não era do tipo certo. Acontece, às vezes. Algumas pessoas simplesmente não são adequadas para certos empregos.”

Seu parceiro esfrega a mão no rosto como se para esconder o sorriso que eu capto, olho o anel de sinete no dedo do homem mais velho. Com sua camisa meio mal-abotoada e o cabelo que parece que ele mesmo corta, o cara parece o tipo que nutre pouca paciência para qualquer coisa, especialmente algum aspirante a durão nas rodinhas de treinamento.

"Encontramos um frasco de remédios para Laura Blackthorne."

"E é por isso que você decidiu interromper minha noite?"

O garoto olha para seu parceiro, depois de volta para mim, franzindo a testa. “Estamos apenas acompanhando.”

"Havia evidência de crime?"

“Não, nós... procuramos impressões digitais. Não encontramos nada exceto da empregada e da Srta. Anders, é claro. O laboratório está verificando o que ela injetou na seringa. Mas o quarto foi alugado por um James Smith. Esse nome o lembra de algo?”

"Sim. É provavelmente o nome mais comum neste país. Você tem um cartão de crédito? Filmagem da câmera?”

"Não. Parece que o quarto foi pago em dinheiro durante a semana. E o Crow's Nest não possui câmeras externas, pelo que

entendemos. Apenas uma no escritório para garantir que seus funcionários não roubem nada."

"Então, meu palpite? Ela queria um lugar para ficar chapada sem que ninguém a encontrasse."

"Engraçado, foi o meu palpite também", diz o policial mais velho, inclinando-se para a frente. "Eu acho que são todas as perguntas que temos para você, Sr. Blackthorne. Obrigado pelo seu tempo." Ficando de pé, ele estende a mão, que aperto do outro lado da mesa.

"Claro. Qualquer coisa que eu puder fazer para ajudar na investigação, terei todo prazer em ajudar."

"Mais uma pergunta." Mais uma vez, o novato enterra o rosto nas anotações, os olhos se deslocando para frente e para trás enquanto examinam a página. "Ela trabalhou para você por alguns anos. Por que você de repente decidiu que ela não era a pessoa certa do nada?"

"Eu tento não me aprofundar demais nos assuntos pessoais daqueles que emprego, mas vou dizer, vinha havendo um declínio gradual em seu desempenho. Recentemente tivemos um incidente em que ela saiu sem informar ninguém, o que colocou a minha mãe em risco. Eu também achei que ela estava cada vez mais impaciente com a minha mãe."

"Você se importa se eu... conversar com sua mãe por um minuto?"

"Eu me importo. Minha mãe não vai ajudar você. Suas faculdades mentais não são o que costumavam ser."

"Ainda assim, pode ser..."

"Não vamos *conversar* com a Sra. Blackthorne. Temos questões mais urgentes do que uma viciada em drogas que decidiu

se esconder durante o fim de semana e ter uma overdose de heroína.”

"Claro. Obrigado pelo seu tempo, Sr. Blackthorne.”

Os policiais saem do meu escritório, junto com Rand, que não se preocupou em dizer uma palavra desde o momento em que os apresentou até agora. Eu me sirvo de uma bebida, levando o copo de volta para a minha mesa, e puxando meu telefone, verifico minhas mensagens.

A última que recebi foi Makaio, me contando que Isa aparentemente havia saído do bar para voltar para casa. Por que? Nenhuma ideia. No caminho de volta, porém, pareceu que ela o pegou e saiu correndo pelo parque. E foi aí que o Makaio entrou em contato comigo.

Eu digito o número dele, que atende no segundo toque. "Sim, chefe, eu a encontrei."

"E?"

“Ela está bem. Um pouco abalada. Alguns pequenos idiotas do parque estavam brincando com ela.”

"Acredito que você interveio."

"Eu fiz isso."

"Todos ainda tem pulso?" Eu engulo todo o copo de bebida, tentando apagar o exercício entorpecente de ter entretido um policial bebê na última hora.

"Sim."

"Bom. Não preciso de outra investigação jogada no meu colo.”

"Fique tranquilo, só dei uns tapinhas neles."

“O suficiente para servir de aviso, espero.”

“Eu não acho que eles vão mexer com ela novamente. E se o fizerem, com certeza vou deixar isso mais claro.”

O comentário me faz sorrir enquanto encho outro copo de uísque. "Eu quero que ela seja levada diretamente para o meu escritório quando você chegar."

"Claro, chefe."

Quando desligo o telefone, o elevador apita e Rand caminha em minha direção.

"Há algo que você queira me dizer?" pergunto, caindo de volta na minha cadeira e chutando meus pés na mesa.

“Posso assegurar-lhe que cumpri as suas ordens ao T. Informei à mulher que sabíamos da existência do detetive particular e a deixei ir. Essa foi a última vez que vi, ou ouvi, dela."

“Não gosto de surpresas. Ter dois policiais aparecendo na minha porta é definitivamente uma surpresa de merda.”

Com os braços cruzados na frente dele, Rand abaixa o olhar. "Minhas desculpas, senhor."

"Você sabia do vício dela?"

“Com base nas informações de nossos contatos, eu sabia que ela tinha um histórico de uso de drogas, mas seus testes desde então foram limpos.”

“Acho que foi uma noite ruim, então. Recaída, talvez.”

O zumbido quente do álcool começa a entorpecer minha frustração de antes, e eu mudo minha mente para outra coisa, não menos preocupante, mas mais digna de minha atenção. “Agradeço a informação sobre Isa. Parece que ela teve um encontro esta noite, enquanto estava na cidade."

"Ela está bem, espero."

"Sim. Segundo Makaio, ela está um pouco abalada. Se eu descobrir que tem algo a ver com os bastardos que a atacaram antes, mandarei cortar seus paus e mandar em uma caixa embrulhada para presente para seus pais."

O movimento nervoso de seus pés me diz que Rand acredita em cada palavra da minha ameaça. “Isso é sábio, Mestre? Dada a atenção que a Sra. Anders trouxe em nosso caminho?”

"Eu não dou a mínima se isso é sábio ou não."

O elevador apita novamente e desta vez, ele se abre para Makaio e Isa, que parece um pouco desgrenhada e pálida.

"Isso é tudo, senhores, por favor, com licença."

Ambos Rand e Makaio rapidamente saem do escritório, desaparecendo por trás da porta do elevador se fechando, enquanto Isa fica no centro da sala, seu olhar para baixo.

No silêncio entre nós, eu examino sobre ela, certificando-me de que nenhum hematoma estrague sua pele, a visão do qual vai desarmar meu temperamento lentamente crescendo. "Noite emocionante, pelo que entendi."

A maneira como seus olhos se movem, vidrados em lágrimas, me faz pensar se Makaio deixou de fora algo importante.

"O que aconteceu?"

Em vez de responder, ela balança a cabeça e o tremor de seu lábio arrepia os cabelos do meu pescoço. Uma coisa que aprendi sobre Isa nas últimas semanas: ela não chora facilmente.

"Eles machucaram você." Eu mal posso dizer as palavras depois de cerrar os dentes, meu corpo pronto para atirar um punho em alguma coisa, dependendo da resposta dela.

Quando ela balança a cabeça, exalo a raiva em uma respiração instável, mentalmente desejando que meus músculos relaxem.

“Makaio chegou antes que qualquer coisa acontecesse”, ela finalmente diz. "Seu presente. É um dispositivo de rastreamento.”

"Ele é."

"Por que?"

“A resposta é bastante óbvia, eu acho.”

“Por que você sente a necessidade de me manter rastreada?”

É hora de outra bebida.

Eu me inclino para frente e despejo no copo que me aguarda. “Por que colocamos GPS em nossos telefones. Os nossos animais de estimação? Qualquer coisa que não queremos perder?”

A expressão indignada em seu rosto é uma aposta certa de que ela não gostou dessa resposta. “É isso que eu sou? Um objeto? Um animal de estimação que você não quer que fuja?”

“Eu não embuti ele em você, Isa. É a porra de uma pulseira.”

"Que você insistiu que eu nunca tirasse."

Se esta noite piorar, posso estar inclinado a comprar um bilhete de loteria. Empurrando-me da cadeira, dou a volta na mesa em direção a ela. "Você está brava. Abalada. Precisa descansar."

No segundo em que estendo a mão para ela, ela recua, jogando o braço para trás como se as pontas dos meus dedos fossem de metal quente. "Não me toque."

Eu me inclino em sua direção, mas ela foge para trás. Pegando seu braço, eu a puxo para mim, segurando-a contra

mim, enquanto ela se contorce e empurra meu peito em uma tentativa ligeiramente engraçada, mas falha, de fugir.

"Por que você fugiu?"

Outro empurrão no meu peito não consegue quebrar meu aperto. “Por que você instruiu Makaio para me trazer de volta aqui? Os fins de semana não são mais meu tempo livre?”

“Não quando uma das minhas ex-funcionárias foi encontrada morta em um quarto de motel.”

Ela se acalma com isso, seus olhos brilhando com acusação enquanto olha para mim. “Você a matou? Nell?” Não há nem um sinal de desculpas desta vez, ao contrário de quando ela perguntou sobre meu filho, o que me diz que ela está realmente chateada comigo por causa da pulseira.

"Não. Eu não matei. Parece que desta vez os rumores são verdadeiros. Ela teve uma overdose.”

“E quanto ao Franco? Você o matou?"

Eu estudo seus olhos, em busca de uma explicação sobre por que de repente ela tem todas essas perguntas para mim. O que aconteceu quando ela deixou a mansão? Por que ela fugiu? "Não."

"Não? Você está mentindo para mim, então?"

Complicada, esta aqui. "Não. Eu não o matei. Tecnicamente. Makaio fez.” Já que a luta parece estar fora dela no momento, eu afrouxo meu aperto, mas ainda não a solto. “Ele ameaçou matar sua mãe e sua tia. Eu deveria ficar parado e não fazer nada?"

“Você poderia ter me dado o dinheiro. Fazer um acordo comigo.” Ela me empurra de novo, desta vez com os dentes cerrados e à mostra como um pequeno Wolverine encurralado. "Em vez disso, você é um assassino!"

“Agora você é uma santa? Você não parecia preocupada em saber que ele estava fora de sua vida quando a ameaça ainda estava viva em sua cabeça."

"Eu nunca teria pedido a você para matar em meu nome."

“Bem, ruim pra caralho. Porque é isso que eu faço quando alguém ameaça o que é meu.” Apertando ambos os braços, eu dou uma sacudida que é mais dura do que pretendo, mas inferno se essa garota não me feriu a noite toda com suas travessuras. “Eu não pedi isso, Isa. Eu mantive distância. Eu te avisei para ficar longe de mim. Mas você não fez isso. E agora? Você vai descobrir o quão protetor eu sou sobre as coisas que me pertencem."

"Pertence a você? Eu nunca pertenci a você. Deixamos isso bem claro no início, lembra?”

"Não. Deixei claro que não poderia manter um relacionamento com você. Isso não significa que eu não vou matar um bastardo por colocar as mãos em você."

Ela se encolhe e torce os braços, tentando se esquivar do meu alcance. “Eu não preciso da sua proteção!”

E eu não preciso lembrá-la do que aconteceu esta noite, provando que ela precisa. Não porque eu não ache que ela possa cuidar de si mesma, mas porque ela não tem ideia do que está enfrentando, se Friedrich e os outros descobrirem sobre ela.

Ainda franzindo a testa, ela para de tentar se libertar. “Não sei mais quem está mentindo e quem está dizendo a verdade.”

“Então, por que você não começa a prestar atenção aos fatos.”

Mais uma vez, seus olhos são como feixes de laser pronto para me dividir ao centro. “Que você mantém mulheres como escravas sexuais? Que todos os que trabalham para você têm medo de você? Que você tem o poder de silenciar o que ameaça

sem repercussões? Que fatos que eu deveria prestar atenção, Lucian?”

Eu a puxo em direção ao sofá e, com um pequeno empurrão, ela cai sobre o braço da poltrona nas almofadas, onde a prendo debaixo de mim. Estou a cerca de um segundo de amordaçar essa garota com meus lábios. “Nell teve uma overdose de drogas. O que mais você quer que eu diga? O que é que você quer?"

Lábios puxados para trás, ela parece que iria rasgar através de mim se pudesse. “Eu quero sair daqui. Não ter nada a ver com este lugar. Nada a ver com *assassinos.* Ou *escravistas.* Ou você!"

Minha paciência finalmente explode. Eu agarro seu queixo com força, respirando com dificuldade pelo nariz para manter a fúria crescente sob controle. “Eu não sou um assassino. E nenhuma mulher foi mantida aqui contra sua vontade.” Olhos caindo em seus lábios, eu quero mais do que qualquer coisa beijá-la agora, mas tenho certeza que ela roubaria a oportunidade de morder meu lábio fora do meu rosto.

“Prove. Me deixe ir."

"Você quer ir? Você quer partir?" O próprio pensamento de que ela vá embora é como um soco no meu peito. Um soco forte que *rouba a porra do fôlego* que faz minha cabeça girar fora de controle, meus músculos se transformarem em bolas de raiva.

"Sim."

Rangendo os dentes, fico olhando para ela, insistindo para ficar longe desses lábios. Eu solto seu rosto, e leva cada grama de força do meu corpo para me afastar dela. "Tudo bem. Makaio vai levá-la na primeira hora da manhã.”

CAPÍTULO 55

ISADORA

O zumbido do meu celular me arranca dos sonhos e eu sento na cama. A luz da manhã brilha através das cortinas, enquanto limpo o sono dos meus olhos e levanto meu telefone para ver uma ligação de tia Midge. Mandei uma mensagem para ela ontem à noite, avisando que decidi passar a noite na casa de Kelsey. Eu odeio ter que mentir para ela, mas a verdade só vai deixá-la preocupada.

"Alô?"

"Isa... você precisa voltar para casa." Mesmo através do telefone, sua voz carrega o peso da tristeza e envia um arrepio pela minha pele.

"O que foi? O que aconteceu?"

“Sua mãe... ela foi encontrada morta esta manhã. Você precisa voltar para casa.”

~

Makaio fecha a porta do passageiro do Bentley e, enquanto ele dá a volta no veículo, pego Lucian parado na janela de seu escritório, olhando para mim. Com as mãos enfiadas nos bolsos da calça, ele carrega a mesma linguagem corporal severa de quando cheguei, sei que está zangado comigo. Não me incomodei em me despedir ou contar a ele sobre minha mãe.

Não há sentido.

Meu retorno para tia Midge é apenas para estar lá para minha tia.

A notícia de minha mãe não foi exatamente uma surpresa para mim, visto que esperei quase uma década para que recebesse esse telefonema. Uma pessoa não consegue viver tão perigosamente sem o destino em algum momento. Uma parte de mim parece oca e fria, vazia por dentro, mas não da mesma tristeza que certamente esmagará tia Midge nos próximos dias. O meu é um anseio. Um desejo de encontrar algum pequeno pedaço de mim que ainda se importe com alguma coisa.

Minha desconexão com Lucian na noite anterior foi como cortar a única outra coisa que importava para mim, além de minha tia. Agora, eu sinto que estou à deriva. Um pedaço esvoaçante apanhado pelo vento.

Conforme o carro se afasta, meu coração murcha dentro do peito. Por um momento fugaz, tive certeza de que o que tive com Lucian foi real. Que, pela primeira vez na vida, sentia algo genuíno.

Há segurança em Lucian, na medida em que estou disposta a dar um salto sobre a borda de um penhasco traiçoeiro para alcançá-la. Eu deveria ter pensado melhor antes de me envolver com um homem como ele — uma divindade da ira e das chamas, quando eu não sou nada além de uma mortal, brincando com fogo.

Não cresci com o tipo de poder que ele exerce, o tipo que pode eliminar ameaças e competição sem consequências. O tipo que pode caçar um traficante de drogas perigoso e enterrá-lo bem debaixo do meu nariz. Eu fui ingênua em pensar que ele fechou um acordo com Franco, ou o pagou. Que tolice imaginar que dois predadores pudessem chegar a um entendimento mútuo dessa maneira.

Os tubarões não se comprometem, eles caçam para matar, e Lucian é um dos mais astutos neste mar de corrupção.

Quando chegamos à casa de tia Midge, Makaio não falou uma única palavra comigo. Eu me encontro dividida entre querer agradecê-lo por ter vindo atrás de mim, quando Aedon e Brady me prenderam no banheiro nojento do parque, e temê-lo. Como Lucian, ele aparentemente é bastante capaz de eliminar qualquer coisa que atrapalhe seu caminho. E certamente não quero ser a fonte de sua ira hoje.

Eu abro a pulseira e coloco-a na mesa de console ao meu lado. Quando Makaio abre a porta, saio para a calçada e ele pega a mochila em minha mão. Desta vez, coloco a mão em seu ombro para detê-lo. "Eu entendi."

Ele recua um passo e, em vez disso, pousa a mão na porta.

“Makaio…” Palavras são difíceis para mim. Palavras de agradecimento e apreço são impossíveis. “Se você não tivesse aparecido ontem à noite, eu sei que teria sido uma situação muito ruim. Tive pesadelos sobre o que poderia ter acontecido.”

“Disseram-me para te proteger. O chefe me disse para mantê-la segura.”

Eu balanço a cabeça, as poucas peças remanescentes de confusão ainda chutando por aí, em busca de respostas. "Por que? Ele não poderia saber que eles iriam me atacar."

“Ele não está preocupado com eles. Esses idiotas são batatas pequenas.”

"Então, com quem ele está preocupado?"

Desviando seu olhar do meu, o gigante revira os ombros para trás. “Olha, eu conheço Lucian há muito tempo. Anos. Eu nunca o vi agir assim com outra mulher. Nunca."

"Assim como?"

“Ele é louco por você, Isa. Perdeu a cabeça, louco. Você deve saber, ele não vai deixar você ir tão facilmente. Ele lhe dará espaço por um tempo. Mas isso não acabou para ele.”

“Ele vai mudar de ideia quando entender que acabou para mim. Não posso ficar com um homem que mata gente como se fosse qualquer outro dia. Eu não me importo se eles são pessoas más. Isso não lhe dá o direito de tirar a vida de alguém.”

“Tentamos ser civilizados, nós, seres humanos, mas, em última análise, somos animais. Todos nós. E no reino dos animais, apenas os mais fortes sobrevivem.”

Eu abaixo meu olhar e balanço a cabeça. “O mundo dele não é o meu mundo. Adeus, Makaio.”

"Cuide-se."

Eu passo por ele e sigo em direção à porta da frente da casa. Com a mão na maçaneta, eu o vejo sair e, assim que ele vira a esquina, abro a porta e encontro tia Midge sentada à mesa da cozinha, fumando um cigarro.

A casa inteira cheira a tabaco e café, e meus músculos ficam tensos com o pensamento de que vou ter que lutar contra sua tristeza por minha mãe. Não sinto o que ela sente e não quero sentir.

Eu deslizo para a cadeira ao lado dela. Seus olhos estão vermelhos e inchados, inchados de horas de choro, o que deu origem a olheiras. Cabelo despenteado se projeta ao redor de seu rosto, a evidência de que ela passou as mãos nele durante toda a manhã. Ela está horrível.

“Eu, hum. Tenho que identificar o corpo mais tarde.” Ela bate o cigarro na ponta do cinzeiro e dá outra tragada. “Eu acho que um corredor matinal a encontrou na praia abaixo do cais. Eles acham que ela pode ter ficado chapada e se afogado.”

Com um suspiro, me afasto da mesa e caminho até o armário para pegar um copo. Na geladeira, pego a caixa de leite e despejo um pouco, e de costas para tia Midge, eu engulo.

"É isso? Isso é tudo que ela consegue de você?" A tensão em sua voz não é realmente dirigida a mim, eu sei disso. Ela está com raiva e triste, eu serei seu saco de pancadas emocional, da mesma forma que fui quando tio Hal a deixou quando eu tinha quatorze anos.

"Você está realmente tão surpresa?"

Com a mandíbula erguida com uma réplica, ela balança a cabeça. "Você realmente é incrível, garota."

Colocando o copo na mesa, agarro a borda do balcão para não jogar *algo* pela sala. “Me desculpe, eu devo o *quê?* Ficar triste por ela ter destruído nossas vidas e, em seguida, ter continuado a destruir a dela até o fim?"

Mais lágrimas escorrem pelo seu rosto, seus lábios pressionados em uma linha dura enquanto ela esmaga o cigarro no cinzeiro. “Ele não quis você. Eu sei que provavelmente irei para o inferno por dizer isso, mas é a verdade.”

"Do que você está falando?"

"Seu pai." Enxugando as lágrimas, ela funga e junta as mãos. “O bastardo podre não queria você. Ela quis, no entanto. Quer você acredite ou não, ela quis você." Seus olhos parecem sair de foco, enquanto ela me encara como se tivesse entrado em uma cena do passado, e quando suas sobrancelhas abaixam, eu sei que é um lugar que ela não quer estar, mas fico em silêncio. Porque preciso saber. Esperei muito tempo para ouvir isso.

“Se você tivesse perguntado a ela naquela época, ela teria dito que estava apaixonada por ele. Talvez estivesse. Eles dizem que há um pouco de mistério em tudo isso, e eu acredito nisso. Ela

engravidou de você. Lembro-me do dia em que ela e eu nos sentamos no banheiro. Eu saí e comprei o teste, porque se meus pais descobrissem, eles a teriam jogado para os tubarões, na próxima vez que meu pai fosse para o mar." Ela ri em meio às lágrimas e balança a cabeça. "Não realmente, mas ela estava com medo, de qualquer maneira. Quando as duas linhas apareceram, eu disse a ela que poderia estar errado. Eu me ofereci para levá-la na clínica da cidade, para confirmar antes que ela falasse qualquer coisa, porque eu sabia que vidas seriam arruinadas com isso. Arruinadas." Exalando um suspiro, ela faz uma pausa por um momento, esfregando as mãos, antes de pegar o maço de cigarros novamente. "Assim que foi confirmado, ela decidiu contar a ele. A essa altura, acho que ela poderia ter optado por qualquer coisa com a gravidez. Mantido. Interrompido. Ela realmente não tinha um plano." Do jeito que ela recita, é difícil acreditar que ela está falando sobre mim, por mais distante que pareça. "Mas ela sabia que queria falar com ele. E quando ela o fez, ele ficou furioso. Ele a chamou de prostituta e disse que poderia ser o bebê de qualquer pessoa. E então ele a ameaçou. Ele disse, se ela não destruísse isso, então ele apenas teria que fazer isso sozinho." Mais lágrimas se acumulam em seus olhos, enquanto ela bate o cigarro contra a mesa e, ao vê-la, lágrimas se acumulam em meus olhos também. "Não é preciso ser um detetive para ler nas entrelinhas. Mas sua mãe... sua mãe era fogo e bolas de latão, ela se recusou a destruir você. Ela estava com medo, no entanto. Com medo de você e de si mesma, então ela deixou a ilha. E ela rapidamente descobriu como é difícil ser mãe solteira. Por Deus, ela tentou, no entanto. Por muito tempo, ela arrebentou para construir uma vida para vocês duas. Mas a vida nunca lhe deu uma pausa, não importa o quanto ela tentasse."

Eu sigo meu olhar sobre as paredes para não ter que olhar para ela. Para não mostrar as lágrimas nos meus olhos. "Por que você não me contou?"

“Ela não queria que eu fizesse. Ela achou que era melhor assim. Melhor para você, de qualquer maneira. Ela, por outro lado? Não se saiu tão bem.” Sua voz falha no final, e começa a fazer sentido para mim porque a tia Midge sempre foi tão inflexível, tão intransigente, quando se trata da minha mãe.

"Quem é ele?"

Com a mão ainda trêmula, ela leva o cigarro aos lábios, as bochechas cedem com uma longa tragada, e ela balança a cabeça. “Eu fiz uma promessa, Isa. Ela me fez jurar que nunca lhe contaria.”

"Por favor. Eu tenho que saber.”

Ainda balançando a cabeça, ela abaixa o olhar do meu.

“Você cumpriu todas as promessas feitas a ela, tia Midge. Cada uma. O que isso importa agora? Ela está morta!"

“É importante agora, mais do que nunca.”

"Por favor. Estou te implorando.”

O silêncio paira no ar entre nós, minha impaciência crescendo mais forte a cada segundo.

“Por que ela me traria de volta aqui? Você não acha que isso é um pouco estúpido da parte dela?"

“Ela não teve escolha. Acredite em mim, ela não tinha.”

"Então, por que ela fez isso, se era tão perigoso?"

Com as sobrancelhas franzidas, ela olha para mim como se não pudesse acreditar que eu perguntaria uma coisa dessas. "Você honestamente não se lembra de nada?"

"Sobre o que?"

Respirando fundo, ela balança a cabeça. "Você está me pedindo para abrir muitas latas de uma vez, Isa."

“E você ainda está segurando todos os vermes. Me dê algo. Algo. Passei a vida toda acreditando que minha mãe era uma viciada em merda, e você está tentando me dizer que não. Eu preciso saber o que a fez voltar aqui. O que a fez arriscar me trazer de volta para o homem que queria me destruir."

"O *tio George* lembra alguma coisa?"

Assim que as palavras passam por seus lábios, elas desbloqueiam pensamentos dentro da minha cabeça, imagens, como uma chave mestra.

Uma criança segurando um coração brilhante. Escuridão ao redor. O rosto da criança praticamente brilhando. São olhos tristes. Mãos gentis. Um coração vermelho. Respirações profundas. Vermelho. Em todos os lugares.

Minha mente entra em transe, puxando-me para a memória. “Eu o chamava de tio George. Ele era... o marido da tia Tessa.”

“Ela não era realmente sua tia. Ela olhava você quando sua mãe precisava trabalhar ou quando saía. Uma mulher mais velha que morava na vizinhança. Sua mãe confiava nela.”

“Acordei no meio da noite. Alguém estava sussurrando em meu ouvido. Eu vi a foto de uma criança na parede... segurando um coração brilhante.” As memórias chegam mais rápido, mais vívidas, e eu balanço a cabeça. “Não, não uma criança. É um homem. Jesus, talvez?"

“Sim, Sagrado Coração de Jesus. Sua mãe me disse que ela era muito religiosa. Continue."

“Ele me disse... para relaxar. Que minha mãe não ia me buscar. Que éramos apenas eu e o tio George saindo.” Uma frieza enche meu peito, os ramos de cristal do medo rastejando de algum lugar no fundo do meu interior. “Ele colocou a mão... na minha barriga. E na minha calça.” Fecho os olhos com força, como se

isso pudesse bloquear a memória que continua a brincar por trás das minhas pálpebras. “Eu gritei, e ele me disse que se alguém me ouvisse, ele teria que machucá-los. Eu me lembro da dor. Tanta dor que desmaiei.” Eu exalo uma respiração instável e abro meus olhos para encontrar tia Midge olhando para mim com mais lágrimas nos olhos. “Quando acordei, havia sangue por toda parte. Tanto sangue. E minha mãe, ela estava lá, e ela me pegou em seus braços.” Com a voz embargada, começo a chorar. "Ela disse, '*Vai ficar tudo bem, baby*', e eu olhei, e ele tinha sangue na garganta e nas mãos."

“Ela entrou no carro e dirigiu por quilômetros até chegar aqui nesta ilha. Quando ela trouxe você para mim, você ainda tinha o sangue dele sobre você. Tio Hal e eu recebemos você, e eu lavei e envolvi você em um cobertor, apenas segurando você enquanto sua mãe desmaiava." Ela funga e enxuga as lágrimas recém caídas, enquanto as minhas ficam presas em um escudo balançando sobre meus olhos. “Ela me disse que tinha que deixar você comigo. E me fez prometer proteger você. Para nunca dizer quem é realmente seu pai.”

Ela estende a mão, colocando-a no meu braço, e quando ela pega algo de sua bolsa que está pendurada na beirada da cadeira e o desliza na minha frente, as lágrimas finalmente rompem. Todas as minhas fotos da escola estavam em uma pilha sobre uma grande foto minha e minha mãe quando eu era pequena, talvez cinco anos de idade. Ela está sorrindo e apontando para a câmera, o rosto saudável e iluminado, emoldurado por aquelas mechas vermelhas de fogo.

“Juntei estas esta manhã. De onde ela estava acampada sob o viaduto. Não sou mãe, então certamente não sou especialista no que torna uma mãe boa ou má. Mas uma coisa eu sei com certeza é que ela te amava. Por mais que um viciado em drogas possa amar, ela te amava.”

Eu finalmente desabo e sinto os braços da tia Midge em volta de mim, me puxando para um abraço. “Eu disse coisas horríveis para ela. E agora ela nunca vai saber o quanto eu sinto muito.”

“Ela sabe, baby. Ela sabe."

CAPÍTULO 56

LUCIAN

Giro minha bebida no copo, olhando para a cama vazia na câmera. Com os dentes rangendo em meu crânio, lembro-me de suas últimas palavras antes de ir embora. *Me deixe ir.* Elas ecoam a noite em que Amelia ficou pendurada no meu braço, tentando soltar meus dedos.

Eu atiro o copo pela sala, e ele se espatifa contra a parede. "Porra!"

No que diabos eu estava pensando, me envolvendo com essa garota? Eu sabia as consequências de cair em uma coisa desenfreada como Isa. Uma garota jovem e atrevida do tipo que cutuca seus olhos com um pauzinho. É como tentar conter um furacão dentro de um tubo de ensaio. Ela está chicoteando ventos e telhados meio rasgados, ondas traiçoeiras e ressacas perigosas, e eu não consigo me cansar dela, por algum motivo. Não sei se sou um meteorologista de coração ou um masoquista genuíno que ama o tormento.

O elevador apita, e Rand sai, olhando para os pedaços de vidro quebrados enquanto ele os contorna em seu caminho para a minha mesa. Ele coloca a pulseira que dei a Isa na mesa, e minha mão fecha em punho ao vê-la.

“Ouvi dizer que outro cadáver foi encontrado esta manhã”, diz ele, dando um passo para trás e cruzando as mãos na frente dele. “Outra overdose de drogas, ao que parece.”

"E por que eu me importo?"

“Era o corpo de Jenny Quinn. A mãe de Isa.”

Recostando-me na cadeira, acaricio meu queixo, pensando. "Ela não disse nada quando saiu."

"Não, suponho que ela não faria."

“Alguma conexão com Nell? Alguma semelhança?”

“Só que uma agulha foi encontrada alojada em seu braço. Suspeita de heroína com ela também. Embora, pelo que sei, a mãe de Isa seja viciada há algum tempo. Suponho que não haveria nada de incomum nisso.”

“Alguma palavra sobre Isa? Como ela está?"

"Nada, receio."

Eu me levanto e coloco meu celular no bolso.

“Mestre... talvez alguns dias sejam necessários. Para deixá-la chorar e tudo mais.”

Fiz questão de ignorar o conselho de Rand nos últimos dois anos, desde a morte de meu pai, achando seu conselho quase inútil, mas talvez ele esteja certo neste caso. Talvez ela precise de tempo. “Eu gostaria de ir ao funeral. Assim que souber, avise-me sobre a data e a hora.”

"Perfeitamente."

“E, Rand, quais são seus pensamentos sobre isso? Coincidência?"

"É difícil dizer. Não vejo razão para alguém ir atrás de Isa.”

"A menos que alguém soubesse o que ela significava para mim."

“Verdade, mas o único que pode ter um motivo é Stefano Scarpinato, e ele pareceu relativamente satisfeito com sua oferta, quando nos encontramos.”

Acontece que Rand não está a par da reunião que tive com Friedrich. Não descartei a possibilidade de que o filho da puta esteja me testando e, se for esse o caso, ele terá mais do que uma falta de financiamento para fazer seu cu franzir.

“Makaio me contou que os agressores dela no parque foram os dois que lhe deram problemas há alguns meses naquela festa. Eu quero ficar de olho nela.”

"Vou despachar Makaio imediatamente."

"Não. Ela escapou naquela noite para *evitar* Makaio. Eu não preciso que ela saia correndo, no momento em que ela o avistar. E vamos combinar, Makaio se mistura como um palhaço em um funeral.”

“Devo procurar contratar alguém?”

Girando meus polegares, mordo o interior do meu lábio em pensamento. "Sim. Acho que é hora de batermos um papo com nosso amigo investigador particular.”

"Sr. Goodman? Não tenho certeza se é uma boa ideia, Mestre.”

"Nem matar Franco era, mas eu matei, de qualquer maneira."

CAPÍTULO 57

ISADORA

Odeio funerais. Se eu fosse uma devoradora de tristeza, poderia festejar o dia todo com a tristeza e a miséria que vem por ser forçada a olhar para um caixão. Por que fazemos isto a nós mesmos? Por que prolongamos a angústia enfiando o rosto nele por um dia inteiro?

É para tornar isso mais fácil? Chegamos a um ponto em que ficamos tão fartos de olhar para um corpo sem vida que aceitamos a morte?

Minha mãe está deitada em um caixão, rodeada de seda branca e flores. Quatro dúzias de rosas estão em vasos no chão ao redor dela, que eu acho que vieram de Lucian, embora o cartão anexado fosse assinado como *Um Amigo*. Seus longos cabelos ruivos estão enrolados, as trilhas em seus braços cobertas por uma densa maquiagem. Essa é outra coisa sobre funerais: eles mentem. Se fossem sobre a verdade, minha mãe estaria deitada em uma caixa de papelão, o cabelo meio arrepiado em um rabo de cavalo gorduroso, com um monte de agulhas usadas ao redor dela.

Tia Midge optou por um vestido esmeralda que a deixa parecida com a boneca da coleção de Laura.

Algo que não é real.

Sua tez, brilhante e perfeita, como se as drogas nunca tivessem tocado seu sangue. As fotos que tia Midge reuniu mentem sobre seu corpo, e me concentro em uma dela e de mim, enquanto o pastor recita algumas escrituras que eu não conseguia entender.

Optei por não fazer um elogio e, em vez disso, escrevi uma carta para minha mãe, para ser queimada com suas cinzas. Para começar, falar em multidões nunca foi minha praia, mas ser solicitada a compartilhar pensamentos e sentimentos sobre uma mãe que passei a maior parte da vida desprezando não é algo que eu gostaria de elogiar, de forma alguma.

Apenas um punhado de pessoas apareceu, principalmente os caras do bar onde tia Midge trabalha, que vieram para apoiá-la. Pegando minha mão na dela, tia Midge soluça em um lenço de papel, enquanto observamos os outros prestarem seus respeitos finais. A mulher deve ser um reservatório infinito de lágrimas. Em algum ponto, tem que secar, e talvez seja onde eu esteja. Deve parecer estranho que eu seja a única no funeral cujos olhos estão secos como um osso.

Eu preciso de ar.

Desesperadamente.

Este lugar é sufocante.

Me sufocando.

Tia Midge aperta minha mão, enviando outra onda de pânico em meu peito. Um ataque de ansiedade que se aproxima, aposto. Eu sofri com eles com frequência após o ataque de Aedon e Brady, o aperto no meu peito, o girar da sala, servem como sinais de alerta para outro episódio.

Mac tropeça em nós duas, sem dúvida bêbado, e dá um beijo no topo da minha testa. Enquanto ele envolve tia Midge em um abraço com cheiro de uísque, coloco minha palma sobre a dela.

"Vou tomar um pouco de ar fresco."

“Ok, querida”, ela diz, sua voz abafada pelo abraço de Mac.

Como ela aguenta agora, não sei. Provavelmente vou hiperventilar se alguém tentar me abraçar, o que é um bom motivo

para ir embora. É aí que começam os abraços. Quando as desculpas, as memórias e os arrependimentos derramam de todos como um rio de tristezas.

Respirando com dificuldade pelo nariz, saio da sala de exibição, pelo corredor, pelo foyer e saio pela porta da frente da casa funerária. Agarrando o corrimão da escada, respiro fundo em um esforço para acalmar meu coração acelerado.

Respire, Isa. Só respire.

Abrindo os olhos em uma longa expiração, encontro um rosto familiar parado diante de mim.

"Olá, Isa." O prefeito Boyd está de pé com um pé apoiado na escada e a mão apoiada na coxa. "Como você está?"

"Estou bem. O que você está fazendo aqui?"

“Eu só, uh... vi no jornal que Jenny morreu. Ela era uma aluna minha. Na época em que eu ensinava no ensino médio.” Enquanto ele fala, minha mente repassa as fotos dele que encontrei no anuário da minha mãe. "Não a vejo há... décadas."

"Ela mudou muito."

"Sim. Eu ouvi isso.”

Uma pausa estranha paira entre nós, passo meu polegar por cima do ombro. “Você quer... entrar? O serviço acabou. Todo mundo está apenas fazendo os respeitos finais.”

"Não, não. Eu não quero me intrometer. Estou curioso, no entanto. Como você.... como você a conheceu?"

"Ela era minha mãe."

"Sua mãe?" Há uma ponta de surpresa em seu tom, e ele pigarreia, ajustando os óculos. "Isso é interessante. Acho que ela não tinha nada de bom a dizer sobre seu professor favorito.” A

risada que se segue é boba e estranha e, de alguma forma, inadequada para o clima.

“Hum. Não nos dávamos muito bem quando ela estava viva.”

"Ah, isso é muito ruim." Ele revira os ombros para trás e limpa a garganta novamente. “Digamos, suponho que não poderíamos...”

“Olá, Isa.” A voz que interrompe é um som rico e profundo que faz cócegas em meu ouvido, levanto meu olhar além de Boyd, para onde Lucian está atrás dele. Enfeitado com um terno preto perfeitamente cortado, ele é quase difícil de olhar, e meu corpo responde instintivamente, apesar das más condições que nos deixamos. Enfiada no bolso de seu terno está uma rosa preta que realmente serve para Lucian. Mesmo em um funeral, porém, ele não pertence a esta cidade.

Boyd estica o pescoço e, ao fazer isso, cambaleia um passo para trás, rindo ao se controlar. "Bem, falando do diabo..."

Eu franzo a testa com isso, não me lembrando de qualquer menção a Lucian em nossa conversa.

Com uma mão enfiada no bolso da calça, Lucian dá um passo em minha direção, a outra mão correndo pela barba de um dia que atrai meus olhos para a cicatriz em sua mandíbula. Meu coração literalmente dói ao vê-lo.

"Eu vou... deixar vocês dois terem um momento de privacidade." Boyd desce para a calçada, agitado e rolando os ombros para trás, como se estivesse desconfortável com a escuridão que está atrás dele. "Isa, vamos conversar mais tarde."

Ignorando-o, mantenho meus olhos em Lucian, enquanto ele sobe a escada. "O que você está fazendo aqui?"

“Eu ouvi sobre sua mãe. Queria ter certeza de que você está bem.”

Cruzando meus braços, tiro meu olhar dele, notando seu carro no meio-fio. O mesmo carro em que quase transamos, quando jurei que Lucian Blackthorne era o ser humano mais incrível que já conheci em minha vida. "Estou bem. Acho que as rosas vieram de você?"

"Sim. Você parece bem."

"Faz apenas uma semana desde a última vez que te vi."

“E tenho pensado em você a cada minuto de cada dia desde então. É enlouquecedor pra caralho, a maneira como você infectou meu cérebro."

Não me preocupo em dizer a ele que todas as noites eu acordo suando frio, gritando seu nome. Já imaginei suas mãos em mim, seus lábios nos meus, a falta de ar, as batidas do meu coração, todo o caos que explode ao meu redor quando penso nele.

“Sim, bem. Pena que não tenho ideia de quem diabos você realmente é." Eu me viro para sair, mas com o aperto forte do meu braço, giro para encará-lo. "Me solta."

“Você é a única pessoa no mundo que realmente me conhece.” Ele dá um puxão forte que me puxa para frente e eu caio nele. "Tudo o que mostrei a você é o que eu sou."

“Eu quero acreditar nisso. Acredite em mim. Quero pensar que sou a única garota que decifrou o Diabo de Bonesalt. Mas não acho que você seja tão estúpido, Lucian. Não acho que você seja tão descuidado em deixar alguma garota local entrar no seu mundo.”

Ele não responde a isso e, em vez disso, passa o dedo pela minha têmpora, seu toque quase insuportável, por mais que eu tenha sentido falta. “Quero que você volte. Volte para mim."

Ele segura meu rosto e dá um beijo na minha testa, juro que leva cada grama de força para não envolver meus braços em volta

dele e me perder em seu abraço. Eu quero tanto. Nos últimos dias, me senti perdida, à deriva. Eu ansiava por alguém que puxasse minhas cordas e me prendesse, me segurasse e me impedisse de me perder.

“Tudo o que você precisa, é só pedir e pronto”, diz ele.

"Preciso de tempo." Passei os últimos dias me convencendo de que Lucian matou Franco simplesmente para me proteger, sem nenhum outro motivo. Que ele não é o demônio que tortura as pessoas por prazer. "E respostas."

"É justo. Vou te dar um tempo. Mas essa coisa entre nós? Está acontecendo, Isa.”

"Veremos." Eu olho para trás em direção à casa funerária, onde posso ver o movimento através da janela da sala de exibição. "É melhor eu voltar."

“Entrarei em contato.” Pegando meu queixo, ele pressiona seus lábios nos meus, e minha cabeça me estimula a segurar firme e não soltar. Em vez disso, eu interrompo o beijo e me afasto, se eu pensei que minha cabeça estava girando antes, estou totalmente girando.

Ele desce a escada, com a facilidade de seu caminhar como um homem que pode chegar a um funeral sem nenhuma preocupação no mundo e sair como se tivesse roubado o último gole de ar.

Quero segui-lo sem ver o que me tornei a par — as mentiras e a verdade que se chocam dentro da minha cabeça.

Eu me viro e volto para dentro da casa funerária.

~

As cinzas da minha mãe enchem a urna que está no meu colo, enquanto tia Midge nos leva de volta para casa.

“Ela teria odiado cada segundo disso, sua mãe. Nada para chamar atenção.” As lágrimas ainda pesam em sua voz, como se ela pudesse chorar novamente.

“Eu também nunca gostei da atenção.”

"Você ficaria surpresa com o quanto vocês duas têm em comum."

"Como o quê?"

“Piano, por exemplo.”

Eu franzo a testa para isso, olhando para a urna de latão. "Minha mãe tocava?"

“Ela cantava, tocava e dançava, era inteligente e atlética. Ela era tudo que eu não era, passei anos lutando contra o ciúme.”

“É por isso que você ficava deixando ela entrar? Por que você não podia rejeitá-la?"

Olhando para o para-brisa, ela balança a cabeça. “Quando você ama alguém, é difícil *des*amar ele. Eles cometem erros, fazem coisas que você odeia, coisas com as quais você não concorda, coisas que te deixam totalmente louca, mas quando se trata disso? Você ainda os ama. Você não pode evitar. Suponho que seja por isso que nunca entendi realmente o conceito de Inferno e do diabo. A ideia de que Deus, ou Jesus poderia virar as costas para aqueles que ele tanto ama, simplesmente não faz sentido para mim. Mesmo que você tenha assassinado alguém, Isa. Posso estar profundamente desapontada, mas parar de amar você? Isso seria impossível.”

Suas palavras de alguma forma penetram mais fundo do que nunca, não posso deixar de pensar em Lucian.

"Tia Midge, se eu fizesse algo terrível, mas fizesse para protegê-la, você poderia me perdoar?"

"Você fez algo terrível?"

"Não. É apenas uma hipótese."

"Claro que eu te perdoaria. É o que eu quero dizer. Não há nada mais forte do que o amor."

Pergunto-me, se ela soubesse que eu estava falando sobre Lucian, ela responderia de forma diferente. "Como você sabe se ama alguém?"

Ela olha para a urna no meu colo e de volta para a estrada. "Quando você tenta imaginar um mundo sem aquela pessoa e não consegue, então você sabe que é amor."

Por uma semana, tentei esquecer Lucian e não consigo. Tentei ignorar as imagens do rosto dele. O som de sua voz. O cheiro de sua pele.

Não posso, dói fisicamente pensar que talvez nunca mais o veja, apesar do que ele diz.

Chegamos de volta à casa, onde um carro estranho está estacionado no meio-fio. Eu olho pela janela do lado do motorista para o Sr. Goodman, que acena de volta para mim.

"O que diabos é isso?" Tia Midge diz ao meu lado. "Como ele descobriu onde eu moro?"

"Ele é um investigador. É o que ele faz."

"Ou você disse a ele."

"Eu não disse." Assim que o carro para na garagem, eu saio e entrego a urna para tia Midge. "Só vou demorar um minuto."

"Se esse cara te der problemas? Grita."

"Eu grito." Espero ela mancar para dentro de casa antes de caminhar em direção ao carro. “Se você está procurando o anuário, eu o perdi.”

"Eu entendo. Não precisa se preocupar. Simplesmente senti que, com as informações que você estava tão disposta a dar, devo isso a você.” Ele estende o envelope na minha direção. “Se vale de alguma coisa.”

Olhando para o pacote, hesito um momento, antes de arrancá-lo de suas mãos, ansiosa para que ele mude de ideia.

"Eu ouvi sobre sua mãe e sinto muito por sua perda."

"Obrigada. O que você estava procurando no anuário?”

"Prova."

"Sobre o que?"

"Que sua mãe poderia possivelmente ter entrado em contato com o próprio diabo."

Franzindo a testa, olho para ele com uma necessidade ainda mais forte de saber o que está dentro.

Abro o envelope e retiro o documento contido nele. Desdobrando-o aparece o formulário de admissão, que parece ter sido escrito com a caligrafia da minha mãe. Percorrendo a página com os olhos, encontro o campo que procurei por toda a minha vida. Aquele que revela quem realmente é meu pai. O que ela deixou intencionalmente em branco na minha certidão de nascimento.

A ânsia agita meu estômago enquanto olho para o nome rabiscado na página.

Patrick Boyd.

CAPÍTULO 58

LUCIAN

EU chego à conclusão de que tudo na vida se resume a uma regra de três.

Para mim, as regras sempre foram simples:

Nunca ceda à tentação

Nunca mostre suas cartas

Não se apaixone

Com Isa, quebrei todas as três. Pelo menos, tenho quase certeza de que sim. Na verdade, nunca senti esse tipo de amor antes, mas acho que querer matar qualquer coisa e tudo o que estiver perto dela deve contar para alguma coisa.

E ver Boyd abordá-la na casa funerária de alguma forma despertou uma raiva inexplicável dentro de mim. Por mais irracional que possa parecer, eu poderia facilmente ter quebrado o pescoço do meu ex-sogro como um dente-de-leão, por estar tão perto dela.

Eu caminho até o banco do parque, jogando fora meu cigarro fumado pela metade, e me sento em frente ao homem do outro lado. Olhando para o mar, absorvo um momento de paz antes que a tempestade de merda de perguntas comece.

"Obrigado por entrar em contato comigo, Sr. Blackthorne."

“Eu não entrei. Meu associado entrou em contato com você.”

"Sim, Sr. Rand?" Ele limpa a garganta, mexendo-se no assento como se tivesse um caso grave de hemorroidas. O cara me lembra um cruzamento entre um verdadeiro detetive e o solitário trabalhador de TI que se masturba com tentáculos de pornografia, vestido com sua camisa xadrez de manga curta e calça jeans cinza.

“Eu sou um investigador particular...”

“Já sei quem você é e o que está procurando.”

"E você concordou com esta reunião?"

Eu mantenho meu olhar à frente, sem me preocupar em dar a ele a satisfação de encarar minhas cicatrizes. “Eu tenho minhas razões para fazer isso.”

"Certo. Não vou perder seu tempo com formalidades. Quero saber quem são os membros da Schadenfreude.”

"Não, você não quer."

"Desculpe?"

“Saber o coloca em sério risco. Considere um favor eu mantê-lo no escuro. Ao dizer a você, irei essencialmente colocar um alvo gigante nas suas costas, e todo o trabalho duro que você colocou neste caso? Perdido." Com os lábios pressionados em uma linha dura, balanço minha cabeça. “Não vou nomear membros.”

"OK. Então, qual é a sua função?”

“Meu papel é obscuro. Não sou adepto de suas filosofias, nem regido por suas leis. Eu sou uma entidade flutuante, ligada apenas a eles por meio de uma longa linhagem de membros leais e genética de merda.”

"Você está dizendo que não concorda com eles, mas os segue de qualquer maneira."

"Se isso te alegra, então acho que é o que estou dizendo."

O som dele bufando é cômico, como uma criança que não tem um doce. Mesmo que ele tenha uma ideia do que o grupo se tratava, há um arranha-céu de um iceberg abaixo da superfície que vai levar décadas para se desfazer. "Você concordou com esta reunião para uma troca de informações e até agora não me deu nada."

“Talvez porque é exatamente isso que você está procurando. Ar. Vazio. A pausa de uma inspiração. O espaço entre uma frase e a próxima. Mesmo se eu lhe desse todas as informações que você procura, nunca as encontraria. Eles passaram anos aperfeiçoando a arte de esconder o que são.”

"Ok..." Ele balança a cabeça com uma risada melancólica. "Qual é o objetivo disso, então?"

“Estou feliz que você finalmente perguntou. O verdadeiro enigma em tudo isso é o que aconteceu com Isa.”

"Isa? O que tem ela? O que ela tem a ver com Schadenfreude?”

"Ou melhor, o *que* ela *não* tem a ver com isso?" Um rápido vislumbre dele, e eu lanço meu olhar de volta para o mar sem fim. “O futuro deste grupo está comigo. Quando eu for embora, eles não terão financiamento. Nenhuma pesquisa. Nenhuma validade para suas besteiras."

“Ainda assim, você não concorda com os métodos deles.”

"Você tem prestado atenção, Sr. Goodman?" Um veleiro está parado no limite do horizonte, nada além de um ponto na linha. Um ponto de convergência. Referência. Direção em um vasto mar. Quanto mais eu olho para ele, mais parece encapsular meus pensamentos. “Além de Isa Quinn, existe um vazio negro para mim. Um ponto no horizonte que não consigo ver além. Se você quiser respostas, sugiro que preste muita atenção nela.”

Uma batida de silêncio se segue, antes que ele pigarreie. "Você está me pedindo para segui-la?"

"Eu *insisto que* você a siga."

"Para qual finalidade? Você não me deu nada de valioso."

"Eu dei. Admitindo o que é mais valioso para mim. Mas se isso não for suficiente, estou disposto a dobrar tudo o que você está sendo pago atualmente para ser um pé no saco."

Ele bufa e esfrega a testa, como se uma dor de cabeça estivesse florescendo ali. "Certo. Você a considera valiosa. Então, vou ficar de olho nela."

"Bom. E se você precisar entrar em contato comigo, aqui é onde você pode me encontrar diretamente." Eu deslizo um cartão de visita pelo banco, que ele aceita deslizando-o em sua direção.

"Obrigado, Sr. Blackthorne. Entrarei em contato."

CAPÍTULO 59

ISADORA

O pequeno recipiente Tupperware cheio com as cinzas da minha mãe está sentado na areia ao meu lado, enquanto viro uma garrafa de Boone's Farm que roubei do estoque de tia Midge.

Peguei apenas um pequeno punhado das cinzas para espalhar no oceano, o único lugar que sei que minha mãe adoraria estar. O local é uma pequena enseada onde tia Midge me trouxe para nadar, quando cheguei em Tempest. Longe de todos os turistas e olhos intrometidos, um pequeno pedaço do céu que só nos pertencia.

“Você se lembra daquela noite, quando eu tinha oito anos, você e eu corremos para o oceano? Nós nos jogamos na areia, e você me deixou experimentar o Boone de morango pela primeira vez. Você me disse que era o seu favorito, porque a lembrava das noites quentes de verão e do pôr do sol em Tempest Cove. E depois, tiramos nossas roupas de baixo e pulamos nas ondas para um mergulho noturno.” Olhando para a garrafa de álcool rosa, eu sorrio. "Acho que foi meu momento favorito com você." O sol poente lança cores vibrantes sobre a superfície, enquanto bebo um gole da bebida e bato a garrafa na areia ao meu lado.

Pego o recipiente com as cinzas e escavo a tampa, com cuidado para não derramar nada do conteúdo prematuramente. Com minha calça jeans enrolada até as panturrilhas, entro na água, deixando as ondas baterem em meus tornozelos. Braço estendido para longe de mim, eu borrifo as cinzas nas águas rasas ao meu redor e vejo como elas se juntam na superfície, os fragmentos maiores afundando na areia.

Em segundos, um cardume de peixinhos minúsculos se reúne ao meu redor, mordiscando as pequenas cinzas dos restos mortais de minha mãe.

Os malditos peixes estão comendo-a.

Em minutos, estou cercada por pequenos peixes se alimentando dos pequenos pedaços ainda flutuando, e o riso estala em meu peito. Eu me curvo para frente, rindo tanto que tenho medo de me urinar. Por cinco minutos consecutivos, a risada histérica bate em mim, e eu deixo isso me levar para baixo.

Mamãe também teria rido, tenho certeza disso. Se há uma coisa que compartilhamos, era o humor para o macabro. Humor negro, para o qual ela tinha coragem de rir quando os outros ficavam quietos. Talvez isso seja algo que eu amava nela.

Em segundos, a poeira de seus restos mortais é consumida e o cardume se dispersa de volta para as águas mais profundas.

Suspirando, fico olhando para o oceano, pensando em como seria incrível acabar nas barrigas minúsculas de peixes. Para sempre fazer parte do mar.

~

Cerca de três quartos da garrafa permanecem, e jogo o que sobrou em uma das latas de lixo próximas, em seguida, pego meus sapatos da areia. Durante a última hora, fiquei sentada aqui, pensando no que fazer a seguir, agora que tenho todas as peças que faltam no quebra-cabeça.

Na época em que minha mãe estava grávida de mim, Boyd aparentemente estava trabalhando para sua primeira candidatura como prefeito. Ele tinha uma esposa e filha, uma vida inteira construída em torno da fachada de um homem muito

respeitado. Um caso com uma de suas alunas que acabou grávida teria explodido tudo em pedaços. Teria aniquilado suas oportunidades na política e possivelmente seu casamento na época.

Mas e agora?

Com sua esposa o deixando, sua carreira destruída por algum escândalo que tia Midge me contou, e sua filha morta, ele ainda sentiria o mesmo ódio por mim? Eu ainda seria indesejável?

Eu ao menos me incomodaria com um homem que uma vez ameaçou minha mãe para me destruir?

Sigo pelo longo do caminho em direção à casa, o ar quente do mar deixando uma névoa salina em meu rosto. Ao som de um motor, me viro e vejo um veículo diminuindo a velocidade ao meu lado. Por dentro, Patrick Boyd me encara de volta, seu sorriso brilhante e amigável, como sempre.

Pergunto-me se ele sabe quem eu sou. Se ele se reconhece em mim.

“Precisa de uma carona?” ele pergunta pela janela aberta.

“Não, estou voltando para a casa da tia Midge. Obrigada, no entanto.”

O carro para. O que me faz parar, e me viro para vê-lo descer do veículo.

"Isa, precisamos conversar." O tom de sua voz mudou e carrega uma ponta de confissão. É muito diferente do homem que conheci algumas vezes. Um claramente versado em polimento e verniz. "Eu sei quem você é. O que somos. E só quero dizer, eu era um bastardo estúpido e egoísta naquela época." Contornando o carro, ele cruza os braços sobre o peito e se inclina contra o capô. “Eu estava com medo, e sua mãe... ela era tão jovem. Mas tão incrivelmente bonita, inteligente e engraçada.” Sorrindo, ele

me encara como se estivesse perdido em pensamentos. “Mas erámos errados juntos. Ainda assim, eu não deveria tê-la assustado. Sinto que tudo o que aconteceu foi minha culpa. Quero acertar as coisas com você.”

Há uma parte de mim, uma sensação mesquinha que me diz para fugir, mas é reprimida pela autenticidade de sua voz. É enervante como isso soa genuíno para mim.

Sou uma garota das ruas, no entanto. E eu sempre sigo meu instinto.

"Como você sabia que eu estava aqui?"

"Sua tia me disse onde encontrar você."

Besteira. Tia Midge não teria dito a um agente do FBI onde me encontrar, muito menos a esse cara. “Olha, eu realmente preciso voltar. Tia Midge está esperando por mim. Ela tem almoço pronto.”

“Adoraria dar-lhe uma carona e conversar mais no caminho.”

“Agradeço, mas preciso de algum tempo para processar tudo.” Eu nem percebo que estou me afastando dele no início, até que o corrimão atinge minha perna.

Lábios pressionados juntos, ele acena com a cabeça. "Claro que você precisa." Ele chega atrás de suas costas, e algo vira dentro da minha cabeça. Um aviso.

Corra.

Eu me viro na planta do pé e me arremesso para frente.

Um *estouro* soa atrás de mim e a dor explode no meu tornozelo, listras brancas e quentes subindo pela minha perna. Um grito gutural rasga meu peito quando desabo no chão e puxo meus joelhos para cima para encontrar sangue escorrendo de um buraco vermelho escuro, onde um pequeno pedaço de

branco aparece. Cada músculo do meu corpo está tremendo em uma onda de adrenalina, enquanto vejo o sangue escorrer pela minha pele para se espalhar pela areia. A náusea ressoa em meu estômago, minhas mãos ficam frias e úmidas, engulo de volta a bile que sobe para minha garganta. "Oh, Deus, oh, Deus, oh, Deus."

Ao som de passos se aproximando, eu rastejo na direção oposta, chutando para longe dele com meu único pé bom. "Alguém me ajude!" Com as unhas cravadas na areia, eu me puxo, meu corpo queimando de urgência.

“Desculpe, eu não queria fazer isso. Mas não tive escolha. Você é tão teimosa quanto sua mãe." Ele enfia a mão no bolso da minha calça, deslizando meu celular para fora, e o joga em direção ao oceano.

Braços serpenteiam sob os meus, quando ele tenta me levantar, eu coço sua pele e grito novamente. “Por favor, alguém me ajude!”

Não há ninguém aqui. Nada além de penhascos e o farfalhar suave das árvores sobre o bater distante das ondas.

É aqui que vou morrer. Comida de peixe, assim como minha mãe.

"Pare, ou juro por Deus, vou puxar o gatilho." O alívio explode dentro de mim ao som de familiaridade e me viro para ver o Sr. Goodman apontando sua arma para Boyd. “A-agora fique de joelhos e co-coloque as mãos atrás das costas. Onde posso vê-las.”

Com os olhos cheios de malícia, Boyd mantém seu olhar no meu, enquanto ele me solta e se ajoelha.

Chuto para longe dele o máximo que posso e choramingo quando a dor da bala ganha vida dentro do meu tornozelo.

“Pressione, Isa. Coloque p-p-pressão sobre ele.” O Sr. Goodman tira os olhos de Boyd por uma fração de segundo para olhar para o meu tornozelo, é quando Boyd se retorce como uma cobra, jogando uma nuvem de areia no ar. "Ah, merda!" Com os olhos bem fechados, o Sr. Goodman cambaleia para trás. “Corra, Isa!”

O medo se rompe dentro de mim novamente e eu rolo sobre minha barriga, me levantando.

Um grito agudo ecoa atrás de mim que é rapidamente interrompido, seguido por um baque surdo.

Não olhe para trás, minha cabeça me diz, enquanto manco sobre o corrimão, descendo o declive arenoso. A agonia lateja em meu tornozelo, o ar queima em meu peito. Não há onde se esconder. Apenas areia e dunas intermináveis por quilômetros, mas eu continuo, caminhando sobre a superfície macia que surge em minha ferida. Um som de batida atrás de mim me faz derrapar e parar, e me viro para ver o carro de Boyd correndo na minha direção pela areia.

Oh, meu Deus do caralho!

Gritos rasgam através de mim, ecoando em meu ouvido, e eu manco para frente, desesperada para ignorar a dor agonizante a cada passo. Meus pés se enredam embaixo de mim e a terra bate em meu rosto.

O carro para e eu me esforço para me levantar. Uma vez em pé, meu pé voa debaixo de mim e meu ombro bate na areia. A superfície arenosa raspa minha pele enquanto meu corpo é arrastado para trás, e eu chuto, a dor percorrendo meu tornozelo no momento em que faz contato.

"Ah, porra!" Eu grito, e Boyd segura minhas duas pernas, puxando-me pelas panturrilhas. Eu luto por algo para me segurar, mas apenas areia fofa desliza em volta dos meus

dedos. Pegando um punhado, jogo nele, empregando o mesmo método que ele usou com o Sr. Goodman, mas ele se vira, me arrastando atrás dele.

Uma vez ao lado do seu carro, ele solta minhas pernas.

Apoiando-me nos cotovelos, me sento do chão para virar, e um flash do canto do meu olho é o único aviso antes de uma batida no meu queixo bater meus dentes. Outro golpe chuta minha cabeça para o lado e fico desorientada, olhando para meu reflexo na calota cromada ao meu lado.

Com a mandíbula latejando, pisco com força para me concentrar.

“Eu vou te dar isso, vocês jovens vadias não caem facilmente. A última também não.”

Ele matou Nell. Não foi Lucian ou Schadenfreude. Foi meu pai.

O mundo se reduz a uma alfinetada e me engole inteira.

CAPÍTULO 60

LUCIAN

Meu telefone vibra e eu olho para baixo, franzindo a testa ao ver o número de telefone de Friedrich piscando na tela. É raro que ele ligue para o meu telefone para qualquer coisa, então acho que isso é importante. Eu atendo no terceiro toque.

“Lucian, acabei de falar ao telefone com nosso contato, que está em contato com o Sr. Boyd. Parece que você estava errado sobre a descendência dele. Há uma filha ilegítima que pode revelar-se de algum interesse para o nosso estudo.”

Não me surpreende. Boyd teve vários casos durante o casamento. Provavelmente engravidou uma prostituta. "E o que isso significa agora?" pergunto.

“Isso significa que vale a pena considerá-lo, dada a sua formação. Ela parece ser jovem, mas ela mesma tem um pouco de história. A mãe dela era aluna dele, que aparentemente faleceu recentemente.”

Uma aluna de Boyd. Garota local, então. "Quem é, se você não se importa que eu pergunte?"

“O nome dela é Isadora Quinn. Eu gostaria de trazê-la para o Instituto. Fazer alguns testes nela. No mínimo, provar sua paternidade.”

Caralho, caralho. Com os músculos queimando de tensão, enrolo a mão em um punho apertado com o pensamento de Friedrich pegando Isa. Eles vão prendê-la e estudá-la como uma cobaia, como fizeram comigo, ou pior, como Melody Lachlan,

balançando no canto com uma pilha de pássaros mortos no chão. "Você a tem agora?"

"Não. Não no momento. Ele mencionou que vai entrar em contato conosco depois que tiver a oportunidade de falar com a garota. Nesse ínterim, enviei alguém para Tempest Cove para resgatá-la assim que tivermos uma resposta."

"E você ainda não teve notícias dele?"

"Não. Ainda não. Suspeito que ele esteja se encontrando com ela, enquanto conversamos."

Encontrando com ela. Em contato com ela. Eu mesmo matarei o idiota. "E por acaso você não sabe onde?"

"Não. Infelizmente, não."

Esfregando a mão no meu rosto, gemo internamente. "Obrigado pela atualização, Friedrich. Estou ansioso para ouvir de você."

"Claro."

Desligo o telefone e ligo para o número de Rand, nem mesmo dando a ele a oportunidade de me cumprimentar quando atender. "Eu preciso do número de contato do Sr. Goodman. Agora."

"Sim, claro. Você gostaria que eu entrasse em contato com ele?"

"Não! Preciso do número agora!"

Enquanto ele fala, anoto em uma folha de papel da minha mesa e, assim que tenho, faço a chamada.

Eu digito o número.

Toca e toca.

Sem resposta.

Eu ligo novamente.

Toca e toca.

"Porra!" A adrenalina corre através de mim e eu pulo da cadeira, percorrendo os aplicativos no meu telefone. Clico no aplicativo rastreador vinculado à pulseira de Isa que entreguei ao investigador no final de nossa reunião. O ponto piscando patina ao longo da State Road, como se o idiota estivesse em trânsito.

Ao toque do elevador, levanto minha atenção para Rand, que se arrasta pela sala, em meu escritório. “Você parecia angustiado, Mestre. Está tudo bem?"

"Não, não está nada bem, porra." Da gaveta da minha mesa, levanto a arma armazenada lá e abro para encontrá-la cheia de balas. Enfiando a arma em minha calça, pego meu telefone da mesa, observando seus olhos se arregalarem. “Friedrich ligou. Eles se interessaram por Isa.”

"Para quê?"

“Ela é aparentemente minha cunhada. Vá entender, porra." Dou a volta na mesa e caminho em direção ao elevador. “Como nosso contato perdeu esse pequeno detalhe?”

“A certidão de nascimento dela não tinha pai”, ele diz depois de mim, quando passo. “Mestre, vou mandar Makaio buscar o carro.”

“Ele pode me seguir, mas preciso de algo mais rápido.”

CAPÍTULO 61

ISADORA

Um cheiro de terra permeia meus sentidos, até que eu posso praticamente sentir o gosto na minha língua, enquanto pisco para sair do vazio negro. Um baque forte me acorda e abro os olhos para a escuridão das árvores ao redor, além do halo que brilha de um holofote acima, a poeira de terra pressiona minha bochecha.

A confusão paira como uma nuvem espessa dentro da minha cabeça que lateja com uma dor intensa. Eu aperto meus olhos contra a dor e tento levantar minha mão, que não se move. Esticados nas minhas costas, os dois braços estão amarrados por uma tira de corda, ou algo assim, que fere meus pulsos. Mover minhas pernas é igualmente impossível, e olho para mim mesma para encontrar um cordão de náilon branco amarrado em volta dos meus tornozelos.

O pânico se apodera de mim, meus músculos estão frios e rígidos.

Outra pancada atinge meu ouvido por trás, e eu giro por cima dos meus braços amarrados para encontrar Boyd batendo com uma pá no chão, o monte de terra ao lado dele revelando um buraco que ele cavou.

Um grito atravessa meu peito e eu me contorço e puxo meus braços para me soltar. "Alguém! Alguém me ajude!"

Na pausa, Boyd levanta a pá cheia de terra com um grunhido e a joga no monte. “Grite o quanto quiser. Ninguém pode ouvi-la aqui.”

Outro grito arranca de mim, mais alto do que antes. E outro. Eu grito pelo que parecem minutos, até que minha voz fica rouca e uma tosse estala na minha garganta.

"Eu te disse. Ninguém pode te ouvir."

Ainda presa por um feitiço, eu me viro para o chão, ofegante. "Por que você está fazendo isso?"

Ele enfia a pá na terra e, com as mangas da camisa arregaçadas, enxuga a testa com o braço. "Diga-me, Isa. Você sabe alguma coisa sobre política?" ele pergunta, caminhando em direção ao porta-malas de seu carro. Abrindo, ele espia dentro por um momento, e vira seu olhar em minha direção, como se esperasse que eu respondesse.

Em vez disso, permaneço em silêncio.

"É o jogo mais intenso que já joguei na minha vida. Uma combinação suja entre você e o público. Cada movimento determina se, em última análise, você ganha ou perde, não há espaço para erros, porque vamos enfrentá-lo, as pessoas são uns idiotas implacáveis." Ele enfia a mão no porta-malas e puxa o investigador particular para a beira dele. A visão de seus olhos sem vida e vítreos me encarando, enquanto metade de seu corpo está pendurado para fora do porta-malas, envia uma onda de náusea ao meu estômago. Boyd rola seu corpo para o lado e ele tomba no chão abaixo. "Quando sua mãe me contou sobre você anos atrás, eu estava em uma sequência de vitórias. Talvez os melhores anos da minha vida, para ser honesto." Enganchando os braços sob o investigador, ele o arrasta em direção ao buraco que ele cavou.

Atrás das minhas costas, enrolo meus dedos sobre a corda, minhas pontas dos dedos em busca do nó para afrouxar.

Soltando-o ao lado de uma cova rasa, Boyd permanece curvado, as mãos nas coxas, como se para recuperar o

fôlego. “Descobrir que ela estava grávida foi como se alguém me expulsasse do jogo. Esta cidade nunca perdoaria o amado professor e treinador e futuro prefeito que fodeu sua aluna e a engravidou.”

"Talvez você devesse ter pensado nisso antes de colocar as mãos sujas nela."

Rindo, ele se ajoelha e empurra o investigador, empurrando-o para o buraco. “Eu sempre tive uma queda por bocetas jovens. Apertada, rosa, nua às vezes. Sempre foi minha criptonita. O único vício de que não poderia desistir, mesmo que tentasse.” Ele pega a pá ao lado dele, enquanto uma cãibra se instala em meus dedos enquanto eu raspo minhas unhas sobre o nó muito apertado de minhas cordas. “Lembro-me da primeira vez que a encurralei no vestiário. Foi depois do treino. Ela sempre esperava para se trocar até depois que as outras garotas fossem embora.” Levantando a terra do monte ao lado dele, ele a joga no corpo do investigador particular. “Por ser mais desenvolvida, ela sempre foi... envergonhada. Com um bom... motivo.” Sua voz é quebrada pelo trabalho árduo, enquanto ele enterra sua vítima. "Os seios dela... pareciam implantes... tão perfeitos."

"Você é doente. E nojento pra caralho!"

Fazendo uma pausa, ele se endireita e sorri de volta para mim. “Eu sou? Parece que seu namorado também gosta de uma jovem boceta. Ele não é muito mais jovem do que eu, na verdade.”

Ele também não era meu professor e treinador, e eu não tenho dezesseis anos, mas não me preocupo em discutir com esse idiota louco.

“Não que eu o culpe...” A pá está com uma pilha alta de terra, ele grunhe enquanto despeja o último monte no buraco. "Se você não fosse minha filha, eu estaria por cima dessa sua bunda apertada também."

O pensamento disso envia bile pela minha garganta, e tenho que apertar os lábios para não vomitar.

Com os olhos fixos no túmulo, respiro com dificuldade pelo nariz para acalmar a histeria que está coçando para se libertar. "O que você planeja fazer comigo?"

Ele joga a pá na direção da floresta e esfrega as mãos. “Você é minha passagem para o poder. Irônico, não é? A filha que quase arruinou minha carreira é a única que pode salvá-la agora.”

"Como?"

“Quando você é eliminado da arena política e a multidão inconstante o evita, a única coisa que pode colocá-lo de volta no jogo é o dinheiro e o poder. No momento? Eu não tenho nenhum.” Colocando as mãos no quadril, ele inala e exala profundamente, olhando ao redor. “Este costumava ser meu domínio. Meu reino. E agora não é mais. Mas com as conexões certas e o poder ao meu lado, posso possuir todo esse estado de merda. E Lucian Blackthorne, por falar nisso.”

“O que isso tem a ver comigo?”

“Acontece que eu conheço alguém que terá muito interesse em conhecê-la.”

Meu coração martela dentro do peito quando ele me encara com aquele sorriso de político malvado que ele aperfeiçoou. "Quem?"

“Não importa. Você não o reconheceria. Mas ele é talvez o único homem que seu namorado não ousaria contrariar.” Enquanto ele caminha em minha direção, eu me chuto para trás em uma tentativa risível de me afastar dele. Ele se ajoelha no chão ao meu lado, e quando ele estende a mão para tocar meu cabelo, eu levanto o pescoço, meu corpo inteiro tremendo de raiva e medo. “Eu entendo que vários desses homens gostam de bocetas jovens tanto quanto eu. Assim que eles

terminarem de espetar e cutucar você, tenho certeza de que terão uma série de testes pouco ortodoxos para fazer.” Com a mão acariciando minha cabeça, ele agarra um punhado de cabelo em seu punho e dá um forte puxão, enviando raias quentes de dor em meu couro cabeludo. "Eles vão testar sua tolerância à dor como se você fosse a porra de uma cobaia no liquidificador."

"Ele vai encontrar você." Minha voz engasga com as lágrimas que não vou dar a ele a satisfação de ver. "Lucian vai te matar."

“Lucian se curva para o grupo. Se eu provar ser do interesse deles, minha vida se tornará muito mais valiosa do que a sua.”

De acordo com Giulia, Lucian nunca subscreveu as ideologias de Schadenfreude, mas ele as financia da mesma forma. E se Boyd estiver certo?

E se a lealdade de Lucian for mais forte do que seus sentimentos por mim?

CAPÍTULO 62

LUCIAN

O motor ruge pela estrada enquanto acelero mais. O ponto no aplicativo rastreador parece ter parado em alguma parte remota da ilha. Uma área arborizada com cabanas que os moradores locais gostam de alugar ocasionalmente.

Tanto para confiar no investigador particular.

Eu deveria saber que seus interesses seriam egoístas. Pedi que ele me contatasse se algo parecesse estranho, mas o detetive nele deve ter olhado para isso como uma oportunidade de matar um dos bandidos sozinho.

Alguns quilômetros atrás de mim, Makaio segue no Bentley, lutando para acompanhar. Minha adrenalina está nas alturas, e se acontecer de eu colocar minhas mãos em volta da garganta de Boyd, posso apenas quebrá-la por acidente.

Uma dor lateja dentro do meu crânio, lançando um flash de luz branca atrás dos meus olhos, e eu a sacudo, esfregando minha têmpora com a palma da mão.

Agora não.

Faria sentido que eu fosse atingido por uma enxaqueca, porque Deus tem um senso de humor mórbido, que hora melhor para ter minha visão embaçada do que quando estou viajando a duzentos e quarenta quilômetros por hora?

Através da neblina e da névoa branca, concentro-me na linha amarela sólida que me separa do tráfego que se aproxima.

Outra descarga elétrica atinge meu crânio.

Mil, dois mil, três mil, quatro mil.

A dor latejante instala-se bem no fundo da minha cabeça e eu trabalho minha mandíbula em uma tentativa desesperada de fazê-la ir embora.

Eu coloco meus pensamentos em Isa. O sorriso dela. O som de sua voz. Pele macia sob meus dedos.

Relaxo.

O borrão começa a ficar mais nítido nas bordas, enquanto a dor se dissolve. O ar afina em meus pulmões e eu exalo quando a clareza se infiltra de volta nas margens.

O céu laranja escuro dá lugar à cobertura escura de árvores, verifico meu telefone mais uma vez para ver que o ponto não se moveu. Cerca de um quilômetro adiante na estrada, ao que parece. Eu reduzo a velocidade do veículo e avisto a placa de *Whitman Woodlands* para o lado. Entrando no caminho estreito, apago as luzes. O cascalho estala sob meus pneus enquanto rolo pelo caminho obscuro. Antes de chegar às cabanas, tiro o Bugatti da estrada e o jogo no estacionamento.

Cerca de oitocentos metros adiante, uma fileira de cabanas fica na escuridão, com um único veículo estacionado na frente. Eu caminho pela floresta em direção a elas, com cuidado para ficar nas sombras. Passando a mão sobre a arma enfiada dentro da minha calça jeans, caminho pelo mato, parando quando sinto a leve vibração do meu telefone contra o meu quadril. Puxando-o para fora do bolso, olho para o ponto piscando na tela e paro minha abordagem. Usando a luz fraca da tela, inclino o telefone para baixo e examino o solo. Um monte de terra à frente atrai minha atenção e, conforme me aproximo, noto o que parecem ser pontas de dedos saindo de uma sepultura recente.

O investigador particular, suponho.

Colocando o telefone de volta na calça jeans, continuo em direção à cabana, com cuidado para evitar a auréola do holofote, e uma vez que alcanço a parede sul, me achato contra ela e ouço vozes lá dentro.

Nada.

Mantendo-me abaixado para evitar ser visto, espio por uma janela e vejo Isa amarrada à cama, todos os quatro membros amarrados a cada um dos quatro postes. Minha atenção é atraída para a gaze branca enrolada em seu tornozelo, com o que parece ser sangue. Uma fita prateada cobre sua boca e ela se contorce na cama em uma tentativa desastrosa de se soltar.

Puxando a arma da calça, empurro a câmara e a deixo liderar o caminho, enquanto rastejo ao redor da casa e subo a escada para a janela da frente. A varredura do resto do interior não mostra nenhum sinal de Boyd. Apenas móveis esparsos e uma cozinha aberta. Girando cuidadosamente a maçaneta do que parece ser a única porta, eu a empurro, me encolhendo com o rangido de suas dobradiças enferrujadas.

Isa fica parada na cama, apenas com as pernas à vista do canto, enquanto caminho em direção ao quarto dos fundos.

"Não se mova." A voz familiar chega por trás, e eu paro meus passos, mantendo minha arma apontada à minha frente. “Passe-me a arma. Atrás de você."

"Se entregá-la a eles, nunca a verá novamente."

"Passe-me. A porra. Da arma." Boyd sempre carregou um toque de falsa benevolência em seu tom, e a hostilidade que o atravessa é estranha, vinda dele. “Eu tenho uma bala com seu nome nela, Lucian. Tudo o que tenho que fazer é puxar o gatilho.”

Do outro cômodo, os gritos abafados de Isa me dizem que ela pode ouvir nossa conversa.

A onda fria de adrenalina pulsa por mim enquanto os segundos passam antes que esse filho da puta perca a paciência. "Você matou Nell, não foi?"

"Aquela cadela intrometida simplesmente não conseguia manter as mãos fora disso."

“Você estava com medo que ela descobrisse a verdade sobre Amelia. E Roark. E Isa.”

“Ela queria destruir tudo. Ela contou *tudo* àquele maldito investigador.” As palavras sibilam por entre seus dentes.

"Como você sabe o que ela disse a ele?"

"Quem você acha que contratou o bastardo?"

Boyd é a última pessoa de quem suspeitei. Na verdade, eu teria colocado Friedrich antes desse idiota. "Por que?"

“Havia coisas que eu precisava saber. Coisas que você não estava me contando. Então eu soube sobre Isa. A filha que nunca conheci.”

"Então, por que você a entregaria a eles?" Eu viro minha cabeça para o lado, pegando uma sombra dele na minha visão periférica, alguns passos para trás, junto com a arma apontada diretamente para mim.

"Se eu achasse que cortá-la em pedaços minúsculos e embrulhar seus órgãos para presente me levaria a Schadenfreude, faria isso em um piscar de olhos."

E eu faria o mesmo com ele, se soubesse que ele estava por trás disso. Só que eu não me incomodaria em embrulhar essa merda para presente. “Você é um idiota sem coração, Patrick. Um homem doente e perturbado.”

“Diz o Diabo de Bonesalt.”

"Você matou a mãe de Isa?"

“Jenny? O que você acha? Que eu ficaria parado e deixaria alguma prostituta drogada voltar furtivamente para minha vida como um pesadelo?"

Achei que eu tinha problemas com mulheres. Esse cara é o padrinho das más decisões. “Se me matar, eles virão atrás de você. Sabe disso, certo?"

“Eu não tenho que matar você. Você vai me entregar essa arma agora."

"Agora, por que eu faria uma coisa estúpida como essa?"

“Porque sei a verdade sobre sua garota. Porque ela voltou para Tempest Cove. O que realmente aconteceu na noite daquela festa.”

“Você não está me dizendo nada que eu já não saiba. Bom, no entanto.” O que realmente aconteceu foi entregue a mim em um envelope de Rand, desenterrado de um de nossos muitos contatos.

"Passe-me a arma."

"Vai se foder, Patrick."

“Você realmente é o *Filho Louco*. Passe-me a porra da arma!"

"Não."

“Você gosta de ficar na linha entre a vida e a morte? Hein? Vamos ver quanto tempo você fica pendurado aí com uma bala no crânio.”

Ao som de um tiro e vidro quebrando por trás, eu caio no chão. Não sei quem atirou, só que não saiu da minha arma, e o tom torturado do grito de Patrick é uma aposta certa de que uma bala o atingiu, de alguma forma, ao invés de mim. Eu me viro para ver uma figura enorme parada do outro lado da janela quebrada ao lado da porta da frente.

Makaio, aposto.

Um baque forte vibra sobre as tábuas do piso de madeira, e eu olho para trás para ver Patrick segurando o joelho contra o peito, fugindo contra a parede do outro lado do quarto. Quando seus olhos encontram os meus, ele luta para pegar sua arma caída e eu atiro, errando por pouco seu braço, que ele recua.

"Filho da puta!" ele solta, se esticando para alcançar novamente.

Nem um segundo depois, eu me viro de volta, e um tiro ressoa, sua bala voando sobre mim, atingindo a parede à frente em uma nuvem de poeira de drywall.

O som de desespero dos gritos de Isa através da fita desliza pela minha espinha, e meu primeiro pensamento, meu único pensamento, é que ela foi atingida por uma bala. A urgência inflama em minhas veias. Outro tiro ecoa no quarto. Os gritos de Isa aumentam. Eu fico abaixado em outro tiro, nem mesmo me permito fazer uma varredura, ou olhar para trás para Patrick, antes de rastejar para o próximo cômodo para chegar até ela.

Outra bala passa zunindo e uma dor fria e quente atinge meu ombro. "Porra!" Eu cerro os dentes e a ignoro, até que atravesso a porta, separado de Boyd pela parede do quarto.

Os gritos de Isa, ainda abafados pela fita adesiva em sua boca, chamam minha atenção para onde ela luta contra suas amarras na cama.

Eu subo sobre ela, cobrindo seu corpo com o meu, sentindo-a sacudir e se contorcer com outro tiro. Patrick grita de novo, como se tivesse sido atingido pela segunda vez.

Finalmente, o corpo a corpo se acalma.

Ao som de passos pesados no chão, aponto minha arma para a porta do quarto, os músculos cedendo quando Makaio entra no quarto carregando duas armas.

"Chefe? Você está bem?"

"Perfeito." Empurrando Isa, tiro a fita adesiva de sua boca e dou uma olhada em seu corpo, procurando por qualquer sinal de ferimento ou balas perdidas. O único sangue que vejo é o pequeno pedaço que pingou do meu ombro em sua bochecha e a ferida com secreção em seu tornozelo. A faixa vermelha no meu ombro, sem um buraco de verdade, me diz que a bala apenas passou de raspão em mim.

“Lucian”, ela diz sem fôlego, antes de começar a chorar. "Eu sinto muito. Eu sinto muito."

"Shhh." acaricio seus cabelos e a beijo. “Você vai ficar bem. Relaxe, Isa.”

Depois de verificar meu próprio corpo em busca de sinais de lesão, afrouxo suas amarras e o som de gemidos do outro cômodo me faz parar.

"Você não o matou?" pergunto a Makaio.

“Você disse que não queria mais investigações em suas mãos, então atirei nele uma vez em cada perna. Se você quiser, posso acabar com ele, no entanto.” Ele cambaleia em direção ao homem que parece que acabou de levar uma surra.

"Não." Deslizando minhas mãos sob o corpo de Isa, eu a levanto em meus braços. “Ele é o pai dela. Ele merece mais do que isso.”

Makaio abre a porta da frente da cabana e eu paro com a aproximação de faróis distantes. Abaixando-me atrás da parede adjacente, eu me esquivo do feixe brilhante que rasteja pela calçada e aceno para Makaio, que bate a porta.

"Você está fodido." A voz fraca de Boyd é interrompida pela respiração ofegante enquanto ele está sentado, sangrando pelos ferimentos de bala. “Eu chamei... eles. Para buscá-la aqui.”

Com os dentes rangendo em meu crânio, eu abaixo Isa no chão, minha mente girando com o que fazer.

“Quer que eu cuide deles?” Makaio tira a arma do coldre e eu balanço a cabeça.

"Não. Você vai iniciar uma investigação de que não preciso.”

Uma risada detestável ricocheteia nas paredes, fortalecendo meus músculos, e eu viro meu olhar para Boyd, que sem dúvida está tentando fazer tanto barulho quanto pode. Balançando minha atenção para Makaio, dou um empurrão rápido da minha cabeça em direção ao barulho, e a *conversão* de um soco silencia o homem.

Agachando-me para espiar pela janela, vejo que os homens ainda não saíram do carro. “Há uma janela no quarto dos fundos. Tire os dois daqui.”

Ainda não tenho um plano em mente, só sei que vou sair com a Isa.

Não importa como.

O aperto forte do meu braço atrai meu foco para onde Isa me agarra. "Eu vou ficar com você."

“Se eles te encontrarem, você pode muito bem estar morta pelo que farão com você. Vá com Makaio.” Dedo enganchado sob seu queixo, pressiono meus lábios nos dela. "Agora."

Com o corpo inerte de Boyd suspenso sobre o ombro, Makaio pega a mão de Isa, guiando-a para a sala dos fundos.

Depois de dar a eles um momento para se afastarem, viro para trás e encontro três ternos-pretos parados ao lado do veículo

preto elegante estacionado ao lado do de Boyd. Dois dos homens, reconheço como Dominic e Louis. Não vejo os mais velhos desde que visitaram meu escritório, há dois meses. O outro homem que vi algumas vezes, mas nunca o conheci formalmente. Um cara alto e musculoso que provavelmente poderia rivalizar com Makaio em tamanho.

“Senhores”, eu digo, saindo para a varanda. "Bom vê-los de novo."

"O que você está fazendo aqui, Lucian?" Dominic pergunta, em torno de um charuto grosso que sai de seus lábios, enquanto ele agarra o corrimão da varanda ao pé da escada.

Fecho a porta atrás de mim para bloquear qualquer barulho de luta enquanto Isa e Makaio fogem pela janela traseira. Não que o velho fosse ouvir muito com seu aparelho auditivo, de qualquer maneira. “Friedrich entrou em contato comigo. Pediu-me para olhar para uma ligação que recebeu de Boyd.”

“Engraçado... ele nos pediu para investigar exatamente isso. Parece um pouco redundante.”

Cara de paisagem no lugar, eu concordo. "Talvez ele tenha pensado que eu o pegaria primeiro."

"Pegá-lo?" O tom duvidoso na voz de Dominic joga nos meus nervos.

Eu poderia puxar minha arma e me arriscar a matar todos eles onde estão, mas isso deixaria muitas perguntas para Friedrich questionar. "Parece que ele fugiu com a garota."

"Agora, por que ele faria isso se foi ele quem nos contatou?" A voz do estranho me faz erguer meu olhar para onde ele está ao lado de Louis, de braços cruzados.

Parece que ele ainda não sabe quem eu sou neste Grupo para falar com aquele nível de desprezo na voz. “Ele tem uma longa

história de molestar meninas. Talvez ele a tenha achado muito tentadora."

"Se você não se importa, gostaríamos apenas de dar uma olhada por nós mesmos." Dominic olha para trás em direção ao cara musculoso e balança a cabeça.

Quando ele passa por mim no caminho para dentro, o idiota me bate no ombro e meus músculos queimam com o desejo de acertar o bastardo no crânio.

Louis se afasta de Dominic, quieto como sempre, olhando para mim, enquanto minha cabeça gira com alguns cenários diferentes sobre como tudo isso vai se desenrolar.

O idiota musculoso atirando em mim pelas costas.

Todos os três me arrastando para o carro.

Makaio pulando das sombras, matando todos eles, e eu tendo que explicar a merda para Friedrich.

Um silêncio constrangedor paira no ar entre nós três, enquanto o estranho caminha pela cabana. Quando ele aparece novamente, seus olhos estão cheios de acusação. "Há sangue por toda parte."

"Sim. Há. Parece que Boyd teve um pequeno confronto com um investigador que estava atrás dele. Eu suspeito que ele pode ser a razão pela qual os dois fugiram." Eu aceno a cabeça em direção à cova rasa fora do holofote. "Você vai encontrar o que sobrou dele lá."

Com movimentos bruscos, os dois homens mais velhos se viram, e Louis manca até o local que eu indiquei, antes de se virar para Dominic e assentir.

"Está tudo bem e elegante, mas por que você tem sangue em seu ombro, então?" Se eu não acabar matando o bastardo atrás

de mim esta noite, será um milagre. "Pensando bem, por que o carro dele ainda está aqui se ele fugiu tão rápido?"

Eu não me incomodo em me virar e enfrentar o idiota, em vez disso, mantenho meus olhos em Dominic. “Todos nesta ilha reconheceriam seu carro. Certamente eles notariam uma jovem depois de suas muitas indiscrições, também. Pode ter levado o investigador em vez disso."

"Não." Ele se aproxima do meu espaço pessoal e meus dedos se contraem com a compulsão de sacar minha arma e arriscar. “Eu acho que você está mentindo. Acho que sabe exatamente onde a garota está. Boyd também.”

"Não posso dizer que dou a mínima para o que você pensa." Ainda de costas para ele, flexiono meus dedos em torno do punho da arma enfiada na minha cintura. "E eu pedirei gentilmente que você recue antes que eu lhe ensine uma lição sobre limites."

“Eu gostaria de ver você tentar...”

"Chega!" Tirando o charuto dos lábios, Dominic olha por cima do ombro na direção de Louis e dá um aceno silencioso que pode significar uma série de coisas, mas acho que sinaliza minha morte.

No momento em que vejo Louis tirando sua arma do coldre, pego minha própria arma e sinto o aperto em meus ombros. Em um movimento amplo, giro apenas o suficiente para apontar a arma para a caixa torácica do homem ao meu lado.

Antes que eu possa puxar o gatilho, o estouro silencioso de uma arma de fogo me interrompe. O olhar vazio e confuso no rosto do cara musculoso parece uma reação muda para o buraco em seu crânio que marca o caminho da bala. O aperto do meu ombro cai, seguido por um baque duro, quando ele cai no chão ao meu lado.

Eu solto um suspiro e aceno com a cabeça, meus músculos liberando seu aperto forte no meu peito, e eu mudo minha atenção de volta para os dois ternos-pretos restantes. "Bem, foi uma reviravolta interessante."

“Para ser franco, eu não dou a mínima por que você estava aqui ou onde a garota está. No que me diz respeito, nunca vimos nenhum de vocês.” Os olhos de Dominic se estreitam enquanto ele enfia o charuto de volta entre os lábios e o fuma. "Não é verdade, Louis?"

"Nunca gostei daquele bastardo." O som estranho da voz resmungada de Louis apenas intensifica as pulsações de choque que ainda estão me atingindo. "Boyd também, por falar nisso."

Os dois mais velhos em ternos pretos voltam para o carro e, com uma das mãos na porta do passageiro, Dominic se vira para me encarar novamente. “Vou mandar um faxineiro cuidar da bagunça. Certifique-se de que cuide desse ombro, Lucian. As feridas apodrecem quando você as ignora.”

CAPÍTULO 63

ISADORA

EU abro os olhos para a sala mal iluminada, olhando para o teto, onde uma pintura ornamentada brilhante de deuses gregos em batalha lança um brilho no alto. Erguendo a cabeça do travesseiro, franzo a testa para o ambiente desconhecido e examino a sala até encontrar uma figura sombria sentada no canto, olhando para mim. Piscando duas vezes, luto para me concentrar em meio à névoa de exaustão que nubla minha cabeça.

"Onde estou?"

"Meu quarto." O som inconfundível da voz de Lucian bate como um diapasão, o alívio que sinto traz lágrimas aos meus olhos. “Dr. Powell removeu a bala de seu tornozelo. Ele te deu algo para a dor. Você esteve apagada por um dia inteiro.”

A resistência impede que meus braços se movam quando tento me sentar e estico o pescoço para encontrar algemas de couro preto presas aos meus pulsos.

Um suspiro de pânico me escapa e me contorço contra elas.

"Você ficou tentando puxar sua intravenosa. Minha cama era a única equipada com restrições."

Eu não sei por que pensar nisso me irrita, mas sorrio com desprezo. "Para suas *escravas*?"

"Para você. Mandei instalá-las para você, naquele fim de semana em que pedi que ficasse.”

"Para me manter presa?"

"O pensamento passou pela minha cabeça." Não há um traço de humor em sua voz quando responde. Ele se senta para frente, apoiando os cotovelos nas coxas. "Além do tornozelo, como você está se sentindo?"

A pergunta me faz rir. Como estou me sentindo. Saber que meu pai é um bastardo assassino que matou minha mãe? Um que provavelmente tinha toda a intenção de me matar também. “É muito para processar.”

"Isto é. Você poderia ter morrido. Uma bala perdida. Isso é tudo que seria necessário.”

Meus pensamentos rapidamente ficam sóbrios com o tom sério de sua voz, a gravidade da situação me pressiona novamente. "Como você me achou?"

"O bracelete. Eu dei para o investigador.”

"Eu nunca deveria ter tirado." Uma dor surda lateja no meu tornozelo e na minha cabeça, eu me viro para o lado, onde um copo d'água está na mesinha de cabeceira. "Isso é para mim?"

"Sim. Tem uma pílula ali, se você precisar. Mas vai te deixar desmaiada.”

“Alguma chance de você me soltar da algema? Meus dedos estão começando a formigar.”

Ele me encara de volta, como se hesitasse, seus comentários de antes, de me manter presa, voltam furtivamente aos meus pensamentos. Depois de ficar ocioso por mais um minuto, ele se levanta da cadeira e atravessa o quarto, parando ao lado da cama e passando o dedo pela minha têmpora. “Eu pensei que ia perder você. Esse é um nível de insanidade que nunca mais quero experimentar.”

Outro momento de olhar fixo e ele solta as restrições em meus pulsos.

Esfrego minha pele irritada por um momento, passando o dedo sobre a ligadura deixada lá, antes de pegar o copo na mesa de cabeceira, despejando os fluidos frios que cobrem a secura da minha garganta e praticamente chiam quando engulo. “Ele é meu pai”, eu digo no vidro. "Ele está morto?"

"Não. Insisti para que ele continuasse vivo. Mas prometo que ele não vai te machucar de novo.”

Duas semanas atrás, eu teria insistido em saber por quê. Como. Eu teria perguntado sobre o grupo que ele paga para torturar outras pessoas. Mas, tendo estado à mercê de um psicopata, cheguei à conclusão de que existem algumas perguntas que não precisam de respostas.

"Eu fiquei tão assustada." Colocando o copo no meu colo, noto a bandagem no meu antebraço, onde o soro deve ter sido colocado. "No momento em que ele parou ao meu lado em seu carro, sabia que algo estava errado."

"Claro que você sabia."

"O que?"

“A maioria dos predadores abriga instintos naturais como esse. É assim que nós sobrevivemos.”

“*Nós*? Do que você está falando?"

“Diga-me uma coisa, Isa...” Lucian contorna o perímetro da cama, arrastando o dedo pelo cobertor, e para na minha frente. Talvez seja a luz da lua que faz seus olhos piscarem como uma chama ardente, enquanto ele me encara de volta, os dedos enrolados ao redor do estribo. “Na noite em que aqueles meninos atacaram você na festa. O que aconteceu depois?"

Uma coceira na nuca é um aviso, embora de quê, eu não tenho certeza. "Por que você está me perguntando sobre isso?"

"Porque eu quero ouvir de seus lábios."

Eu disse a ele o que aconteceu semanas atrás. Certamente, ele ainda não se esqueceu. "Eu... eu peguei minha amiga e a levei de volta para a casa dela."

"E então?"

“Chamamos a polícia.”

Sua carranca se transforma em um sorriso parcial que é atormentado pela descrença. Aquele que me diz que sabe mais do que eu disse a ele. “Você pulou muito à frente. Volte um pouco. O que aconteceu imediatamente depois que você levou Kelsey de volta para a casa dela?”

O pânico floresce dentro do meu peito enquanto olho para ele, as memórias daquela noite rastejando para fora de suas caixas herméticas, os minúsculos compartimentos que construí dentro da minha cabeça. "Por que?"

"Diga-me."

“Eu... não...” *Lembro.* Mas eu lembro. Na longa pausa que se segue, as imagens em minha cabeça parecem se projetar na parede atrás dele, brincando como um rolo de filme. “Voltei para a festa. Sozinha. E encontrei Aedon, Brady e todos os seus amigos na casa da piscina. Bebendo e fumando. Quase engasguei com a nuvem de maconha que pairava no ar.”

"Por que você voltou?" Sua voz está distante, me lembrando dos dias passados sentada na cadeira do terapeuta enquanto ele sondava meus pensamentos em busca de respostas. Razões que me obrigariam a fazer o que fiz.

“Eu estava com raiva. Queria confrontá-los.”

"Errado. O que você fez quando os encontrou na casa da piscina?”

O que você fez?

O que você fez?

As palavras de tia Midge ecoam em minha cabeça.

“Eu disse a Brady que... que eu o queria. Só ele. Então ele mandou os outros sair.”

"E?"

Uma urgência em minha cabeça me implora para não responder sua pergunta, mas eu o faço, de qualquer maneira, minha boca comandada por uma força invisível. “Tirei a camisa, para mostrar a ele que estava falando sério. E ele tirou a calça.”

Lucian inclina a cabeça e acaricia o queixo. "Você queria transar com ele?"

"Não." Meus pensamentos ainda estão amarrados no sonho — ou pesadelo, melhor — girando dentro da minha cabeça. "A visão dele me enojava."

"Então o que aconteceu?"

“Eu me ajoelhei na frente dele, como se fosse colocar minha boca nele. Ele fechou os olhos. E tirei a faca do bolso de trás. Eu o esfaqueei. Mais e mais, eu esfaqueei sua virilha." Fecho os olhos para bloquear a memória, mas está tudo dentro da minha cabeça. Os gritos. A fúria. "Tudo que eu vi foi sangue."

“Não foi Kelsey que Brady tentou estuprar naquela noite. Foi você."

Com os olhos ainda cerrados, balanço a cabeça, mas a verdade em suas palavras é forte demais para os meses de negação que serviram de escudo. Porque se — *se* — eu tivesse ao menos mergulhado um dedo do pé nessas águas perigosas, não há como dizer que dano teria feito a mim mesma no rescaldo. Eu queria Brady mais do que qualquer coisa no meu último ano, e quando ele finalmente mostrou interesse, todo o meu bom senso foi pela porra da janela. Eu me tornei uma estatística. Outro

especial depois da escola, alertando as meninas sobre os perigos de beber álcool em uma festa. Só que, em vez de Brady parecer o vilão, minha retaliação fez dele o santo em tudo isso, eu me tornei a psicopata.

“Foi o testemunho de Kelsey que evitou que você fosse presa, não foi?”

"Sim." Eu finalmente abro meus olhos, exalando uma respiração instável. "Ela testemunhou tudo, exceto o esfaqueamento."

“Fale-me sobre o tio George. Você se lembra de como a garganta dele acabou aberta?"

Abaixando meu olhar, balanço a cabeça. "Eu desmaiei."

"Ele viveu. Milagrosamente, dada a profundidade do corte. Mas a esposa dele encontrou a faca em suas mãos.”

Lágrimas balançam diante dos meus olhos, distorcendo os lençóis cinza escuro. *Segure firme.* Posso ouvir sua voz rouca no meu ouvido, sentir o cheiro de cerveja em seu hálito, enquanto ele puxa minha calcinha. Os grunhidos e gemidos que causaram náuseas em meu estômago, enquanto ele tentava romper minha barreira, pequena demais para seu tamanho. A queimação. A dor. A visão de seu canivete na mesa de cabeceira ao lado do cavalo de madeira que ele esculpiu para mim. Uma faca que ele sempre carregava e usava para limpar as unhas. "Ele tentou me machucar."

“Todos eles tentaram te machucar. E se você tivesse uma faca nas mãos no outro dia, quando Boyd parou ao seu lado?”

"Eu o teria cortado com ela."

Lucian dá a volta na cama e se senta ao meu lado. "Durante toda a sua vida, você foi ridicularizada e tratada como um monstro." Ele acaricia minha bochecha com a mão e, com uma

cutucada suave no meu queixo, levanto meu olhar para ele. "E tudo o que você fez foi se proteger."

"Eu não queria machucar ninguém."

“Mas fazemos o que temos que fazer.”

“Eu tentei esquecer isso. Eu tentei desesperadamente esquecer tudo isso, mas... está sempre lá, Lucian. Sempre está lá. Brincando sem parar dentro da minha cabeça.”

"E sempre estará. Confie em mim, eu sei.”

"Você matou Amelia?"

Afastando-se de mim, ele suspira, seus olhos parecem contemplativos por um momento. "Eu matei. Ao longo do nosso casamento, eu a matava um pouco todos os dias em que não demonstrava amor por ela. Eu não podia mentir para ela, no entanto. Nem mesmo no final.”

"Você é capaz de sentir amor, afinal?" É uma pergunta que não devo fazer, porque estabelecemos o que é antes de começar. Ouvi-lo dizer não só apunhalaria meu coração neste ponto, então talvez seja masoquista da minha parte perguntar, afinal.

“Quando descobri que Boyd tinha levado você e vi você amarrada naquela cama. Desamparada. Assustada. Apenas um pensamento passou pela minha cabeça. Que qualquer um que tocasse em você teria uma morte longa, lenta e dolorosa em minhas mãos. Eu não me importava com quem ou o quê.” Com a palma da mão acariciando minha garganta, ele passa o polegar pelo meu queixo de uma forma que demonstra sua posse. “Eu teria entregado minha alma ao próprio diabo por você. Se isso não é a porra de amor, então não sei o que é. "

“Minha tia diz que amor é quando você tenta imaginar um mundo sem alguém nele, e *não consegue.”*

“Eu só senti isso uma outra vez. Quando meu filho morreu em meus braços. Queria seguir logo atrás dele, aonde quer que ele estivesse, porque não podia encarar o mundo sem que ele estivesse nele. Só senti isso uma outra vez, desde então.”

"Quando?" Atrevo-me a perguntar a ele.

“O dia em que você me disse que queria sair. Ir embora deste lugar. Sair da minha vida."

“Eu estava com medo de você, então. Não estou mais."

Com a mão ainda agarrada ao meu pescoço, ele se abaixa e captura meus lábios em um beijo. Deus, senti falta dessa sensação, o cheiro dele, o gosto dele na minha língua e na minha cabeça, envolvendo cada terminação nervosa do meu corpo. "Eu quero que você fique comigo", diz ele contra a minha boca. “Nunca vai te faltar nada, Isa. E eu prometo a você, ninguém nunca vai te machucar novamente.”

“E o que acontecerá quando você ficar entediado comigo? Quando a emoção do proibido acabar?”

"Impossível. Você não pode ficar entediado exatamente com o que você precisa para permanecer vivo.” Os lábios devoram os meus em outro beijo, e ele aperta a palma da mão, apenas o suficiente para roubar meu fôlego.

Com a mão contra o peito dele, afasto o beijo. “Eu quero que você deixe Giulia ir. Honre o contrato permitindo que sua filha continue na escola, mas deixe-a ir.”

"Feito." Sua voz é tão resoluta quanto a expressão em seu rosto.

"E eu quero que você saia de Schadenfreude."

“Se eu pudesse, faria isso hoje. Mas partir coloca nós dois em risco. Acontece que estou a par de coisas que garantem que nunca serei capaz de simplesmente ir embora.”

Eu deixo minha mão cair de seu peito e me afasto dele. "Então, você ainda está disposto a fazer acordos para foder outras mulheres?"

"Não. Não vou mais participar dos rituais. Apenas as reuniões ocasionais."

"E o que acontecerá quando eles decidirem que isso não é bom o suficiente?"

"Então, nós seguimos nossos instintos, você e eu." Ele passa a mão pelo meu cabelo e levanta meu queixo. "Ninguém vai te machucar novamente. Nem mesmo eu. Não vou permitir. Está com fome?" Ele pergunta, colocando um beijo suave na minha testa.

"Morrendo de fome."

"Vou pegar algo para você comer. Fique aqui."

"Aqui? No seu quarto?"

"Você prefere mancar o seu caminho de volta para o seu quarto?"

"Não, particularmente. Eu só... deixa pra lá."

"Bom. Então, fique parada."

Após sua saída, a porta se fecha e eu me viro na cama, sentindo o cheiro dele agarrado aos travesseiros. O calor e a segurança do meu ambiente, ou talvez os efeitos prolongados das drogas, me embalam e acordam.

"Isa, acorde."

Ao som da voz de uma mulher, me viro e encontro uma sombra na parede se movendo como uma figura ágil. Ela corre em minha direção, e quando chuto para trás contra a cabeceira da cama, o rosto de Laura surge à luz da janela. Seus longos cabelos prateados caem delicadamente sobre os ombros, as bordas

vermelhas de seus olhos apenas acentuam as profundas piscinas negras de pupilas dilatadas que engolem o azul.

Sem bengala.

Sem cadeira de rodas.

Sem cambalear em seus movimentos.

"O que foi?" Eu olho ao redor do quarto, mas descubro que Lucian ainda não voltou. "Estou sonhando?"

Lábios enrugados se curvam em um sorriso. “Eu não te encontrei em sua cama, querida. Achei que você estaria aqui.”

“Minha cama? Você.... precisa de algo?"

"Não." Seus olhos se suavizam e ela inclina a cabeça. “Eu só gosto de ver você dormir. Por semanas, tenho observado você. Contorcendo-se com pesadelos. Agarrando a faca embaixo do travesseiro. Sussurrando o nome do meu filho.”

O quarto cai em um silêncio quebradiço e parece que a temperatura caiu cerca de dez graus. Um arrepio faz cócegas na minha nuca novamente, rastejando pela minha espinha. "Por que você não está..."

"Mancando por aí?" Ela coça o próprio rosto, os olhos perdidos por um momento, antes de direcionar o olhar para o meu tornozelo. "Oh céus. Você se machucou."

"Sim. O prefeito Boyd. Ele atirou em mim.”

Ela engasga e descansa a mão no meu tornozelo no final da cama, aperto meus dentes. A maneira como ela parece estudar isso me faz erguer meus joelhos, enviando seu olhar na minha direção mais uma vez.

Tentando não ser óbvia, deslizo meu olhar em direção à porta novamente, capturando a luz abaixo, e observo, esperando, a sombra de Lucian aparecer lá. "Não há nada de errado com você?"

"Suponho que depende de para quem você pergunta." Com a cabeça inclinada para trás, ela respira fundo. “Que curioso que não parece cheirar a sexo aqui. Com você deitada esparramada na cama dele assim, com certeza ele não poderia resistir." Com a ausência do mancar usual em seu andar, ela praticamente desliza para mais perto de mim, sua proximidade enviando um tremor através dos meus músculos. “Um aroma revelador. Espesso e inebriante. Lembro-me muito bem do cheiro de sexo. Quando você é casada com o maior prostituto da ilha, você se torna uma espécie de cão de *caça.* Ele fodia quase tudo com saia. Teria fodido você, eventualmente."

Eu balanço a cabeça, e ela bate com a palma da mão no meu rosto, endurecendo meus músculos.

“Ele teria fodido você. Sim, ele teria. Quer você quisesse ou não. Ele fodeu Amelia poucas horas depois de Lucian. Como você acha que ela acabou grávida?”

Oh meu Deus. Minhas costas enrijecem quando o choque desce pela minha espinha. "Roark era filho de Griffin?"

Ela abaixa a mão. “Eu não pensei assim no início. O teste de paternidade deu positivo para Lucian. No início, estávamos apenas nos certificando de que não era filho de seu pai, já que Boyd sempre teve uma queda por meninas muito novas. A maior parte da genética entre pai e filho é bastante semelhante, porém, fiquei sabendo mais tarde. Foi quando solicitei mais testes que descobri a verdade sobre Roark. Aquela criança passou de lindo neto a enteado da noite para o dia.”

A forma como o brilho em seus olhos escurece para algo mais escuro envia uma sensação de pavor ao meu estômago. “Você o matou? Você deu a ele aquelas pílulas?"

O sorriso perturbador em seu rosto não desaparece com a pergunta. “Ela estava grávida de novo, sabe. Considerando que

Lucian nem mesmo tocaria na pobre garota, quem você acha que o pai poderia ter sido?”

"Você o matou?" pergunto de novo, desesperada para saber.

“Ela parou de tomar seus comprimidos. Não queria afetar o bebê crescendo em sua barriga.” Olhos dispersos e desfocados, é como se ela estivesse revivendo a memória. “Não há nada mais astuto e determinado do que uma mulher desprezada.”

"Responda à pergunta."

“Não pude suportar a humilhação. E pobre Lucian. Acreditava que Roark era seu único filho. Foi demais. Entrei furtivamente no quarto de Roark naquela noite, porque Deus sabe que aquela criança temia tudo. Não chegaria perto da boneca na mesa de cabeceira de Amelia.” O toque suave de seus dedos correndo no meu braço envia arrepios pela minha pele. “Eu o alimentei com os comprimidos. Eu o observei engasgar. Seu rosto ficou pálido como neve recém-caída. Quando Lucian entrou no quarto, me escondi no armário do menino. E dez minutos depois, minha humilhação acabou.”

O som de pratos quebrando atrai minha atenção para a porta, onde Lucian está, com as mãos fechadas em punhos ao lado do corpo. "O que é que você fez?"

“O que eu tive que fazer. Acha que não sei no que seu pai injetou dinheiro? O que ele estava tão *desesperado* para esconder de mim?"

"Você matou meu filho."

"Seu irmão. Ele não era seu, Lucian.”

“Ele era a porra do meu filho! A única coisa que eu já amei.”

“Ele teria destruído sua vida. *Ela* estava destruindo sua vida, ele foi a razão pela qual você quase morreu naquela noite."

Com as sobrancelhas abaixadas, ele dá um passo mais dentro do quarto. “Eu tentei te perdoar todos esses anos. Por me forçar a casar. Forçando-me a entrar naquele instituto de merda.” Com lábios curvados, ele grunhe e se aproxima. "O que é que você fez?"

“Seu pai colocou você naquele Instituto. Eu não. Ele colocou muita fé naquele médico. Ambos juraram que você esqueceria aquela mulher depois de um tempo."

Mulher? Amelia?

Parece que está clareando e ele levanta o olhar para Laura, os olhos escurecendo com a traição. "Solange?"

A mulher cujo nome Lucian falava quando parecia estar tendo uma alucinação há algum tempo. Quando perguntei sobre ela, ele me disse que ela não era real. Ela era uma *doença* diferente, disse ele.

"O som do nome dela ainda me faz querer vomitar." Laura faz uma careta, como se ela fosse fazer isso. “Eu sabia desde o início que ela era um problema. A maneira como ela desfilava com você e seu pai.”

"Ela era real." A incerteza sangra por sua voz, como se ele não confiasse na resposta.

“Claro que ela era real. É uma surpresa para mim que você um dia tenha se apaixonado por toda aquela lavagem cerebral.”

Olhos estreitados, ele a encara de volta, sua mente aparentemente perdida em imagens invisíveis. "Você... nunca a reconheceu."

“Por que eu reconheceria a mulher? Ela não era nada para mim.”

Com as sobrancelhas mais apertadas, ele abaixa o olhar, como se mais imagens estivessem vindo à sua mente. “A equipe... eles sempre me lançaram olhares estranhos.”

Laura zomba e revira os olhos. "Claro. Vocês dois pareciam ridículos juntos. Era óbvio para todos que ela estava obcecada por você, Lucian. A maneira como ela o acariciava e bajulava. Ela não conseguia manter as mãos longe de você."

Ele esfrega a mão na cabeça, para frente e para trás, como se fosse arrancar o cabelo. “Ela desaparecia por dias a fio. Dias."

Girando os ombros para trás, Laura limpa a garganta. “Fiquei a par de uma jaula que seu pai mantinha em seus aposentos. Trancada em algum quartinho secreto. Ele se trancava com ela por dias a fio, transando com ela como seu bichinho de estimação, quando não a estava torturando. Estou surpresa que você não tenha conseguido ouvir os gritos dela através das paredes."

Uma estranha dormência se apodera de mim, e não consigo nem começar a imaginar o que se abateu sobre Lucian com essa revelação. E pensar que era possível que ele pudesse ter sofrido uma lavagem cerebral por tantos anos, acreditando que aquela mulher não existia. E com que propósito?

"Você... tentou me convencer de que ela não era real." Agarrando seu crânio, Lucian caminha até o final da cama, enquanto me sento tentando juntar as peças de como e por que de tal coisa. “Você tem alguma porra de ideia do que eles fizeram comigo lá? Seus métodos para me fazer esquecer!” Seu grito ricocheteia nas paredes, eu recuo com a raiva crescente em sua voz. A julgar pelo desgosto frio rastejando em seu rosto, deve ter sido uma tortura. “Todas as drogas que injetaram em mim!”

“Tudo ideia brilhante do seu pai. *Ele* percebeu que, já que você sofreu anos de alucinações com Jude, o que era mais uma?" Ela suspira e brinca sem pensar com uma linha da minha

camisa, fazendo-me inclinar para longe dela, olhando o lado oposto da cama para escapar. "Não é como se eu fosse deixar você fugir com aquela molestadora de crianças pervertida, de qualquer maneira."

A respiração falha na minha garganta com isso, olho de volta para ele. "Lucian?" Ele apenas mencionou que ela lhe ensinou coisas, nunca que ele foi molestado.

Ele oferece apenas um rápido olhar para mim, sem se preocupar em contestar sua escolha de palavras. “Ela tinha vinte e cinco anos. Metade da idade do meu pai quando a fodeu. E pelo menos eu consenti. Pelo menos ela não me ameaçava, se eu recusasse." Sua expressão endurece novamente quando ele encara Laura. "Você a matou, não foi?"

“Quão humilhante você acha que era, saber que tanto meu marido *e* meu filho estavam fodendo a porra daquela prostitutazinha imunda? Claro que a matei. E se eu não tivesse impedido seu pai, ele estaria transando com *ela* também!" Ela aponta um dedo trêmulo para mim. “Ele queria tanto um neto que estava disposto a fazer um ele mesmo.”

"O que você quer dizer com *impedido ele*?" ele diz com os dentes cerrados. Ombros arqueados e a tensão em sua mandíbula são indícios de que ele está a um segundo de estourar.

A risada sombria de Laura é inadequada para o momento, me fazendo pensar se ela vai explodir também. “O ataque cardíaco? O coração do seu pai era saudável como um boi, antes de eu aumentar sua bebida. Diga-me que a vida não melhorou quando ele morreu. Diga-me que você não se sentiu livre no momento em que Roark não era mais sua responsabilidade.”

Sutilmente, para evitar prender sua atenção, eu me movo em direção ao outro lado da cama.

"Você me fez acreditar que eu era louco." Lucian dá um passo ao redor da cama, seus movimentos lentos e cuidadosos, aproximando-se como se ela fosse um animal que pudesse tentar escapar dele. "Você os deixou me encher de drogas e me deixou lá."

“Uma mãe faz o que tem que fazer. Diga-me que você não ficou melhor sem ela em sua vida." Enquanto planejo minha fuga, a ponta fria de aço de uma lâmina afiada pressiona contra minha garganta. "Ou esta, por falar nisso."

Respiro com dificuldade pelo nariz para acalmar a aceleração do meu pulso.

A expressão assassina em seu rosto é uma que nunca vi antes. Nem mesmo quando Boyd estava atirando em nós. “Abaixe a lâmina. Agora."

“Eu vejo em seus olhos, Lucian. O mesmo olhar quando bajulava aquela prostituta francesa. Obsessão. Você está obcecado e sabemos o que acontece quando você fica obcecado por alguma coisa.”

"Juro por Deus, eu mesmo vou te matar, se você sequer cortar a pele dela."

“Dr. Voigt disse que as obsessões não são boas para você. Ele me disse que é importante eliminar as fontes de suas obsessões. Ela é a fonte.”

"Mãe, estou avisando." Lucian dá a volta no final da cama, e com a queimadura da lâmina descascando através de uma fina camada de pele em minha garganta, nem sequer engulo.

Esta mulher é louca, e um movimento errado pode me deixar sangrando.

"Você já parou para se perguntar se ela é mesmo real?" Ela acaricia o topo da minha cabeça, a lâmina firme para um corte rápido. "Sabe, só há uma maneira de descobrir."

Prendo a respiração, bato em seu braço e a faca cai com um estrondo no chão. Eu rolo para o lado, enquanto ela se abaixa para pegá-la, e com o puxão forte do meu cabelo, uma luz irregular dança atrás das minhas pálpebras.

Lucian cambaleia em direção a ela, e ela me solta. “Vou cuidar para que você passe o resto de sua vida em uma gaiola”, ele grunhe.

Esquivando-se de sua mão agitada e armada com uma faca, ele a coloca de costas na cama, eu luto para o outro lado para evitar a briga.

“Prefiro morrer do que ser trancada como um animal!” Laura grita por trás.

Segue-se uma tosse aguda.

Eu ouço o som de um corpo caindo no chão.

Quando viro, Lucian parece quase paralisado, onde ele fica com as palmas para cima, o choque empalidecendo seu rosto.

Com sangue na pele.

CAPÍTULO 64

LUCIAN

Uma luz ofuscante reflete nos corredores no meu caminho em direção à sala no final. O som baixo de música clássica toca no alto-falante enquanto, ajustando minhas algemas, paro diante da porta. Eu a abro para encontrar minha mãe amarrada a uma cama, suas mãos e pernas amarradas por algemas. Ela vira a cabeça para o lado, sua expressão suavizando ao me ver.

“Lucian! Oh, estou tão feliz por você estar aqui, querido. Estou pronta para ir para casa agora.”

Eu não digo uma palavra enquanto olho para ela. O ferimento em sua garganta, onde ela arrastou a lâmina, curou-se para uma cicatriz horrível. Bordas escuras ao redor dos olhos revelam que ele mal dormiu, o cabelo desgrenhado e despenteado a faz parecer que está em uma camisa de força.

Quando alguém se aproxima por trás, me viro e vejo Friedrich entrar na sala, vestindo seu jaleco branco, as mãos enfiadas nos bolsos. Ele está ao meu lado e coloca a mão no meu ombro. "Não se preocupe, vamos cuidar bem dela."

Os olhos de minha mãe endurecem de medo, suas sobrancelhas franzidas. "Não. Não, por favor. Eu quero ir para casa."

Com um leve aperto, Friedrich sai da sala, deixando-me sozinho com minha mãe mais uma vez.

"Você tentou se matar." O tom plano da minha voz é tão desprovido de emoção quanto meu coração quando a encaro. "Por que isso?"

O olhar mudando do meu, ela parece pensar sobre isso por um momento. “O jeito que você olhou para mim. Nunca vi tal coisa na minha vida. Nem mesmo de seu pai, por mais cruel que ele pudesse ser.” Quando seus olhos encontram os meus novamente, eles piscam de medo. "Como se a morte tivesse sido melhor do que o que você pretendia fazer comigo naquele momento."

"E é, mãe?"

Boca aberta, ela trilha seu olhar sobre a sala branca quase vazia, seu lábio treme. “Isso é morte? Purgatório?"

"Você que me diz."

Lágrimas brotam de seus olhos e ela começa a soluçar. "Eu sinto muito. Pelo que eu fiz para você. Você tem que me perdoar. Você tem. Eu sou sua mãe.”

As lágrimas, a fraqueza em sua voz, a fragilidade de sua aparência, como se ela pudesse explodir a qualquer momento, não têm efeito sobre mim. Não quando tudo que posso ver é o rosto adormecido do meu filho, os lábios azuis com a morte que ela deu a ele. A verdade é que, se ela não tivesse cortado a própria garganta, eu poderia muito bem ter feito isso sozinho. "Eu nunca vou te perdoar pelo que você roubou de mim."

“Estou melhor agora, no entanto. Não estou mais zangada. Lucian, por favor, me leve para casa.”

"Esta é a sua casa agora." Não há um pingo de empatia em mim por esta mulher. O fato dela poder extinguir tão facilmente uma vida inocente sem um pingo de remorso prova que não são necessárias cicatrizes faciais feias para fazer um monstro. "Não se preocupe. Dr. Voigt disse que cuidará bem de você.”

Com os olhos arregalados, ela ofega, puxando as faixas. "O que você disse a eles? O que você disse a eles sobre mim, Lucian?"

“O que você acha que eu disse a eles, mãe? Que você é uma assassina de crianças.”

~

Sento-me à mesa de Friedrich, observando-o fazer anotações em meu prontuário.

Ajustando os óculos, ele olha para cima, segurando a caneta pronta. “Por anos, nós te observamos muito de perto. Você não mostra interesse, nem opta por participar de nenhuma sessão. Você não mostrou nenhum histórico de abuso, até onde sabemos, a empregada que você contratou para atender às suas necessidades sexuais não relatou desvios ou solicitações incomuns.”

“Talvez o gene do sadismo só se estenda por um certo número de gerações.”

“Ou talvez você não tenha sido empurrado longe o suficiente. Tenha cuidado com o que você escolhe brincar.”

"Desculpe." Estou apenas jogando pelo bem de Isa, nada mais.

Ele levanta os óculos e lê o arquivo à sua frente. “Parece que você pediu o assassinato de Franco Scarpinato, mas não executou diretamente esta sessão. Em vez disso, solicitou que seu guarda-costas o torturasse em seu nome.”

“Simplesmente queria o melhor para cumprir sua punição.”

Minha apatia finalmente deve estar afetando-o, porque ele se recosta na cadeira e bufa, os olhos avaliando, como sempre. "Você tem medo de se tornar seu pai."

"Tenho certeza de que não estou sozinho nesse pensamento."

"Claro que não. Mas seus medos são preocupantes, no que se refere ao nosso estudo. Se você não for honesto, pode acabar sendo um perigo para si mesmo e para os outros. Existimos para fornecer um ambiente para você realizar essas tendências sádicas. Livre da sociedade ou da moralidade."

Simplesmente me mande para o inferno já. Se eu estivesse de volta ao escritório, já estaria no meu segundo drinque. Esse cara não vai desistir enquanto eu tiver que fazer parte desse show de merda. É assim que funciona com esses cientistas. Eles baterão em um cavalo morto até que ele não seja nada além de um pedaço de carne mutilado, se isso significar provar suas teorias. "Vou confessar que às vezes tenho desejos."

Sentando-se à frente em sua cadeira, ele deixa a pasta de lado e entrelaça os dedos. A intriga em seu rosto é o que eu esperaria de um padre recebendo uma oferta de trabalho gratuito de uma freira. "Que tipo de impulsos? Sexual, como seu pai? Ou não sexual?"

"Não sexual."

"E como você lida com esses impulsos?"

"Às vezes, eu me corto. Mas principalmente, eu só... tento pensar em outra coisa."

"Você estaria aberto para participar de uma sessão? Nada muito comprometedor. Temos um senhor mais velho que vem de vez em quando. Achamos que ele pode estar desenvolvendo uma afinidade com alguns dos abusos. Em troca, seu aluguel é pago todos os meses."

Provavelmente acabei de assinar meus direitos humanos como cobaia com esta confissão. "Quão leve?"

“Alguns cortes. Nada muito profundo.”

Cortar-me sempre foi algo alto, como prender a respiração debaixo d'água, mas Friedrich sempre procurou transformá-lo em algo malicioso e perverso. Eu não gosto de ver outras pessoas sangrando. Os inocentes, de qualquer maneira. "Vou considerar isso."

"Excelente. Então, continuaremos observando. Por enquanto." Abrindo meu arquivo novamente, ele faz algumas anotações, sublinhando uma que me deixa gemendo por dentro: *observação.* “Eu tenho que te dar crédito. Considerando tudo o que você passou e a história de sadismo em sua família, você demonstra uma contenção tremenda.” Cruzando os braços, ele balança a cabeça. "Como?"

“Pode ser uma luta às vezes, mas eu me mantenho ocupado.”

“Algum pensamento sexual que possa ser considerado mais violento?”

Meus pensamentos voltaram para a noite anterior, quando eu estava enterrado bem no fundo de Isa, a única violência em mim era pensar o que eu faria se alguém colocasse um dedo nela, e iria tão longe a ponto de me imaginar cortando esse alguém. "De jeito nenhum."

Ele fecha a pasta e coloca meu gráfico na área de trabalho. “É uma pena que as coisas não tenham dado certo com o Sr. Boyd. Ele ofereceu sua filha para estudar, então simplesmente foi embora com a garota sem dizer uma palavra. Não faz sentido. Nunca ligou. Nunca mais nos contatou. Já se passaram meses.”

"Vergonha. Talvez ele tenha mudado de ideia sobre o programa.”

"Possivelmente. Obviamente, seus interesses nunca estiveram alinhados com os nossos."

"Eu acho que não. Talvez tenhamos notícias dele novamente um dia."

~

A porta do elevador se abre para o corredor escuro das catacumbas, iluminado apenas pelos poucos holofotes que se alinham no corredor. Com a bebida na mão, caminho em direção ao quarto à direita e coloco minha chave na fechadura para abrir a porta. Assobio as notas da música que escrevi um tempo atrás, aquela que Isa toca para mim nas ocasiões em que tenta me seduzir, e acendo as luzes.

Choramingos ricocheteiam nas paredes enquanto caminho em direção à gaiola que está contra a parede oposta, dentro da qual Boyd está sentado curvado sobre si mesmo, nu e machucado pela tortura. Partes de sua pele mostram manchas de queimaduras e, quando ele inclina a cabeça para trás, a costura na órbita ocular vazia parece vermelha e inchada.

"Você está mexendo nisso de novo."

"De-desculpe." Seu corpo treme com a minha abordagem e, quando me agacho ao lado da gaiola, inclino a cabeça para o lado e encontro insetos rastejando em sua última refeição.

"Não está com fome?"

Com o olhar baixo, ele desvia o olhar e balança a cabeça.

"Isso é ruim." Com um suspiro, fico de pé e pego uma das longas varas de metal que está pendurada na parede ao lado de outras ferramentas. Quando pego a tocha magnética do balcão e

a acendo para aquecer a ponta da haste, seus gemidos se intensificam e ele se move em direção ao lado oposto da gaiola. “Um tempo atrás, quando começamos essas pequenas sessões, você me chamou de bastardo sádico. Lembra-se disso?" Na chama ardente, eu giro a ponta da haste, até que ela comece a brilhar em laranja.

"Eu sinto muito. Eu não .... não quis dizer isso.”

"Não, não. Isso me fez pensar. Na verdade, tenho pensado no que você disse desde então. Diga-me, Patrick. Você sabe a diferença entre um sádico e um psicopata?"

Ele balança a cabeça, seus pés descalços raspando contra o cimento enquanto ele se empurra para trás.

“Eu também não, no começo. Mas, nas últimas semanas, acho que finalmente entendi. A diferença é muito simples: empatia.” Eu coloco a tocha na bancada e apago a chama. Com a ponta brilhando quente, eu volto em direção à gaiola e me agacho ao lado dela. “Eu não achei que tivesse forças para matar pessoalmente outro homem. Meu pai fazia isso parecer tão fácil, e eu tinha certeza, durante toda a minha vida, que o bastardo era um psicopata. Mas é isso. Não se trata de empatia com a vítima. Nesse caso, é empatia por *sua* vítima, Patrick. Tudo o que tenho que fazer é imaginar Isa amarrada naquela porra de cama imunda. Suas mãos sobre ela. Sua respiração em seu rosto. De repente, eu tenho todos os tipos de sentimentos do caralho. Sentimentos profundos. Raiva. Fúria."

O tremor de seu corpo sacode a gaiola contra a parede de pedra.

“Então, o negócio é o seguinte. Eu vou te dar uma escolha neste momento. Podemos continuar assim pelo tempo que você quiser, ou posso mergulhar esta vara bem em sua garganta e vê-lo engasgar para respirar pela última vez.” Eu clico com a ponta

da haste contra a gaiola, sorrindo quando ele se contorce. "Sua escolha, Patrick."

Demora alguns minutos antes que ele finalmente olhe para mim e, quando o faz, a decisão escrita em seu rosto faz meu coração inchar.

EPÍLOGO

ISADORA

Quatro meses depois...

Venda nos olhos é a coisa mais frustrante quando à mercê de Lucian Blackthorne. Eu nunca sei o que estou fazendo.

Quem estou enganando? Nunca sei no que estou me metendo, mesmo *sem* a venda.

O assento de couro, aquecido pelo aquecedor, é um conforto bem-vindo, com as temperaturas tendo caído drasticamente nas últimas semanas. O que eu acho é que o motor do Bugatti está zumbindo em velocidades que não posso começar a calcular. O que provavelmente é uma coisa boa, com Lucian ao volante.

Meu estômago se contorce com a força da aceleração pressionando meu corpo. “Mas por que a venda? Eu pelo menos gostaria de ver a morte antes que ela me acertasse.” Eu aperto a borda do assento, desesperada para segurar em algo.

O som de sua risada é algo do qual nunca me cansarei. Escura e perversa, parece ter uma ligação direta com os músculos das minhas coxas e me faz cruzá-las o tempo todo. “Eu prometo que valerá a pena.”

"Morte?"

Ele ri de novo, contraindo minha coxa. "A venda."

"Se você diz."

Dez minutos depois, quase não aguento mais. Minhas têmporas coçam com o tecido sedoso amarrado com força o suficiente para me impedir de espiar.

Felizmente, o veículo para. Sua mão desliza para fora da minha. A porta do carro bate. Em segundos, uma rajada de ar de outono atinge meu lado, e com o aperto quente em meu braço, saio do meu banco. Um puxão suave me faz dar um passo com cautela, uma mão na frente, enquanto a outra permanece presa em suas mãos.

Paramos e algo se enrola na minha palma. Frio e metálico, com dentes ao longo da borda. Estou supondo que seja, "Uma chave?"

A venda desliza para longe, eu me concentro além dos objetos flutuantes, minha visão ficando nítida na placa acima.

Vellichor.

Eu olho para a chave novamente e para Lucian parado ao meu lado. "O que é isso?"

"Sua."

Uma sensação fria e formigante desliza sob minha pele. A confusão me deixa momentaneamente tonta, tropeço um passo para trás para ser pega por seu braço. Eu abro a boca, minha garganta apertada, prendendo as palavras dentro do meu peito.

Choque, estou supondo. Choque gelado, entorpecedor, *impossível de cuspir uma única palavra.*

“Eu finalizei a papelada com Rhea outro dia.” Suas palavras aumentam a confusão, girando na minha cabeça como um furacão de letras.

"Rhea?"

“O dia em que te acompanhei nas tarefas. Você saiu para o carro. Eu disse a ela que se estivesse interessada em vender a qualquer momento, eu gostaria da primeira oferta.”

“Então, você... você... comprou isso? Para mim?" Engulo em seco com a primeira picada de lágrimas. Tremores se instalam e eu exalo uma respiração instável. A qualquer minuto, vou acordar. Tudo isso terá sido um sonho. Lucian. Laura. Blackthorne Manor. Tudo isso.

Não acorde. Por favor, não acorde!

“Se você não estiver interessada em gerenciá-la, podemos contratar uma equipe administrativa. Tudo o que você precisa..."

Antes que eu possa me conter, salto no ar, envolvendo meus braços em volta do pescoço dele, e ele me segura. Lágrimas crescem em meus olhos, que luto para conter, por que, por que diabos estou chorando quando estou feliz?

Ele me coloca no chão e segura meus lábios em um beijo. “Este lugar te trouxe conforto, quando todos te evitavam. Eu teria pago o dobro. Para você."

O borrão em meus olhos fica mais nítido em seu rosto enquanto as lágrimas escorrem pelo meu rosto. “Eu não posso acreditar que você fez isso. Obrigada."

Ele remove a umidade com o dedo e inclina a cabeça, olhando para mim como se procurasse por qualquer sinal de dúvida. “Presumo que seja um sim? Você está interessada?”

Com uma risada, eu aceno. "Com certeza." Eu fico na ponta dos pés e o beijo novamente.

"Então, você vai ficar aqui parada no frio, me beijando o dia todo, ou vai abrir a porta da sua livraria?"

Minha livraria. Minha. Excitação cresce em meu peito com o pensamento disso.

“Rhea concordou em ajudá-la, mostrar-lhe como funciona, embora ela tenha mencionado que você lidaria muito bem com as coisas por ter passado tanto tempo aqui. Tenho alguém que pode ajudá-la com as finanças. Se desejar, podemos contratar uma equipe de limpeza e um empreiteiro para consertar um pouco o local.”

"Isso não deixa muito para eu fazer."

“Você tem livros para ler. Muitos deles, porque uma *boa vendedora* deve conhecer seu produto totalmente, afinal de contas.”

Uma risadinha me escapa. Uma risadinha assustadora. Eu nunca dou risadinhas, mas esse homem me deixa tão tonta que não consigo evitar. “Lucian, você me comprou uma livraria só para que eu tivesse um lugar para ler livros? Você sabe que eu faria isso em qualquer lugar, certo?"

“Eu espiei alguns de seus banhos, sim. Mas, neste caso, não. Comprei como opção para você. E para irritar o município.” Seu dedo fisga meu queixo e ele levanta meu olhar para ele. “Não há obrigações com isso, Isa. Você pode ir embora a qualquer momento.”

"Mesmo se eu quisesse, o que não é verdade, você provavelmente instalou um chip de rastreamento enquanto eu estava dormindo."

"Você sentiu ou algo assim?" Seu rosto severo se abre em um sorriso quando ele me beija novamente. "Vá. O suspense está me matando."

Eu poderia me passar por um palhaço com o sorriso permanente no rosto, enquanto me viro e caminho até a porta da frente. A chave em forma de esqueleto desliza na fechadura e o sino toca quando empurro a porta.

Uma familiaridade calorosa me envolve quando entro, sentindo o cheiro de livros antigos. Minha loja. Minha própria livraria. Nem parece real.

Ao passar pelas prateleiras de livros antigos, corro meus dedos sobre suas lombadas e paro no meio da fileira para encontrar o exemplar de *Drácula* envolto em vidro.

“Eu paguei um pouco mais por isso. Não está à venda. É seu para ficar.”

"Por que você fez isso por mim?" Eu me viro para encará-lo, piscando com força para evitar as lágrimas que se aproximam.

Com as mãos casualmente enfiadas nos bolsos, ele olha ao redor e encolhe os ombros. "Eu quero que você seja feliz."

Estou repleta de felicidade agora, não posso deixar de sentir que, a qualquer minuto, o tapete vai ser puxado debaixo de mim. No meu mundo, a felicidade é passageira, a alegria no final de um longo trecho de baixas. No meu mundo, quando você tem uma onda de boa sorte, você se abaixa, porque ao virar da esquina está a próxima tacada ruim.

Isso parece desequilibrado, pelos pontos baixos que sofri em minha vida.

"E você? Está feliz?" pergunto.

“Mais do que nunca, o que acho que prova que não somos tão fatalistas quanto gostaríamos de acreditar.”

"Como assim?"

“Quando você se sente morto por dentro, inevitavelmente alcança coisas que o fazem se sentir vivo. Dor. Adrenalina. Drogas. É assim que nascem os vícios. Foi assim que você se tornou minha obsessão. Você é o que me faz sentir vivo. Como uma lufada de ar após o afogamento.”

Coloco minha mão em sua bochecha, passo a ponta do dedo pelas cicatrizes horríveis ali, que quase não noto hoje em dia. “Acho que estou apaixonada por você, Lucian Blackthorne. E você não precisa me dizer isso de volta.” Não posso ter certeza, porque nunca amei um homem em minha vida e, da mesma forma, nenhum homem jamais disse essas palavras para mim em troca.

“Tudo que eu sempre amei, amei de verdade, foi arrancado de mim.” Com as sobrancelhas curvadas, ele enfia uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. "E isso me assusta pra caralho, no que diz respeito a você." Mesmo nos momentos em que ele está tenso e indiferente, sinto que ele se importa comigo. Eu sei que algo está lá, assim como as sombras nas paredes da mansão. Eu não tenho que ver, ou ouvir, sinto isso em todos os lugares. Ele não tem que dizer isso.

Eu fico na ponta dos pés para beijá-lo. Olhando ao redor da loja, eu suspiro. “Agora sou uma mulher de negócios. Você sabe o que isso significa?"

"Você vai usar saias com mais frequência do que não?"

"Isso significa que você verá meu lado implacável."

“São livros, Isa. Não fusões de um milhão de dólares.”

“Você não conhece acumuladores de livros como eu. Eles levam seus ativos muito a sério.”

Inclinando-me para o lado, olho para além dele para verificar a placa de Fechado na porta e me afasto, removendo meu casaco longo de inverno.

Olhos dourados observando cada movimento meu, ele mantém distância.

Eu largo o casaco no chão e recuo, mais fundo nas fileiras de livros, longe das vitrines da loja.

Ele dá um passo em minha direção, inclinando a cabeça em curiosidade. "O que é isso?"

“São apenas barcos que você batiza? Ou livrarias também? Não tenho certeza."

Deslizando seu sobretudo preto sobre os ombros, ele joga a roupa no chão ao lado da minha. "Tenho quase certeza de que se batiza os dois, mas você não tem idade suficiente para uma garrafa de champanhe."

"Isso é ruim." Eu continuo me apoiando na parede de livros atrás de mim, até que estou bem fora da vista de qualquer pessoa que passe pela loja. “Ouvi dizer que dá azar se você não o fizer. Mais ou menos como cruzar com um Blackthorne.”

Um sorriso torto surge no canto de seus lábios enquanto ele caminha em minha direção, até me prender contra os livros. "Então, acho que você está ferrada."

"Suponho que estou."

Deslizando os dedos por baixo da bainha do meu suéter, ele o puxa pela minha cabeça, seus olhos brilhando com fascínio enquanto ele passa as mãos sobre o sutiã de renda, que ele comprou para mim, nada menos. A língua varrendo seus lábios, ele puxa o tecido para baixo, liberando um mamilo e devora a ponta dura da minha pele. Ele levanta minha perna sobre seu quadril, testando a costura da minha saia evasê, seus olhos rolam para trás no momento em que seus dedos tocam a calcinha úmida. “Porra. Você faz isso de propósito.”

“Se isso te desaponta, fico feliz em usar calçolas com protetores de calcinha de agora em diante.”

“Sem calçolas. E sem protetores. Eu gosto da sua calcinha molhada.” Enterrando seu rosto no meu pescoço, sua boca caça minha garganta, lambendo, mordendo e beijando. Frenético e impaciente, ele deixa uma trilha quente e úmida de beijos em meu

pescoço, sobre minha clavícula e de volta para cima, enquanto seus dedos cavam em minha coxa. Nunca conheci um homem que fizesse minha respiração engasgar e meus músculos tremerem com seu beijo, como Lucian faz. É como uma reação de corpo inteiro.

Ele me ergue e me coloca na superfície lisa de madeira de uma mesa de leitura próxima, a mesma mesa onde me sentava enquanto me perdia em rasgadores de corpete atrevidos, sonhando um dia conhecer esse tipo de paixão. A ponta dura pressiona contra minha palma, e eu arqueio para ele.

“Você parece mal-humorado hoje”, eu ofego, pouco antes de seus dentes pressionarem contra minha garganta, empurrando um gemido em meus lábios.

"Eu nunca comi você em uma livraria." O tilintar de seu cinto é o único aviso antes que ele pule para fora, com minha perna levantada, ele empurra minha calcinha de lado e se estimula em minha entrada.

"E isso te excita?"

"Tudo sobre você me excita." Chamas em seu olhar se acendem, quando ele move seus quadris para frente, derreto contra ele. Sua palma atinge minha garganta, e ele me aperta enquanto seus lábios gananciosos devoram o ar entre nós. A intensidade de seu beijo está mais forte do que antes, como se algo fosse diferente entre nós, de repente. Ele não está apenas me beijando. Ele está me reivindicando. Possuindo-me. E cada impulso de seus quadris prova isso, já que eu voluntariamente me rendo a ele.

Entre o aperto da minha garganta e sua boca na minha, não consigo respirar. Meu peito puxa por ar, enquanto meus músculos se contraem e tremem, me aproximando da liberação.

Cada batida de seus quadris é áspera e determinada, os rosnados contra meus lábios apenas pontuam o frenesi de seus movimentos. Com cada golpe poderoso, seus músculos ficam tensos e flexionam enquanto ele me leva como um animal. A masculinidade crua irradia de cada poro do corpo desse homem, e quando ele aumenta o ritmo, percebo o quão pequena e frágil sou sob ele.

Quão facilmente ele poderia me quebrar, se quisesse.

O ar diminui dentro dos meus pulmões, minha cabeça ficando tonta com seu impulso implacável em direção ao clímax. Como se sentisse minha vontade de desmaiar, ele me solta e seus olhos são poças de chamas líquidas me queimando de dentro para fora.

Coberta com um brilho de suor, inclino minha cabeça para trás em um gemido longo e agonizante que rasga meu peito. Boca no meu peito, ele chupa e lambe o sensível volume, antes de sua palma o engolir em um aperto forte.

"Você é tão gostosa, Isa." Com a voz rouca, ele agarra minha parte inferior das costas, mantendo uma mão travada na minha garganta, e continua seu ataque implacável. Mãos fortes agarram minhas coxas, ele me puxa para mais perto, como se não fosse profundo o suficiente.

No entanto, eu o sinto tão profundamente dentro de mim. Em todos os lugares. Na minha pele. Atrás das minhas pálpebras fechadas. Em meus lábios.

Lucian.

Meus gemidos zumbem, sacudindo minhas costelas, quando um flash de luz atinge a parte de trás dos meus olhos, em um último golpe de punição, suas maldições ricocheteiam nas paredes ao meu redor. Uma bala formiga sob minha pele, aquecendo meu sangue, enquanto ele estremece contra mim. Nossos corpos

pressionados perto, nós respiramos. Mais devagar. Mais devagar. Mais lento ainda. Até que todos os músculos ficam moles e inúteis, nossos batimentos cardíacos batendo fortes.

“De agora em diante, quero você na minha cama. Ao meu lado." A áspera rouquidão de sua voz reflete sua maneira selvagem como me tratou momentos antes. Ele aperta um punhado do meu cabelo e beija meu pescoço.

“Isso soa muito parecido com um enredo para mim”, eu digo, igualmente sem fôlego.

"E?"

"Tem certeza? Quero dizer, dormir na sua cama... isso é um pouco de compromisso para você."

“Eu fiz uma série de coisas malucas desde que te conheci. O que é mais uma?”

Tento empurrá-lo durante o jogo, mas seu corpo sólido não se move e, em vez disso, ele se pressiona mais perto.

Com meu cabelo ainda preso em seu punho, ele inclina minha cabeça para trás, guiando meus olhos para os dele. Apesar de seu comentário um segundo atrás, sua expressão é sem humor. “Não vou mentir, Isa. Meus motivos são totalmente egoístas. Eu não vou deixar ninguém tocar em você."

"O que o fez mudar de ideia?"

"Você." Com a expressão carregada de irritação, ele traça o polegar da minha têmpora até os lábios. “Estar comigo vem com algum risco, no entanto. Eu prometo protegê-la disso, tanto quanto eu puder, mas sempre estará lá.”

Suas palavras me trazem à mente algo que minha mãe costumava me dizer quando eu era pequena, talvez o único pequeno conselho que ela já me deu. “O amor e o perigo

contribuem para uma vida muito boa. Algo que minha mãe costumava dizer.”

"Ela não estava errada."

“Ela não estava. Então, vou me arriscar e ficar com você.”

"Boa resposta." Com as mãos apertando minhas costas, ele me levanta em seus braços para outro beijo. "Por mais fodido que seja por dizer isso, eu te amo, Isa."

Meu coração palpita no peito, olhos ardendo com lágrimas, envolvo meus braços em volta do pescoço dele. "Você está tão fodido."

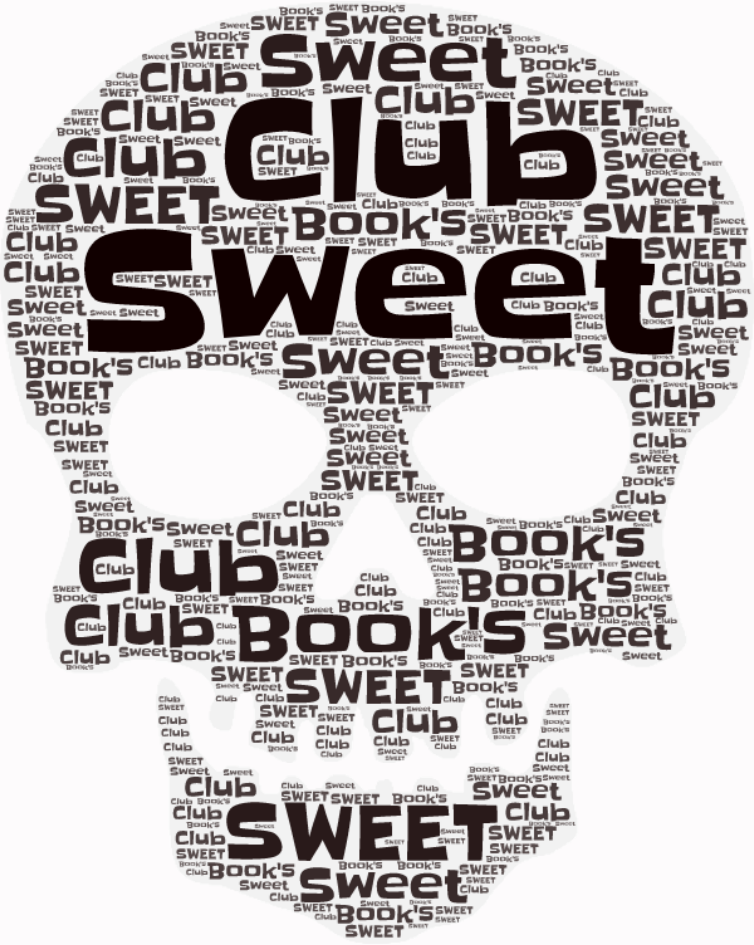
Foi minha mãe quem primeiro me disse que não existem contos de fadas com finais felizes. Isso porque ela passou a vida inteira esperando que o cavaleiro branco viesse resgatá-la da vida da qual ela tão desesperadamente tentou escapar.

Em vez disso, fui em busca do vilão e o encontrei sozinho e com dores, vivendo em um castelo de ossos. Uma versão mais sombria do cavaleiro de minha mãe, cuja armadura tinha amassados e rachaduras e as mãos manchadas de sangue. Um homem quebrado que tinha gosto de sal e depravação, que me aceitou de forma egoísta, sem desculpas. Ele é a maldição sobre a qual minha mãe me alertou. O Diabo de Bonesalt, o Filho Louco, por quem me apaixonei irrevogavelmente.

Esta cidade pode nos rejeitar como uma perversão doentia, uma tragédia em formação, mas não me importo. Juntos, somos uma loucura. E há música na loucura e loucura no amor.

Não importa o que o mundo pensa de nós.

Porque somos os compositores, os maestros de nosso próprio destino, escrevemos as notas de uma melodia bela e sombria que ninguém mais pode ouvir.



KERI LAKE

Master of Salt & Bones